PROPYLAEUM LATINUM

VOLUME I

SINTAXE LATINA SUPERIOR

JOSÉ VAN DEN BESSELAAR
Professor de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (S. P.

PROPYLAEUM LATINUM

VOLUME I

SINTAXE LATINA SUPERIOR

SÃO PAULO
EDITÔRA HERDER
1960

DO MESMO AUTOR:

Introdução aos Estudos Históricos,
2.ª edição revista e ampliada.

As Interpretações da História através dos Séculos
(em 2 volumes).

Propylaeum Latinum — Volume II:
Leitura — Exercícios — Vocabulário

Direitos adquiridos pela
EDITÔRA HERDER

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

ÍNDICE GERAL

CAPÍTULO I

O INFINITIVO

CAPÍTULO II

O PARTICÍPIO

CAPÍTULO III

O GERÚNDIO E O GERUNDIVO

CAPÍTULO IV

O SUPINO

CAPÍTULO XV

AS CATEGORIAS DO VERBO FINITO

CAPÍTULO VI

FRASES INTERROGATIVAS

CAPÍTULO VII

A SINTAXE DOS CASOS

CAPÍTULO VIII

AS PREPOSIÇÕES LATINAS

CAPÍTULO IX

A SUBORDINAÇÃO EM LATIM

CAPÍTULO X

AS PARTÍCULAS

CAPÍTULO XI

NOTABILIA VARIA

CAPÍTULO XII

A ORAÇÃO INDIRETA

CAPÍTULO XIII

PREFÁCIO

Os ESTUDOS CLÁSSICOS acham-se em franco declínio. O espírito técnico e a mentalidade pragmática da época, bem como, a democratização do ensino são alguns fatôres que têm contribuído para o desprestígio da formação humanística no mundo moderno. Podemos lamentar essa evolução, mas nossas lágrimas, por mais abundantes que corram, não conseguirão desfazê-la. O que nos parece mais fecundo do que uma atitude meramente negativista, é um exame de consciência capaz de nos revelar até que ponto somos nós os responsáveis pela crise atual. O que nós apresentamos à juventude de hoje sob o belo nome de formação humanística, em muitos casos talvez não passe de uma caricatura, não merecendo o entusiasmo da geração crescente. Hoje em dia, fala-se com desprêzo da gramatiquice e do verbalismo de gerações anteriores, mas a questão importante é a de saber se o ensino de latim já superou essa fase de primitivismo. E pior ainda: será que os professôres de latim, nos estabelecimentos de ensino secundário, estão imbuídos de cultura clássica, condição imprescindível para os alunos receberem os valores humanísticos da literatura latina como realidades vivas e vividas? Esta questão está estreitamente vinculada a outra não menos importante: até que ponto contribui o curso de latim nas Faculdades de Filosofia para a formação humanística dos seus alunos? Apesar de haver iniciativas promissoras e tentativas sérias neste sentido, não podemos subtrair-nos à impressão de que os alunos, em numerosos casos, são habituados a identificar o estudo de latim com questões de fonética, de pronúncia "restaurada", de morfologia e sintaxe histórica, conseguindo adquirir, na melhor das hipóteses, uma erudição lingüística apreciável, mas correndo o risco de perder de vista o latim

vivo dos documentos literários. O estudo da literatura latina fica muitas vêzes reduzido a informações de segunda-mão, chegando a perder sua base indispensável na leitura pessoal dos textos clássicos pelo aluno. Os livros sôbre os livros ameaçam substituir os livros básicos. Todos sabem como são poucos os que, nos dias de hoje, lêem e relêem seu Vergílio, Cícero, Tácito, Lucrécio. Diante desta situação, não teria sentido pregarmos outra vez a antiga divisa dos humanistas: *Ite ad fontes?* não seria urgente frisarmos a importância de formar bons latinistas, em vez de mandar lingüístas hipertrofiados para as escolas secundárias? E finalmente: não será que um dos graves defeitos do sistema atual consiste em exigir pouco latim das massas, — *un latin sans lendemain,* — em lugar de dar muito latim para uma elite?

Poderíamos, à vontade, multiplicar as perguntas, e continuar formulando respostas e hipóteses, mas o assunto é muito complexo para ser tratado condignamente num Prefácio de uma Sintaxe latina. Basta dizermos aqui que o autor do presente livro acredita nos valores eminentemente humanísticos dos estudos clássicos, embora não os considere como a panacéia de todos os nossos males educacionais, nem queira reivindicar para êles o monopólio de humanismo, nem se sinta muito satisfeito por vê-los praticados tão frouxamente por imensas multidões.

O livro que agora apresentamos ao público brasileiro, não é uma sintaxe histórica, nem sequer uma gramática "científica", e muito menos ainda abre novas perspectivas para especialistas. Sua única pretensão é a de ser um instrumento útil de trabalho nas mãos daqueles que querem apropriar-se da difícil técnica de ler e entender os autores latinos no texto original. Nossa grande preocupação foi a de escrever um bom livro didático para futuros latinistas.

Tôdas as regras gramaticais formuladas nesta obra vêm seguidas de exemplos em latim com a tradução em português, por via de regra, em duas colunas. Os exemplos quase nunca

são passagens autênticas tiradas de obras clássicas, mas geralmente exemplos-esquemas, fáceis de memorizar e destituídos de dificuldades secundárias. Os diversos assuntos são tratados, não numa ordem rigorosamente sistemática, mas em obediência a critérios de ordem essencialmente prática. Assim se explica que, já nos primeiros capítulos, se trata das proposições infinitivas, das construções participiais, do gerúndio e do gerundivo, — construções cujo conhecimento é indispensável para a compreensão dos textos mais elementares.

Nossa exposição dos fatos sintáticos refere-se, de modo geral, à praxe da prosa clássica, mas muitas vêzes registramos, sempre em letras miúdas, construções divergentes, peculiares aos poetas, aos autores pré-clássicos ou aos escritores da época imperial. Destarte o livro poderá ser consultado também por leitores de Plauto, Terêncio, Sêneca e Tácito. Evitamos de propósito entrar em discussões eruditas, não por espírito de dogmatismo, e sim, por acharmos conveniente que o aluno, antes de mais nada, conheça bem os fatos básicos da sintaxe latina em lugar de tratá-los como matéria de discussão. Discussão condenada a ser estéril para quem não possui conhecimentos sólidos dos fatos gramaticais através de constantes leituras pessoais. Por outro lado, não hesitamos em fazer muitas referências a fatos sintáticos semelhantes ou diferentes nos idiomas modernos, e em acrescentar páginas introdutórias ao estudo dos diversos assuntos gramaticais. Aqui nosso objetivo não foi o de sobrecarregar a tarefa do aluno, mas o de lhe mostrar certas conexões interessantes e, principalmente, o de preparar uma mentalidade filológica. No último capítulo do livro, o leitor encontrará anotações históricas de maior extensão, que procuram igualmente orientar os interessados para a leitura inteligente de livros especializados.

Como livro didático, esta "Sintaxe Latina" exige como complemento necessário o livro de exercícios e de leitura, onde o leitor encontrará tôdas as informações necessárias para a sua utilização metódica. Aqui só queremos dizer que os

capítulos X–XIII dêste livro e grande parte da matéria exposta nos capítulos anteriores não se destinam aos iniciandos na sintaxe latina, mas se dirigem a estudantes mais avançados. Temos a esperança de que esta Sintaxe, além de dar os rudimentos elementares, possa ser um bom guia para os diversos leitores de textos latinos. Pessoalmente acreditamos nas vantagens de um único livro capaz de iniciar os principiantes e de orientar estudantes mais progredidos.

Entenda-se bem o têrmo "principiantes"; êste livro não foi escrito para uso de ginasiais, e sim, para os alunos das Faculdades de Filosofia, para os professôres de latim no curso secundário, e para os seminaristas, a única categoria de alunos secundários que ainda dispõem de tempo suficiente para aprofundar o estudo de latim. Talvez possa êste livro prestar serviços úteis também para alguns alunos do curso colegial, sob a orientação competente do seu professor.

Não quero concluir êste Prefácio sem me referir à pequena, mas grande Faculdade de Filosofia de Assis, que me proporcionou o *otium litteratum* necessário para a realização dêste trabalho. Meu grande desejo é que ela possa continuar seu caminho para a intensificação dos estudos lingüísticos e literários no Brasil. Aos meus colegas, que tanto me ajudaram com as suas palavras de crítica sempre benévola, meu muito obrigado!

Assis, 20 de setembro de 1959

OBRAS CONSULTADAS

Não pretendemos dar aqui uma lista completa das obras consultadas, limitando-nos a assinalar os seguintes livros que, por motivos de ordem linguística ou didática nos prestaram serviços sobremaneira importantes:

A. Ernout et Fr. Thomas, *Syntaxe latine*, 2e. édition, revue et augmentée, Paris, Klincksieck, 1953 (obra excelente para estudantes avançados, e com abundantes informações bibliográficas).

Ernesto Faria, *Gramática superior da lingua latina*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958 (a obra mais recente e atualizada que existe no Brasil; discussão dos problemas; bibliografia).

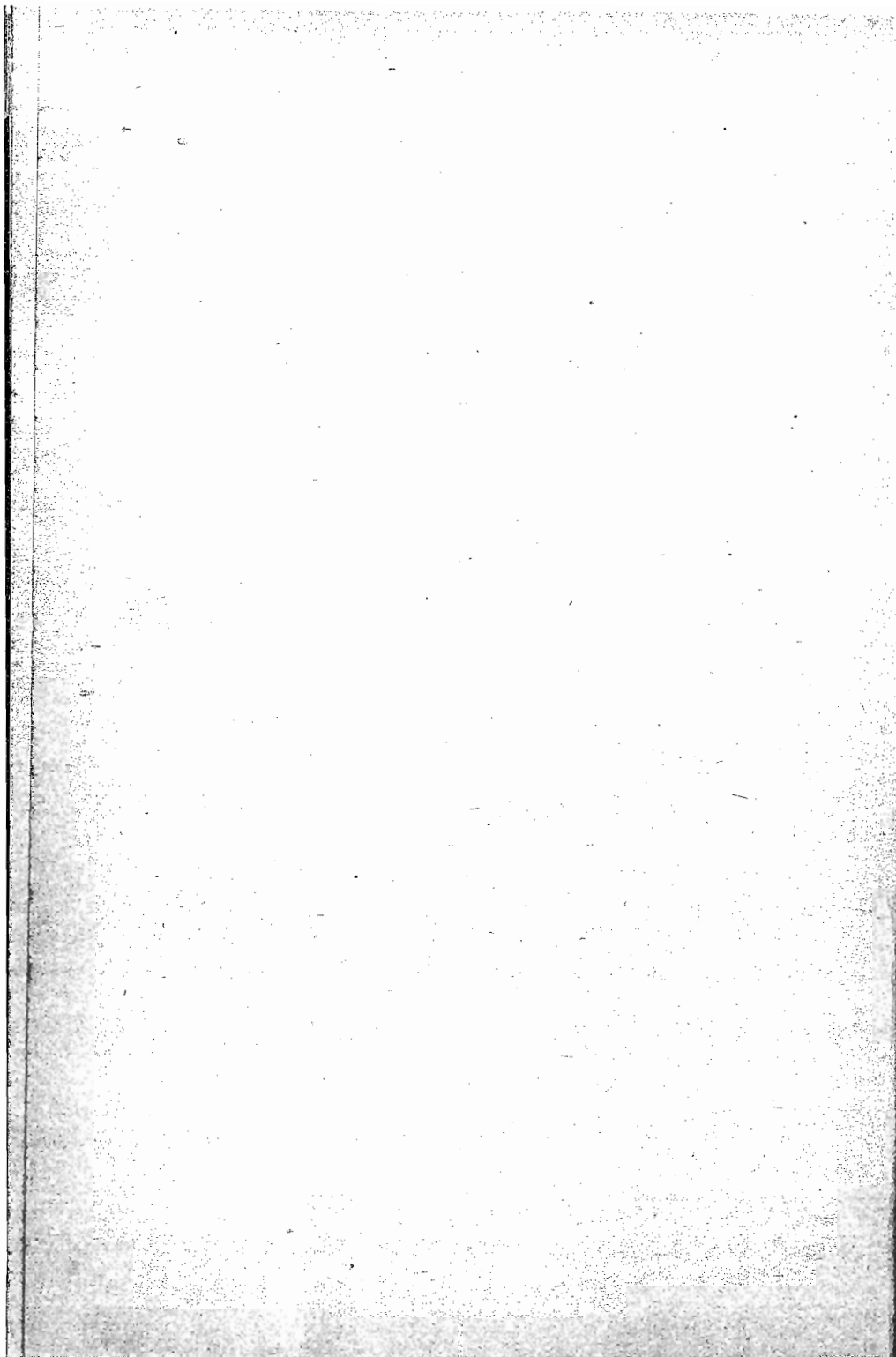
Dr. K. van der Heyde, *Latijnse Grammatica*, Deel II: *Syntaxis*, 13e Druk, Groningen-Djakarta, 1957 (boa obra didática).

Hermann Menge, *Repetitorium der lateinischen Syntax und Stilistik*, Zwölfte Auflage, besorgt von Andreas Thierfelder, Gottschalksche Verlagsbuchhandlung, Leverkusen, 1955 (fonte inesgotável de informações práticas).

L. R. Palmer, *The Latin Language*, London, Faber and Faber (s. d.) (obra sintética que revela originalidade e espírito crítico).

Moritz Regula, *Grundlegung und Grundprobleme der Syntax*, Heidelberg, Carl Winter Universitatsverlag, 1951 (trata, como o livro seguinte, dos problemas sintáticos em geral).

Fr. Sommer, *Vergleichende Syntax der Schulsprachen*, Dritte Auflage, Leipzig-Berlin, Teubner, 1930 (obra altamente recomendável).

Dr. J. Woltjer, *Latijnsche Grammatica*, zesde herziene druk door Dr. H. Woltjer, Groningen-Den Haag, J. B. Wolters, 1924 (boa exposição metódica).

LISTA DE ABREVIATURAS

abl......	ablativo	*pess.*...	pessoa, ou pessoal
ac......	acusativo	*Pf.*.....	perfeito
A. c. I.	acusativo com infinito	*pl.*.....	plural
adj.....	adjetivo	*pós-cl.*..	pós-clássico
adv.....	advérbio	*poss.*...	possessivo
ant.....	anterioridade	*post.*...	posterioridade
cf......	*confer*/confira	*Pot.*....	potencial
cl......	clássico	*prep.*...	preposição
comp...	comparativo	*Pres.*...	presente
dat.....	dativo	*pron.*...	pronome
Fut.....	futuro	*refl.*....	reflexivo
gen.....	genitivo	*sc.*.....	*scilicet* = a saber, ou = está subentendido
Imp....	imperativo	*sg.*.....	singular
Impf...	imperfeito	*simult.*.	simultaneidade
Ind.....	indicativo	*Subj.*...	subjuntivo
Inf.....	infinit(iv)o	*subst.*...	substantivo
lit......	literal(mente)	*sup.*....	superlativo
Msqupf.	mais-que-perfeito	*V. A.*..	voz ativa
N. c. I.	nominativo com infinito	*V. M.*..	voz média
nom....	nominativo	*V. P.*..	voz passiva
Opt.....	optativo	*vulg.*...	vulgar
Part....	particípio		
p. e....	por exemplo		

EXPLICAÇÃO DE SÍMBOLOS

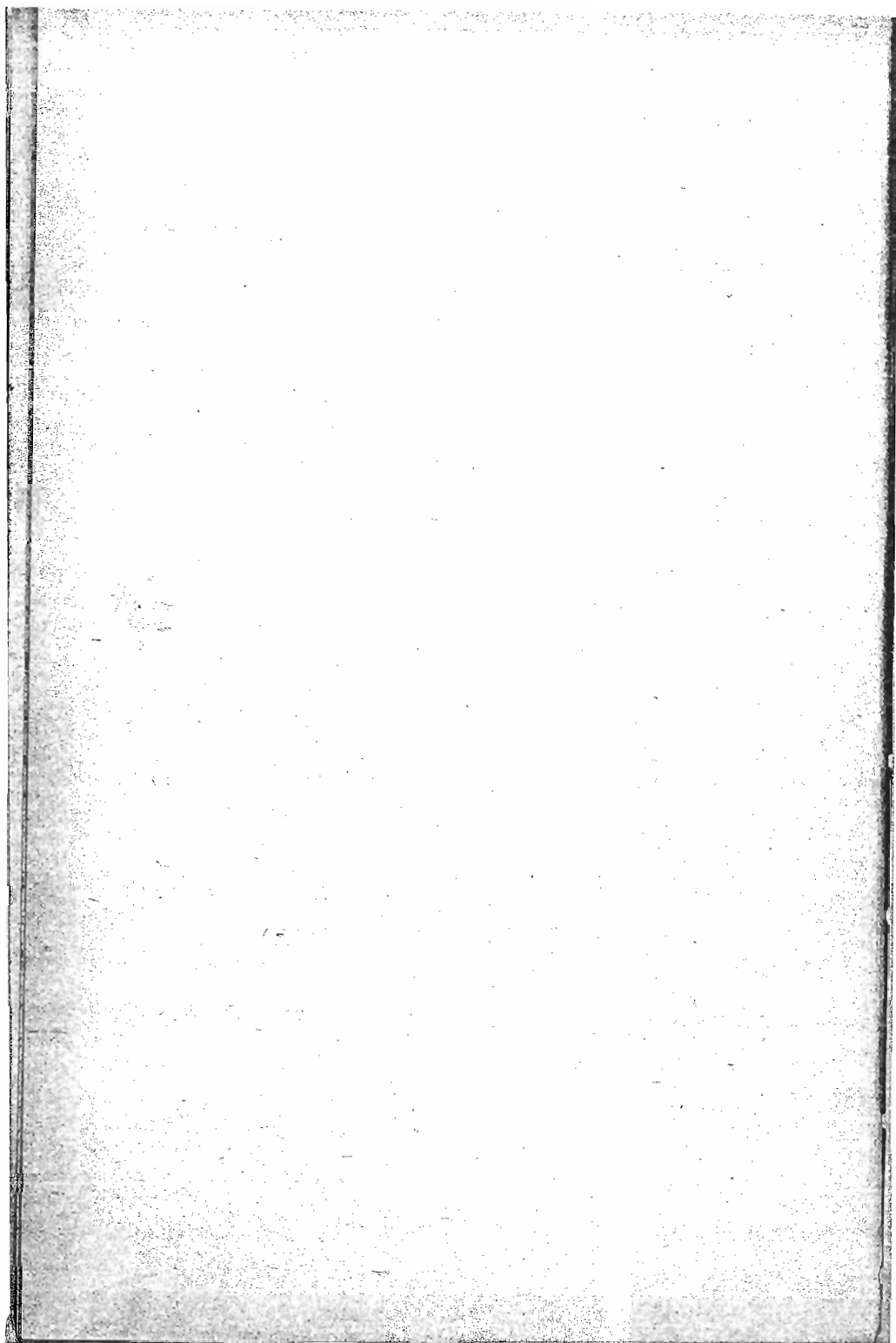
$>$ = *transforma-se em*

$\sim$ = *relaciona-se com*

$\|$ = separa os membros de uma proposição complexa

$<$ = *deriva de*

/ = *ou* (separa duas palavras ou expressões permutáveis entre si)

* = remete o leitor a uma anotação no último capítulo do livro

CAPÍTULO I

O INFINITIVO

§ 1. **Observações preliminares** — I. ***Os Infinitos latinos.*** Em latim existem as seguintes formas do Infinito:

1) Seis de um verbo "normal" (isto é, não depoente), a saber:

	PERFEITO	PRESENTE	FUTURO
V. A.	*laudavisse* ter/haver louvado	*laudare* louvar	*laudaturus esse* haver de louvar
V. P.	*laudatus esse* ter/haver sido louvado	*laudari* ser louvado	*laudatum iri* haver de ser louvado

2) Três de um verbo depoente, a saber:

	PERFEITO	PRESENTE	FUTURO
V. A.	*hortatus esse* ter/haver exortado	*hortari* exortar	*hortaturus esse* haver de exortar

Nota. Dos verbos depoentes não existe o Inf. da V. P. (a forma seria: *hortatum iri*).

II. ***O Emprêgo do Infinito latino.*** Usa-se o Inf. latino:

1) como sujeito de uma frase (Inf. subjetivo);
2) como objeto de uma frase (Inf. objetivo);
3) em proposições infinitas:
   a) no chamado Accusativus cum Infinitivo;
   b) no chamado Nominativus cum Infinitivo;
4) em algumas construções isoladas.

Neste capítulo pretendemos estudar essas quatro funções do Inf. latino.

§2. **O Infinito subjetivo.** — I. ***O Infinito sujeito de uma oração.*** Do mesmo modo que em português, também em latim o Inf. pode funcionar como sujeito de uma oração. O valor gramatical de tal Inf. "subjetivo" aproxima-se bastante do de um substantivo (que, em latim, é do gênero neutro), como se pode ver pelos seguintes exemplos:

Mentiri turpe est	(O) mentir é feio, ou: É feio mentir
cf. *Mendacium turpe est*	A mentira é feia

O Inf. pode ser qualificado por um advérbio, e pode ser combinado com um objeto. Exemplos:

Oportet bene arare	Cumpre arar bem
Amare patriam decorum est	É decoroso amar a pátria
cf. *Amor patriae decorus est*	O amor à pátria é decoroso

A forma mais comumente usada é o Inf. Pres. da V. A. (tipo: *laudare*), mas ocorrem também formas do tipo: *laudari* e *laudavisse*, p. e.:

Laudari a magistro jucundum est	É agradável ser louvado pelo professor
In magnis et (= etiam) voluisse sat est	Em grandes empresas já é suficiente ter mostrado boa vontade

II. ***Regras.*** O Inf. subjetivo é empregado

1) com vários verbos impessoais, tais como:

decet	convém	*oportet*	cumpre
dedecet	não convém	*paenitet*	é pesaroso
delectat	apraz	*praestat*	é preferível
libet	agrada	*pudet*	é vergonhoso
licet	é lícito	*taedet*	causa fastio, enfado

2) com *esse* e nome predicativo, por exemplo:

bonum est	é bom	*mos est*	é costume
consentaneum est	é provável	*opus est*	é preciso
credibile est	é acreditável	*operae pretium est*	vale a pena
difficile est	é difícil	*satis est*	basta
facile est	é fácil	*verum est*	é verdade

Nota. Muitas destas locuções admitem também outras construções, como havemos de ver oportunamente.

§3. **O Infinito objetivo.** — I. ***O Infinito objeto direto de uma oração.*** Muitos verbos, em latim como em português, podem ser combinados com o Inf. "objetivo", isto é, um Inf. que constitui o seu objeto direto. Exemplos são: *debeo dicere* ("devo dizer"), *potes loqui* ("podes falar"), *cupit mori* ("deseja morrer"), *dux pergit contendere* ("o general continua a marchar"), *hostes desinunt fugere* ("os inimigos desistem de fugir"), *pueri student legere poetas latinos* ("os meninos esforçam-se por ler os poetas latinos"), etc. Como se vê pelos três últimos exemplos, o português usa em alguns casos um Inf. precedido de uma preposição (p. e. "a", "de" ou "por"). Ora, tais verbos "preposicionados" não existem em latim; aqui se usa sòmente o Inf. sem preposição.

II. ***Regras.*** O Inf. objetivo encontra-se em combinação com verbos que exprimem vontade, intenção, esfôrço, possibilidade, obrigação, início e fim, tais como:

audēre	ousar	*incipĕre*	começar a
coepisse	ter começado a	*malle*	preferir
cogitare/parare	pretender	*nequire*	não poder
conari	tentar	*nescire/scire*	(não) saber
constituĕre	decidir-se a	*nolle*	não querer
consuevisse	costumar	*oblivisci*	esquecer-se de
cupĕre	desejar	*pergĕre*	continuar a
debēre	dever	*posse/quire*	poder
decernĕre	resolver-se a	*solēre*	costumar, soer
desinĕre	desistir de	*statuĕre*	decidir-se a
desistĕre	desistir de	*studēre*	esforçar-se por, dedicar-se a
discĕre	aprender a		
(non) dubitare	(não) hesitar em	*timēre/metuĕre*	recear, temer
gestire	desejar	*velle*	querer

Cf. também as duas locuções:

in animo habeo proficisci	pretendo (tenciono) sair
consilium ineo (capio) fugere	tomo a decisão de fugir

III. ***Observações.*** 1) Muitos dos verbos assinalados acima admitem também outras construções, como havemos de ver mais adiante.

2) Quando *esse* ou qualquer outro verbo de ligação funcionar como Inf. objetivo e vier acompanhado de um nome predicativo, êste deverá estar no nominativo. Exemplos:

Nemo beatus esse potest sine virtute	Ninguém pode ser feliz sem a virtude
Cato bonus esse quam (bonus) videri malebat	Catão preferia ser bom a parecê-lo (a parecer bom)

ACCUSATIVUS CUM INFINITIVO

§ 4. **Introdução.** — A frase portuguêsa: "Julgo que meu amigo fala a verdade", é uma proposição complexa, isto é, compõe-se de uma oração principal ("julgo") e de uma cláusula integrante ("que meu amigo fala a verdade"). A tradução literal de tal frase para o latim seria: *Puto quod/quia amicus meus verum dicit.* Esta construção se encontra de fato em latim vulgar, mas não é abonada pelos textos clássicos, em que a dita frase se exprime desta maneira: *Puto amicum meum verum dicere.* É o chamado ACCUSATIVUS CUM INFINITIVO (abreviatura: A. c. I.), construção freqüentíssimamente usada em latim.

Logo se vê que a construção latina é mais sintética do que a portuguêsa; com efeito, o A. c. I. é um dos elementos da sintaxe latina que dá à língua de Lácio seu caráter lapidar. Em estilo mais elevado ocorre também em português, p. e. na frase: "Êle dizia tais coisas serem necessárias para a expedição" = "Êle dizia que tais coisas eram necessárias para a expedição". Em inglês moderno, o A. c. I. é bastante comum com alguns verbos, p. e.: *I want you to know* ("Quero que saibas"); também em grego empregava-se, ao lado da construção analítica, êste tipo de proposição infinitiva. Mas não há nenhuma língua em que o A. c. I. desempenhe papel tão importante como em latim.

As diferenças que existem entre a construção portuguêsa e a latina podem ser resumidas desta maneira:

1) Não se traduz a partícula integrante "que".
2) O sujeito da cláusula integrante (*amicus meus*) passa a ser acusativo (*amicum meum*).
3) O predicado da cláusula integrante (*dicit*) vem a ser Infinito (*dicere*)*

§ 5. **Regras elementares.** — I. ***Exemplos.*** Todos os Infinitos latinos (não só o Inf. Pres. da V. A.) podem ser usados no A. c. I., como se pode verificar pelo esquema seguinte:

Dicit consulem Romanum vincere	Diz que o cônsul romano vence/está vencendo
Dicit consulem Romanum vicisse	Diz que o cônsul romano venceu

Dicit consulem Romanum victurum (esse)	Diz que o cônsul romano vencerá/há de vencer
Dicit consulem Romanum vinci	Diz que o cônsul romano é/está sendo vencido
Dicit consulem Romanum victum (esse)	Diz que o cônsul romano foi vencido
Dicit consulem Romanum victum iri	Diz que o cônsul romano será/há de ser vencido

Nota. Nas duas formas *victurum esse* e *victum esse,* o Inf. *esse* está muitas vêzes subentendido; a omissão é regra geral com o Inf. Fut. da V. A.*

II. ***Concordância.*** O nome predicativo e o elemento declinável do Inf. (*victus* e *victurus*), quando fazem parte do A. c. I., devem concordar em número, gênero e caso com o ac., porquanto êste constitui o sujeito dêle. Exemplos:

Credit puellas mentitas (esse)	Crê que as meninas mentiram
Credit Romanos victuros (esse)	Crê que os romanos vencerão
Scio patrem tuum aegrotum esse	Sei que teu pai está doente
Nescit matrem meam aegrotam esse	Não sabe que minha mãe está doente
Scio has puellas pigras esse	Sei que estas meninas são preguiçosas
Plinius dicit haec animalia callidissima esse	Plínio diz que êstes animais são muito inteligentes

Nota. Os dois elementos do Inf. Fut. da V. P. (p. e. *laudatum iri*) são indeclináveis.

III. ***Ambigüidade.*** É ambígua esta frase latina:

Puto Romanos hostes victuros (esse) { Julgo que os romanos vencerão os inimigos, ou então: / Julgo que os inimigos vencerão os romanos

Já vimos (cf. § 4) que o A. c. I., sendo transitivo o verbo, pode trazer consigo outro acusativo (de objeto direto): na frase: *Puto amicum meum verum dicere,* o Inf. *dicere* tem por objeto direto *verum.* Aí surge, em alguns casos (p. e. na frase *Puto Romanos hostes victuros esse*), o perigo de ambigüidade, já que tanto *Romanos* como *hostes* pode ser sujeito ou objeto direto do Inf. *victuros esse.* Para evitar tal ambigüidade, o latim se serve da construção passiva, dizendo:

Puto hostes ab hostibus victum iri	Julgo que os inimigos serao vencidos pelos romanos

ou então:

Puto Romanos ab hostibus victum iri(1)	Julgo que os romanos serão vencidos pelos inimigos

§ 6. **Os verbos que admitem o A. c. I.** — São numerosíssimos os verbos latinos que admitem o A. c. I.; uma lista mais ou menos completa dos mesmos ocuparia várias páginas, sendo que sua importância prática seria muito exígua para o estudioso da língua latina. É muito mais útil conhecermos os grupos de verbos que pedem o A. c. I., pois êsse conhecimento nos possibilitará determinarmos com facilidade se um dado verbo pertence a um dêles ou não. Ora, existem quatro grupos de tais verbos, a saber:

1) Os verbos que exprimem percepção, pensamento e manifestação de um pensamento: são os chamados VERBA SENTIENDI ET DECLARANDI(1). — Cf. § 7.

2) Os verbos que exprimem afetos ou sentimentos: são os VERBA AFFECTUUM. — Cf. § 8.

3) Os verbos que exprimem volição, desejo, coação, etc.: são os VERBA VOLUNTATIS. — Cf. § 9.

4) Muitos verbos impessoais (VERBA IMPERSONALIA) e locuções compostas de *esse* e nome predicativo. — Cf. § 10.

Com os verbos do quarto grupo, o A. c. I. exerce a função de uma cláusula integrante subjetiva, ao passo que nos três primeiros grupos o A. c. I. tem papel de uma cláusula integrante objetiva. Cf. êstes dois tipos de frases: "É evidente que os romanos venceram" = "*A vitória* (sujeito) dos romanos é evidente", e: "O mensageiro anuncia que os romanos venceram" = "O mensageiro anuncia *a vitória* (objeto) dos romanos". Essa distinção tem, porém, maior importância teórica do que prática, uma vez que a construção do A. c. I. é a mesma nos dois casos.

§ 7. **Verba sentiendi et declarandi.** — Êste grupo abrange dezenas de verbos; damos aqui apenas alguns exemplos representativos, fazendo abstração dos matizes, por vêzes

(1) Cf. o oráculo ambíguo dado, como se diz, a Pirro: *Aio te, Aecida, Romanos vincere posse.*

(1) *Sentire* significa "perceber" e "pensar, compreender", só raras vêzes "sentir".

consideráveis, que existem entre os diversos verbos de significado semelhante, porém não idêntico. Assinalamos:

I. ***Percepção.***

Perceber, notar	*sentire, animadvertĕre, observare,* etc.
Ouvir	*audire, (auribus) accipĕre, cognoscĕre, comperire, reperire,* etc.
Ver	*vidēre, cernĕre, perspicĕre, spectare,* etc.

II. ***Pensamento.***

Julgar, pensar	*arbitrari, rēri, putare, existimare, judicare, sentire, cogitare, censēre,* etc.
Crer, opinar	*credĕre, opinari,* etc.
Conhecer, saber	*(cog)noscĕre, (cog)novisse, scire,* etc.
Não saber, ignorar	*nescire, ignorare,* etc.
Compreender, entender	*sentire, intellegĕre, percipĕre,* etc.
Admitir, supor	*ponĕre, facĕre, statuĕre,* etc.
Esperar(1)	*sperare, in spe esse, spem habēre,* etc.
Lembrar-se, estar lembrado	*recordari, meminisse,* etc.
Esquecer-se	*oblivisci,* etc.

III. ***Declaração.***

dizer, falar	*dicĕre, loqui, fari, fabulari, aio,* etc.
Negar(2)	*negare, infitiari,* etc.
Confessar	*fatēri, confitēri,* etc.
Narrar, relatar	*narrare, referre, tradĕre,* etc.
Transmitir	*tradĕre, memoriae prodĕre, ferre*(3), etc.
Anunciar	*nuntiare, referre, afferre,* etc.
Informar, avisar	*docēre, certiorem facĕre,* etc.
Prometer	*pollicēri, promittĕre, spondēre,* etc.
Ameaçar	*minari, minitari,* etc.
Jurar	*jurare, jus jurandum dare,* etc.
Responder	*respondēre,* etc.
Afirmar, confirmar	*affirmare, confirmare,* etc.

(1) "Esperar" = "ter esperança"; quanto à construção de *exspectare:* "esperar" = "aguardar", cf. § 156, III.
(2) *Negare* usa-se muitas vêzes quando, em port., se prefere "dizer que não", p. e.: "Digo que meu amigo não mentiu" = *Nego amicum meum mentitum (esse).*
(3) Principalmente na 3.ª pess. pl.: *ferunt* = "dizem, contam" ou "transmite-se".

IV. ***Observações.*** 1) Muitas vêzes acontece que o verbum sentiendi vel declarandi está oculto, sendo que êste pode ser completado pelo contexto, p. e.:

Legati paulo posto redierunt: regem Parthorum foedus facere cum populo Romano velle	Os embaixadores voltaram logo depois, (trazendo a notícia de) que o rei dos partas queria concluir um tratado com o povo romano

2) O A. c. I. pode depender igualmente de um subst. abstrato, derivado de um verbum sentiendi vel declarandi, p. e.:

Cogitatio deos generi humano praeesse bonae spei mihi videtur	A idéia de que os deuses orientam o gênero humano parece-me muito confortadora

3) Alguns dêstes verbos podem ser construídos com o Inf. objetivo (cf. § 3, II) e com o A. c. I. Reparem bem na diferença que existe entre as seguintes construções:

Cogito proficisci	Pretendo sair
Cogito haec fieri non posse	Penso que isto é impossível
Hannibal vincere scit, victoriā uti nescit	Haníbal sabe vencer, mas não sabe aproveitar a vitória
Hannibal sciebat Romanos numquam se dedituros (esse)	Haníbal sabia que os romanos nunca se renderiam
Dux statuit castra ponere in colle	O general decidiu-se a acampar no morro
Dux statuit optimum esse in hoc oppido manere	O general achou que a melhor coisa (a fazer) era permanecer nesta fortaleza

§ 8. **Verba affectuum.** — I. ***Exemplos de verba affectuum.*** Os verbos mais importantes dêste grupo são:

Lastimar, lamentar	*dolēre, maerēre, lugēre,* etc.
Alegrar-se	*gaudēre, laetari,* etc.
Achar desagradável, feio, repugnante, revoltante, etc.	*aegre/moleste/graviter ferre,* etc.
Levar a mal	*gravari, vitio vertĕre/dare,* etc.
Infignar-se	*indignari, suscensēre,* etc.
Queixar-se	*queri, conqueri,* etc.
Admirar-se	*(ad)mirari,* etc.

II. ***Outras construções.*** Quase todos êstes verbos podem ser construídos também com a conjunção *quod* mais Ind., embora o A. c. I. seja mais comum, cf. §210, II, 2a. Exemplos:

Gaudeo te venisse *Gaudeo quod venisti*	Alegro-me por teres vindo*

§9. **Verba voluntatis.** — ***As três classes de verba voluntatis.*** Os verba voluntatis, no sentido amplo da palavra, subdividem-se desta maneira:

1) os verba voluntatis pròpriamente ditos; êstes são cinco:

cupĕre	desejar	*nolle*	não querer
malle	querer mais preferir	*studēre*	esforçar-se por
		velle	querer

2) os verbos que exprimem permissão; êstes são dois:

pati e *sinĕre*	deixar, permitir, etc.

3) os verbos que exprimem uma influência qualquer, exercida sôbre a vontade de outrem; êstes são seis:

assuefacĕre	acostumar	*jubēre*	mandar, ordenar
cogĕre	coagir, forçar	*prohibēre* *vetare*	proibir
docēre	ensinar		

II. ***Observações.*** 1) Os cinco verba voluntatis pròpriamente ditos podem ser construídos com o simples Inf. ("objetivo", cf. §3, II), quando houver identidade de sujeito na oração principal e na cláusula; não sendo iguais os sujeitos, é obrigatório o A. c. I. Exemplos:

Cupio esse clemens (Inf. obj.) *Cupio me esse clementem* (A.c.I.)	Desejo ser benévolo

Mas:

Volo te abire (A. c. I. obrigatório)	Quero que saias

2) Na frase portuguêsa: "Ordeno ao empregado fechar a porta", o verbo principal ("ordeno") é construído com um dativo ("ao empregado"), seguido de um Inf. ("fechar"). Em latim não é lícita tal construção, mas sempre se deve usar

o A. c. I., de modo que a tradução correta da frase será: *Jubeo servum* (não: *servo*) *januam claudere*. Outros exemplos:

Vetuit/Prohibuit eos verum dicere	Proibiu-lhes falar a verdade
Docuisti filium parere legibus rei publicae	Ensinaste (a) teu filho a obedecer às leis do Estado

A mesma regra se aplica também, quando em português o dat. vem seguido de uma cláusula integrante. Exemplo:

Sivi pueros domo exire	Permiti aos meninos que saissem da casa

3) A frase latina: *Vetuit eos verum dicere*, pode ser traduzida também: "Proibiu-os de falar a verdade". Muitos verbos portuguêses, tais como "ordenar, mandar", "permitir, deixar", "proibir" e "ensinar" admitem várias construções, sem que essa circunstância tenha a menor importância para a construção da frase latina. Em latim sempre se deve usar o A. c. I., independentemente da construção empregada em português.

4) Os verba voluntatis que exprimem permissão, ordem, proibição, etc. (os que pertencem às classes 2 e 3) trazem consigo um objeto direto que é sempre idêntico ao sujeito da ação expressa pelo Inf.; em português, principalmente em linguagem coloquial, os dois podem estar explícitos, p. e. "O general me ordena que (eu) destrua a ponte"; em latim, tal repetição é considerada como redundância, dizendo-se: *Dux jubet me pontem delere*. Cf. ainda:

Magister non sivit pueros hunc librum legere	O professor não permitiu aos meninos que (êles) lessem êste livro

5) A frase portuguêsa: "Ordeno chamar a empregada", não pode ser traduzida: *Jubeo servam vocare*, porque esta frase latina significaria: "Ordeno que a empregada chame". A tradução correta será: *Jubeo servam vocari* (= "Ordeno que a empregada seja chamada").

Os verbos *pati*, *sinĕre*, *jubēre*, *vetare*, *prohibēre* e *cogĕre*, quando seguidos de um A. c. I., sem a indicação da pessoa a quem se dá permissão, ordem, etc. levam o Inf. para a voz passiva, porque a ação expressa pelo Inf. tem valor passivo. Outros exemplos:

Dux oppidum incendi sivit/passus est	O general deixou incendiar a fortaleza
Socrates leges neglegi vetuit	Sócrates proibiu menosprezar as leis

6) Os verbos *optare* ("desejar"), *imperare* ("mandar, ordenar") e *curare* ("mandar, fazer") têm geralmente outra construção, encontrando-se raras vêzes o A. c. I. com êles.

7) Todos os verbos assinalados acima (menos *assuefacĕre*) são muitas vêzes construídos também com *ut, ne, quominus, quin,* como havemos de ver mais adiante.

8) O verbo *docēre* pode ser verbum declarandi ("narrar, expor, informar"), mas também verbum voluntatis ("ensinar a"); daí a diferença entre:

Doceo te ‖ latine loqui	Ensino-te a falar latim
Doceo ‖ te latine loqui	Informo (outros) de que falas latim*

§10. **Verba impersonalia, etc.** — I. ***As duas classes dêste grupo.*** A êste grupo de verbos pertencem as expressões que já encontramos no §2, II; acrescentamos aqui:

1) os seguintes verbos impessoais:

apparet	é evidente, claro	*interest*	interessa, importa
constat	consta, é certo	*patet*	é patente, manifesto
expedit	é útil	*refert*	importa, interessa

2) as seguintes locuções compostas de *esse* e nome predicativo:

fama est	corre o boato	*nefas est*	é ilícito
fas est	é lícito	*par est*	é justo
jus est	é justo	*tempus est*	é tempo
necesse est	é necessário		

II. ***Observações.*** 1) Quase todos os verbos impessoais e locuções, mencionados nos §§2, II e 10, I, admitem também outras regências, como havemos de ver mais adiante.

2) Quando o Inf. não tem sujeito determinado, usa-se com êste grupo de verbos o simples Inf. subjetivo (cf. §2): se tal Inf. subjetivo vier acompanhado de um nome predicativo, êste vai para o acusativo. Exemplos:

Oportet te orare (A. c. I.)	Convém que rezes
Oportet semper orare (Inf. subj.)	Convém orar sempre
Dedecet te pigrum esse (A. c. I.)	Não convém que sejas preguiçoso

Dedecet pigrum esse (Inf. subj.)	Não convém ser preguiçoso
Oportet nos fortes esse (A. c. I.)	Cumpre que sejamos corajosos
Oportet fortem esse (Inf. subj.)	Cumpre ser corajoso

3) O verbo *licet* e as locuções *opus est* e *necesse est* admitem várias construções, como se pode ver pelos seguintes exemplos:

Non licet mentiri (Inf. subj.)	Não é lícito mentir
Non licet tibi mentiri } (1) *Non licet te mentiri* }	Não te é lícito mentir
Non licet mendacem esse	Não é lícito ser mentiroso
Non licet tibi mendacem/mendaci esse	Não te é lícito ser mentiroso

§ 11. **O sujeito da proposição infinitiva.** — I. ***O emprêgo do pronome reflexivo.*** Em português pode dizer-se "Paulo diz estar doente" = "Paulo diz que êle (= Paulo) está doente"; sendo iguais o sujeito da oração principal e o da oração infinitiva, o português constrói muitos verbos com o simples Inf. sem exprimir o sujeito do mesmo por uma palavra explícita. Ora, tal omissão não é lícita em latim: sempre se deve exprimir o sujeito da proposição infinitiva pelo acusativo. Note-se bem que, havendo identidade de sujeito, se deve usar *se* (ou *sese*) na 3.ª pess. (sg. e pl.). Exemplos:

Dico m e esse aegrotum	Digo estar doente
Dicis t e esse aegrotum	Dizes estar doente
Puer dicit se esse aegrotum	O menino diz estar doente
Puella dicit s e esse aegrotam	A menina diz estar doente
Pueri dicunt s e esse aegrotos	Os meninos dizem estar doentes
Puellae dicunt s e esse aegrotas	As meninas dizem estar doentes

Mas:

Paulus dicit e u m esse aegrotum	Paulo diz que êle (= Pedro) está doente

II. ***Observações.*** 1) Tôda e qualquer referência na proposição infinitiva ao sujeito da oração principal, que esteja na 3.ª pessoa, deve ser expressa pelo pronome reflexivo (pessoal ou possessivo): *sui, sibi,* (*a*) *se* e *suus*. Exemplos:

Paulus dicit hunc librum sibi a magistro datum (esse)	Paulo diz que êste livro lhe (= Paulo) foi dado pelo professor
Paulus dicit patrem suum mortuum esse	Paulo diz que seu pai (= o de Paulo) faleceu

(1) A construção normal é: *Non licet tibi mentiri* (Dat. c. Inf.); o A. c. I. é raro com *licet*.

Mas:

Paulus dicit hunc librum ei a magistro datum (esse)	Paulo diz que êste livro lhe (= Pedro) foi dado pelo professor
Paulus dicit patrem ejus mortuum esse	Paulo diz que seu pai (= o de Pedro) faleceu

2) Pode-se omitir o sujeito da proposição infinitiva com os verba voluntatis pròpriamente ditos (*velle, nolle, malle, studēre, cupĕre*), cf. § 9, II, 3.*

§ 12. **O tempo da proposição infinitiva.** — I. ***Tempo absoluto e tempo relativo.*** Na frase portuguêsa: "Meu amigo disse *estar* doente", a forma "estar" é, do ponto de vista da morfologia, um Inf. do Presente, mas sua função sintática, — pelo menos, nesta frase, — não é a de indicar o momento atual, o que logo se pode ver, se dissermos: "Meu amigo disse que *estava* doente". "Estar" indica simultaneidade com a ação verbal da oração principal "disse", forma essa que exprime sempre o passado.

Em termos gramaticais, isso quer dizer que a forma "disse" designa o tempo absoluto, e a forma "estar" designa o tempo relativo.

1) O tempo absoluto (sempre forma do verbo finito) situa uma ação verbal no tempo em relação ao momento atual em que se acha quem fala ou escreve; suas categorias são: o presente, o passado e o futuro; encontra-se sobretudo, embora não exclusivamente, em orações principais.

2) O tempo relativo (o único que pode ser designado pelo Inf.) situa uma ação verbal no tempo em relação a um dos três momentos, ou grupo de momentos, indicado pelo tempo absoluto; suas categorias são: a simultaneidade, a anterioridade e a posterioridade; encontra-se sobretudo, embora não exclusivamente, em cláusulas e em orações reduzidas (participiais e infinitivas).

Por enquanto basta termos dado esta distinção fundamental; mais adiante havemos de voltar ao mesmo assunto (cf. § 44, I, 1-2).

II. ***A relatividade do Infinito.*** O Inf., tanto em português como em latim, exprime apenas o tempo relativo, isto é, indica simultaneidade, posterioridade ou anterioridade em

relação ao momento temporal designado pelo verbo da oração regente. São estas as regras:

O Inf. Pres. exprime SIMULTANEIDADE, o Inf. Pf. exprime ANTERIORIDADE, e o Inf. Fut. exprime POSTERIORIDADE em relação à ação expressa pelo verbo regente. Exemplos:

Dico regem Romam	*rediisse* (ant.) *redire* (simult.) *rediturum esse* (post.)	Digo que o rei	voltou volta voltará	a Roma
Dixi regem Romam	*rediisse* (ant.) *redire* (simult.) *rediturum esse* (post.)	Disse que o rei	voltara voltava voltaria	a Roma

Nota. Em português são possíveis também outras traduções, p. e.:

"está voltando"	em lugar de "volta"
"há de voltar"	em lugar de "voltará"
"havia/tinha voltado"	em lugar de "voltara"(1)
"estava voltando"	em lugar de "voltava"
"havia de voltar"	em lugar de "voltaria", etc.(2)

§ 13. **Precisão do latim.** — I. ***O emprêgo dos tempos.*** O latim marca, em geral, com uma precisão muito maior do que as línguas modernas, o tempo relativo. Em português pode dizer-se: "A menina promete *voltar* logo" (= "A menina promete que *voltará* logo"); em latim, é obrigatório indicar a posterioridade da ação verbal "voltar" em relação à ação expressa pelo verbo regente "promete". A tradução correta da dita frase será: *Puella pollicetur se mox redituram* (*esse*). Repare-se bem nessa particularidade do latim, principalmente com os verbos: *sperare, in spe esse, spem habēre* e *in spem venire; pollicēri, promittĕre* e *spondēre; jurare; minari* e *minitari*. Exemplos:

Dux minatus est se urbem incensurum (*esse*)	O general ameaçou incendiar a cidade
Testes juraverunt se verum dicturos (*esse*)	As testemunhas juraram falar a verdade

Nota. Alguns dêstes verbos podem ser combinados também com o Inf. Pres. ou Pf., como o mostram os seguintes exemplos:

(1) Muitas vêzes não se exprime em português a anterioridade, dizendo-se: "voltou".

(2) Muitas vêzes não se exprime em português a posterioridade, dizendo-se: "voltava".

Spero me hanc rem probasse	Espero ter demonstrado esta coisa
Testes jurant se cives Romanos esse	As testemunhas juram ser cidadãos romanos

II. ***Observações.*** 1) Segundo as regras da lógica rigorosa, os verba voluntatis deveriam sempre reger um Inf. Fut., visto que a ação verbal expressa pela proposição infinitiva sempre se refere a uma ação ainda não realizada, isto é, posterior. Com os verbos dêste grupo, porém, o latim admite apenas o Inf. Pres. Exemplos:

Volo te cras redire	Quero que voltes amanhã
Dux coegit hostes fugere	O general forçou os inimigos a fugir

2) Por vêzes, o latim usa, em lugar do Inf. Fut., uma circunlocução composta de *fore ut* (menos freqüentemente, *futurum (esse) ut*), seguido do Subj. Pres. depois de um verbo principal que não seja um pretérito, e seguido do Subj. Impf. depois de um verbo principal no pretérito. Esta construção é obrigatória, quando o verbo da oração infinitiva não possui o Inf. Fut. da V. A. ou da V. P.; também é muito comum com o verbo *sperare*. Exemplos:

Puto fore ut hujus rei numquam me paeniteat (obrigatório, porque *paenitēre* não tem Inf. Fut.)	Julgo que nunca me arrependerei dêste fato
Romani putabant fore ut Hannibal facile ab Italiā arceretur (obrig., porque *arcēre* não tem Inf. Fut. da V. P.)	Os romanos julgavam que Haníbal seria fàcilmente mantido a certa distância da Itália
Romani sperant fore ut omnes barbari ex Italiā pellantur (facult., = *omnes barbaros ex Italiā pulsum iri*)	Os romanos esperam que todos os bárbaros sejam expulsos da Itália

Nota. *Fore* e *futurum esse* são o Inf. Fut., não só de *esse*, mas também de *fieri* ("acontecer, dar-se"); são muito usadas, em latim, expressões dêste tipo: *Fit ut barbari pellantur* ("Acontece que os bárbaros são expulsos"), daí a construção: *Romani sperant fore ut barbari pellantur* (cf. § 148, I).

3) Os verbos *velle, posse* e *debēre* exprimem geralmente já por si uma ação não realizada, portanto posterior; em orações infinitivas, emprega-se muitas vêzes o Inf. Pres. dêstes verbos em substituição a um Inf. Fut. Os verbos *velle* e *posse*, aliás, não possuem o Inf. Fut. Exemplos:

Romani sperant se omnes barbaros ex Italiā pellere posse	Os romanos esperam poder expulsar todos os bárbaros da Itália
Caesar sperabat Gallos in fide populi Romani permanere velle	César esperava que os gauleses quisessem (= haveriam de querer) ficar fiéis ao povo romano*.

§ 14. **Várias maneiras de traduzir o A. c. I.** — I. ***Orações independentes.*** Já encontramos algumas maneiras de traduzir um A. c. I. para o português. A tradução mais comum é mediante uma cláusula integrante, p. e.:

Dicunt hunc librum utilissimum esse	Dizem que êste livro é muito útil

Em estilo elevado pode usar-se, também em português, o A. c. I., p. e.:

Dicunt hunc librum utilissimum esse	Dizem ser muito útil êste livro

Com os verba voluntatis recomenda-se uma oração infinitiva, p. e.:

Jubeo servum januam claudere	Ordeno ao empregado fechar a porta
Prohibuisti me hunc librum legere	Proibiste-me de ler êste livro
Pater meus assuefecit me verum dicere	Meu pai me acostumou a falar a verdade

II. ***Cláusulas relativas.*** A frase: *Dicunt hunc librum utilissimum esse*, poderia ser traduzida também desta forma: "Como dizem, êste livro é muito útil", ou: "Êste livro, (como) dizem, é muito útil". Recomenda-se esta maneira de traduzir o A. c. I., quando faz parte duma cláusula relativa; são possíveis também outros tipos de tradução, como o mostram os seguintes exemplos:

Ciceronis libros "De Officiis", quos omnes sciunt utilissimos esse, heri legi	Ontem li os livros de Cícero "Sôbre os Deveres" que, como todos sabem, são muito úteis, ou: que todos sabem serem muito úteis, ou: os quais todos sabem que são muito úteis, etc.
Ciceronem, quem ferunt(1) *a Marco Antonio interfectum esse, magnopere admiramur*	Admiramos muito Cícero que, (como) dizem, foi morto por Marcos Antônio, ou: que, segundo a tradição, foi morto por Marcos Antônio

(1) *Ferunt* = "dizem" (tratando-se de boatos), ou = "transmitem" (tratando-se de tradições).

NOMINATIVUS CUM INFINITIVO

§ 15. ***Introdução.*** — I. ***A forma passiva do A. c. I.*** Além do A. c. I., o latim conhece ainda outro tipo de proposição infinitiva, com o verbo regente na V. P.; é o chamado NOMINATIVUS CUM INFINITIVO (abreviatura: N. c. I.), construção essa que se pode considerar como a forma passiva do A. c. I., como se pode ver pelos seguintes esemplos:

Dicunt Ciceronem magnum oratorem fuisse (A. c. I.)	Dizem que Cícero foi um grande orador
Cicero dicitur magnus orator fuisse (N. c. I.)	Diz-se que Cícero foi um grande orador, ou: Como se diz, foi Cícero um grande orador(1)
Jubeo te abire (A. c. I.)	Ordeno-te sair
(*Tu*) *juberis a me abire* (N. c. I.)	És ordenado por mim a sair, ou melhor: Ordeno que saias
Vetuit januas claudi (A. c. I.)	Proibiu fechar as portas
Januae vetitae sunt ab eo claudi (N. c. I.)	Foi proibido por êle que se fechassem as portas, ou melhor: Proibiu fechar as portas

II. ***Regras elementares.*** Partindo dêstes exemplos, podemos fazer as seguintes observações:

1) Em português, são possíveis várias traduções, das quais registramos aqui apenas algumas. Ora, ao principiante recomenda-se sempre partir de uma cláusula integrante em português, observando-se as seguintes regras:

a) Não se traduz a partícula integrante "que".

b) O sujeito da cláusula portuguêsa ("Cícero", "tu", e "as portas") vem a ser o sujeito da frase latina: *Cicero*, (*tu*) e *januae*, respectivamente.

c) O verbo regente da frase portuguêsa ("diz-se", "ordena-se" e "foi proibido" ou "proibiu-se") vem a ser o predicado da frase latina, e deve sempre estar na VOZ PASSIVA, porque "se" é partícula apassivadora. Evidentemente, êsse predicado deverá concordar com o sujeito da frase: *dicitur* com *Cicero*, *juberis* com *tu*, e *vetitae sunt* com *januae*.

(1) Cf. em inglês: *Cicero is said to have been a great orator.*

d) O predicado da cláusula portuguêsa ("foi", "saias" e "se fechassem") vai para o Inf.: *fuisse*, *abire* e *claudi*, respectivamente. Quanto ao emprêgo dos tempos, observem-se as regras já estudadas no A. c. I.

e) Havendo nome predicativo dentro da proposição infinitiva, deverá êsse estar no nominativo, p. e. *magnus orator*.

2) O agente de uma frase passiva traduz-se em latim pela preposição *a*(*b*) mais ablativo, p. e.: *a me*, e *ab eo*. Muitas vêzes acontece, porém, que a frase latina não exprime o agente. É muito mais comum encontrarmos frases do tipo: *Januae vetitae sunt claudi* do que: *Januae vetitae sunt claudi ab eo*. Nesta última hipótese, o latim prefere a construção ativa: *Vetuit januas claudi* (A. c. I.).

§ 16. **Verbos que admitem o N. c. I.** — I. ***O emprêgo do N. c. I.*** Nem todos os verbos latinos que são construídos com o A. c. I., admitem também o N. c. I. Aqui se seguem os principais encontrados em prosa clássica.

1) O verbo *vidēri* = "parecer". Exemplos:

Puellae videbantur mihi mentitae (esse)	Parecia-me que as meninas haviam mentido, ou: As meninas pareciam-me ter mentido
Videris nobis parentes tuos decepisse	Parece-nos que enganaste teus pais

2) Algúns verba voluntatis.

Os principais são: *cogi*, *jubēri*, *prohibēri*, *vetari*, *docēri* e *sini*. Exemplos:

Cives divites coacti sunt pecuniam dare	Os cidadãos ricos foram forçados a dar dinheiro
Docemur legibus domare libidines	Somos ensinados pelas leis (ou: As leis nos ensinam) a refrear as paixões
Clodius a Cicerone situs non est perdere rem publicam	Não foi dada por Cícero a Clódio a oportunidade de arruinar o Estado, ou: Cícero não deixou que Clódio arruinasse o Estado

3) Alguns verba sentiendi et declarandi.

Os principais são: *audiri*, *dici*, *existimari*, *inveniri*, *judicari*, *negari*, *nuntiari*, *putari* e *reperiri;* além disso, mas só

na 3.ª pessoa (sg. e pl.), as formas *fertur/traditur* e *feruntur/traduntur:* "transmite-se que, diz a tradição; corre o boato que, segundo a tradição/o boato", etc. Ao contrário dos verbos que pertencem às duas outras classes, êstes verba dentiendi et declarandi admitem o N. c. I. apenas nas formas derivadas do Infectum (isto é, Pres., Impf., e Fut. Simples); nas formas derivadas do Perfectum (isto é, Pf., Msqupf., e Fut. Pf.) prefere-se geralmente o A. c. I. Exemplos:

Obsides e carcere effugisse nuntiantur	Anuncia-se que os reféns fugiram do cárcere
Traditur/fertur Romulus primus rex Romanorum fuisse	Segundo a tradição, foi Rômulo o primeiro rei dos romanos
Nuntiatum est obsides e carcere effugisse	Anunciou-se que os reféns haviam fugido do cárcere
Traditum est Romulum primum regem Romanorum fuisse	Segundo a tradição, fôra Rômulo o primeiro rei dos romanos*.

II. ***Observação.*** A distinção entre o A. c. I. (tempos derivados do Perfectum) e o N. c. I. (tempos derivados do Infectum) não é rigorosa: sobretudo os verbos *nuntiari* e *dici*, quando acompanhados de um dat. ou de um adv., regem muitas vêzes o A. c. I., também nos tempos derivados do Infectum: *nuntiatur Caesari obsides effugisse.* Por outro lado, encontramos construções do tipo: *Obsides nuntiati sunt effugisse.*

OUTRAS CONSTRUÇÕES

§ 17. **Outras construções infinitivas.** — Mencionamos aqui o Inf. histórico (I) e o Inf. exclamativo (II).

I. ***O Infinito histórico.*** Para tornar mais viva uma narrativa, o latim se serve muitas vêzes do Inf. Pres. em lugar do Ind. de um tempo pretérito (Pf. ou Impf.); ao usar o Inf. histórico, o autor limita-se a esboçar em linhas gerais a ação verbal, deixando à imaginação dos leitores os pormenores relativos ao tempo e à pessoa. O Inf. histórico pode variar com o verbo finito, por vêzes, no mesmo período. A construção encontra-se principalmente nos historiadores (exceto César) e nos comediógrafos. Exemplos:

Angues pergunt ad cunas citi. Ego cunas recessim trahere	As cobras caminhavam ràpidamente rumo ao berço. E eu puxei o berço logo para trás.

Maximā vi certatur(1). *Interea Catilina in primā acie versari, laborantibus succurrere, omnia providere, multum ipse pugnare, saepe hostem ferire*	Lutava-se com grande intensidade. Entrementes, Catilina se detinha na primeira fileira, socorria os que estavam em apuros, tomava tôdas as providências, combatia valentemente, e feria amiúde um inimigo

II. ***O Infinito exclamativo.*** O Inf. exclamativo é, no fundo, um caso particular do A. c. I., com elipse do verbo regente (geralmente: *dolēre, pudet me, decet me, mirari, indignari,* etc.), mas a elipse não precisa ser consciente. Usa-se sobretudo em exclamações que exprimem admiração, espanto ou vergonha, bem como em perguntas que revelam indignação, etc. A construção encontra-se principalmente na linguagem coloquial, onde o gesto e o tom podem fàcilmente completar a frase. Exemplos:

Te nunc, Terentia, sic vexari! (sc. *magnopere doleo*)	Ó Terência, como acho terrível que tanto sofras!
Me inceptum desistere? (sc. *nonne pudet?*)	Não seria vergonhoso eu desistir do meu plano?, ou: Eu desistir do meu plano?!*

(1) *Pergunt* e *certatur* são Presentes históricos, cf. § 45, II.

CAPÍTULO II

O PARTICÍPIO

§ 18. **Introdução geral.** — I. ***Os Particípios em latim.*** Em latim histórico havia três particípios: um do Pres., um do Pf. e um do Fut. Distribuem-se desta maneira entre as vozes do verbo:

1) Verbos normais, isto é, não depoentes:

	PERFEITO	PRESENTE	FUTURO
V. A.	— (tendo/havendo louvado)	*laudans* louvando/que louva	*laudaturus* havendo de louvar
V. P.	*laudatus* (tendo sido) louvado	— (sendo louvado)	— (havendo de ser louvado)

2) Verbos depoentes:

	PERFEITO	PRESENTE	FUTURO
V. A.	*hortatus* (tendo/havendo exortado)	*hortans* exortando/que exorta	*hortaturus* havendo de exortar

II. ***Observações.*** 1) De verbos "normais" não existem as formas correspondentes a "tendo/havendo louvado", "sendo louvado" e "havendo de ser louvado"; de verbos depoentes não existe nenhum particípio de significado passivo. A regra, embora inexata nesta formulação rigorosa (cf. § 24), tem graves conseqüências para a construção de proposições participiais (cf. § 22, I).

2) É melhor evitar o têrmo Part. Fut. da V. P. para o gerundivo, visto que êste começa a exercer a função participial só em latim tardio (cf. § 30, II, 4).

3) Do mesmo modo que o Inf. (cf. § 12, II), também o Part. não exprime tempo "absoluto", e sim tempo "relativo" O mesmo acontece em português, p. e.: "*Proferindo* o orador estas palavras, a assembléia rompeu em aplausos" = "Quando o orador *proferia* estas palavras, ...". Como se vê, "proferindo" não exprime, neste caso, o "presente", mas a simultaneidade com uma ação que se realizou no passado. Cf. ainda: "*Terminadas* as férias, voltarei a São Paulo" = "Quando as férias *estiverem terminadas*, ..." (anterioridade de "terminadas" em relação à ação do verbo principal "voltarei").

Agora podemos formular as seguintes regras:

O Part. Pres. exprime s i m u l t a n e i d a d e,
O Part. Pf. exprime a n t e r i o r i d a d e,
O Part. Fut. exprime p o s t e r i o r i d a d e, — sempre em relação à ação expressa pelo verbo regente.

§ 19. **Os diversos empregos do particípio.** — I. ***Os empregos atributivo e predicativo.*** O Part. é adjetivo e, como tal, tem de referir-se a um substantivo. Ora, há três maneiras de um adj. poder referir-se a um subst.: a atributiva, a predicativa e a semi-predicativa.

1) O emprêgo ATRIBUTIVO é encontrado p. e. em: "Ontem faleceu meu amigo *generoso*". Nesta frase, a referência do adj. "generoso" ao subst. "amigo" é d i r e t a (isto é, não através de um verbo de ligação) e, ao mesmo tempo, e x c l u s i v a (isto é, o adj. "generoso" refere-se apenas ao subst. "amigo", e não ao predicado "faleceu"). Um adjunto atributivo pode ser substituído por uma cláusula relativa (= adjetiva), p. e.: "Ontem faleceu meu amigo *que era muito generoso*". É sempre partindo do emprêgo atributivo que um adj. vem a ser substantivado, p. e.: "Os (homens) bons sofrem pelos (homens) maus".

2) O emprêgo PREDICATIVO apresenta algumas variantes, das quais mencionamos:

a) O emprêgo predicativo SUBJETIVO, p. e. na frase: "Teu amigo é *generoso*"; nesta frase, a referência do adj. "generoso" ao subst. "amigo" (SUJEITO DA FRASE), se faz por meio de um verbo de ligação (p. e. "ser, estar, ficar, parecer, tornar-se", etc.).

b) O emprêgo predicativo OBJETIVO, p. e. na frase: "Achei teu amigo muito *generoso*"; aqui a referência do adj. "generoso" ao subst. "amigo" (OBJETO DIRETO DA FRASE), se faz mediante um verbo transitivo-predicativo (p. e. "achar, nomear, julgar, considerar, tornar", etc.).

O que é comum aos dois tipos de predicativos é que constituem um elemento imprescindível do predicado, sem o qual a frase estaria incompleta ou ficaria com significado completamente diferente, p. e.: "Teu amigo é", e: "Achei teu amigo."

3) O emprêgo SEMI-PREDICATIVO é encontrado p. e. na frase: "*Generoso* como sempre, teu amigo me ajudou bastante"; aqui a referência do adj. "generoso" ao subst. "amigo" não é direta nem exclusiva, mas "generoso" diz também alguma coisa do predicado "me ajudou". Mas, ao contrário do emprêgo predicativo pròpriamente dito, o adj. "generoso", no seu emprêgo semi-predicativo, não é elemento imprescindível, e sim, acessório do predicado, constituindo um certo elemento circunstancial do mesmo: "generoso" = "devido à sua generosidade", e poderia ser substituído por uma cláusula conjuncional (= adverbial): « "*Como teu amigo é muito generoso*, ajudou-me bastante". Há vários tipos do emprêgo semi-predicativo do adj., mas para nossos fins basta termos dado essas noções elementares, cujo conhecimento tem certa importância para a compreensão das diversas funções do part. latino.

II. ***Aplicações ao Particípio.*** Globalmente falando, podemos dizer que o part. latino se enquadra nos moldes da classificação dada acima. Vejamos agora os pormenores:

1) O emprêgo a t r i b u t i v o. Os três part. latinos podem ser empregados de modo atributivo; quanto ao Part. Pf. da V. P. não existem dificuldades para o tradutor brasileiro, visto que o seu Part. do Passado admite a mesma função.

O Part. Pres. da V. A. (atributivo) traduz-se, geralmente, por uma cláusula relativa, visto que o chamado "gerúndio" português só raras vêzes exerce a função atributiva. *Puer dormiens* (atributivo; cf. em francês: *L'enfant dormant*) = "O menino *que dorme*", e não: "O menino, *dormindo* . . ." (esta tradução seria "semi-predicativa").

O Part. Fut. da V. A. é, de modo atributivo, pouco usado, pelo menos, em prosa clássica, exceto as duas formas: *venturus* e *futurus*, ambas como o significado de "futuro, vindouro". Exemplos do emprêgo atributivo:

Dux milites occisos sepeliri jussit	O general mandou sepultar os soldados mortos (ou: que haviam sido mortos)
Odiosum est genus hominum aliis maledicentium	É odioso o gênero de homens que falam mal dos outros
Tempora futura incerta sunt	Os tempos futuros são incertos, ou: O futuro é incerto

Notas.

1) Como se vê pelos exemplos, o part. empregado atributivamente aproxima-se muito de um adj. pròpriamente dito, e daí o caminho não é muito longo para a "substantivação". Nas três frases poderíamos omitir os subst. regentes (*milites, hominum* e *tempora*) sem que se modificasse muito o significado.

2) Em poesia e em latim da época imperial (mas também nas obras de Salústio), é freqüente o emprêgo atributivo do Part. Fut. para exprimir um destino, uma fatalidade. Muitas vêzes, o valor é pràticamente igual ao de um adjetivo. Exemplos:

Da nobis urbem mansuram!	Dá-nos uma cidade duradoura (ou: destinada a permanecer)
Urbem venalem et mature perituram adiit	Dirigiu-se a uma cidade subornável e fadada a perecer cedo

2) O emprêgo predicativo. *a*) É desnecessário comentarmos as formas *laudatus sum/eram/ero*, etc.; sôbre *laudaturus sum/sim/eram/essem* (a chamada "conjugação perifrástica") pretendemos falar no § 51; por outro lado, expressões do tipo: *laudans sum/eram*, etc. (cf. em português: *Estou louvando;* em inglês: *I am praising*) são extremamente raras em latim clássico, limitando-se seu emprêgo a textos vulgares e, geralmente, tardios (talvez influência do grego).

b) O emprêgo predicativo, como adjunto do objeto direto da frase, encontra-se em algumas construções que, às vêzes, são denominadas "Accusativus cum Participio": o Part. Pres. com verba percipiendi, e o Part. Pf. com verba voluntatis. Ver § 27.

3) O emprêgo semi-predicativo. Muito mais importante do que o emprêgo atributivo é o emprêgo semi-predicativo do part. latino; isto quer dizer que um part. latino substitui muito mais freqüentemente uma cláusula conjuncional (adverbial) do que uma cláusula relativa (adjetiva). Também o português, como as línguas românicas em geral, não raro emprega a construção participial, mas em latim lite-

rário ela é muito mais freqüente ainda. O emprêgo dos part. do Pres. e do Pf. é mais comum que o do Fut. Exemplos:

Hoc iter faciens multas epistulas ad amicos scripsi (simult.)	Fazendo esta viagem (ou: Quando fazia esta viagem), escrevi muitas cartas aos amigos
Hunc librum lectum ad te mittere in animo habeo (ant.)	Pretendo enviar-te êste livro, depois de o ter lido
Transiturus in Italiam Hannibal sacrificavit diis (post.)	Antes que passasse para a Itália (ou: Antes de passar, ou: Devendo passar), Haníbal fêz um sacrifício aos deuses

§ 20. **A tradução do part. semi-predicativo.** — Nos exemplos dados acima (cf. § 19, II, 3), traduzimos todos os particípios latinos mediante uma cláusula conjuncional temporal, p. e. "Quando", "Depois que/de", e "Antes que/de". Mas a função temporal não é a única a ser exercida pelo particípio latino. Mencionamos aqui:

I. ***A função condicional.*** Em português podemos usar a conjunção "se". Exemplos.

Mendaci homini ne verum quidem dicenti credere solemus	Não costumamos acreditar em um homem mentiroso, nem sequer se fala a verdade
Patriam defendens ab omnibus civibus laudaberis	Se defenderes a pátria, serás louvado por todos os cidadãos

II. ***A função concessiva.*** Em português podemos usar as conjunções "ainda que, embora, mesmo que", etc. Exemplos:

Risum cupientes tenere interdum nequimus	Por vêzes não conseguimos conter o riso, embora o desejemos
Oculus se non videns alia cernit	O ôlho, embora não se veja a si próprio, enxerga outras coisas

III. A função ***causal.*** Em português podemos usar as conjunções "porque, visto/já/uma vez que, como", etc. Exemplos:

Metuens insidias dux in castris manere statuit	Como o general temesse uma cilada, decidiu-se a permanecer no acampamento
Athenienses Alcibiadem corruptum a rege Persarum oderant	Os atenienses odiavam Alcibíades, porque tinha sido subornado pelo rei dos persas

Nota. Para precisar a função de uma construção participal, os autores, principalmente os da época imperial, acrescentam muitas vêzes um advérbio esclarecedor, cf. § 25, II.

O PARTICÍPIO CONJUNTO E O ABLATIVO ABSOLUTO

§ 21. **Generalidades.** — I. ***Exemplos dos diversos casos.*** O emprêgo do part. latino não se limita ao nom., mas estende-se também aos casos oblíquos (cf. *mendaci homini dicenti*, e *Alcibiadem corruptum*, no § 20, I e III). O seguinte esquema poderá dar aos principiantes uma idéia das diversas ocorrências do part. numa frase latina:

Hostes profligati trans Rhenum se receperunt (nom.)	Depois que os inimigos foram derrotados, retiraram-se para além do Reno
Hostium profligatorum arma Romani milites capiunt (gen.)	Depois que os inimigos foram derrotados, pilharam os soldados romanos suas armas, ou: pilharam-lhes as armas os soldados romanos
Hostibus profligatis Caesar stipendium imperavit (dat.)	Depois que os inimigos foram derrotados, César exigiu-lhes o pagamento de um tributo
Hostes profligatos Caesar trans Rhenum reppulit (ac.)	Depois que os inimigos foram derrotados, César expulsou-os para além do Reno
Hostibus profligatis Caesar in Italiam rediit (abl.)	Depois que os inimigos foram derrotados, César voltou à Itália

II. ***Regras elementares.*** Nos exemplos acima, traduzimos cada uma das construções participiais por uma cláusula conjuncional, introduzida por "depois que" (posterioridade expressa pelo Part. Pf.), embora quase sempre fôsse possível também a tradução "atributiva" (mediante uma cláusula relativa). Por motivos de ordem didática parece-nos preferível, porém, partirmos da tradução "conjuncional", porque esta necessita, mais do que aquela, de um comentário. Partindo da nossa tradução, podemos descobrir com facilidade em que casos o latim se serve do part. conjunto (nom., gen., dat. e ac.) e quando se pode usar o chamado "ablativo absoluto". Para acharmos a solução dêste problema, devemos tomar por ponto de partida o sujeito da cláusula portuguêsa.

1) No primeiro exemplo, há uma referência (embora oculta), na oração principal, ao sujeito da cláusula, pois: "*os inimigos* foram derrotados" e "*os inimigos* se retiraram"; essa referência está no nom., porque exerce a função de sujeito na oração principal. Neste caso, o part. conjunto vai também para o nom. (*profligati*).

No segundo exemplo, há igualmente na oração principal uma referência ao sujeito da cláusula: "*suas* armas = as armas *dêles*" (gen. que exprime posse, que em português é muitas vêzes substituído pelo dat. "lhes"). Neste caso, o part. vai para o gen. (*profligatorum*).

No terceiro exemplo, a referência está no dat. ("lhes"); neste caso, o part. vai para o dat. (*profligatis*).

No quarto exemplo, a referência está no ac. ("os"); neste caso, o part. vai para o ac. (*profligatos*).

Nota. É importante observar-se que a referência na proposição principal, seja qual fôr o caso em que esteja, não se traduz. Não devemos acrescentar à primeira frase a palavra *ii* ou *ei*, nem *eorum* à segunda, nem *iis* ou *eis* à terceira, nem *eos* à quarta.

2) No quinto exemplo, porém, não se encontra nenhuma referência na oração principal ao sujeito da cláusula "os inimigos"; ora, não havendo tal referência, o sujeito da cláusula e o seu predicado ("foram derrotados") vão para o ablativo (é o chamado ABLATIVO ABSOLUTO). É quase desnecessário observarmos que o part., por ser adjetivo, deve concordar, em número e em gênero, com o substantivo-sujeito da cláusula participial. Assim dizemos:

Cicerone loquente/interfecto Antonius in curiam venit	Enquanto Cícero falava/Depois que Cícero foi morto, Antônio entrou na cúria
Bruto et Cassio mortuis Romani libertatem amiserunt	Depois da morte de Bruto e Cássio, os romanos perderam a liberdade
Cleopatrā mortuā Aegyptus in potestatem Romanorum venit	Depois da morte de Cleópatra, o Egito caíu em poder dos romanos

Nota. A terminação do Part. Pres. no abl. abs. é sempre *-e*, e nunca *-i*. Assim dizemos: *Cicerone loquente, laudante*, etc. Mas a terminação de particípios completamente adjetivados é *-i*, por exemplo: *virtute praestanti* ("pela virtude notável")

III. ***Observação.*** Para a consciência lingüística dos romanos, o abl. abs. não constituía uma proposição avulsa, nem sequer substituía uma cláusula, mas fazia parte integrante da proposição "regente". Aliás, também os idiomas românicos possuem ainda o particípio "absoluto" ou "sôlto"; cf. em português: "*Terminadas as férias*, irei a São Paulo", e: "*Saindo êle*, eu não poderei ir". Também o inglês, sob a influência do francês (e, na linguagem literária, sob a influência também do latim), adotou o particípio "absoluto", p. e. *This matter having been settled, I went home.**

§ 22. **Como traduzir o particípio passado da V. A.** — Como já vimos no § 18, II, 1, não existe em latim o Part. Pf. da V. A. de verbos "normais", só de verbos depoentes. Pergunta-se agora, como podemos reproduzir em latim uma frase do tipo: "O cônsul romano, depois de obter vinte navios, saiu do pôrto".

I. ***Substituição por um verbo depoente.*** A solução mais fácil é empregarmos um verbo depoente sinônimo, se é que tal existe. "Obter", em latim, significa não só: *obtinēre*, mas também: *nancisci*. Ora, êste verbo possui o Part. Pf. da V. A.: *nactus*, de modo que poderemos traduzir: *Consul Romanus nactus vinginti naves e portu discessit.*

Nota. Alguns exemplos de verbos "sinônimos":

Saquear	*diripĕre*	*populari*
Sair, partir	*exire, discedĕre*	*proficisci, egredi*
Dividir	*dividĕre*	*partiri*
Ocupar, apoderar-se de	*occupare*	*potiri*
Prometer	*promittĕre*	*pollicēri*
Começar	*incipĕre*	*(ex/ordiri*
Voltar	*redire*	*regredi, reverti*(1)
Temer	*metuĕre*	*verēri*

II. ***O emprêgo de um verbo "normal".*** Mas também o verbo "normal" *obtinēre* admite a construção participial, contanto que reja um objeto direto, o que acontece em nossa frase ("vinte navios"). Se passarmos a cláusula para a V. P. ("depois de (terem sido) obtidos vinte navios"), poderemos usar o abl. abs., pois ao sujeito dessa cláusula participial ("vinte navios") não há nenhuma referência na oração principal. A tradução será: *Consul Romanus viginti navibus obtentis e portu discessit.*

(1) *Reverti* é semi-depoente; nos tempos derivados do Infectum tem forma passiva; nos tempos derivados do Perfectum, tem forma ativa. Mas existe o Part. Pf. *reversus*.

1) A passagem para a V. P. será possível apenas quando o verbo da cláusula fôr transitivo e, de fato, trouxer consigo um objeto direto; sem objeto direto na construção ativa, torna-se impossível um sujeito pessoal na construção passiva (cf. § 40, I).

2) A frase latina: *Caesar exploratā regione hostem aggressus est*, significa: "César, depois de explorar a região, agrediu os inimigos". Ora, o abl. abs. *exploratā regione*, em si, poderia ter também outro sujeito lógico, mas seu lugar entre o sujeito e o predicado indica, geralmente, que o sujeito lógico da construção participial é o mesmo do verbo finito.*

III. ***A tradução por meio de uma cláusula conjuncional.*** — Não existindo verbo depoente "sinônimo" e não ocorrendo objeto direto na cláusula, é impossível usar-se uma construção participial do tempo passado na V. A. Neste caso temos que empregar o verbo finito com uma conjunção, p. e. *postquam* (mais Ind. Pf.) ou *cum* (mais Subj. Impf. ou Msqupf.). Exemplo:

Caesar, cum in Galliam venisset/ postquam in Galliam venit, omnibus civitatibus frumentum imperavit	César, tendo chegado à Galia, mandou a tôdas as tribos fornecer trigo

Nota. A tradução mediante um verbo finito numa cláusula conjuncional ou relativa é a única possível, tratando-se de simultaneidade na V. P., uma vez que o Part. Pres. da V. P. não existe em latim. Exemplos:

Hic servus, cum torqueretur, clamorem non edidit	Quando êste escravo foi atormentado, não gritou, ou melhor: Êste escravo, ao ser atormentado, não gritou
Cives urbis, quae obsidetur, fame vexantur	Os cidadãos da cidade que é/está sendo cercada, estão atormentados pela fome

§ 23. **A falta do Part. Pres. de "esse".** — I. ***O particípio "ens, entis".*** Não existe em latim clássico o Part. Pres. do verbo *esse* ("sendo" ou "estando"); a forma *ens* (embora, segundo o gramático Prisciano, já usada por César num escrito perdido e criada por analogia com *praesens, absens, potens*), tornou-se forma viva só na Idade Média. Como poderemos traduzir, mediante uma construção participial, uma frase dêste tipo: "Aquela guerra se deu, quando nós éramos crianças"? A tradução será: *Illud bellum nobis pueris factum est.*

Muitas vêzes se explica o abl. abs. *nobis pueris* como forma elíptica de: *nobis pueris* (*entibus*). Explicação errônea, porque não pode haver elipse de palavras inexistentes. Na realidade temos aqui uma "frase nominal", isto é, uma frase composta só de elementos nominais, cuja conexão não precisa ser explicitada por um verbo de ligação. Exemplo é: "Tal pai tal filho"; cf. em latim; *Omnia praeclara rara* ('tudo o que é notável é raro"). A construção era bastante comum em indo-europeu; como continua sendo ainda em russo moderno; também o grego e o latim dela se serviam, embora o latim com certa moderação, devido à inexistência do artigo nesta língua; *magister doctus* (sem *est*) poderia significar: "o douto professor" e "o professor é douto"(1).

No abl. abs. *nobis pueris* não temos, a rigor, uma construção participial, visto que aqui não ocorre particípio, nem sequer há supressão de um particípio. A verdade é que o abl. abs. não precisa necessàriamente compor-se de um subst. (= sujeito) e de um part. (= predicado), mas que êste predicado pode ser expressado também por adjetivos ou por substantivos, que exprimam uma certa ação ou indiquem um certo estado.*

II. ***Outros exemplos:*** ADJETIVOS:

imprudens	imprudente	*reliquus*	restante
incolumis	incólume	*salvus*	salvo
invitus	a contragôsto de	*superstes*	supérstite, em vida
nescius	insciente	*vivus*	vivo

Cf. o emprêgo destas palavras nas seguintes frases:

Me nescio hoc fecisti	Fizeste isto sem que eu (o) soubesse
Parentibus invitis hunc librum legi	Li êste livro contra a vontade dos meus pais
Exiguā parte aestatis reliquā Caesar in Italiam rediit	Já que só uma pequena parte do verão restava, voltou César à Itália
Matre vivā hoc non fiet	Enquanto a mãe viver, isto não se dará
Dux exercitu incolumi rediit	O general voltou com o exército incólume

Nota. Por êste último exemplo vemos que os limites entre o abl. abs. e o abl. de modo/de tempo são muito vagos. Cf. ainda:

(1) O russo, que também não possui o artigo, diferencia os dois significados mediante duas formas distintas do adjetivo (a forma atributiva e a forma predicativa).

Mari tranquillo navigabimus	Se o mar estiver tranqüilo, navegaremos
Caelo sereno ambulabamus	Quando o céu estava sereno, passeávamos

2) Substantivos:

adulescens	adolescente	*praetor*	pretor
auctor	autor, conselheiro	*puer, puella*	menino, menina, criança
consul	cônsul	*regina*	rainha
dux	general	*rex*	rei
judex	juiz	*testis*	testemunha

Cf. o emprêgo destas palavras nas seguintes frases:

Cicerone Antonio(1) *consulibus Catilinae conjuratio facta est*	Sob o consulado de Cícero e Antônio deu-se a conjuração de Catilina
Dario rege/Zenobiā reginā illud bellum factum est	Sob o reinado de Dario/Zenóbia deu-se aquela guerra
Te auctore hoc iter feci	A teu conselho fiz esta viagem
Te duce hoc iter faciam	Sob tua direção/orientação farei esta viagem
Teste Deo verum dico	Deus é testemunha de que falo a verdade, ou: Falo a verdade, tomando Deus por testemunha.

III. ***Observações.*** 1) As palavras registradas acima não precisam necessàriamente estar no abl. abs., mas podem ocorrer em todo e qualquer caso com a mesma função. Exemplos:

Caesar hostes imprudentes adortus est	César atacou os inimigos, sem que êstes de nada suspeitassem
Magistro invito blandiris(2)	Adulas o professor sem êle querer
Pater me puerum in Italiam duxit	Meu pai me levou à Itália, quando ainda era menino

2) Havendo uma negação ou um elemento negativo na construção participial, podemos traduzir a expressão por "sem" ou "sem que"; cf. os dois primeiros exemplos dados acima (III, 1) e as seguintes frases:

(1) Nesta expressão sempre se omite *et*.
(1) O verbo *blandiri* rege o dativo.

Nullo adjuvante hoc opus perfeci	Sem que ninguém me ajudasse, terminei êste trabalho
Re infectā legati domum redierunt	Os embaixadores voltaram à pátria sem nada terem conseguido
Non erubescens hoc crimen fecit	Sem corar cometeu êste crime

§ 24. **O Particípio Perfeito.** — I. ***Simultaneidade expressa pelo Part. Pf.*** O Part. Pf. de alguns verbos depoentes que, conforme o esquema dado no § 18, I, deveria indicar anterioridade em relação à ação do verbo regente, indica SIMULTANEIDADE. Esta função é muito comum com as seguintes formas:

arbitratus	julgando	*oblitus*(1)	esquecendo-se de
ausus	ousando	*ratus* (*de rēri*)	julgando
complexus/amplexus	abraçando	*secutus*	seguindo
confisus	confiando	*solitus*	costumando
diffisus	desconfiando	*usus*	usando
gavisus	alegrando-se	*veritus*	temendo

Notas.

1) O Part. Pres. de *solēre* e de *rēri* não ocorre.
2) *Osus* e *perosus* (cf. *odisse*) significam "odiando".

II. ***Significado passivo.*** O Part. Pf. de vários depoentes pode ter, além do significado ativo, também o significado passivo. É impossível formular regras exatas a êsse respeito, sendo que só o contexto pode decidir esta questão. Aqui damos alguns particípios que possuem duplo significado:

adeptus	tendo (sido) obtido	*meditatus*	tendo (sido) premeditado
adhortatus / *cohortatus*	tendo (sido) exortado	*oblitus*	tendo (sido) esquecido
		pactus	tendo (sido) estipulado
commentus	tendo (sido) fingido	*partitus*	tendo (sido) dividido
confessus	tendo (sido) confessado	*populatus*	tendo (sido) devastado

III. ***Significado ativo.*** Alguns Part. Pf. de verbos não depoentes têm valor ativo, o que acontece também com certos Part. Pass. em português, p. e.: "*almoçado*" (em :"Meu amigo veio almoçado"), *agradecido, jurado* (em: "Os jurados se retiraram"), etc. Os mais importantes em latim são:

(1) Distingam bem *oblītus* (de *oblivisci* = "esquecer") de *oblĭtus* (de *oblinĕre* = besuntar, manchar, sujar").

cenatus	tendo ceado	*cenare*	cear
juratus	(tendo) jurado	*jurare*	jurar
osus / *perosus/exosus*	odiando	*odisse*	odiar
potus	tendo bebido embriagado	*bibĕre* (*potare*, vulgar)	beber
pransus	almoçado	*prandēre*	almoçar

§ 25. **Particularidades.** — I. O ***Particípio Futuro.*** O Part. Fut. pode, em latim pós-clássico, substituir uma cláusula final, construção talvez influenciada pelo grego. Exemplo:

Legati venerunt in urbem oraturi pacem	Embaixadores chegaram à cidade para implorar a paz

II. ***Partículas esclarecedoras.*** Para tornar mais claro o o valor de um part. semi-predicativo, o latim se serve muitas vêzes de partículas ou advérbios; êste emprêgo é relativamente raro em latim clássico, mas torna-se muito comum na época imperial. Mencionamos aqui:

1) *nisi* em construções participiais de valor condicional (negativo), p. e.:

Istud mihi in mentem non venisset, nisi admonito	Isso não me teria vindo à memória, se não me tivessem lembrado

2) *quippe* e *utpote* em construções participiais de valor causal, p. e.:

Caesar milites in castris continuit, utpote/quippe veritus insidias hostium	César reteve os soldados no acampamento, visto que temia uma cilada dos inimigos

3) *etsi*, *quamquam*, *quamvis* e *licet* em construções participiais de valor concessivo, p. e.:

Etsi/Quamquam/Licet invitus hoc iter faciam	Farei esta viagem, embora a contragôsto

4) *simul* em construções participiais de valor temporal, p. e.:

Simul adveniens cognovit patrem suum mortuum esse	Assim que chegou, soube a morte do seu pai

5) *quasi*, *tamquam* e *velut* em construções participiais de valor concomparativo condicional (português: "como se"); neste caso, o acréscimo é necessário. Exemplo:

Dux barbarorum saeviebat quasi/tamquam/velut cupiens omnes cives interficere	O general dos bárbaros estava enfurecido, como se quisesse matar todos os cidadãos

III. ***Observações.*** Muitas vêzes, o valor da construção participial é frisado por um advérbio na oração principal, p. e. *tamen* (concessivo) ou *statim* (temporal). Exemplos:

Invitus tamen hoc iter faciam	Farei esta viagem embora a contragosto
Urbe captā hostes statim domum redierunt	Logo depois da tomada da cidade, os inimigos voltaram à sua pátria*

§ 26. **A tradução de construções participiais.** — O latim faz uso larguíssimo de construções participiais, outro fator de brevidade e concisão. Alguns autores clássicos, sobretudo César, acumulam os particípios conjuntos e os ablativos absolutos dentro dos seus períodos a tal ponto que se torna impossível traduzi-los ao pé da letra. Ora, existem vários métodos de traduzir um particípio. Mencionamos aqui:

1) A TRADUÇÃO LITERAL. Muitas vêzes acontece que podemos conservar o particípio na tradução; o Part. Pres. vem a ser o gerúndio, o Part. Pf. é traduzido pelo particípio passado, e o Part. Fut. pela locução: "havendo de/devendo/estando para", etc. Exemplos: *dicens* ("dizendo"), *videns* ("vendo"), etc.; *hoc opere perfecto* ("terminado êste trabalho"), *hac oratione habitā* ("proferido êste discurso"), etc.; *sacrificaturus* ("estando para/devendo sacrificar"), *profecturus* ("devendo partir"), etc.

2) UMA CLÁUSULA RELATIVA OU CONJUNCIONAL. Esta tradução se recomenda sobretudo quando a construção participial em latim abrange objeto (direto e/ou indireto) e alguns complementos circunstanciais. Não precisamos ilustrar êste método, já que tôdas as páginas anteriores trataram do assunto.

3) UMA PROPOSIÇÃO REDUZIDA. O português tem um meio muito elegante de abreviar as cláusulas: são as proposições infinitivas reduzidas que vêm precedidas de uma preposição. É sobretudo o Inf. pessoal que aqui nos pode prestar serviços muito importantes. Exemplos:

legentes = "lendo" = quando líamos" = "ao lermos";

metuens = "temendo" = "porque temes" = "por temeres";

profecturus = "havendo de sair" = "antes que eu saísse" = "antes de sair";

laudato libro = "tendo sido elogiado o livro" = "depois de elogiar o livro".

4) UM SUBSTANTIVO (geralmente verbal), precedido de uma preposição. Também desta tradução já encontramos alguns exemplos. Registramos ainda:

te auctore	a teu conselho
ineunte vere	no início da primavera
duce Caesare	sob o comando de César
hoc bello confecto	depois (do fim) desta guerra
dormientes	durante o sono
Cicerone consŭle	sob o consulado de Cícero
persuasum sibi habentes	na firme convicção de que
exspectans	na expectativa de
affirmans	com a afirmação de

5) O DESMEMBRAMENTO DA FRASE. Havendo grande acúmulo de construções participiais, pode ser recomendável traduzir uma ou duas delas mediante uma frase coordenada à frase regente. Assim como, em português, a frase: "Pondo têrmo à disputa, eu disse que......", é igual à frase: "Pus têrmo à disputa e disse que.....", assim, também em latim, a frase: *Pilatus Jesum flagellatum crucifixit*, é igual a: *Pilatus Jesum flagellavit et crucifixit*. Cf. ainda:

Divitiacus auxilium oraturus Romam profectus re infectā rediit	Diviciaco foi a Roma para pedir auxílio, *mas* voltou sem nada ter conseguido

É desnecessário acrescentarmos que a arte de traduzir não consiste na aplicação mecânica de regras memorizadas, e sim na profunda compreensão do texto latino e no domínio perfeito dos recursos da língua vernácula. Para cumprir a primeira condição é indispensável estudar inteligentemente as regras da gramática, fazer muitos exercícios práticos (versões e traduções) e adquirir certa familiaridade com o estilo e o modo de pensar dos autores clássicos; para cumprir a segunda, é imprescindível a leitura dos bons autores da literatura nacional. Há vários caminhos que levam a Roma, mas nenhum dêles dispensa esfôrço e constante aplicação.

OUTROS EMPREGOS DO PARTICÍPIO LATINO

§ 27. **Accusativus cum Participio.** — Até agora estudamos o part. latino como substituto de cláusulas relativas, e sobretudo, conjuncionais. Mas cumpre vermos ainda alguns outros empregos do part. latino, em primeiro lugar o Accusativus cum Participio, que poderia ser considerado como variante do A. c. I.

I. ***Com verba percipiendi.*** Os verbos que exprimem percepção (sobretudo: *vidēre, cernĕre* e *audire*) pedem o Ac. c. Part., quando a percepção é imediata; caso contrário, são geralmente construídos com o A. c. I. Exemplos:

Video pueros currentes	Vejo os meninos correndo
Audio te canentem	Ouço-te cantando

Mas:

Video pueros cucurrisse	Vejo que os meninos correram (porque estão suados)
Audio te illā nocte insolitum cecinisse	Ouço (= Ouvi falar) que naquela noite cantaste contra o teu costume

II. ***Com os verbos que significam apresentar.*** Os verbos *facĕre, inducĕre* e *fingĕre* são muitas vêzes usados no sentido de "apresentar, introduzir, fazer" uma pessoa ou coisa numa obra de ficção literária. Exemplos:

Homerus equum Achillis loquentem facit/inducit/fingit	Homero apresenta o cavalo de Aquiles como falando
Plato Socratem disputantem facit cum amicis de immortalitate animae	Platão faz Sócrates disputar com seus amigos sôbre a imortalidade da alma

Nota. Nesta combinação encontramos também muitas vêzes o A c. I.

III. ***Com verba voluntatis.*** Os verba voluntatis pròpriamente ditos (*velle, nolle, malle* e *cupĕre*) são muitas vêzes construídos com o Inf. Pf. da V. P., mas visto que o elemento *esse* quase sempre falta, temos geralmente um Ac. c. Part. A construção encontra-se algumas vêzes em prosa clássica, mas torna-se freqüente na literatura da época imperial. Exemplos:

Majores nostri Corinthum exstinctam (esse) voluerunt	Nossos antepassados quiseram a destruição total de Corinto
Monitos eos volo	Quero advertí-los

Nota. A expressão: *Monitos eos volo,* é mais enérgica do que: *Monere eos volo.*

§ 28. **O particípio como substantivo verbal.** — O latim clássico gosta de expressões concretas, fazendo pouco uso de palavras abstratas. O número de substantivos verbais (*nomina actionis*) em latim é muito menor do que em português, e mesmo que existam, a prosa clássica se serve dêles muito menos do que as línguas modernas.

I. ***Uma construção concreta.*** A frase portuguêsa: "A perda de Sicília atormentava Hamílcar" pode ser traduzida, ao pé da letra, desta forma: *Amissio Siciliae vexabat Hamilcarem;* mas, por via de regra, a linguagem clássica prefere outra construção: *Sicilia amissa vexabat Hamilcarem* (literalmente: "A Sicília perdida atormentava a Hamílcar"). O que, em português, é a idéia principal e, portanto, a palavra regente ("a perda"), torna-se, em latim, uma idéia secundária e, portanto, palavra regida, e *vice versa;* por outras palavras, *amissa* (que, como adjetivo, é palavra secundária e regida por *Sicilia,* que é substantivo) envolve, do nosso ponto de vista, a idéia principal, vindo a ser, em português, um substantivo verbal de que *Sicilia* se torna uma idéia complementar.

II. ***Outros exemplos.*** Esta construção, muito mais usada com o Part. Pf. do que com os outros particípios, encontra-se não só no nom., mas também nos casos oblíquos. Damos os seguintes exemplos:

Fruges crescentes agricolas gaudio afficiunt	O crescimento dos frutos (da terra) enche os agricultores de alegria
Caesar injuriam legati necati ultus est	César vingou a afronta que consistia no assassínio do seu embaixador
Ab Urbe condită	Depois da fundação da Cidade
Ante/Post Christum natum	Antes/Depois do nascimento de Cristo
De homine occiso agitur	Trata-se de homicídio
Commutatis legibus opus est(1)	É necessária uma modificação das leis

(1) A locução *opus est* pede o abl.

Assim também sem substantivo:

Facto/consulto opus est	É preciso agir/deliberar

§ 29. **Adjetivação e Substantivação.** — Os particípios latinos podem perder seu caráter verbal, isto é, podem cessar de indicar tempo relativo e de exercer uma certa regência: neste caso falamos em "adjetivação" do particípio. E assim como um adjetivo pode ser substantivado, assim também um particípio adjetivado pode acabar sendo usado como substantivo. O mesmo se deu também com muitos particípios portuguêses (p. e.: "correto, extinto, recluso", etc.), principalmente com os antigos particípios ativos do presente (p. e.: "ouvinte, lente, falante", etc.).

I. ***Adjetivação.*** 1) Part. Pres. p. e.:

absens	ausente	*potens*	poderoso
arrogans	arrogante	*praesens*	presente
diligens	diligente	*providens/prudens*	prudente

Notas.

1) Particípios adjetivados admitem os graus comparativo e superlativo, p. e.: *diligens, diligentior, diligentissimus.*

2) Muitos dêles têm um advérbio derivado, p. e.: *diligens* e *diligenter; prudens* e *prudenter*, etc.

3) Algumas formas em *–ans* e *–ens* podem ser usadas como adjetivos, sem deixar de exercer a função participial, p. e.: *amans, appetens, neglegens, fugiens, patiens, metuens*, etc. Estas palavras, quando adjetivadas, exprimem uma qualidade permanente e regem o gen. (o chamado genitivo de relação, cf. § 90, II); quando usadas como particípios, conservam a regência do verbo. Exemplos:

Barbari fugientes tela Romanorum in sua oppida se receperunt	Os bárbaros, fugindo aos dardos dos romanos, retiraram-se às suas fortalezas
Barbari fugientes laborum sunt	Os bárbaros são avêssos ao trabalho
Flumen navium patiens	Um rio navegável
Dux patiens frigoris	Um general que agüenta bem o frio
Vir impotens sui	Um homem incapaz de dominar-se

2) Part. Pf., p. e.:

acutus	agudo	*praeteritus*	pretérito, pasado
doctus	douto	*rectus*	reto

Nota. Também êstes part. admitem comparativo e superlativo, como também formações adverbiais, p. e.: *rectus, rectior, rectissimus, recte*, etc.

3) Part. Fut.

Em latim clássico usam-se apenas *futurus* e *venturus* ("futuro/vindouro").

II. ***Substantivação.*** Devido à inexistência do artigo em latim, a substantivação é muito menos freqüente do que nas línguas modernas e em grego. Damos alguns exemplos:

1) Part. Pres., p. e.:

adulescens	o adolescente	*discens*	o aluno
continens	o continente	*sapiens*	o sábio

Nota. Feita abstração de alguns particípios substantivados, dos quais já registramos os mais importantes, a prosa clássica usa essas formas muito pouco, evitando-as principalmente no nom. e ac. (sg. e pl.) dos gêneros masc. e fem. Nestes casos preferem-se circunlocuções do tipo: *qui dicit* ("o orador"), *qui audiunt* ("os ouvintes"), *qui absunt* ("os ausentes"), etc. As formas: *dicentium, audientium* e *absentium*, etc. são mais comuns. Mas, em geral, predomina em latim a tendência de considerar o Part. Pres. como semi-predicativo, de modo que a frase: *Legens hunc librum consentiet mecum*, não significa: "Quem ler êste livro, concordará comigo", mas: "Se êle ler êste livro, concordará comigo".

2) Part. Pf., p. e.:

acta	feitos, ou relatório	*praefectus*	prefeito
ausa	feitos ousados	*praetexta* (sc. *fabula*)	comédia de argumento latino
coepta	iniciativas	*plus solito*	fora do comum
conata	tentativas	*sponsus*	noivo
inceptum	iniciativa, plano		

cf. a expressão: *acta agĕre* = "fazer coisas já feitas"

3) Part. Fut.

Em latim clássico, so: *futurum* e *ventura*: "o futuro".

CAPÍTULO III

O GERÚNDIO E O GERUNDIVO

§30. **A natureza do gerúndio e do gerundivo.** — I. ***O Gerúndio.*** O latim usa o Inf. no nom. e no ac., como sujeito e como objeto da frase, respectivamente (cf. §§2–3):

Scribere utile est (Inf. subj.)	(O) escrever é útil
Volo scribere (Inf. obj.)	Quero escrever

1) Mas bem cedo deve ter nascido o desejo de usar o Inf. também em frases dêste tipo: "A arte *de escrever* é útil". Como exprimir a relação do genitivo? O latim não possuía o artigo definido que, em grego, servia para exprimi-la, e devia ter escrúpulos em usar preposições, tal como faz o português, parafraseando o gen., o que seria contrário ao seu sistema flexional. Por isso criou os casos oblíquos do Inf.: *scribendi* ("de escrever"), *scribendo* ("a escrever"), (*ad*) *scribendum* ("para escrever") e *scribendo* ("por escrever"). Estas quatro formas, das quais o ac. nunca é usado sem preposição, constituem os casos oblíquos do Inf. Pres. da V. A. substantivado: são as formas do chamado gerúndio. Mediante elas podemos exprimir, entre outas, as seguintes relações:

Ars scribendi utilis est (gen.)	A arte de escrever é util
Amicus meus aptus est scribendo (dat.)	Meu amigo é apto a escrever
Amicus meus domum rediit ad scribendum (ac.)	Meu amigo voltou à casa para escrever
Amicus meus scribendo certiorem me fecit de adventu suo (abl.)	Meu amigo por escrito = (mediante o ato de escrever/escrevendo) me informou da sua chegada

2) O gerúndio latino, apesar de ser substantivo verbal, pode, pelo menos no gen. e no abl., conservar a regência do verbo. Exemplos:

Ars scribendi epistulas utilis est	A arte de escrever cartas é útil
Amicus meus scribendo epistulam certiorem me fecit de adventu suo	Mediante o escrever/Escrevendo uma carta, meu amigo me informou da sua chegada

3) Alguns verbos latinos pedem o dat., tais como: *blandiri* ("adular"), *nocēre* ("prejudicar"), *favēre* ("favorecer"); *parcĕre* ("poupar"); o gerúndio dêstes verbos tem a mesma regência, p. e.:

Habebat spem favendi civibus suis	Tinha a esperança de favorecer seus concidadãos
Parcendo uni omnibus parces	Por poupares/Poupando a um só, pouparás a todos

4) Alguns verbos latinos pedem o abl., tais como: *uti* ("usar"), *abuti* ("abusar"), *frui* ("desfrutar, gozar"), *fungi* ("cumprir, exercer"), *vesci* ("alimentar-se de") e *potiri* ("apoderar-se de"); o gerúndio dêstes verbos tem a mesma regência, p. e.:

Habebat spem potiendi urbe	Tinha a esperança de se apoderar da cidade
Potiendo hac urbe totam regionem subegit	Por apoderar-se desta cidade subjugou tôda a região

Nota. O gerúndio será estudado no §31.

II. ***O Gerundivo.*** O gerundivo (tipo: *scribendus, scribenda, scribendum*) é a d j e t i v o verbal e, como tal, deve concordar em número, gênero e caso com o substantivo a que se refere, p. e.: *vir amandus, viri amandi, femina amanda, feminae amandae*, etc. Quanto às suas funções, poderíamos resumi-las desta maneira:

1) *A construção "gerundival"*. A frase latina, construída com o gerúndio, que há pouco encontramos (cf. I, 2): *Ars scribendi epistulas utilis est*, pode ser construída também com o gerundivo: *Ars epistularum scribendarum utilis est*. É a chamada "construção gerundival", que havemos de estudar no §32.

2) *Participium necessitatis*. O gerundivo latino exerce muitas vêzes a função de "particípio de necessidade", sempre da V. P.; o têrmo é enganador, porque o gerundivo exprime não só necessidade (em port.: "ter que/de"), mas também obrigação (em port.: "dever"), como se pode ver pelos seguintes exemplos:

Moriendum est omnibus hominibus	Todos os homens têm de morrer
Tibi amanda est patria	Deves amar a pátria

Nota. O agente do participium necessitatis está no dativo (cf. nos exemplos: *omnibus hominibus* = "por todos os homens" e *tibi* = "por ti").

3) *Participium possibilitatis.* Esta função, muito menos comum do que a anterior, encontra-se, em latim clássico, quase exclusivamente em frases negativas ou de tendência negativa.

Nota. O gerundivo como *part. necessitatis* e *part. possibilitatis* será estudado nos §§ 33–34.

4) *Participium Futuri da V. P.* Esta função, ao contrário do que muitas gramáticas sugerem, é extremamente rara em latim clássico, passando a ser usada correntemente só no século IV d. C., p. e. na frase: *Hannibal cum tradendus Romanis esset, venenum bibit* = *Hannibal, cum in eo esset ut Romanis traderetur, venenum bibit* ("Quando Haníbal estava quase a ponto de ser entregue aos romanos, tomou veneno"). O escopo dêste livro não nos permite examinarmos de perto esta função do gerundivo.

§ 31. **O gerúndio latino.** — As quatro formas do gerúndio latino são empregadas da seguinte maneira:

I. ***Genitivo.*** Usa-se no gen. em combinação com certos substantivos e adjetivos, e com as palavras *causā* e *gratiā*.

1) Substantivos. Êstes subst. exprimem uma idéia genérica, a qual vem sendo particularizada pelo gen. (cf. § 88, VI). Tais substantivos são entre outros:

ars	a arte	*occasio*	a ocasião
consilium	o plano, a decisão	*potestas*	o poder
consuetudo	o costume	*ratio*	o método
desiderium	o desejo	*spes*	a esperança
facultas	a faculdade	*studium*	o esfôrço
metus	o mêdo	*tempus*	o tempo
mos	o costume	*venia*	a licença
necessitas	a necessidade	*voluntas*	a vontade

Exemplo:

Ars natandi utilissima est	A arte de nadar é muito útil

2) Adjetivos, que pedem o gen. Damos os seguintes exemplos:

avidus	desejoso de	*insuetus*	não acostumado a
cupidus	desejoso de	*memor*	lembrado de
immemor	esquecido de	*peritus*	perito em
imperitus	imperito em	*studiosus*	estudioso de

Exemplo:

Amicus meus peritissimus est natandi	Meu amigo é muito perito em nadar

3) As "pós-posições" *causā* e *gratiā*, que exprimem finalidade (cf. § 140); exemplo:

Amicus meus huc venit natandi causā/gratiā	Meu amigo veio aqui para nadar

II. ***Dativo.*** O gerúndio usa-se no dat. com certos verbos, substantivos e adjetivos.

1) Com os seguintes VERBOS:

dare operam	dedicar-se a
studēre	aplicar-se a
impendĕre tempus	despender tempo em
praeficĕre	nomear superintendente de
esse	estar em condições para, ser capaz de
praeesse	chefiar, orientar
adesse	assistir

Exemplo:

Amicus meus magnopere studet natando	Meu amigo se aplica muito à natação

2) Com alguns SUBSTANTIVOS que indicam títulos oficiais, tais como: *duumviri, triumviri/tresviri, decemviri*, etc. e também com o subst. *comitia* ("assembléia do povo"); nestas combinações, o gerúndio exprime a finalidade do cargo ou da assembléia. Exemplo:

Duumviri dicti sunt sacrificando(1)	Foram nomeados dois homens para oferecer um sacrifício

3) Com os ADJETIVOS: *aptus, idoneus* e *accommodatus*, os quais podem ser construídos também com a preposição *ad* mais ac. Exemplos:

Amicus meus valde idoneus est natando	Meu amigo tem muita aptidão para a natação

Nota. Êste esquema relativo ao emprêgo do dat. do gerúndio tem mais valor teórico do que prático, visto que o gerúndio, neste caso, é muito pouco usado em latim clássico, encontrando-se quase exclusivamente nas duas seguintes expressões: *non esse solvendo* ("ser insolvente") e *adesse scribundo* ("assistir à redação de uma lei").

III. ***Acusativo.*** O ac. do gerúndio emprega-se exclusivamente combinado com uma preposição: a preposição é geral-

(1) *Dicĕre* significa muitas vêzes: "nomear"; *creare* quer dizer: "eleger".

mente *ad;* às vêzes, *in;* raramente, *ob* (em fórmulas jurídicas); em latim da época imperial, *inter* (para indicar simultaneidade, onde o latim clássico emprega *in* mais abl.)

1) COM A PREPOSIÇÃO "AD", o gerúndio é empregado com verbos para exprimir finalidade (cf. as palavras *causā* e *gratiā*), e também em combinação com os adjetivos *aptus, idoneus, accommodatus, facilis, difficilis, paratus* (= "pronto, disposto") e *necessarius*. Exemplos:

Amicus meus venit huc ad natandum	Meu amigo veio aqui para nadar
Amicus meus valde idoneus est ad natandum	Meu amigo tem muita aptidão para a natação

Nota. As preposições *ob* e *in* exercem a mesma função de *ad*, mas são muito menos usadas (nunca com os adjetivos registrados: só com verbos).

2) COM A PREPOSIÇÃO "INTER", o gerúndio é usado, em latim arcaico e da época imperial, para indicar simultaneidade, onde o português emprega "durante" ou "ao". Exemplo:

Amicus meus inter natandum animadversus est a latronibus	Durante o ato de/Ao nadar, meu amigo foi notado por ladrões

IV. ***Ablativo.*** O abl. do gerúndio é usado sem e com preposição.

1) SEM PREPOSIÇÃO, o abl. do gerúndio funciona quase sempre como instrumental, raras vêzes como causal. Exemplos:

Amicus meus vitam patris natando servavit (instrumental)	Meu amigo salvou nadando a vida de seu pai
Amicus meus gaudet natando (causal)	Meu amigo deleita-se em nadar

Nota. Na frase: *Amicus meus vitam patris natando servavit*, o abl. *natando* exprime o meio ou o instrumento ("nadando" = "por nadar"), o que muitas vêzes pode ser traduzido pelo "gerúndio" português. Mas, se êste exerce outra função (p. e. a função condicional, causal, ou temporal), não se pode usar o abl. do gerúndio latino, mas emprega-se geralmente o Part. Pres. ou uma cláusula conjuncional. Em latim vulgar, porém, era bastante comum usar o abl. do gerúndio (sem ou com *in*) no sentido de um abl. de modo, p. e. na frase: *Bellum ambulando* (= *ambulantes*) *confecimus* ("Terminamos a guerra passeando"); cf. também a célebre frase de Vergílio: *Quis talia fando* (= *fans*) *temperet a lacrimis?* ("Quem, ao narrar tais coisas, poderia abster-se de lágrimas?"). Daí as construções: (*en*) *chantant* e (*em*) *cantando*, nas línguas românicas.

2) COM PREPOSIÇÃO, o abl. do gerúndio é usado nestas combinações: com *in* (para indicar simultaneidade: "durante o/ao"); com *de* ("acêrca de, a respeito de", etc.); com *a(b)* e *e(x)* para indicar a origem ("de", etc.). Exemplos:

Amicus meus in natando animadversus est a latronibus	Durante o ato de/Ao nadar, meu amigo foi notado por ladrões
Amici mei de natando colloquebantur	Meus amigos conversavam sôbre a natação
Natatio e/a natando appellata est	A palavra "natação" deriva de "nadar"

§ 32. **O gerúndio e o gerundivo.** — Já vimos que a frase: *Ars scribendi epistulas utilis est,* pode ser substituída por: *Ars epistularum scribendarum utilis est* (cf. § 30, II, 1). Traduzindo esta última frase ao pé da letra, teríamos: "A arte de cartas que estão por escrever é útil", uma construção mais concreta do que a primeira, e muito semelhante àquela outra que já encontramos (cf. § 28): *Sicilia amissa vexabat Hamilcarem.* Na construção "gerundival", o latim faz o objeto direto do gerúndio (*epistulas*) depender direamente da paavra regente (*ars*), pondo-o no gen. (*epistularum*), caso em que, na outra construção, estava o gerúndio (*scribendi*); partindo do gen. *epistularum,* compreendemos fàcilmente que o gerundivo (que é adjetivo) deve concordar em númerc, caso e gênero com seu substantivo, e assim se explica a forma: *epistularum scribendarum*(1).

I. ***Exemplos paralelos.*** Quando, em português, o Inf. (nos casos oblíquos) reger um objeto direto, o latim poderá sempre usar a construção gerundival, ao passo que o emprêgo do gerúndio se limita a alguns poucos casos. Damos aqui uma lista de exemplos paralelos, na mesma ordem do § 31; na coluna esquerda se encontram os exemplos com o gerúndio, na direita os com o gerundivo.

1) GENITIVO.

a) Substantivos:

Ars scribendi epistulas utilis est	*Ars epistularum scribendarum utilis est*

b) Adjetivos:

Amicus meus peritissimus est scribendi epistulas	*Amicus meus peritissimus est epistularum scribendarum*

(1) Do ponto de vista da gramática histórica, a construção gerundival é anterior à construção gerundial.

c) Com *causā* e *gratiā*:

(não existe)	*Amicus meus huc venit epistularum scribendarum causā/gratiā**

2) Dativo.

a) Verbos:

(não existe)	*Amicus meus magnopere studet epistulis scribendis*

b) Substantivos:

(não existe)	*Decemviri dicti sunt legibus scribundis*(1)

c) Adjetivos:

(não existe)	*Amicus meus valde idoneus est epistulis scribendis*

3) Acusativo.

a) Com *ad*:

(não existe)	*Amicus meus venit huc ad epistulas scribendas*
(não existe)	*Amicus meus valde idoneus est ad epistulas scribendas*

b) Com *inter*:

(não existe)	*Amicus meus inter epistulas scribendas obdormivit* ("adormeceu")

4) Ablativo.

a) Sem preposição:

Amicus meus scribendo epistulam certiorem me fecit de adventu suo	*Amicus meus epistulā scribendā certiorem me fecit de adventu suo*
Amicus meus gaudet scribendo epistulas	*Amicus meus gaudet epistulis scribendis*

b) Com preposição:

(não existe)	*Amicus meus in epistulis scribendis obdormivit* ("adormeceu")
(não existe)	*Amici mei de epistulis scribendis colloquebantur*

II. ***Regras.*** Agora estamos capacitados para formular as seguintes regras:

(1) A frase significa: "Dez homens foram nomeados para codificar as leis"; nesta expressão se usa sempre a forma arcaica *scribundis*. Aliás, em Cícero encontramos muitas vêzes gerundivos em *–undus*.

1) Quando o Inf. não reger objeto direto, pode-se usar apenas o gerúndio (cf. §31); 2) Quando o Inf. reger objeto direto, sempre se pode usar o gerundivo; 3) Quando o Inf. reger objeto direto, pode-se usar o gerúndio só no genitivo (mas não com "causā" e "gratiā") e no ablativo (mas não com preposição).

III. ***Observações.*** 1) Também nos casos em que se pode usar o gerúndio, o latim prefere, em geral, o gerundivo, sendo que êste vem a ser evitado por motivos de eufonia (sobretudo no gen. pl.), se houver acúmulo da desinência *-orum* ou *-arum*, p. e. neste caso:

Consilium cepit interficiendi hos viros improbos (não: *horum virorum improborum interficiendorum*)	Tomou o plano de matar êstes homens desonestos

Nota. Esta frase poderia ser traduzida também: *Concilium cepit interficere hos viros improbos* (Inf. objetivo, cf. §3, II). — Reparem bem na dupla construção de certas outras locuções, p. e.: *Mos est ambulandi/ambulare* (cf. §2, II, 2), etc.

2) Em cláusulas finais de valor negativo não se pode usar *ad non* mais gerúndio/gerundivo, mas deve-se empregar a conjunção *ne* mais Subj. (cf. §144, I).

3) Os verbos latinos que pedem o dat. (cf. §30, I, 3), não admitem a construção gerundival. A frase já encontrada: *Parcendo uni omnibus parces*, não pode ser substituída por: *Uno parcendo omnibus parces.* Mas os verbos que pedem o abl. (cf. §30, I, 4), podem ser construídas de duas formas, porque antigamente eram verbos transitivos. Exemplos:

Spes potiendi urbe } *Spes urbis potiendae* }	A esperança de se apoderar da cidade
Mos utendi sermone modesto } *Mos sermonis modesti utendi* }	O costume de se servir de linguagem simples

4) Há uma diferença entre: *Duces collocuti sunt de ponte deleto* (cf. §28), e: *Duces collocuti sunt de ponte delendo;* as duas frases poderiam ser traduzidas: "Os generais conversaram sôbre a destruição da ponte", mas, na primeira, a ponte já está destruída, ao passo que, na segunda, ela está por destruir ainda.

§33. **Necessidade e Possibilidade.** — I. ***O emprêgo atributivo.*** É bastante raro, em latim clássico, o emprêgo atributivo do

gerundivo como part. de necessidade; mencionamos aqui as seguintes formas que podem funcionar como verdadeiros adjetivos:

(ad)mirandus = mirabilis, mirus	*laudandus = laudabilis*
amandus = amabilis	*metuendus = terribilis*

Mais comum é o emprêgo atributivo do gerundivo precedido de *non;* nesta combinação, o gerundivo adquire afôrça de um adjetivo que indica impossibilidade, p. e.: *dolores non ferendi* ("dôres insuportáveis"), *vir non contemnendus* ("um homem não desprezível"), etc. (Cf. também, no emprêgo predicativo: *Vix credendum erat* ("não era de crer").

II. ***O emprêgo predicativo.*** Em frases afirmativas, o gerundivo nunca pode funcionar como particípio de possibilidade. *Hic discipulus corrigendus est* significa apenas: "Êste aluno deve ser corrigido", e nunca: "Êste aluno pode ser corrigido" (seria: *Hic discipulus corrigi potest).*

Por outro lado, a forma negativa de um gerundivo latino, sobretudo como predicado, admite várias interpetações:

Hoc onus non est ferendum {
Esta carga não deve ser suportada
Esta carga não pode ser suportada
Esta carga não precisa ser suportada

§ 34. **O emprêgo predicativo do part. necessitatis.** — Incomparàvelmente mais importante do que emprêgo atributivo é o emprêgo predicativo do part. de necessidade em latim. Distinguimos aqui dois casos: com o verbo *esse,* e com certos verbos transitivos-relativos.

I. ***Com esse.*** 1) Para podermos traduzir a frase portuguêsa: "Devo escrever uma carta" mediante um gerundivo latino, precisamos convertê-la primeiro numa construção passiva: "Uma carta deve ser escrita por mim". A tradução será: *Epistula scribenda est mihi.* Como se vê por êste exemplo, o complemento circunstancial de agente ("por mim") não vai para o abl. mais *ab,* mas sim para o dat. (cf. § 78, I, 5). É importante notar-se também que todos os tempos e modos do verbo *esse* podem ser empregados. Exemplos:

Epistulae scribendae erant vobis	Devíeis escrever as cartas
Hic liber nobis legendus erit	Deveremos ler êste livro
Arae his puellis ornandae sunt	Estas meninas devem enfeitar os altares

2) Esta construção se encontra também muitas vêzes no A. c. I., dependente de um verbum sentiendi vel declarandi,

principalmente com os verbos *censēre statuĕre, constituĕre* e *decernĕre* ("decidir-se a"), p. e.:

Parentes mei statuerunt hoc iter sibi faciendum (esse)	Meus pais julgaram dever fazer esta viagem = Meus pais se decidiram a fazer esta viagem
Quid mihi (esse) faciendum censetis?	O que julgais que devo fazer?

3) Sendo intransitivo o verbo latino, só se poderá usar a forma impessoal (= sg. neutro) do gerundivo (cf. § 40, III); a êste grupo pertencem também os verbos que pedem o gen., o dat. ou o abl. (cf. § 30, I, 3–4). Exemplos:

Abeundum est pueris e templo	Os meninos devem sair do templo
Bene tibi est utendum tempore	Deves usar bem o tempo
Obliviscendum(1) *est nobis injuriarum acceptarum*	Devemos esquecer as ofensas recebidas
Parcendum erit a rege mulieribus urbis captae	O rei deverá poupar as mulheres da cidade tomada

Nota. Os verbos que pedem o dat., têm em geral o complemento de agente no abl. com *ab* para evitar equívocos. *Tibi parcendum erit amico tuo* poderia significar: "Deverás poupar teu amigo", mas também: "Teu amigo te deverá poupar"; por isso mesmo se diz, ou: *A te parcendum erit amico tuo*, ou então: *Tibi parcendum erit ab amico tuo.**

II. ***Com verbos transitivos-relativos.*** 1) Com os verbos que significam "entregar, confiar, assumir, dar, deixar, mandar", etc. emprega-se o ac. do gerundivo para indicar finalidade; o gerundivo deve concordar em caso, número e gênero com o objeto direto. Os principais verbos que admitem esta construção são:

accipĕre	aceitar, receber	*permittĕre*	permitir, deixar
concedĕre	conceder	*relinquĕre*	deixar (= abandonar)
curāre	mandar, fazer	*suscipĕre*	assumir
dare	dar	*tradĕre*, *committĕre*	entregar, confiar

2) Exemplos:

Dux pontem militibus delendum curat	O general faz os soldados destruir a ponte
Dedi tibi duos libros legendos	Dei-te dois livros para os leres

(1) O verbo *oblivisci* pede o genitivo (cf. § 89, I, 1).

Rex barbarorum permisit suis urbem incendendam (= sivit suos urbem incendere)	O rei dos bárbaros permitiu que os seus incendiassem a cidade, ou:... deixou os seus incendiar a cidade
Parentes mei hanc puellam educandam susceperunt	Meus pais assumiram a educação desta menina
Senatus Ciceroni Siciliam defendendam tradidit/commisit	O senado confiou a Cícero a defesa de Sicília
Relinquamus aliquid porcis comedendum!	Deixemos alguma coisa para os porcos comerem!

Nota. Os dativos: *militibus, tibi, suis,* etc., exprimem o objeto indireto do verbo regente e, ao mesmo tempo, o agente do gerundivo; não são elementos indispensáveis, p. e.: *Dux pontem delendum curat; Parentes mei hanc puellam educandam susceperunt,* etc.

3) A tradução varia muito: às vêzes, recomenda-se o emprêgo de um substantivo verbal (*educandam; defendendam*); outra vêz, é preferível o emprêgo de uma proposição infinitiva, sem ou com preposição (*delendum; legendos; comedendum*), ou então o de uma cláusula (*incendendam*).

4) A mesma construção ocorre também na V. P., por exempli: *Duo libri tibi legendi dati sunt; Haec puella educanda suscepta est; Sicilia Ciceroni defendenda tradita/ commissa est,* etc.

CAPÍTULO IV

O SUPINO

§35. **O supino primeiro.** — I. ***A função final do Supino I.*** O supino primeiro, ou o supino em *–tum*, (*–sum*) é no fundo o ac. sg. de um substantivo verbal em *–us;* sua função sintática era a de indicar direção ou movimento (é o chamado "acusativo de direção", p. e. *domum redeo:* "volto à casa", cf. §70), Assim se explica a construção: *laudatum venio* ("venho para louvar"). Êste supino, embora forma nominal, podia reger um objeto, p. e. *Legati venerunt rogatum auxilium* ("vieram embaixadores para pedir auxílio").

O supino primeiro exprime, portanto, finalidade, mas de acôrdo com a sua origem histórica pode ser usado apenas com verbos de movimento como: *ire, venire, redire, proficisci, mittĕre, dimittĕre,* e também com verbos dêste tipo: *dare, collocare,* etc., pelo menos em algumas expressões. Exemplos:

Venit huc natatum	Êle vem aqui para nadar
Cenā finitā cubitum iit	Depois da ceia foi deitar-se
cf. *nuptum dare* / *nuptum collocare*	dar em matrimônio (uma filha)

II. ***Observações.*** 1) O Inf. Fut. da V. P. (tipo: *scriptum iri*) contém o supino primeiro; a locução: *scriptum eo epistulam,* significa: "vou escrever uma carta"; assim se originou também a forma impessoal da V. P.: *scriptum itur epistulam:* "vai-se escrever uma carta" (em francês: *on va écrire une lettre*), e daí: *scriptum iri epistulam.*

2) Para indicar a finalidade, o latim dispõe de várias construções:

a) *causā* ou *gratiā,* mais gerúndio/gerundivo (cf. §32, I, 1c), p. e.

Amicus meus venit huc natandi causā/gratiā	Meu amigo veio aqui para nadar

b) *ad,* mais ac. do gerúndio/gerundivo (cf. §32, I, 3a), p. e.:

Amicus meus venit huc ad natandum	Meu amigo veio aqui para nadar

c) o dat. do gerúndio/gerundivo, mas sòmente depois de certos substantivos (cf. §32, I, 2b), p. e.:

Amicus meus duumvir creatus est sacrificando	Meu amigo foi nomeado duúnviro para fazer um sacrifício

d) o supino primeiro, mas sòmente depois de verbos de movimento (cf. § 35, I), p. e.:

Amicus meus huc venit natatum	Meu amigo veio aqui para nadar

e) cláusula final, introduzida por *ut:* "para que", ou *ne:* "para que não" mais o Subj. do Pres. ou do Impf. (como em português), p. e.:

Amicus meus Romam proficiscitur ut templa deorum visat	Meu amigo vai a Roma para que visite/para visitar os templos dos deuses
Amicus meus Romam profectus est ne occasionem amitteret Caesaris videndi	Meu amigo foi a Roma para que não perdesse/para não perder a oportunidade de ver César

§ 36. **O supino segundo.** — I. ***O emprêgo do Supino II.*** O supino II, ou o supino em *-tu* (*-su*), era originàriamente o dat. (ou o abl.) de um substantivo verbal em *-us*. Seu emprêgo se limita quase exclusivamente a verbos que significam: "dizer" (p. e.: *dictu, memoratu*, etc.), "compreender" e "perceber" (p. e.: *cognitu, scitu, intellectu, auditu, visu*, etc.) e "fazer" (p. e.: *factu*); é combinado com certo tipo de adjetivos, tais como: *facilis, difficilis, turpis, pulcher, terribilis, jucundus, mirabilis, incredibilis*, etc., e com as locuções: *fas est* e *nefas est*. O supino segundo não pode reger um objeto, mas sim um A. c. I. ou uma pergunta indireta (cf. § 64). Exemplos:

Haec res est facilis dictu, sed difficilis factu	Esta coisa é fácil de dizer, mas difícil de fazer
Mirabile dictu!	Admira dizer
Fas est auditu / *Fas est audire* (cf. § 2, II, 2)	É lícito ouvir, ou: Pode ouvir-se
Nefas est dictu miseram fuisse talem senectutem	É ilícito/ímpio dizer que uma velhice desta natureza tenha sido infeliz
Difficile est dictu, quanto in odio simus (cf. § 60, III)	É difícil dizer quanto somos odiados

II. ***Observações.*** 1) A análise certa é: *Hoc est* ‖ *facile dictu*, não: *Facile est* ‖ *hoc dictu;* nesta hipótese, a construção latina seria: *Facile est* ‖ *hoc dicere*. Cf. em português: "Isto é fácil de dizer", e: "É fácil dizer isto".

2) Com os adjetivos *facilis* e *difficilis* o latim usa muitas vêzes também *ad* mais gerúndio/gerundivo, de modo que *facile dictu* = *facile ad dicendum* (cf. § 32, I, 3a).

Capítulo V

AS CATEGORIAS DO VERBO FINITO

§37. **Observações preliminares.** — A forma latina *laudavissent* pode ser analisada e determinada dêste modo: 3.ª pess. pl. Msqupf. Subj. da V. A. Em sentido inverso, mediante a denominação: 2.ª pess. sg. Fut. Impf. Ind. da V. P., pode ser construída a forma *laudaberis*. Esta simples observação nos ensina que, em latim, há cinco fatôres que determinam uma forma do verbo finito(1). Êstes cinco fatôres são: pessoa, número, tempo, modo e voz.

I. ***Pessoa.*** Há três pessoas em latim, como também em português: a primeira (quem fala ou escreve); a segunda (a quem se dirige a palavra); a terceira (todos os indivíduos fora dêsses dois grupos). Exemplos escusáveis.

II. ***Número.*** Em latim histórico, havia dois números: o singular e o plural; em indo-europeu existia, além disso, o "dual", usado para exprimir a dualidade. Esta forma sobrevive em alguns idiomas, p. e. em grego (sobretudo no dialeto ático). Em latim subsistem apenas alguns resíduos escassos do dual (p. e. nas palavras: *duo* e *ambo*), sem nenhuma importância para a conjugação do verbo.

III. ***Tempo.*** 1) Em latim histórico, havia seis tempos. Três eram derivados do tema do chamado "Infectum" (p. e. do verbo *stare*, a forma: *sta–*), a saber:

Presente: *sto, stas, stat,* etc.; *stem, stes, stet,* etc. (< *sta–e–m, sta–e–s, sta–e–t,* etc.)
Imperfeito: *stabam, stabas, stabat,* etc.: *starem, stares, staret,* etc.
Futuro Simples: *stabo, stabis, stabit,* etc.

Três eram derivados do tema do chamado "Perfectum" (p. e. do verbo *stare*, a forma: *stet–*), a saber:

Perfeito: *steti, stetisti, stetit,* etc.; *steterim, steteris, steterit,* etc.
Mais-que-perfeito: *steteram, steteras,* etc.; *stetissem, stetisses,* etc.
Futuro Perfeito: *stetero, steteris, steterit,* etc.

(1) O têrmo "verbo finito" não está em oposição ao "infinito" ou "infinitivo"; mas a tôdas as formas nominais do verbo, grupo êsse que abrange o Inf., Part., Gerúndio, Gerundivo e Supino.

2) As formas do Pres., do Impf. e do Fut. Simples da V. P. são igualmente derivadas do tema do Infectum, p. e.: *laudor, lauder; laudabar, laudarer; laudabor*. As formas do Pf., Msqupf. e Fut. Pf. são compostas do Part. Pf. e de *esse*; p. e.: *laudatus sum, laudatus sim; laudatus eram, laudatus essem; laudatus ero*.

3) O indo-europeu possuía ainda outro tempo, o chamado "aoristo" (comparável ao pretérito perfeito em português) que, em latim histórico, se havia fundido com o Pf. Mas em grego ainda existe o aoristo.

IV. ***Modo.*** Em latim histórico, havia três modos, a saber: o Indicativo (p. e. *amo, amor*), o Imperativo (p. e. *ama, amare*), e o Subjuntivo ou Conjuntivo (p. e. *amem, amer*). Também nos modos o latim é mais pobre do que o grego, porque esta língua conservou ainda um quarto modo, o chamado "Optativo", o qual, em latim, se fundiu como o Subjuntivo. O optativo indo-europeu deixou em latim alguns vestígios morfológicos, p. e. nas formas *ausim, sim, duim*, etc.

V. ***Voz.*** Em latim histórico, havia duas vozes: a Voz Ativa (p. e. *laudo, laudabam*, etc.) e a Voz Passiva (p. e. *laudor, laudabar*, etc.). Em indo-europeu existia, além disso, a chamada "Voz Média" (conservada pelo grego), cuja função sintática era mais ou menos comparável à da construção reflexiva nas línguas modernas. A voz média foi, em latim, absorvida pela voz passiva e, embora não seja uma categoria viva do verbo latino na época literária do povo romano, ainda tem certa importância para a compreensão de várias formas verbais.

PESSOAS

§ 38. **Generalidades.** — I. ***O emprêgo do pronome pessoal.*** Assim como em português literário, não se exprime em latim o pronome pessoal no nom. de sujeito, a não ser que êste tenha certa ênfase ou esteja em oposição a outro sujeito, p.e.

Ego te adjuvabo, si tu me adjuveris	Eu te ajudarei, se tu me ajudares (lit.: se tu me tiveres ajudado) cf. § 44, II).
Non ego, sed tu mentitus es	Quem mentiu, não fui eu, mas tu

II. ***Concordância.*** Havendo diferença de pessoas entre os diversos sujeitos de uma frase latina, o verbo concorda no plural com a pessoa que tem precedência na ordem das pessoas gramaticais, tendo a 1.ª pessoa precedência sôbre a 2.ª, e a 2.ª sôbre a 3.ª. O português observa a mesma regra. Exemplos:

Pater, ego, fratres mei pro vobis pugnavimus	Meu pai, eu e meus irmãos lutamos por vós
Errastis vehementer tu et collegae tui	Enganastes-vos muito, tu e os teus colegas

§ 39. **A forma impessoal na voz ativa.** — Alguns verbos latinos ativos admitem apenas a forma impessoal (3.ª pess. sg. e Inf. da V. A.; às vêzes, gerúndio e part.; raramente, 3.ª pess. sg. da V. P.), isto é, não têm sujeito pròpriamente dito. Êstes verbos, chamados "impessoais", podem ser classificados desta maneira:

I. ***Verbos que exprimem fenômenos naturais,*** p. e.:

advesperascit	entardece	*lucescit/luciscit*	amanhece
fulget/fulminat	relampeja	*ning(u)it*	neva
fulgurat	faisca, cintila	*pluit*	chove
gelat	gela	*rorat*	orvalha
grandinat	graniza	*tonat*	troveja

Nota. Mas encontram-se construções pessoais dêste tipo: *Júppiter tonat* (sentido mitológico) e *oratio tonat* (sentido figurado).

II. ***Certos verbos que exprimem afetos*** p. e.:

miseret me	tenho pena de	*piget me*	aborreço-me de
paenitet me	arrependo-me de	*pudet me*	envergonho-me de
		taedet me	enfastio-me de

Notas.

1) No (Pf. encontramos às vêzes formas duplas: *miser(i)tum est,* ao lado de *miseruit; pigitum est,* ao lado de *piguit; puditum est,* ao lado de *puduit; (per)taesum est,* ao lado de *taeduit.*

2) Aquêle ou aquilo de que se tem pena, arrependimento, etc., está no gen., p. e.: *paenitet me hujus facti* ("arrependo-me dêste ato"), cf. § 89, I, 2.

3) Todos êstes verbos podem ser construídos com o Inf. subjetivo (cf. § 2, II, 1) e com o A. c. I. (cf. § 10, I, 1); também admitem um pronome neutro (sg. ou pl.) como sujeito, p. e.: *hoc me pudet,* e: *haec me taedent.*

III. ***Certos verbos que exprimem possibilidade, conveniência, necessidade, acontecimento, etc.*** Já encontramos muitas dessas locuções, quando estudávamos o Inf. subjetivo e o A. c. I. Aqui damos só os seguintes exemplos:

accedit	acresce	*libet/lubet*	agrada, apraz
accidit	acontece	*licet*	é lícito
constat	consta, é certo	*oportet*	cumpre
(de)decet	(não) convém	*praestat*	é preferível
expedit	é útil	*refert*	importa
fit	acontece	*restat*	resta
interest	interessa	*sequitur*	daí se segue

Notas.

1) Muitos dêstes verbos admitem também a construção pessoal. Ver o dicionário.

2) Em geral. êstes verbos são construídos com o Inf. subjetivo ou com o A. c. I.; mas *accidit, fit, restat* e *sequitur* são combinados com *ut* (negação: *ut non),* mais Subj., p. e.: *Fit ut amicus meus absit* ("acontece que meu amigo está ausente"), e: *Factum est ut amicus meus abesset* ("aconteceu que meu amigo estava ausente"). Cf. § 148, I. — *Accedit* é geralmente construído com *quod* mais Ind., p. e.: *Accedit quod non est civis Romanus* ("acresce que êle não é cidadão romano"). Cf. § 210, II, 1d.

§ 40. **A forma impessoal na voz passiva.** — I. ***Verbos transitivos na Voz Passiva.*** Os verbos transitivos, tanto em latim como em português, admitem, em tese, seis formas pessoais da voz passiva, p. e.:

laudor	(eu) sou louvado/-a	*laudamur*	(nós) somos louvados/-as
laudaris	(tu) és louvado/-a	*laudamini*	(vós) sois louvados/-as
laudatur	(êle) é louvado (ela) é louvada	*laudantur*	(êles) são louvados (elas) são louvadas

Notas.

1) Verbo transitivo quer dizer: verbo que, na voz ativa, admite um objeto direto, o que não implica necessàriamente que um verbo transitivo sempre traga consigo um objeto direto. Por exemplo, o verbo *scribĕre* ("escrever") é verbo transitivo, seja combinado com um objeto direto (p. e. *epistulam:* "uma carta"), ou não. Um verbo transitivo, quando não combinado com objeto direto, é usado de modo "absoluto" (em latim: *absolute;* em inglês: *absolutely*).

2) A definição "empírica" de um verbo transitivo poderia rezar assim: verbo que, na voz ativa, admite um objeto direto e, na voz passiva, uma forma pessoal.

II. ***O sujeito de uma forma passiva.*** As formas mencionadas acima têm um sujeito determinado (subst. ou pron.), o qual, mesmo que não esteja explícito ou "claro", se subentende com facilidade, p. e.: *Rex laudatur* = "O rei é louvado", e: (*Ille*) *laudatur* = " (Êle) é louvado". Tais formas chamam-se de "pessoais". Mas aqui cumpre fazermos uma distinção entre "sujeito gramatical" e "sujeito lógico".

A frase: *Rex laudatur*, tem sujeito gramatical (*rex*), porque a ação passiva expressa pelo predicado (*laudatur*) é atribuída ao "rei"; o "rei" sofre ou recebe a ação verbal ("louvar"), e as regras da gramática portuguêsa, bem como as da latina, exigem que, se o sujeito gramatical desta frase passar para o plural, também o predicado passe para o plural, p. e.: *Reges laudantur* ("Os reis são louvados").

Mas a mesma frase não possui sujeito lógico, isto é, não revela quem pratica ou exerce a ação verbal, porque, sem acréscimo ulterior, não sabemos quem é que louva o rei. Êsse acréscimo chama-se, em termos gramaticais, o complemento de agente, p. e.: *Rex laudatur a civibus* = "O rei é louvado pelos cidadãos". O agente é o "sujeito lógico" de uma frase passiva, e no caso de uma conversão para a construção ativa, o agente se transforma no "sujeito gramatical", p. e. *Cives laudant regem* (cf. § 59, II). Em frases ativas, coincidem o "sujeito lógico" e o "sujeito gramatical", a não ser que o verbo seja impessoal; em frases passivas, não coincidem.

III. ***A forma impessoal.*** A 3.ª pessoa do sg. *laudatur*, além de ser uma forma pessoal da V. P. (p. e.: *rex/regina/templum laudatur*), pode ser também forma impessoal da V. P., no sentido de: "é louvado", ou melhor, com a partícula apassivadora: "louva-se" (cf. em francês: *on loue;* em inglês: *one praises;* em alemão: *man lobt*). Nesta frase não há nem sujeito lógico nem sujeito gramatical. A construção impessoal de verbos transitivos é relativamente rara em latim clássico, mas muito freqüente a de verbos intransitivos, p. e.: *itur* ("anda-se"), *ambulatur* ("passeia-se"), etc.

Preterindo alguns pormenores de somenos importância para os nossos fins, podemos dizer que os verbos transitivos admitem as formas pessoais e as formas impessoais da V. P.; os verbos intransitivos admitem apenas as formas impessoais. Estas, bem como aquelas, podem estar em todos os tempos e todos os modos; mas as formas impessoais limitam-se exclu-

sivamente à 3.ª pessoa sg. do verbo finito e ao Inf.; os elementos nominais das formas impessoais estão sempre no neutro. Damos aqui as formas impessoais existentes do verbo *ire:*

itur	anda-se	*eundum est/erat*	deve/devia andar-se, etc.
ibatur	andava-se	*eundum esse*	dever andar-se
ibitur	andar-se-á	*eatur/iretur,* etc.	que se ande/andasse, etc.
itum est	andou-se		
itum erat	havia-se andado	*itum sit,* etc.	que se tenha andado, etc.
itum erit	ter-se-á andado	*itum esse*	ter-se andado*
iri	andar-se		

§ 41. **O sujeito indeterminado.** — I. ***Diversas maneiras de exprimir indeterminação.*** Nas frases do tipo "louva-se" não se sabe quem exerce ou pratica a ação de "louvar': neste caso, falamos de 'sujeito indeterminado". Mas existem também outros tipos de frases em que o sujeito é mais indeterminado do que nos poderia sugerir sua forma gramatical. Na frase portuguêsa: "A gente não usa mais esta expressão", o sujeito "a gente" é, muitas vêzes, pràticamente igual à palavra francesa *on;* em linguagem mais culta dizemos: "Não se usa mais esta expressão". Em inglês, o pronome *you* é freqüentemente empregado no mesmo sentido: *You never can know:* "Nunca se sabe" = "A gente nunca sabe".

II. ***As formas latinas.*** Ora, o latim dispõe de vários recursos para exprimir tal sujeito indeterminado, cada um dos quais tem o seu próprio valor estilístico e sua aplicação peculiar. Mencionamos aqui:

1) A forma impessoal (3.ª pess. sg. e Inf.) da V. P., que é a construção mais incolor e a mais usada (cf. § 40, III).

2) A 3.ª pess. pl., principalmente de certos verba sentiendi et declarandi; esta construção é sobretudo usada para exprimir uma ação verbal muito generalizada cujo sujeito seja pouco identificável. Ocorre principalmente com os verbos: *dicunt, credunt, ferunt, narrant, putant* e *tradunt.* Exemplos:

Dicunt illum virum furtum fecisse	Dizem (= Diz-se) que aquêle homem praticou furto
Homerus, ut tradunt, caecus fuit	Homero foi cego, como se transmite/conta (ou: segundo a tradição)

3) A 1.ª pess. pl., quando quem fala ou escreve quer incluir-se num certo grupo (cf. em português: "a gente"). Exemplo:

Quod volumus, libenter credimus	Acreditamos de boa vontade o que desejamos, ou: A gente acredita.....

4) A 2.ª pess. sg., quando se dirige a palavra aparentemente a uma determinada pessoa, mas, na realidade, se tem em mente um grupo indeterminado; esta construção é empregada sobretudo em exortações de caráter genérico (cf. § 55, I, 2) e no chamado potencial (cf. § 56, II). Cf. em inglês *you*. Exemplos:

Bonis corporis utare, dum adsint; cum absint, ne requiras	Serve-te dos bens corporais, enquanto os tiveres; quando faltarem, não nutras saudades dêles (= Usem-se os bens temporais...)
Dicas; crederes	Poder-se-ia dizer; ter-se-ia acreditado

5) O pronome *aliquis* ou *quis*, às vêzes também *quispiam* (cf. § 227, I, 3b), principalmente em objeções e em construções hipotéticas. Exemplos:

At dicet aliquis/quispiam: "Unde haec tibi nota sunt?"	Mas alguém dirá (ou: Mas dir-se-á): "Donde te vêm estas notícias?"
Si quis hoc putat, magnopere errat	Se alguém pensa isto, está muito errado

NÚMEROS

§ 42. **Singular e plural.** — I. ***Generalidades.*** Reservando certos problemas relativos à concordância do predicado com o sujeito para outros parágrafos, limitamo-nos aqui às seguintes observações.

1) Quando um sujeito composto é concebido como constituindo uma unidade, o predicado está geralmente no sg.; quando é concebido como constituindo uma pluralidade, o verbo está geralmente no pl. Exemplos:

Senatus populusque Romanus voluit foedus facere cum hoc rege	O Senado e o Povo de Roma quiseram concluir um tratado com êste rei
Jus et injuria naturā dijudicatur	A justiça e a injustiça se distinguem pela natureza
Romulus et Remus fulgore icti conciderunt	Rômulo e Remo, feridos pelo raio, caíram
Pater materque profecti sunt	Saíram o pai e a mãe

Nota. Tratando-se de pessoas, impõe-se quase sempre a idéia de pluralidade, cf. *Romulus et Remus, pater materque*. Mas as palavras *Senatus populusque Romanus* constituem uma unidade jurídica, e a combinação de *Jus et injuria*, no nosso exemplo, é pràticamente igual a: "O conceito de bem e mal".

2) Quando os elementos de um sujeito composto são ligados entre si pelas partículas correlativas *et–et, aut–aut, sive–sive, nec–nec*, etc., o predicado está geralmente no sg. Exemplos:

Et Homerus et Hesiodus magnus poeta fuit (cf. § 201, III, 2)	Homero e Hesíodo foram grandes poetas
Brevi aut frater aut soror hinc proficiscetur	Em breve sairá daqui ou o irmão ou a irmã
Brevi aut fratres aut pater hinc proficiscetur	Em breve sairão daqui ou os irmãos ou o pai

3) É relativamente rara em latim, ao contrário da praxe grega, a chamada "constructio ad sensum/ad sententiam", isto é, o emprêgo do predicado no pl., quando o sujeito é nome coletivo. Exemplos:

Magna multitudo lapides et tela conjecerunt/conjecit	Uma grande multidão atirou pedras e dardos
Pars magna militum vulnerati sunt/ vulnerata est	Uma grande parte dos soldados foi ferida

Cf. também:

Dux cum aliquot militibus capti sunt	O general foi prêso juntamente com alguns soldados

II. ***Empregos especiais.***

1) O PLURAL DE AUTOR. A 1.ª pess. do pl. é muitas vêzes usada por autôres e oradores, quando êles, por motivos de solidariedade, se incluem no grupo dos seus leitores (*pluralis auctoris*), p. e. nas expressões: "como já vimos/dissemos", "logo veremos", etc. Cf. em latim: *ut jam vidimus/ diximus, brevi post videbimus,* etc.

2) O PLURAL DE MODÉSTIA. Ao passo que no plural de autor se trata de uma certa identificação do autor com o seu público, o *pluralis modestiae*, igualmente usado na 1.ª pessoa, sugere, por motivos de modéstia sincera ou pretensa, a absorção total do indivíduo num grupo anônimo; são principalmente os oradores que o empregam. Por vêzes se encontra no mesmo período o singular ao lado do plural. Exemplos:

Etiam nos aliquid gessimus	Também eu fiz alguma coisa
Sine metu affirmare possum nos meumque fratrem aliquid gessisse	Sem mêdo posso afirmar que eu e meu irmão fizemos alguma coisa*

TEMPOS

§ 43. **Noções fundamentais.** — I. ***Tempo absoluto e Tempo relativo.*** Já encontramos a distinção entre o tempo absoluto e o tempo relativo (cf. § 12, I). Aqui precisamos dar algumas informações complementares a respeito dessa distinção:

1) Só as formas do verbo finito podem indicar o tempo absoluto; as formas nominais (Inf., Part., Gerúndio/Gerundivo e o Supino) indicam apenas o tempo relativo.

2) O tempo absoluto encontra-se sobretudo, embora não exclusivamente, em frases principais; o tempo relativo encontra-se sobretudo, embora não exclusivamente, em cláusulas; nas chamadas orações reduzidas (isto é, infinitivas e participiais) podemos encontrar apenas o tempo relativo.

3) As formas do verbo finito, além de indicarem o tempo absoluto, podem indicar também o tempo relativo. Cf. em português: "Sei que *mentiste*" (a ação expressa por "mentiste" é anterior à ação expressa por "sei"), e: "Julgo que *virá*" (aqui "virá" exprime posterioridade em relação à ação expressa por "julgo"), etc.

4) Contudo, podemos dizer que, globalmente falando, o Impf., o Msqupf. e o Fut. Pf. são principalmente usados para exprimir a tempo relativo e só raras vêzes para indicar o tempo absoluto, ao passo que o Pres., o Pf. e o Fut. Impf. ou Simples são usados tanto para indicar o tempo relativo como para designar o tempo absoluto. — Cf. o esquema do § 44, II.

II. ***Tempos primários e secundários.*** Tôdas as formas do verbo finito que designam um tempo passado ou pretérito (a saber, o Impf., o Pf. e o Msqupf.) são tempos secundários ou históricos; tôdas as outras são tempos primários ou primordiais (a saber, o Pres., o Fut. Simples e o Fut. Pf.). Esta distinção tem certa importância para a chamada "consecutio temporum", isto é, para a correlação que deve existir entre o tempo da oração principal e o da cláusula. Cf. em português: "*Sabeis* que *falo* a verdade" e "*Sabíeis* que *falava* a verdade" (a simultaneidade da ação verbal expressa pela cláusula com a ação verbal expressa pela oração principal, é indicada depois de um tempo primário pelo presente, mas depois de um tempo secundário pelo imperfeito).

Nota. As formas do Pf. do tipo *novi, odi, memini,* etc. não designam tempo passado (cf. § 48, II) e por isso mesmo são tempos primários.

III. ***Tempus e Actio.*** Entre as formas "eu escrevia" e "eu escrevi" não existe diferença no que diz respeito ao tempo pròpriamente dito: ambas se referem ao tempo passado. A diferença refere-se apenas à *actio,* isto é, ao "aspecto" sob o qual se apresenta essa ação verbal no passado.

A forma "eu escrevia" exprime a *actio durativa*(1), a qual apresenta a ação verbal como estando sendo realizada, ou então, como habitual; na primeira hipótese, poderíamos usar também a forma perifrástica: "eu estava escrevendo"; na segunda: "eu costumava escrever", ou formas congêneres. Mas a forma "eu escrevi" exprime a mesma ação verbal, embora realizada também no passado, sob um aspecto diferente: nela se percebe a *actio aorista*, a qual representa uma ação verbal (neste caso, no tempo passado) em estado puro e simples, fazendo abstração de tôda e qualquer circunstância acessória, tal como duração ou repetição, etc.

Do mesmo modo poderíamos comparar entre si as formas "a carta é escrita" e "a carta está escrita". As duas indicam o tempo presente, mas com a importante diferença que a primeira significa duração (= "a carta está sendo escrita"), ou então, repetição (= "a carta costuma ser escrita"), etc., ao passo que a segunda frase nos apresenta a ação verbal como terminada ou acabada no momento atual. Esta última actio tem o nome de *actio perfecta*.

Em indo-europeu havia três *actiones:* a *actio durativa*, a *actio aorista*, e a *actio perfecta*, cada uma das quais apresentava a mesma ação verbal sob "aspectos" diferentes, conforme já expusemos sumàriamente. O grego é uma das línguas que mais fielmente conservou essa antiga situação: um verbo grego se serve às vêzes, de três raízes diferentes para exprimir as três *actiones* diferentes. Mas em latim histórico, as *actiones* perderam muito da sua importância, em favor do tempo (absoluto e relativo) que os romanos indicavam com uma precisão superior à de outros povos. Há mais: em latim se fundiram a *actio aorista* e a *actio perfecta*, isto é, o Pf. latino (tipo: *laudavi*) é forma sincrética do antigo Pf. indo-europeu e do antigo aoristo indo-europeu. Em alguns casos o Pf. latino exerce ainda a função do antigo Pf. (*actio perfecta*), embora quase sempre funcione como o antigo aoristo (*actio aorista*). P. e. *odi* não significa: "odiei" (aor.), e sim: "odeio" (*actio perfecta*), literalmente: "(neste momento) estou cheio de ódio, em razão de um acontecimento passado"*

IV. ***Infectum e Perfectum.*** Um verbo latino tem geralmente três temas diferentes, p. e.: *veta-re, vetu-i*, e *vetit-um;* são os chamados "tempos primitivos", cujo conhecimento é de suma importância para sabermos formar as diversas formas existentes de um dado verbo (cf. §37, III). O Pres., o Impf. e o Fut. Simples (da V. A. e da V. P.) pertencem ao *Infectum* (isto é, são derivados do tema *veta-*); o Pf., o Msqupf. e o Fut. Pf. (da V. A.) pertencem ao *Perfectum* (isto é, são derivados do tema *vetu-*); as formas *vetitus sum, vetitus eram* e *vetitus ero* (derivadas de *vetit-*) pertencem igualmente ao *Perfectum*, mas sua formação pouco nos interessa aqui, porque são inovações criadas pelo latim.

A distinção entre *veta-*(Infectum) e *vetu-*(Perfectum) não tem apenas interêsse para a morfologia, mas muito mais ainda para a sintaxe histórica. O Infectum indicava originàriamente a *actio durativa*, e o Perfectum a *actio aorista* (em alguns casos, devido à fusão entre o aor. e o pf., também a *actio perfecta*). Mas, como já vimos, a categoria de *actio* cedia, em latim histórico, seu lugar à categoria de *tempus*, ou talvez melhor: quando as

---

(1) *Actio durativa* não tem nada a ver com "longa duração", como *actio aorista* não é idêntica a "curta duração" ou "momentaneidade". Cf. estas duas frases: "*Era* meia-noite, quando o trem partiu", e: "Luís XIV *reinou* 72 anos".

antigas *actiones* indo-européias estavam integradas num novo sistema "temporal", criado pelos romanos, o latim foi à procura de outros meios para exprimir a *actio* ou o "aspecto" de uma ação verbal*.

§ 44. **Precisão do latim.** — I. ***Regras gerais.*** O latim é muito minucioso em exprimir o tempo absoluto e o tempo relativo.

1) Tempo absoluto. Em português é bastante comum dizer-se: "*Volto* amanhã" (em lugar de: *voltarei*). O latim clássico evita essa "inexatidão", e diz: *Cras redibo.* Mas em textos de caráter menos literário encontramos muitas vêzes o "Presente prospectivo", não só em proposições independentes como também em cláusulas (tipo: *Cras redeo*).

2) Tempo relativo. Mais importante ainda é a indicação minuciosa do tempo relativo em cláusulas, principalmente relativas, condicionais, temporais e causais, em que o latim marca com grande precisão a anterioridade, ao passo que as línguas modernas geralmente são menos "exatas". Nos seguintes exemplos servimo-nos apenas de formas do Indicativo, visto que as formas do Subjuntivo apresentam alguns problemas que, por enquanto, não queremos abordar ainda.

Caesar interfecit omnes transfugas, quos invenerat in oppido capto	César matou todos os desertores que encontrou (lit.: tinha encontrado) na cidade conquistada
Si invenero hunc librum, tibi reddam	Se achar (lit.: tiver achado) êste livro, devolver-to-ei
Cum Romam rediero, ad te scribam	Depois que voltar (lit.: tiver voltado) a Roma, escrever-te-ei
Quidquid audierat, mihi narrabat (cf. § 54, II)	Tudo quanto ouvia (lit.: ouvira), contava-me

II. ***Consecutio temporum.*** Por "consecutio temporum", no sentido mais amplo do têrmo, entende-se a relação que existe entre o tempo da oração principal e o da cláusula. É sabido que o tempo da oração principal exerce certa influência sôbre o tempo usado na cláusula, p. e.: "Sabeis que *falo* a verdade", e: "Sabíeis que *falava* a verdade", em que as formas *falo* e *falava* ambas exprimem simultaneidade com a ação expressa pelo verbo da oração principal. Em latim existem, a êsse respeito, as mesmas regras que em português, só que a anterioridade é marcada com maior precisão (cf. *supra*, I, 2). Êste esquema poderá ilustrar a "consecutio temporum":

Domi maneo quod aeger sum (simult.)	Fico em casa porque estou doente
Domi maneo quod pater meus e provinciā rediit (ant.)	Fico em casa porque meu pai voltou da província
Domi maneo quod pater meus e provinciā redibit (post.)	Fico em casa porque meu pai há de voltar/voltará da província
Pecuniam tibi solvam, cum Romae ero (simult)	Pagar-te-ei o dinheiro, quando estiver em Roma
Pecuniam tibi solvam, cum Romam rediero (ant.)	Pagar-te-ei o dinheiro, depois que voltar (tiver voltado) a Roma
Domo mansi quod aeger eram (simult.)	Fiquei em casa porque estava doente
Domi mansi quod pater meus e provinciā redierat (ant.)	Fiquei em casa porque meu pai voltou (ou: tinha voltado)
Domi mansi quod pater meus e provinciā rediturus erat (post.)	Fiquei em casa porque meu pai voltaria/havia de voltar da província

Notas.

1) Também aqui nos servimos apenas de formas do Ind.

2) O verbo principal (*maneo, solvam* e *mansi*) indica tempo absoluto; o verbo da cláusula (p. e. *sum, rediit, redibit*) indica tempo relativo.

3) As formas *maneo* e *solvam* são tempos primários; a forma *mansi* é tempo secundário.

4) A forma *mansi* (Pf.) poderia ser substituída também por forma de outro tempo secundário (*manebam* ou *manseram*), sem que êsse fato viesse a influir no emprêgo do tempo na cláusula.

5) A forma perifrástica *rediturus erat* é pouco usada; se a clareza da frase não exigir que se marque com precisão a posterioridade, podemos substituí-la por *redibat* (mais o advérbio *mox, brevi,* etc.)

§45. **O Presente.** — I. ***Generalidades.*** Em geral, o emprêgo do Pres. em latim corresponde ao do português, e exemplos são escusáveis. Só convém lembrar-nos de que o latim literário evita o emprêgo do chamado "Presente Prospectivo" (cf. §44, I, 1); também não ocorre, em latim clássico, a "conjungação perifrástico" do tipo: *amans sum* (nem nos outros tempos). Cf. §19, II, 2a.

II. ***Particularidades.***

1) O PRESENTE HISTÓRICO. Para tornar mais viva e plástica uma narrativa, os autores latinos usam muitas vêzes o Pres. em vez de um tempo secundário, convidando os leitores por assim dizer, a assistirem pessoalmente aos fatos narrados.

O emprêgo do "presente histórico" é muito mais freqüente em latim do que em qualquer outra língua. Não raro acontece que, no mesmo período, seja alternado com um tempo secundário. Exemplo:

Nox erat et ambulabamus in mediā silvā: duo latrones e latebris emergunt atque incautos nos opprimunt; comes meus occiditur haud sine magno proelio, ego autem effugi.	Era noite e estávamos passeando no meio de uma floresta: (de repente) saem dois ladrões do seu esconderijo e nos atacam de improviso; meu companheiro cai morto, apesar de se defender muito, mas eu escapei

Nota. A conjunção *dum* ("enquanto") é quase sempre combinada com o Pres. histórico (cf. § 156, I, 1b).

2) O PRESENTE RESULTATIVO. Alguns verbos latinos, principalmente na V. P., indicam no Presente não a ação no momento atual, e sim o resultado da mesma no tempo atual (cf. em português: "esta rua é calçada"). Para indicar o resultado no passado de uma ação anterior o latim se serve do Impf. Exemplos:

Urbs cingitur (cingebatur) altis moenibus	A cidade é (era) cingida de altas muralhas
Hic liber inscribitur...	Êste livro é intitulado...
Cogor ex urbe excedere	Estou/sou forçado a sair da cidade
Illa insula continetur (continebatur) duobus maribus	Aquela ilha é (era) rodeada de dois mares*

§ 46. **O Futuro Imperfeito ou Simples.** — Podemos distinguir:

I. ***O futuro prospectivo.*** É êste o futuro pròpriamente dito, a respeito de cujo emprêgo não precisamos falar depois daquilo que foi exposto no § 44, I, 1.

II. ***O futuro voluntativo.*** Assim como em português, usa-se também em latim o Fut. em ordens (Fut. *jussivo*) e em proibições (Fut. *proibitivo*). Exemplos:

Non facies istud iter	Não farás essa viagem
Hodie proficiscēris et cras redibis	Partirás hoje e voltarás amanhã

III. ***O futuro potencial.*** O potencial (cf. § 56, II), além de indicar possibilidade, usa-se também para tornar mais modesta, menos positiva uma afirmação; também o Fut. pode exercer estas funções, mas o latim clássico prefere, por via de regra, o potencial pròpriamente dito. Exemplos:

Haec serva Antonii erit	Esta moça deve/poderia ser a escrava de Antônio
Dicet aliquis	Alguém poderia dizer/dirá
Haec consuetudo aliis quoque locis reperietur	Êste costume pode ser encontrado também em outros lugares

IV. ***O futuro deliberativo.*** Êste Fut. é usado para exprimir deliberação, dúvida, hesitação, etc., principalmente em perguntas; além disso, em exclamações que revelam indignação, protesto, revolta, etc. (cf. § 57, I). Encontra-se muito pouco em prosa clássica, que neste caso prefere o Subj.; alguns exemplos tirados da linguagem vulgar e poética:

Quid fabulabor? quid negabo? aut quid confitebor?	Que direi? que negarei? ou que confessarei? (ou: Que devo dizer? etc.)
Ego saltabo! sanus non es!	Eu dançar?! não estás bom!

V. ***O futuro optativo.*** O Fut. optativo, — igualmente de emprêgo vulgar, — usa-se principalmente em certas expressões fixas, tais como: *Di te amabunt* = *Di te ament* ("Que os deuses te amem!"); *Di tibi dabunt quae exoptes* ("Que os deuses te dêem o que desejares")

VI. ***O futuro genérico.*** Êste Fut., muito afim ao Fut. potencial, usa-se principalmente em orações principais que se seguem a uma cláusula relativa ou condicional, para exprimir uma conclusão geral e válida para tôdas as circunstâncias. Exemplos:

Si scelus est patriae non servire, quanto peius erit patriam prodere!	Se é crime não servir a pátria, quanto mais feio é trair a pátria!
Qui patriam prodidit, is audebit omnia scelera facere.	Quem ousou trair a pátria, (êsse) ousa cometer todos os crimes

Nota. O Fut. latino remonta, em última análise, ao Subj.; destarte se explicam as funções secundárias do Fut. (II–VI), funções que havemos de encontrar outra vez, falando do Subj. latino.

§ 47. **O Imperfeito.** — O Impf. latino exerce, globalmente falando, as mesmas funções que o Impf. português. Distinguimos:

I. ***O Imperfeito durativo.*** Êste Impf. apresenta a ação verbal como estando sendo realizada no passado; o português usa, neste caso, muitas vêzes a forma perifrástica: "Estava falando" ou "Estava a falar" (cf. em inglês: *I was writing*), formas essas cujos equivalentes não existem em latim clássico. Basta darmos um só exemplo:

Cum domum redii, parentes mei jam dormiebant	Quando voltei à casa, meus pais já estavam dormindo

II. ***O Imperfeito iterativo.*** Êste Impf. indica repetição, hábito, costume no passado; o português pode frisar esta função pelo verbo "costumar", etc. ou pelos advérbios "sempre, cada vez", etc. Tais acréscimos se encontram também em latim, p. e. os verbos: *solēre, consuevisse*, etc., e os adv. ou locuções adverbiais: *semper, saepe, omni tempore*, etc. Exemplo:

Romani quotannis binos consules creabant, ou: *creare solebant/consueverant*	Os romanos elegiam (ou: costumavam eleger) cada ano dois cônsules

III. ***O Imperfeito conativo.*** Êste Impf., só usado de verbos que exprimem esfôrço, empenho, intenção, etc., origina-se lògicamente das duas outras funções: uma tentativa (*conari* = "tentar") é muitas vêzes um ato prolongado ou consiste em uma série de atos repetidos. O português acrescenta geralmente um verbo a êste Impf., p. e. "tentar, procurar, pretender, querer", etc. Exemplo:

Helvetii flumen transibant, id quod Caesar prohibuit	Os helvécios tentavam atravessar o rio, o que César impediu

Nota. A função conativa não se limita ao Impf., mas por ser uma característica da *actio durativa*, inerente ao Infectum (cf. § 43, IV), estende-se igualmente ao Pres. Cf. *dat/dabat* ("oferece/oferecia"), mas *dedit* ("deu"); *impetrat/impetrabat* ("esforça-se/esforçava-se por obter"), mas *impetravit* ("conseguiu, obteve"), etc. Cf. também as palavras da Vulgata: *Judas qui eum tradebat.....* ("Judas que pretendia entregá-lo.....").

IV. ***O Imperfectum resultativo.*** Cf. § 45, II, 2.

§ 48. **O Perfeito.** — O Pf. latino é o resultado da fusão do aor. indo-europeu com o pf. indo-europeu, de modo que cumpre distinguirmos:

I. A função aorista: o ***Perfeito histórico.*** Ao Pf. histórico em latim corresponde, em português, o Pretérito Perfeito: *laudavi* = "louvei". Emprega-se principalmente em narrativas, em que se apresenta uma ação verbal, realizada no passado, em estado puro e simples, sem se levarem em consideração as circunstâncias acessórias que eventualmente a acompanham. Por isso é forma indicada para designar o tempo absoluto, apesar de poder designar também o tempo relativo (cf. o esquema no § 44, II). Encontramos o tipo de um Pf. histórico na célebre frase de César: *Veni, vidi, vici* ("Cheguei, vi, venci"). São excusáveis outros exemplos.

Notas.

1) ***O Perfeito gnômico ou empírico***, função bastante comum do aor. grego, que se encontra em provérbios e sentenças de valor "intemporal" ou "acrônico", está pouco desenvolvido em latim; encontra-se algumas vêzes na poesia (também na comédia), sem dúvida sob a influência do grego, p. e.: *Ludus genuit iram* = "O jôgo gera (muitas vêzes) a indignação".

2) Uma das funções secundárias muito comuns da *actio aorista* era a de indicar o início de uma ação no passado: é o chamado ***aoristo ingressivo***. Também esta função ocorre amiúde em latim, p. e.: *risit* ("começou a rir"), *pertimuit* ("amedrontou-se"), *conticuit* ("calou-se"), etc.

II. A função perfecta: o ***Perfeito presente***. O Pf. indo-europeu, bem como o grego, indicava o resultado no presente de uma ação verbal realizada no passado (cf. § 43, III). Vestígios desta função subsistem ainda em algumas formas do Pf. latino. Mencionamos aqui:

(cog)novi	sei, conheço	*memini*	estou lembrado
consuevi	costumo	*odi*	odeio
didici	sei, entendo de	*vici*	sou vencedor

Notas.

1) Alguns dêstes verbos possuem também o radical do Infectum, p. e. *cognovi* (cf. *cognosco*), e *consuevi* (cf. *consuesco*).

2) Uma evolução mais avançada desta função encontra-se nas expressões: *Acta est fabula* ("Acabou-se a comédia"), *Fuit Ilium* ("Ilio não existe mais"), etc. Cf. também: *vixit* ("morreu, está morto") e *perii* ("estou perdido").

§ 49. **Mais-que-perfeito.** — I. ***Anterioridade.*** O Msqupf. latino é quase sempre tempo relativo, isto é, sua função é a de indicar uma ação anterior a outra ação que se realizou no passado (cf. o Msqupf. em português). Deve notar-se que o latim é mais minucioso do que as línguas modernas em marcar a anterioridade (cf. § 44, I).

II. ***Função de um Imperfeito.*** As formas mencionadas no 48, II (*cognovi, consuevi*, etc.) têm Msqupf. com o sentido de um Impf., p. e.: *cognoveram* = "sabia, conhecia", *consueveram* = "costumava", etc. Nestas formas encontramos ainda a função do antigo Msqupf. indo-europeu.

§ 50. **O Futuro Perfeito.** — I. ***Anterioridade.*** Também o Fut. Pf. latino é quase sempre tempo relativo, indicando uma ação verbal anterior a outra ação que se realizará no futuro, ao passo que o Fut. Impf., quando usado como tempo relativo, indica simultaneidade com uma ação futura. Também aqui o latim marca a anterioridade com grande precisão (cf. § 44, I).

II. ***Função de um Futuro Imperfeito.*** *Cognovero* = "saberei"; *consuevero* = "costumarei", etc.*

§ 51. **A conjugação perifrástica.** — Além dos tempos já estudados, o latim possui ainda uma conjugação perifrástica nas formas: *laudaturus sum/sim*, etc., *laudaturus eram/essem*, etc., e *laudaturus esse*, tôdas elas da V. A. O Inf. *laudaturus esse* é muito importante para a construção do A. c. I. (cf. § 5, I); os Subj. *laudaturus sim* e *laudaturus essem* são empregados principalmente em perguntas indiretas (cf. § 64, III). Aqui nos interessa o emprêgo do Ind.

As formas *laudaturus sum/eram* indicam uma intenção ou um plano (port.: "estou/estava para louvar"), ou então, mais freqüentemente, um destino, uma fatalidade. Exemplos:

Bellum scripturus sum, quod Jugurtha cum populo Romano gessit	Pretendo descrever a guerra que Jugurta travou com o povo romano
Nihil timere mihi opus est, quandoquidem post mortem beatus futurus sum	Nada preciso temer, já que depois da morte meu destino é ser feliz

§ 52. **Particularidades.** — I. ***Os tempos em estilo epistolar.*** Os romanos usavam nas suas cartas muitas vêzes o Impf. em lugar do Pres., e o Msqupf. em lugar do Pf., etc.; também empregavam freqüentemente *eo die* em vêz de *hodie; pridie* em vez de *heri; postridie* em vez de *cras*, etc. Isso quer dizer que, ao escreverem uma carta, costumavam colocar-se mentalmente na situação do destinatário, não na do autor. A importância que se dá em muitas gramáticas a estas regras parece exagerada: podemos verificar que Cícero numa e na mesma carta varia muitas vêzes o Pres. e o Impf., o Pf. e o Msqupf.; Plínio o Moço quase nunca usa os "tempos epistolares". A regra é, porém, estritamente observada em datações, p. e. na expressão: *Dabam/Scribebam Romae Kalendis Martiis*, que nós podemos traduzir simplesmente pelas palavras: "Roma, 1 de março".

A frase: "Não tenho nada de novo, pois não consegui falar com amigo algum", quando faz parte de uma carta, poderia ser traduzida destas duas maneiras:

Nihil novi habebam neque potueram colloqui cum quoquam amico	*Nihil novi habeo neque potui colloqui cum quoquam amico*

II. ***A dupla função do Perfeito da voz passiva.*** Também as formas do Perfectum da V. P. (sempre analíticas) podem exercer a dupla função das formas sintéticas que lhes correspondem na V. A. Exemplos:

Templum Veneris Genetricis a Caesare in foro Romano positum est (actio aorista)	Foi construído por César no foro Romano um templo dedicado a "Vênus Mãe"
Templum Veneris Genetricis in foro Romano positum est (actio perfecta)	O templo de "Vênus Mãe" está situado (ou: acha-se) no foro romano

Mas um cicerone, ao descrever o foro romano a turistas, poderia dizer:

Hoc loco templum Veneris Genetricis positum fuit (actio perfecta)	Neste local se encontrou (mas agora não se encontra mais) o templo de "Vênus Mãe"

Como se vê por êste exemplo, usa-se a forma do tipo *laudatus fui* para indicar uma situação no passado (resultado de uma ação anterior) que não existe mais no presente; funções análogas são exercidas pelas formas *laudatus fueram* e *laudatus fuero.*

Nota. De alguns verbos o Perfectum da V. P. indica quase sempre a actio perfecta, não aorista. Exemplos: *persuasum est mihi* ("estou convencido de, tenho a convicção de"), *compertum mihi est* ("tenho certeza de"), *legio constituta est e veteranis* ("a legião compõe-se de veteranos"), etc.*

III. ***O perfectum da voz ativa.*** O chamado "Perfeito Presente" (cf. §48, II) podia, já desde tempos remotos, ser substituído por locuções compostas do verbo *habēre* (menos freqüentemente *tenēre*) e do Part. Pf. Tipo: *Hostes urbem captam habent/tenent:* "Os inimigos têm a cidade em seu poder" (lit.: "têm a cidade tomada"). Esta locução, muito importante para as línguas românicas, foi aos poucos perdendo seu caráter de *actio perfecta* para vir a indicar a *actio aorista.* Por outras palavras: "têm a cidade tomada" passou a ser: "têm tomado a cidade", ou melhor, em francês: *ils ont la ville prise,* passou a ser: *ils ont pris la ville,* evolução essa que se verificou na época das invasões, principalmente na Gália.

Em latim clássico, a locução designa sempre a *actio perfecta.* Registramos aqui alguns exemplos, muito usados pelos autores clássicos:

cognitum habere aliquid = *cognovi aliquid* = "sei alguma coisa"
compertum/exploratum habeo aliquid = "tenho certeza de alguma coisa".
persuasum mihi habeo aliquid = "tenho a convicção de"

MODOS

§ 53. **Observações preliminares.** — Em indo-europeu havia quatro modos, fielmente conservados pelo grego: o Indicativo, o Imperativo, o Subjuntivo e o Optativo; deixamos de lado o antigo "Injuntivo", que ainda ocorre na fase inicial do sânscrito e cuja função sintática era comparável à do Imperativo. Para as línguas clássicas o Injuntivo não tem importância. Deixamos de lado também o Infinito que não é modo pròpriamente dito.

I. ***Os modos em latim.***

1) O Indicativo é o modo da realidade, mais ou menos como em português.

2) O Imperativo exprime ordens, mais ou menos como em português.

3) O Subjuntivo latino é o resultado de uma fusão entre dois modos indo-europeus: o Subjuntivo pròpriamente dito, que exprimia vontade, e o Optativo, que exprimia desejo. Os gramáticos latinos preferiam o têrmo *Conjunctivus* (ainda em uso na Alemanha, Holanda e alguns outros países) ao têrmo *Subjunctivus*: ambos dão a entender que o Subj. é o modo de "subordinação" por excelência. Com efeito, o Subj. é muito usado em proposições dependentes ou subordinadas, mas não devemos esquecer que o Subj., antes de se tornar modo de subordinação, exprimia "vontade" e "desejo" em proposições independentes e que essa é sua função primordial. Neste capítulo estudaremos apenas o emprêgo do Subj. em proposições independentes.

II. ***Modo e tempo.*** Em indo-europeu só o modo indicativo designava tempo; o Imp., o Opt. e o Subj. (como também o Inf.) eram "acrônicos", isto é, não designavam tempo algum, mas apenas a *actio*. É outra vez o grego que nos revela fielmente a situação antiga. O latim com sua predileção pelos tempos, passou a enquadrar também os modos não-indicativos no sistema "temporal" do seu verbo, mas em alguns casos podemos perceber ainda o caráter "acrônico" de certos subjuntivos latinos.

III. ***Frases declarativas e desiderativas.*** Quanto à maneira de apresentar a ação verbal, podemos dividir as frases em duas classes: as frases declarativas e as frases desiderativas.

1) Frases declarativas ou enunciativas exprimem UM JUÍZO FORMADO PELO INTELECTO, relacionando-se com a faculdade cognitiva do homem. Em orações independentes encontramos, globalmente falando, duas espécies de frases declarativas ou enunciativas:

a) FRASES REAIS: apresentam elas a ação verbal como estando de acôrdo com a realidade objetiva. O modo apropriado para exprimir a realidade é o Indicativo, p. e.: "Ontem vi meu amigo" (*Heri vidi amicum meum*). — Cf. § 54.

b) FRASES POTENCIAIS: apresentam elas a ação verbal como meramente possível, ou então, atenuam a fôrça original da afirmação, tornando-a menos positiva, mais modesta, etc. Seu modo é, em latim, o Subjuntivo. Exemplos: "Gostaria de saber" (*Velim scire*); "Poderias ter razão" (*Recte dicas*), etc. — Cf. § 56, II.

Nota. A negação de tôdas as frases declarativas em latim é *non*, p. e.:

Heri non vidi amicum meum	Ontem não vi meu amigo
Nolim (= non velim) Caesar esse	Não gostaria de ser César (= Imperador)
Non dicas me mentitum (esse)	Não poderias dizer que eu tenha mentido

2) Frases desiderativas exprimem MANIFESTAÇÕES DA VONTADE, relacionando-se com as faculdades volitiva e apetitiva do homem. Em orações independentes encontramos, globalmente falando, três espécies de frases desiderativas:

a) FRASES IMPERATIVAS OU INJUNTIVAS: apresentam elas a ação verbal como uma ordem, um mandamento. Seu modo é o Imperativo, p. e.: "Vai embora!" (*Abi!*). — Cf. § 55.

b) FRASES OPTATIVAS: apresentam elas a ação verbal na forma de um desejo. Seu modo é o Subjuntivo (originàriamente era o "Optativo", mas êste modo indo-europeu confundiu-se, em latim, com o Subj.), p. e.: "Oxalá volte logo!" (*Utinam mox redeat!*). — Cf. § 56, I.

c) FRASES VOLUNTATIVAS: apresentam elas a ação verbal na forma de uma exortação, permissão, etc. Seu modo é o Subjuntivo pròpriamente dito. Exemplo: "Vamos embora!" (*Abeamus!*). — Cf. § 57.

Nota. A negação de tôdas as frases desiderativas em latim é *ne*, p. e.:

Ne abieris!	Não vás embora!
Utinam pater meus ne moriatur!	Oxalá meu pai não morra!
Ne abeamus!	Não vamos embora!*

§ 54. **O Indicativo.** — De um modo geral, coincide o emprêgo do Ind. latino com o do Ind. português, de forma que não precisamos comentá-lo. Há, porém, alguns casos em que o português, como também outras línguas modernas, usa

o Subj. ou se serve de outras circunlocuções modais, ao passo que o latim emprega o Ind. Mencionamos aqui:

I. Os verbos e as locuções que exprimem POSSIBILIDADE, CONVENIÊNCIA, OBRIGAÇÃO e NECESSIDADE, estão em português muitas vêzes no chamado "condicional", ou — na linguagem coloquial — no Ind. Impf., mesmo que a ação verbal expressa por êles se refira ao momento atual, p. e.: "Eu poderia/podia dizer", e: "Não deverias/devias dizer isso", etc. Na construção portuguêsa exprime-se certa modalidade pela qual se dá a frase inteira um caráter mais modesto, menos positivo (cf. § 56, II); o latim, porém, prefere aqui o Ind., porque tem em vista sòmente a realidade da ação verbal em si, sem ligar para o contexto. A êste grupo de verbos e locuções pertencem:

1) *Posse* e *debēre; oportet; decet* e *dedecet;* o gerundivo (como particípio de necessidade e de obrigação). Exemplos:

Possum dicere	Poderia dizer
Poteram/potui dicere	Poderia ter dito
Debeo facere	Deveria fazer
Debebam/debui facere	Deveria ter feito

2) Certas locuções, p. e.: *longum est* ("seria muito longo/demorado"), *aequum est* ("seria justo"), *satis est* ("seria suficiente"), *melius est* ("seria melhor"), *necesse est* ("seria necessário"), etc. Exemplo:

Longum est omnia scelera istius viri enumerare	Demoraria muito enumerar todos os crimes dêsse homem

Nota. Mas se êstes verbos e locuções se encontram na *apódose* (= oração principal) de uma construção hipotética "irreal" ou "potencial", podem estar no Subj. (cf. § 158, II, nota; 159, II, 4).

II. As cláusulas introduzidas por um ***pronome/advérbio relativo indefinido.*** (p. e. *quisquis, quicumque, quotiescumque,* etc.), são sempre construídas com o Ind., ao contrário do português que, neste caso, sempre emprega o Subj. Exemplos:

Quotquot sunt hostes, pugnabimus	Sejam quantos fôrem os inimigos, lutaremos
Quisquis est, puniendus est	Seja quem fôr, deve ser castigado
Quicumque hoc fecit, puniendus est	Seja quem fôr que fêz isto, deve ser castigado
Quoquo modo res se habebat, omnia pericula solus sustinebat	Qualquer que fôsse a situação, êle sòzinho enfrentava todos os perigos
Ubicumque eris, memento mei!	Onde quer que estejas, lembra-te de mim!

III. As cláusulas introduzidas por *sive/seu* — *sive/seu:* "quer — quer", p. e.:

Sive me laudas sive me vituperas, certe me id fecisse confiteor	Confesso tê-lo feito, quer me elogies, quer me censures
Seu medicum adhibuero seu non adhibuero, moriar	Hei de morrer, quer consulte um médico, quer não consulte

Nota. Em todos êstes casos, o português usa o Subj. em razão da incerteza da afirmação contida na cláusula, considerada na sua totalidade; o latim, atendendo só à realidade da ação verbal, considerada em si, emprega o Ind.

§ 55. **O Imperativo.** — O latim tem duas formas do Imp. do Pres., a saber: *fac* (sg.) e *facite* (pl.); para a 3.ª pessoa usam-se as formas do Subj. do Pres.: *faciat* (sg.) e *faciant* (pl.). Além disso, existe em latim o chamado Imp. do Futuro, o qual tem as formas da 2.ª e da 3.ª pessoa, a saber: *facito* e *facito* (sg.); *facitote* e *faciunto* (pl.).

I. ***Ordens.*** 1) O latim usa o IMPERATIVO DO PRESENTE para dar uma ORDEM DIRETA a uma pessoa determinada ou a um grupo de pessoas determinadas, p. e.:

Dic verum!	Fala a verdade!
Tacete!	Calai-vos!

2) Uma ORDEM GERAL, isto é, não dirigida a uma pessoa determinada ou a um grupo de pessoas determinadas, está geralmente no SUBJUNTIVO JUSSIVO (cf. § 57, I), cuja forma é a 2.ª pess. do Subj. do Pres. Uma ordem geral tem muitas vêzes mais o valor de uma exortação do que a fôrça de uma ordem terminante. Por isso emprega-se o Subj. jussivo em preceitos gerais de ordem moral, em conselhos, em receitas, etc. Exemplos:

Post prandium deambules	Faze (melhor: Faça-se) um passeio depois do almôço
Bonis corporis utare, dum adsint (cf. § 41, II, 4)	Serve-te dos bens corporais enquanto os tiveres (= Usem-se os bens corporais...)

3) Em DISPOSIÇÕES LEGAIS, que geralmente não são feitas com o fim exclusivo de regular a vida social no momento atual, mas também para regular o futuro, o latim usa preferìvelmente o IMPERATIVO DO FUTURO. A mesma forma é empre-

gada também em ordens não oficiais que se refiram a uma ação verbal a ser realizada num futuro mais ou menos remoto. Exemplos:

Mortuos sepeliunto extra moenia Urbis	Deverão sepultar os mortos fora das muralhas da Cidade
Redi quam brevissime Romam; deinde scribito ad me	Volta quanto antes a Roma; em seguida deves escrever-me

4) Na 3.ª pess., só o Imp. do Fut. tem forma especial; no Pres. emprega-se o Subj., e muitas vêzes é impossível dizermos com certeza absoluta se êste Subj. é um EXORTATIVO ou um JUSSIVO (cf. § 57, I); aliás, também em português são pouco nítidas as fronteiras entre uma "exortação" e uma "ordem" na 3.ª pess. Só o contexto poderá decidir esta questão: quando quem fala possui autoridade sôbre outros, temos geralmente um Subj. jussivo; quando não a possui, temos geralmente um Subj. exortativo. Exemplos:

Caveant consules ne quid res publica detrimenti capiat (jussivo, porque são as palavras de um *senatus consultum*).	Que os cônsules tomem/Os cônsules devem tomar as providências necessárias para que o Estadão não sofra nenhum detrimento
Imitentur omnes cives exemplum illius viri fortis! (exortativo)	Que todos os cidadãos imitem o exemplo daquele herói!

5) Em ordens de caráter não geral e não oficial encontramos muitas vêzes fórmulas de cortesia e partículas de exortação, tais como:

amabo (te); quaeso; obsecro; sodes(1); *sis*(2); *sultis*(3)	por favor, por obséquio, etc.
agedum ou *age; agitedum* ou *agite*	eia! vamos!, etc.

II. ***Proibições.*** 1) A partícula de negação é sempre *ne*, não *non*.

2) A frase portuguêsa: "Não saias!" pode ser traduzida das seguintes maneiras:

a) *Ne exi!* (arcaico; poético; vulgar).

b) *Ne exeas!* (tratando-se de uma proibição de ordem geral, cf. *supra: Post prandium deambules*).

(1) *Sodes* = *si odes* (vulg.) = *si audes*. *Audēre* significava originàriamente "desejar" (cf. *avidus*).
(2) *Sis* = *si vis*.
(3) *Sultis* = *si vultis*.

c) *Ne exieris!* (a forma preferida pela prosa clássica em proibições dirigidas a uma pessoa determinada; no pl. se diz: *Ne exieritis!*).

d) *Noli exire!* ("não queiras sair!" e *Cave exeas!* ("toma cuidado de não sair!"); no plural: *nolite exire* e *cavete exeatis!* Também estas circunlocuções são bastante comuns em prosa clássica, principalmente em proibições feitas com cortesia e dirigidas a pessoas determinadas.

III. ***Observações.*** 1) O Imp. do Fut. pode ser usado também em frases negativas, p. e.:

Mortuos intra Urbem ne speliunto	Não deverão sepultar os mortos dentro das muralhas da Cidade

2) *Ne exieris/exieritis* são subjuntivos "acrônicos" (cf. § 53, II).

3) Quanto a *cave exeas*, cf. § 145, III, 4.

4) Na 3.ª pess. pode dizer-se sòmente: *ne exeat/exeant* (não os subj. *exierit/exierint*).

§ 56. **O Optativo.** — Como já vimos (cf. § 53, I, 3), o Subjuntivo latino exerce as funções do antigo optativo e do antigo subjuntivo. Vejamos primeiro o emprêgo do Subj. como optativo(1).

I. ***O optativo pròpriamente dito.*** O optativo pròpriamente dito emprega-se para exprimir um desejo. Considerando-se o desejo como realizável, o Subj. está no Presente, e pode ser precedido da partícula *utinam*(2); externando-se um desejo com sentimentos de pesar ou de saudades, em contraste com a situação real, o Subj. está no Impf. (para o momento atual), ou no Msqupf. (para o pretérito); neste último tipo de optativos, muitas vêzes chamado de "desejos irrealizáveis", o emprêgo da partícula *utinam* é obrigatório. A negação do optativo é sempre *ne*. Exemplos:

(*Utinam*) *amicus meus mox veniat!*	Oxalá venha logo teu amigo!
(*Utinam*) *pater meus ne moriatur!*	Oxalá não morra meu pai!
Utinam pater meus adhuc viveret!	Oxalá vivesse ainda meu pai!
Utinam pater meus illo tempore vixisset!	Oxalá tivesse ainda vivido meu pai naquêle tempo!

(1) Nem sempre é possível dizer com certeza se um determinado emprêgo do Subj. latino remonta ao Subj. ou ao Opt. indo-europeu; o Subj. "concessivo" é um dêsses casos duvidosos.

(2) *Utinam* é partícula composta de *uti*(= ut) e *nam*. *Ut*(*i*) significava originàriamente "Como" e era usado em exclamações (cf. 211, II, 1); *nam* é partícula de refôrço.

Nota. O optativo pròpriamente dito pode ser precedido também das formas verbais *velim* ou *nolim* (em "desejos realizáveis"), e de *vellem* e *nollem* (em "desejos irrealizáveis"). Exemplos:

Mox velim redeat!	Oxalá volte logo!
Quam vellem Romae mansisses!	Como desejaria que tivesses ficado em Roma!

Velim/nolim, e *vellem/nollem* são subjuntivos potenciais (cf. *infra*, II); quanto à regência dêstes verbos, cf. § 145, II.

II. ***O Potencial.*** Como o próprio têrmo indica, o Potencial exprime uma possibilidade; além disso serve também para atenuar uma afirmação, tornando-a menos positiva; encontra-se muitas vêzes em frases interrogativas do tipo: "Quem *poderia* negar isto?". Os gregos usavam muitíssimo o Potencial; os romanos, muito mais positivos e menos sutis, empregavam-no muito menos, aplicando-o principalmente em construções hipotéticas (cf. § 159, III) e em certas expressões fixas.

As línguas modernas, em geral, não possuem um Pot. de caráter bem definido; o português usa, às vêzes, o chamado "condicional" para indicar a potencialidade, p. e.: "Gostaria de saber", ou (em linguagem coloquial) o Ind. Impf., p. e.: "*Queria* saber", ou então o Ind. Fut., p. e.: "*Será* que êle está em casa?". Em inglês se usam os verbos auxiliares *may* e *might*, p. e: *That may/might be true;* em outras línguas se empregam partículas, p. e. *schon* em alemão; *wel* em holandês.

A prosa clássica (a situação em latim arcaico e vulgar, como também em poesia é algo diferente) possui dois potenciais: o do tempo atual, indicado pelo Subj. Pres. ou Pf., e o do passado, indicado pelo Subj. Impf. No tempo atual, pode usar-se quase indistintamente o Subj. Pres. ou o Subj. Pf., uma reminiscência da regra já vista (cf. § 53, II), segundo a qual os modos não-indicativos originàriamente designavam apenas a *actio*. A diferença entre *dicam* e *dixerim*, usados como potenciais, era a que existia entre a "actio durativa" (*dicam*) e a "actio aorista" (*dixerim*), mas em latim clássico é muito duvidoso que essa distinção tenha possuído muito valor prático.

1) Locuções freqüentemente usados:

Dicam/affirmem } *Dixerim/affirmaverim* }	Poderia dizer/afirmar
Velim/nolim (cf. § 56, I, nota)	(Não) quereria

Vellem/nollem (cf. § 56, I, nota)	(Não) teria querido
Dicas (cf. § 41, II, 4)	Poder-se-ia dizer
Crederes/videres/diceres (cf. § 41, II, 4)	Poder-se-ia ter acreditado/visto/dito

2) Exemplos de frases:

Quis neget me hoc fecisse?	Quem pode/poderia/poderá negar que eu tenha feito isto?
Confecto proelio, tum vero cerneres audaciam militum	Só depois de terminada a batalha, poder-se-ia ter visto bem a coragem dos soldados
Quis non fleret?	Quem não teria chorado?
Quis non fleat?	Quem não choraria?

Nota. Como se vê pelos exemplos, a negação é sempre *non.*

§ 57. **O Subjuntivo pròpriamente dito.** — O subjuntivo pròpriamente dito indica vontade (daí o nome: subjuntivo voluntativo), distinguindo-se do optativo pròpriamente dito por apresentar a realização da ação verbal como dependente da colaboração do sujeito. Mencionamos aqui os principais tipos de subj. usados em orações independentes.

I. ***O Jussivo e o Exortativo.*** As fronteiras entre o "jussivo" (que dá ordens) e o "exortativo" (que dá conselhos) são pouco nítidas (cf. § 55, I, 2 e 4), principalmente na 3.ª pessoa. Na 1.ª pessoa (quase sempre plural) não há dúvida: é sempre "exortativo". Exemplos:

Amemus patriam!	Amemos a pátria!
Meminerimus majorum nostrorum!	Lembremo-nos dos nossos antepassados!
Ne optemus impossibilia!	Não desejemos coisas impossíveis!

Nota. A negação do exortativo é *ne.*

II. ***O Proibitivo.*** As formas (sempre negativas) são, na 2.ª pessoa: *ne exas/ne exieris,* e *ne exeatis/exieritis;* na 3.ª pessoa só: *ne exeat* e *ne exeant* (cf. § 55, II–III).

III. ***O Permissivo.*** O permissivo é usado na 2.ª e na 3.ª pessoa; a forma é quase sempre o Subj. Pres., só raras vêzes o Subj. Pf. ("acrônico"). A negação é *ne.* Seu emprêgo ocorre principalmente na linguagem coloquial. Exemplo:

Habeas istam pecuniam tibi!	Podes ter êsse dinheiro para teu uso!
Faciat quod lubet	Pode fazer o que lhe aprouver

IV. ***O Concessivo*** O concessivo deriva lògicamente do permissivo, como o último exemplo pode demonstrar. Mas, ao passo que o permissivo pertence à esfera de ação, o concessivo tem caráter mais intelectual: êle exprime concessão, muitas vêzes fingida, de uma hipótese considerada de somenos importância em comparação com outra verdade que se quer realçar. O concessivo é bastante comum também em prosa clássica. Seus tempos são o Pres. e o Pf. (êste último não é "acrônico", mas indica o passado); a negação é *ne;* muitas vêzes vêzes vem precedido da partícula *sane,* ou da forma verbal *esto* (port.: "bom"; cf. francês: *soit!*). Exemplos:

Oderint, dum metuant!	Que (me) odeiem, contanto que (me) temam!
Sit sane fur, at certe est vir strenuus	Bom! Pode ser que êle seja ladrão, mas em todo caso é homem enérgico
Esto: ne fecerit illud scelus, at certe/saltem conscius fuit	Bom! Concedo que êle não tenha feito aquêle crime, mas em todo caso foi cúmplice

Nota. Como se vê pelos exemplos, corresponde a *sane* ou a *esto* muitas vêzes, na segunda frase, a partícula *at,* ou *at certe/saltem,* ou *certe* ("em todo caso").

V. ***O Deliberativo.*** Êste subj. é empregado apenas em perguntas para exprimir hesitação ou dúvida: por isso se chama também de Subj. dubitativo. Quem faz uma pergunta deliberativa ou dubitativa, quer — ou finge querer — saber a vontade de outrem. Êste Subj., sòmente usado na 1.ª pessoa, não deve ser confundido com o potencial, que igualmente ocorre em perguntas (cf. § 56, II).

O dubitativo pode referir-se à situação atual; neste caso, usa-se o Subj. Pres., sempre na 1.ª pessoa (sg. e pl.); referindo-se a uma situação no passado, usa-se o Subj. Impf. (em tôdas as pessoas). Uma variante do subj. deliberativo ou dubitativo é o chamado Subj. "exclamativo", usado em preguntas que manifestam indignação, protesto, reclamação, etc. A negação de todos êstes tipos de Subj. deveria ser *ne,* mas é, na realidade, *non,* visto que em perguntas dubitativas a negação tem sempre ênfase. Exemplos:

Quid agam, judices, quo me vertam?	Que devo fazer, juízes, para onde me devo voltar? (ou: Que farei? para onde me voltarei)?

Quid faciam? Rogem eum, non rogem?	Que devo fazer? suplicar-lhe ou não?
Amicus meus indignabatur de iniuriā sed quid faceret?	Meu amigo indignava-se com a afronta, mas o que podia fazer?
Huic cedamus?!	Ceder a êste?! (Nunca!)
Nos poetarum voce non moveamur?	E nós não nos devemos deixar comover pela voz dos poetas?

VOZES

§ 58. **Introdução.** — A gramática expositiva distingue em latim só duas vozes: a voz ativa e a voz passiva. A primeira indica que o sujeito pratica ou exerce a ação verbal, a segunda que êle a recebe ou sofre. Do ponto de vista da morfologia latina na época histórica não há nada contra essa bipartição. Mas, se nos colocarmos no terreno da gramática histórica, podemos verificar que a voz passiva é uma categoria do verbo que só relativamente tarde se desenvolveu nas línindo-européias. Circunscrevendo-nos aos limites da língua latina, devemos dizer que a V. P. tem dupla origem; nasceu do emprêgo impessoal do verbo (tipo: *itur*, cf. § 40, III), e da chamada "voz média", uma antiga voz indo-européia (conservada mais ou menos fielmente pelo grego) cuja função sintática era comparável à da conjugação reflexiva nos idiomas românicos. Os "depoentes" latinos são, na realidade, antigos verbos "médios", que ainda traem sua origem em muitos casos, p. e.: *proficiscor* ("encaminho-me, saio"), *sequor* ("associo-me, sigo"), etc.*

§ 59. **A conversão da ativa para a passiva.** — I. ***Exemplos paralelos.*** Vejamos primeiro três pares de exemplos:

Antonius tibi dabit hunc librum (V. A.)	Antônio te dará êste livro
Hic liber tibi dabitur ab Antonio (V. P.)	Êste livro te será dado por Antônio
Populus Romanus Ciceronem consulem creavit (V. A.)	O povo romano elegeu Cícero cônsul
Cicero consul creatus est a populo Romano (V. P.)	Cícero foi eleito cônsul pelo povo romano
Magni terrae notus vexant Siciliam	Grandes terremotos flagelam a Sicília
Sicilia vexatur magnis terrae motibus (V. P.)	A Sicília é flagelada por grandes terremotos

II. ***Regras elementares.*** 1) O objeto direto da ativa vem a ser o sujeito da passiva, p. e.: *librum > liber; Ciceronem > Cicero: Siciliam > Sicilia.* Cf. § 40, I, Nota 1.

2) Encontrando-se, na ativa, um complemento predicativo referente ao objeto direto (no ac.), êsse passa para o nom. na passiva, p. e. *consulem > cōnsul.*

3) O sujeito da ativa passa a ser o agente da passiva, e êste vai para o abl. precedido de *a(b)*, quando fôr animado ou indicar um grupo de sêres animados, p. e.: *Antonius > ab Antonio; Populus Romanus > a populo Romano.* Mas quando o agente não fôr animado, usa-se o abl. sem preposição, p. e.: *Magni terrae motus > magnis terrae motibus.*

4) Naturalmente pode faltar o agente numa frase passiva: esta construção da passiva é anterior à construção "completa" e, em latim arcaico, muito mais freqüente do que a outra. Assim podemos dizer, em português: "Êste livro te será dado", e em latim: *Hic liber tibi dabitur.*

5) Construções com o gerundivo no sentido de particípio de necessidade são frases passivas; mas o agente está geralmente no dativo (cf. § 34, I, 1).

III. ***Verbos intransitivos.*** Verbos intransitivos admitem na V. P. só a forma impessoal (= 3.ª pess. sg. e o Inf., cf. § 40 III). Assim se pode dizer: *itum est* (*a me*) e *eundum est* (*mihi*), mas não: *itus sum* ou *eundus sum.* Não devemos esquecer que alguns verbos transitivos, em português, são intransitivos em latim (isto é, não admitem na V. A. um objeto direto = acusativo), p. e. *parcĕre* e *nocēre* (cf. § 30, I, 3). Destarte devemos dizer:

Huic urbi a rege crudeli non parcetur (não: *haec urbs*)	Esta cidade não será poupada pelo rei cruel
Non est tibi nocitum a me (não: *nocitus es*)	Não fôste prejudicado por mim

Assim se explicam locuções, tais como: *persuasum est mihi* ("estou convencido/persuadido"), *praefectus urbi* (não *urbis*), visto que os verbos *persuadēre* e *praeficĕre* em latim pedem o dar. (cf. § 77, II).

§ 60. **Particularidades.** — Damos aqui algumas particularidades relativas ao emprêgo das vozes em latim.

I. ***Na voz ativa.*** 1) Alguns verbos de forma ativa têm significado passivo e por isso mesmo podem ser construídos com *ab* mais ablativo. Mencionamos:

Bene audio ab omnibus civibus	Sou elogiado por todos os cidadãos
Intereo/Pereo a tyranno	Sou morto pelo tirano
Male audio ab inimicis	Sou criticado pelos inimigos
Vapulo a magistro	Sou espancado pelo professor
Haec domus veniit a patre meo	Esta casa foi vendida por meu pai

Nota. *Interire* e *perire* servem de passivos de *interimĕre* e *perimĕre* ("matar, aniquilar"); *venire* do verbo *vendĕre* ("vender"); os três verbos são compostos de *ire* ("ir"). Existem, porém, também formas regulares, tais como: *venditus, vendendus, perditus* e *perdendus*.

2) Muitos verbos transitivos adquirem significado intransitivo pela elipse do objeto direto, com o qual são muitas vêzes combinados, p. e.:

agĕre (vitam)	viver	*movēre (castra)*	partir
conscendĕre (navem)	embarcar	*obire (mortem)*	falecer
ducĕre (exercitum)	marchar	*solvĕre (ancoram)*	zarpar
merēri (stipendia)	servir (soldado)	*tenēre (locum)*	achar-se

II. ***Na voz passiva.*** 1) Muitos verbos de forma passiva têm ainda significado reflexivo, isto é, "médio" (cf. § 58). Mencionamos aqui:

augēri	aumentar-se	*lavari*	lavar-se
congregari	reunir-se	*movēri*	mover-se
irasci	indignar-se	*verti*	voltar-se
laetari	alegrar-se	*vesci*	alimentar-se

2) Os verbos *coepisse* ("ter começado") e *desinĕre* ("desistir/cessar de"), quando combinados com um Inf. objetivo na V. P., vão muitas vêzes para o passivo. Exemplos:

Hoc templum aedificari coeptum est a Caesare Augusto	Iniciou-se a construção dêste templo por César Augusto
Hi libri ab hominibus hujus aetatis legi desiti sunt	Êstes livros cessaram de ser lidos pelos homens modernos

Nota. Esta assimilação da voz do verbo finito à voz do Inf. era muito mais comum em latim arcaico, onde encontramos o mesmo fenômeno com *possum, (ne)queo* e *debeo,* p. e.: *sine periculo bellum*

geri poteratur ("a guerra podia ser feita sem perigo"), e *forma in tenebris nosci non quita est* ("não se puderam distinguir suas feições na escuridão"), etc. — Por outro lado, a regra formulada acima não é rigorosamente aplicada pelos autores clássicos e muito menos ainda pelos escritores da época imperial: encontramos também construções do tipo: *Hoc templum aedificari coepit.*

III. ***Depoentes, etc.*** 1) Alguns verbos latinos, entre outros os depoentes, não possuem a V. P.; muitas vêzes o latim se serve de circunlocuções para exprimir a passividade; ou o duplo dativo (cf. §79, I) ou *in* (raro *ex*) mais ablativo. Exemplos:

admirationi mihi est = *apud me in admiratione est:* "é admirado por mim"

odio mihi es = *in odio es apud me:* "és odiado por mim"

invidiae tibi sum = *in invidia sum apud te:* "sou invejado por ti"

usui/usu hoc est illis = *hoc in/ex usu illis est:* "isto é usado por êles"

2) Na frase: *perfusus genas lacrimis*, a forma *perfusus* era originàriamente Part. Pf. da voz média: "tendo banhado *sua* face com lágrimas"; mas visto que em latim histórico a V. M. já não era uma categoria viva do verbo, *perfusus* começou a ser interpretado como forma passiva, e o ac. *genas*, sob a influência do grego, passou a ser considerado como acusativo de parte, construção bastante comum em grego: "banhado, quanto à sua face, por lágrimas" (cf. §73, IV) > "sua face banhada em lágrimas". Na poesia latina encontramos muitas construções do tipo: *perfusus genas lacrimis;* damos aqui os seguintes exemplos:

loricam induitur	revestir-se da couraça, ou: vestir a couraça
capita velamur	cobrimos a cabeça
scinditur comam	arranca os cabelos
redimitur tempora	coroa sua testa

Capítulo VI

FRASES INTERROGATIVAS

§61. **Observações preliminares.** — Antes de abordarmos a construção de frases interrogativas em latim, cumpre vermos algumas distinções fundamentais.

I. ***Perguntas parciais e totais.*** 1) As frases do tipo: "Quem fêz isto? e: "Onde mora teu pai?" são perguntas parciais, porque nelas a dúvida não se refere à proposição como tal, e sim a uma parte da frase, p. e. ao sujeito, na primeira frase; ao complemento de lugar, na segunda. Tais perguntas são introduzidas por pronomes ou adjetivos interrogativos (p. e.: "*Quem* fêz isto?" e: "*Quantas* pessoas assistiram à reunião?"), ou então por advérbios interrogativos (p. e. "*Onde* mora teu pai?". A resposta a tal pergunta pode ser um substantivo/pronome pessoal, p. e.: "*João/êle* fêz isto", ou um adjetivo, p. e.: "*Mil* pessoas assistiram", ou então um advérbio ou uma locução adverbial, p. e.: *Aqui/Nesta casa* mora meu pai".

2) As frases do tipo: "O Sr. não fuma?" são perguntas totais, visto que a minha dúvida se refere à proposição inteira, e não só a uma parte da mesma; a tais perguntas se espera uma resposta na forma de "sim" ou "não".

II. ***Como marcar uma pergunta.*** É fácil reconhecer uma pergunta parcial devido à presença de um pronome ou advérbio interrogativo; quanto a perguntas totais, elas devem vir munidas de um elemento especial para diferenciá-las de frases simplesmente expositivas. Muitas línguas marcam uma pergunta (não só as parciais, mas também as totais) mediante o *tom ascendente* em que são pronunciadas, cf. em português: "O Sr. não fuma" (descendente) e: "O Sr. não fuma?" (ascendente); outras línguas caracterizam-na pela inversão de sujeito e predicado, cf. em francês: *Il viendra* (sujeito-predicado), e: *viendra-t-il?* (predicado-sujeito); em algumas línguas, p. e. em alemão e em holandês, a inversão é o indício comum de uma frase interrogativa. Também o inglês se serve da inver-

são mas, além disso, do verbo auxiliar *to do*, p. e.: *You smoke cigars*, e: *Do you smoke cigars?* O francês emprega muitas vêzes a locução *est-ce-que*, locução que pràticamente é igual a uma partícula interrogativa e permite que o sujeito e o predicado conservem numa pergunta a ordem das frases expositivas(1), p. e.: *Est-ce-qu'il viendra?* Poderíamos multiplicar os exemplos, mas basta termos dado essas noções elementares.

O latim e o grego não podiam recorrer à inversão por dois motivos: o sujeito, ao contrário do que acontece em francês, inglês e alemão, estava muitas vêzes oculto; além disso, a ordem das palavras nas línguas clássicas era muito livre. Tãopouco se serviam de verbos auxiliares, como o faz p. e. o inglês. Mas o tom ascendente (principalmente em frases curtas, e na linguagem coloquial) marcava a pergunta nas línguas clássicas. Ora, êste método tem os seus inconvenientes, sobretudo na linguagem escrita e em frases de certo tamanho. Para remediá-los, o latim e o grego usavam pequenas palavras, as chamadas "partículas interrogativas".

III. ***Perguntas diretas e indiretas.*** Na frase: "Pergunto-te: "Onde mora teu pai?", temos duas orações independentes, mas: "Pergunto-te, onde mora teu pai", é uma frase complexa composta de uma proposição principal ("pergunto-te") e de uma proposição dependente ("onde mora teu pai"). A segunda frase é uma "pergunta indireta", isto é, uma pergunta tornada dependente de um verbo principal, vindo a constituir o seu objeto direto; uma pergunta indireta é cláusula substantiva objetiva, o que podemos verificar se a substiruirmos pela frase: "Pergunto o enderêço de teu pai".

IV. ***Perguntas simples e disjuntivas.*** Uma pergunta pode ser simples (tipo: "Teu pai mora no Rio?"), ou disjuntiva (tipo: "Teu pai mora no Rio *ou* em São Paulo?"). Numa pergunta disjuntiva, o português se serve da partícula "ou" para ligar a segunda pergunta à primeira.

V. ***Perguntas reais e retóricas.*** Finalmente, uma pergunta pode ser "real", isto é, ser feita com o fim de receber uma resposta (p. e.: "Onde mora teu pai?"), ou "retórica", isto é, ser feita à maneira de uma exclamação sem a expectativa de uma resposta (p. e.: "Onde se viu tal ousadia?" =

(1) Usamos o têrmo "frase expositiva" aqui em oposição à "frase interrogativa".

"Em nenhuma parte se viu tal ousadia!"). O têrmo "pergunta retórica" é enganador: seu emprêgo não se limita ao estilo oratório, mas se estende também a outros gêneros literarios; na linguagem coloquial é bastante comum.

§ 62. **Perguntas parciais.** — I. ***Palavras introdutórias.*** Perguntas parciais são introduzidas por pronomes, adjetivos ou advérbios interrogativos.

1) Pronomes e adjetivos. Os mais importantes são: *Quantus?*, *Quantum? Quot? Quis?*, *Qui?*, *Uter?*, e *Qualis?*

Segundo as regras da gramática normativa, *quis* (neutro: *quid*) é pronome, e *qui* (fem.: *quae;* neutro: *quod*) é adjetivo; na realidade, porém, *quis* é muitas vêzes usado como adj. (p. e.: *quis miles hoc fecit?*) e *qui* algumas vêzes como pron. (p. e.: *qui hoc fecit?*)

Qualis refere-se à qualidade, ao tipo, à espécie, etc.

Quantus refere-se ao tamanho, à importância, ao pêso, etc.

Quantum (neutro substantivado de *quantus*) refere-se à quantidade; é sempre combinado com o gen. partitivo (cf. § 88, V, 1b) de subst., geralmente, no singular.

Quot é palavra indeclinável; refere-se à quantidade numérica de subst. no plural.

Quanto a *uter*, cf. § 227, V.

Exemplos:

Quot libros habet pater tuus?	Quantos livros tem teu pai?
Quantum vini bibisti?	Quanto vinho bebeste?
Quanta est illa statua?	De que tamanho é aquela estátua?
Qualem domum emisti?	Que tipo/espécie de casa compraste?

2) Advérbios Os mais importantes são:

Ubi?	Onde?	*Quare?*	Por que?
Quo?	Aonde, para onde?	*Cur?*	
Unde?	Donde?	*Ut?*	Como, de que modo?
Quā?	1) Por que caminho? 2) Como?	*Quo modo/pacto?*	
		Quā ratione?	
Quando?	Quando?	*Quemadmodum?*	
Quam?	Como? Quão?	*Qui?*	1) Como? 2) Por que?
Quin?	Por que não?/Como não?		

Notas.

1) Usa-se *quam* com adj., adv. e verbos, *ut/quomodo*, etc. com verbos.

2) Quanto a *ut* como adv. interrogativo, cf. § 211, II.

3) Quanto a *qui* e *quin* como adv. interrogativos, cf. § 148, II, 5; § 149.

Exemplos:

Quā illuc perveniam?	Como chegarei lá?
Quam longe abes ab Urbe?	A que distância te achas da Cidade?
Qui fit ut nemo contentus sit sorte suā?	Como acontece (explicar) que ninguém está contente com a sua sorte? (ou: Por que ninguém. . .)
Ut vales?	Como estás passando?
Quin abimus?	Por que não vamos embora? (= Vamos embora!)
Quomodo/Quo pacto hoc factum est?	Como aconteceu isto?
Unde profectus es?	Donde partiste?

II. ***Observações.*** 1) A transição de perguntas parciais para exclamações é muito freqüente e processo quase imperceptível: só o tom é diferente, diferença marcada nos textos escritos ou por sinal de interrogação ou por sinal de exclamação. Damos aqui dois exemplos de frases já vistas como perguntas:

Quantum vini bibisti!	Quanto vinho bebeste!
Quam longe abes ab Urbe!	Como estás longe da Cidade!

2) Todos os pronomes, adjetivos e advérbios interrogativos podem ser reforçados pela partícula enclítica *nam*, p. e.: *Quisnam hoc dixit?*, e: *Ubinam habitat pater tuus?*

3) Assim se explica a formação da partícula optativa *utinam*; a palavra *ut*, nas suas diversas funções, apresenta muitas vêzes a forma *uti*.

§ 63. **Perguntas totais.** — I. ***Tom ascendente.*** Em perguntas curtas (principalmente na linguagem cloquial), bem como, em certo tipo de perguntas retóricas, muitas vêzes só o tom ascendente indica o caráter interrogativo da frase. Quando a frase contém uma negação, deixa-se entrever que a resposta esperada é "sim"; não havendo negação na pergunta, a frase interrogativa é formalmente "neutra", mas não raras vêzes revelará admiração, espanto, indignação etc., conforme o tom em que fôr pronunciada. Cf. em português: "O Sr. fuma?" (pergunta neutra) e: "O Sr. fuma?!" (espanto, indignação, etc.). Exemplos:

Tu quoque aderas?	Tu também estavas presente?
Tu non vidisti eum?	Tu não o viste? (espero que sim)

Tu arma nobis abjicienda (esse) censes? (perg. retórica)	Julgas tu que devemos jogar fora as armas? (Isso nunca!)
Patriam meam non diligam? (perg. retórica, com Subj. excl., cf. § 57, V)	Não devo amar a pátria? (devo amá-la, sim)

II. ***As partículas.*** Geralmente, porém, o latim literário se serve de partículas interrogativas, sobretudo quando a pergunta é "real" (não retórica) e tem certa extensão. As três partículas mais importantes são: *nonne*, *num* e *–ne*.

Nonne (= *non–ne*) é usado, quando se espera uma resposta afirmativa. Tipo: "Não ouviste falar de Cícero?"; neste caso, espero como resposta: "sim", ou pelo menos insinuo que só uma resposta afirmativa seria conveniente.

Num deixa entrever uma resposta negativa (em português: "então/por acaso/por ventura", etc.). Tipo: "Então ousas negar isso?"; neste caso insinuo que uma resposta afirmativa seria o cúmulo de ousadia.

–ne é palavra enclítica, que se prende preferìvelmente ao verbo ou ao pronome e, no mais das vêzes, se encontra no comêço da frase; usa-se em perguntas "neutras". Tipo: "O Sr. já visitou a Itália?" Exemplos:

Nonne canis similis est lupo?	O cão não é parecido com o lôbo? ("sim")
Num tibi permisi hunc librum legendum?	Então te dei a permissão de ler êste livro? ("não")
Tune vidisti amicum meum? *Vidistine amicum meum?* *Amicumne meum vidisti?*	Viste meu amigo?

Notas.

1) O tom da pergunta varia conforme o lugar ocupado por *-ne*. Exagerando um pouco, podemos dizer que *Tune* se aproxima do valor de: "Fôste tu que viste?"; *Amicumne meum* aproxima-se de: "Foi meu amigo que viste?"; *Vidistine* é a forma mais neutra e significa: "Viste?"

2) Encontramos também formas abreviadas de *–ne*, p. e. em *viden*(= *videsne*) e *vidistin* (= *vidistine*). É a chamada apócope.

III. ***Observações.*** 1) Em vez de *num* usa-se também *numquid* e *ecquid* (cf. *infra*, 3).

2) A partícula neutra *–ne* tem muitas vêzes a fôrça de *nonne* (principalmente na comédia); poucas vêzes, a de *num*. O contexto é o critério decisivo, pois uma partícula "neutra" pode desenvolver-se nos dois sentidos.

3) Encontram-se também as formas *ecquis, ecquae/ecqua, ecquid* e *ecquod;* aí o elemento *–quis*, etc. não é pron. interr., e sim pron. indef. (cf. *aliquis*, etc.). A resposta esperada é geralmente "não".

Exemplo: *Ecquod bellum injustum gessimus?* ("Já fizemos alguma guerra injusta?" = "Por acaso já fizemos uma guerra injusta?"). *Ecquid,* às vêzes, não passa de uma forma cristalizada (= *num* ou *numquid*).

4) Quanto a *an,* cf. § 66, III–IV.

§ 64. **Perguntas indiretas** — I. ***Os conectivos.*** Perguntas parciais, quando indiretas, são em latim e em português introduzidas pelas mesmas palavras que introduzem perguntas parciais diretas. Cf. "*Onde* mora teu pai?" e: "Pergunto, *onde* mora teu pai". Perguntas totais, quando indiretas, são introduzidas, em português, pela partícula "se" (p. e. "Pergunto *se* viste meu amigo"); em latim, usa-se geralmente a partícula *num* (sem a nuança negativa que esta partícula possui em perguntas diretas), menos freqüentemente a partícula enclítica *-ne,* e só depois do verbo *quaerĕre* a partícula *nonne.* Exemplos:

Rogo te ubi habitet pater tuus	Pergunto-te onde mora teu pai
Rogo te num videris amicum meum / *Rogo te viderisne amicum meum*	Pergunto-te se viste meu amigo
Quaero ex/abs te nonne videris amicum meum	Pergunto-te se viste meu amigo

Notas.

1) A construção de *rogare* é: *rogare aliquem aliquid;* a de *quaerere* é: *quaerere aliquid ab/ex aliquo* (cf. § 75, IV).

2) Além das partículas assinaladas, usam-se também *ecquis* ("se alguém"), *ecqui* ("se algum"), etc. As formas neutras *ecquid* e *numquid* tornaram-se pràticamente partículas (= *num*), p. e.: *Scire velim numquid/ecquid tibi placeant libri mei* = "Gostaria de saber se meus livros (em algum ponto) te agradam".

3) Quanto a *an,* cf. § 66, III–IV.

4) A partícula *si* pode, em latim clássico, ser usado só depois de certos verbos para introduzir uma pergunta indireta; os três principais são *exspectare* ("aguardar"), *conari* ("tentar") e *experiri* ("experimentar, tentar"). Exemplo: *Hostes conati sunt si perrumpere possent* = (lit.) "Os inimigos fizeram uma tentativa, para ver se conseguiam passar pela fôrça" > "Os inimigos tentaram passar pela fôrça". Foi partindo dessas construções que o latim começou a usar *si* em perguntas indiretas, p. e. *Videamus si domi sit* = "Vejamos se está em casa" (construção vulgar que se tornou comum nas línguas românicas).*

II. ***O emprêgo do Subjuntivo.*** 1) O modo empregado nas perguntas indiretas é, em prosa clássica, o Subjuntivo, o

qual se explica como dubitativo (cf. § 57, V) ou, em outros casos, como potencial (cf. § 56, II). A frase complexa: *Nescio quid agam*, origina-se de duas orações primitivamente independentes: *Nescio. Quid agam?* (dubitativo). Na frase complexa: *Rogo te quis hoc neget*, havia originàriamente também duas orações independentes: *Rogo te. Quis hoc neget?* (potencial). Foi partindo dêsses casos que o latim começou a usar o Subj. em tôdas as perguntas indiretas, também nos casos em que êste modo não tinha cabimento, p. e.: *Rogo te quis hoc fecerit?* (< *Rogo te: Quis hoc fecit?*). Por outras palavras, o Subj. em perguntas indiretas não passa, em numerosos casos, de Subj. de "subordinação" (cf. § 53, I, 3). Mas na linguagem popular e em poesia encontram-se muitas perguntas indiretas construídas com o Ind. (tipo: *Rogo te quis hoc fecit*).

2) As perguntas indiretas podem depender, a rigor, só de verba interrogandi (*rogare, interrogare, quaerĕre, sciscitari*, etc.) e de verba ignorandi et dubitandi (p. e. *nescire, ignorare, dubitare*, etc.). Mas devido ao processo de analogia, o latim clássico chegou a combinar também nos verba sentiendi et declarandi com perguntas indiretas, como se pode ver pelos seguintes exemplos. A frase: *Nescio quid agam*, possibilitou a criação análoga de: *Scio quid agam*, e a frase: *Rogo te quis hoc fecerit*, originou: *Dico tibi quis hoc fecerit.* Essas cláusulas são, nas línguas modernas, geralmente consideradas como relativas: "Eu te digo *quem* fêz isto" = "Eu te digo *a pessoa que* fêz isto". Muitas vêzes acontece que as fronteiras entre clausulas relativas e interrogativas são pouco nítidas, e também em latim clássico encontramos, ao lado da construção: *Dico quid sentiam* (interr.), a construção: *Dico quod sentio* (rel.). Mas, em geral, prefere-se em latim a construção das perguntas indiretas, a não ser que haja um antecedente claro na frase principal, p. e.: *Dico id quod sentio*, ou: *Dico ea quae sentio.*

III. ***O emprêgo dos tempos.*** O que é essencial, é a distinção entre tempos primários e tempos secundários (cf. § 43, II). Quando o verbo regente fôr um tempo primário, o verbo da cláusula irá para o Pres. (simultaneidade), ou para o Pf. (anterioridade), ou para a conjugação perifrástica com *sim* (posterioridade); quando o verbo regente fôr um tempo

secundário, o verbo da cláusula irá para o Impf. (simultaneidade), ou para o Msqupf. (anterioridade), ou para a conjugação perifrástica com *essem* (posterioridade). Exemplos:

1) Tempo primário:

PERGUNTA DIRETA		PERGUNTA INDIRETA		
Quid facis?	(tempos absolutos)	*Scio*	*quid*	*facias* (simult.)
Quid fecisti?		*Cognovi*		*feceris* (ant.)
Quid facies?		*Sciam*		*facturus sis* (post.)

2) Tempo secundário:

PERGUNTA DIRETA		PERGUNTA INDIRETA		
Quid facis?	(tempos absolutos)	*Sciebam*	*quid*	*faceres* (simult.)
Quid fecisti?		*Cognoveram*		*fecisses* (ant.)
Quid facies?		*Scivi*		*facturus esses* (post.)

IV. ***Observações.*** 1) *Cognovi* = *scio* (cf. § 48, II); *cognoveram* = *sciebam* (cf. § 49, II); *cognovero* =« *sciam* (cf. § 50, II).

2) Uma forma do tipo *laudaveram* (Msqupf. de "anterioridade") é tempo secundário, mas não se encontra muitas vêzes como verbo regente de uma pergunta indireta, porque é tempo relativo. A mesma coisa pode dizer-se de *laudavero* (tempo primário).

3) As formas da conjugação perifrástica usam-se em perguntas indiretas apenas quando a clareza exigir que se exprima a posterioridade; muitas vêzes são substituídas pelo Subj. Pres. (depois de um tempo primário) ou pelo Subj. Impf. (depois de um tempo secundário), acompanhado de *mox, brevi, postea*, etc. Esta construção é a única possível com verbos que não possuem o Part. Fut., ou com verbos na V. P., p. e.: "Não sei qual será a cidade a ser saqueada": *Nescio quae urbs mox diripiatur.*

4) Um "presente histórico" (cf. § 45, II, 1) pode ser considerado como tempo primário (pela forma) ou como tempo secundário (pelo significado), de modo que duas construções são possíveis: *Caesar rogat quis obsides interfecerit/interfecisset* ("César perguntou quem matara os reféns").

§ 65. **Perguntas disjuntivas.** — Perguntas disjuntivas podem ser diretas ou indiretas.

I. ***Perguntas diretas.*** 1) O primeiro membro pode ser marcado pela partícula *utrum* ou por *-ne;* o segundo membro é geralmente introduzido por *an* ou (sendo negativa a frase,

por *annon*); o primeiro membro pode estar também sem partícula alguma. Exemplos:

(*Utrum*) *domi manebis an exibis?* *Manebisne domi an exibis?*	Ficarás em casa ou sairás?
(*Utrum*) *domi manebis annon?* *Manebisne domi annon?*	Ficarás em casa ou não?

Notas.

1) Pode haver mais de dois membros, p. e. na frase: (*Utrum*) *Caesar an Pompeius an Cicero vicit hostes?*

2) *Utrum* é forma cristalizada do pron. interr. *uter*. Seu significado original é: "Qual das duas coisas (é verdade): isto ou aquilo?". A origem de *an* é discutida.

3) Outras partículas correlativas, mas muito menos usadas, são: *-ne,..... -ne; utrumne ..... an; utrum..... aut; an .... an; an.... seu/sive; si..... sive/seu;* etc.*

II. ***Perguntas indiretas.*** As partículas são as mesmas; sendo negativo o segundo membro, emprega-se preferìvelmente *necne*, em vez de *annon*. Exemplos:

Rogo te (*utrum*) *domi maneas an exeas* *Rogo te maneasne domi an exeas*	Pergunto-te se ficas em casa ou sais
Rogo te (*utrum*) *domi maneas necne* *Rogo te maneas*(*ne*) *domi necne*	Pergunto-te se ficas em casa ou não

§ 66. **Particularidades.** — I. ***Combinações petrificadas.*** Ao compararmos as duas frases: *Nescio quis id fecerit*, e: *Nescio quis id fecit*, podemos verificar que, na primeira, temos uma verdadeira pergunta indireta ("Não sei ‖ quem o fêz"), mas que, na segunda, *nescio* constitui uma unidade tão íntima com *quis* que as duas palavras chegam a ser uma combinação "petrificada" sem influência sôbre a construção da frase ("Fê-lo ‖ não sei quem" = "Alguém o fêz"); muitas vêzes encontramos a grafia: *nescioquis*, etc. Encontramos esta segunda construção não só com o verbo *nescio*, mas também em algumas outras combinações. Exemplos:

Nescio quomodo amicus meus illud comperiit	Meu amigo soube aquilo de uma maneira ou outra (ou: não sei como)
Mirum est quantum istud nobis profuit	Isso nos foi extremamente útil lit: Isso nos foi útil, é extraordinário quanto)
Cf. também: *mirum quam* = *mire* ("extraordinàriamente")	*nescio ubi* = *alicubi* ("em alguma parte")

II. ***Circunlocução de palavras abstratas.*** Já vimos várias vêzes que o latim clássico revela uma predileção bem definida por expressões concretas, sendo relativamente pobre em palavras abstratas. Esta circunstância se revela também no seu emprêgo de perguntas indiretas que, do ponto de vista das línguas modernas, muitas vêzes substituem uma palavra abstrata. Damos os seguintes exemplos:

Docebimus vos cur credamus	Expor-vos-emos os motivos da nossa fé
Cotidie mihi narrat quantum profecerit	Cada dia me conta seus progressos
Non intellegis quanta sit vis hujus legis	Não compreendes o profundo significado desta lei

III. ***Perguntas elípticas.*** 1) Muitas vêzes está subentendido o primeiro membro de uma pergunta disjuntiva, e *an* (às vêzes, *anne*) introduz uma pergunta aparentemente simples. Tal acontece sobretudo depois de afirmações em cujo favor se aduz um argumento decisivo em forma de uma interrogação. *An* ou *an vero* introduz um argumento considerado como absurdo; *an non* introduz um argumento que se impõe como evidente. Exemplos:

Dico rem publicam libertate sublatā superesse non posse. An (vero) vos aliter existimatis?	Digo que o Estado não pode sobreviver, quando se tirar a liberdade. Ou pensais vós de modo diferente? (resp.: "não!")
Homines scelesti servi sunt, quia poenas metuunt. An non est omnis metus servitus?	Os malvados são escravos, porque temem o castigo. Não é todo e qualquer mêdo uma forma de escravidão? (resp.: "sim!")

2) O *an* elíptico encontra-se muitas vêzes também depois de uma primeira pergunta (parcial, não total), a que o próprio interrogador dá uma resposta (em forma de uma pergunta) conforme êle mesmo acha provável; nós podemos traduzir muitas vêzes por: "não é (verdade?", etc. (*an* = ± *nonne*). Exemplo:

Cur hoc venisti? An speculandi causā?	Por que vieste aqui? Para espiar, não é?

IV. ***Incerteza e dúvida.*** A frase latina: *Haud scio an mentitus sit*, deve ser traduzida: "Não sei se *não* mentiu" = "Talvez tenha êle mentido". Como explicar essa construção? Muito provàvelmente temos aqui a forma elíptica de uma pergunta originàriamente disjuntiva: *Haud scio (utrum verum*

dixerit) *an mentitus sit:* "Não sei se (falou a verdade ou) mentiu". Mas nesta alternativa, a segunda hipótese era a tal ponto admitida como a mais provável que a primeira acabou sendo eliminada: "Não sei. (Das duas hipóteses) me parece (a mais) provável (de) que êle tenha mentido". Destarte a locução: *haud scio an* (raro: *nescio an*) foi-se transformando numa partícula "potencial", usada para atenuar uma afirmação (cf. § 56, II); sua forma negativa era *haud scio an non* = "talvez não". A mesma construção encontra-se também com *dubitare, dubium/incertum est,* etc. Exemplos:

Haud scio an non mentitus sit	Não sei se mentiu > Talvez não tenha mentido
Dubito an Romam proficiscar	Talvez eu vá a Roma (lit.: Pergunto-me se não irei a Roma)
Meus amicus dubitat an turpe non sit hoc facere	Segundo meu amigo, talvez não seja indecoroso fazer isto

Notas.

1) Estando *dubitare,* no sentido de "duvidar, perguntar-se", com uma negação, geralmente se emprega em lugar de *an* a conjunção *quin* (cf. § 187, II, 4), p. e.: *Non dubitabat quin hoc turpe esset:* "Não duvidava que isto fôsse feio". Mas *dubitare,* no sentido de "hesitar em", pede em geral o Inf. objetivo (cf. § 3, II), embora se encontre também *non dubitare quin* (mais Subj.), p. e.: *Consul Romanus non dubitavit hostem aggredi/quin hostem aggrederetur* = "O cônsul romano não hesitou em atacar o inimigo".

2) Do mesmo modo que *haud scio an,* explica-se também *forsitan* <*fors-sit-an* ("talvez"), partícula essa que, em latim arcaico, sempre, e em prosa clássica, no mais das vêzes, é combinada com o Subj. Outra forma é *forsan.*

3) Quanto a *vidēre ne* (*non*), cf. § 145, III, 3.*

§ 67. **Respostas.** — I. ***Repetição do Verbo.*** O latim não possui palavras bem determinadas para exprimir "sim" e "não". Na resposta, geralmente se repete o verbo da pergunta, p. e.: *Amicus tuus estne in Urbe?* resposta: *Est* ("Sim"), ou: *Non est* ("Não").

II. ***Partículas.*** Em respostas afirmativas pode usar-se também: *Ita* (*est*)*; Etiam;* (*Ita*) *vero; Sane* (*quidem*), etc.; em respostas negativas: *Minime* (*vero*)*; Non*(*est*)*ita; Non vero; Nihil sane,* etc. Mas nenhuma dessas locuções é perfeitamente igual a "sim" ou a "não".

Capítulo VII

A SINTAXE DOS CASOS

§68. **Sinopse dos casos em indo-europeu.** — I. ***Os oito casos indo-europeus.*** O nome(1) indo-europeu tinha oito casos, a saber:

1) O Nominativo, que indicava o sujeito e o nome predicativo de uma frase.

2) O Genitivo, que exercia várias funções bastante difíceis de reduzir a um denominador comum; basta dizermos aqui que o gen. podia estabelecer diversas relações (p. e. de posse, de qualidade, etc.) entre dois nomes ou entre um verbo e um nome.

3) O Dativo, que exprimia o objeto indireto e exercia algumas funções secundárias.

4) O Acusativo, que exprimia o objeto direto da ação verbal, mas também indicava direção, duração, etc.

5) O Vocativo, que era o caso de "invocação".

6) O Ablativo pròpriamente dito, ou o Separativo, que indicava separação, origem, descendência, etc.

7) O Instrumental, que designava o instrumento e a companhia.

8) O Locativo, que indicava em que lugar (ou, em que tempo) se verifica a ação verbal.*

II. ***Caso reto e casos oblíquos.*** O nom. chama-se de *casus rectus* ("caso reto"); alguns gramáticos antigos consideravam também o voc. como caso reto; todos os outros casos têm o nome de *casus obliqui* ("casos oblíquos"). O voc. é um caso à parte dos demais, sendo um elemento independente do contexto da frase e, por isso mesmo, não fazendo parte da oração.*

---

(1) O têrmo gramatical "nome" abrange o subst., o adj. e o pronome.

III. ***Os casos em latim.*** Em latim histórico, existiam apenas seis casos: o abl. latino é um caso "sincrético" em que três casos indo-europeus se fundiram, a saber: o separativo, o instrumental e o locativo. Dos dois últimos existem só alguns esporádicos vestígios morfológicos.

Nota. O grego foi mais longe do que o latim em fundir os casos: aqui desapareceu também o abl., cujas funções foram assumidas pelo gen.; o dat., além de exercer suas funções originais, fazia também as vêzes do instrumental e do locativo. Em virtude dêsse sincretismo, o grego via-se obrigado a recorrer, muito mais do que o latim, a preposições (cf. §93.)

IV. ***A divisão da matéria.*** As funções exercidas pelos diversos casos em indo-europeu foram indicadas acima de maneira bastante sumária e, do ponto de vista da gramática histórica, até discutível. Neste capítulo pretendemos tratar detalhadamente das diversas funções dos casos latinos, cujo conhecimento é indispensável para a compreensão dos textos antigos. Começaremos a nossa exposição pelo acusativo; em seguida, veremos o dativo, o ablativo e o genitivo; falaremos do nominativo e do vocativo só à guisa do apêndice, já que êstes dois casos apresentam poucas dificuldades técnicas ao leitor moderno. Exporemos a construção de nomes de cidades já no início, por causa da sua importância intrínseca e também com o fim de evitar repetições incômodas na seqüência da exposição. Às preposições será consagrado um capítulo especial.

O ACUSATIVO

§69. **A natureza do acusativo.** — I. ***Sinopse das funções.*** A função primordial do ac., à qual, em última análise, remontam tôdas as demais (pelo menos, lògicamente falando), é a de exprimir o TERMO FINAL DA AÇÃO EXPRESSA PELO VERBO. Entre os acusativos das duas frases: *aedifico domum* e *proficiscor domum* não existe diferença essencial: em ambas, *domum* designa o têrmo final da ação verbal; na primeira, o de "construir", e na segunda, o de "caminhar". Mas a gramática descritiva faz aqui uma distinção, considerando *domum* em *aedifico domum* como ac. de objeto direto, e em *proficiscor domum* como ac. de direção.

Quanto ao ac. de objeto direto, cumpre fazermos algumas distinções que, à primeira vista, poderiam parecer destituídas de valor prático, mas que, na realidade, têm certa importância para a compreensão das funções secundárias do acusativo. Na frase: *aedifico domum*, o obj. direto *domum* vem a ser realizado sob a influência da ação verbal (*objectum rei effectae*); na frase: *vendo domum*, o obj. direto *domum* já existia antes de se efetuar a ação verbal, sendo que vem a ser apenas atingido num dos seus aspectos pela mesma (*objectum rei affectae*).

Se o obj. dir. *domum* da frase: *aedifico domum*, continua existindo também depois de terminada a ação verbal como RESULTADO da mesma, tal não acontece com o obj. dir. *pugnam* da frase: *pugno pugnam*. Também

aqui temos um *objectum rei effectae*, mas êsse objeto coincide por completo com o âmbito da ação verbal, constituindo, não o seu resultado, e sim o seu CONTEÚDO. Neste caso, falamos em objeto interno.

Na frase: *viam longam eo* ("percorro um caminho longo") temos igualmente um ac. de objeto interno, e partindo dêsses casos, desenvolvem-se muito naturalmente as funções do tipo: *duo milia passuum eo* ("ando duas milhas"), e depois: *duas horas eo* ("ando duas horas"). Na primeira hipótese, a gramática descritiva fala em "AC. DE EXTENSÃO"; na segunda, em "AC. DE DURAÇÃO". Nas duas construções já não temos o conteúdo da ação verbal, e sim, seu âmbito, sua extensão, no espaço e no tempo.

Mas a "extensão" de uma ação verbal pode fàcilmente passar a adquirir uma certa FUNÇÃO ADVERBIAL. Na frase: *Cetera assentior Ciceroni* ("Nos outros pontos/No mais concordo com Cícero"), o ac. *cetera* indica até que ponto vai meu acôrdo com a opinião de Cícero; aliás, existiam também outros tipos de acusativos que possibilitavam o nascimento do ac. adverbial.

Assim se explica também que vários verbos podem reger DUPLO ACUSATIVO: os dois acusativos são de origem diferente. Um ac. pode ser *obj. rei effectae*, e outro *obj. rei affectae*, p. e.: *Populus Romanus Ciceronem* (aff.) *consulem* (eff.) *creat*. Um pode ser ac. de objeto direto, o outro ac. direção, p. e.: *Dux legatos* (obj. dir.) *Romam* (ac. de direção) *mittit*. Os dois podem indicar *obj. rei affectae*, mas um dos dois objetos é pessoa, e o outro é coisa, p. e.: *Doceo te* (pess.) *linguam latinam* (coisa). Acontece também que um dos ac. indica o todo, e o outro uma parte do mesmo, p. e.: *Hostem* (todo) *os* (parte) *ferit:* "Fere o inimigo no rosto".

Eis, em linhas muito gerais, o esquema do ac. latino, segundo o qual pretendemos expor suas diversas funções sintáticas.*

§ 70. **O acusativo de direção.** — I. ***Com nomes de cidades, etc.*** O simples ac. sem preposição originàriamente respondia à pergunta: *quo?* = "aonde"?" ou "para onde?" (ac. de direção); a prosa clássica emprega, por via de regra, o ac. precedido de uma preposição (*in*, *ad*, etc.), mas continua usando o simples ac. sem preposição com nomes de cidades e de ilhas pequenas(1) e com os dois subst. apelativos: *domus* e *rus*. Exemplos:

Proficiscor Romam/Corinhum/Athenas	Viajo a Roma/Corinto/Atenas
Legatos Delphos misit	Enviou embaixadores a Delfos
Domum/rus revertor	Volto à casa/ao campo

II. ***Observações.*** 1) Nomes de países, ilhas grandes, tribos, etc., e substantivos apelativos (exceto *domus* e *rus*) pedem

(1) Ilhas "pequenas" são ilhas que têm uma só cidade, geralmente homônima com a ilha

a preposição *in* (para indicar penetração) ou *ad* (para indicar aproximação). Exemplos:

Proficiscor in Galliam/Siciliam	Viajo à Gália/Sicília
Caesar in/ad Nervios contendit(1)	César marchou sôbre o território dos nérvios
Navis in portum advenit	O navio chegou ao pôrto
Ambulavimus ad portum	Andamos até às proximidades do pôrto, ou: andamos até ao pôrto
Caesar contendit ad Genavam	César marchou até às proximidades de Genebra

2) Quando o nome de uma cidade ou de uma ilha pequena estiver com subst. apelativo (p. e. *urbs, oppidum, insula*), êste é construído com a preposição *in*(2) e o nome geográfico vai para o ac. (não no gen., como em português, cf. §88, VI). Exemplos:

Proficiscor in urbem Romam	Viajo à cidade de Roma
Proficiscor Romam, (in) urbem maximam totius Italiae(3)	Viajo a Roma, a maior cidade de tôda a Itália

3) Quando a palavra *domum*, na função de ac. de direção, trouxer consigo um adj. que não seja possessivo, acrescenta-se igualmente *in*, p. e.:

Domum meam revertamur!	Voltemos à minha casa!
Omnes servos suos misit in domum novam	Enviou todos os seus escravos à casa nova

4) Também o Supino primeiro em *–tum* (*–sum*) é ac. de direção (cf. §35).

5) O ac. de direção pode depender também de um subst. verbal, p. e.: *Spes reditionis domum* = "A esperança de voltar à casa". Construção rara em prosa clássica.

6) Encontramos o ac. de direção em algumas locuções, p. e. em: *infitias ire* ("negar", lit.: "ir à negação") e *alicui suppetias (ad)venire* ("socorrer a alguém").

7) Em latim arcaico, o ac. de direção tinha aplicação muito maior, e os poetas da época clássica continuam a usá-lo em escala ampla, p. e.

(1) *Ad* visa mais aos habitantes; *in* ao território. Nesta combinação é exígua a diferença entre *ad* e *in*.

(2) Pode usar-se também *ad*, mas só no sentido de: "até às proximidades de".

(3) Sendo apôsto o nome geográfico, o emprêgo da preposição é obrigatório (*in urbem Romam*); sendo apôsto o subst. apelativo, a preposição pode faltar (*Romam, (in) urbem maximam*).

Italiam venit (poet.) = *in Italiam venit* (prosa) = cf. a frase de Vergílio: *sitientis ibimus Afros* ("iremos ao país dos africanos sedentos").

8) *Foras* é ac. de direção do subst. desusado *fora* = *foris* ("porta"); pràticamente tornou-se um adv. "para fora", p. e.: *ire foras.*

§ 71. **A separação (digressão).** — Ao passo que o ac. de direção dá resposta à pergunta *quo ?*, o abl. pròpriamente dito ou o separativo responde à pergunta *unde ?* = "donde ?". Para indicar a separação com nomes de cidades, etc., o latim clássico se serve de regras análogas às que vimos no parágrafo anterior.

I. ***Regras.*** Para indicar a separação, o latim emprega o abl. sem preposição com nomes de cidades e ilhas pequenas, e com os dois subst. apelativos *domus* e *rus;* nomes de países, ilhas grandes, tribos, etc. e substantivos apelativos em geral pedem *ab, de* ou *ex* mais abl.(1). Usa-se a preposição também com nomes de cidades, etc., quando êstes vêm acompanhados de um apôsto ou de um adj. que não seja possessivo. Exemplos:

Proficiscor Romā/Corintho/Athenis	Perto de Roma/de Corinto/de Atenas
Proficiscor a Romā/a Corintho(2)	Parto das proximidades de Roma/de Corinto
Exeo domo/domo meā(3)	Saio de casa/da minha casa
Discedo rure	Saio do campo
Discedo ex urbe Romā	Saio da cidade de Roma
Discedo Romā, (ex) urbe maximā totius Italiae	Saio de Roma, a maior cidade de tôda a Itália
Venio e domo novā	Venho da casa nova
Exeunt e templo	Saem do templo
Abeunt a templo	Saem das proximidades do templo
Puer de tecto cecidit	O menino caíu do telhado
Caesar e Galliā profectus est	César partiu da Gália

II. ***Observações.*** 1) O separativo é, às vêzes, combinado com subst. verbal, p. e.: *discessus Corintho* ("a partida de Corinto"), etc.

2) Em latim arcaico e na poesia encontramos muitas vêzes o abl. separativo sem preposição também com outras palavras, onde a prosa clássica usaria uma preposição, p. e.: *Galliā procedit* = *e Galliā procedit; aquae refunduntur imis vadis* = *aquae refunduntur ab imis vadis,* etc.

3) *Foris,* no sentido de "de fora", é separativo petrificado.

(1) *Ex* indica separação "de dentro para fora"; *ab* indica separação "das proximidades de"; *de* indica separação em sentido vertical:" de cima para baixo".
(2) *Ab,* acrescentado a um nome de cidade, etc., designa sempre uma partida "das proximidades de".
(3) A forma mais usada é *domo;* por vêzes, encontramos também *domu.*

§ 72. **O locativo (digressão).** — I. ***Regras e Exemplos.*** Originàriamente, o latim possuía um caso especial para indicar o lugar "onde" (*ubi?*) se verificava certa ação verbal: era o locativo (terminado em *-i*). O locativo, como caso morfológico, não existe mais em latim histórico, tendo-se fundido, no mais das vêzes, com o abl. Mas ainda subsistem alguns vestígios do antigo locativo. Na frase: *Haec Romae facta sunt* ("Isto aconteceu em Roma") a forma *Romae* não é gen. sg., e sim, o locativo (*Roma-i* > *Romae*).

1) O Locativo pròpriamente dito (em *-i*) encontra-se ainda:

a) em nomes de cidades, etc. da 1.ª e da 2.ª declinação (só sg.), p. e. *Romae, Corinthi, Deli,* etc.; igualmente em nomes de cidades da 3.ª declinação (só sg.; sempre os temas vocálicos; às vêzes, também os temas consonânticos), p. e. *Neapoli* (vocálico), e *Karthagini* (cons.)

b) nos três subst. apelativos *domus, rus* e *humus,* a saber: *domi, ruri* e *humi* (= "no chão").

c) nas expressões: *domi militiaeque* e *domi bellique* (= "na paz e na guerra").

2) Nomes de cidades, que sejam pluralia tantum, vão sempre para o Ablativo de lugar sem preposição, p. e. *Athenis, Delphis, Syracusis,* etc.; têm geralmente a mesma construção os nomes de cidades que sejam temas consonânticos da 3.ª declinação, p. e. *Sulmone* (= "em Sulmão"), *Karthagine* = *Karthagini,* etc.

3) Todos os subst. apelativos (exceto *domus, rus* e *humus*), respondendo à pergunta *ubi?*, pedem o Ablativo de Lugar precedido da preposição "in", p. e. *in templo, in foro, in castris,* etc.

4) Quanto ao mais, respeitem-se as regras já formuladas nos parágrafos anteriores.

Exemplos:

Pater meus Romae/Corinthi/Deli habitat	Meu pai mora em Roma/Corinto/Delos
Amicus meus Karthagini = Karthagine/Neapoli habitat	Meu amigo mora em Cartago/Nápoles
Delphis est oraculum Apollinis	Em Delfos há um oráculo de Apolo
Athenis multa templa pulchra sunt	Em Atenas há muitos templos belos

Pater meus in urbe Romā habitat	Meu pai mora na cidade de Roma
Amicus meus Romae, (in) maximā urbe totius Italiae, habitat	Meu amigo mora em Roma, a maior cidade de tôda a Itália
Maneo domi/ruri	Permaneço em casa/no campo
Hostis humi jacet	O inimigo está prostrado por terra
Domi tuae imago Ciceronis est	Em tua casa há uma imagem de Cícero
In hac domo magnā imago Ciceronis est	Nesta casa grande há uma imagem de Cícero
Amici mei in templo Jovis sunt	Meus amigos estão no templo de Júpiter
Domi militiaeque / *Domi bellique* } *colimus deos*	Na paz e na guerra veneramos so. deuses

II. ***Observações.*** 1) Encontramos ainda outros antigos locativos: nas seguintes formas que, em parte, se tornaram advérbios:

diu/interdiu	de dia	*noctu*	de noite
foris	fora	*temere*	à toa (cf. § 195)
heri	ontem	*temperi/tempori*	a tempo, na hora
luci	de dia	*vesperi*	à tardinha, à noitinha

2) Em latim arcaico e na poesia usa-se freqüentemente o abl. sem *in* para responder à questão *ubi,* também em casos em que a prosa clássica exigiria a presença da preposição, p. e.: *montibus pinus sunt* = *in montibus pinus sunt.*

3) Quanto aos pormenores relativos ao emprêgo do locativo, cf. § 85

§ 73. **O acusativo de objeto direto.** — O latim usa o ac. para indicar o objeto direto da ação verbal; verbos que admitem, na V. A., o ac. de objeto direto, admitem a construção pessoal na V. P. (cf. § 40, I, Nota 1–2). O número de verbos transitivos em latim é muito grande, do mesmo modo que em português; teria pouco cabimento dar uma lista mais ou menos completa dos mesmos. Em geral, pode dizer-se que a um verbo transitivo em português corresponde um verbo transitivo em latim.

I. ***Discrepância de regime.*** Alguns verbos, porém, que são transitivos em latim, não o são em português. Damos aqui os mais importantes.

1) Muitos VERBA AFFECTUUM; todos êles admitem também a construção "absoluta" (cf. § 40, I, Nota 1); ; à construção transitiva em latim corresponde, em português, geralmente a construção "preposicional". Exemplos:

desperare	desesperar	*desperant salutem:* "desesperam da salvação"
dolēre	doer (intrans.)	*doleo mortem patris:* "lamento a morte do pai"
gaudēre	estar alegre	*gaudeo adventum tuum:* "alegro-me com a tua vinda"
horrēre	arrepiar-se	*horreo monstrum:* "tenho horror ao monstro"
indignari	estar indignado	*indignor injuriam:* "indigno-me com o desafôro"
laetari	estar alegre	*laetor casum tuum:* "alegro-me pelo que te aconteceu"
ludĕre	jogar, brincar	*ludo inimicos:* "zombo dos inimigos", ou: "iludo os inimigos"
queri	queixar-se	*queritur fatum:* "queixa-se do destino"
ridēre	rir(-se)	*rideo arrogantiam tuam:* "rio-me de tua arrogância"

Nota. Quase todos êstes verbos podem ser construídos também com *de* mais abl., p. e.: *desperare de salute; gaudeo de adventu tuo;* etc.

2) Alguns VERBOS IMPESSOAIS, dos quais mencionamos aqui:

(de)decet me	(não) me convém	*paenitet me*	arrependo-me
fallit me	passa-se despercebido	*piget me*	aborreço-me
fugit me	escapa-me	*pudet me*	envergonho-me
juvat me	apraz-me	*praeterit me*	esquece-me
miseret me	tenho pena de	*taedet me*	enfastio-me

Nota. Sôbre as diversas construções dêstes verbos, cf. § 39, II, nota 3.

3) Alguns OUTROS VERBOS muito usados são:

curare	ligar para	*latēre*	estar escondido de
deficĕre	falhar	*parare*	preparar-se para
detrectare	esquivar-se a	*morari*	ligar para
excusare	desculpar-se de	*ulcisci*	vingar-se de

Todos êstes verbos admitem também outras construções. Registramos aqui:

a) *Curare* e *morari*, no sentido de "ligar para", são pràticamente só usados em frases negativas, p. e.: *Illud non curo/moror* ("Não ligo para aquilo, Não me interesso por aquilo", etc.). Mas *curare* pode significar

também: "curar" (cf. o adágio: *Medice, cura te ipsum!*) e: "tomar conta de, cuidar de" (cf. *Cicero rem publicam curat*). O verbo *morari*, como verbo transitivo, significa ainda: "demorar, deter", como verbo intransitivo: "demorar-se".

b) Quanto a *deficĕre*, cf. os seguintes exemplos:

Vires me deficiunt	As fôrças me falham/abandonam
Milites a rege defecerunt	Os soldados desertaram do rei
Barbari ad Caesarem deficiunt	Os bárbaros transfogem para César

c) Quanto a *detrectare:*

Detrectasti militiam	Esquivaste-te ao serviço militar
Detrectasti virtutem hostium	Desprezaste a coragem dos inimigos

d) Quanto a *excusare:*

Excuso me de tarditate litterarum *Excuso me propter tarditatem litterarum* *Excuso tarditatem litterarum*	Desculpo-me do atraso da carta
Excuso morbum	Desculpo-me por causa de doença

e) Quanto a *parare:*

Si vis pacem, para bellum!	Se queres a paz, prepara-te para a guerra!
Amicus meus servum mihi paravit	Meu amigo arranjou-me um escravo.
Hodie Romam proficisci paro	Hoje pretendo viajar a Roma

f) Quanto a *ulcisci:*

Ulciscor mortem ejus	Vingo sua morte
Ulciscor amicos	Vingo os amigos
Ulciscor inimicos	Vingo-me dos inimigos
Ulciscor inimicum pro injuria	Vingo-me do inimigo pelo desafôro
Jure me ulciscor (forma reflexiva)	Vingo-me com direito*

II. ***Verbos compostos.*** Muitos verbos que, quando simples, são intransitivos, trnsformam-se em verbos transitivos, quando compostos com um prevérbio. Assinalamos aqui:

1) Os verbos compostos com *circum–*, *praeter,–e trans–*, p. e.: *circu(m)ire, circumvenire, circumstare, circumsistĕre, circumsedēre, praeterire, praetergredi, praetervehi, transire* e *transgredi.*

Caesar flumen Rhenum transit (V. A.)	César atravessou o rio Reno
Rhenus a Caesare transitus est (V. P.)	O Reno foi atravessado por César

2) Também alguns outros prevérbios, tais como *ad-*, *ex-*, *in-*, *ob-*, *per-* e *sub-*, podem exercer a mesma influência. Formular regras exatas a êsse respeito é muito difícil, se não impossível. A única regra prática talvêz seja esta: o latim tende a considerar como verbos transitivos os compostos que têm sentido figurado, mas prefere repetir a preposição (ou, usar preposição congênere) no sentido literal. Exemplos:

SENTIDO LITERAL:	SENTIDO FIGURADO:
adeo ad fontem: "vou à fonte"	*adeo libros sibyllinos:* "consulto os livros sibilinos"
excessi ex urbe: "saí da cidade"	*excessisti modum:* "excedeste a medida"
ingredior in urbem: "entro na cidade"	*ingredior consulatum:* "assumo o consulado"
obit ad hostium impetus: "vai de encontro aos ataques dos inimigos"	*obit legationem:* "encarrega-se de uma deputação"
	obiit mortem/supremum diem: "faleceu"
percurris per mare: "vagueias pelo mar"	*percurris opera Ciceronis:* "percorres as obras de Cícero"
subimus in montes: "subimos as montanhas"	*subimus pericula:* "enfrentamos os perigos"

III. ***Acusativo de parte.*** Na frase: *perfusus genas lacrimis*, a forma *genas* era originàriamente um ac. de objeto direto (cf. § 60, III, 2) dependente da V.M. *perfusus*. Mas a voz média já não era uma categoria viva em latim histórico, de modo que *perfusus* começou a ser interpretado como Part. Pf. da V.P. Foi então que o ac. *genas* chegou a ser considerado como "ac. de parte", construção muito comum em grego e imitada pelos poetas latinos (daí se chamar também de "ac. grego"), principalmente para indicar as partes do corpo e a origem biológica. Êste ac., verdadeiro "helenismo" na linguagem poética de Roma, é empregado também em casos, onde não pode remontar a um ac. de objeto direto, e onde a prosa usaria o abl. de relação (cf. § 82, V). Exemplos:

Qui genus estis?	De que raça sois? (lit.: Quem sois quanto à raça?)
Tremit omnes artus	Treme em todos os seus membros

IV. ***O acusativo elíptico.*** Às vêzes, falta ao ac. de objeto direto o verbo, o qual geralmente pode ser completado com muita facilidade pelo contexto. Tal ac. elíptico ocorre sobretudo em certas locuções fixas, p. e.:

Quid multa? (sc. *dicam*) *Quid plura?* (sc. *dicam*)	Em uma palavra (lit.: Por que direi muitas/mais coisas?)
Nugas! (sc. *dicis*)	Bobagem!
Fortes fortuna (sc. *adjuvat*)	A fortuna favorece os valentes

V. ***O acusativo exclamativo.*** 1) Temos elipse igualmente na seguinte expressão:

Me miserum!	Coitado de mim! Ai de mim!

Esta frase pode ser explicada como forma abreviada do A. c. I. exclamativo (cf. § 17, II): *Me miserum (esse magnopere doleo)*, mas é muito duvidoso que os romanos tenham possuído consciência da elipse. Seja como fôr, o ac. passou a ser considerado como caso apropriado para exprimir indignação, surpresa, decepção, etc., também em exclamações sem predicado, p. e.: *O fallacem spem hominum!* ("Como é falaz a esperança humana!", etc. Nestas construções encontramos muitas vêzes uma interjeição, p. e. *o*, *pro*, (menos corretamente escrito: *pro(h)*, *heu* ou *eheu;* as duas primeiras são muitas vêzes construídas também com o voc. (cf. § 92); as interjeições *vae* e *(h)ei* pedem o dat. (cf. § 78, I). Exemplo:

Pro deum (= deorum) fidem!	Pelo amor dos deuses!*

2) As duas interjeições *en* e *ecce* ("eis") são, em latim arcaico e vulgar, geralmente construídas com o ac., ao passo que a prosa clássica prefere o nom. Exemplos:

En causam/causa cur doleam	Eis a razão porque estou triste
Ecce hominem/homo!	Eis o homem!*

§ 74. **Funções secundárias do acusativo.** — Fora do ac. de objeto direto são importantes estas outras funções: o ac. de objeto interno (I), o ac. de extensão (II), o ac. de duração (III), e o ac. de relação (IV).

I. ***Objeto interno.*** 1) Verbos transitivos e intransitivos podem ser construídos com um ac. de um substantivo (em prosa clássica, nunca sem atributo) que exprima a mesma idéia que a ação verbal. Êste ac. chama-se "ac. de objeto interno" (têrmo gramatical), ou então: "figura etymologica" (têrmo retórico). O subst. no ac. tem muitas vêzes o mesmo radical que o verbo. Exemplos:

Juravi verissimum jus jurandum	Prestei um juramento conforme à verdade
Milites acre proelium pugnaverunt	Os soldados travaram uma batalha intensa
Hi viri vitam miseram vivunt	Êstes homens levam uma vida miserável

Nota. Sem atributo na antiga fórmula jurídica: *servitutem servire* = "servir, ser escravo".

2) Daí se originaram locuções abreviadas dêste tipo:

Sanguinem sitiunt (= sitiunt sitim sanguinis)	Têm sêde de sangue.

Crocum sapere (= sapere saporem croci)	Ter o sabor de açafrão
Hircum olere (= olere olorem hirci)	Cheirar a bode
Puella dulce ridet (= dulcem risum ridet)	A menina sorri suavemente

II. ***O acusativo de extensão.*** Na frase: *Ambulavi longam viam,* o ac. *longam viam* indica o objeto interno; mas *longam viam* podia fàcilmente ser trocado com *dua milia passuum,* e assim nasceu o "ac. de extensão". Êste ac. indica a distância percorrida, mas usa-se também com os verbos *abesse* e *distare,* e com os adjetivos *altus, latus* e *longus.* Exemplos:

Exercitus tria milia (passuum) progressus est	O exército avançou três milhas
Hostes tria milia aberant/distabant	Os inimigos achavam-se a uma distância de três milhas (ou: distavam três milhas)
Fossa castrorum tres pedes alta et decem pedes lata erat	A trincheira do acampamento tinha três pés de profundidade, e dez de largura

Nota. *Distare* e *abesse* são construídos também com o abl., cf. §84, IV, 1.

III. ***O acusativo de duração.*** 1) Os exemplos dados acima referem-se ao espaço, mas o mesmo ac. pode ser aplicado também ao tempo ("ac. de duração"). Usa-se êste ac. para responder à questão *quamdiu?* ("durante quanto tempo?"), ou: *quamdudum?* ("desde quando?"), ou: *ex quo tempore?* ("quanto tempo faz que?"). Estas duas últimas funções derivam da primeira. Exemplos:

Amicus meus tres dies Romae mansit	Meu amigo ficou três dias em Roma
Tres annos jam gero bellum	Já faz três anos que estou guerreando
Quartum annum jam gero bellum	Já faz mais de três anos que.... (lit.: já é o quarto ano em que.....)
Pater meus abhinc triginta annos mortuus est	Meu pai faleceu há 30 anos

2) Observações: *a)* Ao ac., que responde à questão: *quamdiu?,* pode acrescentar-se a preposição *per,* p. e.: *Amicus meus per tres dias Romae mansit* (cf. em inglês: *for three days*).

b) O adv. *abhinc* (lit.: "daqui a", mas quase sempre usado em relação ao passado: "de... para cá"), pode ser construído também com o abl., p. e.: *Pater meus abhinc triginta annis mortuus est.*

c) A frase: "Mau pai faleceu há 30 anos" pode ser traduzida também desta maneira: *Pater meus ante* (*hos*) *triginta annos mortuus est.*

d) Também *natus* (*est*) é combinado com o ac. de duração. Talvez se explique esta construção pela influência dos adj. *altus, latus*, etc.; talvez pela elipse de uma forma do verbo *vivere* ou verbo semelhante. Exemplo: *Pater meus sexaginta annos natus est:* "Meu pai tem sessenta anos de idade".

e) Para responder à questão: *in quantum tempus?* ("por quanto tempo?"), o latim serve-se da prep. *in* mais ac., p. e.: *Pax facta est in triginta annos:* "A paz foi feita por trinta anos".

IV. ***O acusativo de relação.*** Formalmente, o ac. de relação (p. e.: *Cetera assentior Ciceroni* = "Nos outros pontos concordo com Cícero") não se distingue do ac. de parte (p. e.: *Tremit omnes artus* = "Treme em todos membros"), mas quanto ao emprêgo dos dois, as diferenças são consideráveis. O ac. de parte (cf. § 73, III) usa-se só em poesia para indicar a origem biológica ou uma parte do corpo; o ac. de relação é muito comum também em prosa, mas limita-se quase exclusivamente a algumas formas neutras de pronomes e adjetivos. Ao passo que o ac. de parte é um "helenismo", o ac. de relação é uma construção genuìnamente latina, originada pelo ac. de extensão (porque indica "até que ponto" a ação verbal consegue realizar-se). Finalmente, o ac. de relação aproxima-se muito da função adverbial, o que não se pode dizer do ac. de parte. Damos aqui alguns exemplos de ac. de relação muito usados:

1) NAS LOCUÇÕES:

magnam partem	em grande parte	*id aetatis*	desta idade
id genus	desta espécie	*id temporis*	neste tempo, nesta hora

Nota. Quanto aos gen. *aetatis* e *temporis*, cf. § 88, V, 1b.

2) NAS FORMAS NEUTRAS DE PRONOMES E ADJETIVOS.

aliquantum	um pouco, um tanto	*multum*	muito
ceterum/cetera	quanto ao mais	*nihil*	nada, absolutamente não
hoc/istud/illud, id, etc.	*a*) neste ponto *b*) por isso	*quid?*	*a*) em que ponto? *b*) por que?

Exemplos:

Aliquantum commotus est	Ficou um pouco impressionado
Ceterum Graecus erat	De resto, era grego
Multum laetor	Alegro-me muito
Nihil profeci	Não fiz nenhum progresso/Nada progredi
Amice, quid venisti?	Amigo, por que vieste?
Amicus meus hoc studuit	Meu amigo fêz êste esfôrço
Id mater mea maesta est	Por isso minha mãe está triste
Hoc venimus	Por isto viemos/Por causa disto viemos

Nota. São construídos com êste ac. de relação principalmente os verbos que exprimem afetos (cf. *commovēri, laetari, maestum esse*), vontade e esfôrço (cf. *projicĕre* e *studēre*), incriminação e coação (p. e. *accusare, cogĕre,* etc.), quer sejam transitivos, quer sejam intransitivos (p. e. o verbo *studēre*, que pede normalmente o dat.); mas também outros verbos podem ser combinados com o ac. de relação (cf. *venire, esse; dubitare,* etc.), de modo que é bastante difícil formular regras exatas a respeito do seu emprêgo.

§ 75. **O duplo acusativo.** — Muitas vêzes acontece que um verbo traz consigo mais de um ac. Distinguimos aqui os seguintes casos: o duplo ac. com verbos transitivos-predicativos (I), com verbos compostos (II), com verbos de movimento (III), ac. de pessoa e ac. de coisa (IV–V), ac. do todo e ac. da parte (VI).

I. ***Os verbos transitivos-predicativos.*** No grupo de verbos transitivos-predicativos (cf. § 19, I, 2b), um dos dois ac. indica o *objectum rei affectae,* o outro indica o *objectum rei effectae* (cf. § 69). Os mais importantes são os que significam: "eleger, nomear, considerar, tornar", etc. Em latim:

facĕre, reddĕre (cf. francês: *rendre*)	"tornar, fazer"
creare, eligĕre	"eleger"
ducĕre, habēre, putare, existimare	"considerar, ter por"
dicĕre	"nomear"
vocare, appellare	"chamar (de)"

Todos êstes verbos, convertidos para a construção passiva, têm duplo nominativo (cf. § 59, I). Exemplos:

Cicero fecit filiam heredem (V. A.)	Cícero designou sua filha herdeira
Filia a Cicerone heres facta est (V. P.)	A filha foi designada herdeira por Cícero

Dux viam tutiorem reddet (V. A.)	O general tornará mais seguro o caminho
Via tutior reddetur a duce (V. P.)	O caminho será tornado mais seguro pelo general

Notas.

1) O verbo *habēre* significa, na V. P., quase sempre: "ser considerado, ser tido por", p. e.: *Semper amicus a me habitus es* ("Sempre foi considerado amigo por mim"); na V. A., o significado é geralmente diferente, p. e.: *Habeo te amicum* ("Possuo em ti um amigo"). Para exprimir "ter por, considerar" mediante o verbo *habēre* na V. A., o latim prefere locuções dêste tipo:

Habeo te pro amico *Habeo te loco amici* *Habeo te in numero amicorum*	Considero-te (como) amigo

2) Também *ducĕre* e *putare* são muitas vêzes construídos com *pro, in numero* e *loco.*

3) Acontece que *habēri* (V. P.) às vêzes significa: "ser tido/possuído", p. e.: *Virtus aeterna habetur* ("A virtude é possuída para sempre", ou: "A virtude é uma aquisição para sempre").

II. ***Os verbos compostos.*** Os verbos compostos com *circum–*, *praeter–* e *trans–* (cf. § 73, II, 1), quando o verbo simples já é transitivo, admitem dois acusativos: um é ac. de objeto direto, o outro depende do prevérbio. Exemplos:

Caesar copias flumen traduxit (V. A.)	César transportou as tropas para o outro lado do rio
Copiae a Caesare flumen traductae sunt (V. P.)	As tropas foram por César transportadas para o outro lado do rio

III. ***Os verbos de movimento.*** Os verbos (transitivos) de movimento podem estar igualmente com dois acusativos: um de objeto direto, o outro de direção. Exemplos:

Caesar legatos Romam misit (V. A.)	César enviou embaixadores a Roma
Legati Romam missi sunt a Caesare (V. P.)	Embaixadores foram enviados a Roma por César

IV. ***Pessoa e coisa.*** Os verbos *docēre* ("ensinar, informar"), *celare* ("esconder, ocultar"), *rogare* ("pedir"), *flagitare* = *postulare* = *poscĕre* ("exigir, pedir") podem reger dois acusativos: um indica a pessoa, o outro a coisa. Exemplos:

Doceo te sermonem latinum (V. A.)	Ensino-te a língua latina
Discis a me sermonem latinum (V. P.)	Estudas comigo a língua latina

Mas:

Doceo te de adventu meo (V. A.)	Informo-te da minha vinda
Doceris a me de adventu meo (V. P.)	És informado por mim da minha vinda
Non celavi te metum meum (V. A.)	Não te escondi meu receio
Non es celatus a me de metu meo (V. P.)	(lit.) Não fôste deixado em ignorância por mim a respeito do meu receio
Consul senatorem sententiam rogat (V. A.)	O cônsul pede ao senador (para que dê) seu parecer
Senator a consule sententiam rogatur (V. P.)	O senador é convidado pelo cônsul a dar seu parecer
Caesar Aeduos frumentum poposcit/postulavit (V. A.)	César exigiu que os éduos fornecessem trigo

Notas.

1) O verbo *rogare* admite duplo ac. só na expressão: *rogare aliquem sententiam.* — Note-se bem que *rogare* significa: *a)* "perguntar" (cf. § 64, I, nota 1); *b)* "pedir".

2) São estas as construções mais usadas de *rogare:*
rogare (*interrogare*) *aliquem de aliqua re* ("perguntar");
rogare aliquid de aliquo ("pedir");
rogare aliquid ab aliquo ("pedir") (constr. rara);
rogare aliquid ("pedir")
rogare aliquem mais pergunta indireta ("perguntar");
rogare aliquem ut mais Subj. (cf. § 145, II), ("pedir").
rogare legem ("propor uma lei")
rogare populum ("consultar o povo a respeito de uma lei")

3) Só *poscĕre* — e apenas na linguagem poética — admite a construção passiva, p. e.: *Poscimur carmen:* "Pede-se-nos um poema". Mas *poscĕre, postulare* e *flagitare* admitem, na V. A., também esta construção: *Caesar ab Aeduis frumentum poposcit/, postulavit/flagitavit,* de modo que a construção normal na V. P. seria: *Frumentum ab Aeduis postulatum est* (*a Caesare*). Evita-se, porém, esta construção na V. P., porque é ambígua, sendo que é substituída pela construção ativa.

4) Ao lado de: *celo te aliquid,* encontramos também: *celo te de aliquā re;* é esta a única construção possível na V. P.

5) Todos êstes verbos podem ser construídos com dois ac., quando o ac. de coisa indica relação (cf. § 74, IV e § 75, V).

V. ***Pessoa e coisa*** (= ac. de relação). Os verbos transitivos, que exprimem afeto, vontade, esfôrço, incriminação, coação, etc. (cf. § 74, IV, 2, Nota), podem ser construídos com dois acusativos: um da pessoa, o outro da coisa (= ac. de relação); na V. P. conserva-se êste ac. de relação. Exemplos:

Cogo vos hoc (V. A.)	Obrigo-vos a isto (ou: a fazer isto)
Cogimini hoc a me (V. P.)	Sois obrigados por mim a fazer isto
Illud te accuso (V. A.)	Acuso-te daquilo
Accusaris illud a me (V. P.)	És acusado por mim daquilo
Multa vos admonemus (V. A.)	Damo-vos muitos conselhos
Admonemini multa a nobis (V. P.)	São-vos dados muitos conselhos por nós
Rogavit me quaedam (V. A.)	Perguntou-me certas coisas
Rogatus sum quaedam ab eo (V. P.)	Foram-me feitas certas perguntas por êle

VI. ***Todo e parte.*** Os autores da época arcaica e os poetas usam o duplo ac. na chamada construção *in totum et in partem:* os dois ac. indicam o objeto direto, mas um o designa na sua totalidade, e o outro só em parte. Exemplo:

Latagum occupat os	Fere Látago no rosto

O DATIVO

§76. **A natureza do dativo.** — Também o dat. exprime, em última análise, o têrmo final da ação verbal, mas, diferentemente do ac., não designa o têrmo final efetivo ou real, e sim, O TERMO FINAL IDEAL OU INTENCIONAL da mesma. O dat. indica, portanto, a quem ou a que se dirige, se refere, ou interessa a ação expressa pelo verbo. Assim se explicam o dat. de objeto direto, bem como o dat. de interêsse; assim se explica também o dat. final. A distribuição da matéria será muito simples: iniciaremos a nossa exposição pelo dativo de atribuição; em seguida, veremos as principais funções secundárias do dat.: depois, estudaremos o duplo dat. e finalmente trataremos do dat. combinado com adjetivos.

§77. **O dativo de atribuição.** — I. ***Funções elementares.*** Sob êste denominador resumimos alguns dativos de funções muito semelhantes: o dat. de objeto indireto (no sentido "neutro" da palavra), p. e.: *dicit mihi aliquid* ("diz-me alguma coisa"); o dat. de cômodo, p. e.: *do tibi librum* ("dou-te um livro"); o dat. de incômodo, p. e.: *minor tibi poenam* ("ameaço-te castigo"); o dat. de interêsse, p. e.: *non scholae discimus* ("não estudamos para a escola"); e o dat. de aproximação, p. e.: *haereo tibi* ("apego-me a ti").

1) O DATIVO DE CÔMODO E INCÔMODO, etc. Quanto ao dat. de objeto indireto e ao dat. de cômodo e de incômodo, não precisamos dar um comentário extenso. Basta dizermos que os limites entre os dois tipos são muito vagos, e que só

o significado do verbo decide se tal dat. é simplesmente dat. de objeto indireto, ou se deve ser considerado como dat. de cômodo ou de incômodo: em última análise, não existe aqui uma diferença gramatical pròpriamente dita, mas apenas uma distinção lógica.

Para o tradutor, êstes dois tipos de dat. não apresentam dificuldades. Só pode ser útil saber que a um verbo "transitivo-relativo" em português corresponde, geralmente, um verbo latino que admite o ac. de objeto direto e, ao mesmo tempo, o dat. de objeto indireto. Mas isso não quer dizer que, com tais verbos, o dat. sempre esteja explícito. Na construção passiva, o dat. continua dativo. Exemplos:

Magister libros dat (*discipulis*) (V. A.)	O professor dá livros (aos alunos)
Libri dantur a magistro (*discipulis*) (V. P.)	Livros são dados pelo professor (aos alunos)*

2) O DATIVO DE INTERÊSSE. A única diferença entre êste dat. e os dois dat. já vistos é a que, no dat. de objeto indireto, etc., a idéia de complemento se impõe à imaginação e fàcilmente se completa, mesmo que não esteja explícita, ao passo que, no dat. de interêsse, essa idéia possui mais fôrça e não pode faltar sob pena de se alterar o sentido da frase. Em virtude dessa ênfase, o português não se pode servir, neste caso, dos pronomes oblíquos ("me, te, lhe", etc.), mas tem que usar uma tradução mais explícita: "para" ou "por causa de". Também o latim poderia empregar, em substituição a êste dat., as palavras *causā* ou *gratiā* com o gen. Exemplos:

Non scholae, sed vitae discimus (ou: *scholae/vitae grati*)	Não estudamos para a escola, mas para a vida
Nobis aramus, nobis metemus (ou: *nostrā causā*)	Lavramos para nós, como também colheremos para nós

3) O DATIVO DE APROXIMAÇÃO. Também se usa o dat. para exprimir a idéia de contato ou aproximação, idéia essa que igualmente nasceu do dat. de atribuição: "interessar-se por alguma coisa" resulta muitas vêzes em "entrar em contato com a mesma". Para vermos bem a relação que existe entre as duas idéias, poderíamos dar êstes exemplos paralelos:

Amicus meus epistulam ad me mittit *Amicus meus epistulam mihi mittit*	Meu amigo manda-me uma carta
Servus tuus epistulam ad me tulit *Servus tuus epistulam mihi tulit*	Teu escravo trouxe-me uma carta

O dat. de aproximação é mormente usado em combinação com verbos de movimento (tais como: *adferre, inferre, immittĕre,* etc.) e podia fàcilmente desenvolver-se no sentido de um dat. de direção (cf. § 79, II, 2). Em prosa clássica, encontrâmo-lo relativamente poucas vêzes, a não ser com verbos compostos que tenham sentido figurado (cf. *infra*, III). Mencionamos aqui, além dos verbos *mittĕre* e *ferre*, os seguintes verbos simples: *copulare* ("ligar a") e *haerēre* ("estar prêso a, ter apêgo a").

Notas.

1) A expressão corrente em latim clássico é: *scribĕre litteras/epistulam ad aliquem*, não: *alicui.*

2) Em poesia e na prosa da época imperial, o dat. de aproximação ganha cada vez mais terreno, vindo a ser combinado com verbos que exprimem a idéia de "misturar, unir", "concordar" (e, por analogia, também a idéia de "discordar", "separar"), "conversar", "lutar" e "acostumar", etc. Damos aqui alguns exemplos:

aequare	igualar a	*jungĕre*	combinar com
assuescĕre	acostumar-se a	*loqui/colloqui*	conversar com
certare	rivalizar com	*miscēre*	misturar com
consentire	concordar com	*propinquare*	aproximar-se de
differre	diferir de	*pugnare*	lutar com/contra
dissentire	discordar de	*sociare*	aliar a

Muitos dêstes verbos (p. e. *consentire, pugnare, jungĕre,* etc.) são, em prosa clássica, preferìvelmente combinados com *cum* mais abl. sociativo (cf. § 83, I, 3); outros com *ab* mais abl. separativo (cf. § 82, I, 2a, p. e.: *abesse* e *differre*); outros ainda com o abl. instrumental (p. e. *assuescĕre*, cf. § 84, I, 2a.

II. ***Discrepância de regime.*** Alguns verbos latinos, cujo sentido genérico é o de "favorecer" ou de "prejudicar"(1), pedem o dat., ao passo que seus equivalentes em português são ou transitivos ou relativos (mas de construção diferente da latina). Os mais importantes são:

adesse	assistir, ajudar	*medēri*	sanar, remediar
auxiliari	auxiliar	*minari/minitari*	ameaçar

(1) Mas *adjuvare* (= "ajudar") pede o ac.

blandiri	adular	*nocēre*	prejudicar
confidĕre	confiar em	*nubĕre*	casar (mulher)
credĕre	crer em	*obesse*	prejudicar
bene/male dicĕre	falar bem/mal de	*obtrectare*	detrair
deesse	não auxiliar	*opitulari*	auxiliar
diffidĕre	desconfiar de	*parcĕre*	poupar
favēre	favorecer	*persuadēre*	convencer, persuadir
gratulari	congratular-se com	*praeesse*	chefiar
ignoscĕre	perdoar	*prodesse*	ajudar
imminēre	ameaçar	*servire*	servir
insidiari	tramar contra	*studēre*	esforçar-se por
interesse	assistir a	*suadēre*	persuadir, aconselhar
invidēre	invejar, odiar	*supplicare*	pedir, rogar

OBSERVAÇÕES:

1) Alguns dêstes verbos são "transitivos-relativos" em latim, admitindo o ac. de objeto direto para exprimir a coisa (= geralmente ac. de relação, cf. § 74, IV) e o dat. de objeto indireto para exprimir a pessoa. Exemplos:

Hoc tibi credo	Neste ponto acredito em ti
Credo tibi fortunam meam	Confio-te minha fortuna
Dux mortem eis minatus est	O general ameaçou-lhes a morte, ou: O general ameaçou-os de morte
(Per)suadet tibi omnia mala	Aconselha-te todos os crimes
Gratulatur tibi victoriam	Congratula-te com a vitória

Nota. Em latim clássico não se diz: *Invideo tibi divitias*, mas: *Invideo tuis divitiis;* assim também: *Invideo vicini divitias* (não: *Invideo vicino divitias*).

2) Alguns dêstes verbos admitem também outras construções, p. e.:

Dux naturā loci confidebat (assim sempre com *confisus*)	O general confiava na disposição natural do terreno
Gratulatur tibi de victoriā / *Gratulatur tibi in victoriā*	Congratula-te com a vitória

3) *Nubit alicui* ("ela casa com alguém"); no Perfectum pode dizer-se: *nupta (est) alicui* e *cum aliquo*.

"Casar" (o homem) quer dizer: { *uxorem ducĕre* / *in matrimonium ducĕre* / *ducĕre* }

Exemplos:

Terentia Ciceroni nupsit	Terência casou com Cícero
Cicero Terentiam (uxorem) duxit	Cícero casou com Terência

4) Reparem na diferença entre *imminēre* e *min(it)ari:*

Duo reges Asiae toti imminent	Dois reis ameaçam tôda a Àsia
Collis urbi imminet	A colina domina a cidade
Dux mortem eis min(it)atus est	O general ameaçou-lhes a morte

Nota. *Imminēre* nunca admite ac. de objeto direto.

5) *Persuadēre,* construído com o A. c. I., significa "convencer"; construído com *ut* (afirm.) ou *ne* (neg.) mais Subj., significa: "induzir a", ou: "aconselhar a, persuadir a", etc.; nesta última acepção pode usar-se também *suad.re.* Exemplos:

Persuasi vobis hoc esse verum	Convenci-vos de que isto era verdade
(Per)suasi vobis ut verum diceretis	Persuadi-vos a falar a verdade
(Per)suasi vobis ne mentiremini	Aconselhei-vos a não mentir

6) Os compostos de *esse* são muitas vêzes empregados de modo "absoluto" (cf. § 40, I, nota 1) com ligeira modificação de significado. Exemplos:

Adsum	Estou presente
Adsum amico	Ajudo o amigo
Nonnulli libri desunt	Alguns livros estão faltando
Hic vir deest rei publicae	Êste homem descuida o Estado
Vinum obest	O vinho é prejudicial
Ira orationi deest	A indignação prejudica o discurso
Caesar praeest	César tem o comando
Caesar praeest exercitui	César comanda o exército

7) Todos os verbos assinalados acima, se é que admitem a formação da V. P., admitem apenas a construção impessoal (cf. § 40, III; § 59, III). Só o verbo *credĕre* apresenta, às vêzes, formais pessoais, principalmente na poesia: *credor = creditur mihi.*

III. ***Verbos compostos.*** Verbos compostos (derivados de verbos transitivos e intransitivos) são freqüentemente combinados com o dat.; também pode ser repetida a preposição contida no verbo composto, ou ser usada preposição congênere. Tão pouco como no § 73, II, 2, é possível formularmos aqui regras exatas. Só podemos dizer que os poetas, em geral, preferem o dat. (por motivos estilísticos), e que a prosa clássica emprega a preposição, quando o verbo tem sentido literal, mas usa o dat., quando o verbo tem sentido figurado. Mas estas regras não têm valor absoluto, indicando apenas uma tendência. Exemplos:

SENTIDO LITERAL:	SENTIDO FIGURADO:
accido ad terram: "caio ao chão"	*hoc mihi accidit:* "isto me aconteceu"
adsum ad portam: "estou junto à porta"	*adsum amico:* "ajudo o amigo"
conferunt arma in unum: "levam as armas para um só lugar"	*confero parva magnis:* "comparo coisas pequenas com grandes"
defero epistulam ad Ciceronem: "levo a carta a Cícero"	*detulit nomen meum praetori:* "denunciou-me ao pretor"
injicio me in medios hostes: "lanço-me no meio dos inimigos"	*injicio terrorem hostibus:* "incuto terror aos inimigos"
templum inter collem et fluvium interest: "o templo fica entre o morro e o rio"	*intersum ludis:* "assisto aos jogos"
succedit sub umbras: "desceu ao inferno/às sombras"	*successit patri:* "sucedeu ao pai"

OBSERVAÇÕES:

1) Aqui não se trata, no fundo, de um novo tipo de dat. dependente do prevérbio; mas o dat. de verbos compostos é, em última análise, ou dat. de cômodo e incômodo, ou dat. de aproximação. Quanto à regência dos diversos verbos compostos, impossível de expor aqui, ver o dicionário.

2) O dat. com verbos compostos, que exprimem movimento, era muito usado pelos poetas, dando origem ao chamado "dat. de direção", p. e.: *deos Latio inferre = deos in Latium inferre; alto mari prospiciens = super altum mare prospiciens.*

IV. ***Duplo regime de alguns verbos.*** — O significado de alguns verbos varia, conforme fôrem combinados com o dat. ou com o ac. Exemplos:

OBJETO INDIRETO:	OBJETO DIRETO:
antecedit omnibus sociis: "sobrepuja todos os seus companheiros"	*antecedit reginam:* "vai à frente da rainha", ou: "precede a rainha" (tempo e espaço)
caveo matri: "cuido da mãe"	*cave canem/a cane:* "precave-te do cão!", ou: "cuidado com o cão!"
consulo valetudini: "cuido da minha saúde"	*consulo oraculum:* "consulto o oráculo"
metuo/timeo valetudini patris: "temo pela saúde do pai"	*metuo/timeo insidias:* "temo uma cilada"
convenit mihi tecum haec res: "concordo contigo neste assunto"	*convenio amicum:* "tenho um encontro com o amigo"
praestas ceteris: "és superior aos demais"	*praestitit egregium facinus:* "praticou um ato notável"; cf. *praestat se virum bonum:* "mostra-se homem honesto"

providet Deus hominibus: "Deus cuida dos homens"	*Provideo magna pericula:* "prevejo grandes perigos"
tempero mihi: "domino-me"; cf. *tempero illi viro:* "trato-o com consideração"	*temperat rem publicam:* "governa o Estado"; cf. *temperat (a) lacrimis:* "abstém-se de lágrimas"

V. ***Dupla construção de alguns verbos.*** Podem ser construídos com o dat. e com o ac. (*alicui aliquid*) como também com o ac. e o abl. (*aliquid aliquā re*) os seguintes verbos:

a(d)spergĕre	aspergir, borifar	*donare*	doar, dar
circumdare	cercar, rodear	*exuĕre*	despir, despojar
circumfundĕre	derramar em roda, cercar	*induĕre*	vestir, cobrir

Exemplos:

Dono amicum anulum aureum *Dono amicum anulo aureo*	Dou ao amigo um anel de ouro
Rex urbi fossam latam circumdedit *Rex urbem fossā latā circumdedit*	O rei cercou a cidade de uma trincheira larga

Na V. P. temos as mesmas variantes:

Amicus meus anulo aureo donatus est *Anulus aureus amico meo donatus est*	Meu amigo foi presenteado com um anel de ouro
Urbs fossā latā circumdată est *Urbi fossă lată circumdată est*	A cidade foi cercada de uma larga trincheira

Notas.

1) Os abl. são "instrumentais", salvo com o verbo *exuĕre*, onde é abl. de separação, cf. § 82, I, 2b.

2) Na expressão: "conceder a cidadania a alguém" não se diz: *civitatem donare alicui*, mas apenas: *civitate donare aliquem.*

3) O verbo *exuĕre*, no sentido literal, tem o dat., p. e.: *exuo puero vestem*, mas o abl. no sentido figurado: *exuo patrem pecuniā.*

§ 78. **Funções especiais do dativo.** — As funções especiais do dat. latino derivam das suas duas funções básicas, a saber: o dat. de atribuição (I), e o dat. final (II).

I. Funções derivadas do ***dativo de atribuição.***

1) O DATIVO EXCLAMATIVO. Êste dat. é empregado com as interjeições *vae* e *(h)ei:* "ai!". Exemplos:

Vae soli!	Ài do solitário!
Vae victis!	Ai dos vencidos!
Ei mihi, quid faciam?	Coitado de mim, que farei?

Cf. § 73, V.

2) O DATIVO POSSESSIVO. A frase da Bíblia: "Ela *te* pisará a cabeça" é pràticamente igual a: "Ela pisará *tua* cabeça". Entretanto, há uma ligeira diferença entre as duas construções: na primeira, frisa-se que a ação verbal afeta, embora indiretamente, uma pessoa: na segunda, averigua-se simplesmente que a cabeça pertence a uma pessoa. O dat. é, portanto, mais vivo e plástico do que o adj. possessivo (ou gen.), e por isso mesmo chama-se muitas vêzes de "dativo simpatético". O português emprega freqüentemente o dat. simpatético como recurso estilístico para evitar repetições incômodas do adj. poss., etc.; apesar de ter perdido muito da sua frescura original, continua a ser um meio elegante, p. e.: "Ao indagar a natureza desta instituição, faz-se mister que *lhe* conheçamos as raízes histórídas, as peripécias através dos séculos, e as sucessivas transformações", em lugar de: "*suas* raízes, *suas* peripécias, e *suas* transformações".

Também o latim se serve do dat. simpatético, p. e. na frase: *Versatur mihi ante oculos = Versatur ante oculos meos* ("está diante de meus olhos"), mas geralmente limita seu emprêgo a algumas construções bem definidas, sobretudo com o verbo *esse*. Exemplo:

Mihi est liber = Librum habeo	Tenho um livro

A diferença entre as duas construções é que, em *Mihi est liber* (*dat.* possessivo), se salienta a posse e que, em *Librum habeo*, se chama a atenção para o direito de propriedade (cf. § 88, I, 1).

Notas.

1) O dat. poss. é muito comum em expressões dêstes tipo: *Mihi est nomen Antonius/Antonio* ("chamo-me Antônio"); como se vê pelo exemplo, o nome próprio pode concordar com *mihi* (atra-

ção) ou com *nomen* (apôsto). Assim se diz também: *Nomen tibi do/indo Antonium/Antonio.*

2) Tratando-se de qualidades morais ou intelectuais, não se pode usar o dat. poss. A frase: "Êle tem muita prudência" não deve ser traduzida: *Multa prudentia ei est,* mas: *Multa prudentia in eo (in)est,* ou: *Magnā prudentiā praeditus est,* etc.

3) O DATIVO ÉTICO. O dat. ético, só usado com as formas de 1.ª e da 2.ª pessoa do pron. pessoal (*mihi, tibi, nobis, vobis*), exprime viva participação de certa(s) pessoa(s) na ação verbal, encontrando-se principalmente na linguagem coloquial e em apóstrofes retóricas. Exemplos:

Ecce mihi lacrimare incipit!	Eis que êle (me) começa a chorar!
Ecce Cato tibi advolat ad rostra!	Eis que Catão (te) vem correndo à tribuna!

Nota. Reparem bem na locução: *Quid sibi hoc vult?* ("Que significa/quer dizer isto?")

4) O DATIVO DE REFERÊNCIA. Êste dat. (em latim: *dativus relationis* ou *judicantis*) é relativamente raro em latim; sua função é a de designar a pessoa, à qual a frase como todo se refere. Em português se diz: "para quem" ou "de ponto de vista de quem", etc. Exemplos:

Hoc oppidum primum Thessaliae est venientibus ab Epiro	Esta cidade é a primeira da Tessália para quem vem de Epiro
Suum cuique pulchrum est	Cada um acha bonito o que tem
Mihi lauta sum	A meu ver, sou moça elegante

5) O DATIVO DE AGENTE. Já conhecemos o dat. de agente (latim: *dativus auctoris*) em combinação com o gerundivo (cf. § 34, I). A frase: *Epistula mihi est scribenda,* significa ao pé da letra: "Para mim existe a obrigação de escrever uma carta".

O dat. de agente emprega-se também, embora menos freqüentemente, com os tempos do Perfectum na V. P.; tipo: *Epistula mihi scripta est:* "Por mim foi escrita uma carta". Êste emprêgo foi originado pelo Pf. Presente (cf. § 48, II) e a tradução literal seria: "Para mim existe a carta (já) escrita"; com o tempo, o dat. foi sendo empregado também, onde o Perfectum já não indicava actio perfecta, mas actio aorista, de modo que *Epistula mihi scripta est* passou a significar: "Escrevi uma carta".

Muito menos comum e limitado à linguagem poética e à prosa pós-clássica é o emprêgo do dat. de agente com os tempos do Infectum; tipo: *epistula mihi scribitur:* "a carta é escrita por mim". Esta construção é uma inovação analógica.

II. ***O dativo final.***

1) O DATIVO FINAL PRÒPRIAMENTE DITO. Já encontramos êste dat., falando do gerúndio/gerundivo (cf. § 31, II, 2); em geral, a prosa clássica prefere *ad* mais ac. Encontrâmo-lo ainda em algumas expressões isoladas, p. e. *canĕre receptui* ("dar sinal para a retirada") e *cui rei?* ("para quê?"), sobretudo em latim arcaico; além disso, em expressões dêste tipo:

diem colloquio dicere	marcar o dia para um encontro
locum castris deligere	escolher um lugar para o acampamento*

2) O DATIVO DE DIREÇÃO. O dat. final indica finalidade ou intenção (*finis in ordine intentionis*); mas o mesmo dat. pode indicar também o fim como têrmo final (*finis in ordine executionis*). Esta função é muito rara, limitando-se à linguagem poética, p. e.: *It caelo clamor:* "O clamor se eleva ao céu". Talvez tenha sido originado pelo emprêgo do dat. com verbos compostos que exprimem movimento (cf. § 77, III, 2).

§ 79. **O duplo dativo.** — I. ***Combinações importantes.*** O duplo dat. consiste na combinação de um dat. de atribuição com um dat. final. Emprega-se principalmente com os seguintes verbos:

1) *dare, mittĕre, venire, arcessĕre* ("mandar vir");
2) *esse* (no sentido de: "servir de, ser motivo de");
3) *habēre, ducĕre* (no sentido de: "considerar, ter por");
4) *vertĕre, dare* (no sentido de: "atribuir, imputar").

II. ***Exemplos:***

Caesar Labieno auxilio venit	César foi em socorro de Labieno
Magister librum dono dat discipulo	O professor dá um livro de presente ao aluno
Hoc mihi gaudio/dolori/curae = cordi est	Isto me é motivo de alegria/de tristeza/de preocupação
Hoc tibi vitio verto/do	Levo-te isto a mal
Cui bono fuit ea res?	Para quem foi essa coisa proveitosa?
Habeo tibi hoc probro	Reputo isto vergonhoso para ti
Hic consul rem publicam sibi et amicis quaestui habuit	Êste cônsul considerou o Estado como uma fonte de renda para si e seus amigos

Quanto a *odio tibi sum*, etc., cf. § 60, III.

§80. **O dativo combinado com adjetivos.** — São diversas as funções exercidas pelo dat. em combinação com um adjetivo ou com um advérbio. Mencionamos aqui apenas o dat. de cômodo e incômodo (I), de aproximação (II), e de finalidade (III).

I. ***Dativo de cômodo e de incômodo,*** p. e.:

acceptus	agradável a	*hostilis*	hostil a
adversarius	contrário a	*infensus* / *infestus*	infesto a
amicus	amigável para com		
benignus	benigno, benévolo com	*inimicus*	hostil a
carus	caro a	*invisus*	odioso a
difficilis	difícil para	*perniciosus*	pernicioso a/para
facilis	fácil para	*propitius*	favorável a
gratus	grato a	*utilis*	útil a/para

Notas.

1) Alguns dêstes adj., tais como *amicus* e *inimicus*, são muitas vêzes substantivados; neste caso, são geralmente combinados com o gen. (ou adj. poss.), p. e.: *amicus Antonii*, e *amicus meus*.

2) Os adj., que exprimem antipatia ou simpatia, podem ser combinados também com uma das três preposições: *in*, *erga* (esta prep. só para relações amistosas) e *adversus/adversum* (as três pedem o ac.).

3) Os adj., que exprimem utilidade, conveniência, obrigação, etc., e seus antônimos, são muitas vêzes combinados também com a preposição *ad* (mais ac.), p. e. *utilis, facilis, difficilis, perniciosus*, etc.

II. ***Dativo de aproximação,*** p. e.:

affinis	afim a	*(dis)par* / *(dis)similis*	(des)igual
congruenter	coerentemente com		
convenienter	de acôrdo com	*vicinus*	vizinho

Notas.

1) *(Dis)similis* pedia, em latim arcaico, o gen.: em prosa clássica, usa-se o dat. para indicar semelhança parcial, e o gen. para indicar a semelhança total, p. e.: *veri similis* ("provável"), e *tui similis semper fuisti* ("sempre fôste fiel a ti mesmo"), mas: *canis lupo similis est* ("o cão é parecido com o lôbo").

2) Os adv. *congruenter* e *convenienter* ocorrem mormente nestas expressões: *convenienter naturae vivere* = "viver em conformidade com a natureza" (adágio dos estóicos), e: *sibi constanter loqui* = "falar coerentemente consigo").

III. ***Dativo final,*** p. e.:

aptus/idoneus	apto, idôneo a	*accommodatus*	apropriado a/para

Êstes adj. admitem também *ad* mais ac., cf. §31, III, 1.

O ABLATIVO

§81. **A natureza do ablativo latino.** — O abl. latino é um caso sincrético, em que se fundiram três casos indo-europeus: o abl. separativo ou o abl. pròpriamente dito; o instrumental; e o locativo. Ao estudarmos as diversas funções do abl. latino, é conveniente que sempre tenhamos em mente essa origem tríplice. Segue-se aqui o esquema dos empregos do abl. latino.

I. ***O Separativo.*** Podemos distinguir:

1) O abl. separativo pròpriamente dito, com as suas subdivisões: abl. de procedência, de privação, etc. (tipos: *exeo domo; arceo eum reditu; caret sensu*).

2) O abl. de origem, que indica descendência biológica (tipo: *natus est Jove* = "é filho de Júpiter").

3) O abl. de comparação, que se usa em combinação com comparativos, p. e.: *Petrus Antonio major est* = *Petrus major est quam Antonius:* "Pedro é maior do que Antônio" (lit.: "partindo de Antônio/tomando Antônio como ponto de partida, Pedro é maior").

4) O abl. de agente, que indica o ponto de partida de uma ação verbal na V. P., por exemplo: *Laudatur a patre* ("é louvado pelo pai").

5) O abl. de relação, que indica um ponto de vista, partindo do qual se considera uma pessoa ou uma coisa, p. e.: *natione Medus est* ("quanto à sua nacionalidade é medo" = "é medo de raça").

II. ***O Instrumental.*** O têrmo não é muito feliz, porque a função primordial dêste caso não era a de indicar o instrumento ou o meio; antes designava companhia, acompanhamento, "co-existência" (SOCIATIVO), e a idéia de "cooperar" (INSTRUMENTAL) nasceu da idéia de "co-existir". O português ainda emprega em numerosos casos a mesma preposição ("com") para exprimir essas duas idéias cognatas (cf. em francês: *avec;* em inglês: *with*).

A. O SOCIATIVO.

1) O abl. sociativo pròpriamente dito. p. e. *Caesar omnibus copiis in Galliam profectus est* ("César marchou *com* tôdas as suas tropas à Gália"). Geralmente, porém, se emprega a preposição *cum* (mais abl.)

2) O abl. de modo, que indica as circunstâncias que acompanham a ação verbal, p. e.: *Aequo animo mortem patris tulit* ("com resignação = resignadamente suportou a morte do pai").

3) O abl. de qualidade, que indica certas qualidades inerentes a uma pessoa ou coisa, p. e.: *vir summo ingenio est* ("é homem muito talentoso"); o grande talento "acompanha", por assim dizer, o homem.

B. O INSTRUMENTAL.

1) O abl. de instrumento pròpriamente dito, com várias subdivisões. Exemplo elementar: *Gladio hostem necavit* ("matou o inimigo com a espada").

2) O abl. de preço, já que o preço é o instrumento (o meio) pelo qual se compra uma coisa, p. e.: *Hunc librum emi viginti sestertiis* ("comprei êste livro por vinte sestércios").

3) O abl. de causa, que indica a causa eficiente da ação verbal: a causa eficiente tem em comum com o instrumento o poder efetuar alguma coisa. Exemplo: *fame interiit* ("pereceu de fome").

4) O abl. de medida, que indica o grau de diferença entre duas coisas comparadas, p. e.: *Haec fossa tribus pedibus altior est quam illa* ("esta vala é 3 pés mais alta do que aquela"). Êste abl. origina-se, muito provàvelmente, do abl. de causa, porque o complemento *tribus pedibus* designa a causa da profundidade maior desta vala em comparação com aquela.

III. ***O Locativo.*** 1) O abl. de lugar pròpriamente dito responde à questão: *ubi ?*. Geralmente precedido de uma preposição (*in, sub, pro,* etc.), emprega-se ainda sem acréscimo algum em expressões, tais como: *Delphis habito* ("moro em Delfos").

2) Os têrmos relativos ao espaço vêm fàcilmente a ser aplicados também ao tempo: é um fenômeno que se verifica em numerosos idiomas, cf. em português: "*Aí* compreendi que estava enganado", e: "*Daqui* a dois anos". Em latim está bem conservado o abl. de tempo, p. e.: *Illā nocte* ("naquela noite").

IV. ***Observações.*** 1) As origens históricas de algumas funções sintáticas do abl. latino são discutidas. Segundo alguns, o abl. de comparação seria um abl. sociativo ("comparado com"); segundo outros, um separativo (cf. *supra*, I, 3). Também divergem as opiniões quanto às raízes históricas do abl. de relação (separativo ou instrumental ?), de causa (separativo ou instrumental ?), etc. Deixamos de lado essas questões, que para nós são de somenos importância.

2) Não há dúvida de que, em latim histórico, o caráter complexo e heterogêneo do abl. possibilitava várias interpenetrações dos diversos tipos de abl. Só em alguns casos isolados, chamaremos a atenção dos leitores para êsse fato.

§ 82. **O Separativo latino.** — Podemos distinguir o abl. separativo pròpriamente dito (I), o abl. de origem (II), o abl. de comparação (III), o abl. de agente (IV) e o abl. de relação (V).

I. ***O Separativo pròpriamente dito.*** 1) Usa-se com nomes de cidades, etc., cf. § 71.

2) Muitos verbos exprimem, cada um à sua maneira, a idéia de separação. Teria muito pouca utilidade registrá-los a todos êles e comentar-lhes as diversas construções: a língua latina é, neste ponto, muito caprichosa, e o aluno tiraria pouco proveito do estudo de regras casuísticas. Para o leitor de textos clássicos basta ter em mente as seguintes regras que, sem dúvida, simplificam a realidade complexa, mas ao menos constituem um sólido ponto de referência para o principiante,

a) Os verbos que exprimem a idéia de afastamento, separação, remoção, etc. (p. e.: *arcēre, prohibēre, cedĕre* e compostos, *pellĕre* e compostos, *movēre* e compostos, *intercludĕre, (se) abstinēre, liberare*, etc.), levam o abl. separativo sem ou com preposição(1). Há uma tendência de omitir a preposição, quando o abl. designa uma coisa abstrata, e de exprimi-la, quando o abl. designa uma coisa concreta, principalmente uma pessoa. Os poetas preferem, em geral, o abl. sem preposição (cf. § 71, II, 2). Sendo o verbo composto com *ab*–, *de*– ou *ex*–, repete-se geralmente a mesma preposição, no caso de ela vir explícita, mas com pessoas usa-se apenas *ab*. Exemplos:

Arceo Ciceronem reditu (abstr.)	Impeço Cícero de voltar
Prohibeo hostes ab urbe (concr.)	Mantenho os inimigos a certa distância da cidade
Abstinet se sceleribus (abstr.)	Abstém-se de crimes
Dejecit hostes de muro (concr.)	Atirou os inimigos do cimo da muralha
Expellit inimicum vitā (abstr.)	Tira a vida ao inimigo
Expello hostes ex urbe (concr.)	Expulso os inimigos da cidade
Libero mare metu (abstr.)	Livro o mar do terror
Libero mare a praedonibus (concr.)	Livro o mar de piratas

Notas.

1) O verbo *abesse* está sempre com *ab*, como também os compostos com *dis*– e *se*–, p. e.: *differre, distinguĕre, sejungĕre, secernĕre, distare*, etc. Mas alguns dêstes verbos, principalmente quando usados em sentido figurado, são construídos com o dat. na época imperial e na poesia (cf. § 77, I, 3, nota 2).

2) A expressão: *aquā et igni interdicĕre alicui* ("banir alguém", lit.: "proibir água e fogo a alguém") explica-se pela contaminação de: *interdicĕre alicui aquam et ignem*, e de: *intercludĕre aliquem aquā et igni*.

b) Os verbos que exprimem a idéia de despojamento, roubo, etc. (p. e.: *nudare, orbare, privare, spoliare, exuĕre*, etc.) são construídos com o abl. sem preposição; assim também os verbos que exprimem a idéia de carência (p. e. *carēre, indigēre* e *egēre*). Exemplos:

Democritus oculis se privavit	Demócrito privou-se dos olhos
Hi viri omnibus rebus egent/indigent	Êstes homens têm necessidade de tudo
Animalia sensu carent	Os animais são destituídos de/não têm inteligência

(1) As preposições são *ab, de* e *ex;* quanto à diferença entre as três, cf. § 71, I.

Notas.

1) *Carēre* significa simplesmente: "não ter"; *egēre/indigēre:* "ter necessidade de", etc. Cf. os exemplos dados acima.

2) Quanto a *exuĕre*, cf. § 77, V.

3) *Egēre* e *indigēre* admitem também o gen., cf. § 89, I, 4.

c) Os adjetivos *alienus, liber, vacuus, orbus, nudus, inanis* e *egenus* seguem, em geral, as regras formuladas acima sob a). Exemplos:

Humani nihil a me alienum est *est* (concr.)	Nada de humano é-me alheio
Liber sum omni curā (abstr.)	Estou livre de tôda e qualquer preocupação

II. ***O Ablativo de origem.*** 1) Vejamos primeiro os exemplos para, depois, formular as regras:

Loco/genere nobili natus est	Êle é de uma família ilustre
Hercules (ex) Jove natus est	Hércules foi filho de Júpiter
Hic puer ex me natus est	Êste menino é meu filho
Etrusci a Lydiis orti sunt	Os etruscos descendem dos lidíos

2) REGRAS: Nunca se usa a preposição com as palavras *loco* e *genere* que, combinadas com *nasci* ou *oriri*, significam: "família, classe (social)". Tratando-se de descendência imediata (*patre, matre, parentibus,* etc.), o abl. está geralmente sem a preposição; é lícito, porém, usar-se *ex*, cujo emprêgo é obrigatório com os pronomes (p. e.: *ex me; ex illo/illā; ex quo/quā;* etc.). Para indicar a descendência remota, deve usar-se *ab*.

Nota. Os poetas empregam também outros particípios, p. e.: *prognatus, genitus, satus* (de *serĕre:* "semear"), *editus* e *cretus* (de *crescĕre*). O adj. *oriundus*, usado por prosadores e poetas, obedece às mesmas regras.

III. ***O Ablativo de comparação.***

1) EM GERAL. Depois de um adj. ou adv. no grau comparativo, o latim pode omitir *quam* ("do que") e colocar o segundo têrmo da comparação no abl.; êsse processo é legítimo só quando os dois têrmos comparados estão no nom. ou no ac. A prosa clássica evita, em geral, o abl. de comparação com pronomes pessoais. Exemplos:

Quis eloquentior fuit Cicerone?	Quem foi mais eloqüente do que Cícero?
Nullum oratorem legimus eloquentiorem Cicerone	Nunca lemos orador mais eloqüente do que Cícero
Nemo eloquentior est quam tu (menos usado em prosa cl. seria: *te*)	Ninguém é mais eloqüente do que tu
Nulli plus pecuniae dedi quam tibi (aqui não se pode usar o abl.)	A ninguém dei mais dinheiro do que a ti

2) Particularidades.

a) Depois de *plus*, *minus*, *amplius* ("mais") e *longius* pode usar-se a construção com *quam*, ou o abl. de comparação, ou então, omitir *quam* sem a menor influência sôbre a construção, de modo que são possíveis estas três traduções:

Urbs non longius quam tria milia aberat *Urbs non longius tribus milibus aberat* *Urbs non longius tria milia aberat*	A cidade não distava mais de 3 milhas

b) Nas seguintes expressões usa-se apenas o abl. de comparação:

Hiems solito gravior est	O inverno é excepcionalmente severo.
Plus aequo/justo tibi dedi	Dei-te além do justo
Vitā carior mihi es	És-me mais caro do que a vida
Celerius spe/opinione/exspectatione advenit	Chegou mais depressa do que se esperava/pensava
Longius necessario illic non manebimus	Não permaneceremos ali mais tempo do que fôr necessário

c) Nas seguintes expressões "hiperbólicas" o latim afasta-se da praxe portuguêsa:

Nive candidior	Branco como neve (lit.: mais branco do que neve)
Melle dulcior	Doce como mel
Luce clarior	Claro como o dia
Pice nigrior	Preto como piche

d) Em português, uma cláusula relativa pode depender de um antecedente no grau superlativo, p. e.: "Êste é o livro mais bonito que já li"; esta frase, traduzida ao pé da letra para o latim: *Hic est liber pulcherrimus quem legi*, significaria:

"Êste livro que li, é muito bonito". Em latim deve dizer-se: *Hic est liber quo numquam pulchriorem legi* (cf. § 88, V, 2e), frase cujo significado literal seria: "Êste é um livro em comparação com o qual nunca li mais bonito".

IV. ***O Ablativo de agente.*** Já conhecemos êste abl., que se encontra em frases passivas para indicar o agente, cf. § 59, II. — Cf. também o abl. de causa, § 84, III.

V. ***O Ablativo de relação.*** 1) Êste abl. tem vários outros nomes: abl. relativo, abl. de parte, abl. de ponte de vista, abl. de limitação, etc.; êle responde à questão: "em que ponto? até que ponto? sob que aspecto?", etc. Em português, pode ser traduzido por: "no que diz respeito a; quanto a; concernente a; relativamente a", etc., ou também — e muito melhor ainda — por uma preposição (p. e. "de", "em", etc.). Não existem regras lingüísticas mecânicamente aplicáveis. O abl. de relação pode, em tese, ser combinado com todos os tipos de verbos, com adjetivos, com substantivos, e com frases inteiras. Exemplos:

Agesilaus altero pede claudicabat	Agesilau coxeava de um pé
Pater meus validus corpŏre est	Meu pai é forte de constituição,
Hic vir natione Persa est	Êste homem é persa de raça, isto é, de raça persa
Meā opinione hic puer mentitur	Na minha opinião, êste menino está mentindo

2) Particularidades.

a) Reparem-se nas seguintes expressões:

grandis/maior/maximus natu est	êle é velho/mais velho/o mais velho
parvus/minor/minimus natu est	êle é moço/mais moço/o mais moço
specie (quidem) . . . , re (verā) autem	aparentemente . . . . . . , mas na realidade
meo judicio/meā sententiā	a meu ver
dux nomine Antonius	um general chamado Antônio
omni parte/nullā parte/magnā parte	em todos os pontos/absolutamente não/em grande parte

b) O abl. de relação é usado principalmente com os verbos:

aestimare, putare	avaliar	*conferre*	comparar
metiri, pendĕre	medir, pesar	*congruĕre*	concordar
judicare	estimar, julgar	*differre, discrepare*	divergir
finire	definir	*antecedĕre, praestare, antecellĕre superare*	superar, sobrepujar

Exemplos:

Belgae, Aquitani, Celtae linguā et institutis inter se differunt	Os belgas, os aquitanos e os celtas divergem entre si pela língua, e pelos costumes
Magnos homines virtute metimur, non fortunā	Medimos os grandes homens pela virtude, não pela fortuna

c) Às vêzes, encontramos com o abl. de relação a preposição *ex* (raro *ab*), p. e. nas locuções: *omni ex parte, magnā ex parte*, etc. Cf. também: *Demetrius clarus fuit ex doctrinā*: "Demétrio foi ilustre por causa da sua cultura". Como se vê por êste exemplo, são vagos os limites entre o abl. de relação e o de causa, em alguns casos.

d) Quanto ao ac. de parte, cf. § 73, III; quanto ao ac. de relação cf. § 74, IV.*

§ 83. **O Sociativo latino.** — Distinguimos aqui o abl. sociativo pròpriamente dito (I), o abl. de modo (II) e o abl. de qualidade (III).

I. ***O Sociativo pròpriamente dito.*** 1) O emprêgo dêste abl. sem preposição é pouco freqüente em latim histórico, limitando-se àqueles casos em que se trata de um acompanhamento militar (p. e.: *exercitu, copiis, manu*, etc.), e só quando há atributo explícito. Em todos os outros casos, emprega-se *cum* mais abl. Exemplos:

Caesar (cum) omnibus copiis suis in Galliam contendit	César marchou com tôdas as suas tropas à Gália
Caesar cum exercitu in Galliam contendit	César marchou com o exército à Gália
Pater cum filiā in horto ambulat	O pai passeia com sua filha no jardim

2) A "companhia" pode ser também um objeto inanimado, p. e.:

Amicus meus cum telo/gladio est	Meu amigo está com uma lança/uma espada
Filius meus cum togā virili rediit	Meu filho voltou, vestido de toga viril

3) O sociativo é usado também com verbos que exprimem a idéia de comparação (p. e. *comparare, conferre*), de união (p. e. *(con)jungĕre, committĕre*), de contato humano (p. e. *(col) loqui, agĕre, disputare*), de repartição (p. e. *partiri, communi-*

care), de acôrdo (p. e. *congruĕre, convenire, consentire*), etc., e daí também, por analogia, com verbos que exprimem a idéia de desacôrdo (p. e. *dissentire, discrepare, differre*), etc. Todos êstes verbos podem ser combinados com o sociativo (mais *cum*), e alguns dêles admitem também o dat. de aproximação, construção que se torna cada vez mais normal na época imperial (cf. § 77, I, 3 Nota 2). Exemplos:

Disputavi cum amico	Discuti com meu amigo
Non consentio cum Cicerone	Não concordo com Cícero

II. ***O Ablativo de modo.*** 1) Êste abl. indica o modo, a maneira, o método, as circunstâncias, etc., em que se realiza a ação verbal. Não havendo atributo, usa-se *cum*; havendo atributo, emprega-se geralmente o abl. sem outro acréscimo. Exemplos:

Cum diligentiā hoc opus perfeci	Terminei êste trabalho com diligência/diligentemente
Summā (cum) diligentiā hoc opus perfeci	Terminei êste trabalho com muita diligência/muito diligentemente

2) Particularidades.

a) Não se usa *cum* nas seguintes locuções:

jure/merito	com direito, merecidamente	*viā et ratione*	metòdicamente
		silentio	em silêncio
injuriā	sem razão, imerecidamente	*consilio*	prudentemente
		vi/fraude = dolo	com fôrça/dolo
ordine	por ordem	*more institutoque*	conforme antigo costume
consulto	de propósito		
meā/tuā/suā/ sponte	espontâneamente	*suo more*	à sua maneira, conforme seu costume

b) Também alguns substantivos, tais como *modus, pactum, ratio; mens, animus; lex, conditio*, etc., nunca são combinados com *cum*. Exemplos:

Quo modo/Quo pacto/Quā ratione hoc fecit?	Como/De que modo fêz isto?
Impiā mente/Impio animo hoc scelus fecit	Impiamente cometeu êste crime
Quā lege/conditione istam domum emisti?	Sob que condição compraste essa casa?

c) Alguns autores, sobretudo Salústio, empregam também *per* (mais ac.) em substituição ao abl. de modo, p. e.: *per vim = vi.**

III. ***O Ablativo de qualidade.*** 1) O abl. de qualidade designa uma característica permanente, bem como uma disposição passageira, de uma pessoa ou de uma coisa; ocorre no emprêgo atributivo e no emprêgo predicativo, e sempre vem acompanhado de um atributo. Nunca está com a preposição *cum*. Exemplos:

Amicus meus est ‖ *vir summā prudentiā* (atributivo)	Meu amigo é homem muito prudente
Amicus meus ‖ *est summā prudentiā* (predicativo)	Meu amigo é muito prudente

Notas.

1) Não se pode usar o abl. de qualidade sem atributo; assim não se deve dizer: *vir prudentiā est,* e sim: *vir prudens est.*

2) Ao passo que um abl. de qualidade substitui um adj. (*summā prudentiā* = *prudentissimus*), o abl. de modo faz as vêzes de um adv. (*summā diligentiā* = *diligentissime*).

2) Não há grande diferença entre o abl. e o gen. de qualidade (cf. § 88, IV), e as distinções entre os dois são muito precárias. Só se pode dizer que a forma *modo* (de *modus*) nunca é usada como abl. de qualidade, mas só como abl. de modo; para indicar a qualidade, o latim emprega o gen. de qualidade: *modi.* Exemplos: *Amicus meus eo/hoc modo locutus est:* "Meu amigo falou desta maneira". mas: *Vir ejusmodi/hujusmodi laudandus est:* "Um homem desta categoria/Tal homem deve ser louvado".

§ 84. **O ablativo instrumental.** — Podemos distinguir o abl. instrumental pròpriamente dito (I), o abl. de prêço (II), o abl. de causa (III) e o abl. de medida (IV).

I. ***O Instrumental pròpriamente dito.***

1) Em geral. — O instrumental indica o instrumento ou o meio pelo qual se realiza a ação verbal. O português usa geralmente "com", "mediante", "por meio de", ou outras preposições e locuções para exprimir a mesma idéia. Em latim, o instrumental está sempre sem preposição; existe também a forma parafraseada do instrumental mediante a preposição *per* mais ac., paráfrase muito usada quando o instrumento é pessoa, (não subst. coletivo), mas encontrada raras vêzes em latim clássico com nomes de objetos. Exemplos:

Inimicum suum necavit gladio	Matou seu inimigo com a espada
Catilina inimicos suos necabat per sicarios	Catilina matava (mandava matar) seus inimigos por meio de sicários
Catilina exercitu suo oppidum cepit (ou abl. sociativo? cf. 84, I)	Catilina tomou a fortaleza com o seu exército
Per epistulam (melhor: *Epistulā*) *certiorem me fecit de adventu suo*	Informou-me da sua vinda mediante uma carta

2) Particularidades. — Usa-se o instrumental também:

a) com os verbos que significam:

"encher, saciar", etc.	*complēre, implēre, explēre*, etc., *satiare, imbuĕre*, etc.
"acostumar", etc.	*assuefacĕre, assuescĕre*, etc.
"exercer", etc.	*exercēre, exercitare*, etc.
"instruir", etc.	*erudire, instituĕre*, etc. (1)
"abundar", etc.	*abundare, redundare, affluĕre*, etc.
"confiar em", etc.	*confidĕre, fidĕre, diffidĕre*, etc.(2)
"apoiar-se·em", etc.	*niti, subniti, stare*, etc.(3)

Exemplos:

Galli assuefacti sunt imperio Romanorum	Os gaules acostumaram-se ao Império Romano
Deus bonis explevit mundum	Deus encheu o universo de coisas boas
Pater meus omnibus artibus erudiri me voluit	Meu pai quís que eu fôsse instruído em tôdas as artes

b) com os seguintes depoentes:

abuti	abusar de	*potiri*	apoderar-se de
frui	desfrutar de	*uti*	usar (de)
fungi	cumprir (com)	*vesci*	alimentar-se de

Notas.

1) O gen. *rerum* na expressão: *potiri rerum* ("assenhorear-se do mundo", ou: "apoderar-se do govêrno") explica-se pelo fato de *potiri* ser igual a *potis fieri* ("tornar-se senhor"). Em Plauto encontramos ainda a forma ativa: *potire aliquem alicujus rei:* "tornar alguém dono de alguma coisa".

2) Em latim arcaico, os verbos (*ab*)*uti, frui, fungi* e *vesci* eram muitas vêzes combinados com o ac. de objeto direto; a prosa clás-

(1) Mas *docēre* pede o ac., cf. § 75, IV.
(2) Êstes verbos admitem também o dat., cf. § 77, II.
(3) Segundo outros, teríamos aqui abl. de lugar.

sica prefere o instrumental, mas a construção "pessoal" com êstes verbos é ainda bastante comum no gerundivo, cf. § 32, III, 3; cf. também § 34, I, 3.

c) com o verbo *afficĕre* ("afetar, dispor, tratar"), usado em inúmeras expressões, p. e.:

afficere aliquem laude/praemiis/honore	elogiar/premiar/honrar alguém
afficere aliquem morte/supplicio	(fazer) matar/supliciar alguém
afficere aliquem laetitiā/tristitiā	alegrar/entristecer alguém
afficere aliquem injuriis/opprobriis	injuriar/afrontar alguém

d) com a locução *opus est:* "faz-se mister, é preciso"; se a coisa de que se precise fôr pron. ou adj. neutro, ela vai para o nom. Exemplos:

Opus mihi es tuo auxilio	Preciso de teu auxílio
Multa mihi opus sunt	Tenho necessidade de muitas coisas
Quid tibi opus est?	De que necessitas?

Notas.

1) Construções do tipo: *Opus est mihi servus* ("Preciso de um escravo"), são raras em prosa clássica; os tipos: *Opus est mihi servi/servum,* encontram-se apenas em latim arcaico e pós-clássico.

2) Menos usado do que *opus est* é *usus est,* locução equivalente que admite, geralmente, as mesmas construções.

e) com os verbos que exprimem a idéia de "caminhar, viajar", etc., usa-se o instrumental para indicar o caminho, p. e.: *Viā Appiā proficiscitur:* "Viaja pela Via Ápia"; *Hoc uno itinere ad Deum pervenire possumus:* "Só por êste caminho podemos chegar até Deus". É melhor interpretar êste abl. como instrumental do que como locativo.

f) com certos adjetivos, relacionados com um dos verbos registrados acima, (muitas vêzes, são particípios passados). Exemplos:

"cheio de"	*plenus*(1), *confertus, refertus, onustus,* etc.
"confiante em", etc.	*(con)fisus, diffisus, fretus,* etc.
"apoiado em"	*nisus/nixus, subnixus,* etc,
"munido de"	*praeditus,* etc.
"(in)digno de, (i)merecedor de"	*dignus, indignus,* etc.(2)
"rico em"	*dives, locuples,* etc.
"atingido, afetado por"	*affectus,* etc.

(1) Em prosa clássica, *plenus* rege quase sempre o gen. (cf. § 90, II, 4e); *Ave Maria, gratiā plēna,* seria portanto: *Ave, Maria, gratiae plena.*

(2) *Dignus* < *dec–no–s,* cf. o verbo: *decēre.*

g) Repare-se bem nas seguintes expressões idiomáticas:

aleā ludere	jogar o dado	*pedibus proficisci*	viajar a pé
tibiā canere	tocar a flauta	*proelio contendere*(1)	combater na batalha

II. ***O Ablativo de preço.***

1) Em geral. — O abl. de preço indica, em geral, o preço determinado, em oposição ao gen. de preço, que sempre indica o preço indeterminado (cf. § 89, II). As duas construções encontram-se com os verbos das seguintes categorias:

"comprar"	*emĕre, coemĕre, parare, comparare,* etc.
"vender"	*vendĕre;* na V. P. *venire,* cf. § 60, I.
"alugar" (a alguém)	*locare, collocare,* etc.
"alugar" (de alguém)	*conducĕre,* etc.
"estar à venda"	*prostare, licēre,* etc.
"pôr à venda"	*prostituĕre, venum dare,* etc.
"estimar, avaliar"	*aestimare, existimare, putare, facĕre, ducĕre,* etc.
"custar"	*esse, constare, stare,* etc.

Exemplos:

Hunc librum viginti sestertiis emi	Comprei êste livro por 20 sestércios
Hoc signum quadringentis denariis est	Esta imagem vale 400 denários

2) Particularidades. — Preços indeterminados podem ser indicados também pelas seguintes formas:

magno	caro	*parvo*	barato
minimo	muito barato	*permagno*	muito caro
nihilo	de graça	*plurimo*	caríssimo

Nestes abl. está subentendido o subst. *pretio;* só *nihilo* é formação analógica (= *gratiis/gratis:* "grátis, de graça"). O latim clássico prefere, porém, para indicar preço indeterminado o gen. de preço (p. e. *magni, minimi,* etc.), e o abl. nesta função, nunca é usado com os verbos *esse, facĕre,* e *ducĕre.* Exemplos:

Pater meus domum permagno vendidit	Meu pai vendeu a casa muito caro
Hoc gratis stat/constat	Isso é de graça

(1) Segundo outros, *proelio* seria abl. de lugar, cf. § 85, II, 5.

III. ***O Ablativo de causa.***

1) Em geral. — O abl. de causa é empregado:

a) com todos os tipos de verbos, mas preferìvelmente com verbos intransitivos. Exemplos:

Concordiā parvae res crescunt, discordiā maximae dilabuntur (intrans.)	Por concórdia crescem coisas insignificantes, por discórdia corrompem-se as maiores
Multi cives fame perierunt (intrans.)	Muitos cidadãos pereceram de fome
Romani Collatinum suspicione quadam ex urbe expulerunt (trans)	Os romanos expulsaram Colatino da cidade por causa de certa suspeita

Nota. Em geral, o latim prefere, com verbos transitivos, a preposição *ob/propter* mais ac., portanto: *propter/ob quandam suspicionem expulerunt.*

b) com alguns verba affectuum; geralmente admitem êles também outras construções, p. e.:

delectari (também *in* mais abl.)	deleitar-se em
dolēre (também trans. e *de* mais abl.)	lastimar
gaudēre (também trans. e *de/in* mais abl.)	alegrar-se com
gloriari (também *de* mais abl.)	gabar-se de
laetari (também trans. e *de* mais abl.)	alegrar-se com
maerēre (também trans.)	lastimar

Exemplos:

Gaudeo adventu tuo *Gaudeo de/in adventu tuo* *Gaudeo adventum tuum*	Alegro-me com a tua vinda

c) nas seguintes expressões:

eā/quā re	por isso/porque	*monitu matris*	a conselho da mãe
injussu patris	sem permissão do pai	*naturā loci*	pela constituição física do local
jussu consulis	à ordem do cônsul		
mandatu regis	à ordem do rei	*rogatu Caesaris*	a pedido de César

2) Particularidades.

a) Motivos internos ou psicológicos são, em latim clássico, indicados pelo abl. de causa, acompanhado de um Part.

Pf. da V. P., ao passo que, em português, se diz simplesmente (sem part.) p. e.: "por amor à pátria vendeu todos os seus haveres". Exemplos:

amore inductus	por amor	*levitate ductus*	por leviandade
furore inflammatus/accensus	por raiva	*metu coactus*	por mêdo
misericordiā commotus	por compaixão	*studio incensus*	por dedicação, por interêsse
		timore perterritus	por receio

b) Causas impedientes são geralmente indicadas por *prae* mais abl., p. e.:

Prae lacrimis loqui non potuit	Por causa das lágrimas não pôde falar

c) A causa final é geralmente indicada pela "pós-posição" *causā* ou *gratiā* mais gen. Exemplos:

Vestrā rei publicaeque causā hoc feci	Fiz isto no vosso interêsse e no do Estado
exempli gratiā Cf. §31, I, 3	por exemplo

IV. ***O Ablativo de medida.*** 1) O abl. de medida designa o grau de diferença que existe entre duas pessoas ou coisas comparadas; pode ser usado apenas com comparativos (adj. e adv.), ou com verbos e adv. que exprimam a idéia de comparação, p. e.:

antecedĕre/antecellĕre(1) *praestare*(2) *superare*(3)	sobrepujar, superar, etc.
infra/supra	mais para baixo/para cima
ante(a)	antes, mais cedo
post(ea)	depois, mais tarde
abesse/distare	distar

2) Formas muito usadas do abl. de medida são:

multo	muito	*eo/tanto*	tanto
paulo	um pouco	*quo/quanto*	quanto, como
nihilo	nada	*aliquanto*	um tanto, meio, algo

---

(1) *Antecedĕre/antecellĕre alicui* (dat., cf. §77, III) *aliquā re* (cf. §82, V): "sobrepujar alguém em alguma coisa". Cf. também §77, IV.

(2) *Praestare alicui aliquā re:* "ser superior a alguém em alguma coisa", cf. §77, IV (onde estão registradas também outras construções). *Praestat* ("é preferível") é muitas vêzes combinado com Inf. subjetivo (cf. §2, II, 1) ou com o A. c. I. (cf. §10, I, 1).

(3) *Superare aliquem aliquā re:* "sobrepujar alguém em alguma coisa".

3) Exemplos:

Haec turris viginti pedibus altior est quam illa	Esta tôrre é 20 pés mais alta do que aquela
Haec turris aliquanto altior est quam illa	Esta torre é um pouco mais alta do que aquela
Antecedis/antecellis mihi multo prudentiā (cf. § 82, V)	Em prudência és muito superior a mim
Quanto omnibus praestitisti!	Quanto sobrepujaste todos!
Amicus meus paulo ante/post advenit	Meu amigo chegou um pouco antes/depois
Quo/Quanto rarius, eo/tanto carius	Quanto mais raro, tanto mais caro
Nihilo minus	Não obstante, contudo (cf. em inglês: *nevertheless*)

4) Observações.

a) Com verbos é mais comum usar-se o adv. *longe*(= *multo*), p. e.: *Antecedis mihi longe prudentiā.*

b) Em prosa clássica prefere-se, de um modo geral, o abl. de medida; mas fora dela, encontramos muitas vêzes também o ac. adverbial, sobretudo em combinação com verbos, p. e.: *aliquantum = aliquanto; multum = multo; tantum = tanto; quantum = quanto* (cf. § 74, IV).

c) Reparem bem na colocação do abl. de medida, quando combinado com *post* ou *ante*, duas palavras que, além de advérbios, podem ser também preposições, e nessas duas funções são muitas vêzes combinadas com o abl. de medida. Exemplos:

Amicus meus duobus post diebus rediit (adv.; os dois elementos do abl. são separados por *post*)	Meu amigo voltou dois dias depois
Amicus meus post duos dies rediit (prep. logo seguida do ac.)	Meu amigo voltou depois de dois dias
Amicus meus duobus diebus post reditum meum profectus est Romam / *Amicus meus post reditum meum duobus diebus profectus est Romam*	Dois dias depois da minha volta, meu amigo viajou a Roma

§ 85. **O Locativo latino.** — Podemos distinguir o abl. locativo pròpriamente dito (I), e o abl. de lugar com ou sem preposição (II–III).

I. ***O Locativo pròpriamente dito.*** Usa-se o loc. pròpriamente dito com nomes de cidades etc., cf. § 72.

II. ***O Ablativo sem preposição.*** Em prosa clássica, emprega-se o abl. de lugar sem *in:*

1) com a palavra *locus,* quando acompanhada de um atributo. Exemplos:

Quo loco es?	Em que lugar estás?
Nonnullis locis flumen transiri potest	Em alguns lugares o rio pode ser atravessado

Nota. A locução: *loco esse alicujus,* quer dizer: "fazer as vêzes de alguém", e está sempre sem preposição, p. e.: *Semper patris loco mihi fuisti:* "Sempre fizeste as vêzes de pai para mim". = "Sempre fôste um pai para mim".

2) nas expressões: *primo libro, alio libro, initio orationis meae,* e semelhantes.

3) na expressão: *terrā marique:* "por terra e mar".

4) com o adj. *totus,* para indicar espalhamento, p. e.: *totā Italiā = per totam Italiam; totā urbe = per totam urbem,* etc.

5) com alguns verbos cujo significado genérico é: "manter em, receber em, conter em", etc. Exemplos:

memoriā tenere	guardar na memória
tecto recipere	receber em casa
silvis occultare	esconder nas florestas
equo/curru vehi	andar a cavalo/viajar num carro
proelio contendere (cf. §84, I, 2g)	combater numa batalha
trinis hibernis hiemare	passar o inverno em três acampamentos

Nota. Várias destas expressões poderiam ser interpretadas também como abl. de instrumento, p. e. *silvis occultare* (a floresta é um "meio" para esconder alguma coisa).

6) com o adj. *contentus* (originàriamente, Part. Pf. de *continere:* "mantendo-se dentro dos limites"), p. e.: *Suā quisque sorte contentus vivit:* "Cada qual vive contente com sua própria sorte".

III. ***O Ablativo com preposição.*** Em todos os outros casos, o latim emprega, para responder à questão *ubi?* uma preposição, quase sempre *in,* às vêzes, *sub, super, pro, prae,* (tôdas essas preposições pedem o abl.), ou *ante, post, circum* etc. (mais ac.). Aqui pretendemos falar apenas de *in,* devendo falar das outras preposições no capítulo seguinte.

1) *In* mais abl. não se usa apenas com verbos que exprimem a idéia de repouso, permanência, estado duradouro, etc., mas também com verbos que indicam movimento; neste caso, porém, o abl. dá a entender que o movimento se efetua dentro dos limites indicados, ao passo que *in* mais ac. indica o têrmo final em que o movimento resulta ou deve resultar. Cf. em inglês: *into* (= *in* mais ac.), e *in* (= *in* mais abl.). Exemplos:

Amicus meus in urbe habitat	Meu amigo mora na cidade
Amicus meus in horto ambulat	Meu amigo passeia no jardim
Amicus meus in hortum intrat	Meu amigo entra no jardim

2) Em geral, o latim clássico é muito meticuloso em distinguir a idéia de movimento concebida como têrmo final da ação verbal, e a idéia de movimento concebida como processo a efetuar-se dentro dos limites indicados. Mas com os verbos que exprimem a idéia de "pôr, colocar" e "colocar-se, sentar-se, levantar-se", etc., usa-se *in* mais abl., onde deveríamos esperar o ac. É que o latim, em tais casos, frisa o resultado dessas ações verbais. Exemplos:

Pono/(col)loco poculum in mensā	Ponho o copo na mesa
Cives statuam in foro posuerunt	Os cidadãos ergueram uma estátua no foro
In pratulo consedimus	Sentamo-nos no gramado
Milites in acie consistunt	Os soldados colocam-se na fileira*

§ 86. **O Ablativo de tempo.** — O abl. de tempo, função derivada do abl. de lugar, pode estar com ou sem preposição (I–II).

I. ***Sem preposição.*** 1) O latim usa o abl. de tempo sem preposição para responder à questão *quando?*, tratando-se de indicações de hora, de estações do ano, de datas, etc.; fora dêste grupo, dispensa-se a preposição sòmente quando o abl. estiver com atributo. Exemplos:

Initio noctis	No início da noite
Quintā horā diei	À quinta hora do dia
Vere/aestate/autumno/hieme	Na primavera/no verão/no outono/ no inverno
Kalendis martiis	Nas calendas de março
Anno millesimo nongentesimo quinquagesimo nono Incarnationis	No ano de 1959 da Encarnação

Augusti tempore/aetate *Augusti temporibus/aetatibus*	No(s) tempo(s) de Augusto
Suo tempore	Em tempo oportuno
Illo die/tempore	Naquele dia/tempo
Primā luce	Ao amanhecer
Nocte/Noctu (cf. § 72, II, 1)	De noite
Luce = *Luci/Die/(Inter)diu* (cf. § 72, II, 1)	De dia
Vesperi = *Vespere* (cf. § 72, II, 1)	À tardinha
Primo bello Punico	Na primeira guerra púnica
Tuo/Caesaris adventu	À tua chegada/À chegada de César
Summā senectute	Na extrema velhice

2) O latim usa igualmente o abl. de tempo sem preposição para responder à questão: "dentro de que prazo?", quando houver atributo (muitas vêzes, na forma de um pron. demonstr., ou de um numeral); sem atributo, deve usar-se *in* mais abl. Mas sempre pode ser empregada uma construção mais enfática, com *inter* ou *intra* mais ac. Exemplos:

Duobus diebus hoc opus perficiam	Terminarei êste trabalho dentro de 2 dias
Hoc anno / *In anno* / *Intra annum* / *Inter annum* } *pater meus se moriturum (esse) arbitratur*	Meu pai julga que morrerá dentro de 1 ano

II. ***Com preposição.*** Em todos os outros casos usa-se uma preposição, no mais das vêzes, *in* mais abl. Exemplos:

In illo/eo tempore	Naquela situação
In illis temporibus	Naquelas circunstâncias
In consulatu	Durante o consulado
In bello	Durante a guerra
Bis in die	Duas vêzes por dia
In senectute sensus hebetantur	Na velhice diminui a fôrça dos sentidos

O GENITIVO

§ 87. **A natureza do genitivo latino.** — O gen. é o caso mais problemático e complicado de todos, não só em latim, como também nas outras línguas indo-européias: os problemas inerentes ao gen. não se limitam apenas às suas funções sintáticas, mas se estendem igualmente à

morfologia. Sem estudos comparativos com outros idiomas, sem indagações históricas, é muito difícil, se não impossível, dar uma exposição sistemática do gen., — mas tudo isso não se compadece com o escôpo didático dêste livro. Devemos limitar-nos, portanto, a duas ou três palavras de ordem essencialmente prática.

A função primordial do gen. indo-europeu parece ter sido a de estabelecer uma certa relação entre a ação verbal e um nome, ou entre dois nomes. Esta idéia, porém, é tão vaga que pode servir para explicar tudo, e exatamente por explicar tudo, acaba por não explicar nada.

Nos seguintes parágrafos seguiremos um plano muito tradicional, sem nos preocuparmos com a sua justificação teórica: trataremos primeiro do gen. latino em combinação com substantivos; em seguida, do gen. em combinação com verbos; e finalmente, do gen. em combinação com adjetivos. Mas mesmo assim fazendo, nem sempre conseguiremos demarcar nìtidamente as fronteiras (p. e. § 88, I, 2).

§ 88. **O genitivo combinado com substantivos.** — Podemos distinguir o gen. de posse (I), o gen. subjetivo (II), o gen. objetivo (III), o gen. de qualidade (IV), o gen. partitivo (V), o gen. explicativo (VI) e o gen. da matéria (VII).

I. ***O Genitivo de posse.*** O têrmo, apesar de ser universalmente usado, é pouco feliz: o gen. de posse não designa apenas "o possuidor" (tipo: *domus patris mei*), mas muito mais ainda "pertença, autoria, atribuição, relação", etc., no sentido mais amplo dessas palavras (p. e. *tectum templi; poemata Vergilii; difficultates belli,* etc.). É desnecessário darmos aqui uma especificação pormenorizada, porque a preposição portuguêsa "de", na sua função "possessiva", tem — globalmente falando — o mesmo âmbito do gen. de posse em latim, de modo que êste não apresenta dificuldades especiais ao leitor brasileiro. Basta fazermos os seguintes reparos:

1) O *genitivo* e o *dativo* de *posse.* A diferença entre as duas construções (cf. § 78, I, 2) poderia ser ilustrado pelos seguintes exemplos:

Patri meo libri sunt, non statuae	Meu pai tem livros, não imagens
Patris mei haec domus est, non patrui mei	Esta casa é de meu pai, não de meu tio
Mihi est equus	Tenho um cavalo
Equus meus est	O cavalo é meu

Nota. Como se vê, pelo último exemplo, não se pode usar *mei* como gen. de posse; tão-pouco são usados, nesta função, as formas *tui, sui, nostri, vestri,* mas elas são, como em português, substituídas pelas formas correspondentes do adj. possessivo: *meus, tuus, noster* e *vester.* Só na 3.ª pessoa, onde êste adj. não existe, deve usar-se: *ejus,* etc. Exemplos: *Hic liber eorum est:* "Êste livro é dêles"; *Hic equus ejus erat:* "Êste cavalo era dêle/dela", etc.

2) *Esse* combinado com o gen. de posse. É muito comum a combinação do gen. de posse com *esse*, para indicar um dever, uma tarefa, uma qualidade característica, um costume, etc. de certa pessoa; para maior clareza acrescenta-se, às vêzes, um subst. (p. e. *munus/officium* = "dever, obrigação, tarefa"), ou um adj. (*proprium*). Também aqui não se empregam as formas *mei*, *tui*, etc., mas as formas correspondentes do adj. possessivo *meum*, *tuum*, etc. no neutro sg. Exemplos:

Consulis (munus/officium) est patriam defendere	É tarefa/dever do cônsul defender a pátria
Sapientis est (proprium) mortem non timere	É próprio do sábio não temer a morte
Meum/tuum/ejus non est hostes ulcisci	Não é meu/teu/seu costume tirar vingança dos inimigos
Mulierum/earum est operibus domesticis praeesse	É tarefa das mulheres/delas orientar os serviços domésticos

3) *Causā* e *gratiā* com o genitivo. As "pós-posições" *causā* e *gratiā* ("por causa de, em vista de", etc.) são também combinadas com o gen. de posse; por isso mesmo, o gen. do pron. pessoal é substituído pelo adj. possessivo. Exemplo:

Nostrā reique publicae causā hoc fecit	Fêz isto no nosso interêsse e no do Estado

4) Elipses (reais e aparentes). Nas expressões: *ad Castoris* (sc. *aedem*), *ad Vestae* (sc. *templum*) temos elipse real (cf. em inglês: *at Mr. Smith's*); mas nas locuções: *Andromache Hectoris* ("Andrômaca, a viúva de Heitor"), *Caecilia Metelli* ("Cecília, a espôsa de Metelo"), *Hasdrubal Gisgonis* ("Hasdrubal, o filho de Gisgão"), *Lutetia Parisiorum* ("Lutécia, no território dos parísios" = "Paris"), etc., a elipse é apenas aparente: os gen. dependem diretamente do subst. Êste último tipo de construção, influenciado pelo grego, é relativamente raro em prosa clássica, salvo com nomes geográficos (tipo: *Lutetia Parisiorum*).

5) Notem-se bem as seguintes locuções com o gen. de posse: *pridie illius diei* ("no dia anterior"); *postridie ejus diei* ("no dia seguinte"), etc.*

II. ***O Genitivo subjetivo.*** O gen. subjetivo designa o sujeito da ação verbal expressa pelo substantivo regente; êste subst. tem que ser, portanto, um subst. verbal (*nomen actionis*), tais como: *amor*, *odium*, *desiderium*, *conjuratio*, *fuga*, *memoria*, *beneficium*, etc. O gen. subjetivo é, em última análise, um caso particular do gen. de posse, pois na frase: *odium inimici* ("o ódio do inimigo") o inimigo tanto é o sujeito da ação verbal expressa por *odium*, como o "possuidor" do sen-

timento de ódio. Mas nem todo e qualquer gen. de posse (p. e. *domus patris*) é gen. subjetivo, sendo que para tal a palavra regente precisa ser um subst. verbal. Também no gen. subjetivo não se usam as formas *mei, tui*, etc., mas sempre as formas correspondentes do adj. possessivo *meus, tuus*, etc. Exemplos:

Amor matris (mater amat)	O amor da mãe
Fuga hostium (hostes fugiunt)	A fuga dos inimigos
Odium tuum (tu odisti)	Teu ódio
Beneficium ejus (is bene fecit)	Seu favor
Post hominum memoriam (ex quo homines meminerunt)	Quanto os homens se lembram, ou: Desde tempos imemoriais

2) O gen. de posse, bem como o gen. subjetivo, podem ser substituídos por adjetivos: *amor maternus* = "o amor maternal/o amor da mãe". A diferença entre as duas construções é que o gen. frisa mais o possuidor concreto, ao passo que o adj. indica mais uma qualidade genérica. Contudo, nem sempre é possível manter essa distinção, p. e.: *Campus Martius* ("o campo de Marte"); *filius herilis* ("o filho do dono"), *metus hostilis* ("o mêdo dos inimigos"), etc. O latim arcaico e vulgar tem certa predileção pelo adj., bem como a linguagem poética.

III. ***O Genitivo objetivo.*** 1) O gen. objetivo designa o objeto direto da ação verbal expressa pela palavra regente o qual tem de ser um subst. verbal. Neste caso, o português usa, conforme fôr a regência do subst., a preposição "de", ou "a", ou "por", ou "para com", etc. Do gen. objetivo empregam-se as formas: *mei, tui, nostri, vestri* e *sui*. Exemplos:

Amor matris (mater amatur)	O amor à mãe
Desiderium patriae (patria desideratur)	As saudades da pátria
Expugnatio urbis (urbs expugnatur)	A tomada (de assalto) da cidade
Admiratio oratoris (orator in admiratione est)	A admiração pelo orador
Odium inimicorum (inimici in odio sunt)	O ódio contra os inimigos
Amor mei/tui	Meu/Teu amor-próprio
Memoria beneficii (beneficium in memoriā est)	A recordação do benefício

2) A construção *amor matris*, etc. tem, portanto, dois significados, conforme o exigir o contexto: "o amor da mãe" (gen. subj.) ou: o amor à mãe" (gen. obj.). Entretanto, podemos dizer que o emprêgo do gen. subj. é muito mais freqüente que o do gen. obj. Por vêzes, encontramos na mesma frase os dois

gen., p. e.: *Helvetiorum injuriae populi Romani:* "As ofensas feitas pelos helvécios ao povo romano", mas tais casos são raros, porque a frase — num contexto menos claro — poderia ser interpretada também: "As ofensas feitas pelo povo romano aos helvécios". Havendo perigo de ambigüidade, o latim serve-se muitas vêzes das preposições *erga, in* e *adversus* para exprimir o objeto direto da ação verbal, principalmente, quando se trata de pessoas, p. e.: *Pietas erga deos; Amor in parentes; Odium adversus omne genus humanum,* etc.

IV. ***O Genitivo de qualidade.*** 1) Perfeitamente comparável ao abl. de qualidade (cf. §83, III), é o gen. de qualidade; em latim clássico, nunca está sem atributo; pode ocorrer no emprêgo atributivo e no emprêgo predicativo. Exemplos:

Amicus meus ‖ *est magnae prudentiae* (pred.)	Meu amigo é muito prudente
Amicus meus est ‖ *vir magnae prudentiae* (atr.)	Meu amigo é homem muito prudente

2) Na mesma frase ocorrem, às vêzes, o gen. e o abl. de qualidade, p. e.: *Vir magni ingenii summāque prudentiā:* "um homem muito talentoso e muito prudente". Só devemos lembrar que nunca se usa o abl. de qualidade do subst. *modus,* e que o latim clássico prefere o gen. para indicar medidas, idade, valor, raça e classe social. Mas esta preferência não possui o rigor de uma regra absoluta. Exemplos:

Fossa viginti pedum est facta	Fêz-se uma vala de 20 pés
Puer decem annorum haec jam scit	Um menino de 10 anos já sabe isso
Hic liber magni pretii est	Êste livro tem grande valor
Est vir mei ordinis generisque Romani	É um homem da minha categoria social e de descendência romana
Libros ejus/hujus modi non amo	Não gosto de livros desta espécie/dêste tipo

V. ***O Genitivo partitivo.***

1) Em geral. — O gen. partitivo indica o todo do qual se toma uma parte (no sentido literal e figurado); não indica a parte tomada de um todo! Em indo-europeu, o gen. partitivo era muito mais usado do que em latim, onde seu emprêgo se limita a alguns casos bem determinados. Mas, na sua forma parafraseada (mediante a preposição *de*), a idéia partitiva tornou-se extremamente popular no Baixo-Império

(tipo: *bibi de vino*), sobretudo na Gália; daí em francês: *j'ai bu du vin.* Em latim clássico, emprega-se o gen. partitivo nos seguintes casos:

a) Com subst. e adj. (êstes últimos sobretudo no superlativo) e pronomes que implicam a idéia de número, quantia, divisão, medida, etc. Exemplos:

(*Magna*) *pars militum caesa est*	Uma (grande) parte dos soldados foi assassinada
Horum omnium fortissimi sunt Belgae	De todos êstes os belgas são os mais valentes
Poculum vini bibit	Bebeu um cálice de vinho
Multi civium reginam viderunt	Muitos dos cidadãos viram a rainha
Quis nostrum hoc nescit?	Quem de nós não sabe isto?
Nemo vestrum/eorum sensit hostes adesse	Nenhum de vós/dêles percebeu que estavam próximos os inimigos
Montes auri polliceri (cf. *infra*, VI)	Prometer montes de ouro

Nota. Com os adj. *multi, pauci,* etc. é muito mais comum dizer-se: *multi/pauci cives,* do que: *multi/pauci civium.*

b) Com adj. e pron. no nom. ou ac. neutro ag., que não venham acompanhados de preposição. Exemplos: *multum, plus, minus, tantum, quantum, aliquid, quid, nihil, quidquam, id, quod,* etc.; essas formas são, no fundo, adj. substantivados; cf. ainda os advérbios "substantivados": *satis* ("bastante"), *nimis/nimium* ("demasiado") e *parum* ("muito pouco"). Exemplos:

Amicus meus plus/minus vini bibit quam ego	Meu amigo bebeu mais/menos vinho do que eu
Quid novi habes?	Que tens de novo?
Hic vir nimis severitatis habet	Êste homem tem um excesso de severidade, ou: é severo demais

c) Com alguns advérbios de lugar, e de tempo, principalmente em expressões fixas, das quais se seguem aqui as mais usadas:

Nusquam terrarum/gentium templum pulchrius vidi	Em nenhum lugar do mundo vi templo mais bonito
Ubi terrarum es?	Em que lugar (do mundo) estás?
Quo terrarum profecturus es?	Para que lugar (da terra) pretendes ir?
Eo furoris/amoris venit	Chegou a tal grau de raiva/de amor
Tum temporis/Id temporis	Naquêle tempo/momento

2) Particularidades:

a) Numerais cardinais estão quase sempre com a preposição *de* ou *ex* mais abl.; esta construção é muito comum também com as palavras *multus*, *nullus*, *nemo* e *solus*, e com os superlativos. Números ordinais pedem o gen. partitivo. Exemplos:

Avus meus ex/de tribus filiis unum amisit	Meu avô perdeu um dos três filhos
Nulla de tuis virtutibus admirabilior est misericordiā	Nenhuma das tuas virtudes é mais admirável do que a tua misericórdia
Ex omnibus pugnis Pompeji haec mihi acerrima videtur	De tôdas as batalhas de Pompeu esta me parece a mais dura
Primus omnium dixit Caesar	O primeiro de todos a falar foi César

b) Depois de *uterque* ("cada um dos dois") e *plerique* ("a maior parte") usa-se o gen. partitivo de pron. pessoais, mas as duas palavras são consideradas como adj., quando seguidas de um subst. *Plerique* pode significar também "muitíssimos" (= *plurimi*, forma muito mais usada): nesta acepção, a palavra é considerada como adjetivo; no sentido de "a maior parte", pode sempre ser combinado com o gen. Exemplos:

Uterque eorum verum dixit	Cada um dos dois falou a verdade
Uterque puer verum dixit	Cada um dos dois meninos falou a verdade
Plerique nostrum/vestrum pauperes sunt	A maior parte de nós/vós é pobre
Plurimi/Plerique (raro) *cives fame perierunt*	Muitíssimos cidadãos pereceram de fome
Plerique cives/civium fame perierunt	A maior parte dos cidadãos pereceu de fome

c) *Mille*, embora originàriamente um subst., é geralmente considerado, em latim clássico, como adj. (por analogia com *centum*, etc.; (o plural *milia* é sempre subst. e pede o gen. Portanto: *mille homines* (raro: *mille hominum*), mas: *duo/tria milia hominum*, etc.

d) O gen. partitivo pode ser também um adj. p. e. *nihil novi* ("nada de novo") e *quid novi?* ("que de novo?"), mas as formas *nihil novum* e *quid/quod novum* são igualmente usadas.

Esta última construção é a única legítima com adj. da 3.ª declinação, portanto: *nihil utile* (não: *nihil utilis*).

e) É obrigatório o emprêgo do gen. partitivo (às vêzes, substituído por *ex/de*) depois de um superlativo, do qual depende uma cláusula relativa. A frase portuguêsa: "Êste livro é o mais bonito que já li", deve ser traduzida para o latim conforme a regra estudada no § 82, III, 2d, ou então desta maneira: *Hic liber est pulcherrimus omnium/ex omnibus, quos legi.*

f) O gen. partitivo do pron. pessoal é *nostrum, vestrum, eorum, earum;* por motivos evidentes, usa-se muito pouco o gen. part. de pronomes no sg. Nos casos, em que êste é usado, emprega-se *mei, tui* ou *sui*, p. e. *Multa pars mei mortem non videbit:* "Grande parte de mim não verá a morte".*

VI. ***O Genitivo explicativo.*** 1) Êste gen. tem também outros nomes: gen. "epexegético" (lit.: "que dá uma explicação ulterior"), e gen. "definitivo" (lit.: "que dá uma definição"). Ao passo que o gen. partitivo exprime uma idéia mais genérica do que a palavra regente, temos aqui o contrário: o gen. explicativo desenvolve e precisa uma idéia genérica expressa pela palavra regente. Em alguns casos, podemos traduzir êste gen. pela preposição "de", mas acontece mais amiúde que devemos traduzi-lo por um simples apôsto, ou então, por uma circunlocução com o verbo "consistir", etc. Exemplos:

Virtutem continentiae non habet	Não possui a virtude de auto-domínio
Mors filiae ademit ei nomen soceri	A morte da filha tirou-lhe o nome de sôgro
Triste est nomen ipsum carendi	A própria palavra "carecer" já é triste
Quid sibi vult haec vox voluptatis?	Que significa esta palavra "prazer"?
Praemium pecuniae ei dabo	Dar-lhe-ei um prêmio (que consiste) em dinheiro

2) Particularidades.

a) Nomes geográficos são, em prosa clássica, sempre considerados como apostos, p. e.: *urbs Roma; flumen Rhenus; insula Delus; oppidum Thermae* etc. Na poesia encontramos: *urbs Romae, flumen Rheni*, etc., construções que muito provàvelmente têm sua origem na personificação mitológica de

Roma, do Reno, etc. ("a cidade da deusa Roma", "o rio do deus Reno"); êste gen. se tornou popular, como é provado pela praxe das línguas românicas.

b) Também o gen. explicativo pode ser substituído por um adj., p. e.: *nomen senatorium* = *nomen senatoris; dignitas regia* = *dignitas regis* (cf. *supra*, II, 2).

c) O gen. do gerúndio/gerundivo, dependente de um subst. (cf. § 31, I, 1). é muitas vêzes um gen. explicativo.

d) Às vêzes, torna-se difícil uma distinção entre o gen. partitivo e o gen. explicativo, p. e. em frases dêste tipo: *sebi ac picis glebae:* "bolinhas de talco e de piche", e: *montes auri:* "montes de ouro". Qual é a idéia mais genérica: bolinha ou talco, monte ou ouro ? A lógica não é feita para resolver problemas desta natureza, e a gramática pouco ganha em prestar muita atenção para tais distinções demasiadamente sutis.

VII. ***O Genitivo de matéria.*** Êste gen., que indica a matéria concreta de que uma coisa é feita (tipo: "um anel *de ouro*"), está muito mal representado em latim clássico, que geralmente usa um adj. de matéria (p. e. *aureus, argenteus, ferreus, aeneus*, etc.), ou então, uma circunlocução com *ex* (menos freqüentemente, com *de*), p. e.: *vas ex/de auro* (*factum*).

Nota. Nas expressões: *libra argenti* ("uma libra de prata") e *pondo auri* ("um arrátel de ouro"), os gen. poderiam ser considerados como gen. explicativos ("que consiste em ouro") ou como gen. partitivos.

§ 89. **O genitivo combinado com verbos.** — Podemos distinguir o gen. de relação (I), e o gen. de prêço (II).

I. ***O Genitivo de relação.*** O gen. de relação exprime o que é da esfera de uma ação verbal: em indo-europeu era muito usado, podendo ser combinado não só com verbos, mas também com subst. e adj. Em latim arcaico, encontramos muitas vêzes ainda o gen. de relação, também dependente de subst., p. e.: *Fidem ei non habui argenti* = "Não tive confiança nêle em questões de dinheiro", mas a prosa clássica prefere outras construções para exprimir essa idéia. No parágrafo anterior não mencionamos o gen. de relação, já que êste, combinado com subst., não possui muita vida própria, ou então se confunde com alguns empregos bem definidos que a gramática tradicional costuma denominar com outros nomes. Ao falarmos do gen. combinado com verbos (o chamado gen. "adverbal"), é impossível passá-lo em silêncio, porque aqui se impõe aos estudiosos da língua latina. Não é legítimo, por exemplo, considerarmos o gen. na locução: *pudet me hujus facti,*

como gen. objetivo em pé de igualdade com *memento mei;* o gen. *mei* poderia ser interpretado como gen. objetivo, mas o gen. *hujus facti* não indica o obj. dir., e sim, a causa da vergonha; o mesmo podemos dizer do gen. "criminis" *avaritiae* em: *avaritiae eum accusant.* Na realidade, temos aqui nas três frases um gen. de relação, uma idéia tão vaga que fàcilmente podia especializar-se numa idéia bem definida, tais como: gen. objetivo, gen. de causa, gen. de crime, etc.

1) O GENITIVO OBJETIVO. Emprega-se o gen. objetivo com os verbos *memini, reminisci* e *oblivisci,* sobretudo quando o objeto é uma pessoa; nomes de coisas estão geralmente no ac. *Memini* e *reminisci* podem ser construídos também com *de* mais abl.; os verbos *admonēre, commonēre* e *commonefacĕre* admitem o gen. objetivo, mas preferem *de* mais abl. Exemplos:

Memini/reminiscor amici tui	Lembro-me do teu amigo
Non sum oblitus tui	Não te esqueci
Memini/obliviscor injurias tuas/injuriarum tuarum	Lembro-me/esqueço-me de tuas ofensas
Admoneo te officii tui/de officio tuo	Lembro-te do teu dever

Notas.

1) A expressão *venit mihi in mentem* pede geralmente o gen.; sendo a coisa lembrada um pron. ou adj. neutro, pode usar-se também a construção pessoal no nom. Exemplos:

Venit mihi in mentem pietatis ejus	Ocorreu-me a lembrança da sua memória
Permulta/Haec mihi in mentem venerunt	Muitas/Estas coisas me vieram à memória

2) Em latim arcaico, alguns outros verbos pediam o gen. objetivo, p. e. *cupĕre* e *fastidire* ("ter fastio"). Cf. ainda §84, I,, 2b, nota (*potiri rerum*).

2) O GENITIVO DE CAUSA. Com os verbos impessoais *miseret, paenitet, piget, pudet* e *taedet* (cf. §39, II) pode ser combinado o gen. para exprimir a causa da pena, do remorso, etc. Exemplos:

Pudet me hujus facti	Envergonho-me dêsse ato
Taedet me laboris	Estou farto de trabalhar

Notas.

1) *Pudet me civium meorum* pode significar: "envergonho-me dos meus concidadãos", e: "Envergonho-me perante os meus concidadãos".

2) O verbo *miserēri* tem construção pessoal, e é combinado com o gen. objetivo, p. e.: *misereor hujus viri/tui* ("tenho pena dêste homem/de ti"); em latim tardio, encontramos também outras construções do tipo: *miserere nobis!* e *misereor super turbam.*

3) O GENITIVO DE CRIME. Êste gen. se emprega para indicar o crime com os "verba judicialia", isto é, com os verbos que significam:

"acusar, incriminar"	*accusare, incusare, arguĕre, criminari,* etc.
"convencer de"	*arguĕre, convincĕre,* etc.
"condenar"	*damnare, condemnare,* etc.
"multar, castigar"	*multare*
"absolver"	*absolvĕre,* etc.

A pena ou a multa vai para o abl. instrumental. Exemplos:

Omnes cives consulem avaritiae accusant	Todos os cidadãos acusam o cônsul de ganância
Judex absolvit reum injuriarum	O juiz absolveu o réu de atos contra a justiça.
Miltiades pecuniā multatus/condemnatus est	Milcíades foi condenado a pagar uma multa
Tyrannus crudelis omnes adversarios exsilio multavit/damnavit	O cruel tirano condenou todos os seus adversários ao exílio

OBSERVAÇÕES:

a) O crime está muitas vêzes também no abl. precedido da preposição *de,* p. e.:

accusare aliquem de vi/de veneficiis/de pecuniis repetundis(1)	acusar alguém de ato(s) de violência/de venefício/de peculato

Também encontramos outros tipos de construção, p. e.:

accusare aliquem inter sicarios	acusar alguem de assassínio pago

b) A pena está muitas vêzes também no ac. precedido da preposição *ad* ou *in,* p. e.:

condemnare aliquem in/ad metalla/ad mortem/ad supplicia/ad bestias	condenar alguém a trabalhos forçados nas minas/à morte/a suplícios/a ser devorado pelas feras

---

(1) *Res repetĕre* = "exigir uma indenização"; *pecunias repetĕre* = "reivindicar (judicialmente) o dinheiro (extorquido ou desviado por um magistrado no exercício das suas funções);" daí: *pecuniae repetundae* = "concussão, peculato", etc.

c) *Condemnare aliquem capitis* (= *rei capitalis*) quer dizer: "condenar alguém por crime capital" (gen. de crime); *condemnare aliquem capite* quer dizer: "condenar alguém à pena capital/à morte" (abl. instr.). No fundo, as duas construções têm o mesmo significado.

4) Os VERBA COPIAE ET INOPIAE. Os verbos latinos que exprimem a idéia de abundância (p. e. *abundare, obsaturare,* etc.), de provimento e abastecimento (p. e. *implēre, explēre, impertire* e *participare*), e de falta, privação, necessidade, etc. (p. e. *egēre, indigēre, carēre, opus est,* etc.) são, no período pré-clássico, às vêzes combinados com o gen.; a prosa clássica prefere o abl. (instrumental ou separativo); só os verbos *egēre* e *indigēre* (cf. § 82, I, 2b. Nota 3) regem, em latim clássico, muitas vêzes o gen. Exemplo:

Egeo/Indigeo consilii tui	Tenho necessidade de teu conselho

5) As FORMAS "ANIMI" E "MENTIS". Na comédia e na poesia encontramos muitas vêzes o gen. das palavras *animus, mens,* etc. em locuções dêste tipo:

pendēre animi	estar indeciso	*fidens animi*	de coração confiante
desipěre mentis	não estar são de espírito	*angi animi*	afligir-se (no coração)

Nestas expressões temos belos exemplos do gen. de relação; os próprios romanos, já não entendendo bem esta função do gen., passaram a substituir *animi* por *animo*, e *mentis* por *mente* (loc.), p. e. *mente reputare,* (*in/cum*) *animo volvere,* etc. O emprêgo dêste gen. de relação é extremamente raro em prosa clássica.

II. *O Genitivo de preço.*

1) EM GERAL. — Com os verbos já assinalados no § 84, II, 1, o gen. é empregado para indicar um preço indeterminado ("caro, barato", etc.), nas seguintes formas:

magni, pluris, plurimi	caro, mais caro, muito caro
permagni e *maximi*	muitíssimo caro, caríssimo
parvi, minoris, minimi	barato, mais barato, muito barato
tanti..., quanti	tão caro/barato como
nihili	de graça, por nada

Exemplos:

Hunc servum decem minis/magni emi	Comprei êste escravo por 10 minas/caro

Hic servus magni est	Êste escravo é caro
Omnia pericula parvi sunt aestimanda	Todos os perigos devem ser considerados de pouca importância
Tanti te facio quanti patrem meum	Tanto te estimo quanto a meu pai

b) O gen. de prêço é, no fundo, um gen. de qualidade, tendo sua origem em expressões dêste tipo: *res est magni pretii* ("a coisa é de grande valor").

c) *Hanc rem flocci non facio* quer dizer: "Não dou nenhum valor a esta coisa, faço pouco de" (ao pé da letra: "considero esta coisa como tendo nem mesmo o valor de um floco").

d) Também pode ser usado o abl. de preço para indicar um preço indeterminado, pelo menos em algumas locuções, cf. § 84, II, 2.

2) PARTICULARIDADES. — Os dois verbos impessoais *rēfert* e *interest* ("importa, interessa', etc.) podem ser combinados com estas quatro formas do gen. de preço: *magni*, *parvi*, *tanti* e *quanti*. A pessoa a quem importa ou interessa alguma coisa, vai igualmente para o gen., mas, sendo pron. pessoal, êste gen. é substituído pelo abl. sg. fem. do adj. possessivo (*meā, tu* , *nostrā, vestr*). A coisa que importa pode ser um adj. ou pron. neutro (p. e. *hoc*, *quid*, *multum*, etc.), mas geralmente é expressa por um Inf. subjetivo ou por um A. c. I., ou então por uma pergunta indireta. Exemplos:

Hoc magni interest/rēfert	Isto é de grande interêsse/importância
Interest omnium hoc fieri	Interessa a todos que isto seja feito
Omnium civium rēfert hostes expelli	É importante para todos os cidadãos que os inimigos sejam expulsos
Quid rēfert hoc dicere?	Que interêsse tem dizer isso?
Tuā/Meā interest hoc iter facere	Interessa-te/Interessa-me fazer esta viagem
Dicunt suā interesse regem regno spoliari	Dizem que lhes interessa destronar o rei
Maxime rēfert quemadmodum libri legantur	É de suma importância de que modo os livros são lidos

Notas.

1) Menos usada é a construção com *ut* (cf. § 148, I), p. e.: *Magni interest ut te videam:* "Para mim é muito importante ver-te"; a construção com o A. c. I.: *Magni interest me te videre*, seria ambígua.

2) O Pf. de *rēfert* (impessoal) é *rētulit*, não *rettulit* (esta forma é de *rĕfero:* "relatar, narrar", etc.)*

§ 90. **O genitivo combinado com adjetivos.** — Referindo-nos aos tipos de gen. já estudados, podemos classificar os diversos gen. em combinação com adj. da seguinte maneira: o gen. de posse (I), o gen. de relação (II) e o gen. partitivo (III).

I. ***Genitivo de posse.*** Exemplos são:

communis	comum a	*proprius*	próprio de
(dis)par / *(dis)similis*	(des)igual a	*sacer*	consagrado a, / dedicado a

Notas.

1) Quase todos êstes adj. admitem também o dat. de aproximação (mas *pròprius* nunca), cf. § 80, II.

2) Quanto a *similis*, cf. § 80, II, nota 1.

II. ***Genitivo de relação.*** Aqui se torna difícil uma classificação exata por diversos motivos, um dos quais é que o têrmo "gen. de relação" pode ser interpretado no sentido amplo (cf. § 89, I), abrangendo o gen. "objetivo", "de causa", "de crime", etc., ou então, no sentido estrito, tal como ocorre p. e. na expressão: *desipiebam mentis* (cf. § 89, I, 5). Também são pouco nítidas as fronteiras entre o gen. partitivo e o gen. de relação: qual das duas funções é primordial? Existem muitos outros problemas ainda, impossíveis de expor aqui. Trataremos aqui do gen. de relação no sentido amplo, excluindo, porém, o gen. partitivo, embora nem sempre seja fácil uma distinção exata entre os dois.

1) Exemplos de adj., que pedem o gen. de "relação":

capax	podendo caber, suscetível a	*incertus*	incerto, indeciso
		insuetus	não acostumado a
compos	dono de	*imperitus*	imperito em
gnarus	a par de	*peritus*	perito em
ignarus	não a par de	*studiosus*	estudioso de, cuidadoso

Reparem bem nas seguintes expressões:

Compos mentis (non) est	(Não) está em seu juízo
Voti compos est	Conseguiu o que desejava

2) Os Part. Pres. em *-ans* e *-ens*, enquanto adjetivados, cf. § 29, I, 1, Nota 3.

3) Os poetas (e os prosadores da época imperial) usam o gen. de relação também com outros adjetivos, p. e.:

vir integer vitae	homem de vida íntegra	*laetus laborum*	alegre pelos trabalhos
fessi rerum	esgotados pelos acontecimentos	*timidus deorum*	temente aos deuses

4) Muitos outros adj. latinos são igualmente combinados com o gen. de relação, a que a gramática tradicional costuma dar nomes especiais, p. e.:

a) *avidus, cupidus, (im)memor, nescius*, etc. (gen. objetivo);

b) *reus* (gen. de crime e de pena), p. e. *reus avaritiae* (crime) e *reus est mortis* (pena); o crime é muitas vêzes indicado pela preposição *de* mais abl., p. e. *reus de avaritiā.*

c) *plenus, dives; inanis, inops* e *egenus* (gen. copiae et inopiae); êstes adj. podem ser combinados também com o abl. (cf. § 84, I, 2c).

III. ***Genitivo partitivo.*** Exemplos são:

consors	participante de	*exsul*	destituído de
expers	destituído de	*particeps*	participante de
exsors	privado de	*socius*	associado a

O NOMINATIVO

§ 91. **Particularidades.** — Sôbre o emprêgo do nom. podemos ser breves, já que êste apresenta poucas dificuldades ao estudioso de latim. Chamamos a atenção dos leitores para as duas seguintes particularidades:

I. ***O Nominativo exclamativo.*** Êste nom., aliás pouco usado, encontra-se principalmente com a interjeição *o*, p. e.:

O festus dies!	Que dia de alegria!

Quanto a *en* e *ecce* com o nom., cf. § 73, V, 2.

II. ***O Nominativo em vez do Vocativo.*** O nom. pode estar pelo voc. (na comédia e na poesia); principalmente em apostos, p. e.:

Mi Libane, ocellus meus!	Meu Libano, menina dos meus olhos!

Também em fórmulas arcaicas:

Audi tu, populus Albanus!	Escuta, ó povo de Alba!*

O VOCATIVO

§ 92. **Particularidades.** — O voc. latino, ao contrário do voc. grego, não precisa ser combinado com a interjeição *o*. As interjeições *o(h)*, *pro(h)*, *heus*, *eho*, etc. são usadas em frases que revelam muita ternura, indignação, decepção, etc. O voc. latino geralmente não ocupa o primeiro lugar numa frase.

Às vêzes, encontramos o voc. em apóstrofes e em exclamações, p. e.: *di immortales!* e *o fortunate adulescens!*

CAPÍTULO VIII

AS PREPOSIÇÕES LATINAS

§ 93. **Observações preliminares.** — I. ***A origem e a natureza das preposições.*** A expressão: "Tal preposição rege o acusativo ou o ablativo" é, do ponto de vista da gramática histórica, pouco correta, porque originàriamente era o caso que indicava a função sintática de uma palavra dentro de uma frase e a preposição não passava de um elemento acessório para lhe realçar ou precisar essa função. Para um povo mais avançado a flexão nominal, sem outros acréscimos, torna-se cada vez mais insuficiente para exprimir adequadamente a riqueza infinitamente nuançada do pensamento humano. A insuficiência do sistema meramente flexional deve ter aumentado juntamente com o sincretismo de diversos casos em latim: dos oito casos indo-europeus sobreviveram apenas seis na língua de Lácio, e também êstes seis possuíam muitas vêzes desinências iguais (p. e. *-is/ibus*, no dat. e no abl. pl.). Dois fatôres contribuiram, portanto, para os romanos adotarem e elaborarem um sistema mais analítico: o sincretismo dos casos, e a necessidade crescente de se exprimir com maior clareza e precisão. Coisa semelhante deu-se também em grego que, com seus cinco casos, devia sentir mais falta ainda de preposições e, levado pela necessidade, criou um sistema de preposizões capaz de expressar os matizes mais sutis do pensamento.

A frase: *Eo templum*, significava primitivamente: "Vou ao templo". Mas bem cedo os romanos devem ter sentido a necessidade de fazer uma distinção explícita entre: "ir ao templo, entrando nêle" e: "ir ao templo, ficando nas proximidades do mesmo". Para exprimir essa diferença, foram acrescentando, na primeira hipótese, o advérbio *in* ("dentro"); na segunda, *ad* ("até"). Devido ao seu emprêgo constante em combinação com o ac. de direção, os advérbios *in* e *ad* foram perdendo sua autonomia, acabando por ser interpretados como "preposições" que "regiam" o ac. Tal coisa deve ter-se dado também com *ab* e *de* e *ex*, e com outras palavras que, de origem adverbial, com o tempo se transformaram em preposições.

Uma vez nascidas as preposições, os casos ganharam muito em clareza, mas, ao mesmo tempo, não tardaram em desvalorizar-se, visto que a preposição por si já exprimia a função sintática e a terminação da palavra "regida" se tornava um elemento acessório, quase supérfluo. O têrmo final da evolução lingüística, iniciada com o nascimento das preposições, deve ser o de uma estrutura completamente analítica, mas essa fase não foi atingida pelo latim senão nos primeiros séculos da Idade Média, quando nasciam os idiomas românicos. Vários fatôres impediram o desaparecimento total do sistema flexional, p. e. o fato de, em latim, só o ac. e o abl. poderem ser combinados com uma preposição; a influência conservadora e reguladora da linguagem literária, etc. Assim mesmo, encontramos já em inscrições de Pompéia a tendência "analítica" da linguagem popular, p. e. na forma: *cum discentes suos* = *cum discentibus suis.*

Os dois únicos casos latinos que admitem preposições, são o ac. e o abl.; são os dois casos "concretos" (ou "locais"), ao passo que o gen. e o dat. têm caráter mais abstrato. Das diversas funções "locais" nasceram as outras funções: primeiro, a função temporal; em seguida, as várias funções derivadas de caráter mais abstrato ainda. Cf. a função de *ex* nestas três frases: *Exit e templo* ("Sai do templo"); *Ex illo tempore* ("Desde aquêle tempo"); *Ex senatus consulto* ("Em virtude de um decreto do senado"). O ac. de movimento (cf. § 70) podia ser especificado pelos advérbios *ad* e *in;* o locativo por *in* e *pro;* o separativo por *ab, de* e *ex;* o sociativo por *cum,* etc. Quase todos êsses advérbios foram adquirindo, com o tempo, também a função temporal e outras funções figuradas.

Preposições são, portanto, advérbios que, pelo desgaste e pela combinação freqüente com certos casos, perderam seu significado original concreto (quase sempre local!), passando a indicar relações mais ou menos abstratas entre os diversos elementos constitutivos de uma frase. A passagem de advérbio para preposição é, em tôdas as línguas indo-européias, um processo contínuo e nunca completamente acabado. Assim se explica que, em latim, ao lado das preposições "puras" (p. e.: *ab, de, cum, in,* etc.), ainda encontremos preposições "adverbiais" (p. e.: *juxta, supra,* etc.). Em plena época literária podemos verificar que certas palavras, até então usadas exclusivamente como advérbios, se foram transformando em preposições, p. e. *procul* e *simul.*

O têrmo "preposição" é enganador, porque nem sempre a preposição precede a palavra "regida". Por ser uma palavra sem acento próprio, sem vida própria, a preposição sempre procura ligar-se estreitamente a outra palavra, e essa ligação pode efetuar-se de três maneiras diferentes: existe a "próclise" (p. e. *ad templum, e templo*), que é a ligação mais comum; existe a "mesóclise" (p. e. *quam ob rem, qu de caus*); existe também a "ênclise" (p. e. *mecum*). Algumas palavras têm sempre, ou quase sempre, a colocação enclítica, p. e. *ergo* e *tenus;* poderíamos chamar-lhes "pós-posições".

II. ***A divisão da matéria.*** Nos §§ 94–123, pretendemos falar das preposições que admitem só o ac.; nos §§ 124–136, das que admitem só o abl.; nos §§ 137–139, das que podem reger o ac. e o abl.; nos §§ 140–142, das chamadas "pós-posições". Devemos limitar-nos às linhas mestras; uma sintaxe não pode ter a pretensão de substituir um dicionário. Só a leitura atenta dos textos antigos e a contínua consulta de bons dicionários poderão familiarizar o estudioso de latim com os diversíssimos empregos das preposições. Nossa precípua preocupação será a de assinalar as funções, não a de dar "significados" ou "traduções feitas". Quem, ao consultar um dicionário francês, encontrasse aí apenas os "significados" da preposição francesa "à" em português (p. e.: *a, em, com, por, para,* etc.), sem ficar informado acêrca das suas funções sintáticas, ganharia muito pouca coisa com a consulta. Mas cumpre confessar que, em nenhum outro ponto talvez, os idiomatismos desempenham papel tão importante como em matéria das preposições. Dar tudo seria igual a não dar nada, porque o aluno corre fàcilmente o risco de não ver a floresta por causa das árvores. Na nossa exposição, referir-nos-emos, na medida do possível, aos assuntos já tratados, de modo que êste capítulo terá muitas vêzes o caráter de uma recordação. Em cada uma das preposições a serem tratadas, daremos sob A as funções locais; sob B, as funções temporais; e sob C, as funções de caráter mais abstrato (sentido figurado ou derivado).*

PREPOSIÇÕES QUE ADMITEM APENAS O ACUSATIVO

§94. Ad.

A. 1) Com verbos de movimento: "até, a", etc.(1)

ad Genavam pervenire (cf. §70,II, 1)	chegar aos arredores de Genebra
(*usque*) *ad urbem venire*	ir até à cidade (sem entrar nela)
ad Caesarem legatos mittere	enviar embaixadores a César
scripsi epistulam ad te } (cf. §77,	escrevi-te uma carta
misi epistulam ad te/tibi } I, 3)	enviei-te uma carta

2) com verbos de repouso: "junto a, ao pé de", etc.

ad pedes alicujus jacere	estar deitado aos pés de alguém
ad urbem esse	estar nas proximidades da cidade
ad patrem manere	permanecer junto ao pai

B. 1) Indica limite temporal: "até, a", etc.(1)

(*usque*) *ad summam senectutem*	até a extrema velhice
(*usque*) *ad hunc diem*	até o dia de hoje

2) Indicação aproximativa de tempo: "por volta de, a", etc.

ad noctem domum redire	voltar a casa ao anoitecer

3) Indica acompanhamento musical: "ao som de, acompanhado de", etc.

ad tibiam canere	cantar ao som da flauta

4) Reparem bem na dupla significação de:

ad tempus venire	{ *a*) vir a tempo, na hora; *b*) vir por certo tempo, por ora.

C. 1) Com números, indica quantia/valor aproximativo: "cêrca de", etc.

ad trecentos cives trucidare	matar cêrca de 300 cidadãos
omnes ad unum interierunt }	todos sem exceção pereceram
ad unum omnes interierunt }	(lit.: "até um só, até o último")

2) Indica ponto de referência: "comparado com", etc.

terra ad caelum universum exiguum est	a terra é muito pequena em comparação com o universo

---

(1) Acrescenta-se a *ad* muitas vêzes *usque* (cf. em francês: *jusqu'à*) para realçar a idéia de limite (espacial e temporal). Cf. §197.

3) Indica ponto de vista: "quanto a, no que diz respeito a", etc.

ad cetera vir egregius est (cf. § 74, IV)	quanto ao mais, é excelente

4) Indica finalidade, intenção: "para", etc.

ad templum (aedificandum) pecuniam dedit (cf. § 31, III, 1)	deu dinheiro para (a construção de) o templo

5) Indica norma, modo, etc.: "conforme", etc.

ad suum arbitrium vivere	viver a seu bel-prazer
cf. *quemadmodum* (cf. § 62, I, 2)	como, de que modo

§ 95. **Adversum ou adversus** (arcaico: **advorsum**).

A. No sentido local, esta palavra significa: "em frente a", etc.

Porta adversum castra erat	Havia uma porta em frente ao acampamento

C. Indica a que pessoa ou coisa se dirigem os sentimentos de simpatia e de antipatia: "para com, contra, a, por", etc. — Cf. § 80, I, Nota 2.

adversum rem publicam loqui	falar contra (os interêsses) do Estado
adversum legem	contra a lei
officia amoris adversus amicos (cf. § 88, III, 2)	os deveres de amizade para com os amigos

§ 96. **Ante** (antônimo de *post;* cf. também *pro*, no sentido local).

A. Indica uma posição "perante" uma coisa ou pessoa, tendo-a diante dos olhos: "diante de".

ante oculos esse	estar diante dos olhos
ante oppidum considere	assentar-se diante da cidade

B. Indica anterioridade: "antes de", etc.

Homerus ante Hesiodum vixit	Homero viveu antes de Hesíodo
ante (hos) tres annos pater meus mortuus est (cf. § 74, III, dc)	Meu pai faleceu há três anos

C. Indica superioridade: "mais (do) que", etc. — Em prosa clássica prefere-se, porém, *praeter alios/alia* a *ante alios/alia*, etc.

filium meum ante me amo	amo meu filho mais que a mim mesmo
scelestior ante alios	o mais criminoso de todos

§ 97. **Apud.** — Esta prep. se usa apenas em sentido local.

A. 1) Em prosa clássica, principalmente com nomes de indivíduos ("em casa de", cf. *chez* em francês), de povos ("entre"), e de autores ("em").

apud Ciceronem aliquantum commoratus sum(1)	passei algum tempo em casa de Cícero
apud Helvetios/Romanos/Graecos	entre os helvécios/romanos/gregos
apud Ciceronem legimus	lemos em Cícero

2) Os autores da época imperial (principalmente Tácito) usam *apud* com nomes geográficos no sentido locativo:

apud Asiam/Rhodum/Romam	na Ásia/em Rodes/em Roma

§ 98. **Circa.** — Os autores clássicos preferem *circum*.

A. Indica rodeio, proximidade: "em redor de, perto de", etc.

circa urbem moenia sunt	há uma muralha em redor da cidade
filios sempre circa se habet	está sempre cercado de seus filhos
circa Hennam lacus magni sunt	perto de Hena há grandes lagos

2) Com certos verbos de movimento exprime a idéia de circulação:

legatos misit circa civitates Galliae	enviou embaixadores a tôdas as tribos da Gália sucessivamente

B. Indicação aproximativa de tempo: "por volta de", etc. (emprêgo não clássico).

amicus meus advenit circa quintam horam	meu amigo chegou por volta da quinta hora

C. 1) Com números, indica quantia aproximativa: "cêrca de" (emprêgo não clássico).

Caesar circa decem oppida cepit	César tomou mais ou menos 10 cidades

(1) A palavra francesa *chez* deriva de *casa*.

2) Indica relação, referência: "em relação a" (emprêgo não clássico).

socordia circa bonas artes	a negligência em relação às artes liberais

§ 99. **Circiter** (pouco usado em prosa clássica).

A. Indica proximidade (muito raro): "perto de", etc.

circiter haec loca	na vizinha dêstes lugares

B. Indicação aproximativa de tempo: "por volta de" (mais freqüente).

circiter meridiem	por volta de meio-dia

§ 100. **Circum.** — Esta prep. usa-se só em sentido local (cf. *circa*).

A. 1) Indica proximidade, etc.: "em redor de, perto de", etc.

multa templa circum forum sunt	há muitos templos em redor do foro
multi viri circum illum sunt	muitos homens o rodeiam
circum Capuam aliquantum commorabor	passarei algum tempo na vizinhança de Cápua

2) Com certos verbos de movimento, exprime a idéia de circulação.

servum dimisit circum omnes amicus suos	mandou um escravo que fôsse ter, sucessivamente, com todos os seus amigos
concursat circum tabernas	visita tôdas as tabernas, uma após outra

§ 101. **Cis.** — Esta preposição é pouco usada em latim clássico.

A. Significa: "aquém de, dêste lado de", etc.

cis Alpes habitaere	morar aquém dos Alpes
cf. *Gallia Cisalpina*	Gália Cisalpina = o norte da Itália

B. Significa: "daqui a, dentro de", etc. (muito raro).

cis duos dies proficiscar	partirei dentro de dois dias

§ 102. **Citra.** — Em latim clássico, esta prep. se usa apenas no sentido local.

A. Significa: "para aquém" (sempre com verbos de movimento).

Caesar exercitum citra Rhenum duxit	César transportou o exército para êste lado do Reno

C. 1) Indica que certo limite não foi atingido: "sem chegar a, abaixo de, inferior a", etc.

hoc citra scelus est	isto ainda não é crime
ira ejus citra necem constituit	sua raiva não chegou a matá-lo

2) Indica anterioridade: "antes de", etc. (muito raro).

citra tempora Troiana	antes dos tempos troianos

3) Indica que se faz abstração de certa coisa: "sem falar de, feita abstração de", etc., ou designa privação: "(mesmo) sem", etc.

hoc mare citra magnitudinem Ponto simile est	êste mar é muito parecido com o Ponto, exceto no tamanho
citra auctoritatem patris abiit	foi-se embora sem a autorização do pai
virtus citra honores pulchra est	a virtude é bela, sem falar das honrarias que a acostumam acompanhar (ou: mesmo sem honrarias)

§ 103. **Contra.**

A. Indica posição ou situação diferente, oposta: "do lado opôsto de", etc.

Britannia contra Galliam est	A Bretanha fica do lado oposto da Gália

C. 1) Exprime a idéia de hostilidade: "contra", tce.

pro patriā contra hostes pugnare (cf. § 77, I, 3)	lutar pela pátria contra os inimigos

2) Exprime a idéia de transgressão (antônimo: *pro*): "contra, longe de", etc.

contra naturam vivere (cf. § 80, II, nota 2)	viver contra a natureza
contra leges/mores agere	agir contra as leis/os costumes
contra spem/opinionem convaluit	recuperou-se ao contrário do que se esperava/pensava

§ 104. **Erga.** — O sentido local não ocorre mais em latim clássico.

C. Indica a que pessoa se dirigem os sentimentos de simpatia (é esta a sua única função em latim clássico) ou de

antipatia (só em autores pós-clássicos): "para com, por, a", etc. — Cf. § 80, I Nota 2.

bonitas erga omnes homines (cl.)	a bondade para com todos os homens
odium erga Fabium (pós-cl.)	o ódio contra Fábio
cf. também: *anxii erga Sejanum* (pós-cl.)	preocupados em relação a Sejano

§ 105. **Extra.**

A. 1) Significa: "fora de", etc.

extra fines Aeduorum	fora do território dos éduos

C. 1) Exprime a idéia de transgressão: "fora de, contra", etc.

extra cancellos/fines egredi	ultrapassar os limites

2) Exprime a idéia de "ser alheio a": "fora de, alheio a", etc.

extra rem/causam esse	estar fora do propósito/da questão

3) Exprime a idéia de exceção: "exceto, salvo", etc.

Extra ducem omnes perierunt	todos pereceram, exceto o general

§ 106. **Infra.**

A. Significa: "abaixo/em baixo/por baixo de", etc.

Infra lunam terra est	abaixo da lua acha-se a terra

C. 1) Exprime a idéia de inferioridade: "menos de, inferior a", etc.

infra duo jugera colui	cultivei menos de duas jeiras
uri sunt magnitudine paulo (cf. § 84, IV, 2) *infra elephantos*	os uros são pouco menores do que os elefantes

2) Exprime a idéia de posteridade: "depois de", etc. (raro).

Homerus non infra Lycurgum fuit	Homero não foi posterior a Licurgo

§ 107. Inter.

A. Significa "entre, no meio de", etc. (usa-se de pessoas e de coisas).

mons Jura est inter Sequanos et Helvetios	o monte Jura acha-se entre os Séquanos e Helvécios
inter amicos esse	estar entre amigos

B. 1) Indica os dois limites de um certo prazo: "entre", etc.

inter horam tertiam et quartam	entre a 3.a e a 4.a hora

2) Indica o prazo dentro do qual se realiza alguma coisa: "durante, dentro de", etc.

inter tres horas haec omnia facta sunt	dentro de três horas/em menos de três horas aconteceu tudo isto

3) Indica um momento qualquer dentro de um certo prazo: "durante, no decurso de, a", etc. (autores pós-clássicos).

inter cenandum (cf. § 31, IV, 2)	ao cear/durante a ceia

C. 1) Exprime a idéia de diferença: "entre", etc.

Quid interest inter amicum et inimicum?	Qual a diferença entre um amigo e um inimigo?

2) Exprime a idéia de interrelações, intercâmbio: "entre", etc.

inter omnes constat	entre todos há unanimidade

3) Indica as circunstâncias: "entre, em meio a", etc. (cf. B 3).

inter querelas/gemitus	em meio às queixas/aos gemidos

4) Indica reciprocidade: "entre", etc.

inter nos/vos/se (cf. § 222)	entre nós/vós/si (= uns a outros)

5) Idiomatismos:

inter nos dicere licet aperte	entre nós ("entre nous") pode faler-se abertamente (= confidencialmente)

honestissimus inter omnes cives (cf. §88, V, 2a)	o mais honrado de todos os cidadãos
pugna inter paucas/omnes/cunctas nobilis	uma batalha extremamente notável
inter sicarios accusari (cf. §89, I, 3a)	ser acusado de homicídio pago

§ 108. **Intra.**

A. Significa: "dentro de", etc.

intra parietes meos	dentro das paredes da minha casa

B. Significa: "dentro de/em", etc.

redibit intra paucos dies	voltará dentro de breves dias

C. 1) Indica limitação: "dentro de", etc.

intra legem hoc feci	fiz isto dentro das disposições legais
intra fortunam vixit	viveu de acôrdo com a sua condição (social ou econômica)

2) Com números, significa: "menos de", etc.

intra ducentos equites	menos de 200 cavaleiros

§ 109. **Juxta.** — Esta palavra nunca é usada por Cícero (nem como adv., nem como prep.).

A. Indica proximidade imediata: "junto a, perto de, ao lado de", etc.

juxta viam Appiam sepulcra sunt	ao lado da Via Ápia há sepulcros

C. Indica conformidade, norma: "segundo, conforme", etc. (emprêgo pós-clássico).

juxta praecepta regis	conforme as instruções do rei

§ 110. **Ob.**

A. Significa: "diante de" (raro); com verbos de movimento e de repouso.

adhuc mihi ob oculos versatur	ainda está diante dos meus olhos
exercitum ob Romam duxit	conduziu o exército às portas de Roma

B. 1) Exprime a idéia de causalidade: "por, por causa de", etc. (cf. *propter*):

ob eam rem/quam ob rem	por isso/pelo que

2) Exprime a idéia de finalidade (raro: pràticamente só em fórmulas arcaicas, combinado com o gerúndio/gerundivo, cf. §31, III, 1).

ob rem judicandam pecuniam accipere	receber dinheiro para julgar uma causa

§111. **Penes.**

Esta prep., de emprêgo muito limitado, quer dizer: "em poder de, com", etc.; ocorre exclusivamente em combinação com pessoas.

penes unum omnis potestas est	o poder está nas mãos de um só

§112. **Per.**

A. 1) Significa: "através de", etc.

Arar per fines Aeduorum fluit	o Saône corre pelo território dos éduos

2) Exprime a idéia de espalhamento: "por, em todo....", etc.

per(totam)urbem gemitus captivorum audiebatur (cf. §85, II, 4)	em tôdas as partes da cidade ouvia-se o gemido dos prisioneiros
homines fusi per agros vagabantur	os homens viviam dispersos pelos campos

B. 1) Significa: "durante" (cf. em inglês: *for*), acrescentando-se às vêzes a um ac. de duração (cf. §74, III, 2a).

amicus meus per tres dies hic mansit	meu amigo ficou aqui três dias

C. 1) Indica o meio, principalmente com pessoas: "mediante, através de".

per sicarios necare inimicos	matar seus inimigos mediante pagamento
per epistulam certiorem me fecit de adventu suo (cf. §84, I, 1)	mediante uma carta informou-me da sua vinda

2) Indica o modo, a maneira de que se faz alguma coisa (Salústio e Tác.).

per vim = vi (cf. §83, II, 2c) — violentamente, com violência

3) Indica restrição: "quanto a", etc. (sobretudo com *posse* e *licet*).

per me vobis licet/potestis ire — por mim/quanto a mim, podeis ir

4) Usa-se em obsecrações: "por", etc.

per deos immortales vos oro(1) — imploro-vos pelos deuses imortais

5) Indica causa (raro) = *ob* ou *propter:* "por causa de", etc.

per aetatem inutiles videbantur — devido à sua idade, pareciam ser inúteis

§113. **Pone.**

Esta prep. encontra-se muito pouco em prosa clássica; sua função é a mesma de *post,* sempre no sentido local.

pone tergum manus vinctae erant — suas mãos estavam amarradas atrás das costas

§114. **Post.**

A. Significa: "atrás de", etc.

post me erat Aegina — atrás de mim ficava Egina (nome de ilha)

B. Exprime a idéia de posterioridade e de ordem: "depois de", etc.

post Christum natum (cf. §28, II) — depois do nascimento de Cristo

post homines natos (cf. § 28, II)
post hominum memoriam (cf. §88, II, 1) } desde tempos imemoriais

post Mercurium alios deos colunt — depois de Mercúrio (isto é, em grau menor) veneram os outros deuses

§115. **Praeter.**

A. Significa: "ao longo de".

Eurotas praeter Spartam fluit — (o rio) Eurotas corre ao longo de Esparta

(1) Nesta função, *per* é muitas vêzes separado da palavra "regida", p. e.: *per ego vos deos immortales oro.*

C. 1) Indica transgressão, contrariedade, etc.: "além de, contra", etc.

praeter spem/opinionem	longe do que se esperava/pensava
praeter consuetudinem	contra o costume

2) Indica superioridade, excelência, preferência: "além de", etc.

praeter modum	sobremaneira
praeter ceteros/alios nobilis	o mais nobre de todos
praeter cetera/alia	antes de mais nada, sobretudo

3) Como muitos outros idiomas, o latim não faz uma distinção muito nítida entre a idéia de exclusão ("exceto") e a de adição ("além de"); *praeter* ocorre nas duas acepções.

praeter consulem multi magistratus aderant in foro	além do cônsul, muitos magistrados estavam presentes no foro
praeter consulem nemo aderat magistratuum	exceto o cônsul/fora o cônsul, nenhum dos magistrados estava presente

§ 116. **Prope.**

A. 1) Significa: "perto de, junto a", etc.

prope templum Jovis est domus mea	minha casa fica perto do templo de Júpiter

2) Também ocorrem *propius* e *proxime*, igualmente combinados com o ac.

haec insula est propius occasum	esta ilha fica mais próxima do oeste
vult proxime Italiam manere	quer ficar nas proximidades da Itália

3) Combinado com *ab* mais abl.

prope/proprius/proxime a terra	perto/mais perto/muito perto da terra

B. Significa: "cêrca de, quase, no ponto de", etc. (também *propius* e *proxime*).

prope lucem erat	estava para amanhecer
proxime solis occasum erat	era muito perto do pôr do sol
cf. *propediem*	dentro em breve

C. Significa: "quase, por um pouco", etc.

prope seditionem ventum est	por um pouco chegava-se a uma sedição
propemodum	quase

§ 117. **Propter.**

A. Exprime a idéia de proximidade: "perto de, junto, ao lado de", etc.

propter viam Appiam/agrum	ao lado da Via Ápia/junto ao campo

C. Indica causalidade: "por, por causa de, devido a", etc. — Cf. *ob*.

propter odium inimicorum ex Italiā discedere	deixar a Itália por causa do ódio dos inimgos
propter matrem domi manere	ficar em casa por causa da mãe

§ 118. **Secundum** (relaciona-se com o verbo *sequi*).

A. Significa: "ao longo de, seguindo", etc.

Caesar copias secundum flumen duxit	César conduziu as tropas ao longo do rio
amicus meus secundum me venit	meu amigo veio logo atrás de mim

B. Indica sucessão imediata: "logo depois de", etc.

secundum vindemiam proficiscar	viajar logo depois da vindima

C. Exprime a idéia de hierarquia, ordem, etc.: "depois de", etc.

secundum te nihil mihi carius est solitudine	depois de ti, nada me é mais caro do que a solidão

2) Exprime a idéia de norma, regra, etc.: "segundo, conforme", etc.

secundum naturam vivere (cf. § 80, II, nota 2)	viver de acôrdo com a natureza

§ 119. **Secus** (ocorre, como prep., só em latim vulgar, sobretudo em textos tardios).

A. Significa: "junto a, perto de", etc. (= *prope, juxta*).

secus viam sedebat	estava sentado ao lado do caminho

§ 120. **Supra** (cf. *super*).

A. 1) Significa: "em cima de/acima de" (com verbos de movimento e de repouso).

supra lunam sunt aeterna omnia	acima da lua tudo é eterno
supra caput esse	estar iminente
supra segetes navigare	navegar por cima da seara

2) Significa: "além de, do outro lado de", etc.

supra Alexandriam hoc oppidum est	esta cidade fica do outro lado de Alexandria/é mais longe do que Alexandria

B. Exprime a idéia de anterioridade: "antes de", etc.

supra hanc memoriam (cf. § 88, II, 1)	antes da nossa época

C. 1) Com números, significa: "mais de", etc.

supra quattuor milia hominum	mais de 4.000 homens

2) Exprime a idéia de preferência, excelência, superioridade: "além de, acima de", etc.; também a de transgressão, ultrapassamento: "fora de", etc.

supra vires/modum	acima das fôrças/acima da (justa) medida
supra morem	fora do costume
supra metum belli Latini terrebat eos conjuratio triginta populorum	mais do que o mêdo (que tinham) da guerra latina, amedrontava-os a conjuração dos trinta povos

§ 121. **Trans** (deu a palavra francesa (*très*).

Esta palavra tem sempre sentido local; usa-se com verbos de movimento e de repouso, e significa: "(para) além de, (para) o outro lado de", etc. Seus antônimos são *citra* e *cis*.

Germani trans Rhenum incolunt	os germanos moram do outro lado do Reno
Caesar trans Rhenum Germanos ejecit	César lançou os germanos para além do Reno

§ 122. **Ultra.**

A. No sentido local, tem as mesmas funções da prep. *trans*.

ultra montes habitare	morar além das montanhas/atrás das montanhas
ultra montes hostes ejicere	lançar os inimigos para além das montanhas

B. Significa: "mais de", etc.

ultra biennium hic vixit	viveu aqui mais de dois anos

C. Exprime a idéia de superioridade, mas também de transgressão: "além de".

hoc est ultra fidem	isto ultrapassa o que se pode crer
ultra modum progredi	transgredir os limites

§ 123. **Versus** (deu a palavra francesa *vers*).

Esta palavra, que apresenta as variantes *versum* e *vorsum* (arc.), nunca chegou a ser uma preposição no sentido próprio do têrmo; faz parte dos advérbios (e preposições): *adversus; retrorsum* ("para trás"), *sursum* ("para cima"), *rursum/rursus* ("de volta, de novo"), *prorsus* ("para frente, completamente"), *deorsum* ("para baixo"), etc.

Versus/versum, combinado com o ac. de nomes geográficos, significa: "rumo a", p. e. *Romam versus:* "rumo a Roma" (lit.: "tendo-se voltado a Roma"); mas geralmente a palavra vem reforçada da preposição *ad* ou *in*, p. e.: *ad Oceanum versus:* "em direção ao Oceano".

PREPOSIÇÕES QUE ADMITEM APENAS O ABLATIVO

§ 124. **Ab**(1).*

A. Indica separação das proximidades de: "de, por parte de, do lado de", etc.

proficiscor a Romā (cf. § 71, I)	parto das proximidades de Roma
abeunt a templo (cf. § 71, I)	partem das proximidades do templo

(1) *Ab* antes de vogais e *h–*; *a* antes de consoantes; *abs* antes de *c–*, *qu–* e *t–*, principalmente na combinação *abs te:* "por ti".

2) Idiomatismos:

castra munita non erant a portā decumanā	o acampamento não era fortalecido do lado da porta decumana (= principal)
a fronte/tergo alicujus	na frente/nas costas de alguém
a dextrā/sinistrā	do lado direito/esquerdo
stare a senatu	seguir o partido senatorial
minister ab epistulis/a rationibus/libellis	o secretário/o tesoureiro/o ministro encarregado de receber e de expedir as petições

B. Significa: "(logo) depois", etc.

a pueritiā/puero/pueris	desde a infância
ab eo/illo tempore	a partir daquele tempo
ab initio	desde o início
a tuo discessu pater meus rediit	logo depois da tua saída voltou meu pai

C. 1) Indica origem: "de, provindo de, descendente de," etc.

omnes reges a Belo (cf. §82, II)	todos os reis descendentes de Belo

2) Indica o agente de uma ação passiva: "por" (só sêres animados)

laudari a magistro (cf. §82, IV)	ser louvado pelo professor

3) Indica relação, ponto de vista, etc.: "quanto a, no que diz respeito a".

nihil ei deest neque a naturā neque doctrinā (cf. §82, V, 2c)	nada lhe falta, nem em dons naturais, nem em formação cultural

4) Indica causa, motivo, etc. de uma ação ativa: "por", etc.

mitescere a sole	amadurecer sob a influência do sol
ab irā/ab odio (só em autores pós-clássicos; cf. §84, III, 2a)	por raiva/por ódio

§125. **Absque** (extremamente raro em prosa clássica).

Na comédia, esta prep. tem a função de *si sine*, principalmente em combinação com pron. pessoais, p. e. em frases dêste tipo: *absque te esset, hodie non viverem:* "não fôsse teu (auxílio)/sem ti, não viveria mais".

Na linguagem jurídica, coloquial, em latim da época imperial e em textos tardios, encontramos *absque* muitas vêzes como sinônimo de *sine*, principalmente em combinação com palavras abstratas, p. e.: *absque periculo = sine periculo:* "sem perigo".

§ 126. **Clam** (relaciona-se com *celare*, cf. § 75, IV).

Esta palavra é quase sempre adv.: "às escondidas", etc.; como prep., rege o abl. em latim clássico, mas (geralmente) o ac. em latim arcaico. Exemplos:

clam vobis fugit (cláss.) *clam vos fugit* (comédia)	fugiu sem vós saberdes

§ 127. **Coram** (>*co-ōr-am; -ōr-* ~ *os* (= "boca") cf. em francês: *vis-à-vis*.

Também esta palavra é, no mais das vêzes, adv., p. e.: *coram adesse:* "estar presente pessoalmente"; às vêzes, ocorre também combinada com o abl., p. e.:

Coram patre hoc dixisti	falaste isto na presença de teu pai.

§ 128. **Cum.**

A. 1) Indica companhia: "com"; muitas vêzes acompanhado de *unā* ("juntamente com"); emprega-se em relação a pessoas e coisas.

semper (unā) cum amico est	sempre está em companhia do seu amigo
cum gladio esse (cf. § 83, I, 2)	estar com a espada, estar armado

2) Idiomatismos:

reputare cum animo/secum (cf. § 89, I, 5) *cogitare cum animo/secum*	considerar, reputar
esse cum imperio	exercer o comando

B. Significa: "(juntamente) com logo ao", etc. (raro).

cum luce/primo mane	logo ao amanhecer

B. Indica o modo, a maneira (cf. § 83, II): "com" (ou mediante um adv.)

cum gaudio salutat ducem	saúda o general com alegria/alegremente
magno (cum) gaudio salutat ducem	saúda o general com muita alegria/muito alegremente

2) Indica conseqüência: "para", etc.

hoc bellum factum est cum magnā clade civitatis nostrae	esta guerra foi feita para grande calamidade dos nossos cidadãos

§ 129. **De.**

A. Indica separação de duas coisas estreitamente ligadas entre si, ou então, separação no sentido vertical; "de, abaixo", etc.

anulum de digito detrahere	tirar o anel do dedo
dejecit se de muro/de tecto	lançou-se da muralha/do telhado

B. 1) Indica sucessão (muitas vêzes, imediata) e posterioridade: "depois de".

non est bonus somnus de prandio	não é bom dormir logo depois do almôço
diem de die prospectare	aguardar um dia após outro

2) Significa: "ainda durante", etc.

de die/nocte	quando ainda era dia/noite
de mense decembri navigare	navegar ainda em dezembro

C. 1) Significa: "a respeito de, acêrca de, sôbre", etc.

de conjuratione colloqui	conversar sôbre a conjuração
libri de Officiis	os livros sôbre os deveres, ou: "Os Deveres"

2) Exprime a idéia partitiva, vindo a substituir o gen. partitivo (cf. § 88, 4); "de", etc.

homo de plebe	um homem da plebe
aliquis de nostris	um dos nossos

3) Indica a matéria concreta de que foi feita uma coisa, como também, a situação existente antes de uma transformação: "de", etc.

signum de marmore factum (cf. § 88, VII)	uma estátua feita de mármore
carcer de templo fit	faz-se um cárcere do templo

4) Indica causa, motivo, etc.: "por", etc.

eā/hac de re	por êste motivo/por esta razão
quā de causā?	por que?
gaudeo de adventu tuo (cf. § 71, I, 3, nota)	alegro-me com a tua vinda

5) Indica norma, medida: "conforme, de acôrdo a", etc.

de meā sententiā	a meu ver
de tuo exemplo	a/seguindo teu exemplo

6) Idiomatismos:

de integro (também *ab/ex integro*)	de novo
de improviso/transverso	inesperadamente

§ 130. **Ex**(1).

A. Indica separação de dentro para fora: "de", etc. (cf. § 71, I).

ex urbe/templo discedere	sair da cidade/do templo

2) Idiomatismos:

e muro/ex equo pugnare	lutar na muralha/a cavalo
ex itinere/e fugā	de viagem/durante a fuga
ex omni/utrāque parte (também *ab*)	de todos os lados/dos dois lados

B. Significa: "(logo) depois", etc. (muitas vêzes, para indicar sucessão imediata).

ex eo/illo tempore	a partir daquele tempo
ex quo profectus est, numquam rediit	desde que partiu, jamais voltou
ex consulatu in provinciam profectus est	logo depois de terminado seu consulado, foi à província

C. 1) Indica descendência biológica imediata (cf. § 82, II) e proveniência geográfica (com nomes de países): "de", etc.

ex Jove natus est	é filho de Júpiter
negotiator ex Africā est	é um negociante, natural da África

(1) Sempre se pode usar a forma *ex*, também antes de consoantes; esta forma é obrigatória antes de vogais.

2) Exprime a idéia partitiva (cf. §88, V): "de", etc. (cf. *de*).

duo e militibus	dois dos soldados

3) Indica a matéria concreta de que foi feita uma coisa, como também, a situação existente antes de uma transformação: "de", etc. (cf. *de*).

signum e marmore factum	uma estátua feita de mármore
ex senatore mendicus factus est	de senador tornou-se mendigo

4) Indica causa, motivo, etc.: "por", etc. — Mais comum é *de*.

ex eā/eādem causā	por êste motivo/pelo mesmo motivo
ex edicto/senatus consulto	em virtude do edito/do senatusconsulto

5) Indica conformidade, norma, etc.: "conforme", etc. — Cf. *de*.

ex animi (mei) sententiā	conforme minha honesta opinião, ou: honestamente, sinceramente
ex sententiā	conforme o desejo, ou: felizmente
ex animo	de todo o coração, ou: cordialmente
ex tempore	conforme as circunstâncias (cf. *supra*, B 2)
ex usu esse	ser proveitoso
e meā/tuā re est	é no meu/teu interêsse
e re publicā loqui	falar de acôrdo com os interêsses do Estado

§ 131. **Palam.**

Esta palavra nunca é usada em prosa clássica como prep., mas apenas como adv. Na poesia e nos autores pós-clássicos encontramos: *palam populo/me:* "na presença do povo/na minha presença", etc.

§ 132. **Prae.**

A. Significa: "adiante, para a frente" (com verbos de movimento), e menos freqüentemente: "em frente, adiante" (com verbos de repouso).

pugionem prae se tulit	levou diante de si um punhal
armentum prae se agere	impelir o rebanho

Nota. *Prae se ferre* tem quase sempre o sentido figurado de "mostrar ostentivamente, exibir, alardear", etc.; *praeferre aliquid alicui rei* quer dizer: "preferir alguma coisa a outra".

C. 1) Exprime a idéia de comparação: "comparado com", etc.

prae illo viro dives sum	em comparação com aquêle homem sou rico
prae ut/quam dicam, hoc nihil est	em comparação com aquilo que vou dizer, isto é insignificante

2) Exprime a idéia de superioridade, excelência, etc.: "mais (do) que", etc.

prae ceteris beatus est	é mais feliz do que todos os demais
scelestior prae omnibus/aliis (cf. *ante*. § 96 C)	mais criminoso do que todos os outros

3) Exprime a idéia de uma causa ou motivo impediente: "por causa de", etc.

prae lacrimis loqui non potuit (cf. § 84, III, 2b)	não pôde falar por causa das lágrimas

§ 133. **Pro.**

A. Diferentemente de *ante* (cf. § 96, A), *pro* indica uma posição "perante" uma coisa, mas tendo-a pelas costas.

pro castris considere	assentar-se diante do acampamento (para fins de defesa)
ante castra considere	assentar-se diante do acampamento (como inimigo, para atacá-lo)

C. 1) Exprime a idéia de defesa: "por, em defesa de", etc.

pugnare pro patriā	lutar pela pátria

2) Exprime a idéia de substituição: "por, em lugar de", etc.

loqui pro amico	falar em nome do/pelo amigo
mihi pro patre est (cf. § 85, II, 1, nota)	faz as vêzes de pai para num, ou: êle é um pai para mim.
pro patre te habeo (cf. § 75, I, nota 1)	considero-te como pai
pro eo ac si / *proinde ac si* } (cf. § 164, IV)	como se

3) Exprime a idéia de troca e de permutação: "por, em troca de", etc.

pro meritis gratiam refero tibi	sou-lhe (devidamente) grato pelos favores recebidos

4) Exprime a idéia de proporção, medida, etc.: "para, em proporção a", etc. ou a de motivo; "dado, levado em consideração", etc.

pro multitudine hominum angustos fines habent	para o grande número de habitantes ocupam um território pequeno
pro virili parte	na medida das fôrças
pro ratā parte	proporcionalmente
proelium atrocius quam pro numero pugnantium fuit (cf. § 147, III, 2)	a batalha foi mais violenta do que era de esperar pelo número dos combatentes
pro ut/prout (cf. § 211, I, 1e, nota)	na medida em que
pro tuā prudentiā (cf. § 225, IV, 3)	dada a tua prudência, levada em consideração a tua prudência

5) Exprime a idéia distributiva: "por", etc.

pro se quisque fugiebat	cada um por si (isto é, sem reparar no que faziam os outros) fugia

§ 134. **Procul.** Em latim clássico, esta palavra não é prep., mas vem sempre seguida de *ab*, p. e. *procul a mari:* "longe do mar". A partir de Tito Lívio encontramo-la como preposição ("longe de", etc.)

A. *procul mari*	longe do mar
C. *procul dubio/periculo*	sem dúvida/sem perigo

§ 135. **Simul.** Êste adv., em latim clássico, é sempre combinado com *cum*, p. e. *simul/unā vobiscum;* além disso, pode ser empregado como conjunção, cf. § 154.

Os autores pós-clássicos empregam *simul* também como prep., p. e. *simul vobis:* "juntamente convosco".

§ 136. **Sine** Esta prep. usa-se em relação a pessoas e a coisas: "sem". — Cf. também § 149, II.

sine uxore in Galliam proficisci	ira à Gália sem a espôsa
sine dubio/sine ullā dubitatione	sem dúvida (alguma)
venisne cum fratre an sine?	vens com teu irmão ou sem?
non sine aliquo dubio (cf. § 227, I)	não sem alguma dúvida
Mas: *nullo meo merito*	sem nenhum mérito meu

PREPOSIÇÕES QUE ADMITEM O ACUSATIVO E O ABLATIVO

§ 137. **In.**

I. ***Combinado com o acusativo.***

A. Exprime a idéia de penetração: "para (dentro de), a, em", etc.

in urbem (Romam)/templum ire (cf. § 70, II)	ir à cidade (de Roma)/ao templo

B. 1) Indica que certo limite está atingido: "até", etc.

in multam noctem colloqui	conversar até alta noite
a sole orto in multum diei (cf. § 88, V, 1b)	desde o levantar do sol até pleno dia

2) Indica um momento ou prazo no futuro: "para", etc.

distuli hoc in posterum diem	adiei isto para o dia seguinte
in omne tempus/in aeternum/in perpetuum (cf. § 74, III, 2d)	para sempre

3) Idiomatismos:

in tempus	*a)* conforme as circunstâncias; *b)* por ora, por enquanto.
in diem	*a)* cada dia; *b)* de um dia para outro; *c)* por enquanto, para o dia de hoje
in dies	*a)* de um dia para outro; *b)* por enquanto
in (singulos) dies	cada dia

C. 1) Exprime a idéia de divisão, distribuição: "em, "entre", etc.

Gallia est omnis divisa in partes tres	Gália, vista na sua totalidade, divide-se em três partes

2) Exprime a idéia de destinação, finalidade: "para", etc.

mittere copias in praesidium (cf. § 79, II)	mandar tropas para fins de guarnição
aliquid in exemplum intueri/assumere	ter alguma coisa por/tomar como exemplo

3) Exprime a idéia de transformação, mudança: "em, para", etc.

mutare viros in animalia	transformar homens em animais

4) Exprime o modo, método, etc.: "de, à maneira de", etc.

hostilem in modum	à maneira de um inimigo
in universum	de um modo geral, geralmente
in vicem/vices (cf. §222)	a) alternadamente b) recìprocamente, mùtuamente (época imperial)

5) Exprime a idéia de relação, ponto de vista: "quanto a", etc.

res pulchra in speciem = specie (cf. §82, V)	uma coisa aparentemente bela

6) Indica a que pessoa ou coisa se dirigem sentimentos de simpatia ou de antipatia (cf. *adversus, erga*): "para com, contra, a, por", etc.

amor in amicos	o amor para com os amigos
odium in hostes patriae	o ódio contra os inimigos da pátria

II. ***Combinado com o ablativo.***

A. Significa: "em", etc. (cf. §85, III).

in urbe/in Siciliā habitare	morar na cidade/em Sicília

B. 1) Indica um período dentro do qual se situa um acontecimento: "a, por".

bis in die (cf. §86, II)	duas vêzes ao dia
ter in anno	três vêzes por/ao ano

2) Indica, de um modo geral, a época durante a qual se situa um acontecimento, sem precisar o momento da sua realização: "durante, no decurso de", etc.

in consulatu Ciceronis	durante o consulado de Cícero
in pueritiā/senectute (cf. §86, II)	durante/na infância/na velhice
in bello	durante a guerra
in tempore (idiomatismo)	em tempo oportuno
in (hoc libro) legendo (cf. §31, IV, 2)	ao ler (êste livro)

C. 1) Exprime a idéia de circunstância, situação, etc.: "em", etc.

in talibus temporibus (cf. § 86, II)	em tais circunstâncias
res in eo est ut....	a coisa chegou a tal ponto que...
in odio esse (cf. § 60, III, 1)	ser odiado
in salute communi maluit pericula monstrare quam celare	tratando-se de salvar a comunidade, preferiu apontar os perigos a ocultá-los

2) Exprime a idéia de circunstância explicativa: "dado, em vista de", etc.

in infirmissimā valetudine pater meus hoc iter facere noluit	dado seu estado de saúde muito precário, meu pai não quis fazer esta viagem

3) Exprime a idéia de circunstância impediente: "a despeito de", etc.

in magno aere alieno magnas possessiones habebant	a despeito das suas grandes dívidas tinham grandes posses

4) Exprime a idéia de pertencer a certo número, grupo: "em, entre", etc.

in numero amicorum te habeo (cf. § 75, I, nota 1)	considero-te (como) amigo
in primis = imprimis (adv.)	sobretudo; sobremaneira

§ 138. Sub*

I. *Combinado com o acusativo.*

A. 1) Com verbos de movimento: "para baixo, abaixo", etc.

librum sub mensam jacere	atirar o livro abaixo da mesa

2) Exprime a idéia de se aproximar de uma coisa mais alta: "a, de", etc.

sub murum accedere	aproximar-se da muralha

B. 1) Significa: "pouco antes de, para", etc.

sub noctem advenit	chegou pouco antes da noite

2) Significa: "pouco/logo depois", etc.

sub eas litteras statim sunt recitatae tuae	logo depois dessa carta foi recitada a tua

C. Exprime a idéia de chegar à condição de inferioridade: "a, sob, em", etc.

redegit incolas sub imperium	reduziu os habitantes à submissão

II. ***Combinado com o ablativo.***

A. 1) Significa: "abaixo de, por/em baixo de", etc., com verbos de repouso ou estado, mas também com verbos de movimento quando a ação verbal não ultrapassa os limites indicados (cf. *in* mais abl. §85, III).

liber sub mensā jacet	o livro está debaixo da mesa
sub umbrā arborum deambulare	passear na sombra das árvores

2) Exprime a idéia de estar próximo de uma coisa mais alta: "sob, ao pé de", etc.

sub monte habitare	morar ao pé da montanha

B. Indica o período durante o qual se situa certo acontecimento: "durante".

sub luce/sub brumā	de dia/durante o inverno
sub adventu Romanorum	durante a chegada dos romanos
cf. *sub Vespasiano*	sob (o reinado de) Vespasiano

C. Exprime a idéia de submissão (estado): "sob, abaixo de", etc.

sub imperio/potestate esse Caesaris	estar sob o poder de César

2) Indica as circunstâncias: "sob, a, em", etc. (só em latim pós-clássico).

sub poenā mortis	sob pena de morte
sub (hac) conditione	à condição/a esta condição

§139. **Super** (cf. *supra*).

I. ***Combinado com o acusativo.***

A. 1) Significa: "em cima de", etc., respondendo à questão *quo?*, como também, à questão: *ubi?* (nesta última função, em poesia e em latim pós-clássico).

super aspidem assidere	sentar-se em cima de uma cobra
vestis super genua erat	o vestido nem chegava aos joelhos

2) Em descrições geográficas: "para lá de, além de", etc.

super Bosporum habitare	morar do outro lado do Bósforo

B. Significa: "durante" (só em autores pós-clássicos).

super cenam	durante a ceia

C. 1) Exprime a idéia de superioridade, etc.: "mais (do) que", etc.

super omnes beatus es	és mais feliz do que todos os demais
super omnia	antes de mais nada

Nota. Em latim clássico, é mais comum dizer-se: *praeter omnia*, etc.

2) Significa: "além de".

super anulum vas pretiosum accepit	além de um anel, recebeu um vaso precioso

II. ***Combinado com o ablativo.*** Nesta combinação, o emprêgo de *super* é bastante raro em latim clássico.

A. Com verbos de movimento e de repouso:

ensis super cervice pendet	a espada pende sôbre a sua nuca
aves super arboribus considunt	as aves empoleiram-se nas árvores

B. Significa: "durante" (extremamente raro).

super cenā	durante a ceia

C. Significa: "a respeito de, acêrca de", etc. — Emprêgo vulgar e pós-clássico.

super hac re ad te scribam	a respeito dêste assunto escrever-te-ei

"POSPOSIÇÕES"

§ 140. **Causā e Gratiā.** — Cf. § 31, I, 3; § 84, III, 2c. Autores pós-clássicos colocam as duas palavras também em "próclise".

§ 141. **Ergo.** — Esta palavra, mais ou menos sinônima de *causā* e *gratiā*, mas muito menos usada, é também combinada com o gen., p. e. *victoriae ergo:* "por causa da vitória", e *virtutis ergo:* "por causa da virtude".

§ 142. Tenus.

I. *Combinado com o genitivo.*

Esta regência encontra-se só na poesia e na prosa da época imperial: *tenus* significa: "até" (= ± *usque ad*), p. e.: *labrorum tenus:* "até os lábios"; *Corcyrae tenus:* "até Corcira", etc.

II. *Combinado com o ablativo.*

A. Significa: "até".

Tauro tenus regnare	reinar até o Tauro

B. Significa: "até".

Cantabrico tenus bello	até a guerra cantábrica

C. Significa: "só até, só, não além de", etc.

nomine tenus	só de nome
eā/hactenus (adv.)	até êsse/êste ponto
nullā tenus (adv.)	absolutamente não
quātenus	*a)* à medida que *b)* visto que, já que, etc. (só época imperial)

CAPÍTULO IX

A SUBORDINAÇÃO EM LATIM

§ 143. **Parataxe e Hipotaxe.** — I. ***Anterioridade da parataxe.*** A parataxe (coordenação) é anterior à hipotaxe (subordinação). Esta última pressupõe um grau bem mais alto de reflexão, de abstração e de capacidade lógica do que aquela, — fatôres pouco desenvolvidos entre povos primitivos e crianças. Sem dúvida, a antiga língua indo-européia possuía alguns pronomes e advérbios relativos (em geral, pouco distinguíveis dos demonstrativos), bem como algumas partículas "conjuncionais". Mas, de um modo geral, devemos imaginar que os indo-europeus não diziam p. e.: "Êste homem deve ser castigado, *porque* roubou uma vaca", mas se exprimiam, à maneira de crianças: "Êste homem deve ser castigado. Roubou uma vaca".

II. ***Passagem de parataxe para a hipotaxe.*** A hipotaxe não é apenas posterior à parataxe, mas dela também se origina. Alguns exemplos, tirados de vários idiomas, podem ilustrar esta evolução.

	PARATAXE	HIPOTAXE
1)	Perguntei-lhe: "Onde mora teu pai?"	Perguntei-lhe onde morava seu pai
2)	*Wer singt dort? Das ist mein Bruder*(1)	*Wer dort singt, (das) ist mein Bruder*
3)	*I see the man. That (man) robbed me!*	*I see the man that robbed me*
4)	*Meine Eltern schliefen schon. Da kam ich nach Hause*(2)	*Meine Eltern schliefen schon, da ich nach Hause kam*
5)	*Rogo te: "Ubi habitas?"*	*Rogo te, ubi habites*
6)	*Er sagte: "Ich bin niemals in Rom gewesen"*(3)	*Er sagte, er sei niemals in Rom gewesen*

Partindo dêstes exemplos, podemos verificar alguns fatos interessantes:

a) O ritmo e o acento da frase são diferentes na parataxe e na hipotaxe: ler em voz alta as frases correspondentes!

b) Em alguns casos, certas palavras mudam de função gramatical, p. e. *Wer* (interrogativo > relativo); *That* (demonstrativo > relativo); *Da* (adverbial > conjuncional).

c) Em algumas línguas (p. e. em alemão e em holandês) a ordem das palavras varia (cf. os exemplos 2 e 4).

(1) Quem canta lá? Êsse é meu irmão. — Quem canta lá, (êsse) é meu irmão.

(2) Meus pais já dormiam. Então cheguei à casa. — Meus pais já dormiam, quando cheguei à casa.

(3) Disse: "Nunca estive em Roma". — Disse que nunca tinha estado/esteve em Roma.

d) Em alguns casos, varia o tempo (cf. *mora* e *morava*, no exemplo 1), ou o modo (cf. *habitas* e *habites*, no exemplo 5; *bin* e *sei*, no exemplo 6), etc.

III. ***Caraterístico da hipotaxe.*** Nasce a hipotaxe quando, para a consciência lingüística de um dado povo, duas proposições, originàriamente uma independente da outra, chegam a constituir uma unidade orgânica e inseparável, tornando-se uma delas subalterna em relação à outra. A hipotaxe, uma vez nascida, estende-se, por um processo analógico, também a tipos de frases, onde a parataxe originàriamente não tinha cabimento, p. e.: *I don't see the man that robbed me* ("Não vejo o homem que me roubou").

De tôdas as modificações assinaladas acima a mais importante para o latim é a variação de tempos e de modos: fazemos abstração do ritmo e do acento, fatôres muito difíceis de averiguar numa língua morta. A matéria principal dêste capítulo será, portanto, o estudo metódico do emprêgo dos tempos e dos modos em proposições subordinadas. Sobretudo é importante o estudo dos modos: já vimos que o Subjuntivo em latim se tornou o modo de "subordinação" por excelência (cf. § 53, I, 3).

IV. ***Diversas espécies de cláusulas.*** Preterindo inúmeras distinções e subdivisões que são de somenos importância para o nosso assunto, podemos dividir as proposições subordinadas ou cláusulas nestas categorias:

1) CLÁUSULAS SUBSTANTIVAS, das quais já estudamos a construção em capítulos anteriores: o A. c. I., o N. c. I. e as perguntas indiretas. Neste capítulo havemos de encontrar alguns outros tipos.

2) CLÁUSULAS ADJETIVAS, que apresentam, em geral, poucas dificuldades para o leitor brasileiro, porque têm a mesma estrutura do português; algumas particularidades serão expostas nos §§ 166–167; em seguida (§ 168), estudaremos as CLÁUSULAS RELATIVAS COM VALOR ADVERBIAL, construção que existe também em português, mas em latim é muito mais freqüente. Na frase: "Vejo o homem *que me assaltou*", a cláusula relativa "que me assaltou" é simplesmente adjetiva (= "vejo o homem assaltante"); mas, na frase: "Enviou homens que me assaltassem", a cláusula relativa, além de se referir ao entecedente "homens", possui também valor circunstancial ou adverbial, porque é equivalente à cláusula: "para que (êsses) me assaltassem".

3) CLÁUSULAS ADVERBIAIS, que vêm introduzidas por uma conjunção subordinativa, p. e.: "quando, depois que; como; ainda que; a fim de que", etc. São sobretudo estas cláusulas que precisam de um estudo aprofundado e, por isso mesmo, constituirão o assunto principal dêste capítulo (nos §§ 144–165).

V. ***Cláusulas declarativas e desiderativas.*** Já vimos no § 53, III a divisão das orações independentes em frases declarativas e frases desiderativas. A mesma divisão se aplica, em tese, também às cláusulas, só que aqui houve numerosas "deslocações" que acabaram por alterar profundamente o esquema primitivo. Preterindo distinções de valor meramente teórico, podemos distribuir as cláusulas latinas entre as duas classes de frases da seguinte maneira:

1) CLÁUSULAS DECLARATIVAS OU ENUNCIATIVAS. De um modo geral, pertencem a esta classe:

a) as cláusulas causais (cf. § 150);

b) as cláusulas temporais (cf. §§ 151–156);

c) as cláusulas condicionais, construídas com o Real (cf. § 158, I);

d) as cláusulas concessivas, introduzidas por *etsi*, *quamquam*, etc. (cf. § 161; § 162, I);

e) as cláusulas comparativas simples (cf. § 164);

f) as cláusulas relativas adjetivas (cf. § 166).

2) Cláusulas desiderativas: De um modo geral, pertencem a esta classe:

a) as cláusulas finais (cf. §§ 144–145);

b) as cláusulas temporais com valor final (*dum*, cf. § 156, II);

c) as cláusulas condicionais, construídas com o Irreal (cf. § 158, II);

d) as cláusulas condicionais com valor final (*dum*, cf. § 160, III);

e) as cláusulas concessivas, construídas com o Irreal (cf. § 162, II);

f) as cláusulas comparativas condicionais (cf. § 165);

g) muitas cláusulas relativas adverbiais (p. e. com valor final, cf. § 168, I).

Notas.

1) Tôdas as cláusulas desiderativas são construídas com o Subj.; o modo normal das cláusulas declarativas é o Ind., mas muitas vêzes encontramos nelas o Subj., o qual deve ser explicado ou como Pot. (que é também uma frase declarativa), ou então, como Subj. de "subordinação". Ver as explicações nos diversos parágrafos que tratam dêsses assuntos (p. e. § 66, II; § 147, III, 3; § 152, II).

2) Encontramos a partícula de negação *ne* nas cláusulas finais e em cláusulas temporais com valor final (*dum/dummodo ne*); nas demais, usa-se *non*. Em cláusulas condicionais, a negação normal é *nisi*. — Cf. também § 170.

A) CLÁUSULAS CONJUNCIONAIS

CLÁUSULAS FINAIS

§ 144. **Cláusulas finais livres.** — I. ***Generalidades.*** As conjunções mais usadas em latim são *ut* e *uti* ("para que") e *ne* ("para que não"); o português substitui muitas vêzes a cláusula "conjuncional" por uma proposição infinitiva precedida de "para", p. e.: "Foi a Roma para visitar os templos dos deuses", em lugar de: "Foi a Roma para que visitasse os templos dos deuses". O modo empregado em cláusulas finais é, como em português, sempre o Subjuntivo; os tempos usados são, como em português, o Subj. Pres. (depois de um

tempo primário na oração principal) e o Subj. Impf. (depois de um tempo secundário na oração principal). Exemplos:

Romam proficiscitur ut videat templa deorum	Êle vai à Roma pára ver os templos dos deuses
Romam profectus est ut videret templa deorum	Êle foi a Roma para ver os templos dos deuses

II. ***As conjunções.*** Além de *ut/uti* e *ne* encontramos:

1) *ut ne* = *ne*, principalmente em latim arcaico. A forma *ut ne* é sobretudo usada em combinação com o pron. indefinido *qui(s)*, *qua*, *quid* e *quod*.

2) *quo* = *ut;* usa-se em cláusulas com adj. ou adv. no grau comparativo; *quo* é abl. de medida (cf. §84, IV).

3) *nēve* e *neu* (negativos) usam-se no segundo membro de uma cláusula final negativa.

4) quanto a *quominus* e *quin*, cf. §146. Exemplos:

Hoc dixi (ut) ne quis ignoraret quantopere te diligerem	Falei isto para que ninguém ignorasse quanto te amava
Milites ad flumen misit quo incolae hujus regionis liberius aquarentur	Enviou soldados ao rio para que os habitantes desta região pudessem prover-se de água com mais liberdade
Caesar castra movit ut hostes deciperentur neve/neu (ou: *neque*) *Romanos aquā intercluderent*	César levantou o acampamento para que os inimigos fôssem logrados e não interceptassem a água aos romanos
Caesar castra movit ne hostes impetum facerent neve/neu Romanos aquā intercluderent	César levantou o acampamento para que os inimigos não fizessem um ataque e não interceptassem a água aos romanos

Notas.

1) A negação numa cláusula final sempre deve ser expressada pela conjunção *ne*, não por pron. ou adv. negativo, p. e.: *ne quis ignoraret* = "para que *ninguém* ignorasse", cf. §147, III,1.

2) O emprêgo de *neve/neu* é obrigatório depois de *ne* na primeira cláusula final; depois de *ut*, pode usar-se também *neque*. Cf. §203, II, 1.

III. ***Observações.*** 1) Na oração principal regente de uma cláusula final encontramos muitas vêzes advérbios, tàis como: *ideo, eo, idcirco*, etc. ("por isso, com o fim de", etc.)

2) Ocorrendo na cláusula final uma referência ao sujeito da oração principal, na forma de um pron. pessoal ou adj. possessivo (3.ª pess.), usam-se sempre *se*, etc. e *suus*, etc. (não *eum*, etc. ou *ejus*). A cláusula final constitui uma íntima unidade com a oração principal. Exemplos:

Caesar ideo/idcirco castra movit ne hostes se (ou: *milites suos*) *aquā intercluderent*	Por isso César levantou o acampamento para que os inimigos não lhe (ou: aos seus soldados) interceptassem a água

3) Quanto a outras construções finais, cf. §35, II, 2.

§145. **Clausulas completivas.** — I. ***A diferença entre cláusulas livres e completivas.*** Cláusulas finais são chamadas "livres", quando o significado do verbo regente não exige necessàriamente o complemento de uma frase final; nesta hipótese, o português usa a conjunção "para (que)", etc. Na frase: "Comemos para viver, não vivemos para comer", temos dois exemplos de cláusulas livres: o verbo "comer" não exige necessàriamente o complemento final: "para viver", nem "viver" o complemento final: "para comer". Tôdas as cláusulas finais encontradas no parágrafo anterior eram cláusulas livres.

Cláusulas finais são chamadas "completivas" ou "complementares", quando exprimem o complemento necessário de um verbo regente, cuja idéia básica seja a de indicar esfôrço, intenção, desejo, vontade, etc. Em português, tais cláusulas não são consideradas como "finais", mas como "integrantes", p. e.: "Quero/desejo *que saias*". Muitas vêzes acontece que o português aqui se serve de "proposições reduzidas" do tipo: "Exortou-me *a falar a verdade*", ou: "Esforcei-me *por consolá-lo*". Em todos êsses tipos de frases encontramos, em latim, uma construção que, formalmente, nada ou pouco se distingue da construção de cláusulas finais livres.

A cláusula final completiva é anterior à cláusula final livre, e o Subj. empregado ali explica-se diretamente como Subj. optativo (cf. §56, I) ou como Subj. voluntativo (cf. §57). Na frase: *Cupio, ut mox redeas* ("Desejo que voltes logo"), temos originàriamente duas frases coordenadas; *Cupio.* (*Ut*) *mox redeas!* = "Desejo. (Oxalá) voltes logo!"; cf. *Jubeo ut mox redeas* < *Jubeo.* (*Ut*) *mox redeas;* na primeira frase, temos um Subj. optativo; na segunda, um subj. voluntativo. Com o tempo, porém, *ut/uti* foi perdendo seu caráter de advérbio exclamativo (cf. §211) para se transformar numa conjunção (= "que"), devido ao seu emprêgo freqüente em tais combinações. Por outras palavras, as duas orações originàriamente inde-

pendentes: *Cupio. Ut mox redeas!*, passaram a constituir uma unidade íntima, chegando a ser lidas e interpretadas assim: *Cupio, ut mox redeas.* Nascera a hipotaxe em vez da antiga parataxe. Mas a nova interpretação de *ut* como "conjunção" possibilitava também sua aplicação àqueles casos em que o verbo regente não exprimia desejo ou vontade, mas indicava tôda e qualquer atividade, p. e.: "viver" e "comer"; destarte se originaram as cláusulas finais "livres" do tipo: *Non vivimus ut edamus, sed edimus ut vivamus*, em que *ut* se traduz, não por "que", mas por "para que". Neste tipo de frases, o Subj. era cada vez mais considerado como exigido ou "regido" pela conjunção *ut;* na realidade, também êste subj. de "subordinação" remonta a um subj. optativo ou jussivo, usado em parataxe: *ut edamus* exprime e intento do sujeito da oração principal; ora, um intento envolve a idéia de desejo ou de vontade.

Devido a essa origem histórica, não se usa em cláusulas finais a negação *non*, mas *ne*, porque esta forma é a única admitida com o subj. optativo e o subj. voluntativo.

II. ***Os verba optandi, curandi, etc.*** Os verbos latinos que admitem uma cláusula final completiva, são muito numerosos. Um dos grupos mais importantes poderia ser rubricado como OS VERBA OPTANDI, CURANDI ET POSTULANDI, isto é, os verbos que exprimem a idéia de "desejo, cuidado e solicitação". Os mais importantes são:

adhortari/admonēre	exortar	*operam dare*	esforçar-se por
id agĕre	esforçar-se por	*optare*	desejar
capĕre consilium	tomar o plano	*orare*	rogar, pedir
cavēre	precaver-se	*pati/sinĕre*	permitir, deixar
contendĕre	desempenhar-se	*permittĕre*	(permitir, deixar)
cupĕre	desejar	*persuadēre*	induzir, levar a
curare	cuidar	*petĕre*	pedir, solicitar
efficĕre/facĕre	fazer com que	*poscĕre*	pedir, exigir
flagitare	exigir, pedir	*postulare*	(pedir, exigir)
hortari	exortar	*precari*	pedir, suplicar
imperare	ordenar, mandar	*prospicĕre*	providenciar
impetrare/mandare	conseguir	*providēre*	(providenciar)
jubēre	ordenar, mandar	*rogare*	pedir
laborare	esforçar-se por	*velle*	querer
malle	preferir	*vetare*	proibir
nolle	não querer	*vidēre*	cuidar
obsecrare	implorar	*cogĕre*	forçar, obrigar

III. ***Observações.*** 1) Com êstes verbos pode faltar *ut* em cláusulas positivas; em cláusulas negativas, o emprêgo de *ne* é obrigatório. Exemplos:

Te rogo atque oro (ut) me adjuves	Rogo-te insistentemente (que) me ajudes
Hortatus est milites ne fugerent	Exortou os soldados a não fugir

2) As formas *quaeso* ("suplico, peço") e *quaesumus* ("suplicamos, pedimos"), sobretudo usadas em preces e em frases de cortesia (= "por obséquio", cf. § 55, I, 5), são igualmente combinadas com *ut/ne*, p. e.: *Deos quaesumus (ut) nobis adsint* = "Oramos aos deuses que nos ajudem", e: *Januam, quaeso, ne claudas!* = "Não feches a porta, por obséquio!" — Mas o verbo *quaerĕre* tem raramente essa construção; geralmente significa: "perguntar" (com pergunta indireta), ou então: "procurar" (mais Inf. objetivo).

3) *Vidēre ut* significa: "providenciar para que", p. e.: *Tibi videndum erit ut servi adsint:* "Tu deverás providenciar para que os escravos estejam presentes", e *vidēre ne* pode ser a negação dessa frase (p. e.: *Tibi videndum erit ne servi desint*). Mas *vidēre ne* significa também: "considerar se não", e *vidēre ne non:* "considerar se"). Exemplos:

Videte ne honestius sit fugere quam hic manere (cf. § 66, IV)	Considerai se não é mais honroso fugir do que permanecer (= Talvez seja mais honroso fugir do que permanecer)
Videte ne non sit necesse fugere	Examinai se é necessário fugir (= Talvez não seja necessário fugir)

4) *Cavēre* admite várias construções: com *ne*, *ut ne* mais Subj., ou com o simples Subj., mas nunca com *ut*. Estas locuções, muitas vêzes reforçados com *quaeso*, *sis*, etc., exprimem uma proibição enérgica (cf. § 55, III, 3). Exemplos:

Cave mentiaris *Cave (ut) ne mentiaris* *Cave, quaeso/sis, mentiaris*	Não mintas, por favor!

5) As formas *fac* e *cura* são usadas em ordens e em proibições enérgicas, geralmente com a omissão de *ut*. Exemplos:

Fac/Cura taceas!	Cala-te!
Fac/Cura ne loquaris!	Não fales!

6) Muitos dos verbos registrados acima admitem também o A. c. I., sem que haja grande diferença, quanto ao significado, entre as duas construções. Exemplos:

Volo (ut) exeas *Volo te exire*	Quero que saias
Malo ne abeas *Malo te non abire*	Prefiro que não saias

7) Mas alguns verbos mudam de significado, conforme fôr usado *ut* ou o A. c. I. Exemplos:

Censeo eum virum fortem esse	Julgo-o varão forte
Censeo desistas a consiliis tuis	Aconselho-te a desistir de teus planos
Censeo mihi esse proficiscendum	Julgo dever partir (cf. § 34, I, 2)
Concedo hoc esse verum	Concedo que isto seja verdade
Concedo ut Romam proficiscaris	Permito-te ir a Roma
Non curat Romam videre (cf. § 73, I, 3a)	Não lhe interessa ver Roma
Cura/fac valeas! (cf. *supra* 5)	Adeus! Passe bem!
Dux curat { *(ut) milites pontem deleant* *militibus pontem delendum* (cf. § 34, II, 2)	O general faz os soldados destruir a ponte
Fac/statue hoc verum esse	Admite que isto seja verdade
Fac liberos tuos bene educes	Faze tudo para educar bem teus filhos
Persuasit mihi se verum dixisse	Convenceu-me de que tinha falado a verdade
Persuasit mihi ut verum dicerem	Persuadiu-me a falar a verdade
Moneo te jamdiu me illud dixisse	Lembro-te de que te disse aquilo já faz muito tempo
Moneo te ne patriam prodas	Previno-te que não traias a pátria
Hix vir contendit hostes proximos esse	Êste homem afirma que os inimigos estão muito próximos
Hic vir contendit ut a populo Romano sibi faveatur	Êste homem empenha-se em granjear o favor do povo romano

Nota. Como se vê pelos exemplos, o A. c. I. é a construção própria dos verbos que exprimem uma atividade mental ou intelectual; *ut* mais Subj., a dos verbos que exprimem uma atividade pertencente à esfera moral (cf. *facĕre, persuadēre, contendĕre,* etc.).

8) Muitos verba sentiendi et declarandi podem ser construídos com *ut/ne* mais Subj., quando exprimem ordem, desejo, vontade, intenção, etc., tais como: *dicĕre, nuntiare, negare, censēre, statuĕre,* etc. Exemplos:

Dico ancillam januam clausisse	Digo que a empregada fechou a porta
Dico (ut) ancilla januam claudat	Digo (= ordeno) que a empregada feche a porta

9) Os verbos *imperare* e *mandare* pedem sempre *ut/ne;* assim também *optare; jubēre* rege, geralmente, o A. c. I., exceto em fórmulas jurídicas, p. e.:

Populus Romanus jubet (ut) Cicero relegetur: "O povo romano ordena que Cícero seja relegado".

§ 146. **Outros tipos de cláusulas finais completivas.** — Também outros verbos latinos, fora do grupo de verbos já estudados no parágrafo anterior, admitem cláusulas integrantes que, quanto à sua construção, são perfeitamente iguais a cláusulas finais. Mencionamos aqui alguns verbos impessoais (I), os verbos timendi (II) e os verbos impediendi (III).

I. ***Alguns verbos impessoais***, p. e.:

expedit	é útil	*necesse est*	é necessário
licet	é lícito	*oportet*	cumpre

Com êstes verbos o Subj. é o chamado voluntativo; no caso de *licet* temos mais especìficamente o Subj. permissivo (cf. § 57, III). Sempre falta *ut;* também se pode usar o A. c. I. Exemplos:

Oportet verum dicas *Oportet te verum dicere*	Cumpre que fales a verdade
Oportet ne mentiaris *Oportet te non mentiri*	Cumpre que não mintas

II. ***Os verba timendi.*** 1) Os verba timendi (*timēre, metuĕre, verēri*, etc.; também locuções do tipo: *periculum est*, etc.), quando levarem consigo uma cláusula positiva, pedem *ne* mais Subj.; levando consigo uma cláusula negativa, pedem *ut* ou *ne non* mais Subj. Exemplos:

Timeo ne urbs nostra ab hostibus capiatur	Temo que a nossa cidade seja tomada pelos inimigos
Timeo ut/ne non repellere possimus Germanos ex Italiā	Temo que não consigamos expulsar os germanos da Itália

2) Observações.

a) Também esta construção se explica pela parataxe: *Timeo. Ne urbs nostra ab hostibus capiatur!* = "Estou com mêdo. Oxalá não seja tomada a nossa cidade pelos inimigos!", e: *Timeo. Ut(= Utinam) possimus repellere Germanos!* = "Estou com mêdo. Oxalá consigamos expulsar os germanos!" A conjunção original em cláusulas positivas era, portanto, *ut;*

só depois se criou *ne non*, formação analógica feita sôbre o modêlo de *ne*. Cf. em francês: *Je crains que notre ville ne soit prise*, e: *Je crains que nous ne puissions pas expulser les Germains*.

b) A prosa clássica prefere *ne non* a *ut*, quando a oração principal é negativa ou tem tendência negativa; o emprêgo de *ne non* é obrigatório, quando a negação na cláusula se refere a uma só palavra. Exemplos:

Timere non debeo, ne non damnetur Verres	Não preciso temer que Verres não seja condenado
Timeo ne hoc faciens non me solum, sed omnes amicos abs te alienes	Temo que, fazendo assim, te alheies não só de mim, mas de todos os amigos

c) Os verba timendi são combinados com o Inf. objetivo, quando significam: "hesitar em, duvidar", etc., p. e.:

Caesar verebatur flumen transgredi	César hesitava em atravessar o rio

d) Os verbos timendi admitem também o Subj. Impf. e Msqupf., quando o motivo do receio se refere ao tempo anterior. Exemplos:

Timeo ne librum amiserim	Receio ter perdido o livro
Timebam ne librum amisissem	Receava ter perdido o livro

III. ***Os verba impediendi.*** 1) O significado básico é o de "contrapor sua vontade à de outrem". Os verbos mais importantes dêste grupo são:

deterrēre	atemorizar, intimidar	*prohibēre*	impedir
impedire	impedir	*resistĕre*	resistir, opor-se
interdicĕre	proibir	*recusare*	recusar
obsistĕre	resistir	*repugnare*	opor-se
obstare	obstar	*retinēre*	reter, deter

Todos êstes verbos pedem *ne* ou *quominus* mais Subj., quando se encontram numa oração regente com valor afirmativo; sendo negativa a oração regente, a conjunção é *quominus* ou *quin*, igualmente mais Subj. O português emprega com êstes verbos muitas vêzes uma proposição infinitiva, introduzida por uma preposição. Exemplos:

Impedio te ne/quominus exeas	Impeço-te que saias, ou: Impeço-te de sair
Non impedio te quominus/quin exeas	Não te impeço que saias, ou: Não te impeço de sair

2) Observações.

a) Também esta construção se explica pela parataxe: *Impedio te. Ne exeas!* = "Impeço-te. Não saias!"; *Non impedio te. Quin exeas?* = "Não te impeço. Por que não sairias?"

b) Quanto ao significado de *quin*, cf. § 148, II, 5; quanto a *quominus*, cf. § 181, I, 1.

c) *Prohibēre* rege geralmente o A. c. I.; *vetare* sempre, na prosa clássica; mas em poesia encontra-se também *vetare ne/quominus*, etc.

CLÁUSULAS CONSECUTIVAS

§ 147. **Cláusulas consecutivas livres.** — I. ***Generalidades.*** As conjunções mais usadas são *ut* e *ut non*. O modo é sempre o Subj.; quanto ao emprêgo dos tempos, cf. *infra* II. Há dois tipos de cláusulas consecutivas livres: na oração regente pode ocorrer uma palavra (pron., adj. ou adv.) indicativa de grau ou de intensidade, p. e.: "Bebeu *tanto* vinho *que* se embriagou"; neste caso, a conjunção consecutiva usada em português é "que". Tal palavra, porém, pode faltar, e a conjunção em português será: "de modo/sorte/maneira/forma que"; um exemplo dêste segundo tipo é: "Bebeu muito vinho, *de modo que se* embriagou".

As palavras mais usadas para indicar grau ou intensidade são:

is / *ejusmodi* / *talis*	tal, de tal natureza	*tantus* (adj.)	tamanho
		tot (adj.)	tantos
ita/sic	assim	*tantum* / *tantopere* (adv.)	tanto
adeo/(usque)eo	a tal ponto	*eā conditione*	a esta condição
tam	tão		

Exemplos:

Graviter vulneratus erat, ut jam se sustinere non posset	Estava gravemente ferido de modo que não podia suster-se mais
Tot libros emit ut locus eis desit	Comprou tantos livros que não há lugar para êles
Tantopere/Tantum iratus est, ut nunc etiam horream	Êle ficou tão furioso que ainda agora estou horrorizado
Tantopere irascebatur, ut statim fugerim	Êle estava tão furioso que logo fugi
Tantā celeritate milites ierunt, ut hostes facile assecuti sint	Os soldados marcharam com tamanha rapidez (ou: tão depressa) que fàcilmente passaram na frente dos inimigos
Talia/ea verba tua / *Verba tua ejusmodi* } *sunt ut credere non possim te loqui*	Tuas palavras são de tal natureza que não posso crer que sejas tu quem fala

II. ***O emprêgo dos tempos.*** As cláusulas consecutivas não constituem uma unidade tão íntima com a oração regente como p. e. as cláusulas finais. Por isso têm, geralmente, o tempo absoluto, e não o tempo relativo (cf. § 12, I), em latim bem como em português. Os exemplos dados acima demonstram bem que o emprêgo dos tempos em cláusulas consecutivas é bastante livre, não obedecendo a um esquema rigoroso.

O mesmo fato explica também que uma referência dentro da cláusula ao sujeito da oração principal (3.ª pessoas) não se faz por meio de *suus* ou *se*, etc. mas por *ejus* e *eum*, etc. Exemplos:

Tot libros emit ut domus ejus eos capere non possit	Comprou tantos livros que sua casa não tem lugar para êles
Vir tam praeclarus est ut omnes nos eum admiremur	É homem tão notável que todos nós o admiramos

III. ***Observações.*** 1) Em cláusulas finais negativas, a conjunção tem que apresentar-se na forma de *ne* (cf. § 144, II, 4, Nota 1); em cláusulas consecutivas negativas, a conjunção tem que apresentar-se na forma de *ut*, seguido de *non* ou de qualquer outra palavra negativa (*nemo; nihil; numquam;* etc.). Usa-se portanto:

EM CLÁUSULAS CONSECUTIVAS:	EM CLÁUSULAS FINAIS:
ut nemo: "de modo que ninguém"	*ne quis:* "para que ninguém" (cf. § 227, I, 3)
ut nihil: "de modo que nada"	*ne quid:* "para que nada" (cf. § 227, I, 3)
ut numquam: "de modo que nunca"	*ne umquam:* "para que nunca"
ut nusquam: "de modo que em nenhuma parte"	*ne usquam:* "para que em nenhuma parte"

Exemplos:

Hortamur ne quis aciem deserat	Fazemos um apêlo para que ninguém abandone a fileira
Omnes tam acriter pugnaverunt, ut nemo aciem deseruerit	Todos combateram tão valentemente que ninguém abandonou a fileira

2) A frase portuguêsa: "Êste serviço é muito pesado para uma mulher poder fazê-lo", tem, em latim, também a construção das cláusulas consecutivas: *Hoc opus molestius est*

quam ut mulier facere possit. Em lugar de *quam ut*, usa-se muitas vêzes *quam qui*, etc. (cf. § 168, IV, 3).

Nota. A frase: "Êste serviço é muito pesado para uma mulher" deve ser traduzida: *Hoc opus molestius est quam pro muliere* (cf. § 133, C 4).

3) O emprêgo do Subj. em cláusulas consecutivas, também naquelas que indicam uma conseqüência real ou efetiva, tem algo de surpreendente e não se encontra nas línguas românicas. A praxe deve ter sido originada pelo emprêgo do Subj. potencial (cf. § 56, II) numa construção "paratática" dêste tipo: *Non sum tam demens. Ut miser esse velim?* = "Não sou tão tolo. Como (= *ut*) poderia eu querer ser infeliz?". Também o emprêgo do Subj. voluntativo ou optativo em cláusulas consecutivas que exprimiam, ao mesmo tempo, intenção, desejo, etc., deve ter contribuído para se generalizar o Subj., p. e. *Magnā voce locutus sum, ut omnes me audire possent* ("Falei claro, de modo que todos me entendessem bem"). E finalmente, a construção de *ut* final deve ter influenciado a construção de *ut* consecutivo. No mais das vêzes, o Subj. em cláusulas consecutivas não passa de Subj. de "subordinação".

§ 148. **Cláusulas consecutivas completivas.** — I. ***Generalidades.*** Alguns tipos de cláusulas integrantes em português são consideradas como cláusulas consecutivas (completivas) em latim, p. e.: "Aconteceu que numa só noite todos os romanos em Éfeso foram assassinados": *Factum est ut unā nocte omnes Romani Ephesi occiderentur*. O latim usa aqui *ut* consecutivo por ligar ao verbo principal "aconteceu" o valor de "aconteceu de tal modo que". Êste tipo de cláusulas consecutivas encontra-se com os seguintes verbos:

longe/multum abest ut	falta muito para	*fieri(non) potest ut*	(não) é possível que
accedit ut (cf. § 210, II, 1d)	acresce que	*lex est ut*	é lei que
accidit ut	acontece que	*locus est ut*	há oportunidade de
contingit ut	acontece que		
est ut	acontece que	*mos est ut*	é costume que
evenit ut	acontece que	*nihil relinquitur nisi ut*	nada resta senão
facere ut	fazer com que		
fit ut	acontece que	*relinquitur ut* / *reliquum est ut* / *restat ut*	resta que
sequitur ut	(daí) se segue que		

Exemplos:

Fit/Accidit/Evenit ut patres boni filios pessimos habeant	Acontece/Sucede que bons pais têm péssimos filhos
Hic locus est ut de Cicerone loquamur	Aqui se nos apresenta a oportunidade de falar sôbre Cícero
Nihil relinquitur/restat nisi ut pulchre moriamur	Nada nos resta a não ser uma morte gloriosa

Nota. Neste tipo de frases, encontramos geralmente uma conexão íntima entre o tempo do verbo regente e o tempo da cláusula, de modo que as regras da "consecutio temporum" (Cf. § 64, III) são observadas.

II. ***Observações.*** — 1) É muito comum a locução: *Qui fit ut?* = "Como/Por que acontece que?". Êste *qui* não é nom., mas abl. instrumental, e encontra-se também em outras expressões, p. e. *Qui potest?* = "Como é possível?"; o mesmo *qui* faz parte da palavra composta *quin* = *qui non* ("como/por que não?"), que já encontramos no § 146, III e de que tornaremos a falar no § 149. Exemplo com *qui fit:*

Qui fit ut nemo contentus sorte suā vivat?	Como acontece/explicar que ninguém viva contente com sua sorte?

2) Na expressão: *Longe/Multum abest ut mihi faveat* ("Falta muito para êle me ser favorável"), a palavra *longe* ou *multum* pode ser substituída por *tantum* ("tanto"); neste caso, podem seguir-se duas cláusulas consecutivas, uma dependente de *abest*, a outra de *tantum*, p. e.:

Tantum abest ut mihi faveat, ut (etiam) in vulgus me diffamet	Falta tanto para êle me ser favorável que (até) chega a difamar-me pùblicamente, ou melhor: Está tão longe de me ser favorável que (até) chega a....

Para maior clareza, a segunda cláusula leva muitas vêzes consigo um advérbio que indica clímax (*etiam/quoque*) ou oposição (*contra*).

Cícero omite freqüentemente o segundo *ut*, e inicia uma outra frase, completamente independente da construção iniciada, p. e.:

Tantum abfuit ut inflammares nostros animos: somnum vix tenebamus	Faltou tanto para nos entusiasmares que mal dominávamos o sono, ou melhor: Estavas tão longe de nos entusiasmar que mal....

3) Quando uma das expressões registradas acima (sob o item 1), vier acompanhada de um elemento qualificativo (p. e. *bene fit; male factum est; accidit commode; illud/hoc evenit; huc accedit; magna laus est,* etc.), a cláusula é geralmente introduzida por *quod* mais Ind. (cf. § 210, II); em latim arcaico, mas raramente em latim clássico, emprega-se também *cum* mais Ind. (cf. § 152, I, 4). Exemplos:

Bene fecisti quod me admonuisti	Fizeste bem em me lembrar
Male mihi accidit quod nunquam eum vidi	Infelizmente para mim, nunca o vi
Huc accedit quod parum eloquens est	A isto acresce que êle é pouco eloqüente
Magna laus ejus est quod patriam servavit	Seu grande mérito é o de ter salvo a pátria
Praeclare facis cum puerum diligis	Fazes muito bem em amar o menino

4) Muitas das locuções assinaladas acima admitem também outras construções. Mencionamos aqui:

Locus est cognoscere/cognoscendi mores Germanorum	É o lugar indicado para conhecer os costumes dos germanos
Mos ejus est gerere/gerendi tela	Seu costume é carregar armas
Sequitur deos esse et generi humano providere (A. c. I).	Daí se segue que os deuses existem e cuidam do gênero humano
Contigit mihi reginam videre	Sucedeu-me ver a rainha

5) Em lugar de *mos est,* encontramos muitas vêzes: *moris est* (gen. partitivo, cf. §88, V).

6) *Facĕre ut,* quando indica esfôrço, intenção, etc., é final; *facĕre ut,* quando indica simplesmente o efeito, é consecutivo. Notem a diferença entre:

Rerum obscuritas facit ut non facile intellegatur oratio (consec.)	A obscuridade dos assuntos tem por efeito a difícil compreensão do discurso
Fecisti ne quis e templo exiret (fin.)	Impediste que alguém saísse do templo

§149. O emprêgo de "quin" e a tradução de "sem que". – I. ***O emprêgo de "quin".*** A conjunção *quin* pode ser empregada apenas DEPOIS DE ORAÇÕES PRINCIPAIS NEGATIVAS; já encontramos construções do tipo: *non dubito quin hoc verum sit* (cf. §66, IV, Nota 1), e: *Non impedio quin exeas* (cf. §146, III). Neste parágrafo devemos ver o emprêgo de *quin* consecutivo. Distinguimos:

1) Usa-se *quin* com locuções negativas que significam: "é impossível, não posso deixar, não falta muito, não deixo escapar a oportunidade", etc. Em todos êsses casos, *quin* pode ser substituído por *ut non.* Exemplos:

Fieri non potest quin/ut non oderimus hostes patriae	É impossível que não odiemos os inimigos da pátria
Facere non possum quin/ut non mittam ad te cotidie litteras	Não posso deixar de te mandar cada dia uma carta

Non multum afuit quin/ut non omnes obsides occiderentur a rege	Não faltou muito para que todos os reféns fôssem mortos pelo rei
Nihil praetermisi quin mihi Caesarem reconciliarem	Não deixei escapar nenhuma oportunidade para me reconciliar com César

Nota. *Quin* = *Ut non* tem aqui valor consecutivo, porque o latim interpreta a frase: *fieri non potest quin,* etc., como: "não pode acontecer de tal maneira que", cf. § 148, I.

2) Usa-se *quin* com locuções negativas que exprimem grau ou intensidade, principalmente com os dois advérbios *tam* e *adeo.* Também êste *quin* pode ser substituído por *ut non.* Exemplo:

Nemo erat tam durus quin/ut non fleret	Ninguém era tão desumano que não chorasse

Nota. O emprêgo de *quin* nos dois casos assinalados explica-se pela parataxe primitiva, em que *quin* significava: "Como/Por que não?" (cf. § 148, II, 5), p. e.: *Quin non oderimus hostes patriae? (Id) fieri non potest:* "Por que não odiaríamos os inimigos da pátria? Isso é impossível", e: *Quin non fleret? Nemo erat tam durus:* "Por que (alguém) não teria chorado? Ninguém era tão desumano". Como se vê, o Subj. usado aqui é o chamado potencial, cf. § 56, II.

3) Usa-se *quin* em correlação com certos pronomes e adjetivos negativos (p. e. *nemo, nullus*) ou de tendência negativa (p. e. *ecquis, numquis*); neste caso, *quin* não pode ser substituído por *ut non* e, muito provàvelmente, não é forma composta do abl. instrumental *qui,* mas do nom. *qui,* sendo substituível por *qui non:* "que não". Exemplos:

Nemo erat quin/qui non fleret	Não havia ninguém que não chorasse
Ecquis fuit quin/qui non fleret?	Houve, por ventura, alguém que não chorasse?

Nota. Também êste *quin* (= *qui non*) tem valor consecutivo, o que se nos torna claro, quando compararmos: *Nemo erat quin fleret,* e: *Nemo erat tam durus quin fleret.* Com efeito, o pron. relativo *qui* tem muitas vêzes valor consecutivo, cf. § 168, IV.

4) O emprêgo de *quin*(= *qui non*) foi-se estendendo anàlògicamente àqueles casos em que *quin* não substituía o nom. sg. masc. do pro. relativo, mas todo e qualquer outro caso dos três gêneros. Exemplos:

Nihil est quin (= quod non) investigando inveniri possit	Não há nada que não possa ser descoberto por meio de uma investigação
Nulla est confidentia quin (= quam non) amiserim	Não há nenhuma confiança que não tenha perdido
Nullus dies fuit quin (= quo non) Syracusani solem aliquo tempore viderint	Não houve nenhum dia em que os siracusanos não vissem o sol durante algum tempo

Nota. Também aqui *quin* tem valor consecutivo, porque se subentende fàcilmente p. e.: *Nihil est (tam arduum) ut non investigando inveniri non possit,* etc.

5) No último exemplo, *quin* poderia ser traduzido também por "sem que": "Não houve nenhum dia, sem que os siracusanos vissem o sol". É partindo dêsses casos que *quin* começou a ser empregado também em casos onde não ocorria uma referência de *quin* a um antecedente na oração principal. A negação, na oração principal, pode apresentar-se sob formas diferentes: *non, nullus, nemo, nusquam, numquam, nihil,* etc. Exemplos:

Numquam illum aspicio quin ejus in me merita recorder	Nunca o vejo sem me recordar dos serviços que êle me prestou
Si cades, tu non cades quin ego cadam tecum	Se caires, não cairás sem que eu caia contigo

Nota. O valor consecutivo dêste *quin* (= "sem que") apresenta-se muito enfraquecido, embora não falte por completo, p. e.: "Se caires, cairás de tal modo que eu também caia", etc.

II. ***A tradução de "sem que".*** A locução "sem (que)" pode ser traduzida das seguintes maneiras:

1) Mediante *sine* mais abl. de um subst. verbal, p. e.:

Omnes dolores tulit sine querelā	Suportou tôdas as dôres sem queixar-se
Sine praemio domum rediit	Voltou à casa sem (ter recebido) um prêmio

2) Mediante *nullus* (no abl.) mais subst., p. e.:

Nullā culpā hic puer punitus est	Sem ter nenhuma culpa, êste menino foi castigado
Nullo meo merito laudatus sum	Fui louvado sem o merecer

3) Mediante part. ou adj. negativo, ou então positivo que se tornou negativo por *non, nullus,* etc. (Cf. § 23, III, 2) Exemplos:

Nihil feci non diu consideratum	Nada fiz sem que examinasse muito tempo a questão
Nesciis/Invitis parentibus istud iter fecisti (cf, § 23, II)	Fizeste essa viagem sem que teus pais soubessem/quisessem
Re infectā legati domum redierunt	Os embaixadores voltaram a casa sem nada terem conseguido

4) Mediante *nisi,* depois de uma oração principal negativa, p. e.:

Istud mihi in mentem non venisset, nisi abs te admonito (cf. § 24, III, 1)	Isso não me teria vindo à memória, sem que tu me tivesses lembrado

5) Mediante *quin,* depois de uma oração principal negativa, com ligeiro valor consecutivo, cf. *supra,* I, 5; quanto a *antequam* e *priusquam,* cf. § 157, III, 2.

6) Mediante coordenação: *neque* (*tamen*), p. e.:

Filiam amisit neque (tamen) lacrimavit	Perdeu a filha sem (porém) chorar

CLÁUSULAS CAUSAIS

§ 150. **As construções mais freqüentes.** — I. ***As conjunções.*** Em latim clássico, uma cláusula causal pode ser introduzida por uma das seguintes conjunções:

quod/quia	porque
quoniam/quando(quidem)	uma vez que, já que, visto que, etc.
cum	porque, como
ut (explicativo)	que, como

De tôdas essas conjunções só *cum* (causal) pede o Subj.; as demais regem, por via de regra, o Ind., construção apropriada para uma cláusula causal, que quase sempre é frase declarativa ou enunciativa, e não desiderativa(1). Na oração principal encontramos muitas vêzes advérbios que anunciam e realçam a idéia expressa pela cláusula causal, tais como: *eo, ideo, propterea, idcirco,* etc. Sobretudo é freqüente a correlação *propterea quod.* Quanto ao emprêgo dos tempos, note-se que o latim marca com grande precisão o tempo relativo (cf. § 44). Exemplos:

Cum mentitus sis, punieris	Como mentiste, serás castigado
Quoniam oboedire non vis, punieris	Já que não queres obedecer, serás castigado
Punitus est (propterea) quod mentitus erat	Foi castigado porque tinha mentido

(1) Cf. § 144, V, 1a.

Nota. *Quoniam* e *quando(quidem)* distinguem-se de *quod* e *quia*, porque dão a entender (muitas vêzes, pretensamente) que o motivo alegado é conhecido ou pode ser suposto como conhecido (cf. *puisque*, em francês; *since*, em inglês).

II. ***O Subjuntivo em cláusulas causais.*** Feita abstração de *cum* causal, que sempre rege o Subj., as conjunções causais pedem normalmente o Ind. Mas em dois casos encontramos o Subj. com *quia/quod* (raramente com *quoniam*; nunca com *quando* ou *quandoquidem*):

1) Quando o autor apresenta um motivo sem endossá-lo, deixando-o por conta do sujeito da oração principal. Reparem bem na diferença entre:

Non venit, quia/quod aegrotus erat	Não veio, porque estava doente
Non venit, quia/quod aegrotus esset	Não veio, porque dizia estar doente

Nota. Também em latim pode dizer-se: *Non venit quia, ut dicebat/dixit, aegrotabat*, mas essa construção é rara. Encontramos, porém, várias vêzes êste tipo de construção: *Non venit quia diceret se esse aegrotum*, em que há contaminação de: *quia dicebat*, e de: *quia esset.*

2) Quando o autor quer salientar que o motivo alegado não é o verdadeiro, sobretudo na correlação: *non* (*eo/ideo*) *quod/quia* ...., *sed quod/quia*, p. e.

Non eo quod tibi suscenseam, sed quia mentitus es, punieris	Não porque eu esteja zangado contigo, mas porque mentiste, serás castigado

Notas.

1) Em lugar de *non eo quod*, ocorre também *non quo* (atração do relativo, cf. § 225, VI, 3); em lugar de *non eo quod non*, ocorre: *non quin*, p. e.: *Pater meus Romam ire noluit, non quin monumenta veterum admiraretur, sed quia a molestiis longi itineris abhorrebat* = "Meu pai não quis ir a Roma, não que não admirasse os monumentos dos antigos, mas porque tinha mêdo dos incômodos de uma longa viagem".

2) Cf. também § 165, III, 3b.

III. ***"Ut" explicativo.*** *Ut* explicativo usa-se em combinação com palavras ou locuções que indicam qualidade (adj. ou abl./gen. de qualidade) para explicar o conteúdo da oração regente. Exemplo:

Jugurtha, ut erat impiger/impigro animo, statim in magnam claritudinem venit	Enérgico como era, Jugurta logo se tornou muito afamado*

CLÁUSULAS TEMPORAIS

§ 151. **Observações preliminares.** — I. ***As principais conjunções.*** As relações temporais que existem entre a ação verbal da cláusula e a da oração principal, são muito variadas; destarte se explica que existam várias conjunções temporais. Podemos dividi-las da seguinte maneira:

1) *Cum* (indica simultaneidade e anterioridade): "quando, depois que", etc.
2) *Postquam/posteaquam* (indica anterioridade): "depois que", etc.
3) *Ubi/Ut (primum)*, *Cum (primum)*, *Simul (ac/atque)* } (indica anterioridade): "logo que", etc.
4) *Antequam/priusquam* (indica posterioridade): "antes que", etc.
5) *Dum/quoad/donec* (indica simultaneidade): "enquanto", etc.

Nota. As palavras *postquam, posteaquam, priusquam, antequam* podem ser separadas por outras palavras, p. e. *post. . . . quam*, etc.*

II. ***Modos e Tempos.*** O modo normal das cláusulas temporais é o Ind., construção apropriada para frases enunciativas; às vêzes, porém, encontramos cláusulas temporais com o Subj., o qual se explica — em alguns casos — como Subj. optativo, voluntativo ou potencial, mas em outros casos não passa de Subj. de subordinação.

Algumas conjunções temporais indicam com grande precisão o tempo relativo, mas no mais das vêzes encontramos o tempo absoluto, reminiscência da antiga parataxe.

Nos seguintes parágrafos (152–156) trataremos da construção das diversas conjunções temporais, devendo limitar-nos às linhas mestras. Dar e explicar tôdas as construções seria incompatível com o escôpo dêste livro, visto que o emprêgo dos modos e dos tempos em cláusulas temporais sofreu sobremaneira a influência da analogia. O estudioso de latim poderá convencer-se dêsse fato, ao consultar um bom dicionário.

§ 152. **Cum.** — O latim emprega *cum* em cláusulas temporais com o Ind. e com o Subj. Em última análise, não há uma distinção muito nítida entre as duas construções.

I. ***Com o indicativo.*** Podemos distinguir:

1) CUM TEMPORAL, que estabelece uma relação puramente temporal entre duas proposições. Quase sempre encontramos na oração principal um advérbio de tempo (p. e. *nunc, tunc, olim, aliquando,* etc.) ou outra indicação de tempo (p. e. *eo die, eo tempore, ill nocte,* etc.). A anterioridade é marcada com grande precisão só no Fut., sendo que em outros casos quase sempre se usa o tempo absoluto. Exemplos:

Eā nocte, cum mater mea mortua est, urbs nostra ab hostibus capta est — Na noite em que morreu minha mãe/Na noite da morte de minha mãe, nossa cidade foi tomada pelos inimigos

Nunc, cum pauper sum, omnes amici me deserunt — Agora que sou pobre, todos os amigos me abandonam

Cum domi ero, ad te scribam — Quando estiver em casa, escrever-te-ei

Cum domum rediero, ad te scribam — Quando tiver voltado/Quando voltar à casa, escrever-te-ei

2) Um caso particular de *cum* temporal é CUM INVERSO, que se caracteriza pelo fato de introduzir a parte mais importante da comunicação: ao passo que a parte principal de uma comunicação geralmente está na oração principal e os elementos secundários estão na cláusula, temos aqui o contrário: daí o nome *cum* "inverso". Na cláusula encontramos muitas vêzes o advérbio *repente* ou *subito;* na oração principal, freqüentemente *vix/vixdum* ("apenas, mal"), ou *jam* ("já"). O tempo da oração principal é quase sempre o Impf. ou o Msqupf., eventualmente o Pres. histórico (cf. § 45, II); o da cláusula, o Pf. ou o Pres. histórico. Exemplos:

Ambulabam in silvā, cum (repente) duo latrones apparuerunt/apparent — Estava passeando na floresta, quando (de repente) apareceram dois ladrões

Vixdum domum redieram, cum has litteras ad te scripsi — Mal cheguei à casa, escrevi-te esta carta

3) Outro caso particular de *cum* temporal é CUM ITERATIVO, empregado para indicar ações repetidas ou habituais.

Na oração principal, encontramos o Pres. ou o Msqupf.; na cláusula, geralmente os mesmos tempos; mas note-se que a anterioridade é indicada com precisão. Exemplos:

Cum ruri sum, ambulare soleo	Quando estou no campo, costumo fazer passeios
Cum ruri eram, ambulare solebam	Quando estava no campo, costumava fazer passeios
Cum ver esse coeperat, Verres itinera per Siciliam faciebat	Cada vez que se iniciava a primavera, Verres fazia passeios pela Sicília

Nota. Em vez de *cum* iterativo, pode usar-se também *quotie(n)s;* os autores da época imperial constróem *cum/quotiens* preferìvelmente com o Subj., construção rara em prosa clássica. É o Subj. de subordinação.

4) Finalmente, há CUM IDÊNTICO, empregado para indicar que a ação verbal da cláusula coincide por completo com a da oração principal e que as duas são permutáveis entre si. O português usa, geralmente, o gerúndio (muitas vêzes, precedido de "em"), ou "por" mais Inf.; naturalmente, o tempo empregado na cláusula é igual ao que se encontra na oração principal. Exemplos:

Cum tacent, clamant	Calando-se, berram (isto é: Seu silêncio é eloqüente)
Camillus patriam servavit, cum Romanos ex urbe migrare vetuit	Camilo salvou a pátria por proibir que os romanos emigrassem da cidade

Nota. Êste *cum* é muitas vêzes chamado também *cum* explicativo, porque explica de que modo se efetua a ação verbal da oração regente. — Os autores da época imperial constróem-no muitas vêzes com o Subj.

II. ***Com o Subjuntivo.*** *Cum,* combinado com o Subj., chama-se ***cum histórico ou narrativo.*** Em prosa clássica, encontra-se só com o Impf. (simult.) ou o Msqupf. (ant.) sendo de emprêgo muito freqüente. Distingue-se de *cum* temporal, por não se limitar a indicar exclusivamente o tempo, mas por designar também a situação em que certo fato se realizou no passado; esta "situação" não é concebida como completamente isolada da ação principal, mas prende-se a ela estreitamente, explicando-a, pelo menos, até certo ponto. *Cum* histórico é, portanto, o meio-têrmo entre *cum* causal e *cum* temporal; o subjuntivo que traz consigo, é o subj. de "subordinação".

Os limites entre *cum* histórico e *cum* temporal são pouco definidos: os próprios autores clássicos usam, às vêzes, as duas construções em frases da mesma estrutura, p. e.: *Fuit antea tempus, cum Germanos Galli virtute superarent* ("Houve um tempo em que os gauleses sobrepujaram os germanos em valentia"), e: *Fuit quoddam tempus, cum in agris homines passim bestiarum modo vagabantur* ("Houve uma época em que os homens vaguearam pelos campos à maneira de brutos"). Por outro lado, nem sempre é fácil distinguir com exatidão entre *cum* histórico e *cum* causal.

Cum histórico tende a estender-se em detrimento de *cum* temporal, principalmente em latim pós-clássico, passando a ser usado também nos outros tempos que não sejam o Impf. e o Msqupf. Muitas vêzes poderia ser substituído por um abl. abs. sem grande diferença de significado, p. e.:

Caesar, cum oppidum barbarorum cepisset, ire perrexit *Caesar, oppido barbarorum capto, ire perrexit*	César, depois de tomar a fortaleza dos bárbaros, continuou a marcha

§ 153. **Postquam.** — I. ***A função principal.*** As conjunções *postquam* e *posteaquam* indicam, geralmente, uma ação não repetida no passado, anterior a outra ação no passado ("depois que/de"). O modo é o Ind.; o tempo é o Pf. ou, eventualmente, o Pres. histórico. Só quando a diferença em tempo entre a ação principal e a da cláusula é indicada com exatidão, usa-se preferìvelmente o Msqupf. Exemplos:

Postquam Romam adveni, templum Apollinis visi	Depois que cheguei/de chegar a Roma, visitei o templo de Apolo
Postquam se relictum videt (pres. hist.) *uno cum Catilinā, cum eo consilium cepit/capit* (pres. hist.) *consulis interficiendi*	Depois que se viu a sós com Catilina, tramou com êle o plano de assassinar o cônsul
Tribus horis (cf. § 84 IV) *postquam domum redieram, amicus meus advenit,* ou: *Post horam tertiam quam domum redieram, amicus meus advenit*	Três horas depois da minha volta à casa, chegou meu amigo

Nota. O emprêgo do Pf. com *postquam* pode parecer estranho, visto que esta conjunção indica anterioridade e o latim é muito minucioso em marcar a anterioridade. Explica-se esta particularidade pelo fato de que *postquam* originàriamente coordenava duas

ações verbais, consideradas como de igual importância: a partícula *quam* comparava simplesmente dois fatos no passado (tempo absoluto!).

II. ***Emprêgo secundário.*** Menos freqüente é o emprêgo de *postquam* em combinação com o Ind. Impf. ou Pres., para indicar não uma ação anterior, e sim, uma situação existente no momento de se iniciar a ação principal. Esta função, relativamente rara em prosa clássica, tornou-se mais comum na época imperial, adquirindo, aos poucos, o matiz de causalidade (cf. "pois que", em português; *puisque*, em francês). Exemplos:

Postquam videbat milites impetum sustinere non posse, dux receptui cani jussit	Quando o general via que os soldados não podiam sustentar o ataque dos inimigos, mandou dar o sinal da retirada
Postquam Romae habitat, cotidie templum Apollinis visit	Agora que mora em Roma, visita todos os dias o templo de Apolo

Notas.

1) Também *ut* e *ubi*, embora raramente, podem ser usados da mesma forma.

2) Sob a influência de *cum* histórico, sempre combinado com o Subj., também *postquam* (nas duas funções) chegou a ser construído com o Subj. (Imp. e Msqupf.) na época imperial.

§ 154. **Ubi, ut e simul.** — Cumpre fazermos aqui uma distinção entre ações não repetidas (I) e ações repetidas ou habituais (II).

I. ***Ação não repetida.*** O modo é o Ind.; o tempo é o Pf. (eventualmente, o Pres. histórico) para exprimir uma ação anterior a outra ação realizada no passado (tempo absoluto, cf. *postquam*, § 153, I), ou o Fut. Pf. para exprimir uma ação anterior a outra ação que se deve realizar no futuro (tempo relativo). *Ubi* e *ut* podem ser reforçados com o elemento *primum; simul* com *ac* ou *atque*. A tradução normal é: "logo que, assim que", às vêzes: "depois que, quando", etc. Exemplos:

Ut Romam veni, templum Apollinis visi	Logo depois da minha chegada a Roma, visitei o templo de Apolo
Simul (ac/atque) aliquid audiero, scribam epistulam ad te	Logo que ouvir (lit.: tiver ouvido) alguma coisa, escrever-te-ei uma carta
Ubi servos amici videt (pres. hist.), *vocat unum ex eis*	Logo que viu os escravos do seu amigo, chamou um dêles

Notas.

1) Só *simul* e *ubi* são usados para indicar o futuro.

2) *Simul ac/atque* mostra claramente a sua origem paratática, p. e.: *Simul Romam veni ac templum Apollinis visi:* "Ao mesmo tempo cheguei a Roma e visitei o templo de Apolo".

3) Ao lado de *ubi, ut* e *simul* pode usar-se também *cum primum,*

II. ***Ação repetida.*** Quando *ubi, ut* e *simul* indicam uma ação repetida ou habitual (*cum primum* não se usa neste caso), marcam o tempo relativo com grande precisão. Cf. o esquema dado no §44, III. Exemplos:

Ut galli cantum audivit, e lecto surgit/surgere solet	Logo que ouve o canto do galo, levanta-se/costuma levantar-se da cama
Ut galli cantum audierat, e lecto surgebat	Logo que ouvia o canto do galo, saía da cama
Supplicabo ut quemque amicum videro	Suplicarei, cada vez que vir um amigo.

Notas.

1) *Ut,* nesta acepção, encontra-se apenas em combinação com *quisque:* "cada vez que alguém/(alg)um" (cf. §227, II, 1b).

2) Estas conjunções, quando indicam ação repetida, regem quase sempre o Subj., na época imperial, construção rara em prosa clássica.

§155. **Antequam e priusquam.** — Aqui devemos distinguir entre cláusulas meramente temporais (I) e cláusulas com o matiz de finalidade, potencialidade, etc. (II); na primeira hipótese, o modo é o Ind.; na segunda, o Subj.

I. ***Cláusulas meramente temporais.*** O modo é o Ind.; a um tempo secundário, na oração principal, corresponde geralmente, na cláusula, o Pf. (tempo absoluto, cf. §154, I); a um tempo primário (sem negação), na oração principal, corresponde geralmente, na cláusula, o Pres. (tempo absoluto); mas a um Fut. Simples com negação na oração principal, corresponde, na cláusula, geralmente o Fut. Pf. (tempo relativo). Sendo habitual a ação verbal, exprime-se com precisão o tempo relativo (cf. §154, II). Exemplos:

Priusquam litteras tuas accepi, valde sollicitus eram (tempo absoluto)	Antes de ter lido/Antes de ler a tua carta, estava muito preocupado
Non acquiescam priusquam tuas litteras accepero (oração principal no Fut., com negação)	Não reposarei antes de ter recebido a tua carta

Priusquam scribo litteras, lavatum ibo (oração principal no Fut. sem negação)	Antes de escrever a carta, vou tomar banho
Priusquam litteras tuas acceperam, solebam sollicitus esse (ação repetida)	Antes de ter recebido uma carta de ti, andava preocupado

II. ***Cláusulas com o Subjuntivo.*** O Subj. em cláusulas, introduzidas por *antequam* ou *priusquam*, tem cabimento, quando elas exprimem mera possibilidade (potencial!) ou finalidade (optativo e voluntativo!). Neste caso, o português usa muitas vêzes o verbo "poder" para exprimir a irrealidade da ação. Exemplos:

Hac lege agri veneunt antequam una gleba ematur (potencial)	Em virtude desta lei as terras de lavoura são vendidas, antes que um só torrão seja comprado
Priusquam cives arma caperent, urbs ab hostibus expugnata est (final)	Antes que os cidadãos pudessem pegar as armas, a cidade foi conquistada pelos inimigos
Non ante ausus est pugnare quam auxilia venirent (final)	Não ousou travar combate antes que as tropas auxiliares tivessem vindo

Nota. O tempo do Subj. é o Pres. (correspondente a um tempo primário na oração principal) ou o Impf. (correspondente a um tempo secundário).

III. ***Observações.*** 1) *Antequam* e *priusquam* são muitas vêzes separadas por outras palavras, p. e.: *Non prius acquiescam quam tuas litteras accepero*, e: *Agri ante veneunt quam una gleba ematur*, etc.

2) *Antequam* e *priusquam*, construídos com o Subj., podem ser traduzidos também por: "sem que", etc., visto que exprimem a mera intencionalidade ou a possibilidade, não a realidade, da ação verbal. Exemplos:

Hac lege agri veneunt antequam gleba una ematur	Em virtude desta lei as terras de lavoura são vendidas, sem que um só torrão seja comprado
Antequam unum verbum facerem, de sellā surrexit atque abiit	Sem que eu pudesse falar uma única palavra, levantou-se da cadeira e foi-se embora

3) Muitas vêzes, porém, acontece que *antequam* e *priusquam*, já em prosa clássica, são construídos com o Subj. ("de subordinação"), também onde não existe o matiz de potencia-

lidade ou de finalidade; o Subj. tornou-se a construção normal na época imperial, principalmente em latim tardio, e perpetuou-se nas línguas românicas (com "antes que", em português; com "*avant que*", em francês, etc.). Já em prosa clássica encontramos as duas construções uma ao lado da outra sem grande diferença, em frases dêste tipo: *Hostes non destiterunt fugerem priusquam ad flumen Rhenum pervenerunt/pervenirent* = "Os inimigos não desistiram de fugir, antes de chegarem ao rio Reno".

§ 156. **Dum, quoad e donec.** — Também aqui devemos fazer uma distinção entre cláusulas meramente temporais (I) e cláusulas temporais com o matiz de finalidade (II).

I. ***Cláusulas meramente temporais.*** As três conjunções podem ser usadas em duas acepções diferentes: na de "enquanto", e na de "até que".

1) ENQUANTO.

a) *Dum, quoad* e *donec* (esta última palavra não se usa em prosa clássica neste sentido) podem indicar que a ação verbal expressa pela cláusula coincide por completo com a ação verbal expressa pela oração principal: "enquanto" uma delas se realiza, realiza-se a outra também, durante o mesmo prazo. O modo é o Ind.; os tempos das duas proposições são os mesmos (simultaneidade perfeita). Exemplos:

Quoad potuit, fortissime restitit	Enquanto pôde, resistiu com muita coragem
Donec eris felix, multos numerabis amicos (poético)	Enquanto fôres feliz, contarás numerosos amigos
Dum tecum sum, fortis sum	Enquanto estou contigo, sinto-me forte

Nota. Neste sentido pode ser empregado também *quamdiu.*

b) *Dum* (não *quoad, donec* ou *quamdiu*) pode indicar também coincidência não completa com a ação verbal da oração regente: "enquanto" uma coisa está se realizando, inicia-se a outra (a da oração principal). Neste caso, a prosa clássica usa quase sempre o Ind. Pres. (histórico) na cláusula. Exemplos:

Haec dum aguntur, Caesar in Galliam profectus est	Enquanto isto acontecia/se dava, César foi à Gália
Dum Romae sum, fac me videas!	Quando eu estiver em Roma, visita-me, por favor!

2) Até que.

Dum, quad e *donec* (esta última palavra só raramente em prosa clássica) podem indicar um limite meramente temporal (cf. "até que", em português). O modo é o Ind.; os tempos são o Pres. ou o Pf., correspondentes ao Pres. ou o Pf. na oração principal (tempo absoluto); ou então, o Fut. Pf., correspondente ao Fut. Simples na oração principal (tempo relativo). Cf. § 154, I. Exemplos:

Domi mansi, dum rediit amicus meus	Fiquei em casa, até que voltou meu amigo
Domi manebo dum redierit amicus meus	Ficarei em casa até meu amigo voltar
Domi maneo, dum illa cognosco	Fico em casa até compreender aquilo

Nota. Pouco importa se a frase por si exprime finalidade ou não; o único fator decisivo é saber se o limite temporal é apresentado como meramente temporal, ou então, com certo matiz de finalidade. No terceiro exemplo, o que é indicado é apenas o limite temporal: (Sairei do caso só quando entender o assunto"), não o esfôrço para entendê-lo; fôsse assim, o latim diria: *Domi manebo, dum illa cognoscam* (Subj.). Mas compreende-se fàcilmente que, por serem pouco distintos tais casos, os dois modos eram freqüentemente trocados.*

II. ***O emprêgo do Subjuntivo.*** *Dum, quoad* e *donec* (esta última palavra é rara em prosa clássica) podem indicar, além de um limite temporal, também finalidade. O modo é o Subj. (voluntativo); os tempos são o Pres. e o Impf. (cf. as frases finais). Êste *dum* final usa-se muito com o verbo *exspectare* ("esperar, aguardar"). Exemplos:

Cocles impetum hostium sustinuit, dum/quoad ceteri flumen transirent	Cocles sustentou o ataque dos inimigos, até que os outros tivessem atravessado o rio
Exspectare non vult dum legati redeant	Não quer esperar até os embaixadores voltarem

III. ***Observações.*** O verbo *exspectare* não admite, em prosa clássica, o A. c. I., mas pode ser construído com:

1) *dum* mais Subj., cf. *supra*, II.

2) *si* mais Subj., cf. § 64, I, nota 4.

3) *ut* (final) mais Subj., principalmente quando se salienta a ansiedade, p. e.: *Os ut tuum videam exspecto:* "Estou muito ansioso por ver teu semblante".

4) uma pergunta indireta, principalmente *quam mox*, para indicar impaciência, p. e.:

Quid hostes consilii caperent, exspectabat	Aguardava que espécie de iniciativa os inimigos tomariam
Quid exspectas quam mox ego dicam? (cf. §218, V, 1)	Por que esperas até eu finalmente falar?

CLÁUSULAS CONDICIONAIS

§ 157. **Como se pode apresentar uma condição.** — Existem várias maneiras de se apresentar uma condição ou hipótese. Vejamos primeiro os exemplos.

1) "Se tenho dinheiro, compro livros" (Real).

2) *a*) "Se tivesse dinheiro, compraria aquêle livro" (Irreal do Presente).

b) "Se tivesse tido dinheiro, teria comprado aquêle livro" (Irreal do Pretérito).

3) "Caso tenha dinheiro, compro talvez aquêle livro"
"Se tiver dinheiro, pode ser que compre aquêle livro"
"Se tivesse dinheiro, poderia comprar/compraria aquêle livro" } (Potencial)

Antes de mais nada, devemos frisar que, do ponto de vista gramatical, a questão importante não é a de saber se a condição está de acôrdo, ou não, com a realidade objetiva: averiguar se o autor de uma frase mentiu ou se enganou, é assunto próprio do filólogo ou do historiador. Ao gramático como tal interessa apenas conhecer os meios formais, isto é, lingüísticos de que se serve um autor para exprimir (ou para esconder!) seu pensamento. No caso das construções condicionais ou hipotéticas, isto quer dizer que devemos saber quais são os meios lingüísticos que o latim põe ao dispor de um autor para êle poder apresentar uma condição. Estabelecido êsse princípio, podemos dizer agora:

1) O Real (o têrmo é tradicional, mas enganador) faz abstração da realidade ou da irrealidade da condição, contida na cláusula (a chamada *prótase*), mas diz simplesmente que, cumprida a condição, com tôda a certeza se dá um segundo

fato, contido na oração principal (a chamada *apódose*). A frase: "Se tenho dinheiro, compro livros", não significa necessàriamente que eu tenha, de fato, dinheiro; admite-se apenas, provisòriamente, esta hipótese, mas se se der o fato de eu ter dinheiro, dar-se-á com certeza também o fato de eu comprar livros.

2) O Irreal apresenta a condição como estando em desacôrdo com a realidade; o português usa, na prótase, o Subj. do Impf. (Irreal do Pres.) ou o Subj. do Msqupf. (Irreal do Passado); na apódose, o Condicional simples (Irreal do Presente), ou o Condicional Composto (Irreal do Pretérito). A frase: "Se tivesse dinheiro, compraria aquêle livro", pode fàcilmente ser completada desta maneira: "Mas não tenho dinheiro, e por isso não compro livros"; a frase: "Se tivesse tido dinheiro, teria comprado aquêle livro" pode ser completada: "Mas não tinha dinheiro, e por isso não comprei aquêle livro". Por êsses dois exemplos vê-se claramente que minha intenção nas duas frases é a de apresentar a condição "de ter dinheiro" como contrária aos fatos reais, e que a primeira, apesar do emprêgo do Impf., se refere a uma situação atual, ao passo que a segunda se refere a uma situação no pretérito.

3) O Potencial apresenta a condição como mera possibilidade ou "hipótese"; ao passo que, no Real e no Irreal, existia uma relação certíssima entre a afirmação da prótase e a da apódose, essa relação se torna precária no Potencial. Na frase: "Se tiver dinheiro, pode ser que eu compre aquêle livro", quase tudo é incerto: não sei se terei o dinheiro ou não; e mesmo que o tenha, não sei ainda se comprarei aquêle livro ou não. O português, ao contrário do grego e do latim, não possui uma forma bem definida para exprimir o Potencial (cf. § 56, II), podendo servir-se de vários meios, nenhum dos quais, é o exato equivalente do Potencial nos idiomas clássicos. Algumas traduções se aproximam bastante do Irreal (p. e.: "Se tivesse dinheiro, *poderia comprar/compraria* aquêle livro"), e outras se aproximam do Real (p. e.: "Se tiver dinheiro, comprarei *talvez* aquêle livro"). É impossível formular regras exatas: só a plena compreensão do texto e o perfeito domínio da língua vernácula poderão dar uma segura orientação ao tradutor.

§ 158. **As três construções em latim.** — Vejamos agora como o latim exprime essas três maneiras de apresentar uma condição.

I. ***O Real.*** O modo do Real é o Ind., na prótase e na apódose. Os tempos correspondem, globalmente falando, aos que são usados em português, mas note-se que o latim marca com maior precisão do que as línguas modernas a anterioridade (sobretudo pelo Msqupf. e pelo Fut. Pf.) e que, por outro lado, não possui uma forma equivalente ao Subj. Fut. do português. Exemplos:

Si pecuniam habeo, libros emo	Se tenho dinheiro, compro livros
Si pecuniam habebo, libros emam	Se tiver dinheiro, comprarei livros
Si pecuniam habebam, libros emebam	Se tinha dinheiro, comprava livros
Si quid novi audiero, tibi narrabo	Se ouvir (lit.: tiver ouvido) uma notícia, contar-te-ei
Si quid novi audierat, mihi narrabat	Se ouvia (lit: tinha ouvido) alguma notícia, contava-ma

Nota. Encontrando-se na apódose um Subj. êste deve ser interpretado como optativo ou voluntativo, p. e.: *Si amicus tuus hic manere non vult, abeat!* = "Se teu amigo não quer ficar aqui, que vá embora!"

II. ***O Irreal.*** O modo do Irreal é o Subj. na prótase e na apódose; o tempo do Irreal do Presente é o Impf., o do Irreal do Passado é o Msqupf. na prótase e na apódose. Como em português, pode haver desigualdade de tempo nas duas proposições. Exemplos:

Si pecuniam haberem, illum librum emerem	Se tivesse dinheiro, compraria aquêle livro
Si pecuniam habuissem, illum librum emissem	Se tivesse tido dinheiro, teria comprado aquêle livro
Nisi pecuniam amisissem, illum librum emerem	Se não tivesse perdido meu dinheiro, compraria aquêle livro
Si dives essem, plures libros emissem	Se fôsse rico, teria comprado mais livros

Nota. Os verbos e as locuções que exprimem possibilidade, conveniência ou obrigação (cf. § 54, I), quando ocorrem na apódose de uma construção condicional, podem ir para o Subj., mas muitas vêzes estão também no Ind. (Impf. ou Msqupf.), p. e.:

Si magis pius esses, eum patris loco colere debebas/debueras	Se fôsses mais respeitoso, deverias venerá-lo (ou: deverias tê-lo venerado) como um pai

III. ***O Potencial.*** O modo do Potencial é o Subj.; os tempos usados são o Pres. e o Pf. na prótase e na apódose,

sem nenhuma diferença entre os dois (cf. § 56, II), pelo menos em prosa clássica. Exemplo:

Si pecuniam habeam/habuerim, illum librum emam/emerim	Se tiver dinheiro, pode ser que eu compre aquêle livro

Notas.

1) O Potencial latino, ao contrário do Potencial grego, não é um modo muito vivo na época clássica; por isso mesmo, tende a confundir-se com um certo tipo do Real: a apódose está no Ind. (muitas vêzes, Ind. do Fut. Impf.), e a prótase no Subj. Esta construção é bastante comum com *nisi*. Exemplos:

Sapiens non dubitat, si ita melius sit, migrare de vitā	O sábio não hesita em renunciar à vida, se isso fôr melhor
Memoria minuitur, nisi eam exerceas (cf. § 41, II, 4)	A memória diminui, a não ser que seja exercida
Si hoc dicat/dixerit, errat (ou: *errabit*, cf. § 46, III)	Se êle disser isso, engana-se (ou: enganar-se-á)

2) Além do Potencial do Presente, que já vimos, o latim possui também o Potancial do Passado (cf. § 56, II), muito pouco usado em prosa clássica. Quanto à forma, o Potencial do Passado não se distingue do Irreal do Pres. (Subj. do Impf. na prótase e na apódose), p. e.:

Si pecuniam haberem, illum librum emerem	Se tivesse tido dinheiro, eu poderia ter comprado aquêle livro*

§ 159. **Particularidades.** — I. ***A construção perifrástica.*** O Subj. do Msqupf. na apódose de uma construção condicional no Irreal, pode ser substituído pelas formas da conjugação perifrástica do tipo: *empturus fui*. Exemplo:

Si pecuniam habuissem, illum librum empturus fui	Se tivesse tido dinheiro, teria comprado aquêle livro

Esta construção é muito importante para a oração indireta, cf. § 257, VI, 2.

II. ***O Indicativo pelo Subjuntivo.*** 1) Em português, sobretudo na linguagem coloquial, é muito comum dizer-se: "Se tivesse dinheiro, *comprava* aquêle livro", e: "Se tivesse tido dinheiro, *tinha comprado* aquêle livro". Esta substituição do Condicional pelo Ind. no Irreal é muito expressiva, porque frisa enfàticamente a realidade da conseqüência na apódose, se a condição expressa pela prótase se tivesse realizado. A construção existe também em latim. A prosa clássica usa-a relativamente poucas vêzes, e sempre como recurso estilístico; na época imperial (Sêneca, Tácito!), a construção se torna muito freqüente. Exemplos:

Labebar longius, nisi me retinuissem	Se não me tivesse segurado, tinha escorregado muito mais
Praeclare viceramus, nisi Lepidus Antonium recepisset	Se Lépido não tivesse acolhido Antônio, tínhamos alcançado uma bela vitória

2) Em prosa clássica, o emprêgo do Ind. do Pf. (não do Impf.) é regra geral com *paene* ("quase") na apódose do Irreal, p. e.:

Paene vir iste me decepit (menos usado: *deceperat*), *nisi tu adfuisses*	Se tu não tivesses estado presente, êsse homem quase que me teria enganado

3) Nas frases do tipo: *Labebar longius, nisi me retinuissem,* temos uma espécie de elipse: "Eu já estava escorregando (e teria escorregado) muito mais ainda, se não me tivesse segurado". Com o tempo, não se tinha mais a consciência da elipse (originada pelo desejo de se exprimir com plasticidade), e o Ind. se tornou o concorrente do Subj. na apódose.

4) Quanto a *posse, debēre,* etc. na apódose, cf. § 158, II, nota. O que foi dito lá a respeito do Irreal, refere-se também ao Potencial, só que o tempo é o Pres., p. e.:

Tamen ei, si patrem accuset, possim/possum ignoscere	Contudo, se êle acusar seu pai, poderia eu perdoá-lo

III. ***O Irreal incompleto.*** Muitas vêzes acontece que uma construção "irreal" não vem sendo completada por uma cláusula (prótase). Neste caso, subentende-se com facilidade a prótase, ou então, se usa uma locução restritiva (geralmente a preposição *sine* ou *absque,* cf. § 125). Exemplos:

Sine amicitiā vita tristis esset	Sem amizade, a vida seria triste (= Se não houvesse amigos, a vida seria triste)
Amicus meus numquam te offendisset	Meu amigo nunca te teria ofendido (= Se a pessoa em aprêço fôsse meu amigo, nunca te teria ofendido)
Ebrius es; neque enim umquam hoc sobrius faceres	Estás bêbedo; pois, (estando) sóbrio, nunca farias isto (= "se estivesses sóbrio, nunca farias isto")

§ 160. **As conjunções condicionais.** — As conjunções condicionais apresentam algumas particularidades, das quais estudaremos as mais importantes neste parágrafo.

I. ***"Nisi" e "Si non".*** 1) — A negação expressa pela conjunção *nisi,* afeta a prótase na sua totalidade; *si non* refere-se a uma única palavra dentro da prótase. Exemplos:

Opprimemur ab hoste, nisi mox abibimus	Seremos surpreendidos pelo inimigo, a não ser que partamos/se não partirmos logo
Se non ipsi abibimus, at certe/saltem permittite filium meum Romam mitti	Se nós mesmos não fôrmos, permiti ao menos que meu filho seja mandado a Roma

Nota. Na apódose correspondente a uma prótase iniciada por *si non*, encontra-se muitas vêzes: *at certe/saltem:* "em todo o caso, ao menos", etc.

2) "NI". — *Ni* não é forma contrata de *nisi*, como antigamente se supunha, mas forma composta da antiga negação *nĕ*, reforçada com *-i* (o mesmo *-i* encontra-se também na declinação de certos pronomes, p. e.: *haec* < *ha-i-ce*). Só devido ao seu emprêgo freqüente em oposição a *si*, adquiriu o significado de "se não" = *nisi* (cf. em português: "não fôsse assim" = "se não fôsse assim", em latim: *ni ita esset*). A prosa clássica prefere, em geral, *nisi*, menos em algumas expressões fixas, p. e.: *ni ita est/sit/esset*, e: *ni ita se res haberet* (:"não fôsse assim").

3) "NISI VERO/FORTE". — Esta locução é usada em prótases negativas que exprimem sentimentos de ironia, sarcasmo, etc. O modo é sempre o Ind. Exemplos:

Nemo fere saltat sobrius, nisi forte insanit	Quase ninguém, estando sóbrio, dança, a não ser que esteja louco
Omnes consentiunt scelus esse civem Romanum ab Urbe prohibere. Nisi vero existimatis Ciceronem civem non esse	Todos concordam que é criminoso manter afastado da Cidade um cidadão romano. Ou crêdes talvez que Cícero não seja cidadão ?

4) "NISI" COMO ADVÉRBIO. — Depois de frases negativas e perguntas com tendência negativa, *nisi* passa a significar: "exceto": a mesma evolução se deu, em português, com as palavras "a não ser" e "senão". Muito freqüente é o emprêgo de *non nisi*, ou *nonnisi*, no sentido de "sòmente, apenas". Mais tarde, *nisi* (principalmente em combinação com a conjunção *quod* ou *ut*), encontra-se também em frases positivas, com o significado de: "exceto, salvo", etc. Exemplos:

Nulli abierunt, nisi quibus mandatum erat	Ninguém foi embora, exceto os que tinham recebido ordem
Ea res quid est aliud nisi parricidium? (=nihil est aliud nisi)	Que é isso senão parricídio ?

Omnes abierunt nisi qui cives Romani erant	Todos foram ambora, exceto os cidadãos romanos
Ex omnibus libris meis nonnisi paucos in villā meā reliqui	De todos os meus livros deixei só poucos na minha chácara
Haec villa valde me delectat, nisi quod me aere alieno obruit	Esta chácara me agrada muito, só que me encheu de dívidas

Notas.

1) Quanto a *nisi* com particípio, cf. § 25, II, 1.

2) Os romanos, esquecidos de que a palavra *nisi* era composta de *si*, usavam muitas vêzes a combinação pleonástica *nisi si:* "se não", ou: "a não ser que" (principalmente na comédia e na linguagem vulgar).

5) "Quod si" ou "Quodsi". — Cf. § 210, I, 1.

6) "Si" em perguntas indiretas. — Cf. § 64, I, nota 4.

II. ***"Sive/seu".*** — Cf. § 54, III, onde se fala da correlação *sive/seu... sive/seu* (= "quer...., quer"); mas *sive* não precisa ocorrer necessàriamente em correlação, significando simplesmente, conforme sua origem etimológica: "ou se" (= *vel si*); e afinal, pode estar também por *vel* ou *aut* (= "ou"). principalmente na combinação *sive potius* = "ou antes/melhor", Em todos êsses casos, é combinado com o Ind. Exemplos:

Postulo, sive aequum est, oro te	Peço-te, ou — se é conveniente — suplico-te
Ex urbe discessit, sive potius fugit	Saíu da cidade, ou melhor, fugiu

Notas.

1) Encontram-se também correlações dos seguintes tipos: *sive ..... sive ..... sive; seu ..... aut; sive ..... an; si ..... sive,* Cf. § 65, I, nota 3.

2) *Sive,* ocorrendo numa pergunta indireta ou numa cláusula dependente de um verbum conandi, pede o Subj., p. e.: *Caesar conatus est sive castra hostium sive impedimenta eorum capere posset* = "César tentou apoderar-se do acampamento ou da bagagem dos inimigos". —

III. ***"Dum, dummodo, modo".*** — Estas três conjunções introduzem uma cláusula condicional de valor final: "contanto que, desde que, sempre que", etc.; o modo é o Subj. (optativo ou voluntativo); os tempos são, geralmente, o Pres. e o Impf. (cf. § 144, I); a negação é *ne.* Exemplos:

Oderint, dum metuant (cf. § 57, IV)	Que êles odeiem, contanto que temam!

Veni celeriter Romam, dummodo ne hoc iter valetudini tuae obsit	Vem depressa a Roma, contanto que esta viagem não seja prejudicial para tua saúde
Cicero uxorem Romam ire voluit, modo hoc iter valetudini ejus ne obesset	Cícero quis que sua espôsa fôsse a Roma, com a condição de que esta viagem não lhe prejudicasse a saúde

Notas.

1) *Modo* é advérbio e quer dizer: "apenas, sòmente"; muitas vêzes é combinado também com o Imp. em expressões do tipo: *I modo!*, e *Fac modo videas!*

2) *Si modo* quer dizer: "se é que", p. e. na frase:

Si modo sapit, tecum non abibit	Não irá contigo, se é que tem juízo

3) *Modo non* quer dizer: "quase", p. e.: *modo non omne genus humanum* = "quase todo o gênero humano".

IV. ***"Sin", etc.*** — Uma segunda prótase condicional, sendo positiva, vem muitas vêzes introduzida pela partícula *sin* ou *sin autem;* sendo ela negativa, usa-se geralmente *si(n) minus/aliter*, sobretudo em prótases elípticas. Exemplos:

Si manebimus, opprimemur ab hoste; sin (autem) abibimus, increpabimur a sociis	Se ficarmos aqui, seremos surpreendidos pelo inimigo; (mas) se partirmos, seremos censurados pelos aliados
Si abibimus, omnes abibimus; si minus/sin aliter, nemo abibit	Se fôrmos, todos nós iremos; senão /caso contrário, ninguém irá

V. ***"Absque".*** — Cf. §125.

CLÁUSULAS CONCESSIVAS

§161. **As conjunções compostas com si.** — I. ***Cláusulas condicionais e concessivas.*** Cláusulas condicionais adquirem, às vêzes, o matiz de uma cláusula concessiva ou adversativa, em português bem como em latim, p. e.: *Si tecum illo tempore de consulatu petendo consensi, nunc tecum consentire non debeo de conjuratione reprimendā* = "Se naquele tempo concordei contigo acêrca da candidatura ao consulado, não preciso (por isso) concordar contigo agora no que diz respeito à repressão da conjuração", o que equivale mais ou menos a esta frase: "Embora tenha concordado naquele tempo ....., não preciso concordar agora.....".

Para realçar mais o caráter concessivo ou adversativo de uma cláusula, introduzida por *si*, o latim emprega geralmente *etsi*, *tametsi* (< *tamen etsi*) e *etiamsi*. Com essas três conjunções são possíveis as três construções de cláusulas condicionais: o Real, o Irreal e o Potencial. Entretanto podemos verificar que, em prosa clássica, *etsi* e *tametsi* pedem geralmente o Real (= Ind.) e só poucas vêzes admitem o Potencial (= Subj. Pres. ou Pf.) e ràramente o Irreal (= Subj. do Impf. ou Msqupf.); por outro lado, *etiamsi* pede quase sempre o Potencial ou o Irreal, admitindo só raras vêzes o Real. Na oração principal, encontramos freqüentemente uma partícula adversativa, p. e. *tamen*, *attamen*, *nihilominus* (cf. § 84, IV), (*at*) *certe/saltem*: "contudo, todavia, não obstante, em todo o caso", etc. Exemplos:

Etsi/Tametsi pauper est, tamen vir probus est (Real)	Apesar de ser pobre, é homem honesto
Cogam eum abire, etiamsi nolit (Pot).	Forçá-lo-ei a sair, mesmo que não queira
Etiamsi dux obtemperasset auspiciis, illa clades evenisset (Irreal)	Mesmo que o general tivesse obedecido aos agouros, aquela catástrofe se teria dado
Etsi aliquā culpā tenemur, a scelere certe liberati sumus (Real)	Embora tenhamos certa culpa, em todo o caso estamos isentos de crime

II. ***Observação.*** *Etsi* e *tametsi* podem ser usados também para introduzir um novo período: neste caso, corrigem o conteúdo do período anterior, ou lhe restringem o vallor: "aliás, contudo, porém", etc. Exemplo:

Do poenas temeritatis meae. Etsi quae fuit temeritas illa?	Estou sendo castigado por minha temeridade. Mas, afinal/Aliás, que foi essa temeridade?*

§ 162. **Outras conjunções.** — Outras conjunções concessivas são *quamquam* (I), *quamvis* (II), *licet* (III), *ut* (IV) e *cum* (V).

I. ***Quamquam.*** Esta conjunção, originàriamente o advérbio relativo indefinido de *quam* (cf. § 166, I, 3), rege em geral o Ind. em prosa clássica; conforme sua origem deveria indicar grau ou intensidade ("por mais/menos . . . que") de adj. e de adv.; no entanto, usa-se quase sempre em sentido meramente concessivo ("ainda que, embora, apesar de que", etc.), referindo-se ao predicado. O emprêgo do Ind. se explica pela

regra formulada no § 54, II. Também aqui encontramos muitas vêzes uma partícula adversativa na oração principal, principalmente *tamen*. Exemplo:

Quamquam pauper est, tamen vir probus est	Apesar de ser pobre, (contudo) é homem honesto
Quamquam sciebat hostes adesse, tamen tranquille dormivit	Embora soubesse que os inimigos estavam próximos, dormiu sossegadamente

Notas.

1) *Quamquam*, como também *etsi* e *tametsi*, vieram a ser combinados com o Subj. de subordinação na época imperial.

2) Em prosa clássica, a função de "por mais/menos.... que" é geralmente exercida, não por *quamquam*, mas por *quamvis*.

II. ***Quamvis.*** Esta conjunção ("por mais/menos... que") refere-se quase sempre a um adj. ou a um adv. para lhe indicar o grau mais alto possível; só poucas vêzes refere-se ao predicado ("ainda que, embora", etc. = *quamquam*). Na primeira hipótese, *quamvis* pede o Subj. (concessivo); na segunda, o Ind. (cf. *quamquam*). Na oração principal encontra-se muitas vêzes um advérbio adversativo, sobretudo *tamen*. Exemplos:

Quamvis dives sit, felix non est	Por mais rico que seja, não é feliz
Quamvis prudenter feceris, multi cives te vituperant	Por mais prudentemente que tenhas procedido, muitos cidadãos te censuram
Miltiades rex erat, quamvis carebat nomine regio	Milcíades era rei, embora não tivesse o título de rei

Notas.

1) Mas *quamvis* pede o Subj. em combinação com aquêles verbos que admitem vários graus de intensidade, p. e. *florēre, placēre, probare*, etc. Exemplo:

Quamvis mihi res non placeat, tamen non repugno	Embora a coisa me agrade muito pouco, não faço oposição

2) Ao lado de *quamvis*, ocorre também *quantumvis* (quase sempre adv.) com o sentido de: "quanto fôr que queiras" > "o mais.... possível"; também se encontra *quamvis/vultis* com o mesmo sentido. Exemplos:

Commisit scelus quamvis/quamvultis /quantumvis improbum (cf. § 227, II, 3)	Cometeu o crime mais perverso possível

3) *Quamvis, quamquam, etsi* e *licet* são muitas vêzes combinados com um particípio, cf. § 25, II, 3.

III. ***Licet.*** Esta conjunção, sempre combinada com o Subj., é no fundo a forma cristalizada de *licet* ("é lícito") que admite o Subj. permissivo sem *ut* (cf. § 146, I). Exemplo:

Licet omnes fremant, dicam quod sentio	Ainda que/Mesmo que todos protestem, direi o que penso

IV. ***Ut.*** Ao Subj. permissivo ou concessivo (cf. § 57, II-III) pode acrescentar-se a partícula *ut* (cf. a anotação histórica, pag. 388); com o tempo, esta partícula começou a ser considerada como conjunção concessiva: "pôsto que". Exemplo:

Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas	Pôsto que as fôrças sejam insuficientes, a boa vontade é louvável

Nota. Quanto ao emprêgo de *ut .... ita* com valor adversativo, cf. § 211, I, 1b.

V) ***Cum.*** *Cum* concessivo, em prosa clássica sempre combinado com o Subj. (de subordinação), explica-se pela função temporal de *cum.* A frase portuguêsa: "Enquanto os pais trabalhavam, os filhos gastavam" = "Ao passo que os pais trabalhavam, os filhos gastavam", possui certo valor adversativo, o qual não deriva diretamente da conjunção "enquanto" ou "ao passo que" (pelo menos, não inicialmente), mas da oposição que existe entre "trabalhar" (= "ganhar dinheiro") e "gastar". Daí se originar o valor concessivo: "Ao passo que eu fiz tudo para convencê-lo, êle não me quis compreender" "Embora eu fizesse tudo......, não me quis compreender". A *ut* concessivo corresponde, na frase principal, quase sempre *tamen* ou outra partícula adversativa, para distinguir esta função de *cum* das demais. Exemplo:

Socrates, cum facile fugere posset, tamen in carcere manere maluit	Embora Sócrates pudesse fàcilmente fugir, preferiu ficar no cárcere

VI. ***Observação.*** Também *quamquam* é muitas vêzes usado para introduzir um novo período, corrigindo o conteúdo do período anterior ou restringindo-lhe o valor (cf. § 161, II): "aliás, contudo, porém", etc. Exemplos:

Quamquam quid loquor?	Mas por que estou falando?
Quamquam quid te doceam?	Aliás por que te ensinaria?

Nota. *Quamquam* é sobretudo empregado assim para introduzir uma objeção às palavras anteriores ditas pela mesma pessoa.

CLÁUSULAS COMPARATIVAS

§ 163. **Os diversos tipos de cláusulas comparativas.** — As cláusulas comparativas podem ser divididas em cláusulas simples (I) e cláusulas comparativas condicionais (II).

I. ***Cláusulas simples.*** Temos quatro espécies:

1) Comparação de igualdade, p. e.: "Continua *como* (= do mesmo modo que) começaste!"

2) Comparação de quantidade, grau e de qualidade, p. e.: "Nunca vi tantos livros *quantos/como* há em tua casa" (quantidade); "Não é tão inteligente *quanto/como* parece" (grau ou intensidade); "É tal *qual/como* seu pai" (qualidade).

3) Comparação de superioridade e de inferioridade, p. e.: "Êle é mais alto *do que* seu pai" (superioridade); "Êle é menos alto do que seu pai" (inferioridade).

4) Comparação de identidade e de diferença, p. e.: "Agora êle diz a mesma coisa *que* eu sempre disse" (identidade); "Diz agora outra coisa *que não a que* costuma dizer", ou melhor: "Diz agora coisa diferente do que costuma dizer" (diferença).

II. ***Cláusulas comparativas condicionais.*** Cláusulas comparativas condicionais são, em português, introduzidas pela conjunção composta: "como se", p. e. "Êle se comporta *como se* fôsse dono da casa", e: "Êle se comportou *como se* tivesse matado o cônsul". Como se vê por êsses exemplos, o modo é o Subj., o que se explica pelo fato de têrmos aqui o Irreal: "Êle se comporta (de tal forma) *como* (seria natural) *se* fôsse dono da casa".

III. ***Observação.*** A maior parte das cláusulas registradas acima não são cláusulas "conjuncionais", e sim, "relativas", p. e.: "Nunca vi tantos livros quantos há em tua casa"; apesar de êste tipo de cláusulas fugir do nosso assunto, que é o estudo das cláusulas conjuncionais, trataremos delas no § 164.

§ 164. **Cláusulas simples.** — Na mesma ordem do parágrafo anterior, podemos estudar agora as diversas construções latinas.

I. ***Comparação de igualdade.*** As partículas mais usadas são *ut* e *sicut;* também ocorre *quemadmodum;* menos freqüente,

em prosa clássica, é *velut* ou *tamquam*. A tradução portuguêsa é: "como, do mesmo modo que", etc. Na oração principal encontramos muitas vêzes um advérbio (cf. em português: "assim"), tais como: *ita, sic, eodem modo, item, eum in modum*, etc. O modo é o Ind.; o latim marca com grande precisão a anterioridade. Exemplos:

Est (ita) ut dicis	É (assim) como dizes
Ut/Sicut sementem feceris, ita metes	Assim como semeares (lit.: tiveres semeado), assim colherás
Omnia comperit, sicut pater dixerat	Encontrou tudo como o pai disse (lit.: tinha dito)

Notas.

1) À locução adverbial *eodem modo* corresponde *quo*, cf. *infra*, IV, nota.

2) Algumas funções especiais de *ut* serão estudadas no § 211, I, 1.

II. ***Comparação de quantidade,*** etc. Ao passo que, em português, sempre se pode usar a partícula "como" para introduzir tal cláusula, o latim emprega as palavras correlativas (adj. e adv.), p. e.: *tot* ..... *quot* ("tantos... quantos"); *tantus* ..... *quantus* ("tão grande .... como"); *tam* .... *quam* ("tão ..... como"); *talis* ..... *qualis* ("tal ..... qual"); *tantum* .... *quantum* ("tão muito .... como") *totiens* .... *quotiens* ("tôdas as vêzes que"), etc. O modo é o Ind.; reparem bem no emprêgo do tempo relativo. Exemplos:

Tot libros emit quot portare potuit	Comprou tantos livros quantos pôde carregar
Tantum vini bibit quantum potuit	Bebeu tanto vinho quanto pôde
Filius non est tam sollers quam fuit pater	O filho não é tão inteligente como foi o pai

Nota. Precedendo a cláusula relativa à oração principal, geralmente se omite o demonstrativo (*tot, tantum, tam*, etc.), p. e.: *Quot libros portare potuit, (tot) emit; Quantum vini potuit, (tantum) bibit*; etc.

III. ***Comparação de superioridade.*** A partícula usada é *quam;* também se pode usar o abl. de comparação, quando os têrmos da comparação estiverem no nom. ou no ac. (cf. § 82, III). O modo normal é o Ind.; depois de *potius quam* (às vêzes, *potius quam ut*) segue-se o Subj. (Potencial). Exemplos:

Petrus major est quam Antonius / *Petrus Antonio major est*	Pedro é mais alto do que Antônio
Consul omnia ferre vult/voluit potius quam (ut) patriam prodat/proderet	O cônsul prefere/preferiu suportar tudo a trair a pátria

Nota. *Potius quam* admite também a construção com o Inf., p. e.: *Consul omnia ferre voluit potius quam patriam prodere.* Em vez de *voluit* poderíamos usar também *maluit* ("ploonasmo").

IV. ***Comparação de identidade,*** etc. Em comparações de identidade, as partículas mais usadas são *et, ac* e *atque* (cf. § 201), p. e.: *idem et/ac/atque* ("o mesmo que"); do mesmo modo podem ser construídos também os advérbios *aeque, pariter, perinde, proinde* e *similiter* ("do mesmo modo que") *Atque/ac/et* podem ser usados também em comparações de diferença, p. e.: com o adj. *alius* e com os adv. *aliter* e *secus* (= *setius*), mas, neste caso, *atque/ac* é muitas vêzes substituído por *quam* (sob a influência da construção de comparações de superioridade); sendo negativa ou de tendência negativa a oração principal, a partícula é geralmente *nisi* (cf. § 160, I, 4). Exemplos:

Eundem librum legi et/atque/ac tu (legisti)	Li o mesmo livro que tu (lêste)
Eodem modo pergam et/atque/ac incepi	Continuarei do mesmo modo que comecei
Secus/Aliter perfecit opus atque/, quam inceperat	Terminou a obra de modo diferente do que a começou (lit.: começara)
Nihil aliud quam/nisi hoc dicere volui	Não quis dizer nenhuma outra coisa senão isto, ou: Não quis dizer nada senão isto

Nota. *Idem* pode ser combinado também com o pron. rel. *qui*, etc. (= *atque/ac*) p. e. *Eundem librum legi quem tu; Eodem modo pergam quo incepi,* etc.

§ 165. **A comparação condicional.** — As conjunções mais usadas são: *tamquam* (raro: *tamquam si*), *quasi, perinde/proinde ac si, (vel)ut* ou *(vel)ut si* ("como se").

I. ***A construção do Irreal.*** Em cláusulas comparativas condicionais a construção normal deve ser a do Irreal (cf. § 163, II). Com efeito, encontramo-la, principalmente com aquelas em que *si* aparece isolado: o modo será, portanto, o Subj., e os tempos serão o Impf. e o Msqupf. Exemplos:

Vir iste me odit velut si proditor patriae essem (Irreal do Pres.)	Êsse homem me odeia, como se eu fôsse um traidor à pátria
Vir iste me oderat velut si patriam prodidissem (Irreal do Pretérito)	Êsse homem me odiava, como se eu tivesse traído a patria.

II. ***A consecutio temporum.*** Mas com as outras conjunções, p. e. *tamquam, quasi,* etc., o latim segue geralmente as regras da "consecutio temporum", regras que já encontramos no capítulo relativo às perguntas indiretas (cf. § 64, III). Depois de um tempo primário na oração principal, emprega-se o Subj. do Pres. para exprimir simultaneidade, e o Subj. do Pf. para exprimir anterioridade; depois de um tempo secundário na oração principal, emprega-se o Subj. do Impf. para exprimir simultaneidade, e o Subj. do Msqupf. para exprimir anterioridade. Exemplos:

Vir iste me odit, quasi proditor patriae sim (simult.)	Êsse homem me odeia, como se eu fôsse traidor à pátria
Vir iste me odit, quasi patriam prodiderim (ant.)	Êste homem me odeia, como se eu tivesse traído a patria
Vir iste me oderat, quasi proditor patriae essem (simult.)	Êsse homem me odiava, como se eu fôsse traidor à pátria
Vir iste me oderat, quasi patriam prodidissem (ant.)	Êsse homem me odiava, como se tivesse traído a pátria

III. ***Observações.*** 1) A distinção formulada acima não tem o caráter de uma regra rigorosa: na realidade, as duas construções influenciam-se mùtuamente de modo que nos textos clássicos se encontram inúmeras exceções, impossíveis de reduzir a um esquema simplificador.

2) *Quasi vero* usa-se muitas vêzes no comêço de frases independentes de intenção irônica ou sarcástica, p. e.:

Hic vir legem rogare (§ 74, IV, nota 2) *ausus est ut cum Carthaginensibus foedus faceremus. Quasi vero nesciamus Poenis nullam fidem inesse!*	Êste homem atreveu-se a propor uma lei no sentido de nos aliarmos aos cartagineses. Como se ignorássemos que os púnicos não têm nenhuma lealdade!

3) *Tamquam* e *quasi* são empregados também em certas outras funções:

a) para introduzir uma cláusula integrante depois de alguns tipos de verbos, tais como: *dicĕre, respondēre, accusare, vituperare, laudare, simulare, timēre,* etc. Neste caso, a partícula salienta o caráter subjetivo do conteúdo da cláusula (latim arcaico e pós-clássico). Exemplos:

Simulabo quasi non videam eum	Farei de conta que não o vejo
Respondit tamquam uxor sponte mortem sibi sumpsisset	Respondeu que sua mulher se tinha suicidado (mas o autor não endossa a verdade dessa resposta)

b) para introduzir uma cláusula causal cujo conteúdo não é endossado como verdadeiro pelo autor: "sob o pretexto de, alegando que", etc. (latim pós-clássico). Cf. § 150, II, 2, nota 2. Exemplos:

In exsilium agitur quasi principi insidiaretur	Êle foi banido sob o pretexto de armar uma cilada ao Imperador

c) para realçar o valor comparativo condicional de um particípio, cf. § 25, II, 5.

4) Às vêzes, encontra-se *quasi si* (cf. *nisi si*, § 160, I, 4, nota 2) e *tamquam si*, etc

B) CLÁUSULAS RELATIVAS

§ 166. **Cláusulas adjetivas.** — Sôbre as cláusulas relativas puramente adjetivas podemos ser breves, visto que apresentam poucas dificuldades ao leitor de textos clássicos; neste parágrafo trataremos ràpidamente dos conectivos relativos, dos modos e dos tempos, e do emprêgo de *id quod*, deixando certas particularidades para outro capítulo; no parágrafo seguinte, estudaremos a chamada conexão relativa; finalmente, pretendemos falar das cláusulas relativas com certo valor adverbial.

I. ***Os conectivos.*** Cláusulas relativas são introduzidas por pronomes/adjetivos ou por advérbios relativos; as duas categorias de conectivos podem ser relativos definidos ou indefinidos.

1) Definidos. Quanto à forma, os pronomes e advérbios relativos são iguais aos seus correspondentes interrogativos(1), como também em português. Damos aqui os seguintes exemplos:

qui	que, o qual, quem	*quantus*	quanto, como(2)
qualis	qual, como(2)	*quot*	quantos(2)
quantum	quanto, como(2)	*quo*	aonde, para onde
ubi	onde	*unde*	donde
quā	por onde, aonde, de que modo, como	*ut*	como(3)

(1) Só o relativo *qui* diferencia-se do interrogativo *quis*, mas cf. § 62, I, 1.
(2) Cf. § 164, II.
(3) Cf. § 211, I, 1.

2) INDEFINIDOS. Quase todos os pronomes/adjetivos e advérbios relativos possuem, além da forma definida, também a forma indefinida: esta é formada, ou pelo acréscimo do sufixo invariável *-cumque* ao relativo definido, ou então pela repetição do mesmo; em geral, o latim prefere a primeira formação. Exemplos:

quisquis(1) *quicumque*	seja quem fôr	*quoquo* *quocumque*	aonde quer que seja
quotquot *quotcumque*	sejam quantos fôrem	*ubicumque* *ubiubi* (raro)	onde quer que seja

II. ***Modos e tempos.*** O modo de cláusulas relativas puramente adjetivas é o Ind. que o é também das cláusulas introduzidas por um pronome ou advérbio indefinido (cf. § 54, II). O emprêgo dos tempos coincide, geralmente, com o do português, só que o latim marca com maior precisão a anterioridade, principalmente pelo Msqupf. e pelo Fut. Pf. Exemplos:

Domus in quā habitas, pulchra est	A casa em que moras, é bonita
Domus quam emisti, pulcherrima est	A casa que compraste, é muito bonita
Caesar interfecit omnes transfugas, quos invenerat in opido capto (cf. § 44, I,2)	César matou todos os desertores que encontrou (lit.: tinha encontrado) na cidade conquistada
Quidquid audiero, ad te scribam	Qualquer coisa que ouça/ouvir (lit.: tiver ouvido), escrever-te-ei

III. ***O emprêgo de "id quod".*** O latim emprega *id quod*, quando o antecedente não é uma única palavra, mas uma frase ou cláusula inteira, p. e.:

Socrates a civibus suis ut venenum biberet coactus est, id quod Atheniensibus summo dedecori est	Sócrates foi forçado por seus concidadãos a tomar veneno, o que constitui grande desonra para os atenienses

§ 167. **A conexão relativa.** — O latim literário gosta muito de ligar estreitamente dois períodos entre si mediante um pronome/adjetivo ou advérbio relativo (definido): é a

(1) *Quisquis* ocorre quase exclusivamente nas formas: *quisquis, quemquem* (raro) e *quidquid* (= *quicquid*); usado como relativo, principalmente nas formas *quoquo* e *quāquā* (p. e. *quoquo tempore; quāquā horā*, etc.). — *Quicumque* (subst. e adj.) pode ocorrer em tôdas as formas (sing. e pl.).

chamada "conexão relativa", elemento estilístico que dá um caráter monumental a tantas páginas na obra de César, Cícero e Tito Lívio. As línguas modernas podem imitar esta construção só até certo ponto (geralmente, podem empregar apenas a conexão "simples", e também esta em escala bem menor do que o latim), mas preferem, por via de regra, "desmembrar" o relativo numa conjunção coordenativa e num demonstrativo. A conjunção (sempre oculta) poderá ser, conforme fôr o caso, aproximativa (*et*), ou adversativa (*sed*), ou causal-explicativa (*nam*), ou então conclusiva (*igitur*), de modo que *qui*, em conexão, relativa, pode ser igual a: *et is*, *sed is*, *nam is* ou *igitur is*.

I. ***Exemplos de conexão simples.*** Os seguintes exemplos poderão dar uma idéia do emprêgo da conexão simples latim, bem como da maneira como é traduzida para o português:

Helvetii fines suos relinquere statuerunt et in Galliam proficisci. Quā re (= Et eā re) cognitā Haedui legatos ad Caesarem miserunt	Os helvécios se resolveram a deixar o seu território e a emigar para a Gália. (*E*) quando os éduos souberam *isto*, mandaram embaixadores junto a César
Centuriones nutu vocibusque hostes vocare coeperunt. Quorum (= Sed eorum) nemo progredi est ausus	Os centuriões começaram a provocar os inimigos com seus gestos e suas palavras. *Mas* nenhum *dêstes* se atreveu a avançar
Neminem magis admiror quam Socratem illum virum sapientissimum. Qui (= Nam is) morti vicinus cum amicis de immortalitate animae placide disputavit	A ninguém admiro mais do que a Sócrates, êsse grande sábio. *Pois êle*, no limiar da morte, discutiu tranqüilamente com seus amigos sôbre a imortalidade da alma
Libri Platonis omnibus perutiles sunt: quos (= eos igitur) legite studiose!	Os livros de Platão são muito úteis para todos: lêde-*os*, *pois*, com grande afinco!
Cf. *Quo facto*	*E* depois de feito *isso* (ou: *Mas*, ou: *Pois*)
Quibus (verbis) dictis	*E/Mas*, etc. depois de ter dito *isso* (ou: *essas* palavras)
Quare = Quā de causā = Quamobrem	*E/Mas/Pois* por *isso*

Nota. Sendo "neutra" a conexão relativa, isto é, sendo possível o desmembramento em *et* e demonstrativo (o que, no mais das vêzes, acontece), dispensa-se na tradução a conjunção "e" Cf. o primeiro exemplo.

II. ***A conexão complexa.*** Muitas vêzes acontece que a um pron./adj. ou adv. relativo, usado em conexão relativa, se segue outro relativo, ou uma conjunção, ou então, um conectivo interrogativo: é a chamada conexão relativa complexa. Neste caso, o primeiro relativo estabelece a ligação com o período anterior, e o segundo conectivo (seja relativo, ou conjunção, ou interrogativo) introduz uma cláusula subordinada à oração principal do segundo período. As línguas modernas são incapazes de imitar esta construção sintética do latim, e têm que desmembrar o relativo conforme as regras já indicadas acima. Exemplos:

Alexandrum magnopere admiror. Cui si (= Nam si ei) vita longior fuisset, omnis orbis terrarum paruisset	Admiro muito Alexandre. *Pois se êle* tivesse vivido mais tempo, ter-lhe-ia obedecido tôda a terra
Heri amico meo matrem repente mortuam esse nuntiavi; quod ubi (= et ubi id) audivit, dolore fractus est	Ontem participei a meu amigo que sua mãe tinha falecido de repente: *(e)logo* que êle ouviu *isto* a dor esmagou-o
Platonis libri omnibus perutiles sunt: quos qui (= igitur qui eos) legent, magnopere proficient	Os livros de Platão são muito úteis para todos: *portanto, quem os* lêr, tirará grande proveito dêles
Errare malo cum Platone, quem tu quanti (= et quanti eum) facias scio, quam cum istis vera sentire	Prefiro errar com Platão (*e* sei *quanto* tu *o* aprecias) a ter a opinião certa com êsses homens
Amicitiam semper solere studui: quā quid (= nam quid eā) dulcius in terra inveniri possit nescio	Sempre me esforcei por cultivar a amizade, *pois* não sei *o que* se pode encontrar no mundo que seja mais agradável (*do que ela*)
Cf. *Quae cum ita sint*	Sendo (essas coisas) assim
Quo cum pervenit	(E) depois de chegar aí
Qui cum venisset	(E) depois que (êle) chegou
Ubi cum essem	(E) quando eu estava lá
Quod postquam dixit	(E) depois que (êle) disse isso

§ 168. **Cláusulas relativas com valor adverbial.** — Ao lado das cláusulas relativas meramente adjetivas, existem algumas outras com valor adverbial (cf. § 143, IV, 2): também em português se encontra êste tipo, p. e. na frase: "Mandou embaixadores *que dissessem.....*". Mas, em latim, o valor adverbial estende-se a certos outros tipos de cláusulas relativas fora do grupo encontrado em português.

I. ***Valor final.*** Êste tipo, bastante comum também em português, é construído com o Subj. (optativo ou voluntativo); os tempos empregados são o Pres. e o Impf. (cf. § 144, I). Exemplos:

Legatos mittit qui (= ut ii) dicant regem mortuum esse	Êle manda embaixadores que digam (=para dizerem) que o rei faleceu
Natura homini addidit rationem, quā (= ut eā) regerentur appetitus	A natureza acrescentou ao homem a razão, pela qual se regessem os instintos

II. ***Valor causal.*** Êste tipo não existe em português: o relativo *qui*, etc. = *cum* (causal) *is*, etc. Para marcar bem o valor causal de tal cláusula, o latim faz o relativo muitas vêzes ser precedido pela partícula *quippe*, ou *ut* ou *utpote* (estas duas últimas são menos usadas em prosa clássica). O modo é, em latim clássico, o Subjuntivo de subordinação; em latim arcaico e em latim da época imperial, *ut (pote)/quippe qui* é muitas vêzes construído com o Ind. Os tempos são os da consecutio temporum (cf. § 64, III). Exemplos:

O fortunate Achilles, qui tantum praeconem virtutis tuae Homerum inveneris!	Ó afortunado Aquiles, (visto) que encontraste em Homero tão excelente arauto da tua virtude!
Cicero Clodium odio magno persequebatur quippe qui rebus novis studeret	Cícero perseguia Clódio com um terrível ódio, porque êste visava à perturbação da ordem política
Parce huic viro, quippe/ut qui magnopere tibi profuturus sit	Poupa êste homem, que/porque te será de grande proveito

Nota. Quanto a *quippe*, cf. § 188; quanto a *utpote*, cf. § 198.

III. ***Valor concessivo.*** Também êste tipo não existe em português. Ao relativo *qui*, etc. (=*cum* concessivo + *is*, etc.) corresponde, na oração principal, muitas vêzes *tamen* ou outra partícula adversativa. O modo é, em latim clássico, geralmente o Subj. (de subordinação). Exemplos:

Sapiens posteritatem, cujus (= cum ejus) sensum habiturus non sit, tamen ad se putat pertinere	O sábio julga que a posteridade, embora dela não tenha noção, está em certa relação com êle
Cur contumeliis affecisti eum virum qui (= cum is) totiens te adjuverit?	Por que ofendeste aquêle homem que, no entanto, tantas vêzes te ajudou?

IV. ***Valor consecutivo.*** Alguns dos casos a serem registrados existem também em português: o relativo *qui* = *ut* (consecutivo) *is*. O modo é o Subj. (potencial, cf. § 147, III,3); no mais das vêzes, o Subj. é simplesmente modo de subordinação. O emprêgo dos tempos é o mesmo das cláusulas consecutivas (cf. § 147, II). Distinguimos aqui:

1) A cláusula relativa tem valor consecutivo depois de um oração principal em que ocorrem os demonstrativos *talis*, *tam*, *tantus*, *tot*, etc. e *is* no sentido de *talis*. Exemplos:

Talis est qui (= ut is) ab omnibus civibus laudetur	Êle é tal (tão bom, simpático, nobre, etc.) que é louvado por todos os cidadãos
Non is sum qui talia temere dicam	Não sou homem para dizer tais coisas sem motivo

2) A cláusula relativa tem muitas vêzes valor consecutivo depois de um adjetivo, ao qual está ligada por meio de *et*, *atque*, etc. Neste caso, é fácil completar um demonstrativo subentendido, p. e.: *talis* ou *is*, etc. Exemplos:

Demosthenes perfectus orator est et cui (= talis ut ei) nihil admodum desit	Demóstenes é orador perfeito ao ponto de absolutamente nada lhe faltar
Pulchram domum emi et quae (= talem ut ea) nulli mearum villarum cedat	Comprei uma bela casa, (que) não (é) inferior a nenhuma das minhas habitações rurais

3) A frase: "Êste serviço é muito pesado para uma mulher poder fazê-lo", pode ser construída, como já vimos (cf. § 147, III, 2), com *quam ut;* muitas vêzes, porém, encontramos *quam qui*, etc., de modo que podemos dizer:

Hoc opus molestius est quam ut mulier (id) facere possit	*Hoc opus molestius est quam quod (= ut id) mulier facere possit*
Major sum quam ut Fortuna mihi nocere possit(1)	*Major sum quam cui (= ut mihi) Fortuna nocere possit*

4) Depois das locuções: *est/sunt/inveniuntur qui* ("há quem"), etc.; sendo elas negativas, pode usar-se *quin* em vez de *qui*, *non quod non*, *quae non*, *quem non* e *quam non* (cf. § 149, I, 4–5); em latim clássico, *quin* (= "que não") pode substituir apenas o nom. e o ac. do pron. relativo. Exemplos:

(1) "Sou demasiadamente grande para que a Fortuna me possa prejudicar"

Sunt/Inveniuntur qui dicant *Est qui dicat* }	Há quem diga.......
Quis est qui dubitet?	Quem é que duvida? Quem há que duvide?
Nemo est quin/qui non intellegat hoc	Não há ninguém que não compreenda isto
Nullum vas in Sicilia erat, quin (= quod non) abstulerit Verres (tempo absoluto)	Não havia nenhum vaso em Sicília que Verres não roubasse

5) Depois dos adjetivos: *dignus, indignus, aptus* e *idoneus*, o latim clássico evita *ut* consecutivo, mas emprega preferìvelmente *qui*. Exemplos:

Hic liber dignus est qui ab omnibus legatur	Êste livro é digno de (merece) ser lido por todos
Idoneum/aptum eum judicavi qui imperaret	Julguei-o idôneo/apto para exercer o comando

Nota. Mas o povo dizia *ut*, cf. as palavras da Vulgata: *Domine, non sum dignus ut intres sub tectum meum;* o latim clássico, ao servir-se da mesma expressão (aliás, pouco clássica), diria: *Domine, non sum dignus, sub cujus tectum intres.*

6) Depois das locuções: *Habeo quod* ("tenho motivo para"), *Est quod* ("há motivo para"), etc. Cf. §210, I, 2. Exemplos:

Habes quod laeteris	Tens motivo para te alegrar
Non habebat quod responderet	Não sabia o que devia responder
Nihil habeo quod accusem senectutem	Não tenho nenhum motivo para censurar a velhice
Quid est quod metuas?	Que há para temeres? Que tens para temer?

Nota. Como se vê pela tradução dos exemplos dados acima, o português emprega muitas vêzes construções bem diferentes. O que é comum a muitos dos casos assinalados, é o fato de o Subj. ser originàriamente um potencial, p. e.: *Major sum quam cui Fortuna possit nocere* = *Major sum. Quomodo Fortuna mihi nocere possit?; Domum emi quae nulli mearum villarum cedat* = "Comprei uma casa que, *a meu ver* (pot. de modéstia!), não é inferior a nenhuma das minhas habitações rurais"), etc. O Subj. depois de *dignus sum*, etc. poderia ser explicado melhor como voluntativo: *Dignus est qui imperet* = "Êle é digno. Que êle comande!" No mais das vêzes, porém, o Subj. empregado nestes tipos de cláusulas relativas, não passa de subj. de subordinação. A influência das cláusulas consecutivas sôbre os diversos tipos de cláusulas relativas foi só indireta; muito mais importante, do ponto de vista da gramática hisrótica, foi o emprêgo do Subj. em orações independentes.

V. ***Valor condicional.*** Êste tipo é muito menos comum do que os outros já estudados: *qui* = *si qui(s)* mais Potencial (Pres. e Pf. do Subj.), ou mais Irreal (Impf. ou Msqupf. do Subj.). Às vêzes encontramos também o Potencial do Pretérito (Impf. do Subj.).

Haec qui videat, nonne cogatur confiteri deos esse? (Pot. do Presente)	Quem vir estas coisas, não se verá obrigado a conceder que os deuses existem?
Qui videret dolorem civium, urbem captam esse diceret (Pot. do Pretérito)	(Quem) tivesse visto a dor dos cidadãos, poderia ter acreditado que a cidade estivesse tomada
Qui posset alium servum emere, nemo est qui hunc perpeteretur (Irreal)	Ninguém que pudesse comprar outro escravo, suportaria êste

VI. ***Valor restritivo.*** Encontramos o Potencial de modéstia principalmente nestas duas expressões: *quod sciam* ("que eu saiba"), e: *quod meminerim* ("que me lembre"); muitas vêzes acrescenta-se ao relativo *quod* a partícula restritiva *quidem* (cf. § 188). Mas o latim emprega geralmente o Ind. em cláusulas relativas de valor restritivo, sobretudo nas expressões muito usadas: *quod/quantum in me est* ("enquanto depender de mim"), e: *quod/quantum potes* (ou: *poteris*) ("na medida em que podes/puderes"). Outro exemplo:

Ex oratoribus Atticis antiquissimi sunt, quorum (quidem) scripta constant/constent, Pericles et Alcibiades	De todos os oradores aticos, dos quais ainda existem os escritos, são Péricles e Alcibíades os mais antigos

CAPÍTULO X

AS PARTÍCULAS

§ 169. **Semantemas e morfemas.** — I. ***As dificuldades apresentadas pelas partículas.*** Ao ouvirmos a frase portuguêsa: "Bem sei que teu amigo generoso me ajudará", surgem-nos à mente certas idéias, relativamente fáceis de objetivar: essas idéias são representadas pelos verbos ("sei" e "ajudará"), pelo substantivo ("amigo"), pelos adjetivos ("teu" e "generoso"), pelo pronome ("me") e pelo advérbio ("bem"). Mas a palavra "que"? Qual o significado dessa palavrinha onipresente e aparentemente inocente? É difícil dizer-se o que pensamos ou concebemos, ao ouvirmos e pronunciarmos "que". O mesmo poderia dizer-se de tantas outras palavrinhas, tais como: "ora", "se", "já", etc. São as chamadas "partículas", palavras que, além de terem um significado pouco palpável, constituem uma categoria gramatical bastante difícil de definir. Definições gramaticais são quase sempre precárias e devem ser manejadas com muito cuidado: a riqueza infinitamente variada da realidade lingüística recusa-se obstinadamente a ser reduzida a um conceito abstrato ou a um esquema simplificador dos fatos concretos. Assim mesmo, é legítima a pergunta: "Que é uma partícula?" Embora não tenhamos a pretensão de dar dela uma definição exaustiva, precisamos de uma certa descrição empírica para reconhecermos uma partícula quando a encontramos. Assim faz também a polícia, ao organizar um fichário de indivíduos suspeitos.

Uma partícula é palavra invariável que não possui significado autônomo, mas exerce uma função auxiliar em dependência dos elementos nominais e verbais de uma frase. Função e não significado. A palavra "que" na dita frase não tem significado autônomo, mas tem a função de subordinar uma cláusula integrante (neste caso, objetiva) a uma oração principal. Uma partícula é o instrumento de um instrumento, assim como o é o cabo de um martelo.

A lingüística moderna forjou o têrmo "morfema" para indicar os elementos gramaticais que não possuem significado

autônomo, mas só exercem função subalterna: seu oposto é "semantema" (subst., adj., pron., verbos, adv. etc.). Morfemas são p. e. as terminações de nomes e verbos, a ordem das palavras numa frase, o tom (ascendente ou descendente) de uma frase, etc.; morfema pode ser também uma palavra invariável: é o caso das partículas.

II. ***Os diversos grupos de partículas.*** Ora, há vários grupos de partículas, e os filólogos estão longe de concordar entre si no que se refere à sua classificação. Não queremos entrar aqui em especulações teóricas que nos afastariam muito do nosso assunto e que, para nossos fins, seriam de somenos importância. Basta dizermos que as partículas latinas, conforme normas essencialmente práticas, poderiam ser subdivididas em partículas adverbiais, partículas conjuncionais, preposições e interjeições. Das preposições já falamos nos §§ 93-142; as interjeições não necessitam de um longo comentário numa sintaxe, visto que os problemas levantados por elas, são de ordem quase exclusivamente lexicológica e morfológica(1). O assunto principal dêste capítulo serão, portanto, as partículas adverbiais e as partículas conjuncionais.

1) PARTICULAS ADVERBIAIS. Partículas adverbiais referem-se a uma só idéia, afirmando-a, negando-a, enfraquecendo-a, reforçando-a, realçando-a, apresentando-a como pergunta, etc. Estas partículas, além de exercerem uma determinada função sintática, possuem muitas vêzes também valor afetiva: todos os afetos do coração humano podem ser expressados por meio de partículas: dúvida, ironia, esperança, segurança, etc., e algumas línguas, tais como o grego clássico e o alemão moderno, possuem muitas partículas afetivas, cujo conteúdo lógico é muito exíguo, mas que estão cheias de vida: quase nunca podem ser traduzidas ao pé da letra para outras idiomas. Quem traduzirá adequadamente para o francês ou para o inglês as partículas portuguêsas nestas duas frases: "Sei *lá!*", ou "Espera *aí!*"?

As partículas afetivas em latim são pouco numerosas, predominando, em geral, a função sintática: o caráter racional e pouco sutil dos romanos é, no fundo, a razão porque a língua latina é tão pobre em certas partículas afetivas que formigam num texto grego. O latim possui uma beleza peculiar:

(1) Nesta sintaxe falamos de *o*, *pro(h)*, *heu*, no § 73, V, 1; de *en* e *ecce*, no § 73, V, 2; de *vae* e *(h)ei*, no § 78, I; de *sis*, *agedum*, etc., no § 55, I, 5.

a de monumentalidade, a de estrutura lógica, a de concisão expressiva.

Nos §§170–200 trataremos de algumas partículas adverbiais latinas, cujo conhecimento aprofundado pode ser útil para o leitor de textos clássicos; não pretendemos dar um catálogo completo, limitando-nos a uma seleção daquelas partículas que, por um motivo ou outro, apresentam certa dificuldade ao leitor moderno. Deixamos de lado as partículas interrogativas, visto que já as estudamos nos §§ 63–66.

2) Partículas conjuncionais. As partículas conjuncionais possuem em latim, como em tôdas línguas, caráter predominantemente funcional, isto é, sintático, embora algumas delas revelem certo grau de afetividade e quase tôdas elas possuam grande valor estilístico. As partículas conjuncionais dividem-se em dois grupos: as conjunções coordenativas (p. e.: "e, mas, ora," etc.), e as conjunções subordinativas (p. e.: "que, porque, depois, que, quando", etc.). Nos §§ 201–207 examinaremos as conjunções coordenativas; já encontramos, as conjunções subordinativas, ao estudarmos a subordinativa no capítulo anterior. Entretanto parece-nos útil dar uma tabela sinóptica de algumas conjunções importantes, ordenando e completando aquilo que já foi exposto: portanto trataremos, nos §§ 208–211, de *cum*, *dum*, *quia*, *quod* e *ut*.

Nota. Nem sempre é possível marcar com exatidão os limites entre partículas adverbiais e partículas conjuncionais. *Quin* pode ser advérbio e conjunção; *et* é geralmente conjunção (coordenativa), mas pode funcionar também como advérbio. Neste capítulo deixar-nos-emos guiar por critérios de ordem essencialmente prática, não de ordem teórica.

PARTÍCULAS ADVERBIAIS

§ 170. **Partículas de negação.** — O latim possui três partículas negativas: *non*, *ne* e *haud*. Deixaremos aqui de lado as partículas negativas compostas, tais como: *nequaquam*, *numquam*, *nusquam*, etc. (cf. § 179).

I. ***As três negações latinas.***

1) **Non.** *Non* < *nĕ-oinom* (= *nĕ-unum*), e significa portanto originàriamente: "nenhum". Em latim histórico, *non*

é negação objetiva, em oposição a *nē* que possui caráter subjetivo. Por isso mesmo, *non* usa-se em frases enunciativas ou declarativas, isto é, em frases construídas com o Ind., o Subj. Potencial e o Subj. de subordinação (cf. § 143, V). Essa regra, porém, se refere apenas àquêles casos em que a negação afeta a frase ou a cláusula na sua totalidade; quando a negação afeta uma só palavra, — quer seja nome, quer seja verbo, — usa-se sempre *non*, também em frases optativas e voluntativas. Exemplos:

Non veni/non venio/non veniam (Frase declarativa independente)	Não vim/não venho/não virei
Non dicam/dixerim (Potencial)	Não poderia dizer
Cum consulatum non adeptus esset, rus se recepit (Subj. de subord.)	Como não tivesse obtido o consulado, retirou-se para o campo
Quid faciam? Rogem eum, non rogem? (negação de uma só palavra numa frase voluntativa)	O que devo fazer? Suplicar-lhe ou não? (cf. § 57, V)

Notas.

1) Mais fôrça do que *non* possui *nihil*, ac. de relação, cf. § 74, IV, 2.

2) O latim evita o emprêgo de *non* sem verbo no final de uma frase, mas ou repete o verbo, ou então, usa *non item*, p. e.:

Hercules id facere potuit, nos non possumus/nos non item	Hércules pôde fazer isto, (mas) nós não (o podemos)

3) Na época imperial, *non* alarga sua influência em detrimento de *nē*, p. e. *dummodo non faciat* = *dummodo ne faciat* (cf. § 160, III) e *non facias* = *nē facias* (cf. § 55, II).

2) **Nē.** *Nē* relaciona-se com *nĕ*, partícula negativa que, às vêzes, ainda se encontra em latim arcaico, também em frases enunciativas; *nĕ* era a mais antiga negação latina que, com o tempo, foi sendo suplantada por *non* < *nĕ unūm* (cf. *supra*, 1), mas que deixou vestígios em inúmeras palavras compostas, tais como: *nĕfas, nĕscire, nĕque, numquam, nusquam*, etc.

Nē é negação subjetiva, sendo a partícula usada em frases optativas e voluntativas (independentes e subalternas). Resumindo, poderíamos especificar o seu emprêgo desta maneira.

A. Em orações independentes:

1) com o optativo pròpriamente dito, cf. § 56, I.

2) com o subjuntivo exortativo, cf. § 57, I.

3) com o subjuntivo proibitivo, cf. § 57, II.
4) com o subjuntivo permissivo/concessivo, cf. § 57, III–IV.

B. Em orações subalternas:

1) em cláusulas condicionais com valor final, cf. § 160, III, 8: *dum ne, dummodo ne, modo ne.*
2) em cláusulas finais, cf. § 144, II: *ut ne.*

C. Como conjunção:

1) em cláusulas finais (livres e completivas), cf. §§ 144–145.
2) depois de certos verbos impessoais, cf. § 146, I.
3) depois de verba timendi, cf. § 146, II.
4) depois de verba impediendi, cf. § 146, III.

Notas.

1) Quanto a *nē.... quidem,* cf. § 186, I, 2d.

2) Distingam bem a partícula negativa *nē* da partícula afirmativa *nē,* cf. § 182.

3) Embora o Subj. concessivo/permissivo tenha a negação *nē,* a conjunção *ut* — com valor concessivo, cf. § 162, I, 4 — é geralmente combinado com *non,* porque a negação afeta, no mais das vêzes, uma só palavra, p. e.:

Ut non habeat satis virium, tamen est laudanda voluntas	Pôsto que não tenha fôrças suficientes, é louvável sua boa vontade

3) **Haud** (menos corretamente, **haut**). — O emprêgo de *haud* é muito restrito em latim clássico, limitando-se a certas combinações, tais como: *haud scio* (cf. § 66, IV), *haud quisquam, haud dubito, haud diu, haud facile,* etc.

II. ***Dupla negação.*** 1) Duas negações simples na mesma frase anulam-se mùtuamente, p. e.:

Non possum non admirari Alexandrum	Não posso deixar de admirar Alexandre, ou: Tenho de admirar Alexandre

O mesmo pode dizer-se de uma negação simples, seguida de um verbo ou adj./adv. com sentido negativo, p. e.:

Non ignoro/Haud nescio	Não ignoro = Bem sei
Non est inutilis	Não é inútil = É muito útil

Nota. Êste emprêgo de dupla negação chama-se "lítotes", figura estilística também usada em português: é a negação enfática do contrário daquilo que se quer afirmar.

2) Havendo duas negações, uma simples, a outra composta (sobretudo, *nihil, nemo, numquam* e *nusquam*), devemos distinguir entre êstes dois casos: se a negação composta preceder a negação simples, esta última se refere à frase inteira, dando-lhe caráter afirmativo; se a negação simples preceder a negação composta, aquela torna negativa só esta última, com a qual constitui uma unidade íntima. Reparem bem na diferença entre as seguintes expressões:

Nemo non intellegit hoc	Ninguém é incapaz de compreender isto = Todo mundo compreende isto
Non nemo/Nonnemo hoc intellegit	Muita gente compreende isto, ou: Não são poucos os que compreendem isto
Nihil non fecit	Fêz tudo
Non nihil/Nonnihil fecit	Fêz alguma coisa
Cf. *numquam non,* e *nonnumquam*	sempre, e às vêzes
nusquam non, e *nonnusquam*	por tôda a parte, e em alguma parte
necnon (desde Vergílio)	e também

3) As regras dadas acima referem-se sobretudo ao latim clássico; no período arcaico e na linguagem vulgar de tôdas as épocas, duas negações na mesma frase muitas vêzes não se anulam, mas se reforçam mùtuamente. Assim encontramos expressões dêste tipo: *haud nolo* ("não quero"); *nec numquam* ("e nunca"); *haud impiger* ("não enérgico"), etc. Cf. em português: "*Não* o vi *nunca*" = "*Nunca* o vi".

4) Quando uma negação simples ou composto vier seguida de *nec/neque.... nec/neque,* ou de *nē.... quidem* (cf. § 186, I, 2d), não há anulação: neste caso, uma idéia genérica negativa, expressa pela primeira negação, vem a ser particularizada ou desenvolvida pela segunda. Exemplo:

Nihil est illo amico mihi nec carius nec jucundius	Nada me é mais caro ou mais agradável do que aquêle amigo

Nota. Quanto a *nec.... nec,* e *neu.... neu,* etc., cf. § 203, II.

OUTRAS PARTÍCULAS ADVERBIAIS

§ 171. Adeo.

I. ***Partícula de limite.*** Esta partícula indica limite, raras vêzes no espaço, geralmente no tempo; muitas vêzes vem acompanhada de *usque,* e seguida de *dum, quoad* (cf. § 156, I, 2), p. e.:

Usque adeo in periculo fui, quoad amicus meus advenit	Estive em perigo até o momento em que meu amigo chegou

II. ***Partícula de intensidade.*** Indica também grau ou intensidade, muitas vêzes em combinação com *ut* consecutivo: "a tal ponto que", etc. (cf. § 147, I), p. e.:

Adeo iratus est ut omnes fugerint	Tanto se indignou que todos fugiram

Nota. Na época imperial, é freqüente o emprêgo de *adeo non ut:* "tão pouco... que" ou: "tão longe de", etc. (cf. *tantum abest ut,* § 148, II, 6), p. e.:

Adeo non tenuit iram ut cum gladio in senatum se venturum (esse) palam diceret	Estava tão longe de dominar a ira que disse pùblicamente ir armado ao senado
Ejus dicta adeo nihil moverunt quemquam, ut legati prope violati sint	De tal forma suas palavras não impressionaram ninguém que os embaixadores quase foram molestados

III. ***Partícula de clímax.*** Indica clímax, principalmente na expressão: *atque adeo:* "e o que é mais/melhor/pior", etc. Exemplo:

Intra moenia, atque adeo in senatu conjurat contra rem publicam	Dentro das muralhas da cidade, e até no senado conspira contra o Estado

IV. ***Partícula de realce.*** *Adeo* é simplesmente partícula de realce, dando maior ênfase à palavra precedente que, geralmente, é pron. pessoal, ou adv., ou conjunção, ou Imperativo do verbo. Exemplos:

Tu adeo dixisti	Quem disse foi tu
Haec adeo dixisti	Foi isto que disseste
Nunc adeo; Jam adeo; Si adeo....	É agora que; Já; Se (chegar a tal ponto)
Propera adeo!	Apressa-te!

§ 172. **Admodum.** — I. ***Partícula de intensidade.*** Esta partícula indica grau ou intensidade: "muito, sumamente, em alto grau", etc., e pode ser combinada com adj., adv. e verbos. Exemplos:

Admodum antiqui scriptores	Os escritores de tempos muito remotos
Eo tempore puer admodum eram	Naquele tempo era eu muito pequeno
Hoc mihi placet admodum	Isto me agrada sumamente

II. ***Particularidades.*** 1) *Admodum*, com números, quer dizer: "não menos de"; exemplo:

Noctu turres admodum viginti exstructae sunt	Durante a noite foram erguidas não menos de vinte tôrres

2) *Admodum*, com negações, quer dizer: "absolutamente não", etc., p. e.:

Nullam pecuniam admodum habeo	Não tenho dinheiro algum
Nihil admodum ei deest	Absolutamente nada lhe falta.

§ 173. **Certe e certo.** I. — ***Certe.*** *Certe* é partícula afirmativa ("sem dúvida, certamente", etc.), que pode ser combinado com todos os tipos de palavras, e se usa também em respostas; mas em prosa e poseia clássica, a partícula possui mais freqüentemente valor restritivo ("em todo caso, ao menos", etc.), encontrando-se sobretudo na apódose correspondente a uma prótase introduzida por *si non* (cf. §160, I, 1), ou por outra conjunção condicional com valor concessivo (cf. § 161, 1).

1) *Certe* = "sem dúvida", etc. Exemplos:

Certe dea es	Sem dúvida és deusa
Puella certe rapta est	A menina foi sem dúvida raptada
Estne ipse annon est? — *Certe is est*	É êle ou não? — Êle mesmo

2) *Certe* restritivo, muitas vêzes combinado com *at, tamen, sed* ou *quidem*, p. e.:

Haec sint sane ingrata nobis, certe falsa non sunt (cf. § 57, IV)	Pode ser que isto nos seja desagradável, em todo o caso não é falso

II. ***Certo.*** *Certo* tem apenas valor afirmativo; menos usado do que *certe*, exerce desta partícula só a primeira função, p. e.:

Certo scio eum hoc dixisse	Sei com certeza que êle disse isto, ou: Tenho certeza de que êle falou assim

§ 174. **Demum e Denique.** — I. ***Demum.*** *Demum* é partícula (enclítica) de realce; no mais das vêzes, é combinado com pron. ou com adv. de tempo. Exemplos:

Idem velle atque idem nolle, ea demum firma amicitia est	Querer as mesmas coisas e não querê-las, essa é a firme amizade, ou melhor: Estar unido na simpatia e na antipatia, eis a sólida amizade
Tum demum cerneres (cf. § 56, II, 1)	Foi então que se poderia ter visto
Nunc demum intellexi	Só agora compreendi

Nota. Os autores da época imperial usam *demum* também no sentido de "sòmente, apenas", etc. (= *solum, modo, dumtaxat, tantum,* etc.), p. e.: *Suis demum oculis credit:* "Acredita só em seus próprios olhos".

II. ***Denique.*** 1) *Denique* introduz o último elemento de uma enumeração (= *postremo*): "finalmente, afinal", etc. Exemplo:

Agros, villas, denique/postremo omnes servos vendidit	Êle vendeu as terras de lavoura, as habitações rurais, e finalmente todos os escravos

2) Particularidades.

a) *Denique* resume brevemente: "em suma, em uma palavra", etc. Exemplo:

Semper te fodientem, aut arantem, aut aliquid in agro facientem denique videmus	Sempre te vemos cavando ou lavrando ou, em suma, fazendo qualquer coisa na tua terra

b) *Denique* = *tandem:* "até que enfim, finalmente, por fim", etc. Exemplo:

Heri denique accepi litteras tuas	Ontem afinal recebi tua carta

c) *Denique* aproxima-se de *demum*, quando combinado com pron. ou adv. de tempo, p. e.:

Tum denique intelleges	Será então que/Só então compreenderás
Multo denique die domum rediit	Voltou à casa quando o dia já ia bem avançado

§ 175. **Etiam e quoque.** — I. ***Generalidades.*** As duas palavras significam geralmente: "também". *Etiam* (às vêzes, também: *et*) exprime mais a idéia de clímax, *quoque* a de adição; *etiam/et* vêm colocados antes da palavra, *quoque* vem depois. Exemplos:

Tu quoque, Brute, mi fili! *Etiam/Et tu, Brute, mi fili!*	Também tu, Bruto, meu filho!

II. ***Particularidades de "etiam".*** 1) Devido à sua função original de indicar clímax, *etiam* é usado na locução correlativa: *non solum/tantum....., sed/verum etiam:* "não só:...., mas (como) também"; com a partícula *quin* (cf. § 187, I, 4); com comparativos: *hic multo etiam melius dixit:* "êste falou muito melhor ainda"; na expressão: *etiam atque etiam:* "mais e mais", etc. Nestes casos, o latim clássico não usa *quoque*.

2) *Etiam* usa-se também em respostas afirmativas: "sim", cf. § 67, II.

3) *Etiam* usa-se também no sentido temporal: "ainda", principalmente nas combinações: *etiamdum* ("até agora"), *etiamnum* = *etiamnunc* ("até agora, ainda agora"), *etiamtum* = *etiamtunc* ("até então, então ainda"). Exemplos:

In ambiguo est etiam haec res	Êste problema não foi resolvido ainda, ou: Isto ficou indeciso ainda
Hunc ego numquam videram etiam	Nunca o tinha visto ainda
Quamdiu etiam furor iste tuus nos eludet?	Durante quanto tempo ainda nos há de iludir êsse teu furor?

Notas.

1) Mas também se usa *quoque*, em expressões dêste tipo: *hodie quoque, nunc quoque, tum quoque*, etc.

2) *Quŏque* é advérbio (partícula); *quōque* é o abl. de *quisque* (cf. § 227, II).

§ 176. **Fere ou Ferme.** — I. ***Generalidades.*** Exprime a idéia de valor aproximativo, geralmente combinado com números: "mais ou menos, cêrca de", etc. Exemplos:

Pater meus abhinc decem ferme annos mortuus est (cf. § 74, III)	Meu pai faleceu há cêrca de dez anos
Sexto decimo fere anno illius belli mortuus est	Faleceu mais ou menos no décimo sexto ano daquela guerra

II. ***Particularidades.*** Exprime a idéia de hábito, costume, generalização, etc.: "quase sempre, por via de regra, geralmente", etc. Exemplo:

Hoc fere fit	Isto costuma acontecer

2) Significa: '"quase, por pouco", etc.; neste sentido, é muitas vêzes combinado com palavras negativas: "quase nada, quase ninguém, por um nada", etc. Exemplos:

Nihil fere intellegit earum rerum quas dixi	Pràticamente nada compreendeu daquilo que falei
Nemo fere saltat sobrius (cf. § 160, I, 3)	Quase ninguém dança estando sóbrio
Jam ferme moriens me vocat	Já prestes a morrer, êle me chama

§ 177. **Immo** (menos corretamente **imo**). — Esta partícula, muitas vêzes combinada com *etiam*, *quin*, *vero*, *potius*, etc. ou com interjeições, tais como *hercle*, *ecastor*, *edepol*, etc., tem geralmente a função de corrigir as palavras precedentes ("não, ao contrário, antes", etc.), ou a de indicar um clímax em relação a elas. Encontra-se muitas vêzes numa resposta. Exemplos:

Causa igitur non est bona? — Immo optima! (clímax)	A causa, portanto, não é boa? Ela é até muito boa!
Simulacra deorum, deos immo ipsos abstulit (clímax)	Arrancou as imagens dos deuses, — não, pior ainda, os próprios deuses
Hic vir levis est? Immo constantissimus! (correção)	Êste homem é leviano? Pelo contrário, muito perseverante

§ 178. **Ita e sic.** — I. ***Generalidades.*** Estas duas partículas são geralmente combinadas com verbos e exprimem modalidade: "assim"; quando combinadas com adj. e adv. (emprêgo raro em latim clássico), indicam grau ou intensidade: "tão". Muitas vêzes corresponde-lhes a partícula *ut* (cf. § 164, I), não só em cláusulas comparativas como também em cláusulas consecutivas ("assim como", e "de tal modo que", respectivamente). Exemplos são desnecessários; quanto à correlação: *ita/sic . . . ut*, cf. § 211, I, 1.

II. ***Idiomatismos:*** 1) *Ita* e *sic* são empregados em respostas afirmativas: "sim", cf. § 67, II.

2) *Itane* usa-se em perguntas sarcásticas ou irônicas; *sicine* (menos corretamente, *siccine*) em perguntas repreensivas. Exemplos:

Itane credis?	E tu acreditas?!
Sicine me despernis?	Teu desprêzo por mim chega a êsse ponto?

3) *Ita* e *sic* podem ser combinados com *esse* ou *se habēre*, de modo predicativo, p. e.: *Ita est, Sic est, Ita se res habet:* "É assim (mesmo)", etc.; cf. também: *ni ita esset:* "não fôsse assim" (cf. § 160, I, 2).

4) *Ita* e *sic* são muitas vêzes usados em frases optativas, que fazem parte de juramentos e de afirmações fortes (sobretudo: *ita ut*, cf. § 211, I, 1a); tipo: *Ita me di ament: nonnihil timeo:* "Que os deuses me amem! Tenho um pouco de mêdo", construção elíptica que se explica assim: "É tão verdadeiro o meu desejo que os deuses me amem, como é verdadeiro que tenho um pouco de mêdo", etc.

5) *Sic* usa-se, depois, de um imperativo, em preces: *Parce mihi: sic dii tibi propitii sint!* = "Poupa-me! Se fizeres isso, faço votos por que os deuses te sejam propícios". Também aqui temos uma espécie de elipse: *sic* = *eā conditione,* ou = *si mihi parces,* etc. Êste emprêgo se encontra principalmente na poesia.

6 *Sic* tem às vêzes o valor de *temere:* "assim, à toa, sem mais nem menos, como era/estava", etc. Exemplos:

Noluerunt eos sic nudos in flumen dejicere	Não os quiseram atirar nus, como estavam, ao rio
Dedi tibi sororem meam sic sine dote	Dei-te minha irmã em matrimônio assim, sem dote

§ 179. **Minus.** — I. ***Partícula negativa.*** 1) Êste comparativo é por vêzes usado como forma modesta de negação: "não", p. e.:

Istud minus intellexi	Não compreendi muito bem isso
Nonnumquam ea quae praedicta sunt minus eveniunt	Às vêzes não se cumprem as profecias

2) Assim se explica a formação de *quominus,* palavra composta de *quo* (usado em cláusulas finais, cf. § 144, II, 2) e de *minus* = *non; quominus* emprega-se depois de verba impediendi (= *ne*), cf. § 146, III.

3) Assim se explica também a forma: *si minus* = *si non*, cf. § 160, IV.

4) *Nihilominus* significa: "não obstante isso, apesar disso", etc.; outra forma congênere é *nihilosetius* (*setius* é comparativo de *secus*, cf. § 164, IV); nestas combinações, *nihilo* é abl. de medida (cf. § 84, IV).

II. ***Outras negações fracas.*** Outras negações modestas são: *parum* e *vix*. *Parum* usa-se como "pouco" em português, *vix* (muitas vêzes: *vixdum* e *vix aegreque*) significa: "apenas, mal"; *vix* (*vixdum*) é também adverbio de tempo, sendo usado freqüentemente em combinação com *cum* inverso (cf. § 152, I, 2). Exemplos:

Parum prudenter egit	Não agiu muito prudentemente, ou: Agiu pouco prudentemente
Sine his rebus vix vivere possumus	Sem estas coisas quase não/mal podemos viver
Vix(dum) domum redieram, cum litteras tuas accepi	Mal cheguei a casa, recebi tua carta

Nota. Em vez de *vix.... cum*, encontramos também *vix.... et/atque*.

III. ***Negações fortes.*** *Minime*, porém, é negação forte: "absolutamente não"; a palavra usa-se também em respostas, cf. § 67, II.

Outras negações fortes ("absolutamente não") são *haudquaquam* (*nequaquam*) e *neutiquam*. Cf. também *non omnino*, *nihil*, *admodum non*, etc.

Nota. Mas *nequiquam* (= *frustra*) significa: "em vão, debalde", etc.

§ 180. **Modo.** — I. ***Generalidades.*** Esta partícula exprime a idéia de restrição ("sòmente, apenas", etc.), e usa-se principalmente nestas combinações:

1) *non modo......., sed/verum etiam*: "não só....., mas (como) também".

2) *I modo*, e *Fac modo videas!*, cf. § 160, III, Nota 1.

3) *Modo* = *Dum* = *Dummodo*: "contanto que" (conjunção), cf. § 160, III.

4) *Modo non* = *propemodum*: "quase" (cf. § 160, III, nota 3).

5) *Si modo*: "se é que" (cf. *ibidem*, nota 2).

II. ***Particularidades.*** *Modo* tem também função temporal: "há pouco", etc., e usa-se muitas vêzes em correlação:

modo...., *modo*, ou: *modo*....., *nunc*, ou: *modo*......, *tunc*, etc. ("ora......, ora; já....., já; às vêzes....., outras vêzes", etc.).

III. *Mŏdŏ* é advérbio; *mŏdō* é o abl. de *mŏdus* (cf. §83, II, 2b).

§181. **Nē** (menos corretamente: **nae**). — Esta partícula que deve ser bem distingüida de *nē* negativo (cf. §170, II), tem valor afirmativo, e usa-se apenas em combinação com pronomes (*ego*, *tu*, *ille*, etc.) e com interjeições (*ecastor*, *edepol*, *hercle*, etc.). Exemplos:

Ne ego homo infelix fui	Fui realmente um homem infeliz

§182. **Nēdum.** — I. ***Em latim clássico.*** Esta partícula é composta de *nē* negativo (cf. §170, II) e de *dum* (cf. §209): introduz um argumento *a fortiori*, depois de uma frase negativa ou um advérbio semelhante (*aegre* e *vix*): "muito menos ainda". Exemplo:

Frigus in tectis ferendum non/vix erat, nedum in mari	Não/Mal se podia suportar o frio nas casas, muito menos no mar

II. ***Em latim pós-clássico.*** Em latim pós-clássico, a partícula é usada também depois de afirmações positivas: "muito mais ainda", etc. Exemplo:

Id vel socios, nedum hostes terrebat	Isto amedrontava até mesmo os aliados, muito mais ainda os inimigos

§183. **Omnino.** — I. ***Com numerais.*** Esta partícula, combinada com numerais, quer dizer: "ao todo", etc.

Quinque omnino senatores aderant	Ao todo estavam presentes cinco senadores

II. ***Com negação.*** Combinado com uma negação, *omnino* significa quase sempre: "absolutamente não", só raras vêzes: "não inteiramente". Exemplos:

Nemo omnino potest esse beatus sine virtute	Absolutamente ninguém pode ser feliz sem (possuir) a virtude
Non omnino jam perii	Ainda não estou arruinado por completo/totalmente

III. ***Função generalizadora.*** 1) Em frases positivas, *omnino* significa geralmente: "de um modo geral", etc. (cf. em alemão: *überhaupt*), mas também: "inteiramente" etc. Exemplo:

De hominum genere, aut omnino de animalium loquor	Falo da espécie humana, ou — de um modo geral, — da espécie animal

2) Seguido de *sed, at* ou *autem,* a partícula *omnino* aproxima-se do valor de *semper,* etc.: "sempre/em tôdas as circunstâncias....., mas", etc. Exemplo:

Omnino prudentes esse debemus, sed maxime in duce eligendo	Sempre devemos ser circunspectos, mas principalmente quando se trata de eleger um comandante

§ 184. **Perinde e Proinde.** — I. ***Generalidades.*** *Perinde* e *proinde* (*proin*) são duas partículas que indicam modalidade (cf. *ita/sic*); quase sempre estão em correlação com partículas comparativas.

1) Com *ut, atque/ac, et* e *–que* (mais Ind.), indicam comparação de igualdade e de identidade "assim como, do mesmo modo que", etc. (cf. § 163, I e IV). Exemplos:

Res evenit perinde ac/atque putaram	A coisa sucedeu exatamente como eu havia pensado
Faciam proinde ut dixi	Farei exatamente como disse

2) No mais das vêzes, as duas partículas são combinadas com *atque/ac si, quasi,* (*vel*)*ut si* ou *tamquam* (mais Subj.) para indicar comparação condicional (cf. § 165); nesta função, não raramente falta o elemento *si.* Exemplos:

Legati supplices ad Caesarem venerunt perinde ac (si) fraudata restituere vellent	Embaixadores suplicantes foram ter com César, como se quisessem restituir as coisas roubadas
Callide me interrogavit proinde quasi nihil nosset	Interrogou-me astuciosamente, como se nada soubesse

II. ***Particularidades.*** 1) *Haud perinde:* "não muito" (expressão elíptica), p. e.:

Quare adventus ejus haud/non perinde gratus fuit (sc. *ac facile exspectares*)	Por isso sua chegada não foi muito agradável (lit.: não foi tão agradável como era de esperar)

2) *Proinde* é muitas vêzes usado em ordens, probições e exortações: "então, portanto, por isso", etc. Exemplo:

Nihil tibi timendum es. Proinde aperte dic quid scias	Nada precisas temer. Por isso dize francamente o que sabes

§ 185. **Prorsus e prorsum** (cf. § 123). — I. ***O emprêgo não clássico.*** As duas palavras têm originàriamente sentido local: "para a frente, adiante", etc., muitas vêzes com a idéia secundária: "sem rodeios, sem afastar-se do caminho" (cf. *prosa oratio = soluta oratio,* em oposição à poesia). Nesta acepção, seu emprêgo limita-se ao latim pré-clássico e pós-clássico.

II. ***O Emprêgo clássico.*** Geralmente, as duas palavras são partículas (sobretudo a forma *prorsus*), usando-se nas seguintes funções:

1) "Inteiramente, totalmente"; com negações: "absolutamente não"; só raras vêzes indica grau ou intensidade: "muito, sumamente", etc. Exemplos:

Praedones prorsum parcunt nemini	Os ladrões não poupam absolutamente ninguém
Prorsus perii!	Estou completamente arruinado
Ea res prorsus opportuna Catilinae fuit	Esta coisa foi muito favorável para Catilina

2) *Prorsus* é usado também, no fim de uma enumeração, para fins de recapitulação: "em suma, em uma palavra", etc. Exemplo:

In Italiam profectus est pauper; mercator factus est, pecunias conciliavit, uxorem ditissimam duxit, agros plurimos habet: prorsus omnia bene evenerunt	Pobre foi para a Itália: fêz-se negociante, ganhou muito dinheiro, casou com uma mulher riquíssima, possui muitíssimas terras: em uma palavra, tudo lhe correu bem

§ 186. **Quidem e equidem.** — I. ***Quidem.*** *Quidem* (palavra enclítica) é usada como partícula restritiva e como partícula de realce.

1) Como PARTICULA RESTRITIVA, significa: "ao/pelo menos", etc., p. e.:

Unum quidem tibi promittere possum	Posso-te prometer pelo menos uma coisa
Nil novi habeo, hoc quidem tempore	Não tenho nenhuma novidade, pelo menos neste momento

Usa-se especialmente:

a) em cláusulas relativas restritivas, cf. § 168, VI.

b) em combinação com *si*; *siquidem* = "se é que, se deveras", etc.; mas a combinação tem muitas valor causal = *quandoquidem*, cf. § 150, I.

c) em correlação com *sed, at, verum,* etc.; neste caso, há um certo equilíbrio entre os dois membros da oposição, dos quais o primeiro é marcado pela partícula *quidem*, e o segundo pela conjunção *sed, at,* ou *verum*. Exemplos:

Hic vir dives quidem est, sed infelix	Êste homem é (sem dúvida) rico, mas infeliz
Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma	O espírito está pronto, a carne, porém, é fraca

2) No mais das vêzes, porém, *quidem* é PARTICULA DE REALCE, geralmente não admitindo uma tradução explícita, mas dando maior relêvo à palavra precedente; em alguns casos, podemos traduzi-lo por: "é que, quanto a", etc. Nesta função registramos aqui de modo especial:

a) as combinações *et/atque.... quidem, nec/neque.... quidem,* etc., cuja função é a de salientar o segundo membro de uma ligação coordenativa (aproximativa) Exemplo:

Promitto me id facturum (esse), atque libenter quidem	Prometo fazê-lo, e (até/isso) com muito prazer

b) *qui,* etc. *quidem*, na conexão relativa (cf. § 167), p. e.:

Germani eo anno iterum Rhenum transierunt. Quod quidem ubi Caesar audivit, in eam regionem contendit	Os germanos ultrapassaram nesse ano pela segunda vez o Reno; e/mas logo que César o soube, marchou àquela região

c) *quandoquidem,* cf. § 150, I.

d) a combinação: *nē.... quidem* = "nem sequer" ou: "nem mesmo": a palavra frisada está entre os dois elementos da combinação. Exemplos:

Ne Juppiter quidem omnibus placet	Nem sequer Júpiter agrada a todos
Ne pecuniā quidem datā hoc impetrare poteris	Nem sequer dando dinheiro, poderás conseguir isto

e) o realce pode ser uma espécie de oposição: "porém". p. e.:

Specie (cf. § 82, V, 2) *amicus est, re quidem verā nobis insidiatur*	Aparentemente é nosso amigo, mas na realidade arma uma cilada contra nós

II. ***Equidem.*** A partícula *equidem*, igualmente enclítica, não deriva de *ego* e *quidem,* mas de *e–* (cf. *e–nim*) e *–quidem*. Muito menos usado do que *quidem*, encontra-se geralmente em combinação com um verbo na

1.ª pessoa (p. e.: *quod equidem sciam*), mas também a 2.ª e a 3.ª pess. podem ocorrer (p. e.: *scitis equidem*). Muitas vêzes vem acompanhada de outra partícula ou interjeição, tais como: *certe, edepol, hercle,* etc. Os romanos, porém, ao que parece, já consideravam *equidem* amiúde como forma abreviada de *ego quidem,* de modo que *equidem* várias vêzes se encontra no sentido de: "eu por mim, quanto a mim", etc., p. e.:

Equidem me Caesaris militem dici semper volui	Eu por mim sempre desejei ser chamado soldado de César

§ 187. **Quin.** — Como já vimos (cf. § 148, II, 5), *quin* é palavra composta do instr. *qui* e da negação *nĕ;* só em alguns casos isolados, poderia ser considerado como composto do nom. *qui* e *nĕ* (cf. § 149, I, 4). A partícula é usada como adv. e como conjunção.

I. ***Advérbio.*** 1) Partícula interrogativa: "Por que/Como não?", combinada com o Ind. Pres. para introduzir uma pergunta que encerra um convite ou uma exortação, p. e.:

Quin conscendimus equos?	Por que não montamos os cavalos? (= Montemos os cavalos!)
Quin expergiscimini?	Por que não despertais? (= Despertai!)

2) Visto que o emprêgo de *quin* pràticamente se limitava a êsse tipo de perguntas exortativas, foi-se perdendo seu valor original e *quin* transformou-se numa partícula de exortação, combinada com o Subj. exortativo ou com o Imperativo. Exemplos:

Quin conscendamus equos!	Vamos montar os cavalos!
Quin abi!	Vai embora!

3) Numa resposta, *quin* pode ter valor afirmativo: "sim, com certeza, isso mesmo" (emprêgo raro, só encontrado na comédia); esta função deriva da original: "por que não?" > "naturalmente, certamente", etc.

Adduxistine eum? — Quin, inquam, intus est	Trouxeste-o? — Não há dúvida, (digo), está dentro

4) Daí se originar o emprêgo de *quin* para indicar clímax ou correção das palavras precedentes, geralmente em combinações; *quin etiam* indica, por via de regra, clímax; *quin immo,* correção (cf. *immo vero,* etc., § 177), mas a distinção não tem caráter rigoroso. Exemplos:

Multum scribo die, quin etiam noctibus (clímax)	Muito escrevo de dia, até mesmo de noite
Beatus venter qui te portavit, Quinimmo beati qui audiunt verbum hoc (correção)	Feliz o ventre que te carregou. — Antes felizes aquêles que ouvem esta palavra

II. ***Conjunção.*** Como conjunção, *quin* usa-se apenas depois de orações negativas, e é sempre combinado com o Subj. Distinguimos:

1) com verba impediendi (= *quominus*), cf. § 146, III.

2) em cláusulas com valor consecutivo (= *ut non/qui non*, etc.), cf. § 149.

3) em cláusulas causais: *non quin* (= *non eo quod*), *sed quia*, cf. § 150, II, 2, Nota 1.

4) em cláusulas completivas depois de *non dubito quin*, cf. § 66, IV, Nota 1.

§ 188. **Quippe.** — I. ***Advérbio.*** 1) Como adv., *quippe* é partícula de evidência: "naturalmente"; *quippe* < *quid-pe?* = "por que (digo isto)?"; nesta função, assemelha-se bastante a *nempe* < *nam-pe*. Muitas vêzes possui valor irônico. Ao contrário de *nempe*, que é usado em respostas formais ("sem dúvida, certamente", etc.), *quippe* emprega-se mais para confirmar ou corroborar, não as palavras de outrem, mas as de quem está falando. Exemplos:

Cum Romae essem, templum Apollinis visi. Quippe: quid enim pulchrius in urbe cogitari potest?	Quando estava em Roma, visitei evidentemente o templo de Apolo, pois o que se pode imaginar de mais belo na cidade? (lit.: visitei o templo. Claro (que fiz isto), pois o que. . . . ?)
Quippe ego Juno vetor fatis! (ironia)	O destino me proibe (de fazer isto), note bem, a mim, Juno!

2) Muitas vêzes *quippe* reforça a idéia explicativa ou causal expressa pelas conjunções *nam*, *enim*, *etenim*, etc. (cf. o primeiro exemplo sob 1), ou por *cum* causal, p. e.:

Non fuit turpe eum hoc facere, quippe cum cives ejus eodem instituto uterentur	Não lhe foi indecoroso fazer isto porque seus concidadãos tinham o mesmo costume

3) Sobretudo é freqüente com o pron. relativo, cf. § 168, II; e com o particípio, cf. § 25, II, 2.

II. ***Conjunção.*** Daí *quippe* passar a ser empregado como conjunção causal e explicativa (latim arcaico, poesia; não em prosa clássica). Exemplos:

Intellego omnes ei favere, quippe beneficia ejus rei publicae profuerunt	Compreendo que todos lhes são favoráveis, porque os serviços que êle prestou foram de grande utilidade para o Estado

§ 189. **Saltem.** — I. ***Emprêgo clássico.*** Esta partícula tem valor restritivo: "ao menos, em todo o caso", etc. Em prosa clássica, encontra-se relativamente poucas vêzes isolada, mas quase sempre ou em combinação com *aut* alternativo ("ou, pelo menos"), ou então, na apódose de uma construção condicional ou concessiva (cf. § 160, I, 1 e § 161, I). É muitas vêzes combinado com *at* ou *sed.* Exemplos:

Eripe mihi hunc dolorem aut minue saltem!	Livra-me desta dôr, ou pelo menos, diminui-a!
Si non ipsi abibimus, at saltem permitite filium meum Romam mitti	Se nós mesmos não fôrmos, permiti ao menos que meu filho seja mandado a Roma

II. ***Emprêgo pós-clássico.*** Na época imperial, *saltem* é muitas vêzes combinado com negações (= *ne . . . quidem*): "nem sequer". Exemplo,

Non deorum saltem, si non hominum menor erat	Não estava lembrado dos homens: nem sequer dos deuses (ou: Não estava lembrado dos deuses, muito menos ainda dos homens)

§ 190. **Sane.** — Esta partícula é o adv. regularmente formado de *sanus* ("são, sadio"), mas usa-se só poucas vêzes neste sentido; geralmente é partícula.

I. ***Partícula afirmativa.*** Geralmente, *sane* é combinado com verbos, sendo partícula afirmativa: "de fato, deveras"; usa-se muito em respostas: "sim" (cf. § 67, II); freqüentemente ocorre em combinação com o Subj. concessivo (cf. § 57, IV). Exemplos:

Odiosum est sane genus hominum aliis maledicentium	O gênero de homens que falam mal de outrem é deveras odioso
Te moneri num vis? — Sane volo	Não queres receber um (bom) conselho? — Claro que quero
Sit sane fur, at certe est vir strenuus	Bom! Pode ser que êle seja ladrão, mas em todo caso é homem enérgico

II. ***Partícula intensiva.*** As vêzes, principalmente em combinação com adj. e adv., *sane* indica grau ou intensidade (= *valde*): "muito", etc. Exemplos:

Haec villa sane bene culta est	Esta habitação (rural) está muito bem cuidada
Orationem sane longam fecit	Fêz um discurso muito comprido

III. ***Partícula permissiva.*** Com o imperativo, *sane* exprime permissão (cf. § 57, III), p. e.:

Sequere sane!	Pode seguir!

IV. ***Combinado com negações.*** Combinado com negações, *sane* pode ter o valor de: "absolutamente não", etc. mas também o de: "não inteiramente", etc. Exemplos:

Nihil sane intellexisti	Não compreendeste absolutamente nada
Non sane credo quae dixisti	Não creio muito no que disseste

§ 191. **Scilicet.**

I, ***A origem da partícula.*** Esta palavra é forma sincopada de *scire licet:* "é lícito/pode-se saber", e ainda encontra-se combinada com o A. c. I. (comédia e Salústio), p. e.:

Scilicet me hoc facturum esse	Pode saber-se que farei isto, ou: Naturalmente farei isto

II. ***Partícula de evidência.*** No mais das vêzes, porém, *scilicet* é partícula de evidência ("naturalmente, evidentemente", etc.), p. e.:

Brutus terram osculatus est, scilicet quod ea communis mater omnium mortalium esset (cf. 150, II)	Bruto beijou a terra, pelo que evidentemente deu a entender que ela é mãe comum de todos os mortais
Ille patri oboediet? — Scilicet	Obedecerá ao pai? — Naturalmente

Nota. Não raras vêzes, *scilicet* está em correlação com *sed/at*, etc.: "sem dúvida ......, mas....", p. e.:

Me species quaedam commovit, inanis scilicet, sed commovit tamen	Abalou-me um fantasma, sem dúvida, vão, mas em todo o caso, abalou-me

III. ***Partícula afetiva.*** Geralmente, *scilicet* como partícula de eviência encerra grande valor afetivo. Mencionamos aqui:

1) *Ironia;* exemplo:

Gratuito malus atque crudelis erat, scilicet ne per otium torpescerent manus	Sem razão era malvado e cruel, naturalmente, para impedir que suas mãos se tolhessem pelo ócio

2) *Exclamação de dor e de decepção* (cf. em francês: *hélas);* exemplo:

Cum res publica a ditatore opprimeretur, bonae scilicet litterae conticuerunt	Quando o Estado era dominado pelo ditador, a literatura, "hélas", emudeceu!

3) Indica *espanto, indignação,* etc.: "note bem!, imagine!, isso é o cúmulo!" etc., p. e.:

Ausus est me rogare scilicet ut patriam proderem	Atreveu-se a pedir-me (imagine!) que traísse a pátria

IV. ***Emprêgo pós-clássico.*** Em latim pós-clássico, *scilicet* pode ser também partícula explicativa: "a saber, isto é", etc. (= *nempe, videlicet,* etc.) Exemplo:

Sub nomine alieno, nepotum scilicet et uxoris sororisque, hoc scripsit	Em nome de outras pessoas, a saber dos netos, da espôsa e da irmã, escreveu isto

§ 192. **Simul** (cf. as palavras: *semel, similis* e *singuli*). — I. ***Advérbio.*** *Simul* significa: "juntamente", etc., p. e. na frase: *Omnes simul abierunt* = "Todos foram embora juntos"; às vêzes, é combinado com uma construção participial para salientar a simultaneidade (cf. § 25, II, 4); também se encontra a correlação: *simul..... simul:* "em parte....., em parte também; não só..... como também". Exemplo:

Venerunt in castra, simul sui purgandi causā, simul ut pacem orarent	Vieram ao acampamento não só para pedir desculpas, mas também para solicitar a paz

II. ***Preposição.*** Só em latim pós-clássico, cf. § 135.

III. ***Conjunção.*** As formas encontradas são: *simul ac/atque/et,* ou simplesmente: *simul:* "logo que", etc. Cf. § 154.

§ 193. **Tamen.** — *Tamen* é partícula restritiva e adversativa, encontrando-se principalmente:

I. ***Partícula restritiva.*** Na oração principal correspondente a uma cláusula introduzida por *si, si non* (cf. § 160,

I, 1), *etsi*, *tametsi*, *etiamsi*, *quamquam*, *quamvis*, etc. (cf. §§ 161–162); muitas vêzes emprega-se: *at tamen* (*attamen*) ou *nihilominus tamen*.

2) Com uma construção participial, cujo valor seja concessivo, cf. § 25, III; também nas combinações: *si tamen* ("se é que") e *nisi tamen* ("a não ser que").

II. ***Partícula adversativa.*** Muitas vêzes a idéia concessiva pode fàcilmente ser completada pelo contexto, caso em que *tamen* (freqüentemente acompanhado de *sed* ou *verum*), adquire a fôrça de uma partícula adversativa: "contudo", etc. Exemplos:

Hic vir accusatus capitis absolvitur; [absolutus] multatur tamen (Pres. hist.)	Êste homem, acusado de crime capital, foi absolvido; contudo foi multado
Dux ipse aciem deserere noluit; sed [id nolens] reliquis tamen fugae facultatem dedit	O próprio general não quís abandonar as fileiras; contudo deu aos demais licença de fugir

Nota. Em latim clássico, *tamen* é raras vêzes conjunção pròpriamente dita: "mas, porém", função que se torna freqüente na época imperial.

§ 194. **Tandem.** — I. ***Emprêgo clássico.*** *Tandem* é adv. de tempo ("afinal, finalmente, enfim", etc.); muitas vêzes é reforçado por partículas de significado semelhante, tais como: *vix*, *aliquando*, *saltem*, etc. É freqüente seu emprêgo em perguntas que exprimem impaciência, p. e.:

Quousque tandem abutēre patientiā nostrā?	Até quando ainda abusarás da nossa paciência?

II. ***Emprêgo pós-clássico.*** Na época imperial, *tandem* passa a ser empregado no sentido de *denique* (cf. § 174, II, 2): "em suma, em uma palavra", ou no de: "afinal das contas", p. e.:

Est vir magno ingenio, summis artibus deditus, peritissimus rerum humanarum, dignissimus tandem qui a nobis recipiatur	É um homem de grande talento, que se dedicou à cultura mais elevada, com grande experiência das coisas humanas; em suma, merece irrestritamente ser bem recebido por nós

§ 195. **Temere.** — *Temere* é o antigo locativo de um subst. desusado em latim histórico: *temus*, *temĕris* ("à escuridão"), e significa portanto: "na escuridão, às cegas", daí:

"ao acaso, sem reflexão, sem motivo, sem ordem, à toa", etc. (cf. § 72, II, 1). Exemplos:

Jacent saxa temere	As pedras jazem sem ordem/desordenadas
Oppidum temere munitum est	A fortaleza não está bem guarnecida
Haud temere est quod hodie me quaerit	Não é sem motivo que hoje me procura

Notas.

1) Muitas vêzes *temere* é reforçado por partículas de significado semelhante, tais como: *forte, fortuito, imprudenter, sic,* etc.

2) *Non/Haud temere* quer dizer muitas vêzes: "não fàcilmente", etc., p. e.:

Non temere adibit huc quisquam	Não fàcilmente chegará aqui alguém

§ 196. **Tum (tunc) e Nunc.** — I. ***Tum.*** 1) *Tum* (*tunc*) é partícula de tempo, encontrando-se muitas vêzes em correlação com *cum* temporal (cf. § 152, I, 1) ou com uma construção participial de valor temporal (cf. § 25, III); são freqüentes estas combinações: *tum vero* ("foi então que", cf. § 199, II, 1b), *etiamtum* ("até então, então ainda", cf. § 175, II, 3) e *tum demum/denique* ("só então", cf. § 174). Também ocorre combinado com o gen. partitivo: *tum temporis* (cf. § 88, V, 1c).

2) *Tum* (*tunc*) indica também ordem e sucessão, p. e.: *Quid tum?* = "E então?" Encontra-se muitas vêzes em correlação: *primum*. . . ., (*deinde*) . . . ., *tum:* "primeiro. . . ., (em seguida) . . . . ., depois", etc. *Tum*. . . . . *tum* quer dizer; "ora. . . . . ora". Quanto à correlação *cum* . . . . *tum* (não temporal), cf. § 208, I, 3.

II. ***Nunc.*** 1) *Nunc* é partícula de tempo: "agora". Combinações freqüentes são: *nunc ipsum* ("neste momento"); *nunc primum* ("agora pela primeira vez"); *nunc demum/denique/tandem* ("só agora, agora afinal"); *etiamnum* ou *etiamnunc* ("até agora, agora ainda"), etc. A correlação: *nunc*. . . . *nunc* ("ora. . . ., ora") não se encontra em prosa clássica.

2) *Nunc* adquire, às vêzes, o valor de uma partícula lógica, principalmente nestas duas funções:

a) *Nunc* = *Quae cum ita sint* ("Sendo assim; destarte; então", etc.), sobretudo numa exortação ou conclusão que se segue a uma exposição dos fatos, p. e.:

Opus est mihi nuntio. I nunc et dic ei me mox venturum esse	Preciso de um mensageiro. Vai então e dize-lhe que logo irei
Haec omnia scelera Antiochus commisit; nunc quid vobis faciendum esse decernitis, patres conscripti?	Todos êstes crimes foram cometidos por Antíoco: diante disso, o que julgais dever fazer, senhores senadores?

b) *Nunc*, geralmente reforçado por *vero* ou *autem*, segue-se muitas vêzes a uma hipótese ou afirmação não confirmada pelos fatos; neste caso, podemos traduzir a partícula: "(mas) na realidade". Exemplo:

Philosophi debuerunt intellegere hanc rem maxime referre hominum. Nunc autem/vero blaterare malle mihi videntur	Os filósofos deviam ter compreendido que êste assunto era de suma importância para os homens; na realidade, porém, parece-me que preferem palrar

§ 197. **Usque.** — Esta partícula ("a fio, seguidamente", etc.) emprega-se no sentido local e no sentido temporal; em certas combinações tem também valor intensivo.

I. ***Sentido local.*** São freqüentes combinações com *ad*, p. e. *usque ad Numantiam* e *ad fundum usque* ("até o fundo"); cf. em francês: *jusqu'à* (§ 94, A, 1); combinado com o ac. de direção de nomes de cidades, etc., *usque* é só aparentemente preposição p. e.: *Romam usque* ("até Roma"). A partícula é combinada também, embora menos freqüentemente, com *ab* ou *ex* mais abl., p. e.: *usque ex Syriā* ("do fundo da Síria"). Reparem bem na combinação: *usquequ.que* = "em tôda a parte, em todo e qualquer lugar".

II. ***Sentido temporal.*** Também nesta função, *usque* é freqüentemente combinado com *ad* (cf. § 94, B, 1), p. e.: *usque ad extremum diem vitae* = "até o último dia da (sua) vida"; às vêzes, encontramos: *usque ab/de/ex* mais abl., p. e.: *usque a Romulo* ("desde os dias de Rômulo). Sem preposição: *Juvat nos usque hic morari* = "Apraz-nos ficar aqui sempre". A palavra composta *usquequ.que*, além de ter significado local, pode ter também sentido temporal: "sempre, continuamente, sem interrupção", etc. *Usque eo*, muitas vêzes seguido de *dum, quoad, donec* (cf. § 156, I, 2), significa: "até êsse ponto", etc.

III. ***Função intensiva.*** Do mesmo modo que a locução portuguêsa: "até êsse ponto" chegou a exercer uma função intensiva, assim também *usque eo* em latim, p. e.

*Usque eo pervenit ut bona patris vendere*t (cf. § 147, I)	Chegou ao ponto de vender os bens do pai

§ 198. **Utpote.** — Esta palavra quer dizer: "como é possível" = "como pode acontecer" > "como costuma acontecer, ou: > como é natural que aconteça" > "naturalmente". É partícula explicativa, usada principalmente em combinação com cláusulas relativas com valor causal (cf. § 168, II), com construções participiais (cf. § 25, II, 2), e com *cum* causal (cf. § 150, I). As vêzes, *utpote* é combinado também com subst. ou com adj., p. e.:

Eo loco populus numerabilis, utpote parvus, coibat	Nesse local se reunia o povo, fácil de contar ainda, por causa de seu pequeno número
Bene receptus est ab iis, utpote gentis ejusdem	Foi bem recebido por êles, visto que era da mesma família

§ 199. **Vere e vero.** — I. ***Vere.*** O advérbio *vere* significa, geralmente: "conforme a verdade", p. e.: *loqui/judicare vere* = "falar/julgar conforme a verdade", etc. Daí se originar também o sentido de: "sinceramente, honestamente, sèriamente", etc., p. e.: *egit vere* = "procedeu com tôda a sinceridade/seriedade", etc.

II. ***Vero.*** Pode ser usado como advérbio e como conjunção.

1) Advérbio. a) *Vero* é partícula afirmativa ("deveras, na verdade, de fato, mesmo", etc.), empregando-se também em respostas (*Ita vero; minime vero*, etc., cf. § 67, II) e em exortações. Às vêzes, encontra-se na combinação: *vero et serio* = "em tôda a seriedade". Exemplos:

Magnifica vero vox ejus est	Sua voz é deveras magnífica
Ego vero cupio te ad me venire	Desejo mesmo/na verdade que venhas ter comigo
Audite vero, cives Romani!	Escutai, ó cidadãos romanos!

b) Muitas vêzes, *vero* é partícula de realce, sobretudo em combinação com outras partículas. Registramos aqui: *tum vero* ("foi então que"); *immo vero* ("antes"; cf. § 177); *nisi*

vero (cf. § 160, I, 3); *an vero* (cf. § 66, III); etc. Nas combinações *et vero* e *neque vero* temos partículas aproximativas que salientam a importância daquilo que se segue; a idéia de clímax é muitas vêzes inerente à partícula *vero*. Reparem também na combinação: (*verum*) *enimvero* = "(mas) o fato é que, (mas) a verdade é que", etc.

2) Conjunção. — É partícula adversativa (cf. § 205, I, 3).

III. ***Quanto a "verum"***, cf. 205, I, 2.

§ 200. **Videlicet** (cf. *scilicet*). — I. ***A origem da palavra.*** *Videlicet* < *videre licet*, combina-se ainda com o A. c. I. (cf. § 191, I), p. e.:

Videlicet illum fuisse adulescentem prodigum	Pode-se ver/É claro que êle, quando jovem, foi perdulário

II. ***Partícula de evidência.*** Daí se originar seu emprêgo como partícula de evidência: "claro que, evidentemente", etc. Usa-se também em respostas e, muitas vêzes, — embora menos freqüentemente do que *scilicet* — tem valor irônico. Exemplos:

Pater meus huc adventurus est. Videlicet de meis inceptis audivit	Meu pai pretende vir aqui. Sem dúvida soube dos meus planos
Quid metuit? — Poenam scilicet	O que êle teme? — Claro, o castigo!
Tuus videlicet consulatus salutaris fuit, at meus perniciosus! (ironia)	Sem dúvida, o teu consulado foi salutar, mas o meu pernicioso!

III. ***Partícula explicativa.*** Às vêzes, usa-se *videlicet* como partícula explicativa: "a saber, isto é" (cf. *scilicet* e *nempe*). Exemplo:

Putabat venisse tempus iis qui in timore fuissent, conjuratos videlicet dicebat, ulciscendi se (cf. § 71, I, 3f)	Julgava ter vindo o momento de tirarem vingança os que tinham vivido em temor, isto é, os conjurados

AS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

§ 201. **As conjunções aproximativas** — I. ***Generalidades.*** As conjunções aproximativas em latim são: *et, -que, atque/ac*.

1) *Et* é a conjunção mais comum, bem como, a mais incolor: "e". A partícula serve para ligar palavras, cláusulas e frases. Comentário desnecessário.

Nota. *Et* pode ser usado também como advérbio = *etiam*, cf. § 176. Em lugar de *Etiam tu Brute*, poderíamos dizer também: *Et tu Brute!*

2) *–que* é palavra enclítica e liga principalmente palavras ou idéias cognatas, p. e.: *pater materque; se suaque; terrā marique; uno eodemque tempore; longe lateque; amavi dilexique*, etc. Menos freqüente é o seu emprêgo para ligar cláusulas e frases.

3) *Atque* < *ad–que* ("e acrescenta-se"); *atque* > *atc* > *ac*. Em prosa clássica, emprega-se geralmente *atque* (não *ac*) antes de vogais e *c*, *g* e *qu* (guturais). Originàriamente, *atque/ac* tinha mais fôrça do que as duas outras partículas aproximativas, servindo para acrescentar uma palavra ou idéia considerada de suma importância para a narrativa ou para a argumentação (neste caso, usa-se muitas vêzes a combinação *atque adeo/etiam/vero*, etc.). Mas em latim clássico, *atque/ac* pouco se distingue de *et* e *–que*, não passando de um recurso estilístico para variar a ligação aproximativa.

II. ***Observações.*** 1) *Et* e *atque/ac* são usados também em cláusulas comparativas de identidade e de diferença, cf. § 164, IV.

2) Na expressão *hodieque* (não encontrada em prosa clássica), a partícula *–que* equivale, ao que parece, a *quoque*: "ainda hoje" (cf. *etiam*, § 175, II).

3) As três partículas aproximativas são usadas também, onde nós preferiríamos uma partícula disjuntiva, adversativa ou causal-explicativa, p. e.:

Ex urbe discessit ac potius fugit	Saíu da cidade, ou melhor, fugiu
Hostes impetum ferre non potuerunt, ac terga verterunt	Os inimigos não puderam sustentar o ataque, mas puseram-se em fuga
Ad tempus non venit, metusque rem impediebat	Não veio a tempo, pois que o mêdo impedia a coisa/isso

Nota. Nestes casos não se pode falar em funções secundárias de *et*, *–que* e *atque/ac*, visto que a função disjuntiva, adversativa ou causal depende exclusivamente do contexto.

III. ***Correlações.*** 1) Três ou mais palavras juxtapostas são ou unidas entre si pela conjunção *et* (é o chamado "polissíndeto"), ou então, falta por completo a conjunção (é o chamado "assíndeto"); só a partícula *–que* pode ocorrer combinado com a última palavra de uma construção assindética. Exemplos:

Parentibus et diis immortalibus et civibus *Parentibus, diis immortalibus, civibus* *Parentibus, diis immortalibus civibusque*	*gratias referre debemus*	Devemos mostrar nossa gratidão aos pais, aos deuses imortais e aos cidadãos

2) Muitas vêzes encontra-se a correlação: *et.... et,* pela qual duas idéias ou frases são estreitamente ligadas entre si; a tradução portuguêsa: "não só....., como (mas) também", ficaria, no mais das vêzes, muito prolixa e pesada; melhor é não traduzirmos o primeiro *et,* e dizermos: "bem como; e também", ou simplesmente: "e", conforme fôr o contexto. Em lugar de *et..... et,* encontramos também: *–que.... et; et.... –que; et.... ac/atque; ac..... et; atque ....et; –que... ac/atque,* etc. A correlação *–que..... –que* encontra-se só em poesia. Exemplos:

Et pater et mater hoc sciunt	O pai e (também) a mãe sabem isto
Nam et semper me observavit et nobiscum eadem studia exercuit	Pois sempre me respeitou e (também) se dedicou comigo aos mesmos estudos
Et monere et moneri est proprium verae amicitiae	Admoestar, bem como ser admoestado, é próprio da verdadeira amizade

3) Ao passo que as correlações anteriores se compõem de dois ou mais elementos considerados, em geral, de importância igual, a correlação: *non modo/solum/tantum....,* *sed etiam/verum etiam,* etc. dá maior relêvo ao segundo membro: "não só....., mas (como) também", etc. No segundo membro encontramos também: *sed.... ne.... quidem* ("mas nem sequer"). Essas correleções são muito freqüentes em prosa, mas devido ao seu caráter demasiadamente enfático e quase pedante, são evitadas em poesia. Exemplos desnecessários.

4) Quanto às correleções negativas *neque/nec* e *neve/neu,* cf. § 203.

§ 202. **As conjunções disjuntivas.** — I. ***Generalidades.*** As mais importantes são: *aut, vel* e *-ve.*

1) A partícula *aut* é a mais enfática das três, principalmente na correlação alternativa: *aut..... aut* = "ou....., ou então"; neste caso, o segundo *aut* vem muitas vêzes seguido de *potius, saltem, certe, etiam, vero,* etc. ("ou melhor; ou pelo menos; ou então", etc.). Mas acontece também que *aut* se emprega no sentido enfraquecido de *vel,* não indicando alternativa, mas simplesmente indiferença de escolha; êste emprêgo é sobretudo freqüente quando continua uma negação anterior, e em perguntas, onde *aut,* em oposição a *an* (cf. § 65), acrescenta um detalhe ou uma explicação ulterior ao primeiro membro. Exemplos:

Nobis (aut) vincendum aut moriendum est (alternativa)	Temos que vencer, ou então morrer
Tace, aut saltem verum dic! (alernat.)	Cala-te, ou pelo menos, fala a verdade!
Tres aut quattuor horas hic permansit (indiferença de escolha)	Ficou aqui três ou quatro horas
Suebi nullo officio aut disciplinā assuefacti sunt (continuação de uma expressão negativa)	Os suevos não estão acostumados a (respeitar) nenhuma obrigação e nenhuma disciplina
Quaero num id injuste aut improbe fecerit (uma pergunta disjuntiva seria: *injuste an juste*)	Pergunto se êle fêz isso injusta e criminosamente (ou com direito)

2) *Vel* (originàriamente o Imp. de *velle*) indica indiferença de escolha, p. e. na frase:

Tres vel quattuor horas hic permansit	Ficou aqui três ou quatro horas

Também ocorre a correlação: *vel..... vel* ("ou..... ou"); só raras vêzes *vel* exprime alternativa; é freqüente o emprêgo da combinação: *vel potius* ("ou melhor" = *sive potius,* cf. § 160, II).

3) *-ve* está para *vel* como *-que* para *et;* palavra enclítica, é a mais fraca das três partículas disjuntivas. Nunca exprime alternativa, mas sempre indiferença de escolha, p. e. *Tres quattuorve horas hic permansit.* Reparem também na expressão: *plus minusve* = "mais ou menos".

II. ***Observações.***

1) Também se usa, às vêzes, *sive* no sentido de *vel*, cf. § 160, II.
2) Quanto às funções adverbiais de *vel*, cf. § 218, IV, 2.
3) Encontram-se também as seguintes correlações: *aut.... vel* (em poesia); *aut.... aut.... -ve; vel.... vel.... aut; -ve.... -ve* (em poesia); *seu.... aut; -ve.... aut* (em poesia), etc.
4) *Vel* em latim tardio (às vêzes também em textos da época dos primeiros imperadores) significa muitas vêzes: "e" (= *et*).

§ 203. **As correlativas negativas.** — Distinguimos entre *nĕque/nĕc*, (I) e *nēve/neu* (II).

I. ***Neque/nec.*** *Neque* é composto da antiga negação *nĕ* (cf. § 170, I, 2); *nec* é forma apocopada de *neque;* as duas partículas podem ser empregadas indistintamente, mas prefere-se geralmente *neque* antes de vogais.

1) *Neque/nec* = *et non* (não = *et ne!*), e pode seguir-se a uma frase positiva bem como a uma frase negativa; muito freqüente é o emprêgo da correlação: *neque.... neque, nec.... nec*, etc., mas também das seguintes: *et.... neque, neque.... et*, etc. Exemplos:

Opinionibus vulgi rapimur in errorem nec vera cernimus	Deixamo-nos guiar pelas opiniões da massa e não enxergarmos a verdade
Non est imprudens neque inconsultus	Não é imprudente nem incauto
Neque homines neque deos curat	Não liga nem para os homens nem para os deuses

2) *Neque/nec* refere-se muitas vêzes não à frase inteira, mas a uma única palavra, principalmente quando combinado com certos adjetivos, pronomes e advérbios, p. e.:

Epicharmus vir acutus nec insulsus fuit	Epicarmo foi um homem inteligente e não destituído de graça.
Plurima oppida capta esse videbant nec facile hostes repelli posse animadvertebant (= *et animadvertebant hostes non facile repelli posse*)	Viam que muitas fortalezas foram tomadas e percebiam que os inimigos não podiam fàcilmente ser expulsos

Cf. também:

nec quisquam = *et nemo*	e ninguém
nec quidquam = *et nihil*	e nada
nec umquam = *et numquam*	e nunca
nec usquam = *et nusquam*	e em parte alguma

3) Nas frases negativas, introduzidas por *enim, igitur, tamen, vero,* etc., o latim emprega preferìvelmente *neque/nec,* onde seria suficiente, do ponto de vista do português, a negação *non.* Portanto:

neque enim	pois que não	*neque tamen*	contudo não
neque igitur	portanto não	*neque vero*	mas não

4) Em latim arcaico e na linguagem poética encontramos, às vêzes, *nec = non,* p. e. na frase: *quod nec vortat bene* ("oxalá não lhe suceda bem!").

5) Assim como as partículas aproximativas, às vêzes, possuem valor adversativo, disjuntivo ou causal-explicativo, assim também *neque/nec,* p. e.:

Plurimos annos in philosophiā consumpsi nec ferre possum dolorem	Gastei vários anos em estudos filosóficos, *mas* assim mesmo não posso suportar a dor

II. ***Nēve/neu.*** *Neve* é composto de *nē* e *–ve,* e equivale a *et ne;* sua forma contrata é *neu.* As duas partículas são usadas:

1) Em cláusulas finais, obrigatòriamente depois de *nē,* e facultativamente depois de *ut;* neste último caso, pode usar-se também *neque* (cf. § 144, II, 3). Exemplos:

Caesar castra movit ut hostes deciperentur neve/neque Romanos aquā intercluderent	César levantou o acampamento para que os inimigos fôssem logrados e não interceptassem a água aos romanos
Caesar castra movit ne hostes impetum facerent neve Romanos aquā intercluderent	César levantou o acampamento para que os inimigos não fizessem um ataque e não interceptassem a água aos romanos

Nota. Em vez de: *nē.... nēve,* encontra-se também: *nē aut..... aut,* ou: *ut nēve.... nēve* (raramente: *ut nĕque..... nĕque*).

2) Em orações independentes com o Subj. optativo ou voluntativo, ou com o Imp. do Fut., mas só depois de uma primeira frase negativa. Exemplos:

Tu vero ne quid dixeris neve ab aliis quaesieris	Tu, porém, não digas nada nem faças perguntas a outros
Dona ne capiunto neve danto	Não deverão receber nem dar presentes

Nota. Mas a uma frase positiva segue-se *nĕque,* p. e.: *Perge nec exspectaris* ("Continua e não aguardes!"); também não se encontra em orações independentes a correlação: *nēve.... nēve,* mas sempre: *nĕque.... nĕque,* p. e.: *Utinam neque pater neque mater mea mortua esset!* ("Oxalá não tivesse morrido nem meu pai nem minha mãe!")

§ 204. **As conjunções causais-explicativas.** — Ao lado das conjunções causais subordinativas, tais como *quod* e *quia* (cf. § 150), existem também conjunções causais coordenativas em latim (cf. em francês: *car;* em inglês: *for;* em alemão: *denn*). Estas partículas coordenativas indicam, em geral, menos a causa, do que a explicação ou o esclarecimento daquilo que precedeu As mais importantes são *enim* e *nam;* a tradução normal destas partículas é "pois (que)" ou "porque"; às vêzes, porém, *nam* e *enim* não admitem uma tradução explícita em português.

I. ***As partículas mais usadas.*** 1) *Enim* e *nam* eram, originàriamente, partículas afirmativas ("com efeito; na verdade; verdadeiramente", etc.) As duas palavras podem ser usadas indistintamente em latim clássico. A única diferença é que *enim,* como palavra enclítica, nunca ocupa o primeiro lugar dentro da frase. As duas palavras encontram-se muitas vêzes em parêntese; freqüentemente está subentendida a idéia que vem a ser esclarecida por *nam* ou *enim.* Exemplos:

Initium fugae factum est a Dumnorigis equitibus (nam Dumnorix, ou: *Dumnorix enim equitatui praeerat), eorumque fugā ceteri hostes perterriti sunt*	O início da fuga foi dado pelos cavaleiros de Dumnorige (êsse Dumnorige comandava a cavalaria), e pela fuga dêles foram amedrontados os demais inimigos
Ecquid similius insaniae est quam ira? Quid Achille Homerico foedius? Nam Ajacem quidem ira ad furorem mortemque duxit	Existe alguma coisa mais semelhante à loucura do que a ira? Que é mais repugnante do que Aquiles tal como foi retratado por Homero? (Sôbre Ajax não preciso falar) pois a êle levou-o sua ira à loucura e à morte

2) Em vez de *enim* encontramos muitas vêzes *etenim* (no início de uma frase); em lugar de *nam* a palavra *namque* (esta palavra é relativamente rara ainda em latim clássico).

II. ***Observações.*** 1) *Nam* e *enim* ainda têm valor adverbial, principalmente em respostas:" sem dúvida, com certeza, sim", etc. Exemplos:

Tua uxor dixit te me vocare. — Ego enim te vocari jussi	Tua espôsa me disse que me chamavas. — Sim, mandei chamar-te
Nihil rumores hominum curemus. — Nam sic agamus (coloquial)	Não nos preocupemos com as conversas dos homens. — Pois é, façamos assim

2) *Nam* encontra-se muitas vêzes numa pergunta (direta ou indireta) para lhe comunicar maior vivacidade ou para mostrar impaciência e outros afetos; em latim clássico, *-nam* interrogativo acrescenta-se geralmente, como palavra enclítica, ao pron. ou adv. interrogativo, ou à partícula interrogativa. Exemplos:

Ubinam gentium sumus? (prosa cláss.) *Nam ubi gentium sumus?* (pré-cláss. e poesia)	Em que país do mundo estamos?

3) Quanto a *enimvero,* ("é um fato que, é verdade que", etc.), cf. § 199, II, 1b; quanto a *sed/at enim,* cf. § 205, II, 5; quanto a *utinam,* cf. § 211, II, 2.

§ 205. **As conjunções adversativas.** — I. ***Generalidades.*** Em latim há grande diversidade de conjunções adversativas. Mencionamos aqui:

1) SED. *Sed* é a partícula adversativa mais comum em latim, e pode seguir-se, igualmente, a uma frase negativa ou positiva; na primeira hipótese, *sed* anula e substitui o que foi dito anteriormente (em alemão: *sondern);* na segunda hipótese, *sed* restringe ou corrige as palavras precedentes (em alemão: *aber*); neste caso, estas palavras possuem muitas vêzes valor concessivo e podem vir acompanhadas de *quidem, equidem, sane* ou de outras partículas. Exemplos:

Est haec lex non scripta, sed nata	Esta lei não está escrita, mas (sim) faz parte da natureza
Magnum (quidem) opus et arduum conamur: sed nihil amanti difficile est	A obra que tentamos fazer é (sem dúvida) grande e árdua, mas nada é difícil para quem ama

Nota. *Sĕd* < *sēd,* palavra antiga que ainda se encontra em palavras compostas, tais como: *sēd-itio* ("sedição") e *sē-cedere* ("sair"); seu significado original era e de "separação" (cf. *sondern* em alemão, e *zonder* (= sem), em holandês).

2) VERUM. *Verum,* em prosa clássica muito menos usado do que *sed,* tem tôdas as funções desta palavra, encontrando-se principalmente na correlação: *non modo . . . . . verum etiam,* e na combinação: *verum enimvero.* Originàriamente significava: (mas) verdade (é que)"

3) Vero. *Vero,* originàriamente uma partícula afirmativa (cf. § 199, II), é palavra enclítica; sua função própria é a de acrescentar uma segunda idéia, considerada de maior importância, à outra, pelo que se estabelece uma forte oposição entre as duas. Mas com o tempo, *vero* foi perdendo muito da sua fôrça original, e sobretudo os historiadores (também César) usam a palavra freqüentemente no sentido enfraquecido de *autem* (cf. *infra,* 5).

4) At (na comédia e na poesia também *ast*). *At* é a mais viva de tôdas as conjunções adversativas em latim, usando-se principalmente no diálogo (para fazer objeções), no discurso e na argumentação (para introduzir uma objeção fingida), e finalmente em tôda e qualquer espécie de frases para opor com vivacidade uma idéia a outra. Exemplos:

At dicet quispiam.......	Mas alguém dirá......
Ignavus fuit. — At eum, tu ob virtutem coronā eum donasti!	Êle foi covarde. — Mas tu lhe deste uma coroa por causa da sua valentia!
Vis corporis brevi dilabitur; at ingenii egregia facinora immortalia sunt	A fôrça do corpo logo se desvanece; mas as grandes realizações do espírito são imortais

5) Autem. *Autem* é a partícula mais fraca e vaga de tôdas as adversativas, ocupando um lugar intermediário entre *et* aproximativo e *sed* adversativo; podemos traduzi-la, conforme fôr o caso, por "mas, porém" ou por "e". Às vêzes, emprega-se (sobretudo em parênteses) para explicar as palavras anteriores. Exemplos:

Gyges a nullo videbatur, ipse autem omnia videbat	Giges não era visto por ninguém, mas êle mesmo via tudo
Omnia fato fiunt. Fatum autem appello ordinem seriemque causarum	Tudo o que acontece é devido ao destino. (E) chamo de destino a série ordenada das causas
Videns unum e servis amici sui: "Dave", inquit, (Davus autem erat nomen servi) "ubinam est herus tuus?"	Vendo um dos escravos do seu amigo, disse: "Davo!" (Davo era o nome do escravo) "onde está teu senhor?"

6) Atqui (menos corretamente: *atquin*). *Atqui* emprega-se principalmente no diálogo para introduzir uma objeção às palavras anteriores; também se usa na premissa menor de um silogismo. Exemplos:

Res dificilis est et inexplicabilis. — Atqui explicanda est	É uma coisa difícil e impossível de explicar. — Mas tem que ser explicada
Si sunt arae, sunt dii quoque. Atqui sunt arae. Ergo dii sunt	Se existem altares, existem os deuses também. Ora, existem altares. Logo existem os deuses

7) Magis (cf. § 218, III, 2). De *magis* derivam as palavras "mais" (em port. e francês) e "mas" (em espanhol), etc. Em latim clássico, ainda não se encontra nesta função, mas o poeta Propércio usa *magis* numa frase que já indica a evolução posterior: *Quem non lucra, magis Pero formosa coegit* = "Não o forçou a ganância, (mas) antes a formosa Pero" (Pero era irmã de Nestor).

II. ***Observações.*** 1) *Sed* é empregado, principalmente pelos historiadores (Salústio, Tito Lívio, etc.), como partícula de transição, perdendo quase tôda a sua fôrça original: "ora, e" etc. Exemplo:

Sed eā tempestate homines extollere se coeperunt	Ora, nesse tempo os homens começaram a vangloriar-se

Nota. Também *verum* e *at* são, embora menos freqüentemente, usados da mesma forma.

2) *At,* muitas vêzes reforçado por *tamen, saltem, certe,* etc. usa-se também na apódose de uma construção condicional e concessiva, cf. § 160, I, 1; §§ 161–162.

3) Muito provàvelmente *ast* chegou a ser confundido com *at* só na época clássica; em latim arcaico, *ast* quer dizer: "mas/e se" e "por outro lado"; são mormente os poetas da idade de Augusto que, também por motivos de ordem métrica, começaram a igualar *ast* a *at.* — A forma *atquin* foi criada por analogia com *quin* (advérbio de clímax e de correção).

4) Quanto a *tamen,* cf. § 193.

5) *Sed/At enim* é uma combinação com valor adversativo reforçado; nela temos muito provàvelmente uma espécie de elipse. Tipo: *Pater quidam duos filios habebat. Sed/At (non educavit similiter), alterum enim secum habebat, alterum rus dimisit* = "Um certo pai tinha dois filhos. Mas (não os educava do mesmo modo), pois tinha consigo um dêles, e mandou o outro para o campo". Segundo outros, *enim* nesta combinação teria valor adverbial. Seja como fôr, *sed/at enim* marca uma oposição forte e viva.

§ 206. **As conjunções conclusivas.** — I. ***Generalidades.*** As mais importantes são *itaque, igitur* e *ergo.*

1) Itaque. Esta partícula ocupa, em prosa clássica, sempre o primeiro lugar de uma frase; indica menos uma conclusão intelectual do que uma conseqüência factual. Exemplo:

Barbari impetum nostrorum sustinere non poterant. Itaque se suaque omnia Caesari dediderunt	Os bárbaros não podiam sustentar o ataque dos nossos. Destarte se renderam com todos os seus haveres a César

2) Igitur. Esta partícula, em latim clásisco sempre enclítica, tinha originàriamente valor temporal: "então, em seguida" (assim ainda na comédia); em prosa clássica, indica no mais das vêzes uma conclusão: "logo, portanto, por conseguinte", etc. sendo usada também em silogismos formais; menos freqüente é seu emprêgo no sentido de *itaque:* "destarte". Encontra-se várias vêzes também depois de uma digressão ou uma parêntese para retomar o fio da narrativa ou da argumentação. Exemplos:

Igitur deinde/tum iratus est (coméd.)	Depois/Então ficou indignado
Quid ordinatius cogitari potest hoc mundo? Ordo autem sine auctore esse non potest. Deum igitur esse necesse est fateamur	Que se pode imaginar de mais bem ordenado do que êste universo? Ora, não pode haver ordenação sem criador. Logo temos de admitir a existência de Deus
Suebi, gens ferocissima Germanorum, ultra Rhenum habitant (Rhenus autem flumen est, quo Galli Germanique dividuntur). Suebi igitur....	Os suévos, a tribo mais feroz dos germanos, moram além do Reno (o Reno é o rio que separa os gauleses dos germanos); (como dizia), os suévos....

3) Ergo. Esta partícula usa-se em conclusões formais (cf. o exemplo no § 205, I, 6); também se emprega depois de parêntese (cf. *igitur*).

II. ***Observações.*** 1) Segundo os antigos gramáticos, havia uma diferença de acento entre *ítaque* (conclusivo) e *itáque* (= *et ita:* "e assim"), mas o fato é negado por vários filólogos modernos.

2) A origem de *igitur* é obscura; talvez derive de *agitur* ("trata-se", cf. em francês: *il s'agit*) em posição enclítica, p. e.: *postigitur, quidigitur, hocigitur.*

3) *Ergo < e-rego:* "em frente a", daí chegou a significar: "direto" e "direito"; a palavra encontra-se na comédia ainda no sentido de "deveras, de fato", etc., e empregada também como "pós-posição" (cf. § 141).

ALGUMAS CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

§ 207. **Cum.** — A forma original deste palavra é *quom* > *quum* (pron. relativo de *tum;* cf. *num* = *nunc*). *Cum* é combinado com o Ind. e com o Subj.

I. ***Com o Indicativo.*** Já estudamos suas funções no § 152, I. Aqui assinalamos apenas algumas combinações e e correlações:

1) *Cum primum:* "logo que"; esta combinação é bastante parecida com *ubi, ut, simul* (cf. § 154, I, 1). Exemplo:

Cum primum Romam veni, templum Appollinis visi	Logo depois da minha chegada a Roma, visitei o templo de Apolo

2) *Cum maxime:* "exatamente no momento em que", p. e.:

Tum, cum maxime fallunt, id agunt ut viri boni esse videantur	Exatamente quando enganam, esforçam-se por parecer homens honestos

Cum maxime (elíptico) = "sobretudo agora/então", ou = "sobretudo" (principalmente em latim pós-clássico).

3) *Cum... tum* (em latim pré-clássico sempre com o Ind.; em latim clássico e pós-clássico, às vêzes com o Subj., mormente quando *cum* indica ação anterior). Esta correlação liga duas idéias estreitamente entre si: *cum* introduz uma afirmação genérica; *tum*, muitas vêzes reforçado por *maxime, etiam, praecipue, certe, eximie,* etc., introduz o caso específico, considerado de maior importância. *Cum.... tum* encontra-se, portanto, em frases que indicam clímax ou contêm um argumento *a fortiori*. A tradução em português varia: "Se é verdade que ....., muito mais.....", ou: "por um lado ....., por outro lado", ou "de um modo ..... geral.....; mas sobretudo", etc. Muitas vêzes recomenda-se também a tradução: "não so....., como/mas também". Exemplos:

Cum omnium rerum simulatio vitiosa est, tum amicitiae repugnat maxime	Se é verdade que a simulação de tôda e qualquer coisa (ou melhor: sentimento) é condenável, ela é a pior inimiga da amizade
Cum ea res tota ficta sit pueriliter, tum ne efficit quidem quod vult	Tôda essa história não é sòmente ficção infantil, mas nem sequer surte o efeito desejado
Ibi consilia cum patriae tum sibi inimica cepit	Ali tramou planos nefastos não só para a pátria como também para si próprio

II. ***Com o Subjuntivo.***

1) *Cum* histórico ou narrativo, cf. § 152, II.
2) *Cum* causal, cf. § 150.
3) *Cum* concessivo, cf. § 162, I, 5.

§ 208. **Dum.** — Esta partícula, além de ser usada como conjunção, tem também valor adverbial.

I. ***Advérbio.*** 1) O significado primitivo de *dum* adverbial é, ao que parece: "durante algum tempo", ou: "enquanto isso". Encontramo-lo ainda, nesta acepção, p. e. nas frases:

Abi modo, ego dum hoc curabo recte	Podes ir embora, eu entretanto tratarei bem dêste assunto
Sic virgo dum (conj.) *intacta manet, dum* (adv.) *cara suis ets*	Assim uma virgem por tanto tempo permanece cara aos seus, quanto não perde a pureza, ou melhor: Assim uma virgem permanece cara aos seus, enquanto não perde a pureza.

2) Muitas vêzes, êste *dum* é combinado com palavras negativas, p. e.: *nondum* ("ainda não"); *nihildum* ("ainda nada"); *nullusdum* ("ainda nenhum/ninguém"); *vixdum* ("mal/ apenas ainda"); *nēdum* (cf. § 182), etc.

3) *Dum* usa-se também em combinação com imperativos, p. e.: *agedum, agitedum* (cf. § 55, I, 5), *circumspice dum* "olha em redor!"), etc. Nestas combinações, *dum* perdeu sua fôrça original de advérbio de tempo, transformando-se numa partícula de ênfase.

II. ***Conjunção.***

1) *Dum* temporal, cf. § 156.

2) *Dum* condicional — final, cf. § 160, III.

3) *Dum* causal, que indica uma causa involuntária: em português, podemos usar o gerúndio, ou melhor, um substantivo verbal; o modo é o Indicativo. Esta função é relativamente rara em latim clássico, mas torna-se freqüente na época imperial. Exemplo:

Hi dum aedificant, in tantum aes alienum inciderunt ut de rebus suis desperent	Com as suas construções tanto se endividaram que desesperam da sua situação
Dum Alexandri similis esse voluit, Crassi inventus est dissimillimus	Com a sua mania de se tornar semelhante a Alexandre, tornou-se muito dessemelhante de Crasso

§ 209. **Quia.** — Esta palavra é o nom./ac. pl. neutro de *qui–s;* usa-se como interrogativo(I) e como conjunção (II).

I. ***Interrogativo.*** Nesta função ocorre apenas em latim arcaico e (poucas vêzes) em poesia, principalmente nas combinações: *quianam?* = "por que?" (cf. § 204, II, 2). Quanto ao significado, cf. *quid?* = "por que?" (§ 74, IV, 2).

II. ***Conjunção.*** 1) *Quia* causal, cf. §150, I; §210, II, 2.

2) *Quia* integrante: "que", muito usado em latim tardio para substituir o A. c. I., cf. §4.

§210. **Quod.** — Esta partícula é o ac. sg. neutro do pron. rel. *qui*, que se usa em várias funções derivadas.

I. ***Pronome relativo.***

1) EM CONEXÃO RELATIVA. Neste caso, *quod* é ac. de relação (cf. §74, IV) e quer dizer: "em relação a que fato", significado êsse que, em razão do seu emprêgo na conexão relativa, evolve no sentido de: "(e/mas) em relação a êsse fato" (cf. §167), ou: "nesse ponto", etc. *Quod* ocorre, nesta função, muito poucas vêzes, isolado, mas freqüentemente o encontramos combinado com outras partículas. Exemplos:

Quod haud scio an Fortuna tantum valere non possit (cf. §66, IV)	(*Mas*) talvez não consiga a Fortuna exercer tanta influência *neste ponto*
Cf. *Quod utinam......*	Oxalá
Quod si/Quodsi.....	(Mas/E) se......
Quod quia/quoniam......	(Mas/E) porque.....
Quod cum.....	(Mas/E) quando.....
Quod nisi.....	(Mas/E) a não ser que......

Nota. Em tôdas essas combinações perdeu-se quase totalmente o valor original de *quod* = "em relação a êsse fato", sendo sua única função a de ligar estreitamente uma frase a outra. A combinação mais freqüentemente usada é *quodsi*, cf. em francês clássico: *Que si.*

2) A frase: *Hoc venimus*, significa: "Por causa disto viemos", ou: viemos", ou: "Eis o motivo da nossa vinda" (cf. §74, IV); assim se tornam possíveis construções também dêste tipo:

Hoc est quod venimus	É esta a razão por que viemos
Quod veni, eloquar tibi	Esclarecer-te-ei por que vim
Nihil habeo quod dicam	Não tenho nada a dizer
Nihil habeo quod accusem senectutem (cf. §168, IV, 6)	Não tenho nenhum motivo para censurar a velhice
Est quod laeteris	Há motivo para te alegrares

II. ***Conjunção.***

1) FUNÇÃO EXPLICATIVA. *Quod* pode introduzir cláusulas substantivas (geralmente, subjetivas; às vêzes, também obje-

tivas) que expliquem uma palavra genérica contida na oração principal. Registramos aqui:

a) *Quod* explicita e explica um pron. demonstrativo, p. e.:

Illud fundavit imperium, quod Romulus docuit hostes debere recipi in hanc civitatem	O que fundou o Império foi o fato de Rômulo (nos) ter ensinado que os inimigos devem ser admitidos nesta comunidade de cidadãos
Hoc ipso miser es quod non sentis, quam miser sis	És infeliz exatamente por não saberes como és infeliz

b) ou um subst. sem pronome demonstrativo, p. e.:

Magna injuria est quod Romani Aeduos vexarunt	É uma grande injustiça que os romanos tenham molestado os éduos

c) depois de certos advérbios e locuções adverbiais, tais como: *ex eo quod/hinc quod* = "devido ao fato de que"; cf. também *praeterquam quod* e *nisi quod* = "feita exceção ao fato de que" > "só que" (cf. § 160, I, 4).

d) depois de *facĕre, fieri, accidĕre, evĕnire,* etc., quando êstes verbos trazem consigo um qualquer elemento qualificativo (cf. § 148, II, 1); sem êsse elemento, usa-se geralmente *ut* (consecutivo) mais Subj. Mas *quod* é a construção normal com *accedit* ("acresce que"), e com *praetereo* e *mitto:* "deixo de lado que, omito, não quero falar sôbre o fato de que", etc. Exemplos:

Accedit quod jam antea amicus Catilinae erat	Acresce que já antes era amigo de Catilina
Praetereo/Mitto quod jam antea amicus Catilinae erat	Omito que já antes era amigo de Catilina

e) depois de *esse* e nome predicativo (em algumas locuções) e depois de certos verbos; geralmente usa-se aqui o A. c. I., mas a construção com *quod* é também legítima em latim clássico. Mencionamos aqui os seguintes casos:

bonum/optimum est	é bom/ótimo que	*paenitet me*	arrependo-me de que
non est ferendum	é insuportável que	*parum est*	é pouca coisa que
jucundum est	é agradável	*piget me*	aborrece-me que
molestum est	é desagradável	*pudet me*	envergonho-me de que

Nota. A diferença entre o A. c. I. e *quod* com êstes verbos consiste no fato de que a segunda construção exprime um julgamento, ao passo que o A. c. I. (ou o simples Inf. subjetivo) registra meramente um fato.

f) na expressão: *Quid quod.... ?*, locução elíptica de: *Quid dicam de eo quod.... ?* = "Que devo dizer do fato de que..... ?", ou simplesmente: "O que dizer de..... ?"

Nota. Na linguagem coloquial, usa-se muitas vêzes *quod* no início de uma frase com o sentido de: "quanto ao fato de que"; na oração principal podemos intercalar: "deves saber", ou: "fica saber", ou: "fica sabendo", ou expressão semelhante. Êste emprêgo de *quod*, no fundo, um caso especial de *quod* explicativo, encontra-se também nas obras de César. Exemplo:

Quod cum Clodio colloqui vis, potes per me id facere	Quanto ao teu desejo de falar com Clódio, [deves saber que] por mim podes fazê-lo

2) Passagem para a função causal. *a*) Com os verba affectuum encontramos geralmente o A. c. I. (cf. § 8), mas também ocorre *quod* mais Ind. Exemplo:

Gaudeo quod venisti *Gaudeo te venisse*	Alegro-me por teres vindo

b) Usa-se *quod* (não o A. c. I.) com os seguintes verbos:

accusare	acusar, incriminar	*gratulari*	congratular-se porque
condemnare	condenar	*reprehendĕre*	repreender
gratias { *agĕre* / *referre*	agradecer	*vituperare*	censurar

Exemplos:

Laudo te quod venisti	Louvo-te porque vieste
Gratias ago tibi quod dixisti	Agradeço-te porque falaste

Notas.

1) Com todos êstes verbos *quod* introduz uma cláusula explicativa da ação expressa pelo verbo regente, mas, assim fazendo, indica também a razão, a causa da mesma. Destarte se originou a função causal de *quod*.

2) Ao lado de *quod*, pode usar-se também *quia* (nos casos *a* e *b*).

3) As cláusulas (dos tipos *a* e *b*) levam o Subj., quando traduzem o pensamento do sujeito da oração principal, p. e.:

Pater laudat filium, quod/quia bene locutus sit	O pai louva o filho por ter falado bem (no pensamento do pai)

3) A função causal. Cf. § 150.

4) A função restritiva. Cf. § 168, VI.

§ 211. **Ut e uti.** — As duas funções fundamentais são a interrogativa e a relativa; além disso, há algumas funções secundárias.

I. ***A função relativa.***

1) "UT" COMPARATIVO. Êste *ut* pode ser equivalente a: *eo modo quo*, e a: *eodem modo quo;* não faremos distinção entre as duas funções que, também em português, muitas vêzes se confundem e sempre podem ser traduzidas por: "como". Ao *ut* comparativo corresponde, na oração principal, muitas vêzes *ita* ou *sic* (cf. § 180); com *talis, tot, tantus*, etc. não se usa *ut*, mas *qualis, quot, quantus*, etc. (cf. § 164, II). Exemplos de *ut* comparativo encontram-se no § 164, I; no § 165, I já assinalamos o emprêgo de *ut si* (mais Subj.) em cláusulas comparativas condicionais. Aqui registramos apenas alguns idiomatismos de *ut*, principalmente de *ita/sic ut*.

a) Em juramentos e solenes afirmações usa-se muitas vêzes: *ita.... ut* (cf. § 178, II, 4). Exemplos:

Ita me di servent, ut hic homo noster pater est	Que os deuses me conservem! Êste homem é verdadeiramente nosso pai (lit.: Desejo tão ardentemente que os deuses me conservem, como é verdadeiro que êste homem é nosso pai)
Ita vivam, ut maximos sumptus facio!	Que eu morra, se não é verdade que tenho grandes despesas! (ou talvez melhor, menos enfàticamente: É verdade incontestável que tenho grandes despesas)

b) Na época imperial, *ut..... ita* emprega-se muitas vêzes para marcar os dois membros de uma oposição: "(sem dúvida)..... mas", p. e.:

Ut est dives, ita est avarus	(Sem dúvida) é rico, mas avarento
Ut quies certaminum erat, ita ab apparatu munitionum nihil cessatum est	Embora houvesse uma interrupção dos combates, não se deixou de abastecer (a praça) de munições

Nota. Êste *ut... ita* equivale a *quidem.... sed* (cf. § 188, I, 1c) ou a: *ut..... tamen* (cf. § 162, I, 4).

c) *Ut* se usa muitas vêzes em parênteses, mormente com os verba putandi et dicendi, como também com os verbos *fieri, solēre*, etc., p. e.: *ut (jam) dixi; ut fere fit; ut fieri solet*, etc.

d) *Ut*, *sicut* e *velut* podem ser usados para aduzir um exemplo, p. e.:

Multae gentes, ut/velut/sicut Galli et Hispani, a Romanis subactae sunt	Muitos povos, (tais) como os gauleses e os espanhóis, foram submetidos pelos romanos

e) *Ut*, seguido de *quisque* mais superlativo, e estando em correlação com *ita* ou *sic* (igualmente seguido de superlativo), significa: "à medida que...., (tanto) mais" (*ut* proporcional), p. e.:

Ut quidque est turpissimum, ita/sic maxime vindicandum est	À medida que um ato é mais feio, deve ser castigado mais severamente
Ut quidque rarissimum est, ita est carissimum (cf. §84, IV, 3)	Na medida em que uma coisa é mais rara, torna-se mais cara

Nota. Sem superlativo, emprega-se *prout* = "à medida que", p. e.:

Prout erit necessarium, te adjuvabo	Na medida em que fôr necessário, ajudar-te-ei

f) *Ut* possui também valor restritivo, principalmente quando combinado com um superlativo, na combinação: *ut potest/potuit*, etc., e em certos outros tipos de cláusulas (geralmente, elípticas). Exemplos:

Maximum numerum militum ut potuit coegit	Êle reuniu o maior número possível de soldados
Multae litterae in Quinto Fabio, ut in homine Romano, erant	para um homem romano (cf. Quinto Fábio possuía muita cultura para um homem romano (cf. §214, III, 2b)

2) "Ut" temporal. Cf. §154. Em português poderíamos comparar "assim que" = "logo que", p. e.

Ut Romam advenit, templum Apollinis visit	Assim/Logo que chegou a Roma, visitou o templo de Apolo

3) "Ut" explicativo-causal. Cf. §150, III. — Só em latim tardio, *ut* (mais Subj.) passa a exercer a função francamente causal.

II. ***A função interrogativa.***

1) Em perguntas e exclamações. Em latim arcaico e na linguagem coloquial usa-se *ut* no sentido de "como?",

em perguntas diretas e indiretas, caso em que a prosa clássica prefere circunlocuções do tipo: *quomodo? quemadmodum?*, etc. Na poesia, *ut* é relativamente freqüente em perguntas indiretas. Emprega-se *ut* interrogativo também em exclamações (independentes e dependentes), cf. § 62, II, 1. Exemplos:

Ut vales? (coloquial)	Como vais?
Rogo te ut valeas	Pergunto-te como vais
Ut hostes contempsit!	Como desprezou seus inimigos!
Vide ut hostes contempserit!	Vê como êle desprezou seus inimigos!

2) Partícula optativa. *Ut* interrogativo-exclamativo pode ser usado também em combinação com o optativo pròpriamente dito: *Ut mox redeas!* = "Como (desejo que) voltes!" = "Oxalá voltes logo!". Êste emprêgo de *ut* encontra-se ainda em latim arcaico e na linguagem coloquial, mas a prosa clássica prefere geralmente *utinam* (cf. § 56, I). É sabido que a partícula enclítica *-nam* podia ser acrescentada a um pronome ou advérbio interrogativo (cf. § 204, II, 2).

3) Conjunção (mais Subjuntivo). *a*) É partindo da sua combinação freqüente com o optativo que *ut* exclamativo chegou a ser conjunção final, cf. § 145, I.

b) *Ut* consecutivo originou-se, no mais das vêzes, da mesma partícula combinada com o potencial, cf. § 147, III, 3.

c) *Ut* concessivo originou-se igualmente de *ut* exclamativo, neste caso, combinado com o Subj. permissivo ou concessivo (cf. § 162, I, 4). Exemplo:

Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas	Pôsto que sejam insuficientes as fôrças, a boa vontade é louvável

III. ***A função indefinida.*** *Ut*, nesta função, significa: "de alguma maneira"; segundo muitos lingüístas modernos *ut* exerceria esta função nos seguintes tipos de perguntas, construídas com o Subj. exclamativo (cf. § 57, V) e com o Potencial (cf. § 56, II):

Mea bona ut dem Bacchidi dono? Non faciam! (exclamativo)	Eu dar (de alguma maneira) meus haveres a Báquide? Nunca!
Te ut ulla res frangat? Tu ut umquam te corrigas? (potencial)	Poderia (de alguma maneira) abalar-te coisa alguma? Poderias (de alguma maneira) jamais corrigir-te?

Nota. Evidentemente não se pode traduzir êste *ut* indefinido ao pé da letra: "de alguma maneira"; seria uma tradução muito enfática e pesada. Do ponto de vista do tradutor brasileiro, *ut* é partícula "expletiva".*

CAPÍTULO XI

NOTABILIA VARIA

§ 212. **Observação preliminar.** — Neste capítulo pretendemos tratar de alguns assuntos que ainda não tivemos oportunidade de estudar mais detalhadamente, tais como, questões de concordância, certos empregos idiomáticos do substantivo, do adjetivo e do advérbio, os graus de comparação, os diversos pronomes, etc. Longe de nós o intento de dar um catálogo mais ou menos completo de tôdas as particularidades que o latim apresenta em relação a êsses assuntos: limitar-nos-emos a dar algumas indicações rápidas que podem ter importância prática para o leitor de textos clássicos.

§ 213. **Problemas de concordância.** De um modo geral, a concordância em latim não apresenta problemas especiais ao leitor brasileiro; só poucos casos merecem menção explícita, sendo que podem ser estudados melhor pela análise de exemplos esquemáticos do que pela formulação de regras complicadas.

I. ***Sujeitos de gêneros diferentes.***

1) PESSOAS.

Pater et mater profecti sunt *Pater profectus est et mater* *Pater et mater profecta est*	O pai e a mãe partiram (cf. § 42, I, 1)

2) COISAS.

Gladius et hasta allata sunt *Gladius allatus est et hasta* *Gladius et hasta allata est*	Foram trazidas uma espada e uma lança

II. ***Sujeitos de pessoas diferentes.*** § Cf. 38, II.

III. ***A constructio ad sensum.***

Pars magna militum vulnerati sunt/vulnerata est (cf. § 42, I, 3)	Uma grande parte dos soldados foi ferida
Dux cum aliquot militibus captus est/capti sunt (cf. § 42, I, 3)	Foi preso o general com alguns soldados
Duo milia militum capti sunt/(raro) *capta sunt* (cf. § 88, 4, 2c)	Dois mil soldados foram presos

IV. *O predicado no gênero neutro.*

Varium et mutabile semper femina — A mulher é sempre *um ser* inconstante e caprichoso

Turpe senex miles — Um soldado velho é *coisa* triste

Nota. Usa-se esta construção mormente em "frases nominais" (cf. § 23, I). Poderíamos comparar, em português: "Cerveja não é *bom* para a saúde".

V. *O predicado-substantivo.*

Non omnis error stultitia dicenda est / *Non omnis error dicendus est stultitia* — Nem todo e qualquer êrro merece o nome de estultícia

VI. *Números diferentes.*

Illae legiones totius exercitus Romani robur erat / *Erant illae legiones*/*Illae legiones erant robur totius exercitus Romani* — Aquelas legiões constituíam o núcleo do exército romano

VII. *Pronomes.*

1) O PRONOME SUJEITO. Os pron., quando usados como sujeito de uma frase, devem concordar em gênero com o predicado-substantivo; em prosa clássica, *hoc* (no sentido genérico de "tal coisa") pode ocorrer só em frases negativas. Exemplos:

Haec (não: *Hoc*) *est causa doloris mei* — Esta/Isto é a causa da minha dor

Quae est causa doloris tui? — Qual é a causa da tua dor?

Hic est pater meus/*Haec est mater mea* — Êste é meu pai/Esta é minha mãe

Quam tu dicis virtutem, eandem ego furorem existimo — O que tu chamas de virtude, considero eu como loucura

Hoc non est liberalitas — Isto/Tal coisa não é generosidade

2) O PRONOME PREDICADO. Mas quando usados como predicados, os pronomes estão muitas vêzes no neutro, não precisando concordar com o sujeito. Isto ocorre principalmente nos seguintes tipos de expressões:

Quid est veritas?/*homo?* (definições) — Que coisa é a verdade?/o homem?

Tu aliquid esse videris, ego nihil sum — Tu pareces ser alguma coisa (= ter certa importância), eu nada sou

Quod hodie ego sum, tu id cras eris — O que eu sou hoje, tu o serás amanhã

3) O PRONOME RELATIVO. Encontrando-se na cláusula relativa um predicado-substantivo, o pron. relativo concorda em gênero não com o antecedente, mas com o predicado da cláusula, p. e.

Vesontio, quod est oppidum maximum Sequanorum, a Caesare capta/captum est	Vesôncio, que é a maior cidade dos séquanos, foi conquistado por César
Studium sapientiae, quam philosophiam dicimus, omnibus perutile est	O amor da sabedoria, a que damos o nome de filosofia, é muito útil para todos

§214. **O apôsto.** — I. ***A concordância quanto ao gênero.*** O apôsto concorda sempre em caso com o subst. a que se refere; sendo possível, também em número e em gênero. Exemplos:

Apud Herodotum, patrem historiae, hanc fabulam legimus	Lemos esta fábula em Heródoto, o pai da história
Athenae, omnium doctrinarum inventrices/caput Graeciae, a Sullā captae sunt	Atenas, a inventadora de tôdas as disciplinas/a cabeça da Grécia, foi conquistada por Sila
Heri vidimus Quintum et Tulliam, filios Ciceronis	Ontem vimos Quinto e Túlio, os filhos de Cícero
Voluptates, dominae blandissimae, animum a virtute detorquent	Os prazeres, (êsses) tiranos lisonjeiros, arrancam o coração da virtude
Tullia, deliciae meae, mortua est!	Túlia, minha delícia, faleceu!
Naturam, ducem/magistram artis, imprimis admiramur	Admiramos sobremaneira a Natureza, (êsse) guia/(essa) mestra da Arte

Nota. As palavras *dux, artifex, heres, comes, testis, parens, adulescens, sacerdos, custos, infans,* etc., podem indicar pessoas de ambos os sexos (são os chamados *substantiva communia);* as palavras *deus, dominus, magister, minister, nuntius, rex, victor, adjutor,* etc., têm forma especial, quando se referem a indivíduos do sexo feminino: *dea, domina, magistra, ministra, nuntia, regina, victrix, adjutrix,* etc. (são os chamados *substantiva mobilia*).

II. ***Apostos de nomes próprios.*** 1) A naturalidade de pessoas é indicada por meio de adjetivos, p. e.:

Socrates Atheniensis	Sócrates de Atenas
Epaminondas Thebanus	Epaminondas de Tebas

2) Nomes próprios, tanto geográficos como de pessoas, não costumam vir acompanhados de um qualificativo apreciativo ou depreciativo sem outro acréscimo, mas prefere-se

usar um apôsto em forma de um subst., ou então, um adj. acompanhado do pron. demonstrativo *ille* ou *iste*. Exemplos:

Cicero, vir eloquentissimus	O eloqüente Cícero
Varro, vir doctissimus	O erudito Varrão
Divinus ille Plato	O divino Platão
Scelestus iste Verres	O criminoso Verres
Corinthus, urbs opulentissima	A próspera Corinto

Notas. 1) Fazem exceção a esta regra os apelidos, tais como: *Alexander Magnus, Sulla Felix*, etc.

2) Reparem bem no emprêgo do superlativo pelo positivo em quase todos os exemplos dados acima.

III. ***Atributivo e semi-predicativo.*** 1) A frase seguinte admite duas traduções:

Ciceronem consulem vidimus { Vimos o cônsul Cícero / Vimos Cícero, quando era cônsul (mas nunca mais depois)

Na primeira hipótese (cuja tradução literal seria: "Vimos Cícero, o cônsul"), *consulem* é apôsto atributivo, isto é, esta palavra refere-se direta e exclusivamente ao objeto direto *Ciceronem;* na segunda hipótese, *consulem* é empregado de modo semi-predicativo, isto é, esta palavra diz alguma coisa também sôbre as circunstâncias em que vimos Cícero; tal apôsto semi-predicativo pode ser substituído por uma cláusula adverbial (cf. § 19, I). Muitas vêzes acontece, principalmente na linguagem poética, que um subst., usado como apôsto, exerce essa função semi-predicativa; não só os subst. que já encontramos no § 23, II, 2, mas todo e qualquer subst. pode ser empregado da mesma forma. Outros exemplos:

Quid tu consul faceres?	O que tu farias, se fôsses cônsul?
Cato senex historiam scribere instituit	Catão começou a escrever sua história, quando já estava velho

2) Observações:

Em três casos acrescenta-se a partícula *ut* a tal apôsto sem-predicativo:

a) quando o apôsto tem valor causal ou explicativo, p. e.:

Achaei, ut socii Romanorum, auxilia miserunt	Os aqueus, como aliados dos romanos, enviaram tropas auxiliares

Notas.

1) Aqui se poderia usar também *utpote* (cf. §198).

2) Dêste emprêgo de *ut* originou-se o emprêgo de *ut* como conjunção causal-explicativa (cf. §211, I, 3): *Achaei, ut erant socii Romanorum, auxilia miserunt.*

b) quando o apôsto tem valor restritivo (cf. §211, I, 1f), p. e.:

Pelopidas, ut Thebanus, satis eloquens erat	Pelópidas era bastante eloqüente para um tebano

c) quando o apôsto não indica realidade, mas implica a idéia de comparação; neste caso, pode usar-se também *velut, tamquam* ou *quasi;* em português, emprega-se: "como (que), como se", etc. (cf. §165; cf. também §25, II, 5). Exemplos:

Futura nobis cecinit ut vates	Predisse-nos o futuro como se fôsse adivinho
Parentem veretur ut deum	Êle venera seu pai como se fôsse um deus
Ex vitā discedo tamquam/velut ex hospitio	Parto da vida como de uma hospedaria

§215. **Particularidades do adjetivo.** — I. ***Atributo e predicado.*** Os adjetivos podem ser usados de modo atributivo e de modo semi-predicativo (cf. §19, I), da mesma forma que os substantivos. Compare-se o emprêgo do adj. *nescius* nas duas seguintes frases:

Contemnit homines nescios (atrib.)	Êle despreza os homens ignorantes
Nesciis parentibus hoc iter feci (semi-pred.)	Sem os pais saberem, fiz esta viagem

Alguns adjetivos, tais como: *invitus, imprudens, nescius/inscius, salvus, vivus,* etc. (cf. §23, II, 1), são quase exclusivamente usados de modo semi-predicativo, mas em tese todo e qualquer adjetivo pode ser empregado da mesma forma. Não precisamos falar aqui do emprêgo predicativo, no sentido estrito da palavra (p. e. *Hic homo nescius est; Puto eum nescium*), cujo emprêgo não apresenta nenhuma dificuldade ao leitor de textos clássicos.

II. ***Outro emprêgo semi-predicativo.*** O emprêgo semi-predicativo, estudado até agora, poderia ser qualificado de "circunstancial", visto que um subst. ou adj. ou part., empre-

gado dessa forma, faz as vêzes de um complemento circunstancial, substituível por uma cláusula adverbial ou conjuncional. Na frase portuguêsa: "Êle voltou *alegre* do seu trabalho", o adj. *alegre* tem igualmente função semi-predicativa, mas de caráter um pouco diferente: aqui o adj. aproxima-se muito do valor adverbial: "alegremente", caso em que poderíamos falar do emprêgo *modal* do adjetivo. Êste emprêgo é muito comum em latim, bem como em português; em tese, todo e qualquer adj. pode ser usado dessa forma, mas são principalmente os seguintes adjetivos que admitem tal aplicação:

libens	voluntària(mente)	*prior*	primeira(mente)
novissimus	por último	*rarus*	rara(mente)
posterior	mais tarde	*solus*	sò(mente), sòzinho
postremus	por último	*totus*	todo, totalmente
primus	primeiro	*ultimus*	por último

Exemplos:

Socrates venenum libens bibit	Sócrates tomou o veneno voluntàriamente
Hanc urbem Caesar primus cepit	César foi o primeiro a tomar esta cidade
Hanc urbem primam Caesar cepit	Esta foi a primeira cidade a ser tomada por César
Prior amicus advenit, paulo post ego	Primeiro chegou meu amigo, pouco depois eu

Notas.

1) *Prior* e *posterior* usam-se, quando se trata de duas pessoas ou coisas (cf. § 218, II, 1); *primus* e *postremus/novissimus/ultimus*, quando se trata de mais pessoas ou coisas.

2) Na linguagem poética e, de um modo geral, na época imperial, êste emprêgo do adj. é muito freqüente, cf. *nocturnus deambulat* ("de noite vagueia"), e: *serus venisti* ("chegaste muito tarde"), etc.

III. ***O emprêgo limitativo.*** A expressão: *summus mons* quer dizer, em geral, não: "a mais alta montanha", e sim: "o cume da montanha". Êste idiomatismo do latim clássico é muitas vêzes denominado o emprêgo "predicativo" do adj. *summus*, ao que nos parece, menos corretamente. Melhor seria o têrmo: "limitativo", porquanto *summus* não se refere à montanha na sua totalidade, mas a referência se limita a uma parte da mesma "a montanha onde ela é mais alta" > "a parte mais alta da montanha". Vários adjetivos latinos,

na maioria superlativos, admitem êste emprêgo restritivo. Mencionamos aqui:

extremus	a extremidade de	*novissimus*	o fim/final de
imus / *infimus*	o fundo de	*postremus*	a parte traseira de
		primus	o início de
intimus	o interior de	*summus*	o ponto mais alto de
medius	o centro de	*ultimus*	a última parte de

Exemplos:

In imo lacu/In infimo lacu	No fundo da lágoa
In mediā urbe	No centro da cidade
Primā luce	No início da luz (do dia) = Ao amanhecer
Extremā aestate	No fim do verão
Primum agmen/Novissimum agmen	A vanguarda/A retroguarda do exército

Nota. Geralmente, o adj. no emprêgo restritivo precede o subst.: *in medio colle*, mas também se encontra, na mesma acepção: *in colle medio*. A distinção que muitas gramáticas fazem entre: *in medio colle* (restritivo) e: *in colle medio* (atributivo: "no morro central"), não tem muito cabimento.

IV. ***A substantivação.*** 1) Alguns adjetivos passaram a ser verdadeiros substantivos (cf. §29, II), p. e.:

amicus (*homo/vir*)	o amigo	*hiberna* (*castra*)	o acampamento hibernal
cani (*capilli*)	as cãs	*laeva* (*manus*)	a mão esquerda
dextra (*manus*)	a (mão) direita	*patria* (*terra*)	a pátria

2) Em geral, porém, o latim evita a substantivação de adj. no masc. e fem. sg., feita exceção àquelas palavras que se transformaram em verdadeiros substantivos (cf. *supra*, 1). Destarte é preferível dizer: *vir doctus* a *doctus; homo Romanus/ Romanus aliquis/Romanus quidam* a *Romanus*, etc. No gênero neutro, a substantivação é mais comum, p. e.: *bonum, utile, verum, falsum,* etc.

3) No plural, a substantivação é muito freqüente no nom. e no ac., p. e.: *nostri* ("os nossos"), *sapientes* ("os sábios"), *bona* ("os bens"), *omnia* ("tudo"), *haec/ista/illa/ea* ("isto/isso/ aquilo"), etc. Nos outros casos, a substantivação aplica-se preferìvelmente ao gênero masculino, não ao gênero neutro: *bonorum*, em geral, quer dizer; "dos (homens) bons", não: "dos bens"; *omnium/omnibus*, em geral: "de/a todos", não:

"de/a tudo", etc. No gênero neutro, o latim costuma acrescentar a palavra *res* (no sg. e no pl.): *hujus rei* = "disto"; *omnium rerum* = "de tudo"; *nullius rei* = "de nada", etc. Mas esta regra não deve ser interpretada com rigor demasiado: encontramos em prosa clássica também expressões do tipo: *his dictis* = "depois de ditas estas coisas"; *quibus completis* = "(e) depois de terminadas estas coisas", etc.

§ 216. **Particularidades do advérbio.** — I. ***O emprêgo atributivo.*** O advérbio latino pode ser empregado à maneira de um adjetivo atributivo; êste emprêgo é, porém, muito menos freqüente do que em grego, devido à inexistência do artigo em latim. Também em português a construção ocorre só esporàdicamente, p. e. na expressão: "O *então* governador". Exemplos:

Reliquis deinceps diebus	Nos outros dias seguidos
Plane vir	Um homem no sentido verdadeiro da palavra, ou: Um homem de verdade
Paene funus	A perdição/ruina quase total
Marius primum/iterum consul	Mário durante seu primeiro/segundo consulado

Nota. Os advérbios numerais em *-um* (*primum, iterum, tertium*, etc.) querem dizer: "pela primeira/segunda/terceira, etc. vez"); os advérbios em *-o*, (*primo, secundo, tertio*, etc.) indicam, em geral, a ordem cronológica, ao passo que os em *-um* podem, além do significado já registrado, indicam também a ordem lógica. Mas essa distinção nem sempre é observada pelos autores clássicos.

2) Mais freqüente é o emprêgo atributivo de um subst. precedido de uma preposição (= adv.); aqui a colocação das palavras pode ajudar a compreensão do texto. Exemplos:

Caesaris in Hispaniā res secundae	Os sucessos de César em Espanha
Meus in te amor	Meu amor para contigo
Nostra apud Tenedum pugna navalis	Nossa batalha naval perto de Tênedo
Ciceronis de Fato libri	Os livros de Cícero sôbre o Destino

Mas também se encontram expressões dêste tipo, sem que nos seja possível reconhecê-las pela colocação das palavras:

Amor meus in te	Meu amor para contigo
Homo sine spe	Um homem desesperado
Vita cum elegantiā	Uma vida elegante, requintada
Poculum ex auro	Um cálice de ouro
Bellum contra Parthos	A guerra contra os partos

Nota. Mesmo assim, o emprêgo atributivo de preposições com seu regime é menos freqüente em latim do que nas línguas modernas, limitando-se a certos tipos, dos quais já registramos alguns. Em geral, o latim clássico prefere construções com adjetivos, p. e.: *Bellum Parthicum, poculum aureum* (cf. §88, VII), *Socrates Atheniensis* (cf. §214, II), ou com cláusulas relativas, p. e.: *Ciceronis libri qui de Fato inscribuntur; Bellum quod contra Parthos făctum est,* etc.

II. ***O emprêgo predicativo.*** O emprêgo predicativo dos advérbios latinos (com "verbos de ligação") é muito limitado em latim; mencionamos aqui apenas: *bene est = bene se habet:* "está bem"; *frustra est inceptum:* "a tentativa é vã".

III. ***Os pronomes adverbiais.*** Os pronomes chamados "adverbiais" (tais como *quo, ubi, unde,* etc.) podem, às vêzes, referir-se a pessoas; em prosa clássica, usa-se sobretudo a palavra *unde* nesta função, p. e.:

Apollo est deus, unde omnes consilium expetunt (*unde = a quo*)	Apolo é o deus, a quem todos pedem conselho
Athenienses, unde omnis doctrina orta est, magnopere admiror (*unde = a quibus*)	Admiro muito os atenienses, dos quais deriva tôda a cultura

§217. **O singular e o plural.** — I. ***O singular coletivo.*** O singular serve muitas vêzes para indicar a coletividade, p. e:

Hostis adest = Hostes adsunt	Chegou o inimigo = Chegaram os inimigos
Miles seditionem facit	Os soldados amotinam-se

II. ***O Plural.*** 1) Substantivos nomes de matéria são freqüentemente usados no plural para indicar objetos concretos, p. e.:

aes	bronze	*aera*	*a)* imagens de bronze; *b)* moedas de bronze (cf. "cobres")
cera	cera	*cerae*	tábuas recobertas de cera (para fazer anotações): canhenho
grando	graniza	*grandines*	chuvas de pedra, saraivadas
nix	neve	*nives*	nevadas
sal	sal	*sales*	facécias, chistes

2) Na linguagem poética, o plural de subst. coletivos tem muitas vêzes valor individualizante, p. e.:

silva	a floresta	*silvae*	as árvores
classis	a frota	*classes*	os navios
litus	a praia	*litora*	os grãos de areia
populus	o povo	*populi*	os homens

3) Na linguagem poética, usa-se muitíssimas vêzes o plural pelo singular; êste plural tem o nome tradicional de "intensivo", mas sem razão, porque só incidentalmente serve para salientar a grandeza ou a excelencia de uma coisa. No mais das vêzes, é um ***plural poético,*** devendo-se seu emprêgo a uma necessidade ou conveniência métrica da versificação latina. Um poeta latino não podia servir-se, num hexâmetro, das palavras: *vīnūm bĭbūnt,* ao menos, nesta ordem. Ora, para remediar êsse inconveniente, podia escrever: *vīn bĭbūnt,* combinação que quadrava perfeitamente com o esquema do hexâmetro. Na célebre frase de Ovídio:

Os hŏmīni sūblĭmĕ dĕdĭt caelūmquĕ tŭērī *Jūssĭt ĕt ērēctōs ād sīdĕră tōllĕrĕ vūltūs*	(Prometeu) deu ao homem um rosto voltado para cima, e ordenou-lhe contemplar o céu e levantar o olhar erguido para os astros

encontramos o plural "poético": *ērēctōs* (*vūltūs*). porque o sg. *ērēctŭm* (*vūltŭm*) não se ajustaria ao hexâmetro (*–tum* faria elisão com *ad*).

Mas o plural "poético", introduzido na linguagem poética como solução de emergência, tornou-se um elemento tão inseparável da mesma que, com o tempo, foi sendo empregado também, onde o metro do verso não o exigia, transformando-se num plural "intensivo"; seu emprêgo passou a estender-se à prosa da época imperial, onde encontramos: *templa* para indicar "um grande templo", *Priami regna:* "o Império de Priamo", etc.

4) Substantivos concretos e abstratos, quando se referem a mais pessoas ou coisas, vão geralmente para o plural, ao passo que as línguas modernas preferem o singular. Exemplos:

Germani ingenti magnitudine corporum sunt	Os germanos têm corpo muito grande
Pythagoraei mentes suas a rebus corporeis avertere solent	Os pitagóricos costumam desviar sua atenção das coisas corpóreas

5) Substantivos abstratos, quando usados no plural, têm muitas vêzes o significado de: "espécies/tipos, etc. de", p. e.:

audaciae	espécies de audácia	*mortes*	maneiras de morrer
invidiae	tipos de inveja	*odia*	gêneros de ódio

§ 218. **Os graus de comparação.** — I. ***Regras e exemplos.*** Vejamos primeiro os exemplos:

Haec turris alta est	Esta torre é alta
Haec turris altior est quam illă *Haec turris altior est illā*	Esta torre é mais alta do que aquela
Haec turris altissima est	1) Esta torre é muito alta/altíssima; 2) Esta torre é a mais alta (de tôdas)

Observações:

1) Quanto ao abl. de comparação, cf. § 82, III; quanto ao abl. de medida, muitas vêzes acrescentado a um comparativo, cf. § 84, IV.

2) O superlativo latino (*altissimus*), além de indicar, como em português, um grau muito alto sem comparação (é o chamado sup. "absoluto"), indica também o grau mais alto em relação a outras coisas (é o chamado sup. "relativo"). Ao superlativo relativo (= "o mais alto") acrescenta-se muitas vêzes um gen. partitivo, ou a preposição *de/ex* mais abl. para distingui-lo do absoluto (cf. § 88, V 1a), p. e.:

Haec turris omnium altissima est *Haec turris ex/de omnibus altissima est* (cf. § 88, V, 2a)	Esta tôrre é a mais alta de tôdas

3) O comparativo latino, quando não seguido de outro têrmo de comparação, pode indicar também um grau "bastante" elevado, ou então, excesso de certa qualidade (em português: "demasiadamente/demais", etc.; freqüentemente se usa também "muito"; cf. em francês: *trop;* em inglês: *too*). Exemplos:

Hic puer audax est (= *satis audax*)	Êste menino é bastante atrevido
Hic puer audacior est (= *nimis audax*)	Êste menino é atrevido demais/muito atrevido

Nota. Esta última função do comp. latino encontra-se também em combinação com *quam ut/qui,* cf. § 147, III, 3, e § 168, IV, 3.

4) As regras formuladas aqui aplicam-se também aos graus de comparação dos advérbios; igualmente as regras a serem expostas nas seguintes páginas. Exemplos:

Audacius locutus es quam frater/fratre	Falaste mais atrevidamente do que teu irmão
Audacius locutus es	Falaste com bastante atrevimento Falaste com demasiado atrevimento
Audacissime locutus es	Falaste muito atrevidamente Falaste com o maior atrevimento
Audacissime omnium/praeter omnes (cf. § 115, C) *locutus es*	Falaste com o maior atrevimento de todos

II. ***Particularidades.*** 1) O latim não usa o sup., mas sim o comp., quando se trata de comparar duas pessoas ou coisas entre si, p. e.:

Uter eorum major est?	Quem dos dois é o maior?
Major para hominum....	A maior parte dos homens....

Nota. Assim se explicam expressões, tais como: *Asia Minor* (em oposição à "Grande Ásia"); *Germania inferior*, etc. Cf. em inglês: *Greater London.*

2) Comparando-se duas qualidades de uma só pessoa/coisa, ou ação, emprega-se a forma analítica do comparativo com *magis*, ou então, as duas qualidades levam a forma sintética do comparativo. Exemplos:

Magis dives est quam felix *Divitior est quam felicior*	Êle é mais rico que feliz
Magis fortiter quam feliciter pugnaverunt *Fortius quam felicius pugnaverunt*	Êles lutaram com maior valentia do que felicidade

3) Para indicar uma proporção, o latim pode servir-se de: *quo/quanto..... eo/tanto* (mais comp.), ou então de: *ut quisque..... ita* (mais sup.). Exemplos:

Quo quid est rarius, eo est rarius *Quanto quid est rarius, tanto est rarius* (cf. § 84, IV, 3) *Ut quidque est rarissimum, ita est carissimum* (cf. § 211, I, 1e)	À medida que uma coisa é mais rara, torna-se mais cara

Nota. Com *quo/quanto* usa-se *quis, quid*, etc., no sentido de *aliquis, aliquid*, etc. (cf. § 227, I, 3a).

III. ***As formas analíticas.*** 1) O latim possui também as formas analíticas dos graus de comparação:

Pius est (positivo)	É piedoso
Magis pius est (comp.)	É mais piedoso
Valde pius est (sup. absoluto)	É muito piedoso
Maxime pius est (sup. relativo)	É o mais piedoso (de todos)

Esta construção é, porém, relativamente rara em latim clássico, feita exceção ao caso já registrado *supra* (II, 2) e aos adjetivos que terminam em *–ius*, *–eus* e *–uus* (e aos advérbios derivados), p. e. *pius*, *idoneus* e *arduus*. Mas adjetivos, tais como *antiquus* e *iniquus*, têm gerâlmente as formas sintéticas, porque o primeiro *–u* destas palavras não tem o valor de vogal.

2) *Magis* não pode ser combinado com subst.; a frase portuguêsa: "Êle bebeu *mais* vinho", deve ser traduzida por *plus* mais gen. partitivo (cf. §88, V, 1b): *Bibit plus vini;* estando o subst. no plural, deve-se usar *plures* (adj.), p. e.: *Habet plures libros quam ego:* "Êle tem mais livros do que eu".

Nota. Os superlativos correspondentes a *plus* são *plurimus*, *plurimi* (adj.) e *plerique* (subst. e adj.). Exemplos:

Bibit plurimum vinum	Bebeu muitíssimo vinho
Bibit plurimum vini (gen. part.)	Bebeu a maior quantidade de vinho (de todos)
Habet plurimos libros	Tem muitíssimos livros
Habet plerosque libros Cf. §88, V, 2b	Tem o maior número de livros (de todos)

3) Em vez de *valde* pode usar-se também *admodun* (cf. §171), *prorsus* (cf. §187, II), *sane* (cf. §190), etc. Com verbos também: *multum*, *magnopere*, etc.

IV. ***Partículas com o superlativo.*** O superlativo (relativo) em latim pode vir acompanhado de várias partículas, como o demonstram os seguintes exemplos:

Belgae longe/multo fortissimi sunt omnium Gallorum	Os belgas são de longe/incontestàvelmente os mais valentes de todos os gauleses
Cicero longe/multo plurimum valet omnium oratorum Romanorum	Cícero tem de longe/indubitàvelmente o maior valor de todos os oradores romanos

Notas.

1) As partículas *longe* e *multo* querem dizer que é grande a distância entre a valentia dos belgas e a dos outros gauleses, entre a eloqüência de Cícero e a dos demais romanos, etc. Cf. em inglês: *He is by far the most eloquent of all the Romans,* e *de beaucoup,* em francês.

2) *Multo* é, em última análise, abl. de medida (cf. § 84, IV); originàriamente só combinado com o comparativo, passou a ser usado também para reforçar o superlativo; *longe* pode ser combinado também com verbos que exprimem a idéia de superioridade, p. e.: *longe praestare* (= "ser muito superior") e, na poesia e na prosa pós-clássica, com comparativos, p. e.: *longe melior est* (= "êle é muito melhor").

3) Também se emprega muitas vêzes *unus* para reforçar o sup. (sem ou com *longe/multo*), p. e.: *Cicero unus plurimum valet omnium oratorum Romanorum.*

2) A partícula *vel* (cf. § 202, I, 2), combinado com o sup., geralmente enfraquece o valor do mesmo ("talvez"), pelo menos, em prosa clássica; quando vem acompanhado de *unus,* reforça-o ("incontestàvelmente", etc.); mas às vêzes, *vel* sem outro acréscimo, funciona também como partícula de refôrço. É impossível formular regras exatas a êsse respeito. Só o contexto pode decidir a questão. Exemplos:

Protagoras omnium sophistarum vel maximus fuit	Protágoras foi *talvez* o maior de todos os sofistas
Domus ejus vel optima, certe notissima totius Siciliae erat	Sua família era *talvez* a mais distinta, em todo o caso, a mais conhecida de tôda a Sicília
Protagoras omnium sophistarum unus vel maximus fuit	Protágoras foi *de longe/incontestàvelmente* o maior de todos os sofistas

Notas.

1) *Vel,* empregado como adv., pode ser combinado também com verbos, subst. e pronomes, com o significado de: "até mesmo", p. e.:

Gloriae expetendae causā homines vel famem et sitim perferunt	Os homens suportam até mesmo fome e sêde para granjear glória
Per me vel stertas licet	Por mim podes até mesmo roncar

2) Além disso, *vel* pode ser usado no sentido de *velut* = "por exemplo":

Semper incommodus es. Vel heri nobis perturbasti convivium	Sempre incomodas. Por exemplo, ontem nos estragaste o banquete

3) Reparem bem nas seguintes construções:

Optimus quisque civis a crudeli tyranno necatus est (cf. § 227, II, 1b)	Justamente os melhores cidadãos foram mortos pelo tirano
Optimum quodque templum Romae visimus (cf. § 227, II, 1b)	Visitamos justamente os templos mais bonitos de Roma
Jugurtha quam maximas (potuit) copias armavit (cf. *infra*, V, 2b)	Jugurta armou o maior número possível de tropas
Quam plurima (potes) lege! (cf. *infra*, V, 2b)	Lê o mais possível!

Nota. Menos usado do que *quam* é, nesta combinação, *ut*, mas esta partícula tem que ser combinada com uma forma do verbo *posse*, cf. § 211, I, 1f.

V. ***A partícula "quam".*** Assim como *ut*, também a partícula *quam* (forma arcaica: *quamde*) é advérbio interrogativo e relativo (cf. § 211).

1) Interrogativo. *Quam* ("quão, como") refere-se em geral a adj. e a adv., menos freqüentemente a verbos; seu emprêgo em perguntas diretas é extremamente raro, mas muito comum em exclamações e em perguntas indiretas. Exemplos:

Quam avarus est!	Como é avarento!
Quam prudenter egit!	Como procedeu prudentemente!
Quam cupit laudari!	Como/Quanto deseja ser louvado!
Vide quam sit avarus!	Vê como êle é avaro!

Reparem bem no idiomatismo *quam mox:*

Quam mox dimicandum est nobis?	Quanto tempo ainda falta para entrarmos na luta?
Quam mox dimicandum sit, exspectat (cf. § 156, III, 4)	Espera que se lute sem demora

2) Relativo. *a*) em correlação com o demonstrativo *tam* = "tão..... como"; na comédia e na poesia encontram-se também as correlações: *tantus.... quam; sic/ita.... quam* etc. Exemplos:

Tam felix est quam fortis	Êle é tão feliz como valente
Non est tam dives quam pater ejus	Não é tão rico como seu pai
Non tam fortiter quam feliciter pugnavit	Não combateu com tanta valentia como felicidade

b) em combinação com o superlativo, muitas vêzes com uma forma do verbo *posse:* "o mais ... possível", etc. (cf. *supra*, IV, 2). Exemplos:

Caesar quam celerrime (potuit) contendit	César marchou o mais depressa possível
Cf. *quamprimum*	quanto antes

c) nas locuções: *mirum quam/quantum* = "extraordinàriamente", etc. (cf. § 66, I); *valde/sane/admodum/nimis/nimium quam:* "sumamente, bastante", etc. Exemplos:

Mirum quam/quantum nobis inimicus erat	Era-nos extremamente hostil
Valde/Sane quam laetatus sum	Regozijei-me extraordinàriamente

d) em combinação com o comparativo: "do que" (cf. § 82, III), p. e.:

Antonius major est quam Petrus	Antônio é maior do que Pedro

Também com verbos e advérbios que exprimem comparação:

Malebat bonus esse quam videri	Preferia ser bom a parecê-lo
Cf. *supra quam*	mais do que
ultra quam	mais longe do que

Nota. Ao que parece, o abl. de comparação é a construção original; *quam* indicava a princípio só comparação de igualdade (cf. *tam... quam*), chegando a ser usado com o tempo também em comparações de superioridade e de inferioridade (cf. *wie* = *als* em alemão).

e) em combinação com *alius, aliter, secus*, etc. (comparações de diferença, cf. § 164, IV), onde o latim pode usar também: *atque/ac/et*. Exemplo:

Aliter fecit quam/atque dixerat	Agiu diferentemente do que dissera

f) Idiomatismos;

Dimidium quam quod acceperam reddidi	Devolvi a metade do que recebera
Judaei corpora condere quam cremare volunt (= malunt)	Os judeus preferem sepultar os mortos a cremá-los

g) em combinação com partículas de tempo:

postquam/antequam = *priusquam*	depois que/antes que
postridie/pridie quam	no dia seguinte a/anterior a

OS PRONOMES

§219. **O pronome pessoal.** — As formas: *mei, tui, sui, nostri* e *vestri* são usadas como gen. objetivos (cf. §88, III, 1); as formas: *mei, tui, sui, nostrum* e *vestrum* são usadas como gen. partitivos (cf. §88, V, 2f). Nenhuma dessas formas pode ser usada como gen. possessivo, cf. §88, I, 1, Nota; em lugar delas se emprega o pron. possessivo.

Quanto à supressão do pron. pessoal como sujeito, cf. §38, I.

Não existe em latim o pron. pessoal da 3.ª pessoa (com exceção das formas reflexivas); para suprir essa lacuna, emprega-se, havendo certa ênfase, *hic/iste/ille* (pron. demonstrativo), e principalmente *is*.

§220. **O pronome possessivo.** — I. ***Generalidades.*** Não existe em latim o pron. poss. da 3.ª pessoa (com exceção das formas reflexivas); para suprir essa lacuna, emprega-se o gen. de *hic/iste/ille*, mas principalmente o de *is*.

II. ***Omissão do pronome possessivo.*** Omite-se geralmente o pron. poss. reflexivo, quando êste não tem ênfase, p. e.:

Amo parentes	Amo meus pais
Video amicum	Vejo meu amigo
Mas: *Video amicum tuum*	Vejo teu amigo
Magni facio parentes tuos	Aprecio bastante teus pais

III. ***O apôsto de um pronome possessivo.*** O apôsto de um pron. poss. vai para o gen. possessivo, p. e.:

Meā unius operā res publica salva est	O Estado está salvo ùnicamente devido ao meu esfôrço
Tua ipsius imprudentia te perdidit	Tua própria imprudência te arruinou
Vestra ipsorum imprudentia vos perdidit	Vossa própria imprudência vos arruinou

Nota. Em lugar de: *noster/vester omnium pater*, etc. diz-se geralmente: *omnium nostrum pater, omnium vestrum pater*, etc.

§ 221. **O pronome reflexivo.** — I. ***Generalidades.*** O latim possui só na 3.ª pessoa formas especiais para exprimir a "reflexividade": *sui, sibi, se,* (*a*) *se* (pron. pess.) e *suus, sua, suum* (pron. poss.). Estas formas são usadas, de um modo geral, quando houver uma referência direta ao sujeito da frase. Note-se bem que, em latim, proposições infinitvas (cf. § 11, I–II) e construções participias (cf. § 21, III) são consideradas como elementos integrantes da oração regente, de modo que nelas sempre se usam as formas reflexivas. Exemplos:

Barbari se suaque omnia Caesari dedunt	Os bárbaros entregam-se com todos os seus haveres a César
Paulus dicit se esse aegrotum	Paulo diz estar doente
Invitis suis civibus imperium nactus est	Contra a vontade dos seus concidadãos obteve o comando
Alexander militem audacter in se ruentem hastā transfixit	Alexandre traspassou com a espada um soldado que com grande audácia se arremessava a êle

II. ***O reflexivo indireto.*** Em "cláusulas intrìnsecamente dependentes" (isto é, em cláusulas que não exprimem o pensamento do relator da frase, mas sim, o do sujeito da oração regente) usam-se as formas reflexivas para referir-se, não ao sujeito da cláusula, mas sim, ao da oração regente. A "dependência intrínseca" nesta classe de cláusulas é marcada não só pelos pron. reflexivos, mas também pelo Subj.: ambas as formas têm a finalidade de frisar a íntima conexão entre a cláusula e a oração regente. Cláusulas intrìnsecamente dependentes são: perguntas diretas; cláusulas finais e cláusulas relativas com valor final; cláusulas temporais com valor final (introduzidas por *priusquam e dum*); cláusulas condicionais com valor final (introduzidas por *dum*); cláusulas causais que indiquem motivo subjetivo ou falso; e finalmente, tôdas as cláusulas dependentes de uma proposição infinitiva (na chamada "oração indireta", cf. § 249). Damos aqui um exemplo de cada um dêsses casos, acrescentando-lhe uma referência ao parágrafo, onde o leitor poderá encontrar mais informações sôbre cada uma dessas cláusulas:

Nescit quid cives de se dicant (pergunta indireta, cf. § 64)	Não sabe o que os cidadãos falam dêle
Caesar castra movit ne hostes se aquā intercluderent (cf. § 144, III, 2)	César levantou o acampamento para que os inimigos não lhe interceptassem a água

Legatos misit Jugurtha qui sibi pacem peterent (cf. § 168, I)	Jugurta enviou embaixadores que implorassem a paz para êle (= Jugurta)
Priusquam/Antequam sua sibi reddantur, non abibit (cf. § 157, II)	Antes de lhe serem restituídos os seus haveres, não sairá
Hic manebit, dum sua sibi reddantur (cf. § 158, II)	Ficará aqui até lhe serem restituídos os seus haveres
Faciat hoc iter, dummodo valetudini suae ne noceat (cf. § 160, III)	Pode fazer esta viagem, contanto que não prejudique sua saúde
Me accusat, quod sua sibi non reddiderim (cf. 210, II, nota 3)	Acusa-me de não lhe ter restituído os seus haveres
Dicit me punitum iri, quod sua sibi non reddiderim (cf. § 249)	Diz que serei castigado, porque não lhe restituí os seus haveres

III. ***O reflexivo direto e indireto.*** — 1) Em tôdas as espécies de cláusulas mencionadas acima, as formas reflexivas podem ocorrer também para referir-se ao sujeito da cláusula (reflexivo direto), não ao da oração regente (reflexivo indireto). Exemplos:

Rogavi eum quid secum ferret	Perguntei-lhe o que levava consigo
Dixit neminem adhuc sine suā pernicie bellum fecisse (*suā* refere-se a *neminem*, não ao sujeito de *dixit*)	Disse que ninguém ainda havia feito guerra sem causar a sua própria ruína

2) É só o contexto que pode decidir se o pronome reflexivo é usado de modo direto ou indireto; às vêzes, encontra-se na mesma frase *se* ou *suus* com duas funções diferentes, p. e.:

Ariovistus dixit neminem adhuc secum contendisse sine suā pernicie	Ariovisto disse que ainda ninguém havia lutado com êle (= Ariovisto) sem causar a sua (= ninguém) própria ruína

3) Havendo perigo de ambigüidade, o latim usa *ipse* para referir-se ao sujeito da oração regente, ou então, para referir-se ao grupo a que pertence o sujeito da mesma. Exemplos:

Caesar milites rogavit cur de suā virtute aut de ipsius diligentiā desperarent	César perguntou aos soldados, porque desesperavam da sua própria (= dos soldados) valentia ou da diligência dêle (= de César)
Divico, legatus Helvetiorum, dixit Caesari ne ob eam rem aut suae magnopere virtuti tribueret aut ipsos despiceret	Dívico, o embaixador dos helvécios, disse a César que por essa razão nem superestimasse sua própria (= de César) bravura nem os desprezasse a êles (= os helvécios)

IV. ***O sujeito lógico.*** 1) Na frase: *Pudet eum patriam prodere* ("Envergonha-se de trair a pátria") não há sujeito gramatical (cf. § 40, II), mas o sujeito lógico da mesma é "êle" (= *eum*, o objeto direto, do ponto de vista gramatical). Se em tal construção houver uma referência ao sujeito lógico, usa-se o pron. reflexivo, p. e.:

Pudet eum se laudare coram omnibus civibus	Envergonha-se de se louvar a si próprio diante de todos os cidadãos

Assim se explicam também construções dos seguintes tipos:

Sua cuique gloria est = Unusquisque suam gloriam habet	Cada qual tem seu título de glória
Suum quemque scelus vexat = Unusquisque vexatur suo scelere	Cada qual é atormentado por (pela consciência do) seu próprio crime
Hostibus victis sua reddiderunt Romani	Os romanos restituiram aos inimigos vencidos os seus (= dos inimigos) haveres

2) Até mesmo acontece que se usa *suus*, quando esta palavra tem muita ênfase (= seu próprio"), referindo-se, não ao sujeito da frase, mas a um têrmo qualquer na proximidade imediata, p. e.:

Hannibalem sui cives ex urbe ejecerunt	Haníbal foi expulso da cidade por seus próprios cidadãos

§ 222. **O pronome recíproco.** — O latim não possui uma forma bem definida do pron. recíproco (cf. em alemão: *einander;* em holandês: *elkaar,* ou *elkander*), mas é obrigado a servir-se de circunlocuções. As mais importantes são: *inter nos/vos/se; alter... alterius*, etc. (de duas pessoas); *alius, ... alii*, etc. (de mais pessoas); também pode repetir-se o subst. Na época imperial torna-se cada vez mais freqüente a locução: *invicem.*

Hi fratres inter se diligunt (cf. § 107, C 4)	Êstes irmãos se amam mùtuamente
Alter frater alterum diligit	Os (dois) irmãos se amam mùtuamente
Milites alii alium cohortati sunt	Os soldados exortaram-se uns a outros
Milites militibus adesse debent	Os soldados devem ajudar-se mùtuamente
Manus manum lavat	Uma mão lava a outra
Hi fratres invicem diligunt (latim pós-clássico)	Êstes irmãos se amam mùtuamente

§223. **Os pronomes demonstrativos.** — I. ***Funções elementares.*** *Hic* refere-se à 1.ª pessoa (= "êste", *iste* à 2.ª pessoa (= "êsse"), e *ille* à 3.ª pessoa (= "aquêle"); essa referência não se limita ao sentido local, mas se estende igualmente à esfera temporal e até mental. Êste emprêgo dos pron. demonstrativos está mais ou menos de acôrdo com a praxe portuguêsa, de modo que exemplos são desnecessários.

II. ***Conotações afetivas.*** *Iste* tem muitas vêzes valor depreciativo; *ille*, valor apreciativo, p. e.:

Iste Verres totam Siciliam exspoliavit	Êsse Verres saqueou tôda a Sicília
Ille Homerus dixit....	O célebre Homero disse.....
Illud Homeri/Homericum.....	Aquêle célebre dito de Homero...

III. ***Correlações.*** Na correlação: *hic ..... ille*, ou: *ille..... hic*, o pron. *hic* refere-se ao que foi mencionado por último; *ille*, ao que foi mencionado primeiro, p. e.:

Admiramur magnopere Alexandrum Magnum et Julium Caesarem: hic Galliam omnem cepit, ille regem Persarum vicit (ou: *ille.... vicit, hic.... cepit*)	Admiramos muito Alexandre Magno e Júlio César: êste conquistou a Gália inteira, aquêle venceu o rei dos persas

IV. ***Observações.*** 1) Os pron. demonstrativos são muitas vêzes usados em combinação com subst. verbais, em lugar de um gen. objetivo (cf. §88, III), p. e.:

Hic metus = Metus hujus rei	O mêdo de tal coisa
Illa desperatio = Desperatio illius rei	O desespêro daquela situação

2) Em geral, a expressão: *Dixit hoc/haec*, refere-se àquilo que se segue: *dixit illud/illa*, àquilo que precede, mas essa distinção não possui o rigor de uma regra absoluta. *Ille* usa-se muitas vêzes para anunciar aquilo que se segue, tendo por função a de marcar com certa ênfase uma qualquer oposição àquilo que precede.

§224. **Os pronomes determinativos.** — Sob êste denominador comum pretendemos falar de três pronomes: *is*, *ipse* e *idem*.

I. ***O pronome "is".*** As principais funções de *is* são:

1) *Is* substitui, nos casos oblíquos, o pron. pessoal da 3.ª pessoa, p. e.:

Vidi eum/eos	Vi-o(s)
Vidi eam/eas	Vi-a(s)
Dedi ei/eis librum	Dei-lhe(s) um livro

Nota. No nom. não se usa o pron. pessoal, a não ser que êste tenha certa ênfase (cf. § 38, I), caso em que se emprega *hic/iste/ille*, ou — de modo anafórico (cf. *infra*, 3), — *is*.

2) O gen. *ejus/eorum/earum* substitui o pron./adv. possessivo (não reflexivo) da 3.ª pessoa, p. e.:

Vidi patrem ejus	Vi seu pai(= o pai dêle/dela)
Vidi patrem eorum	Vi seu pai(= o pai dêles)
Vidi patrem earum	Vi seu pai(= o pai delas)

3) *Is* tem função "anafórica", isto é, refere-se a uma pessoa ou coisa que acaba de ser mencionada, p. e.:

Caesar Noviodunum adortus est (id est oppidum Aeduorum), sed expugnare non potuit	César atacou Novioduno (é essa uma cidade dos éduos), mas não conseguiu conquistá-la
Caesar Labieno auxilio venit. Is erat legatus exercitus ejus	César veio em auxílio a Labieno. Êsse era subcomandante do seu exército

Notas.

1) Assim se explica também o emprêgo de *atque is* (ou *isque*) e de *neque is* em construções dêste tipo:

Nuper librum legi, atque eum pulcherrimum	Li há pouco um livro, e por sinal era muito bonito
Consul sero advenit, neque id omnibus copiis suis	O cônsul chegou muito tarde, e além disso sem (trazer) tôdas as suas tropas, ou: e nem sequer trouxe.....

2) Quanto à omissão do pronome anafórico em frases comparativas, cf. § 231, I, 6.

4) *Is* é usado (como pron. e como adj.) em antecedentes para relacioná-los mais estreitamente com os pronomes relativos, p. e.:

Is (vir) qui hoc fecerit, punietur	Aquêle (homem) que fizer isto, será castigado

5) *Is* = *talis* ("de tal natureza") em combinação com *ut* consecutivo (cf. § 147, I) ou com cláusulas relativas, cujo valor seja consecutivo (cf. § 168, IV, 1).

II. ***O pronome "ipse".*** 1) *Ipse* quer dizer, em geral: "mesmo, mesma; o próprio/a própria", mas exerce, além disso,

várias outras funções que nem sempre coincidem com o emprêgo dêssas palavras em português. Damos aqui uma série de exemplos:

Ipse opus perficiam	Eu *mesmo/pessoalmente* farei o serviço
Valvae ipsae se aperuerunt	Os batentes abriram-se *por si mesmos*
Ipso terrore hostes fugati sunt	*Só* pelo pânico foram afugentados os inimigos
Eo ipso die Romam rediit	*Exatamente* nêsse dia voltou a Roma
Post ipsum proelium castra movit	*Logo* depois da batalha levantou o acampamento
Ante ipsam portam substitit	Parou (*precisamente*) em frente à porta
Ipsa virtus a multis contemnitur	*Até mesmo* a virtude é menoscabada por muitos
Divitiae ipsae neminem beatum reddere possunt	A riqueza *sòzinha* (ou: *por si mesma*) não pode tornar ninguém feliz

2) Reparem bem na diferença entre as seguintes construções:

Me ipsum laudo (= *non alius me laudat*) *Me ipsum laudo* (= *non alium laudo*)	Louvo-me a mim mesmo
Veritas se ipsa defendet	A verdade se defenderá a si mesma
Nolite me, sed vos ipsos consolari!	Não me consoleis a mim, mas a vós próprios!

III. ***O pronome "idem".*** 1) *Idem* indica identidade, e pode vir seguido de *atque/ac/et* ou o pron. relativo (cf. § 164, IV), p. e.:

Eundem librum legi atque/ac/et tu (legisti) *Eundem librum legi quem tu (legisti)*	Li o mesmo livro que tu (lêste)

2) Usa-se *idem* também quando a uma qualidade já mencionada de uma pessoa ou coisa se acrescenta uma segunda; neste caso, *idem* (gèralmente: *idemque*) pode simplesmente continuar a descrição: "e também, e igualmente, ao mesmo tempo", etc., ou então, a segunda qualidade pode estar em certo contraste com a primeira, caso em que devemos traduzir por: "mas, contudo, e apesar disso", etc. Exemplos:

Crassus eloquens fuit idemque juris consultus	Crasso foi eloqüente e, ao mesmo tempo, jurisconsulto
Crassus dives fuit idemque non superbus	Crasso foi rico, mas (apesar disso) não orgulhoso
Omnes optant ut senectutem adipiscantur, eandem accusant adepti	Todos desejam atingir a velhice, mas, quando a atingiram, censuram-na

3) Quando, porém, de outra pessoa ou coisa se diz algo que já foi mencionado em relação a outra pessoa ou coisa, usa-se *item*, ou *ipse quoque*, ou *et ipse*, p. e.:

Frater meus Romam profectus est; nos item propediem Romam proficiscemur	Meu irmão foi a Roma; nós também/igualmente iremos a Roma um dêstes dias
Cum Hannibal aciem instrueret, Scipio et ipse/ipse quoque copias e castris eduxit	Como Haníbal estivesse dispondo as fileiras, também Cipião conduziu suas tropas fora do acampamento

§ 225. **Os pronomes relativos.** — I. ***Generalidades.*** O leitor poderá encontrar os principais pronomes (e advérbios) relativos no § 166, I; as regras relativas à conexão relativa, no § 167.

II. ***O antecedente e o relativo.*** Já vimos que o antecedente muitas vêzes vem reforçado de *is*, cf. § 224, I, 4. Mas acontece também que não ocorre nenhuma referência ao relativo na oração regente, caso em que *qui = is qui*. Se o antecedente fôr, não uma determinada palavra, mas um frase inteira, usa-se *quod* ou, preferìvelmente, *id quod* (cf. § 166, III). Exemplos:

Is (vir) qui hoc fecerit, punietur	Aquêle (homem) que fizer isto, será castigado
Qui hoc fecerit, punietur	Quem fizer isto, será castigado
Socrates a civibus suis ut venenum biberet coactus est, (id) quod Atheniensibus summo dedecori est	Sócrates foi forçado por seus concidadãos a tomar veneno, o que constitui grande desonra para os atenienses
Cf. também § 242, III	

III. ***O emprêgo do subjuntivo.*** Já sabemos que o modo normal empregado em cláusulas é o Ind., também em cláusulas introduzidas por pronomes (e advérbios) relativos indefinidos (cf. § 54, II). Usa-se, porém, o Subj. em cláusulas relativas com valor adverbial (cf. § 168); êste modo encontra-se também em três outros tipos de cláusulas relativas, a saber:

1) em cláusulas relativas dependentes de um A. c. I., contanto que façam parte integrante das palavras citadas e não constituam um acréscimo posterior feito pelo autor. Para elucidar esta construção, podemos partir do seguinte exemplo, em que as palavras comunicadas por César não dependem do verbo *dicit* (no A. c. I.), mas são citadas tais quais foram ditas por êle (é a chamada "oração direta"):

Caesar dicit: "Arverni, qui semper socii fidelissimi fuerunt, ad bellum consurrexerunt"	César diz: "Os arvernos, que sempre foram nossos aliados fidelíssimos, insurgiram-se para fazer a guerra"

Mas se fizermos depender as palavras citadas do verbo *dicit*, na chamada "oração indireta", a frase passará a ter a seguinte forma:

Caesar dicit Arvernos, qui semper socii fidelissimi fuerint, ad bellum consurrexisse	César diz que os arvernos, que sempre foram aliados fidelíssimos, se insurgiram para fazer a guerra

Como se vê, a proposição independente da "oração direta": *Arverni..... consurrexerunt*, vai para o A. c. I. na "oração indireta": *Arvernos..... consurrexisse;* a cláusula relativa, na "oração direta" construída com o Ind. (*qui.... fuerunt*), leva o Subj. na "oração indireta" (*qui.... fuerint*). É esta a construção normal de cláusulas relativas ocorrentes na "oração indireta".

Mas existe também outra possibilidade. César pode ter dito apenas: *Arverni ad bellum consurrexerunt*, e um autor, ao relatar essas palavras de César, pode achar conveniente acrescentar uma informação a respeito dos arvernos na forma de uma cláusula relativa, p. e.: *qui semper Romanis fidelissimi fuerunt.* Se passarmos esta frase para a "oração indireta", a comunicação feita por César, irá para o A. c. I., mas a cláusula — acréscimo posterior — continuará no Ind., de modo que:

ORAÇÃO DIRETA:	ORAÇÃO INDIRETA:
Caesar dicit: "Arverni (qui semper Romanis fidelissimi fuerunt) ad bellum consurrexerunt" —	*Caesar dicit Arvernos qui semper Romanis fidelissimi fuerunt, ad bellum consurrexisse*

Cf. ainda:

Socrates dicere solebat: "Omnes in eo quod sciunt satis eloquentes sunt"	Sócrates costumava dizer: "Todos são bastante eloqüentes naquilo que sabem"

Socrates dicere solebat omnes in eo quod scirent satis esse eloquentes	Sócrates costumava dizer que todos eram bastante eloqüentes naquilo que sabiam
Aristoteles dicit: "Apud Hypanim fluvium (qui ab Europae parte in Pontum influit) bestiolae quaedam nascuntur, quae unum diem vivunt"	Aristóteles diz: "Perto do rio Hípanis (que, provindo do lado europeu, desemboca no Mar Negro), nascem certos pequenos bichos que vivem um só dia"
Aristoteles dicit apud Hypanim fluvium, qui ab Europae parte in Pontum influit, bestiolas quasdam nasci, quae unum diem vivant	Aristóteles diz que perto do rio Hípanis que, provindo do lado europeu, desemboca no Mar Negro, nascem certos pequenos bichos que vivem um só dia

Nota. Assim se explica que os parênteses: *ut dixi, ut vidimus, quod cognovimus,* etc. fiquem inalterados na "oração indireta", bem como as cláusulas relativas que contêm a paráfrase de um único conceito, p. e.:

Quis negare potest haec omnia quae videmus a dis immortalibus administrari?	Quem pode negar que todo êste mundo visível seja governado pelos deuses imortais?

2) em cláusulas relativas dependentes de uma cláusula construída com o Subj., igualmente à condição de fazerem parte integrante da construção com o Subj., p. e.:

Consul cives adhortatus est ut cives, qui contra rem publicam conjurassent, morte afficerent	O cônsul exortou o povo a infligir a pena de morte aos cidadãos que haviam conjurado contra o Estado

Esta frase seria na "oração direta":

Consul populum sic adhortatus est: "Cives, qui contra rem publicam conjuraverunt, morte afficite!"	O cônsul exortou o povo desta maneira: "Infligi a pena de morte aos cidadãos que conspiraram contra o Estado!"

3) em cláusulas relativas que não exprimem o pensamento do autor, mas o do sujeito da oração regente ("dependência intrínseca", (cf. § 221, II), p. e.:

Socrates exsecrari eum solebat, qui primus utilitatem a jure sejunxisset (conforme a opinião de Sócrates)	Sócrates costumava amaldiçoar aquêle que fôra o primeiro a separar a utilidade do direito

IV. ***O antecedente na cláusula.*** A frase:

(Ea) femina, quam videtis, mater mea est	(Aquela) mulher, que vêdes, é minha mãe

pode ser construída também desta maneira:

Quam feminam videtis, (ea) est mater mea	A mulher que vêdes, (essa) é minha mãe

Nesta segunda construção, o antecedente *femina* (da primeira construção) foi transferida para a cláusula, chegando a concordar em caso com o pronome relativo: *quam feminam*. Nas duas construções pode ocorrer o pronome *is* (ou, menos freqüentemente: *hic/iste/ille*). Outro exemplo:

Quae cupiditates a naturā proficiscuntur, (eae) facile explentur	Os desejos que derivam da natureza, são fàcilmente saciados

O latim pode sempre colocar o antecedente na cláusula relativa, mas usa esta construção mormente nos seguintes casos:

1) quando o antecedente contém um superlativo (relativo), p. e.:

Misi ad te de/ex libris quem pulcherrimum habeo	Enviei-te o mais belo livro que tenho

Nota. Mas são possíveis também as duas seguintes construções:

Misi ad te ex omnibus libris/ omnium librorum quos habeo pulcherrimum (cf. § 88, V, 2e) *Misi ad te librum quo pulchriorem non habeo* (cf. § 82, III, 2d)	Enviei-te o mais belo livro que tenho

Nunca, porém, pode o relativo referir-se diretamente a um superlativo que não seja "absoluto", cf. § 218, I, 2.

2) quando o antecedente traz consigo um apôsto, p. e.:

Amicus meus Corinthum profectus est, in quā urbe templa pulchra sunt	Meu amigo foi a Corinto, cidade (essa) em que há templos bonitos

3) nas expressões do tipo: *quā es prudentiā* e *quae est tua prudentia*: "prudente como és", p. e.:

Quā prudentiā es, nihil te fugiet	Prudente como és, nada te escapará
Quā mollitiā sum, numquam illius lacrimis restitissem	Sensível como sou, nunca teria resistido às suas lágrimas

Nota. Nestas expressões poderíamos usar também:

Ut es prudens (cf. § 150, III) *Pro tuā prudentiā* (cf. § 133, C4)	*nihil te fugiet*

V. ***A omissão do segundo relativo.*** Quando duas cláusulas relativas coordenadas se referem ao mesmo antecedente, o latim pode usar duas vêzes o relativo, caso em que se prefere a forma *quique et qui;* muito freqüente é, porém, a substituição do segundo relativo por *et is* ou *isque;* às vêzes, omite-se o segundo relativo, mesmo que seu caso seja diferente do empregado na primeira cláusula. Exemplo:

Caesar Gallos bello superavit, quos populus Romanus in provinciam redegit quibusque stipendium imposuit ou:... *redegit iisque stipendium...* ou: .... *redegit stipendiumque imposuit*	Na guerra, César venceu os gauleses, os quais o povo romano reduziu a estado de dependência (= província) e aos quais impôs um tributo

Nota. Sôbre a repetição do antecedente na cláusula relativa, cf. § 242, III.

VI. ***Casos de atração.*** 1) Quanto à concordância em gênero relativo, não com o antecedente, mas com o predicado-substantivo da cláusula, cf. § 213, VII, 2.

2) Na linguagem popular, o antecedente adota, às vêzes, o caso em que está o relativo; esta construção, muito contrária às regras da análise lógica, é extremamente rara na linguagem literária. Exemplos:

Naucratem quem convenire volui, in navi non erat (= *Naucrates quem* ....)	Náucrates, com quem quis ter um encontro, não estava no navio
Urbem quam statuo, vestra est (= *Urbs quam statuo.....*)	A cidade, que estou fundando, é vossa

3) Muito raro acontece em latim clássico (ao contrário da praxe grega) que o relativo adota o caso em que está o antecedente, contra as regras da análise lógica. Exemplos:

Aliquid agis eorum quorum (= *quae*) *consuesti agere*	Estás fazendo uma daquelas coisas que costumas fazer

Cf. *non quo....., sed quod = non eo quod ....., sed quod* (§ 150, II, 2, Nota 1).

§ 226. **Os pronomes interrogativos.** — I. ***Generalidades.*** Quanto à forma e ao significado dos diversos pronomes (e advérbios) interrogativos em latim, cf. § 62. Todos êles

podem, em tese, ser usados, não só em perguntas diretas, mas também em perguntas indiretas e em exclamações.

II. ***O emprêgo de "quis" e "qui".*** *Quis?* é geralmente pron. (= subst.); *qui?* é geralmente adj., p. e.:

Quis hoc fecit?	Quem fêz isto?
Qui vir/Quae femina hoc fecit?	Que homem/mulher fêz isto?

Também *quis?* pode funcionar como adj., caso em que se distingue de *qui?* por perguntar pelo nome de uma pessoa ou coisa, ao passo que *qui?* pergunta mais pelas qualidades (= ± *qualis?*), p. e.:

Quis miles hoc fecit?	Quem é o soldado que fêz isto?
Qui miles hoc fecit?	Que (espécie de) soldado fêz isto?

Nota. Esta distinção, porém, nem sempre é observada, e *quis?* encontra-se às vêzes simplesmente no sentido de *qui?*, de modo que:

Quis miles hoc fecit?	Que soldado fêz isto?

III. ***O emprêgo de "quid" e "quod".*** No gênero neutro, é rígida a distinção entre *quid?* (pron.) e *quod?* (adj.), p. e.:

Quid vidisti?	O que viste?
Quod templum/Quae templa vidisti?	Qual/Quais o(s) templo(s) que viste?

1) *Quid?* vem muitas vêzes seguido de um gen. partitivo (cf. § 88, V, 1b); também se usa muitas vêzes no sentido de: "por que? para que?" (ac. de relação, cf. § 74, IV, 2). *Quid?* é empregado quando se pergunta pela definição de uma pessoa ou coisa (cf. § 213, VII, 2). Reparem também no emprêgo de *Quid quod....?* (cf. § 210, II, 1f). Outra locução elíptica com *quid?* é *quid si.....?*, p. e.:

Quid si eum adibo? (= *Quid* [*dices*] *si eum adibo?*)	E se me dirigir a êle?
Quid si eum adeam? (= *Quid* [*dicas*] *si eum adeam?*	E se me dirigisse a êle?

2) *Quidni?* (cf. § 160, III, 2) quer dizer: "Por que não?" > "Naturalmente"; às vêzes encontramos também: *quid.... ni?*, p. e.:

Quidni ita censeam? (perguntas retóricas) *Quid ita ni censeam?*	Por que não pensaria assim?
Laudas hunc? — Quidni laudem?	Tu o louvas? — Claro que o louvo!

IV. ***O emprêgo da partícula "qui?"*** O abl. instrumental *qui?* (cf. § 148, II, 5) é pouco usado em perguntas indiretas, mas geralmente em perguntas diretas dêste tipo:

Qui fit ut mihi irascatur?	Como acontece que êle fica indignado contra mim?
Qui id fieri potuit?	Como pôde acontecer isso? = Como foi isso possível?

Em cláusulas (relativas e interrogativas) encontramos também *quicum* = *quocum, qu cum* ou *quibuscum*, p. e.

Mihi da quicum omnia communicem	Dá-me alguém, com quem possa ter tudo em comum

V. ***A diferença entre "quis?" e "uter?"*** Usa-se *quis/qui?*, quando se trata de mais de duas pessoas ou coisas; usa-se *uter, utra, utrum?*, quando se trata de duas pessoas o coisas. *Uter* é considerado como adj., quando combinado com subst.; como subst., quando combinado com pron. pessoal, caso em que vem acompanhado do gen. partitivo (cf. *uterque*, § 88, V, 2b).

Uter consul barbaros vicit?	Qual dos dois cônsules venceu os bárbaros?
Uter vestrum mentitus est?	Qual de vós dois mentiuu?

Nota. Palavras correspondentes com *uter?* são: *uterque* ("cada um dos dois"), *neuter* ("nenhum dos dois") e *alter* ("um dos dois"), cf. § 227, V.

VI. ***O emprêgo de "quotus"?*** 1). O interrogativo *quotus?* pressupõe uma resposta na forma de um número ordinal, p. e.:

Quotus Imperator Nero fuit? — Sextus	Qual o lugar ocupado por Nero entre os imperadores? — O sexto

Assim se diz também:

Quota hora est? — Tertia	Que horas são? — É a terceira hora (São três horas)

2) Em combinação com *quisque:* "quão poucos?" (só em perguntas diretas; em perguntas indiretas, usa-se *quam pauci*), p. e.:

Quotusquisque invenitur qui hodie hunc librum legat?	Como são poucos os que hoje ainda lêem êste livro!

§ 227. **Os pronomes indefinidos.** — I. ***Três séries de indefinidos.*** O latim possui três séries de palavras para exprimir: "alguém, algum, alguma coisa, algo", a saber:

1) *Aliquis, aliquid* ("alguém, alguma coisa"), só pron. = subst.
Aliqui, aliqua, aliquod ("algum"), adj. (sg. e pl.)
Nonnulli, nonnullae, nonnulla ("alguns"), subst. e adj.

2) *Quisquam, quidquam* ("alguém, alguma coisa"), pron. = subst.
Ullus, ulla, ullum ("algum"), adj. (sg. e pl.)

3) *Quis, quid* ("alguém, alguma coisa"), pron. = subst.
Qui, qua, quod ("algum"), adj. (sg. e pl.)

Quanto ao emprêgo dessas palavras, podemos fazer as seguintes observações:

a) *Aliquis,* etc. emprega-se em frases afirmativas (cf. *somebody, some, something,* em inglês); *quisquam,* etc. emprega-se em frases negativas ou em frases cuja tendência é negativa (cf. *anybody, anything, any,* em inglês); *quis,* etc. emprega-se depois das partículas: *si, nisi, ne* (cf. § 147, III, 1) e *num,* e depois de pron. e adv. relativos. *Quis* (indef.) é a forma enclítica de *quis?* (interrogativo), cf. em inglês: *What did he tell you?* e: *I'll tell you what.* Exemplos:

Aliquis id mihi dixit	Alguém mo disse
Aliqui vir/Aliqua femina id mihi dixit	(Alg)um homem/(Alg)uma mulher mo disse
Neque te neque quemquam sinam hinc abire	Não te deixarei sair, nem a ti, nem a ninguém
Recusabat cum quoquam colloqui	Recusava-se a conversar com quem quer que fôsse
Recusabat cum ullo cive colloqui	Recusava-se a conversar com todo e qualquer cidadão
Hoc quisquam negare audebit?	Haverá alguém que se atreva a negar isto? (resposta: "Claro que ninguém se atreverá")

Si quis huc venerit, dic ei.....	Se alguém vier aqui, dize-lhe.....
Si quem videris, dic mihi	Se vires alguém, dize-mo
Num quod monstrum vidisti?	Por ventura, viste (alg)um monstro?
Quo quid est rarius, eo est carius (cf. § 218, II, 2)	Quanto mais raro, tanto mais caro

b) *Quisquam* e *ullus* são empregados também depois das partículas *si* (condicional) e *quam* (comparativo) em construções dêste tipo em que está implícita a idéia de negação:

Si quisquam, ille fuit liberalis (= *Nemo fuit illo liberalior*)	Se é que alguém foi generoso, êle o foi
Hic rex liberalior fuit quam quisquam superiorum (= *Nemo rex fuit liberalior quam hic*)	Êste rei foi mais generoso do que qualquer um dos anteriores

c) A mesma diferença que existe entre *aliquis* e *quis*, existe também entre:

aliquando: "alguma vez"	e	*si quando:* "se (alg)uma vez, um dia", etc.
alicubi: "em algum lugar"	e	*sicubi:* "se em algum lugar", etc.
alicunde: "de alguma parte"	e	*sicunde:* "se de alguma parte", etc.
aliquā: "por algum caminho"	e	*si quā:* "se por algum caminho" (cf. § 62, I, 2)
aliquo: "para algum lugar"	e	*si quo:* "se para algum lugar", etc.

d) A mesma diferença que existe entre *aliquis* e *quisquam*, existe também entre êstes dois grupos de advérbios:

aliquando e *umquam:* "alguma vez"	*alicubi* e *usquam:* "em alguma parte", p. e.:
Erat aliquando rex dives.....	Era uma vez um rei rico.....
Quid hac re crudelius umquam factum est?	Houve jamais uma coisa mais cruel do que esta?
Anulum meum amisi neque usquam invenire potui	Perdi meu anel e não consegui encontrá-lo em parte alguma
Alicubi anulum meum amisi	Perdi meu anel em algum lugar

e) Quanto ao emprêgo de *nec quisquam* = *et nemo*, etc. cf. § 202, I, 2.

f) *Aliquis* quer dizer; "alguém", indicando indiferença no que diz respeito à especificação; assim se usa também *aliqui*, etc. As duas palavras podem ser substituídas pelas locuções: *nescio quis/qui* (cf. § 66, I).

g) A palavra *quidam* (pron. e adj.) indica uma pessoa ou coisa que o autor não pode ou não quer especificar: "(um) certo", etc., p. e.:

Homo quidam me invitavit	Certo homem me convidou
Quodam die me invitavit	Certo dia/Um belo dia me convidou

Combinado com subst. e adj., *quidam* torna mais vaga, mais indefinida a expressão, principalmente quando acompanhado de *quasi, tamquam* ou *velut:* "uma espécie de, por assim dizer, como que", etc. Com certos adjetivos, porém, que exprimem grau elevado de certa qualidade, *quidam* reforça a expressão: "extraordinàriamente, sumamente, totalmente", etc. (p. e. *magnus, eximius, praeclarus, mirabilis, novus, incredibilis, ingens,* etc.). Exemplos:

Tacitus quidam sermo factus est inter eos	Houve entre êles uma conversa, por assim dizer, sem palavras, ou: uma espécie de conversa silenciosa
Senatus propugnaculum quoddam libertatis Romanae est	O Senado é, por assim dizer/como que, o reduto da liberdade romana
Mors est quaedam quasi commutatio vitae	A morte é, por assim dizer, uma modificação da vida
Incredibilis quaedam voluptas nos omnes cepit	Apoderou-se de todos nós um prazer completamente incrível
Novum quoddam genus dicendi induxit	Introduziu um estilo literário totalmente novo

h) *Quispiam* (subst. e adj.) = *aliquis*, usando-se mormente em objeções (reais ou fingidas), muitas vêzes com o significado de um sujeito indeterminado (cf. § 41, II, 5), p. e.:

At dicet quispiam/aliquis.....	Mas alguém dirá......

i) Reparem bem nestas expressões (cf. § 213, VII, 2):

Et ego aliquid sum	Também eu tenho certa importância
Ego nihil sum	Eu não tenho nenhuma importância

II. ***Quisque, etc.*** 1) *Unusquisque* (subst. e adj.) significa: "cada um, cada qual", e tem valor distributivo (cf. em inglês: *each*); *quisque* (subst. e adj.) tem o mesmo significado, mas, como palavra enclítica, tem menos fôrça e nunca ocupa

o primeiro lugar numa frase, ligando-se principalmente às seguintes formas:

a) ao pron. reflexivo *sui, sibi, se, suus,* etc. (cf. § 221, IV), p. e.:

Sibi quisque consulat!	Cada um cuide de si próprio!
Sua cuique gloria est	Cada qual tem seu título de glória

b) ao pron. (ou adv.) relativo, p. e.:

Quod quisque mihi dixit, memoriā teneo	Estou bem lembrado do que cada um me disse
Ut quidque est rarius, ita est carius (cf. § 211, I, 1e)	Cada coisa, na medida em que é mais rara, torna-se mais cara, ou melhor: Na medida em que uma coisa é mais rara, torna-se mais cara
Supplicabo ut quemque amicum videro (cf. § 154, II, nota 1)	Suplicarei, cada vez que vir um amigo

c) ao pron. (ou adv.) interrogativo, p. e.:

Dic mihi quid cuique dixeris	Dize-me o que disseste a cada um
Quotusquisque invenitur/est qui hodie hunc librum legat? (cf. § 226, VI)	Como são poucos os que hoje ainda lêem êste livro!

d) ao superlativo (de adj.), p. e.:

Optimus quisque a crudeli tyranno necatus est (cf. § 218, IV, 2)	Justamente os melhores cidadãos foram mortos pelo tirano

e) a números ordinais, p. e.:

Decimus quisque miles necatus est	Cada décimo soldado foi morto, ou: De cada dez soldados um foi morto
Quinto quoque anno(1)	De quatro em quatro anos
Tertio quoque anno(1)	De dois em dois anos
Mas: *singulis annis/quotannis*	cada ano
singulis diebus/quotidie	cada dia

f) nas expressões idiomáticas:

primo quoque tempore = quam primum	quanto antes (cf. § 218, V, 2b)
primum quidque explicemus	expliquemos uma coisa após outra

(1) *Quinto/Tertio*, não: *Quarto/Secundo*, devido a um costume peculiar dos romanos de incluir nas suas contagens o têrmo inicial e o têrmo final.

2) *Omnis* (cf. em inglês: *every*) não tem o sentido distributivo de *quisque*, mas significa: "todo (e qualquer)". São muito usadas as formas do plural: *omnes* (masc.–fem.) = "todos" (cf. em inglês: *all*), e *omnis* (neutro) = "tudo", ou "tôdas as coisas" (cf. em inglês: *everything* e *all*). *Omnis* pode significar também: "inteiro", significado específico de *totus*, palavra essa que, em latim nunca ocorre, com o significado de: "todo (e qualquer)". Exemplos:

Omnis homo mortalis est	Todo e qualquer homem é mortal
Omnes homines mortales sunt	Todos os homens são mortais
Amor vincit omnia	O amor vence tudo
Gallia omnis divisa est in partes tres	A Gália, vista na sua totalidade, divide-se em três partes
Totā urbe clamor factus est (cf. §85, II, 4)	Em tôda a cidade (= Na cidade inteira) houve um clamor

3) *Quivis* e *quilibet* (subst. e adj.) significam: "quem quer que seja", p. e.:

Quodvis/Quodlibet malum perpeti voluit quam mentiri	Preferiu sofrer o que quer que fôsse de penoso a mentir
Quivis/Quilibet per me hoc facere potest	Qualquer um pode, por mim, fazer isto

Nota. Tratando-se de duas pessoas ou coisas, pode usar-se *utervis* e *uterlibet*.

4) *Quicumque* e *quisquis*, etc. são pron. relativos indefinidos e podem, em latim clássico, ser usados só com o verbo finito, sempre no Ind. (cf. § 54, II).

III. ***Nemo e nullus, etc.*** 1) *Nemo* < *nĕ-hemo* (*hemo* = *homo; nullus* < *nĕ-ullus*). Quanto às negações combinadas com estas duas palavras, cf. § 170, II, 2. *Nullus* é adj., ("nenhum"), mas é empregado no gen. (*nullius*), e no abl. (*nullo, nullā*) em substituição às formas correspondentes de *nemo* que só possui o ac. *neminem;* ao lado de *nulli* encontramos também o dat. *nemini*. Exemplos:

Nemo hoc facere audebit	Ninguém ousará fazer isto
Nullus vir/nulla mulier dicet...	Nenhum homem/Nenhuma mulher dirá......
Neminem vidi	Não vi ninguém
Nemini/Nulli dixi istud	Não disse isso a ninguém
Nullo resistente hostes in urbem ingressi sunt	Sem que ninguém resistisse, entraram os inimigos na cidade

2) *Nihil* < *nĕ-hilum* (*hilum*, talvez = "fiozinho"); a forma contrata é *nil* (não se encontra em prosa clássica); a palavra usa-se apenas no nom. e no ac. (neste caso, encontra-se também *nihilum* em certas locuções). O gen. *nihili* é empregado apenas como gen. de preço (cf. § 89, II, 1); o abl. *nihilo* só como abl. de medida, em expressões do tipo: *nihilominus* e *nihilosetius* (cf. § 181, I, 4), ou como abl. de preço (cf. § 84, II, 2), ou em combinação com *pro* em expressões do tipo: *pro nihilo id puto* = "considero-o como de nenhuma importância" (cf. § 75, I, Nota 3). A forma *nihilum* (ac.) usa-se sòmente em algumas expressões, p. e.: *ad nihilum redigĕre aliquid*: "reduzir alguma coisa a nada". Em tôdas as outras construções usa-se: *nullius rei* (gen.), *nulli rei* (dat.), *nullā re* (abl.) e *nihil* (nom. e ac.).

3) *Nemo* deve ser usado em combinação com adjetivos substantivados, p. e.: *nemo mortalis* (não: *nullus mortalis*) = "nenhum mortal"; cf. *nemo sapiens* (não: *nullus sapiens*).

Nemo pode ser usado em combinação com nomes de pessoas, p. e.: *nemo/nullus civis; nemo/nullus poeta*, etc.

Quisquam segue as mesmas regras, portanto:

Nec quisquam mortalis/sapiens	E nenhum mortal/sábio (cf. § 203, I, 2)
Nec quisquam poeta/civis *Neque ullus poeta/civis*	E nenhum poeta/cidadão

IV. ***Alius e alter, etc.*** 1) *Alius, alia, aliud* refere-se a mais de duas pessoas ou coisas; *alter, altera, alterum* refere-se a uma de duas pessoas ou coisas, estando sempre no sg. (mas cf. *infra*, V, 3). *Ceteri* e *reliqui* significam: "os outros, os demais". Exemplos:

Legi librum alium atque/ac tu (cf. § 164, IV)	Li um livro diferente do que tu (lêste)
Hodie librum alterum legi	Hoje li o outro (= o segundo) livro
Unum hunc librum attuli: ceteros/reliquos domi reliqui	Trouxe só êste livro: os demais deixei em casa

2) Assim se explica a diferença entre as duas seguintes correlações:

Alius/Alii Alexandrum magis admiratur/admirantur, alius/alii Julium Caesarem	Um((Alg)uns admira(m) mais Alexandre Magno, outro(s) Júlio César
Duos amicos habeo: alter est medicus, alter jurisconsultus	Tenho dois amigos: um é médico, o outro é jurista

3) Reparem bem nas seguintes expressões:

Alius aliud amat	Um gosta disto, outro daquilo
Alius aliter judicat	Um julga assim, outro assim

Nota. Estas expressões são formas elípticas de: *alius aliud amat, alius aliud amat.*

4) Quanto ao emprêgo de *alius... alium*, e *alter... alterum*, etc. como pronomes recíprocos, cf. § 222.

5) Não existe o gen. sg. de *alius*, pelo qual se usa: *alterius.*

V. ***Uterque, etc.*** 1) Esta palavra refere-se a duas pessoas ou coisas ("cada um dos dois"); distingue-se de *ambo* por ser pronome (ou adj.) distributivo, visando, portanto, a cada uma das duas pessoas ou coisas na sua individualidade, ao passo que *ambo* se refere a duas pessoas ou coisas como coletividades, ou como individualidades inseparáveis uma da outra. Exemplos:

Ambo consules vicerunt (plural!)	Os dois cônsules venceram (na mesma batalha, ao mesmo tempo)
Uterque consul vicit (singular!)	Cada um dos dois cônsules venceu (em batalhas e tempos diferentes)

2) Palavras correspondentes com *uterque* são: *neuter* ("nenhum dos dois"), *uter?* ("qual dos dois" ?, *alter* ("um dos dois"), *uter?* ("qual dos dois?"), *alter* ("um dos dois"); cf. também *utervis* e *uterlibet* (cf. § 227, II, 3, Nota). Também estas palavras são normalmente usadas apenas no sg. Exemplos:

Uter vestrum hoc dixit?	Quem de vós dois disse isto?
Neuter nostrum hoc dixit	Nenhum de nós dois disse isto
Alter vestrum hoc dixit	Um de vós dois disse isto

3) Tôdas essas palavras podem estar no plural, quando se referem a dois grupos cada um dos quais é considerado na sua individualidade, ou quando são combinados com pluralia tantum. Exemplos:

Utri montem prius occuparunt?	Qual dos dois grupos/exércitos ocupou primeiro o morro?
Caesar copias eduxit ex utrisque castris	César conduziu as tropas de ambos os acampamentos

4) Quanto ao emprêgo do gen. partitivo com estas palavras, cf. § 88, V, 2b.

ALGUMAS FIGURAS SINTÁTICAS

§ 228. **Observação preliminar.** Os gregos e seus discípulos, os romanos, elaboraram uma vasta nomenclatura de tropos e figuras, cujo conhecimento consideravam como um elemento imprescindível na formação literária de futuros poetas e oradores. A retórica ocupava, já desde a atuação dos primeiros sofistas no século V. a. C., um lugar muito importante na vida cultural dos antigos, gozando de um prestígio que hoje talvez seja comparável apenas ao da formação tecnológica. Os literatos clássicos, devido aos seus intensos estudos retóricos, escreviam suas obras em geral muito menos "espontâneamente" do que os nossos contemporâneos costumam fazê-lo, e tinham um conceito muito diferente de "originalidade": ao escreverem um discurso ou um poema, tinham sempre em mente as regras da *ars rhetorica,* e lembravam-se constantemente dos exemplos encontrados nas obras dos seus precursores.

O Romantismo muito concorreu para a retórica clássica perder seu crédito aos olhos dos modernos. Sem dúvida, a estilística dos antigos parece-nos muito técnica, árida e artificial; sua mania de classificar, definir, sistematizar, subdividir e sutilizar tem algo de desconcertante para um leitor do século XX. Mas, por outro lado, devemos reconhecer que, nas obras dos grandes mestres (em latim, principalmente Cícero e Quintiliano), encontramos uma porção de finas observações, provas de um gôsto literário muito requintado e frutos maduros de uma longa e viva tradição.

Não podemos entrar aqui nos méritos da estilística clássica, nem tampouco confrontar os seus métodos e princípios com os da estilística moderna. Queremos registrar sòmente algumas figuras sintáticas que têm certa importância para a compreensão e a tradução de textos latinos. Propositalmente eliminamos da nossa sinopse os "tropos", não porque êstes não merecem a atenção dos estudiosos, mas porque seu estudo pouco se compadece com a finalidade de um livro consagrado à sintaxe. Muitas vêzes poderemos referir-nos a fenômenos lingüísticos já encontrados em capítulos anteriores.

§ 229. **O anacoluto ou a anacolutia.** — O anacoluto (a palavra quer dizer: "sem seqüência") é uma figura sintática pela qual uma frase muda inesperadamente de construção.

Na linguagem coloquial, o anacoluto é muito comum, em todos os idiomas, sendo um dos elementos que dão naturalidade e uma certa "negligência graciosa" à conversação. Mas também um autor, embora não improvisando, pode dêle servir-se. Isso acontece sobretudo depois de um parêntese mais ou menos comprido que faz com que o autor perca de vista a estrutura inicial da frase, ou então, no caso em que quer dar às suas palavras a aparência de uma negligência graciosa ("anacoluto retórico"). Exemplo de um anacoluto depois de uma construção participial.

Cum haec ita fierent, rex Juba, cognitis Caesaris difficultatibus, non est visum dari spatium convalescendi	Enquanto isto (assim) acontecia, o rei Juba, tendo sido informado das dificuldades em que César se achava, resolveu, não lhe dar o tempo para recuperar-se

Nota. A construção "certa" seria: *rex Juba........ decrevit,* ou então: *regi Jubae...... visum est.*

§ 230. **O assíndeto.** — O assíndeto consiste na omissão de conjunções coordenativas (geralmente: *et;* mas pode ser também: *sed, nam* ou *ergo, etc.*). o que é sobretudo freqüente em longas enumerações (às vêzes, com clímax). Também em português não é raro o emprêgo de assíndeto, p. e.: "Traiu os pais, a pátria, os deuses". Exemplos em latim:

Cicerone Antonio consulibus Catilinae conjuratio facta est (cf. § 23, II, 2)	Sob o consulado de Cícero e Antônio deu-se a conjuração de Catilina
E cupiditatibus odia, discidia, discordiae, seditiones, bella, homicidia nascuntur (cf. § 201, III, 1; § 217, III, 5)	Das paixões nascem (todos) os gêneros de ódio, de divisão, de discórdia, as sedições, as guerras, os homicídios
Velim nolim	Queira (ou) não queira
Grata erga eum civitas fuit: [*nam*] *statua ei in foro posita est*	Os cidadãos mostraram-se-lhe gratos: [pois] foi-lhe erguida uma estátua no foro
Nox est: [*ergo*] *jam in tecta vestra discedite!*	É noite: ide, [pois,] a vossas casas!
Obsides accipere, [*sed*] *non dare consuevimus*	Nós costumamos receber reféns, [mas] não dá-los

§ 231. **A braquilogia.** — I. ***A braquiologia pròpriamente dito.*** Êste têrmo grego, traduzido para o latim com o nome de *breviloquentia,* significa uma maneira concisa de se

exprimir. Há várias espécies de braquilogias, algumas das quais são usadas também em português.

1) Um adj. pode referir-se a dois objetos (muito comum), p. e.:

Multas domos agrosque possidet	Êle possui muitas casas e (muitas) terras

2) Um verbo pode referir-se a dois objetos (muito comum), p. e.:

Caesar cepit Noviodunum multaque alia oppida Gallorum	César tomou Novioduno e (tomou) muitas outras cidades dos gauleses

3) Um advérbio pode referir-se a dois verbos (muito comum), p. e.:

Haec puella bene cantat et saltat	Esta moça canta (bem) e dança bem

Nota. Nos três casos registrados, os filólogos falam muitas vêzes do emprêgo *apò koinou* ("em comum").

4) Às vêzes, um verbo que, segundo as regras da sintaxe, deveria ser repetido por se aplicar a pessoas diferentes, é empregado só uma vez; a êste tipo de braquilogia muitas vêzes se dá o nome de *silepse* (em grego-latim: *syllepsis*). Exemplo:

Beate vivere alii in alio, vos in voluptate ponitis	Alguns assentam a felicidade nisto, outros naquilo, vós (a assentais) no prazer

5) Quanto à omissão de um segundo ou terceiro relativo, cf. § 225, V.

6) Na frase portuguêsa: "Os discursos de Demóstenes são mais bonitos que *os* de Cícero", a segunda palavra *os* tem função anafórica (cf. § 224, I, 3); em latim, não se pode usar, neste caso, o pronome *is*, mas deve repetir-se o subst., ou então, omite-se a referência ao subst. no segundo membro da comparação. Esta segunda construção (a chamada: *comparatio compendiaria*) é a mais usada, também quando os dois subst. estão em casos diferentes, p. e.:

Demosthenis orationes pulchriores sunt quam Ciceronis	Os discursos de Demóstenes são mais bonitos que os de Cícero
Quis potest conferre vitam Trebonii cum (vitā) Dolabellae?	Quem poderia (cf. § 54, I) comparar a vida de Trebônio com a de Dolabela?

II. ***Outro emprêgo da braquiologia.*** Alguns consideram também certo emprêgo expressivo e significativo de verbos, subst. e adj. como uma espécie de braquilogia: é o chamado *usus praegnans* (em inglês: *pregnant use;* em alemão: *prägnanter Gebrauch*) de palavras e de expressões em que está implícito mais do que parece à primeira vista. Exemplos:

Homo sum, humani nil a me alienum esse puto	Sou homem (fraco, mortal, com tôdas as boas e más qualidades inerentes à espécie humana), acho que nada do que é humano me é alheio
cf. *vir est*	é verdadeiro varão (forte, corajoso, firme)
forma/formosus	a beleza/formoso
noli mulier esse!	não sejas covarde!
bellum conturbare = bellum turbis concitandis efficere	fazer a guerra, provocando perturbações
age quod agis!	faze *bem* o que fazes!

§ 232. **O clímax.** — O clímax, ou a gradação, é a progressão ascendente de idéias ou palavras: a progressão descendente chama-se *anticlímax.* O clímax é figura muito freqüente na linguagem cotidiana e no estilo oratório; a correlação: *non modo..... sed/verum etiam,* indica clímax (cf. § 201 III, 3); também já encontramos partículas adverbiais que exprimem clímax, p. e.: *adeo* (cf. § 171, III); *quin* (cf. § 187, I, 4). Outro exemplo:

In urbe luxuria creatur, ex luxuriā exsistat avaritia necesse est, ex avaritiā audacia	Na cidade fomenta-se o luxo, a conseqüência necessária do luxo é a ganância, a da ganância é a audácia

§ 233. **A elipse.** — I. ***A elipse pròpriamente dita.*** A elipse é a omissão de uma ou mais palavras que, para a consciência lingüística de quem fala ou ouve, são dispensáveis, mas que são necessárias para a construção lógica da frase (em oposição ao assíndeto) e não podem ser completadas pela presença de palavras idênticas ou congêneres no contexto imediato (em oposição à braquilogia). Já encontramos alguns tipos de elipses, dos quais mencionamos aqui: a omissão de um verbo sentiendi vel declarandi antes de uma proposição infinitiva (cf. § 7, IV, 2); o Inf. exclamativo (cf. § 17, II); o acusativo elíptico (cf. § 73, IV); o emprêgo intransitivo de verbos transitivos (cf. § 60, I, 2); o emprêgo de *Quid si?*

(cf. § 226, III, 1); etc. Poderíamos acrescentar expressões dêste tipo: *Ita mehercle* = *Ita me, Hercules, juves*, etc.

II. ***A omissão de "esse".*** A omissão de *esse* no A. c. I. não é elipse pròpriamente dita (cf. § 5, I, Nota), nem a do particípio presente de *esse* em construções participiais (cf. § 23, I): aqui temos "frases nominais", construção bastante comum, principalmente em provérbios, p. e.: *Quot capita/homines, tot sententiae* (= "Quantas cabeças/homens, tantas sentenças)". Cf. também § 213, IV.

§ 233. **A enálage.** — A enálage ou hipálage (em grego-latim: *hypallage*) quer dizer, ao pé da letra: "troca", e como tal é têrmo genérico. Em latim, porém, entende-se por enálage ou hipálage geralmente a *hypallage adjectivi:* um adjetivo refere-se, do ponto de vista da gramática, a um certo subst., mas lògicamente modifica outro subst. A figura é pouco encontrada em prosa; mas muito freqüente na linguagem poética (principalmente na época imperial). Exemplos:

Fulva leonis ira = *Ira leonis fulvi*	A ira de um leão fulvo
Ibant obscuri solā sub nocte = *Ibant soli sub nocte obscurā*	Andavam sòzinhos pela noite escura

§ 234. **O eufemismo.** — O eufemismo é uma palavra ou expressão usada para evitar o emprêgo de uma palavra ou expressão desagradável, feia, impolida, etc.; em certos idiomas não fica bem dizer: "tuberculose", porque esta palavra é considerada de mau agouro, mas usa-se a locução eufêmica: "t. b. c.". Assim Cícero diz:

Si quid mihi humanitus acciderit = *Si moriar*	Se me suceder algo de humano = Se morrer
Judex graviorem sententiam dixit = *poenam mortis*	O juiz pronunciou uma sentença bastante grave = proferiu a sentença de morte

§ 235. **O hendiadis.** — I. ***Justaposição em vez de subordinação.*** O *hendiadis* (lit: "uma só coisa por meio de duas palavras") é a juxtaposição de duas palavras (geralmente subst., às vêzes, também verbos), uma das quais está lògicamente subordinada à outra. Exemplos:

Natura pudorque ejus	Seu pudor inato
Gravitas et pondus	A gravitação
Religio et fides	O cumprimento consciencioso/religioso dos devêres

Rogabo atque supplicabo	Pedirei suplicantemente
Dona suspecta insidiaeque	Os presentes suspeitos e insidiosos
Ordo seriesque (cf. §205, I, 5)	A série ordenada

II. ***Expressões enfáticas.*** O *hendiadis* é, portanto, coordenação (gramatical) em vez de subordinação (lógica); nem tôda e qualquer juxtaposição de subst., adj. ou verbos é hendiadis. Muitas vêzes acontece que em latim clássico, principalmente nas obras de Cícero, se encontram duas palavras mais ou menos sinônimas, simplesmente ligadas uma à outra para reforçar a expressão, p. e.: *eniti et contendere* ("esforçar-se muito"), *partiri ac dividere* ("repartir e dividir"), *extremum atque ultimum* ("pela última vez), etc. Não havendo subordinação lógica, não se pode falar em hendiadis.

§236. **O hipérbaton.** — O hipérbato(n) é uma figura retórica pela qual palavras ou grupos de palavras são transpostas do seu lugar natural para lhes dar maior ênfase ou para obter qualquer outro efeito. Não falamos aqui do emprêgo do hipérbaton na linguagem poética, onde é muito usado por motivos de ordem métrica. Na prosa assinalamos um exemplo, pelo qual se pode ver que o primeiro e o último lugar de uma frase (ou cláusula) são os que dão maior realce a uma idéia:

Tantam ingenuit animantibus conservandi sui natura custodiam	Tamanho é o cuidado de conservação de si próprio que a natureza criou em todos os sêres vivos

§237. **A hipérbole.** — A hipérbole é uma figura retórica que engrandece ou diminui com exagêro consciente a verdade das coisas; é muito comum na linguagem coloquial, cf. em português: "Morri de rir". Assinalamos aqui as expressões hiperbólicas já encontradas: *luce clarius, nive candidius*, etc. (cf. §82, III, 2c); cf. também a célebre frase de Horácio: *sidera tangam vertice* (= "Com minha cabeça tocarei o céu").

§238. **O hísteron próteron.** — O hísteron próteron (*hýsteron* = "mais tarde", e *próteron* = "primeiro") é uma figura que coloca uma idéia ou palavra na frente de outra que, cronológica ou lògicamente, lhe é anterior. Encontramos um exemplo neste verso de Vergílio:

Moriamur et in media arma ruamus!	Morramos e lancemo-nos no meio da batalha!

§ 239. **A ironia.** — A ironia é uma maneira de falar que consiste em dizer o contrário do que se está pensando ou sentindo, mas de tal modo que o ouvinte inteligente não pode equivocar-se quanto ao seu verdadeiro significado; a ironia pode ter por origem certo pudor (em relação a si próprio), ou sentimentos de escárneo (em relação a outrem); quando a insinuação ou tom forem violentos, fala-se em *sarcasmo*. Já encontramos algumas partículas que têm significado irônico, tais como: *scilicet* (cf. § 191, III, 1), *quippe* (cf. § 188, I, 1), *nisi vero/forte* (cf. § 160, I, 3), etc. Registramos ainda o emprêgo irônico de *credo*, (parentético), p. e.:

Si te jam, Catlina, interfici jussero, credo, erit verendum mihi ne omnes boni hoc crudelius factum esse	Se eu ordenar tua execução, Catilina, terei de temer, acho, que todos os bons (cidadãos) julguem êste ato demasiadamente cruel

§ 240. **A lítotes.** — A lítotes (é esta a forma correta) é uma figura retórica, muito usada também na linguagem coloquial, pela qual se nega o contrário daquilo que se quer afirmar enfàticamente, p. e.: *haud ignoro* = *bene scio* ("bem sei"); *non invitus* = *libentissimus* ("de muito boa vontade"); *non sine candidā puellā* = *cum candidā puellā* ("com uma menina esplêndida"), etc. Cf. § 170, II, 1, Nota.

§ 241. **O oximoro.** (1) — O oximoro (ao pé da letra: "tolice" = *moria;* "arguta" = *oxys*) é a combinação de duas idéias que se excluem (cf. "paradoxo"). É célebre o oximoro encontrado num texto litúrgico latino: *O felix culpa!* (falando da culpa de Adão, porque esta ocasionou a Redenção, elevando o gênero humano a um grau mais elevado do que o existente no Paraíso Terrestre). Cf. também a frase de Cícero: *Cum tacent, clamant* (já encontrada no § 152, I, 4).

§ 242. **O pleonasmo.** — I. ***Generalidades.*** O pleonasmo é o contrário da elipse, e consiste no emprêgo de uma ou mais palavras que, do ponto da vista meramente gramatical, são supérfluas. O pleonasmo é sobretudo peculiar à linguagem coloquial: mas também a linguagem jurídica e administrativa, devido à sua preocupação de se exprimir com tôda a clareza e de não omitir nada, serve-se muitas vêzes dêle. Registramos aqui:

Sic ore locuta est	Assim ela falou com a bôca
Initio coepit cogitare	A princípio começou a pensar
Hoc ferme fieri solet	Isto costuma acontecer geralmente
Postridie ejus diei (cf. § 88, I, 5)	No dia seguinte (a êsse dia)

(1) A forma *oxímoro* parece-nos mais correta do que a forma *oximoro* (*mōros*, em grego).

II. ***O emprêgo do verbo "videri"*** Cícero faz muitas vêzes uso pleonástico do verbo *vidērī* nas suas orações e tratados, só com o fim de poder terminar o período de maneira rítmica, p. e.:

Restat ut de imperatore deligendo dicendum esse videatur	Resta que falemos da escolha do comandante

III. ***Em cláusulas relativas.*** Uma influência da linguagem jurídica é a repetição do antecedente na cláusula relativa, pleonasmo muito comum em tôda a prosa latina, p. e.:

Erant omnino itinera duo, quibus itineribus domo exire possent	Havia ao todo dois caminhos pelos quais podiam sair da sua pátria

§ 243. **O polissíndeto.** — O polissíndeto é o contrário do assíndeto (cf. § 230). A frase assindética encontrada ali poderia ser transformada num polissíndeto desta maneira:

E cupiditatibus et odia et discidia et discordiae et seditiones et bella et homicidia nascuntur (cf. § 217, III, 5)	Das paixões nascem todos os gêneros de ódio, de divisão, de discórdia, as sedições, as guerras e os homicídios

§ 244. **A prolepse.** — I. ***No antecedente.*** A prolepse (em latim: *anticipatio*) tem várias acepções. A prolepse gramatical, — a única espécie que nos interessa aqui, — consiste na colocação antecipada (dentro da oração principal) do sujeito de uma pergunta (ou exclamação) indireta. Exemplo:

Videte hominem, quam sit clemens *Videte, quam sit clemens homo!*	Vêde como o homem é benígno!

II. ***A prolepse predicativa.*** Outro tipo de prolepse gramatical, sobretudo encontrado na linguagem poética, consiste em atribuir-se a um substantivo certo qualificativo, o qual chega a existir apenas como resultado da ação verbal, p. e.:

Abdita texit ora frutex (cf. § 26, V)	A folhagem encobre(-lhes) os rostos, de modo que êstes se vão escondendo, ou melhor: encobre e esconde-lhes os rostos
Montes umbrantur opaci	As montanhas são assombreadas, tornando-se escuras

§ 245. **O quiasmo.** — ***Generalidades.*** O quiasmo (é esta a forma correta da palavra, não: quiasma) é a colocação

"cruzada"(1) de palavras em antíteses pouco extensas: no segundo membro da oposição, os elementos antitéticos são colocados em ordem inversa à do primeiro membro. Exemplos:

Fragile corpus animus sempiternus movet	O corpo frágil é movido pelo espírito eterno
Ratio consentit, repugnat oratio	A razão concorda, (mas) resiste a palavra

II. ***Quiasmo e paralelismo.*** Quando os elementos antitéticos do segundo membro são colocados na mesma ordem do primeiro, fala-se em paralelismo. Exemplos:

§ 246. **A reticência.** — A reticência ou a aposiopese é a interrupção brusca, mas intencional, no meio de uma frase, p. e.:

Si perfeceritis quod agitis, me ad vos venire oportet; sin autem...; sed nihil opus est reliqua scibere	Se conseguirdes o que pretendeis, devo ir ter convosco; se não, ...; mas não preciso escrever o resto

Cf. a célebre aposiopese de Vergílio:

Quos ego......!	Eu os ......! ((castigarei)

§ 247. **O zeugma.** — O zeugma é uma espécie de braquilogia (cf. § 231), mas sua peculiaridade consiste no fato de uma só palavra referir-se a duas outras, com dois sentidos diferentes. Exemplos:

Panem edo et vinum	Como pão e (bebo) vinho
Pacem vel bellum gerens (em latim não se pode dizer: *pacem gerere*)	Fazendo paz ou guerra
Germanicus, quod arduum, sibi; cetera legatis permisit	Germânico (reservou) para si próprio o que era difícil; o resto confiou aos comandantes subalternos

(1) A letra grega *qui* ou *chi* (X) tinha a forma da "cruz" de Santo André.

CAPÍTULO XII

A ORAÇÃO INDIRETA

§248. **Generalidades.** — I. ***A natureza da oração indireta.*** Já encontramos (no §225, III, 1) a "oração indireta". Neste capítulo pretendemos alguns pormenores a respeito desta construção importante.

Na frase:

Amicus meus dixit: "Cras Romam redibo"	Meu amigo disse: "Amanhã voltarei a Roma"

as palavras: "*Cras Romam redibo*" reproduzem, — ou, pelo menos, têm a pretensão de reproduzir, — textualmente uma comunicação tal qual foi feita por meu amigo. Esta reprodução textual, em livros modernos geralmente indicada por dois pontos e aspas, é denominada a "oração direta" (em latim: *oratio directa*, ou *oratio recta*).

Na frase:

Amicus meus dixit cras se Romam rediturum (esse)	Meu amigo disse que amanhã voltaria a Roma

as palavras: *cras se Romam rediturum* (*esse*) trazem o mesmo conteúdo que: *Cras Romam redibo*, mas sob forma diferente: a comunicação feita por meu amigo não é citada textualmente, mas tornou-se dependente do verbo *dixit*, dependência essa pela qual se explicam certas modificações (p. e. o emprêgo de *se;* a substituição do verbo finito *redibo* pelo Inf. *rediturum esse*). A reprodução das palavras (ou dos pensamentos) de uma pessoa em dependência de um verbum sentiendi vel declarandi é denominada a "oração indireta" (em latim: *oratio indirecta*, ou *oratio obliqua*).

II. ***A oração indireta prolongada.*** No exemplo dado acima, a oração indireta era bastante curta, limitando-se a um

simples A. c. I. Mas acontece também que do A. c. I. dependem cláusulas (no § 225, III, 1 já estudamos a construção de cláusulas relativas na oração indireta), e que a oração indireta se prolonga através de vários períodos sucessivos. Nas obras dos historiadores latinos (César, Tito Lívio, Tácito) não são raras páginas inteiras escritas em "estilo indireto". A origem desta praxe remonta à antiga linguagem administrativa e jurídica dos romanos, mas a oração indireta, uma vez adotada e aperfeiçoada pelos grandes prosadores, transformou-se num recurso estilístico de suma importância que não pouco contribuía para dar à língua de Lácio essa nota de monumentalidade e concisão que lhe é peculiar.

A oração indireta torna necessárias certas modificações em relação à oração direta. Mencionamos aqui: o emprêgo dos pronomes, o dos modos e o dos tempos. Serão êstes os assuntos estudados no presente capítulo.

§ 249. **O emprêgo dos pronomes.** — Quando o verbo de que depende a oração indireta, estiver na 3.ª pessoa, transforma-se a 1.ª pessoa da oração direta no pronome reflexivo (*se*, *suus*, etc.), na oração indireta. Havendo perigo de ambigüidade, o pronome reflexivo pode ser substituído por *ipse* e *ipsius* (cf. § 221, III, 3); usa-se *ille*, na oração indireta, para referrir-se à 2.ª pessoa da oração direta; a 3.ª pessoa da oração direta é, na oração indireta, geralmente indicada por *is*. Exemplo:

Ariovistus Caesari respondet: "Nisi decedes ex his regionibus, te pro hoste habebo, Fere omnes civitates mihi amicissimae sunt; earum fretus ope contra te pro salute totius Galliae pugnabo"	Ariovisto responde a César: "Se não saires destas regiões, eu te considerarei como inimigo. Quase tôdas as tribos me são muitíssimo amigas; confiante na sua ajuda, lutarei contra ti pela salvação da Gália inteira"

Na oração indireta, esta frase vem a ser:

Ariovistus Caesari respondet: nisi decedat ex his regionibus, sese illum pro hoste habiturum; fere omnes civitates ipsi amicissimas esse; earum fretum ope se contra illum pro salute totius Galliae pugnaturum	*sese* ou *se*, cf. § 11 *illum* (= *te* da oração direta) *ipsi*, reflexivo indireto, cf. § 221, II *se*, cf. § 11 *earum* (= *earum* da oração direta) *illum* (= *te* da oração direta)

Notas.

1) Em lugar de *ille* usa-se, às vêzes, também *is* para fazer referência à 2.ª pessoa da oração direta.

2) Quanto a outro emprêgo de *ipse*, cf. § 251, II.

§ 250. **A conversão da oração direta para a indireta.** — I. ***O discuso de um régulo gaulês.*** Tomemos por ponto de partida algumas frases tiradas de um discurso que um régulo gaulês poderia ter proferido, ao se aproximarem as legiões de César. O nosso régulo poderia dizer entre muitas outras coisas o seguinte:

1) "Convoquei-vos para deliberar juntamente convosco sôbre um assunto de suma importância".

2) "Já naquele dia em que fui escolhido vosso chefe, bem sabia que os romanos com exército ameaçador estavam prestes a atacar-nos, já que não cessavam de importunar os nossos vizinhos".

3) "Há pouco êles atravessaram o Loire e, depois de incidiar inúmeras fortalezas dos gauleses, marcham agora rumo ao Reno; dentro em breve, ocuparão a Gália inteira".

4) "Se a situação não fôsse muito perigosa, eu não vos teria afastado dos vossos afazeres e dos vossos lares".

5) "O que julgais dever fazer? Cada um de vós profira francamente a sua opinião!"

6) "Eu por mim julgo que, por enquanto, devemos abster-nos de combates; logo que conseguir reunir grandes tropas, persegui-los-ei sem cessar, enquanto me fôr dada a vida".

7) "Não enviemos embaixadores a César!"

8) "Alguém poderia dizer que César é benévolo, mas eu não penso assim".

9) "O que é mais indecoroso do que render-se com todos os seus haveres ao poder do vencedor?"

10) Servi-vos de mim ou como general, ou então, como simples soldado!"

11) "Peçamos socorro aos séquanos que sempre foram os nossos aliados mais leais".

12) "Confiante na sua ajuda, espero poder libertar a pátria dos inimigos".

II. *A tradução nas duas construções.*

ORAÇÃO DIRETA	ORAÇÃO INDIRETA
Dux barbarorum dicit:	*Dux barbarorum dicit:*
1) *"Ego vos advocavi, ut unā vobiscum de summis rebus deliberarem".*	1) *se illos advocasse, ut unā cum illis de summis rebus deliberaret;*
2) *"Jam eo die, cum dux vester creatus sum, non ignorabam Romanos nobis infesto exercitu imminere, propterea quod finitimos vexare non desinebant".*	2) *jam eo die, cum dux illorum creatus sit, se non ignorasse Romanos ipsis infesto exercitu imminere, propterea quod finitimos vexare non desinerent;*
3) *"Paulo ante (Romani) Ligerem transierunt atque, incensis permultis oppidis Gallorum, nunc ad Rhenum ire contendunt; brevi Galliam omnem occupabunt"*	3) *paulo ante eos transisse Ligerem atque, incensis permultis oppidis Gallorum, nunc ad Rhenum ire contendere; brevi (eos) Galliam omnem occupaturos;*
4) *"Nisi res magni periculi esset, vos non avocavissem ab operibus domibusque vestris".*	4) *nisi res magni periculi esset, illos se non avocaturum fuisse ab operibus domibusque (illorum);*
5) *"Quid vobis censetis esse faciendum? Unusquisque vestrum plane dicat quod sentit/quid sentiat!"* (cf. § 64, II, 2)	5) *quid sibi censeant esse faciendum? unusquisque illorum plane dicat quod sentiat/quid sentiat;*
6) *"Ego quidem censeo nobis ab armis ad tempus abstinendum; simul ac magnas copias cogere potuero, finem insequendi non faciam, quoad vita mihi suppeditabit."*	6) *se quidem censere (ipsis) ab armis ad tempus abstinendum; simul ac magnas copias cogere potuerit* (Subj. Pf.) *finem se insequendi non facturum, quoad vita sibi suppeditet*
7) *"Ne mittamus legatos ad Caesareem!"*	7) *ne mittant legatos ad Caesarem;*
8) *"Dixerit quispiam Caesarem mitis ingeniis esse, ego autem non consentio"*	8) *dicere posse quempiam Caesarem mitis ingenii esse, se autem non consentire;*
9) *"Quid est turpius quam se suaque omnia potestati victoris permittere?*	9) *quid esse turpius quam se suaque omnia potestati victoris permittere?*
10) *"Aut duce aut milite me utimini!"*	10) *aut duce aut milite se utantur;*
11) *"Auxilium petamus a Sequanis, qui semper socii nobis fidissimi fuerunt".*	11) *auxilium petant a Sequanis, qui semper ipsis socii fidissimi fuerint;*
12) *"Quorum ope fretus spero me patriam liberare posse".*	12) *quorum ope fretum se sperare (se) patriam liberare posse.*

Nos parágrafos seguintes estudaremos detalhadamente as modificações havidas na passagem da oração direta para a indireta, no que diz respeito ao emprêgo dos pronomes, dos modos e dos tempos.

§251. **Os pronomes.** — Analisando o emprêgo dos pronomes nos dois textos paralelos, podemos fazer os seguintes reparos:

I. ***O pronome reflexivo.*** Referências diretas ao sujeito da proposição principal são feitas mediante as palavras *se*, *suus*, etc. (cf. §11), p. e.:

ego advocavi > *se advocasse*(1)

me (abl.) *utimini* > *se* (abl.) *utantur*(10)

non ignorabam > *se non ignorasse*(2)

ego quidem > *se quidem*(6)

mihi suppeditabit > *sibi suppeditet*(6)

Nota. Na frase 12, a construção lógica exigiria: *se sperare se patriam liberare posse*, mas o latim, evitando o acúmulo de pronomes que pouco ou nada contribuam para a clareza da frase, prefere usar *se* só uma vez.

II. ***O pronome "ipse".*** Referências ao grupo a que o sujeito da proposição principal pertence (expressas, na oração direta, por *nos*, *nobis*, etc.), fazem-se, na oração indireta, pelas formas correspondentes de *ipse* (cf. §221, III, 3), p. e.:

nobis imminere > *ipsis imminere*(2)

Notas.

1) O emprêgo de *sibi* (na frase 2; cf. 11) seria ambíguo, visto que a referência se aplicaria apenas ao régulo que está falando, não ao grupo a que êle pertence.

2) Na frase 10, poderíamos usar também: *aut duce aut milite ipso utantur*, cf. §221, III, 3; cf. também §249.

III. ***Particularidades.*** O pron. reflexivo pode referir-se também ao sujeito da cláusula regente: é êste o caso de: *quid sibi censeant faciendum*(5), em que *sibi* se refere ao sujeito de *censeant*, não ao sujeito da proposição principal *dicit* (cf. §221, III, 1). O caso de: *se quidem censere* (*ipsis*) *ab armis absti-*

nendum(6) é um tanto diferente, porque aqui *sibi* se referiria exclusivamente ao sujeito da cláusula regente (*se*), ao passo que o régulo quer referir-se explìcitamente à coletividade a que pertence. Mas *ipsis* poderia faltar sem prejuízo para a clareza da frase.

Também *se suaque*(9), usado aqui em referência ao sujeito indeterminado da frase ("O que é mais indecoroso do que *uma pessoa* se render ao vencedor?"), não se refere ao sujeito da proposição regente.

IV. ***O pronome "ille"***. Algumas vêzes o régulo se dirige aos seus conselheiros, destacando-os como um grupo em certo contraste com a sua própria personalidade; tais referências são, na oração indireta, feitas pelo pronome *ille* (cf. §249); poder-se-ia usar também *is*, mas êste pron. é geralmente reservado para indicar a 3.ª pessoa. Exemplos:

vos advocavi > *illos advocasse*(1) — *unā vobiscum* > *cum illis*(1)
dux vester > *dux illorum*(2) — *vestrum* > *illorum*(5)

Nota. Na frase 4, *illorum* poderia faltar sem prejuizo para a clareza.

V. ***O emprêgo de "is"***. Referindo-se a terceiros, usa-se, na oração indireta, *is;* tratando-se de inimigos, poder-se-ia usar também *iste* (cf. §223, II), p. e.:

(*Romani*) > *eos*(3)

§252. **Os Modos.** — Os modos na oração indireta são o infinito (I) e o subjuntivo (II), conforme o esquema seguinte:

I. ***Passam a ser proposições infinitivas:***

1) Tôdas as frases independentes enunciativas (cf. §53, III, I), p. e.:

ego advocavi > *se advocasse*(1) — *non ignorabam* > *se non ignorasse*(2)
transierunt > *eos transiisse*(3) — *occupabunt* > *occupaturos*(3), etc.

Notas.

1) O potencial da oração direta passa a ser construída com o verbo *posse* na oração indireta, p. e. *dixerit quispiam* > *dicere posse quempiam*(8). — Cf. também §257, VI, 3.

2) A apódose do Irreal vai, na oração indireta, também para o A. c. I., mas sempre provido do Inf. *fuisse*, p. e.: *vos non avocavissem* > *illos se non avocaturum fuisse*. — Cf. também §257, VI, 2.

2) Tôdas as perguntas retóricas (cf. § 61, V), p. e.:

Quid est turpius...? = *Nihil est turpius.....* > *Nihil esse turpius*(9)

3) Tôdas as frases ligadas a períodos anteriores mediante a conexão relativa (cf. § 167), p. e.:

Quorum ope fretus spero > *Quorum ope fretum se sperare*(12)

II. ***Passam a ser construídas com o Subjuntivo:***

1) Tôdas as frases independentes desiderativas (cf. § 53, III, 2) p. e.:

utimini (Imp.) > *utantur*(10)
ne mittamus (exortativo negativo) > *ne mittant*(7)
petamus (exortativo) > *petant*(11)

Nota. Se na nossa passagem ocorresse um Opt. pròpriamente dito, obedeceria às mesmas regras, p. e.: *Utinam Romani ne venissent!* > *Utinam ii/isti ne venissent!*

2) Tôdas as perguntas reais (cf. § 61, V), p. e.:

Quid censetis > *quid censeant?*(5)

3) Tôdas as cláusulas (cf. § 144, III), p. e:

tu deliberarem (final) > *ut deliberarem*(1)
cum creatus sum (temporal) > *cum creatus sit*(2)
propterea quod non desinebant (causal) > *propterea quod non desinerent*(2)
nisi esset (condicional) > *nisi esset*(4)
quod sentiat (relativa) > *quod sentiat*(5)
simul ac potuero (temporal) > *simul ac potuerit*(6)
quoad suppeditabit (temporal) > *quoad suppeditet*(6)
qui fuerunt (relativa) > *qui fuerint*(11)
quid sentiat (pergunta indireta) > *quid sentiat*(5)
Cf. também § 257, III.

§ 253. **Os tempos.** — I. ***Tempo relativo da proposição infinitiva.*** O emprêgo dos tempos nas orações infinitivas obedece às regras já estudadas enteriormente (cf. § 12, II), p. e.:

advocavi > *se advocasse* (anterioridade)
censeo > *se censere* (simultaneidade)
occupabunt > *occupaturos* (posterioridade)

II. ***Os tempos nas cláusulas.*** Quando o verbo da proposição regente é um tempo primário, como é o caso na nossa

passagem, os tempos dos subjuntivos empregados na oração indireta correspondem geralmente aos que foram usados na oração direta. Mas há várias regras especiais que cumpre estudarmos agora.

§ 254. **A consecutio temporum na oração direta.** — Já encontramos neste livro dois esquemas concernentes à consecutio temporum: no § 44, I, 2 vimos o emprêgo do Ind. como tempo relativo em orações subordinadas; no § 64, III, o emprêgo do Subj. como tempo relativo em orações subordinadas. Nenhum dos dois tem valor universal: há várias cláusulas tanto indicativas quanto subjuntivas que seguem regras especiais. Neste parágrafo pretendemos dar uma sinopse da consecutio temporum nos diversos tipos de cláusulas da oração direta, podendo referir-nos, no mais das vêzes, a regras já formuladas em capítulos anteriores.

I. ***Cláusulas indicativas.*** 1) O esquema dadono § 44, I, 2, aplica-se mòrmente aos seguintes tipos de cláusulas indicativas:

a) CLÁUSULAS CAUSAIS, introduzidas por *quod/quia*, e *quoniam/quandoquidem* (cf. § 150, I).

Nota. Estas cláusulas, quando construídas com o Subj. (cf. § 150, II) conservam geralmente os mesmos tempos.

b) CLÁUSULAS TEMPORAIS, contanto que indiquem ação repetida, ou estejam subordinadas a uma ação futura expressa pelo verbo regente. Pode ser êste o caso das seguintes conjunções:

cum temporal, cf. § 152, I, 1;
cum iterativo, cf. § 152, I, 3;
antequam/priusquam, cf. § 155, I;
ubi, ut, simul ac, cf. § 154, II.

c) CLÁUSULAS CONDICIONAIS, contanto que sejam construídas com o Real, cf. § 158, I.

d) CLÁUSULAS CONCESSIVAS, introduzidas por *etsi/tametsi* (cf. § 161), e *quamquam* (cf. § 162, I, 1).

e) CLÁUSULAS RELATIVAS, contanto que sejam ***adjetivas*** (cf. § 166). Há, porém, também outros tipos de cláusulas relativas adjetivas, como havemos de ver mais adiante.

h) CLÁUSULAS COMPARATIVAS SIMPLES, cf. § 164.

2) São construídos como o tempo absoluto, isto é, com o tempo que seria usado numa proposição independente, os seguintes tipos de cláusulas:

a) Cláusulas temporais, que não indiquem nem ação repetida nem estejam subordinadas a uma ação futura expressa pelo verbo regente. Pode ser êste o caso das seguintes conjunções:

cum temporal, cf. § 152, I, 1;
postquam, cf. § 153, I;
ubi, ut, simul ac, e *cum primum* cf. § 154, I;
antequam/priusquam, cf. § 155, I;
cum inverso, cf. § 151, I, 2.

Nota. *Dum*, quando indica simultaneidade não completa, é sempre construída com o Ind. Pres. (cf. § 156, I, 1, b); quanto a *dum, quoad* e *donec*, indicando simultaneidade perfeita, cf. *infra*, 3.

b) Certas cláusulas relativas, contanto que contenham uma averiguação feita do ponto de vista do relator da frase, não do ponto de vista do sujeito da oração regente. Os seguintes exemplos podem talvez esclarecer essa diferença sutil que, aliás, existe também em português:

Amicus meus omnium scriptorum, qui de immortalitate animae scripserunt, libros habebat	Meu amigo tinha os livros de todos os autores, que escreveram sôbre a imortalidade da alma

Evidentemente meu amigo não podia possuir êsses livros, a não ser que já estivessem redigidos, por outras palavras: a ação de "escrever" é anterior à de "ter, possuir", e o tempo normal para indicar a anterioridade a uma ação realizada no passado, seria o Msqupf. *scripserant*. Entretanto, usa-se o Pf. *scripserunt*. Por que? Porque a ação verbal expressa pela cláusula não é concebida do ponto de vista do meu amigo que possuía êstes livros, e sim, do ponto de vista de quem está relatando o fato no momento atual. Mas a mesma frase, modificada só ligeiramente, deveria exprimir a anterioridade, como se pode ver por êste exemplo:

Amicus meus omnium scriptorum, qui de immortalitate animae scripserant, libros indagabat	Meu amigo procurava (por tôda a parte) os livros de todos os autores que escreveram sôbre a imortalidade da alma

Neste exemplo, o relator da frase não pode fazer abstração do fato de já estarem redigidos os livros, quando meu amigo os procurava.

Nota. O tempo absoluto, quando empregado numa cláusula relativa, é quase sempre o Pres. ou o Pf. — Cf. também § 225, III, 1–2.

3) Além dos dois tipos de cláusulas indicativas já mencionadas, existe ainda o grupo de "cláusulas coincidentes", isto é, cláusulas, cuja ação verbal coincide completamente no tempo com a da oração principal. As mais importantes são:

a) Cláusulas temporais introduzidas por "dum" (cf. § 156, I, 1a);

b) Cláusulas temporais introduzidas por "cum" idêntico (cf. § 152, I, 4);

c) Cláusulas explicativas introduzidas por "quod" (cf. § 210, II, 1);

d) Certas cláusulas relativas, do tipo:

Qui fugit, patriam prodit	Quem foge (= O desertor) trai a pátria

Nestas cláusulas, o tempo é sempre idêntico ao da oração principal.

II. ***Cláusulas subjuntivas.*** 1) O esquema dado no § 64, III, aplica-se principalmente aos seguintes tipos de verbos:

a) Perguntas indiretas, cf. § 64;

b) Cláusulas comparativas condicionais, introduzidas por *tamquam, quasi,* etc. (cf. § 165, II).

2) Mas a consecutio temporum em quase tôdas as demais cláusulas subjuntivas está sujeita a certas modificações. Mencionamos aqui:

a) Cláusulas finais: são sempre construídas com o Subj. Pres. (depois de um tempo primário na oração principal) ou com o Subj. Impf. (depois de um tempo secundário na oração principal), cf. § 144, I. O emprêgo das formas perifrásticas (*–urus sim/essem*) seria mais lógico, do ponto de vista do esquema relativo às perguntas indiretas, porque a finalidade sempre é uma ação (ou situação) posterior, e não simultânea; mas o latim faz uso muito moderado das formas peri-

frásticas em geral (cf. §44, II, Nota 5; §64, III, 3), evitando-as em cláusulas finais. Aliás, o Subj. Pres. tem íntima afinidade morfológica com o Ind. Fut. Simples, e o Subj. Impf. é a transposição do mesmo para o pretérito.

Notas.

1) Os verba timendi admitem também o Subj. Pf. e Msqupf., cf. §146, II, 2d.

2) As cláusulas introduzidas por *antequam/priusquam* (cf. §157, II) e *dum/dummodo* (cf. §160, III, 8) podem ter valor final, caso em que o tempo é o das cláusulas finais.

b) Cláusulas consecutivas; não constituem uma unidade tão intima com a oração principal como cláusulas finais, admitindo, portanto, o tempo absoluto: neste caso, averigua-se o resultado da ação expressa pela oração principal do ponto de vista do momento atual (cf. os exemplos dados no §147, I–II). Mas acontece também que o resultado é considerado em íntima conexão com a ação verbal expressa pela principal; neste caso, temos a consecutio temporum. Cf. os dois seguintes exemplos:

Tam graviter vulneratus est, ut se sustinere non posset (tempo relativo) *Tam graviter vulneratus est, ut se sustinere non potuerit* (tempo absoluto	Êle foi tão gravemente ferido que não pôde (podia) suster-se

Nota. O tempo relativo é normal em cláusulas consecutivas completivas, cf. §148, I, nota.

c) Cláusulas condicionais; quanto ao emprêgo dos tempos no Irreal e no Potencial, cf. §158, II–III.

d) Cláusulas concessivas; introduzidas por *etiamsi*, seguem a construção do Irreal ou do Potencial (cf. §161, I); quando introduzidas por *quamvis*, obedecem geralmente à consecutio temporum.

e) Cláusulas comparativas-condicionais; podem seguir a construção do Irreal (cf. §165, I); admitem também a construção segundo as normas da consecutio temporum (cf. §165, II).

f) Cláusulas causais, introduzidas por *cum;* geralmente têm o tempo absoluto, como mostra êste exemplo:

Cum mentitus sit (não: *esset*), *punitus est*	Foi castigado por ter mentido

g) CLÁUSULAS TEMPORAIS, introduzidas por *cum* histórico, são em latim clássico, sempre construídas com o Impf. para exprimir simultaneidade, e com o Msqupf. para exprimir a anterioridade; a oração principal tem sempre um pretérito, ou então, um Presente histórico (cf. § 152, II).

h) CLÁUSULAS RELATIVAS ADVERBIAIS (cf. § 168); seguem as regras das cláusulas conjuncionais correspondentes.

§ 255. **A consecutio temporum na oração indireta.** — I. ***O esquema dos tempos relativos.*** Para adquirirmos uma noção concreta das diversas modificações que os tempos sofrem na oração indireta, poderíamos partir do esquema já dado no § 44, I, 2, o qual exemplifica as regras relativas à consecutio temporum em grande número de cláusulas indicativas na oração direta. Reproduzímo-la nesta página:

1) *Domi maneo quod aeger sum* (simult.)	Fico em casa, porque estou doente
2) *Domi maneo quod pater meus e provinciā rediit* (ant.)	Fico em casa, porque meu pai voltou da província
3) *Domi maneo quod pater meus e provinciā redibit* (post.)	Fico em casa, porque meu pai voltará/há de voltar da província
4) *Pecuniam tibi solvam, cum Romae ero* (simult.)	Pagar-te-ei o dinheiro, quando estiver em Roma
5) *Pecuniam tibi solvam, cum Romam rediero* (ant.)	Pagar-te-ei o dinheiro, quando voltar a Roma (lit.: tiver voltado a Roma)
6) *Domi mansi quod aeger eram* (simult)	Fiquei em casa, porque estava doente
7) *Domi mansi quod pater meus e provinciā redierat* (an.t)	Fiquei em casa, porque meu pai voltou (lit.: voltara) da província
8) *Domi mansi quod pater meus e provinciā rediturus erat* (post.)	Fiquei em casa, porque meu pai voltaria/havia de voltar da província

II. ***Na oração indireta.*** O esquema dado no § 64, III, relativo à consecutio temporum em perguntas indiretas é, até certo ponto, modelar para a consecutio temporum na oração indireta. Isso não é de estranhar, porque uma pergunta indireta é uma forma muito elementar da oração indireta (cf. § 252, II, 2), vindo a ser construída com o Subj., que é o modo normal das cláusulas na oração indireta. Há, porém, algumas peculiaridades que serão expostas mais adiante.

Daremos aqui dois esquemas: um relativo ao emprêgo dos tempos numa oração indireta dependente de um tempo

primário, o outro relativo ao emprêgo dos tempos numa oração indireta dependente de um tempo secundário (cf. § 43, II). Quanto aos tempos primários, cumpre fazermos observar que pràticamente só se usa o Pres. (tipo: *dico*) na proposição principal, ou então, um Pf. Presente (tipo: *novi*), sendo extremamente raro o emprêgo do Fut. Simples e do Fut. Pf.

TEMPO PRIMÁRIO:	TEMPO SECUNDÁRIO:
Dico	*Dixi/Dicebam/Dixeram*
1) *me domi manere quod aeger sim;*	1) *me domi manere quod aeger sim/essem*
2) *me domi manere quod pater meus e provinciā redierit;*	2) *me domi manere quod pater meus e provinciā redierit/rediisset;*
3) *me domi manere quod pater meus e provinciā rediturus sit;*	3) *me domi manere quod pater meus e provinciā rediturus sit/esset;*
4) *me tibi pecuniam soluturum, cum Romae sim;*	4) *me tibi pecuniam soluturum, cum Romae sim/essem;*
5) *me tibi pecuniam soluturum, cum Romam rdierim;*	5) *me tibi pecuniam soluturum, cum Romam redierim/rediissem;*
6) *me domi mansisse quod aeger essem;*	6) *me domi mansisse quod aeger essem;*
7) *me domi mansisse quod pater meus e provinciā rediisset;*	7) *me domi mansisse quod pater meus e provinciā rediisset;*
8) *me domi mansisse quod pater meus e provinciā rediturus esset*	8) *me domi mansisse quod pater meus e provinciā rediturus esset*

III. ***Observações.***

1) TEMPO PRIMÁRIO. *a*) Nas frases 1–3, o Ind. da oração direta é simplesmente substituído pelo Subj., conservando-se os mesmos tempos.

sum > *sim* (simultaneidade) *redibit* > *rediturus sit* (posteridade)
rediit > *redierit* (anterioridade)

Nota. A forma *rediturus sit* é relativamente pouco usada na oração indireta; quando a clareza da frase o permitir, vem sendo substituída por *redeat*, acompanhado de *mox*, *brevi*, etc. (cf. § 44, II, nota 5; § 64, III, 3)

b) Nas frases 4–5, a simultaneidade é expressa pelo Subj. do Pres.; a anterioridade pelo Subj. do Pf.:

ero > *sim* (simultaneidade) *rediero* > *redierim* (anterioridade)

c) Nas frases 6–8, as cláusulas causais, introduzidas por *quod*, dependem diretamente, não de *dico*, mas sim, de *man-*

sisse, Inf. êsse que, na oração indireta, substitui o tempo secundário *mansi* da oração direta. Nas três cláusulas o Ind. é simplesmente substituído pelo Subj., conservando-se os mesmos tempos:

eram > *essem* (simultaneidade) *redierat* > *rediisset* (anterioridade)
rediturus eram > *rediturus esset* (posterioridade)

Nota. A forma *rediturus esset* é pouco usada, sendo geralmente substituída por *rediret* (mais *mox, brevi*, etc.).

2) Tempo secundário. *a*) Nas frases 1–5, os tempos usados na cláusula podem ser os mesmos que os empregados numa cláusula depndente de um tempo primário. Neste caso, o tempo da cláusula não depende diretamente de *dixi/dicebam/dixeram* (tempos secundários), mas dos Inf. *manere* e *soluturum* (*esse*), formas essas que, na oração indireta, substituem os tempos primários *maneo* e *solvam*, usados na oração direta. Mas o latim pode considerar estas cláusulas também como diretamente dependentes de *dixi/dicebam/dixeram*, caso em que os tempos são transportados para o pretérito:

sim > *essem* (simultaneidade) *sim* > *essem* (simultaneidade)
redierit > *rediisset* (ant.) *redierim* > *rediissem* (ant.)
rediturus sit > *rediturus esset* (post.)

b) Nas frases 6–8, temos que usar os tempos passados do Subj., porque a cláusula depende sempre de um tempo secundário (ou de *dixi*, ou então, de *mansisse*), de modo que aqui não pode haver variação.

§ 256. **Mais uma vez o discurso do régulo.** — I. **Tempo primário e tempo secundário.** As palavras ditas pelo régulo gaulês e relatadas na oração indireta, dependiam no § 250, II, de *dicit*, tempo primário. Agora precisamos ver as modificações no emprêgo dos tempos, quando êsse discurso fôr transportado para o pretérito.

TEMPO PRIMÁRIO.	TEMPO SECUNDÁRIO
Dux barbarorum dicit	*Dux barbarorum dixit*
1) *se illos advocasse ut unā cum illis de summis rebus deliberaret;*	1) não há modificação;
2) *jam eo die, cum dux illorum creatus sit, se non ignorasse Romanos ipsis infesto exercitu imminere, propterea quod finitimos vexare non desinerent;*	2) *jam eo die, cum dux illorum creatus sit/(esset), se non ignorasse Romanos ipsis infesto exercitu imminere, propterea quod finitimos vexare non desinerent;*

3) *paulo ante eos transiisse Ligerem atque, incensis permultis oppidis Gallorum, nunc ad Rhenum ire contendere; brevi (eos) Galliam omnem occupaturos;*	3) não há modificação;
4) *nisi res magni periculi esset, illos se non avocaturum fuisse ab operibus domibusque illorum;*	4) não há modificação;
5) *quid sibi censeant esse faciendum? unusquisque illorum plane dicat quod sentiat/quid sentiat;*	5) *quid sibi censerent esse faciendum? unusquisque illorum plane diceret quod sentiret/quid sentiret;*
6) *se quidem censere ipsis ab armis ad tempus abstinendum; simul ac magnas copias cogere potuerit, finem se insequendi non facturum, quoad sibi vita suppeditet;*	6) *se quidem censere ipsis ab armis ad tempus abstinendum; simul ac magnas copias cogere potuerit/potuisset, finem se insequendi non facturum, quoad sibi vita suppeditet;*
7) *ne mittant legatos ad Caesarem;*	7) *ne mitterent legatos ad Caesarem;*
8) *dicere posse quempiam Caesarem mitis ingenii esse, se autem non consentire;*	8) não há modificação;
9) *quid esse turpius quam se suaque omnia potestati victoris permittere?*	9) não há modificação;
10) *aut duce aut milite se utantur;*	10) *aut duce aut milite se uterentur;*
11) *auxilium petant a Sequanis, qui semper ipsis socii fidissimi fuerint;*	11) *auxilium peterent a Sequanis, qui semper ipsis socii fidissimi fuerint/fuissent;*
12) *quorum ope fretum se sperare (se) patriam liberare posse*	12) não há modificação

II. ***Observações.***

1) Proposições infinitivas não sofrem nenhuma modificação (cf. as frases 3; 8; 9; 12).

2) O Irreal não sofre nenhuma modificação (cf. frase 4).

3) Proposições independentes na oração direta, construídas com o Imp., ou o Subj. optativo ou voluntativo, quando dependem de um tempo secundário, obedecem às regras da consecutio temporum e vão para o pretérito; igualmente, as perguntas reais:

quid sibi censeant? > *quid sibi censerent?*(5)
dicat > *diceret*(5)
ne mittant > *ne mitterent*(7)
utantur > *uterentur*(10)
auxilium petant > *auxilium peterent*(11).

4) Quanto às cláusulas, podemos fazer os seguintes reparos:

a) Na primeira frase, *ut deliberaret* depende nem de *dicit* nem de *dixit*, mas de *advocasse* (= *advocavi*, na oração direta); por isso se usa o Subj. do Impf. nas duas dependências (cf. § 255, III, 2).

b) Na segunda frase, conserva-se, na oração indireta, o tempo absoluto empregado na oração direta (*cum* é temporal, cf. § 257, V), de modo que: *creatus um* (oração direta) > *creatus sit* (oração indireta).

Nota. Também depois de um tempo secundário, conserva-se geralmente o Pf., sendo raro o emprêgo de: *creatus esset* (cf. § 257, V), forma essa que fica reservada para *cum* histórico (como também *crearetur*). — A regra que formulamos aqui em relação a *cum* temporal, aplica-se a todos os casos mencionados no § 254, I, 2.

c) Na segunda frase, usa-se *quod non desinerent* nas duas dependências, cf. § 254, III, 1c; § 254, III, 2b.

d) Na quinta frase, poderíamos usar, depois de um tempo secundário, também: *quod/quid sentiat* (cf. § 254, III, 2a), mas devido à proximidade do Subj. Impf. *diceret* (obrigatório, porque substitui uma frase independente da oração direta), o latim evitará a discrepância de tempos, preferindo: *quod/quid sentiret.*

e) Na sexta frase, *simul ac potuerit* (Subj. Pf.) substitui: *simul ac potuero* (Fut. Pf.) da oração direta (cf. § 254, III, 1b); a forma *quoad suppeditabit* (Fut. Simples) vem a ser substituido pelo Subj. Pres. *quoad suppeditet* (Subj. Pres.). A forma *potuerit*, dependendo de um tempo secundário, pode ser substituída por *potuisset;* mas não se transforma *suppeditet* em *suppeditaret*, visto que a cláusula introduzida por *quoad* é "coincidente" (cf. § 257, IV).

Nota. Mas *potuerit* pode ficar inalterado (cf. § 257, V).

f) Na décima primeira frase, a cláusula relativa faz parte integrante das palavras citadas: por isso vai para o Subj. (cf. § 225, III, 1), respeitando-se as regras da consecutio temporum (cf. § 254, I, 1e), de modo que *fuerunt* > *fuerint.* Esta última forma pode ser substituída por *fuissent*, depois de um tempo secundário.

§ 257. **Particularidades.** — Encerrando a nossa exposição dos problemas relativos à consecutio temporum e à

oração indireta, — os dois assuntos mais complicados e ingratos da gramática latina, — devemos acrescentar-lhe ainda algumas observações complementares, devendo preterir numerosos pormenores que para nós são de somenos importância.

I. ***O presente histórico.*** O Pres. histórico (cf. § 45, II, 1) pode ser considerado como tempo primário (pela forma), ou então, como tempo secundário (pela função). A construção da oração indireta dependente de tal Pres. histórico varia conforme o critério que fôr adotado.

II. ***Variação dos tempos.*** Num discurso indireto de certa extensão e dependente de um tempo secundário, acontece muitas vêzes que, a certa altura, os tempos secundários do Subj. passam a ser substituídos pelos tempos primários do mesmo. Neste caso pode tratar-se de uma espécie de anacoluto (cf. 229), sendo que o autor se esqueceu de como iniciou o discurso indireto. Mas pode ser também que o autor varie conscientemente os tempos, servindo-se da variação como recurso estilístico.

III. ***O Subjuntivo oblíquo.*** O Subj. usado em cláusulas que fazem parte integrante das palavras citadas, é o chamado *subjunctivus obliquus*, ou "subjuntivo de subordinação" (cf. § 143, III). Em latim arcaico, o Subj. de subordinação é muito menos freqüente do que em latim clássico, para não falarmos da época imperial em que o Subj., também fora da oração indireta, invade vários tipos de cláusulas, em detrimento do Ind. (cf. p. e. § 152, I, 3, Nota).

O Ind. encontra-se ainda mais de 40 vêzes no *De Bello Gallico* em cláusulas da oração indireta, mas a partir de Tito Lívio o "subjuntivo oblíquo" se torna cada vez mais a construção normal.

Em prosa clássica, o emprêgo do Ind. pelo Subj. de subordinação é regra normal nos seguintes casos:

1) Em cláusulas que não fazem parte integrante das palavras, mas constituem um acréscimo posterior feito pelo autor; êste caso se dá principalmente com as cláusulas relativas, cf. § 225, III, 1.

2) Em cláusulas (também, geralmente, relativas) que contêm a paráfrase de um único conceito; ao exemplo já dado no § 225, III, 1, Nota, poderíamos acrescentar um exemplo do

tipo de clausulas relativas que substituem um particípio substantivado (cf. § 29, II, 1, Nota).

Dico hunc librum qui leget magnam voluptatem percepturum	Digo que quem lêr êste livro/o leitor dêste livro gozará um imenso prazer

Nota. Também a cláusula relativa *quod sentit*, na frase 5 do discurso do régulo gaulês, poderia passar sem alteração para a oração indireta, porque *quod sentit* = *sententiam suam.*

3) Em cláusulas que possuem caráter de fórmulas fixas, tais como: *ut dixi, ut vidimus, quod cognovimus*, etc., e: *dum haec aguntur* (cf. § 158, I, 1b), p. e.:

Haec dum aguntur, Caesar in Galliam profectus est	Enquanto isto acontecia, César foi à Gália
Amicus meus dicit/dixit Caesarem, dum haec aguntur, in Galliam profectum esse	Meu amigo diz/disse que, enquanto isto acontecia, César foi à Gália

Nota. É de notar que, neste caso, não só se conserva o Ind. da oração indireta, mas também o Pres. histórico.

IV. ***Cláusulas coincidentes.*** Cláusulas coincidentes, ou perfeitamente simultâneas com a ação expressa pelo verbo da oração regente (cf. § 254, I, 3), quando dependem de um tempo secundário, nunca vão para os tempos secundários do Subj., mas sempre estão no Pres. ou no Pf. do Subj. Exemplos paralelos:

Dum vixit, patriam defendit (cf. § 156, I, 1a)	Enquanto viveu, defendeu a pátria
Dixit Cicero se patriam defendisse, dum vixerit (não: *vixisset*)	Cícero disse ter defendido a pátria, enquanto viveu
Amicum offendisti, cum abiisti (cf. § 152, I, 4)	Por saires, ofendeste teu amigo
Putabam te amicum offendisse, cum abieris (não: *abiisses*)	Julgava que, por saires, tivesses ofendido teu amigo
Bene fecisti quod me admonuisti (cf. § 148, II, 1)	Fizeste bem em lembrar-me
Jam dixi bene te fecisse quod me admonueris (não: *admonuisses*)	Já disse que fizeste (lit.: fizeras) bem em lembrar-me

V. ***As conjunções temporais.*** As conjunções temporais: *ubi, ut, simul ac, cum* (*primum*), *postquam*, etc., que na oração direta muitas vêzes têm o tempo absoluto (cf. § 254,

I, 2a), conservam na oração indireta o Pf. para indicar a anterioridade a outra ação que se realizou no passado. Exemplos paralelos:

Dux dixit: "Hostes aggressus sum, postquam flumen transierunt"	O general disse: "Ataquei os inimigos, depois que atravessaram o rio"
Dux dixit se hostes aggressum esse, postquam flumen transierint	O general disse que havia atacado os inimigos, depois que atravessaram o rio
Dixi ei: "Priusquam litteras tuas accepi, valde sollicitus eram" (cf. § 155, I)	Disse-lhe: "Antes de ter lido/Antes de ler a tua carta, estava muito preocupado"
Dixi ei me, priusquam litteras illius acceperim, valde sollicitum fuisse	Disse-lhe que antes de ler a sua carta, estava (lit.: tinha estado) muito preocupado

VI. ***As cláusulas condicionais.*** Aqui se nos apresentam alguns casos especiais que podem ser esclarecidos melhor mediante exemplos paralelos do que por meio de regras abstratas:

1) Real.

a) tempo primário.

oração direta:	oração indireta:
Si hoc dicit, errat	*Puto eum, si hoc dicat, errare*
Si hoc dicet, errabit	*Puto eum, si hoc dicat, erraturum (esse)*
Si hoc dixit, erravit	*Puto eum, si hoc dixerit, erravisse*

b) tempo secundário.

Putabam eum, si hoc dicat/diceret, errare
Putabam eum, si hoc dicat/diceret, erraturum (esse)
Putabam eum, si hoc dixerit/dixisset, erravisse

Notas.

1) Com um tempo secundário, preferem-se as formas *diceret* e *dixisset*, a *dicat* e *dixerit*.

2) Se a construção hipotética depender de um verbum rogandi vel dubitandi (como pergunta indireta), apliquem-se as regras do § 64, III. Portanto:

Rogo quid dicas, si erret
Rogavi quid diceres, si erraret, etc.

2) Irreal.

a) dependente de um verbum sentiendi vel declarandi:

ORAÇÃO DIRETA:	ORAÇÃO INDIRETA:
Si hoc diceret, erraret	*Puto eum, si hoc diceret, erraturum fuisse* *Putabam eum, si hoc diceret, erraturum fuisse*
Si hoc dixisset, erra(vi)sset	*Puto eum, si hoc dixisset, erraturum fuisse* *Putabam eum, si hoc dixisset, erraturum fuisse*

Nota. Na V. P. esta construção é impossível, tornando-se necessária uma circunlocução com *futurum fuisse*, p. e.:

Nisi Caesar hoc faceret/fecisset, exercitus ejus profligaretur/profligatus esset (oração direta)	Se César não fizesse/tivesse feito isto, seu exército seria/teria sido derrotado
Dico/Dixi futurum fuisse ut exercitus ejus profligaretur, nisi Caesar hoc faceret/fecisset (oração indireta)	Digo/Disse que, se César não fizesse/tivesse feito isto, seu exército seria/teria sido derrotado

b) dependente de um verbum rogandi vel dubitandi:

Quid faceres, si consul esses? = "O que farias, se fôsses cônsul?	*Rogo/Rogavi te quid facturus fueris, si consul esses*
Quid fecisses, si consul fuisses? = "O que terias feito, se tivesses sido cônsul?"	*Rogo/Rogavi te quid facturus fueris si consul fuisses*

3) Potencial.

Falamos aqui sòmente do Potencial do Presente, visto que o emprêgo do Potencial do Passado na oração indireta está mal abonado.

A construção do Pot. na oração indireta é igual à do Real, ou então, emprega-se, na apódose, a circunlocução com o verbo *posse* (só nesta forma, cf. § 252, I, 1, Nota 1), p. e.:

Si hoc dicat, erret *Si hoc dixerit, erraverit*	*Dico eum, si hoc dicat, erraturum esse* *Dico eum, si hoc dicat, errare posse*
com tempo secundário:	*Dixi eum, si hoc dicat/diceret, erraturum esse* *Dixi eum, si hoc dicat/diceret, errare posse*

Notas.

1) Também aqui se prefere a forma *diceret* a *dicat*.

2) O Subj. do Pf., usado na oração direta, é quase sempre substituída, na oração indireta, pelo Subj. Pres.

CAPÍTULO XIII

ANOTAÇÕES

O INFINITIVO
(Sinopse histórica)

Os gregos indicavam o Inf. com a palavra *ἡ ἀπαρέμφατος* (sc. ἔγκλισις), têrmo êsse que designava a ação verbal em estado puro e simples, sem o acréscimo de "significados acessórios" (παρεμφάσεις). Os gramáticos latinos forjaram o têrmo *Infinitivus* (sc. *modus*), *ideo dictus..... quod parum definitas habet personas et numeros* (Diomedes).

Dos seis infinitos existentes em latim histórico, dois (*laudare* e *laudavisse*) são antigos locativos (originàriamente em *–i*) de um substantivo verbal cujo tema terminava em *–a: laudare* < *lauda-s-i*, e *laudavis–s–i*. As três formas: *laudatus esse*, *laudaturus esse* e *laudatum iri*, são evidentemente criações posteriores, originadas pelo desejo tìpicamente latino (cf. § 43, IV) de exprimir com exatidão as relações temporais. A origem morfológica de *laudari* é questão discutida: segundo alguns, esta forma derivaria do dat. (primitivamente em *–ei*) do substantivo verbal, e *laudari* remontaria a *lauda–s–ei;* segundo outros, ao que parece, com maior probabilidade, *laudari* seria formação analógica, feita sôbre o modêlo *laudare* e munida do sufixo *–i*, elemento que encontramos também na forma passiva *laudamini* < *lauda–men–i*. A diferença morfológica que existe entre os infinitos do tipo *laudari*, *deleri* e *audiri*, e os do tipo *legi*, ainda não está devidamente esclarecida.

O locativo exprimia não sòmente o lugar ***onde*** se verifica certa ação verbal, mas podia indicar também ***para onde*** se dirige a mesma; esta função "final" do loc. *laudare* deu origem ao chamado Inf. final (cf. ad § 17, III), cujo tipo é: *venisti laudare*. O emprêgo da forma *laudare* foi-se estendendo também a verbos que designavam vontade, esfôrço, intenção, obrigação, iniciativa, etc., p. e. em expressões dêste tipo: *cupio laudare, statuo laudare, debeo laudare, incipio laudare*, etc., mas devido a essas combinações muito freqüentes, *laudare*

foi aos poucos perdendo seu caráter de locativo final para se transformar em simples objeto direto de *cupio*, *statuo*, etc. (Inf. objetivo, cf. § 3). Uma evolução paralela podemos verificar no emprêgo das partículas finais *to* (em inglês) e *zu* (em alemão) e *te* (em holandês). Destarte *laudare* passou a ser um verdadeiro Inf., exprimindo a idéia abstrata da ação verbal; assim se tornou possível também sua aplicação como sujeito da frase, em construções dêste tipo: *Laudare jucundum est* (cf. em inglês: *To be or not to be, that's the question*).

Uma vez atingida essa fase de evolução, não tardou que o Inf. se integrasse no sistema das categorias verbais: *laudare* chegou a reger os mesmos casos que as formas do verbo finito (p. e.: *laudare consulem*); veio a ser qualificado, não por um adj., e sim por um advérbio (p. e.: *bene laudare*); e finalmente, o seu significado, originàriamente muito genérico, foi-se aos poucos especializando no sentido particular de Inf. Pres. da Voz ativa, o que ocasionou a criação dos outros Inf.: *laudavisse*, *laudari*, etc.

O latim faz uso larguíssimo do Inf., sobretudo no chamado "Accusativus cum Infinitivo". Também esta construção deve sua origem a casos em que o Inf. tinha valor nìtidamente final, p. e.: *Cogo hostes abire* = *Cogo hostes ut abeant*. Com o enfraquecimento da função final do Inf., tais frases podiam fàcilmente ser concebidas como tendo dois objetos diretos: *Cogo hostes* ("forço os inimigos") e: *Cogo abire* ("forço a retirada"); poderíamos comparar ainda estas duas expressões: *Doceo te sermonem latinum*, e: *Doceo te latine loqui*. Aí se tornou possível uma construção dêste tipo: *Sentio hostes abire*, em que o verbo regente já não era verbum voluntatis, mas um verbum sentiendi vel declarandi, e em que o Inf. *abire* já não era Inf. final, mas um dos dois objetos diretos regidos por *sentio*: *sentio hostes* ("percebo os inimigos") e: *sentio abire* ("percebo a retirada"). Ora, a frase: *Sentio hostes* || *abire* passou com o tempo a ser analisada de maneira diferente: *Sentio* || *hostes abire*, isto é, o ac. *hostes* começou a ser considerado como formando uma unidade íntima com o Inf. *abire*, chegando a constituir o sujeito dêle. Foi então que nasceu o A. c. I., construção essa que, depois de adquirida sua forma fixa e definitiva, invadiu outros terrenos, em que originàriamente não tinha cabimento, p. e. na expressão: *Dictum est eum abire*. Esta última expressão originou, por sua vez,

dois outros tipos, a saber: *Certum est hostes abire,* e depois: *Apparet hostes abire.* Nos três últimos exemplos, o A. c. I. já não faz as vêzes de uma cláusula substantiva objetiva, mas — ao contrário da sua função original — as de uma cláusula substantiva subjetiva.

Dada a inexistência do artigo definido em latim, a forma *laudare,* ao invés da forma grega (*τὸ*) *ἐπαινεῖν,* não tinha muita possibilidade de se desenvolver no sentido de um verdadeiro substantivo; o latim supriu esta lacuna pela criação do chamado "gerúndio" (cf. § 30, I, 1). Em latim clássico, é extremamente raro o emprêgo do Inf. substantivado; só na época imperial torna-se mais freqüente, sem dúvida sob a influência do grego (cf. ad § 17, III). A substantivação do Inf. latino é, do ponto de vista da gramática histórica, uma evolução retrógrada. Em latim clássico, encontramos só a fase inicial dessa evolução, nos chamados Inf. subjetivo e objetivo (cf. § § 2–3).

*Ad § 4.

A construção analítica em latim vulgar. — Damos aqui alguns exemplos do emprêgo "vulgar" de *quod/quia/quoniam:*

Legati renuntiaverunt, quod Pompeium in potestate haberent (Ps.-César, *Bellum Hisp.* 36, 1)	Os embaixadores responderam que tinham Pompeu no seu poder
Scis quod epulum dedi (Petr., *Sat.* 71, 9)	Sabes que dei um banquete
Scit enim Pater vester quia his omnibus indigetis (*Ev. Mt.* 6, 32 (Vulg.)	Porque vosso Pai sabe que necessitais de tôdas estas coisas
Negat quoniam Jesus non est Christus (*Ep. João* I, 2, 22 (Vulg.)	Nega que Jesus seja o Cristo

O latim "cristão" dá preferência à construção analítica, não só por causa da sua afinidade com o *sermo vulgaris,* mas também sob a influência do grego bíblico.

*Ad § 5, I, Nota.

Na frase: *Dicit consulem Romanum victum,* não temos, a rigor, uma elipse do verbo *esse,* mas, ao contrário, na frase: *Dicit consulem Romanum victum esse,* temos um acréscimo

posterior, feito para maior clareza da expressão. Assim como: *Dico Paulum fortem* significa: "Declaro Paulo valente", assim: *Dico Paulum victum* significa: "Declaro Paulo vencido". Sob a influência do Inf. em expressões do tipo: *Dico Paulum vincere/vicisse*, tornou-se possível o acréscimo do elemento *esse* a frases do tipo: *Dico Paulum fortem/victum.*

*Ad §8, II.

1) *Quod* pode sêr construído com o Subj. oblíquo ou de subordinação (cf. §257, III), p. e.:

Cato mirari se aiebat quod non rideret haruspex, cum haruspicem vidisset	Catão dizia admirar-se de que não risse um harúspice ao ver outro harúspice

Cf. também §210, II, 2, nota 2.

2) O verbo *mirari* pode ser construído também com *si*, p. e.:

Miror si Tarquinius in tantā superbiā quemquam amicum habere potuit	Admiro-me de que Tarquínio, com seu grande orgulho (cf. §137, II, C 2), tenha conseguido, quem quer que fôsse, por amigo

*Ad §9, II.

9) O Inf. combinado com *pati, sinĕre, cogĕre, assuefacĕre, jubēre, vetare,* etc. (os grupos 2 e 3 dos verba voluntatis), é Inf. final (cf. a Sinopse histórica), e o ac. é simplesmente objeto direto do verbum voluntatis, objeto direto que, porém, coincide com o sujeito da ação verbal expressa pelo Inf. Formalmente, não há diferença entre a construção dêste grupo de verbos e o A. c. I. usado com os verba sentiendi et declarandi, etc., apesar de ser diferente a origem dos dois tipos.

*Ad §11, II.

3) Omite-se o acusativo subjetivo quando o pronome já ocorre explícito na mesma frase, p. e.:

Pudet me dicere (me) hoc non intellexisse	Causa-me vergonha dizer que não compreendi isto

Cf. também §253, I, nota

4) Os historiadores (principalmente Tito Lívio) omitem muitas vêzes o ac. subjetivo da proposição infinitiva, quando

êsse fàcilmente pode ser completado pelo contexto. Essa omissão, também muito comum na comédia mas pouco freqüente nas obras de Cícero, não impede que o predicado da proposição infinitiva vá para o ac. Exemplos:

Eo ire (me) dixeram	Dissera ir para lá
Is omnia pollicitus est quae tibi opus essent: (eum) facturum puto	Êle prometeu (fazer) tudo quanto precisasses: acho que o fará
Refracturos (se) carcerem minabantur	Ameaçavam arrombar o cárcere

5) Muito diferente é a construção: *Ait esse paratus* = *Ait se esse paratum* ("Diz estar pronto"): aqui temos uma construção diretamente influenciada pelo grego: λέγει ἕτοιμος εἶναι. Em latim, encontra-se apenas na linguagem poética, desde Catulo. Outro exemplo:

Uxor invicti Jovis esse nescis	Não sabes que és a espôsa do invencível Júpiter

*Ad § 13, II.

4) O tipo *laudaturum fuisse* exprime, dentro de uma proposição infinitiva, a idéia do Irreal (cf. § 159, I); o tipo *laudaturum fore* substitui o Fut. Pf. Exemplos:

Dixit se Romam venturum fuisse, nisi pater vetuisset	Disse que teria vindo a Roma, se seu pai não (lho) tivesse proibido
Dico me satis adeptum fore, si nihil amisero	Digo que terei ganho o bastante, se nada perder (lit.: tiver perdido)

5) Reparem bem na diferença entre estas construções:

Memini Socratem dicere *Memini cum Socrates diceret*	Lembro-me de que Sócrates disse (assim pode falar um aluno de Sócrates)
Memini Socratem dixisse	Lembro-me de que Sócrates disse (assim pode falar quem leu alguma coisa sôbre Sócrates)

Nota. Em latim arcaico não existe esta distinção, mas sempre se diz: *Memini Socratem dicere.* A forma *dicere* exprimia originàriamente a noção verbal em estado puro e simples, sem nenhuma conotação de tempo (cf. *supra,* Sinopse histórica). *Memini,* principalmente nas suas duas formas do Imp.: *memento* e *mementote,* é muitas vêzes combinado com o Inf. objetivo, p. e. na célebre expressão: *Memento mori!*

*Ad §16, I, 3.

Nota. Em latim da época imperial e, sobretudo, em latim tardio, aumenta considerávelmente o número de verba sentiendi et declarandi que admitem o N. c. I. Globalmente pode dizer-se que, em latim pós-clássico, todo e qualquer verbum sentiendi vel declarandi pode ser construído com o N. c. I., nos tempos derivados do Infectum, bem como, nos tempos derivados do Perfectum (com exceção dos verbos depoentes).

*Ad §17.

III. **O Infinito final.** — O Inf. final é a função primordial do Inf. (cf. *supra*, Sinopse histórica). Em prosa clássica, tem aplicação muito limitada, encontrando-se quase exclusivamente em combinação com os verbos *ire, mittĕre, venire, dare, ministrare,* etc. que, em latim clássico, são geralmente construídos com o Supino I, ou com o gerúndio e gerundivo (com *causā* ou *gratiā*, no gen.; com *ad*, no ac.), ou com *ut* final (cf. §35, II, 2). O Inf. final usa-se, quase exclusivamente, só em latim arcaico e em poesia. Exemplos:

Ibat videre feras (poesia)	Ia ver as feras
Non venimus populare penates Libycos (poesia)	Não viemos (aqui) para destruir os lares da Líbia
Ganymedes Jovi bibere dabat/ministrabat (prosa)	Ganimedes dava a beber a Júpiter

IV. **O Infinito limitativo.** — Também este Inf. encontra-se quase exclusivamente na linguagem poética, sendo sua função a de restringir uma enunciação genérica, expressa por um adjetivo, indicando até que ponto ela é válida. A prosa clássica prefere aqui o Supino II (cf. §36), ou o abl. de limitação (cf. §82, V), ou o gerúndio/gerundivo precidido, ou não de uma preposição (cf. §31, III, 1; §31, IV, 2). Exemplos:

Celer sequi = Celer in sequendo	Veloz em seguir
Arida et corripi facilia = Arida et facilia correptu = Arida et et facilia ad corripiendum	Objetos secos e fáceis de pegar
Cantare periti = Cantandi periti	Peritos em cantar

V. **O Infinitivo substantivado.** O Inf., originàriamente (o loc. final de um) substantivo verbal, tornou a ser substantivado em latim histórico. A substantivação do Inf. é

muito menos freqüente em latim do que em grego: em geral, prefere-se uma construção participal (cf. § 28, I), ou um substantivo verbal autêntico (p. e. *laudatio*, *reditus*, etc.), ou então, nos casos oblíquos, o gerúndio/gerundivo (cf. § 30, I).

Já o Inf. subjetivo e o Inf. objetivo podem ser considerados, até certo ponto, como substantivos, mas seu emprêgo se limita a alguns casos bem definidos (cf. §§ 2–3). Damos aqui três exemplos de Inf. substantivados: no primeiro, o Inf. tem valor nìtidamente substantivo, fazendo as vêzes de objeto direto (fora do grupo de verbos assinalados no § 3, II); no segundo, vem acompanhado de um adjetivo (ao passo que o Inf. normalmente é modificado por um advérbio); no terceiro, vem precedido de uma preposição:

Hic vir vereri (= *verecundiam*) *omnino perdidit*	Êste homem perdeu tôda a vergonha
Hoc ipsum nihil agere me delectat	É exatamente êste "dolce far niente" que me agrada
Inter optime valere et gravissime aegrotare nihil interest	Não há nenhuma diferença entre uma excelente saúde e uma grave doença

Nota. *Inter valendum et aegrotandum* significaria: "ao ter boa saúde e estar doente" (cf. 31, III, 2).

VI. **O Infinito jussivo.** — Em grego é bastante comum p Inf. jussivo (em ordens e em proibições, p. e.: ἄρχεσθαι = "começa!", e μὴ λέγειν = "não digas!"); em latim literário há pouquíssimos exemplos bem abonados dêste emprêgo. Em latim vulgar e em latim cristão (aqui sob a dupla influência do *sermo vulgaris* e da língua grega), o Inf. jussivo encontra-se várias vêzes; a construção sobreviveu p. e.: em francês, em frases negativas dêste tipo: *Ne pas toucher les objets!* = *Ne touchez pas les objets!* Exemplos em latim:

Haec debent fieri: vineas novellas fodere aut arare (Catão)	Estas operações devem ser feitas: cavem-se ou lavrem-se as vinhas
Tu socios adhibere sacris (poesia)	Faze os companheiros participar do sacrifício

VII. **O Infinito do Perfeito.** — Em latim arcaico (Catão) encontramos esta frase:

Ne quid emisse (= *emere*) *velit insciente domino*	Que (o escravo) nada compre sem seu senhor o saber!

Nesta frase temos a transposição do Subj. "acrônico": *ne emeris* (= "não compres!") para o Inf. (cf. § 53, II). Mas, sob a influência do grego, cujo Inf. do aoristo era igualmente "acrônico", os poetas latinos e os prosadores da época imperial começaram a usar o Inf. Pf. pelo Inf. Pres., também em casos em que o Inf. não substituía um Subj. proibitivo ou potencial. Na linguagem poética, o esquema métrico de alguns Inf. Pres. (tais como, *cōntĭnēre* e *părĕrĕ*) nada ou mal se enquadrava dentro de um hexâmetro, ao passo que as formas do Inf. Pf. *cōntĭnŭīssĕ* e *pĕpĕrīssĕ* eram mais manejáveis. Como se vê, mais de um fator concorreu para os latinos usarem o Inf. Pf. pelo Inf. Pres. Exemplos:

Bacchatur vates magnum si pectore possit ēxcūss ssĕ dĕum (cf. § 64, I, Nota 4)(1)	A sacerdotisa agita-se, procurando sacudir de si o grande deus
Posuisse haud dubitent......	Que não hesitem em colocar....

O PARTICÍPIO

(Sinopse histórica)

A palavra latina *participium* é tradução da palavra grega *ἡ μετοχή*; ambos os têrmos dão a entender que o particípio é forma que "participa" da natureza do nome, bem como, do verbo. Diz Diomedes: *Participium est pars orationis, dicta quod duarum partium, quae sunt eximiae in toto sermone, verbi et nominis, vim participat.* O particípio é, portanto, forma nominal do verbo, como o é também o Inf., mas ao passo que êste é substantivo, o particípio é adjetivo. Como adjetivo, o particípio refere-se a um substantivo e tem a flexão nominal, mas enquanto é forma verbal, indica também Voz e Tempo, e admite os regimes das formas do verbo finito.

Dos três particípios existentes em latim histórico, um (*laudans*) é de origem indo-européia; um (*laudatus*) é o antigo adjetivo verbal; e um (*laudaturus*) é forma criada pelo latim. Só a respeito de *laudatus* cumpre darmos aqui um breve comentário.

O antigo adjetivo verbal em *–to–s* (cf. em grego: **δεικτός** e em latim: *dictus* < *deik–to–s*) indicava originàriamente que

(1) A forma *ēxcŭtĕrĕ dĕŭm* não se enquadra no hexâmetro.

a noção expressa pelo verbo ineria, como qualidade permanente ou passageira, a um substantivo; de início não exprimia nem tempo passado (como se pode ver pela forma *tacitus*,) nem passividade (como se pode ver pela forma *potus*, cf. §25, III). Mas com o tempo, *laudatus* foi sendo considerado como Part. Pf. da V. P., evolução essa que não tem dada de surpreendente, se levarmos em consideração que uma qualidade inerente a um substantivo é geralmente o efeito de uma ação anterior, e que o substantivo possuidor de tal qualidade é geralmente o objeto diretamente atingido por uma ação verbal.

A integração dos particípios latinos (não só do antigo adjetivo verbal) no sistema verbal foi processo lento e demorado, do qual podemos traçar algumas fases ainda no período histórico. Assinalamos aqui os seguintes fatos:

1) Em latim arcaico, é relativamente rara a combinação de um particípio com o seu regime (tipos: *imitans consulem; imitatus consulem; imitaturus consulem*).

2) Alguns particípios do Pres. de valor "ativo", conforme a gramática tradicional, revelam ainda indiferença quanto à voz gramatical, mostrando uma função medio-passiva, p. e. em: *gignentia = ea quae gignuntur; anni vertentes = anni qui vertuntur*, etc. Ou então, têm uma função nitidamente passiva, p. e. nas formas: *evidens = quod (facile) videtur; neglegentior amictus = amictus habitus cum negligenti* , etc.

3) Alguns particípios do Pf. de valor "passivo", conforme a gramática tradicional, têm ainda função ativa, p. e.: *potus, juratus, cenatus, pransus*, etc. (cf. §25, III). Outros ainda se referem a uma ação concomitante ou simultânea (Pres.), tais como, *ratus, solitus* (cf. §24, I), *tacitus* e *scitus*. E finalmente, alguns particípios "passivos" são derivados de verbos intransitivos, p. e.: *adultus* (*adolescĕre*) e *cretus* (*crescĕre*).

*Ad §21:

IV. O têrmo "ablativo absoluto" não era usado pelos gramáticos antigos, mas foi forjado só por volta de 1200 d. C., com o fim de indicar uma construção participial completamente "sôlta" da proposição principal. Do ponto de vista de certos idiomas modernos, tal como o alemão que pouco usa a construção participial, essa explicação pode ter certo cabimento,

mas, històricamente falando, o abl. abs. originou-se de certas funções normais do abl., principalmente do instrumental, do modal, do temporal e do causal (cf. §84; §83, II; §86).

Na frase: *Manibus trementibus portam aperuit* (= "Com as mãos trementes abriu a porta"), temos um instrumental; o part. *trementibus* tinha, de início, valor nìtidamente atributivo, como se vê pela tradução "trementes". Mas já no período itálico, foi-se atribuindo tamanha importância ao particípio *trementibus* que êste passou a ser considerado como o predicado do subst.-sujeito que estava no abl. (instrumental). Foi então que a frase chegou a ser interpretada desta maneira: "Enquanto as mãos tremiam, abriu a porta".

Ineunte vere era primitivamente um abl. de tempo: "na primavera incipiente"; *conturbato animo* (na frase: *conturbato animo hoc mihi dixit*) um abl. de modo; *filiis visis* (na frase: *filiis visis gavisus est*) um abl. de causa. Mas uma vez nascida a interpretação "predicativa" do particípio, o latim começou a usar o abl. abs. também em frases em que o abl. não exercia nem a função instrumental, nem a temporal, nem a modal, nem a causal, p. e. na frase: *Cicerone mortuo Romani libertatem amiserunt* = *"Depois da morte de Cicero,* os romanos perderam a liberdade".

Assim se explica que, em latim, o abl. abs. não é originàriamente uma construção "sôlta", nem sequer "substitui" uma cláusula relativa ou conjuncional, mas constitui uma parte integrante da proposição "regente", sendo um complemento circunstancial da mesma.

*Ad §22, II:

3) Acontece também que o sujeito do verbo finito se refere ao abl. abs. como objeto indireto, p. e. na frase:

Hannibal nuntiato hostium adventu castra movit	Depois que a Haníbal fôra anunciada a vinda dos inimigos, levantou o acampamento

Em geral, pode dizer-se que o latim, fazendo questão de ser conciso, omite todos os elementos cuja presença não seja absolutamente indispensável para a boa compreensão da frase. *Hannibal nuntiatio ei hostium adventu castra movit* diz-se apenas quando houver perigo de ambigüidade.

*Ad §23, I:

Nota. Diz Prisciano: *Graeci autem participio utuntur substantivo* Ἀπολλώνιος ὢν διδάσκεις, Τρύφων ὢν μανθάνεις. *Quo nos quoque secundum analogiam possemus uti, nisi usus deficeret participii frequens. Quamvis Caesar non incongrue protulit "ens", a verbo "sum, es, est", quomodo a verbo "possum, potes": "potens".* — Cf. também Quintiliano (VIII 3, 33): *Multa ex Graeco formata nova ac plurima a Sergio Flavio* (= Lúcio Sérgio Plauto, filósofo do séc. I. d. C.), *quorum dura quaedam admodum videntur, ut "ens" et "essentia"* (lição duvidosa).

*Ad §25:

IV. É raro em prosa clássica o emprêgo do Part. no abl. sem substantivo ou pronome; neste caso, o abl. do Part. Pf. equivale a uma locução adverbial. Mencionamos aqui:

auspicato	com bons auspícios, auspiciosamente	*consulto*	de propósito
		optato	conforme o desejo
bipartito	em duas partes	*sortito*	por sorteio

V. A partir de Tito Lívio tornam-se mais freqüentes abl. abs., compostos ùnicamente de um Part. Pf. e seguidos de um A. c. I., de uma pergunta indireta ou de outro tipo de cláusula integrante. Exemplos:

Audito hostem adesse, dux aciem instruxit	Depois de ouvir que o inimigo estava próximo, o general formou o exército em linha de batalha
Cognito quis esset, sivit intrare in castra	Depois de saber quem era, deixou-o entrar no acampamento
Edicto ne quis injussu pugnaret consulum, milites flumen transgressi sunt	Depois que foi dada a ordem de ninguém travar a luta sem permissão dos cônsules, os soldados atravessaram o rio

O GERÚNDIO E O GERUNDIVO

(Sinopse histórica)

Os gramáticos antigos não faziam uma distinção nítida entre o gerúndio, o gerundivo e o supino, mas, considerando as três categorias como um grupo especial de formas nominais

do verbo, indicavam-nos com um dêstes têrmos genéricos: *participialis modus*, ou: *gerundi modus* (esta palavra originou, mais tarde, a forma *gerundium*, por analogia com a palavra *participium*), ou: *gerundivus modus*, ou então: *supinum*. Só depois distinguiu-se o *gerundi modus* (= gerúndio e gerundivo) do *supinum* (= supino); mais tarde ainda se fêz uma distinção entre o gerúndio e o gerundivo. Diz o gramático Cledônio, comentador da *Ars Donati:*

> *Ideo dicitur gerundi, quod nos aliquid gerere significat, ut puta: legendi causa veni, legendo mihi contigit valetudo, legendum mihi erit, lectum venio, nimio lectu fessus sum.*

O gerundivo existia também em outros dialetos itálicos, mas o gerúndio é criação do latim; o gerúndio deriva do gerundivo, sendo dêle a forma neutra substantivada. A construção "gerundival": *studium regis videndi*, deu origem à forma impessoal: *studium videndi* (cf. *rex videtur:* "vê-se o rei", e *videtur:* "vê-se").

O gerundivo era originàriamente um Part. Pres. da V. P. (ou melhor, da Voz Média), como podemos verificar pelas formas: *secundus* (~ *sequi*), *oriundus* (~ *oriri*), etc., como também pelas expressões: *volvenda dies* = *dies* (*tempus*) *quae volvitur; adulescendum corpus humanum* = *corpus humanum quod adolescit*, etc. Desta função original, ainda bastante comum na chamada "construção gerundival" (tipo: *studium regis videndi*), originaram-se as outras funções: necessidade, possibilidade e futuro. Para melhor compreensão das diversas funções exercidas pelo gerundivo latino, talvez seja conveniente partirmos de frases negativas, onde a evolução se nos apresenta com maior clareza. A frase: *Hoc non est faciendum*, significava originàriamente: "Isso não se faz", mas êsse significado pôde fàcilmente adquirir a conotação de: "Isso não se *deve* fazer", e a de: "Isto não se *pode* fazer" (cf. em português: "Tu não *deves* fumar", e: "Tu não *podes* fumar"). Mas a categoria gramatical que exprime a idéia de obrigação, apresenta em várias línguas indo-européias a tendência de evoluir no sentido do "futuro", pois o que se deve fazer, está por fazer ainda. Cf. em inglês: *I "shall" come* = "virei"; Em holandês: *Ik "zal" komen* = "virei"; cf. também em latim tardio a forma analítica: *venire habeo* = "tenho de vir" > "virei", à qual remontam as formas românicas: *je viendrai*, "virei", etc.

O gerúndio, embora geralmente considerado como substantivo verbal (nos casos oblíquos) só da V. A., era a princípio alheio a essa especificação, podendo indicar indistintamente a V. A., bem como, a V. P. e a Voz Média. Ainda encontramos em textos clássicos alguns vestígios desta indeterminação original. Ao lado de: *studium videndi* (V. A.), encontramos: *signum recipiendi dare* = "dar o sinal de se retirar" (V. M.), e: *cantando rumpitur anguis* = *anguis rumpitur dum cantatur* (V. P.).

*Ad § 32, I, 1c:

Notas.

1) *Causā* e *gratiā* são só raríssimas vêzes construídos com o gerúndio mais objeto direto, e sempre por motivos de eufonia (cf. § 32, III, 1), p. e.:

Legatos misit oracula consulendi causā/gratiā (*oraculorum consulendorum causā/gratiā*, teria acúmulo da desinência *–orum*)	Enviou embaixadores para consultar os oráculos da Grécia

2) Os gen. "objetivos": *mei, tui, sui, nostri* e *vestri*, mesmo que se refiram a uma mulher ou a um grupo de indivíduos, são sempre combinados com a forma do gerundivo em *–ndi* (nunca em *–ndae, –ndorum* ou *–ndarum*), p. e.:

Mulier sui servandi causā aufugit	A mulher fugia a fim de se pôr a salvo
Hostes sui servandi causā aufugerunt	Os inimigos fugiram para se pôr a salvo

3) Os historiadores da época imperial (principalmente Tácito) usam muitas vêzes o gen. do gerundivo (sem *causā* ou *gratiā*) para indicar uma finalidade. Nesta construção não se trata de uma elipse de uma dessas "pós-posições", nem de um helenismo pròpriamente dito (embora a construção grega tenha contribuído para certos autores latinos usarem dêsse gen.), e sim, de um antigo genitivo de relação, autênticamente latino (cf. § 89, I), assim como o provam os exemplos em latim arcaico e em prosa clássica (aqui principalmente em combinação com *esse* = "servir para, ter a finalidade de", etc.). Exemplos:

Cetera in legibus duodecim Tabularum minuendi luctus sunt (Cícero)	As outras diposições das Leis das Doze Tábuas têm por finalidade a de diminuir o luto
Germanicus Aegyptum proficiscitur cognoscendae antiquitatis (Tácito)	Germânico viaja ao Egito com o fim de conhecer a Antigüidade

*Ad § 34, I, 3, Nota:

2) A construção impessoal (sg. neutro) do gerundivo, como part. de necessidade, combinado com o ac. de objeto direto, — construção bastante comum em grego, p. e.: γραπτέον μοί ἐστιν ἐπιστολήν = *mihi scribendum est epistolam*, — empregava-se ainda em latim arcaico; Lucrécio e Catulo apresentam alguns exemplos dêste emprêgo; em prosa clássica, a construção é extremamente rara. Exemplos:

Hanc viam nobis ingrediendum est	Devemos tomar êste caminho
Poenam non est tibi metuendum	Não deves/precisas temer o castigo

O SUPINO

(Sinopse histórica)

Os gramáticos antigos usavam a palavra *supinum* originàriamente como têrmo genérico que abrangia o gerúndio, o gerundivo e o supino (cf. a Sinopse histórica do Gerúndio e do Gerundivo); só aos poucos foram distinguindo as três categorias e indicando cada uma delas com um nome especial. Diz Prisciano: *Supina vero nominatur, quia a passivis participiis, quae quidam supina nominaverunt, nascuntur.* Com efeito, a palavra *supinum* parece ser a tradução latina da palavra grega ὕπτιος, têrmo emprestado do atletismo para indicar a Voz Passiva, em oposição à palavra ὀρθός, que indicava a Voz Ativa: quem está "derribado" (*supinus*), não está em condições para atacar "ativamente" seu adversário, restando-lhe apenas sofrer "passivamente" o que ao outro aprouver.

As duas formas do Supino latino (*laudatum* e *laudatu*) são respectivamente o ac. e o dat. sg. do substantivo verbal em *-us;* em textos arcaicos é, às vêzes, bastante difícil decidirmos com certeza se as formas em *-um* e *-u* são casos do substantivo verbal, ou supinos pròpriamente ditos.

O Supino em *-tum(-sum)* é o ac. de direção (cf. § 70), p. e.: *Eo venatum* = "Vou para a caça" > "Vou caçar", chegando a substituir o antigo Inf. final depois de verbos de movimento (cf. ad § 17, III). O Supino em *-tu(-su)* é o dat. final combinado com certos adjetivos (cf. § 80, III), p. e.: *Hoc est facile memoratui* = "Isto é fácil para a narração" > "Isto é fácil de narrar"; às vêzes encontramos ainda a forma

memoratui em lugar de *memoratu*, forma essa que prova ser êste Supino um dat. Mas em numerosas combinações poderíamos interpretar o Supino em *-tu* (*-su*) também como abl. de relação (cf. § 82, 4); a frase: *Hoc est facile memoratu, sed difficile factu*, poderia remontar a: "Isto é fácil quanto à narração, mas difícil no que diz respeito à execução" > "Isto é fácil de fazer, mas difícil de fazer". Em latim arcaico encontramos o mesmo Supino também como abl. de separação (cf. § 82, I), p. e. na frase: *opsonatu redire* = "volto de fazer compras" > "volto da feira"; e como abl. instrumental (cf. § 84, I), p. e. em expressões ainda usads por Vergílio, Tito Lívio e certos autores pós-clássicos: *memoratu dignus* = "digno de ser narrado".

AS CATEGORIAS DO VERBO FINITO

Os gramáticos antigos distinguiam maior número de categorias verbais do que os modernos. Ouçamos p. e. Diomedes:

> *Admittit quoque verbum, praeter personas et tempora, numerum, figuram, qualitatem, significationem sive genus. Personas quidem, quibus sermo exercetur. Numerus vero, cum quis quive sint qui loquantur. Tempus, cum quando quid factum aut dictum sit, quaeritur. Figuram, cum quaeritur, simplex sit verbum an compositum. Qualitatem, cum cujus sit speciei vel qualitatis verbum exploratur. Significationem, cum cujus sit generis et significationis verbum ostenditur.*

Alguns dêstes têrmos precisam de um breve comentário. Para Diomedes e muitos outros gramáticos antigos, a *figura* de um verbo pode ser dúplice: simples (p. e. *scribere* e *velle*), ou composta (p. e. *inscribere* e *malle*). Segundo alguns, a *qualitas* consiste em dois fatores: os "modos" e as "formas". Geralmente, admitia-se a existência de cinco modos em latim (Ind. = Finitivo = Pronunciativo; Imp.; Opt.; Subj.; Inf.); mas o número de modos é bem maior de acôrdo com a teoria de certos gramáticos que não cessam de fazer subdivisões (p. e.: promissivo, percontativo, adhortativo, etc.). Há quatro *formae verbi: absoluta, quae semel vel absolute nos aliquid facere indicat, ut "caleo", "curro", "ferveo", "horreo"; inchoativa* (p. e. *miseresco*)*; iterativa sive frequentativa* (p. e. *exercito*)*; desiderativa sive meditativa* (p. e. *parturio*)*; transgressiva* (= semi-depoente, p. e. *audeo, ausus sum*)*; defectiva* (p. e. *odi, memini*)*;*

etc. Quanto ao têrmo *significatio*, êsse indicava em parte o que, hoje em dia, entendemos por "Voz" (os antigos usavam também os têrmos: *genus*, *species* e *vox;* em grego: **διάθεσις**) distinguiam-se, geralmente, cinco *significationes* ou *species: activa* (p. e. *lego*); *passiva* (p. e. *legor*); *neutra* (p. e. *curro;* segundo a terminologia moderna = verbo intransitivo); *deponens* (p. e. *suspicor*); *communis* (p. e. *consolor eum*, e *consolor ab eo*).

Mas a terminologia gramatical variava muito entre os autores antigos (*nil novi sub sole!*); relatar tôdas essas diferenças levar-nos-ia muito longe. Muitos admitiam outra categoria verbal ainda: a conjugação.

*Ad § 40, III:

Nota. Ao que parece, a forma impessoal da 3.ª pessoa sg. da V. P. (tipo: *itur*) deu, juntamente com as formas da Voz Média (cf. ad § 58), origem à criação da V. P. latina. O elemento *-r*, nas formas passivas, é característico dos idiomas itálicos e célticos.

*Ad § 42:

III. **O plural de majestade.** — O plural de majestade, ainda hoje empregado por monarcas, papas e prelados, remonta à época do Baixo Império, quando o Imperador usava o plural, querendo dar a entender que nesse plural estavam incluídos também os seus conselheiros e, principalmente, desde os dias de Diocleciano, os seus colegas na dignidade imperial. Assim lemos em Cassiodoro:

Amamus, Patres conscripti, dignitates eximias de nostrā benignitate nascentes (quem fala, é o rei Teodorico)	Amamos, senhores senadores, as excelsas dignidades que nascem da Nossa benevolência

IV. **O plural de reverência.** — Ao plural de majestade, sempre usado na primeira pessoa, corresponde, na segunda pessoa, o plural de reverência, em expressões dêste tipo:

Dignamini, Domine mi, sublevare meam miseriam (ao dirigir-se ao Imperador)	Dignai-vos, meu Senhor, de levantar minha miséria
Cf. também: *Pietas Vestra*	Vossa Piedade
Serenitas Vestra	Vossa Serenidade

Nota. A êste tipo de expressões remontam em português: "Vossa Majestade/Excelência/Reverência", etc. Cf. em francês: *vous*, e em inglês: *you* (em lugar do sg. *thou*), que são evoluções semelhantes à do latim tardio.

*Ad § 43, III.

Nota. Em grego é muito comum que um verbo possua três radicais diferentes para exprimir as três actiones diferentes, p. e. *hor–* em ὁράω (Pres.), *w(e)id–* em εἶδον (Aor.), e *op–* em ὄπωπα (Pf.). Cf. em latim os tempos primitivos "anômalos" de: *sum—fui*, *fero — tuli*, etc. Mais comum é, porém, em grego que uma única raiz se apresente sob três formas diferentes para exprimir as três *actiones*, p. e. *leip–* em λείπω (Pres.), *lip–* ἔλιπον (Aor.) e *loip–* em λέλοιπα (Pf.). Cf. em latim: *ru–m–p–o* e *rup–i*, *lĕg–o* e *lēg–i*.

Originàriamente, a *actio durativa* era expressa pelo radical do presente, do qual se derivavam o Pres. e o Impf.; a *actio aorista* era expressa pelo radical do aor. (do qual se derivava o aor. = o pretérito passado do português); a *actio perfecta* era expressa pelo radical do Pf. (do qual se derivavam o Pf., o Msqupf. e o Fut. Pf.).

*Ad § 43, IV:

Nota. O Perfectum latino é, em alguns casos, o antigo Pf. indo-europeu, do ponto de vista da morfologia, p. e. *te–tig–i*, *spo–(s)pond–i*, etc.; outros Perfecta latinos mostram ainda a antiga formação "sigmática", p. e. *scripsi* < *scrib–s–i*, e *dixi* < *deik–s–i*, etc. Mas muitas vêzes acontece que o latim envereda por um caminho próprio, por exemplo nos Perfecta em *–ui* e *–vi*, tais como, *crevi*, *pavi*, *alui*, *colui*, etc. Para a sintaxe, essas origens diferentes não têm a menor importância, porque todo e qualquer Pf. latino, qualquer que seja sua origem morfológica, pode exercer a dupla função de Pf. e de Aor.

O latim, uma vez quebrado o antigo sistema de *actiones*, desenvolveu bastante a categoria de verbos incoativos para indicar o início de uma ação verbal (p. e. *languescere* e *proficisci*); a de verbos iterativos para indicar repetição (e intensidade), p. e. *dormitare* e *pensare* (∼ *pendĕre*); a de desiderativos para indicar desejo, p. e. *esurire* (∼ *edere*) e *parturire* (∼ *parĕre*). Sobretudo foi-se servindo de "prevérbios", cuja única função é, às vêzes, a de indicar a *actio perfecta* e a *actio aorista*, cf. por exemplo: *fugere* e *effugere; facere* e *conficere; bellare* e *debellare; caedere* e *occīdere*, etc.

*Ad § 45, II:

3) **O Presente atual.** — Neste Presente, o momento atual é conscientemente oposto a um momento ou época ante-

rior, ou a um momento ou época que ainda pertence ao futuro. Exemplos:

Olim dives fuit, nunc autem est pauperrimus	Antigamente foi rico, mas agora é muito pobre
Cras rus proficiscar; hodie domi maneo	Amanhã irei ao campo; hoje fico em casa

4) **O Presente genérico.** — Usa-se em enunciados neutros quanto à sua validade temporal, p. e.:

Homo est animal rationale	O homem é animal racional

5) **O Presente registador.** — Usa-se em tabelas cronológicas, registros, inscrições, etc., também em referência a fatos do passado, cf. em português: "1492: Cristóvão Colombo descobre a América". Exemplo:

Hoc templum Senatus Populusque Romanus Jovi Optimo Maximo dedicat	Êste templo foi consagrado pelo Senado e povo de Roma a Júpiter muito bom e muito grande

*Ad § 50:

III. Em latim arcaico encontram-se muitos casos em que o Fut. Pf. é pràticamente equivalente ao Fut. Simples (os exemplos em latim clássico são raros): não há diferença de tempo, e sim de *actio.* O Fut. Simples indicava originàriamente a *actio durativa,* e o Fut. Pf. a *actio aorista,* mas essa diferença deixou muito cedo de ser percebida pelos romanos, de modo que os dois tempos eram usados quase indistintamente. Cf. os potenciais: *dicat/dixerit aliquis,* e os proibitivos: *ne dicas/dixeris.* Exemplo:

Cape illas scopas! — Capiam. — Tu hoc converre! — Ego fecero	Pega aquela vassoura! — Pegarei. — Varre aqui! — Farei

*Ad § 52, II, Nota:

2) As regras formuladas acima a respeito de *laudatus sum* e *laudatus fui,* etc. são as da gramática normativa, evidenciando-se um tanto precárias na prática. A linguagem popular pouco se incomodava com elas, usando formas do tipo: *Janua clausa est,* no sentido de: "A porta está fechada", e formas do tipo: *Janua clausa fuit,* no sentido de: "A porta foi fechada"

(e daí também: *Janua clausa fuerat/fuerit*, no sentido de: "A porta tinha/terá sido fechada"). Vários fatôres contribuiram para essa modificação popular do sistema de tempos; mencionamos aqui o fato de que o Part. Pf. originàriamente era adjetivo verbal, sendo indiferente em relação ao "tempo" (cf. a Sinopse histórica do Particípio): ainda encontramos, também na época literária, o Part. "Pf." como Part. "Pres." da V. P., p. e. em Névio: *a laudato viro* = "pelo homem que está sendo elogiado", e em Tito Lívio: *servum caesum medio egerat Circo* = "afugentara o escravo do meio do circo, enquanto nêle batia", etc. Destarte a combinação: *laudatus est* podia significar a princípio: "êle está sendo elogiado".

Além disso, o povo deve ter sido chocado pela anomalia que existia entre o tempo de: *bonus est* (Pres.) e o de: *laudatus est* (Pf.). E finalmente, o Msqupf. e o Fut. Pf. eram quase exclusivamente empregados para indicar a anterioridade, e nessas formas *fueram* e *fuero*, quando ligados com um adjetivo, eram as formas comuns. Também outros fatôres concorreram para a dita evolução, mas uma exposição detalhada ocuparia muito lugar. Basta darmos êste exemplo:

Si omnes cives concordes fuerint et me ducem secuti erunt/fuerint, videbunt perfacile esse impetum hostium propulsare	Se todos os cidadãos fôrem concordes e seguirem a minha orientação, verificarão que é muito fácil afugentar o inimigo

*Ad § 53, II, Nota:

IV. **A natureza dos modos.** — Os gregos usavam o têrmo ἡ ἔγκλισις ("inclinação"), os romanos a palavra *modus* para indicar a categoria verbal que, ainda hoje em dia, é conhecida sob o nome de "modo". Prisciano define o modo desta maneira: *Modi sunt diversae inclinationes* (cf. o têrmo grego!) *animi, varios ejus affectus demonstrantes.*

O "modo" é a categoria verbal mais sutil e a menos fácil de definir: sua importância é muito grande, principalmente nas línguas antigas (em grego é mais importante ainda do que em latim). Atrevendo-nos a dar uma definição moderna do modo, poderíamos defini-lo talvez desta forma: o modo exprime até que ponto uma ação verbal tem validade objetiva, isto é, corresponde de fato à realidade, ou então, não passa de uma representação subjetiva de quem fala, tudo

isso, evidentemente, do ponto de vista (sempre subjetivo) de quem fala. Ao dizer: "Pedro corre", apresento a ação verbal de "correr" como estando de acôrdo com a realidade objetiva (evidentemente, posso mentir ou enganar-me): é o Indicativo. Ao dar a ordem: "Pedro, corre!", a ação verbal de "correr" existe apenas como representação subjetiva na minha mente: a representação reveste-se, neste caso, de um caráter especial, visto que se trata de uma ordem: é o Imperativo. Minha representação da ação verbal poderia ser também um desejo: "Oxalá Pedro corra!" (é o Optativo), ou indicar um desacôrdo evidente com a realidade: "Pedro correria, se não tivesse machucado as pernas" (Irreal), ou uma possibilidade: "Pedro poderia correr muito mais ràpidamente" (Potencial), etc.

Como já vimos pelo último exemplo, nem sempre existe uma forma especial para indicar uma certa modalidade sintática: com efeito, muitas vêzes devemos servir-nos de circunlocuções (p. e. "poderia correr") para traduzir adequadamente o que, numa outra língua, se exprime por meio de uma única forma. Isto quer dizer: "modo", em morfologia, é uma coisa, mas "modo", em matéria de sintaxe, é outra. O inglês não possui o subjuntivo "morfológico" do português, nem o "condicional"; mas sintàticamente pode exprimir as modalidades do português mediante verbos auxiliares, p. e. *I may write; I might write; I should write; May I write*, etc.

*Ad § 56, II, 3. Nota:

2) Discutem os lingüistas sôbre a questão se o optativo pròpriamente dito, ou então, o potencial é a função primordial do Opt. A nosso ver, o optativo pròpriamente dito, por exprimir uma "representação" mais concreta e menos complicada do que o Potencial, é a função primordial do Opt.

*Ad § 58:

II. **Os verbos depoentes.** — Os gramáticos antigos explicavam o têrmo *deponens* de duas maneiras diferentes: segundo alguns, seria "depoente" um verbo que, tendo a forma passiva, "depôs" o significado passivo para exprimir apenas a "ativi-

dade"; outros dão uma explicação mais rebuscada ainda e dizem, como p. e. Carísio:

> *Deponens per antiphrasin dicitur, id est, e contrario, quod verbum "r" litterā finitum, "deponere" eam non potest et, cum sit passiva specie, activum non habebit, ut "nascor". Non enim dicimus "nasco".*

Na realidade, os verbos depoentes em latim são resíduos da antiga Voz Média, ou talvez melhor: os depoentes são "media tantum" que continuavam sendo empregados assim depois do desaparecimento da V. M. como categoria viva em latim. Em vários casos estamos capacitados para averiguar a origem "média" dos depoentes latinos, p. e.: *irasci* = "indignar-*se*" *laetari* = "alegrar-*se*", etc. (função reflexiva); em outros casos, o depoente exerce qualquer outra função inerente à V. M. (cf. *infra*, III); mas não raro acontece que nos escape quase por completo porque um verbo latino é depoente (p. e. *hortari*, ao lado de *monere*), ou então, a sua função "média" é muito fraca (p. e. *populari*, *loqui*, etc.).

Freqüentemente em latim arcaico, mas relativamente poucas vêzes em prosa clássica, encontramos a forma ativa ao lado da passiva, sem grande diferença no significado, p. e. *mereo* e *mereor*. O povo ia mais longe, e criava várias formas ativas, p. e.: *loquĕre*, *arbitrare*, *populare*, etc., formas essas que tinham a vantagem de ser mais "regulares". Por outro lado, levado pelo desejo excessivo de falar bem e de acôrdo com as normas da linguagem "culta", o povo criava também formas completamente errôneas, p. e.: *vetari* = *vetare*, *ridēri* = *ridēre*, etc. (são denominados "hiperurbanismos").

III. As funções da Voz Média. — De modo geral, a Voz Média indica que há uma íntima conexão entre o sujeito e a ação verbal, e essa conexão pode ser múltipla. Não é correto dizer-se que a V. M. exerça apenas a função da atual construção "reflexiva". Damos aqui uma breve sinopse das suas diversas funções.

1) A FUNÇÃO REFLEXIVA. Nesta função, a ação verbal recai direta ou indiretamente sôbre o sujeito; recaindo diretamente, o sujeito = objeto direto, p. e.: *lavor* = "lavo-me"; *proficiscor* = "encaminho-me"; *vehor* = "transporto-me", etc.; recaindo indiretamente, o sujeito = objeto indireto,

p. e.: *adipiscor* = "adquiro para mim", *induor vestem* = "eu ponho roupa sôbre mim, visto(-me de) uma roupa", etc. Cf. em grego: *λούομαι* = "lavo-me", e *ἀποδίδομαι* = "eu cedo alguma coisa em meu favor" > "eu vendo".

2) A FUNÇÃ CAUSATIVA. Nesta função, o sujeito *manda* (ou, pelo menos, *deixa*) outrem fazer a ação verbal, mas de tal modo que esta recaia sôbre o próprio sujeito (direta ou indiretamente). Ainda existem resíduos desta função da V. M. em alguns depoentes e passivos latinos, p. e.: *Ne rapiamur in errorem* = "Não nos deixemos levar ao êrro" (sujeito = objeto direto), e: *pignoror* = "faço com que outrem me dê um penhor" > "recebo em penhor" (sujeito = objeto indireto), mas *pignoro* (V. A.) = "dou em penhor". Cf. em grego *συμβουλεύω* = "aconselho"; *συμβουλεύομαι* = "faço-me aconselhar" > "consulto".

3) A FUNÇÃO RECIPROCA. Nesta função, a V. M. se traduz por: "entre si, mùtuamente, recìprocamente", etc. (cf. § 222). Exemplos em latim: *Copulantur dextras* = 'Êles se apertam as mãos (recìprocamente)", e: *Illae nationes conjunguntur* = "Aquelas tribos se unem entre si", etc. Cf. em grego: *διακελεύονται* = "êles se exortam mùtuamente.".

4) A FUNÇÃO DINÂMICA OU INTENSIVA. Nesta função, a V. M. dá a entender que o sujeito pratica a ação verbal por si mesmo, por conta própria, ou então, que a pratica com energia e fôrça. Exemplos: *meditor* = "eu me esforço por pensar" > "medito, cogito"; *reor* = "penso por mim" > "julgo", etc. Cf. em grego: *πολιτεύω* = "ser cidadão", mas *πολιτεύομαι* = "participar (ativamente) da vida civil".

5) A FUNÇÃO INTRANSITIVA. Esta função deriva lògicamente da reflexiva: a ação verbal não se refere a nenhum objeto exterior, mas limita-se exclusivamente ao sujeito, o qual, porém, vai perdendo cada vez mais seu caráter de "agente" para se transformar no "receptor" da ação verbal. Por outras palavras: ao passo que, na função reflexiva, há identidade do objeto direto e do sujeito da ação verbal (p. e. *lavor* = "eu me lavo"), a atividade do sujeito, na função intransitiva desaparece totalmente: o sujeito não exerce a ação verbal, mas é apenas atingido por ela. Exemplos: *Vinum corrumpitur* = "O vinho está-se estragando"; *Gloria ejus*

minuitur = "Sua glória está descrescendo"; *Morior* = "Morro = estou morrendo", etc. Cf. em grego: *φαίνω* = "mostrar", e *φαίνομαι* = "aparecer, parecer".

Nota. — Em latim, são escassos os exemplos das diversas funções da V. M., visto que subsistem apenas "resíduos"; em grego, onde a V. M. é uma categoria viva, seria fácil dar dezenas de exemplos para ilustrar cada uma das funções "médias".

IV. **Da Voz Média à Voz Passiva.** — O têrmo *Voz Media* insinua que esta Voz é algo de intermediário entre V. A. e a V. P. Na realidade, porém, a Voz Média é anterior à V. P., sendo que a função passiva, em grande parte, deriva da função média.

Nota. As raízes MORFOLÓGICAS da V. P. latina são duplas. Por um lado, foram as formas impessoais (tipo: *itur*) que ocasionaram a flexão passiva com o seu elemento característico *-r*. Por outro lado, subsistem em latim histórico ainda alguns resíduos da antiga flexão média, dos quais mencionamos aqui o elemento *-men-* (cf. em grego: λου-ό-μεν-ος), p. e.: *laudamini* < *lauda-men-i; alumnus* < *alu-men-os;* (= "o que é alimentado, nutrido"); *femina* <*fē-men-a* (= "a que é amamentada"), cf. *fē-tus*, e em grego: ϑῆλυς e ϑη-μέν-η

Do ponto de vista da sintaxe histórica, a evolução da V. M. para a V. P. é um processo lingüístico que podemos verificar em diversos idiomas indo-europeus, mormente nas línguas românicas (cf. "vende-se a casa" > "a casa é vendida"). A passagem da V. M. para a V. P. efetua-se através da função intransitiva (cf. *supra*, III, 5): a atividade do sujeito = objeto, vem sendo suplantada pela receptividade do mesmo. Vários fatôres contribuiram para se efetuar essa evolução, dos quais mencionamos aqui os que têm maior importância sintática.

1) A forma "média" não exprimia muito claramente a natureza específica da reflexividade: direta ou indireta. Em têrmos mais concretos: a forma sintética *lavor* (V. M.) podia significar: "eu me lavo" (refl. direto), bem como: "eu lavo para mim" (refl. indireto). Ora, para frisar a diferença entre as duas funções, tinha de recorrer-se às formas analíticas: *lavo me*, e *lavo mihi*, mas tal recurso não pôde deixar de resultar na desvalorização da forma sintética.

2) A forma *lavor* não podia exprimir com ênfase o objeto direto ou o objeto indireto da ação verbal; para dizer enfàticamente: "eu me lavo a mim mesmo", o latim devia usar a forma analítica: *lavo me* (*ipsum*); para dizer: "eu lavo para mim mesmo", devia usar: *lavo mihi* (*ipsi*), tudo isso em detrimento da forma sintética.

3) A forma *ostenditur* (V. M. = "êle se mostra") era empregada não só em relação a sujeitos animados, capazes de praticar uma atividade reflexiva (p. e.: *Amicus meus ostenditur* = "Meu amigo mostra-se"), mas também em relação a sujeitos inanimados, p. e.: *Bona opportunitas ostenditur* = "Mostra-se uma boa oportunidade". Ora, neste tipo de combinações a "atividade" do sujeito é exígua, para não dizermos, nula: *ostenditur* perdeu pràticamente seu valor reflexivo para adquirir o valor intransitivo, função essa que é imediatamente anterior à função passiva.

Nota. Exemplos da "conjunção reflexiva" em latim histórico poderiam ilustrar a evolução da V. M. para a V. P., que se verificou em tempos pre-históricos:

Praebeo me virum fortem (cl.)	Revelo-me homem corajoso (sujeito animado e ativo)
Patientia se aequabilem praestat (cl.)	A paciência revela-se constante (sujeito inanimado, mas cuja ação está ìntimamente ligada a uma pessoa)
Facit se hora quinta = *Fit hora quinta* (latim tardio)	Faz-se/Inicia-se a quinta hora (intransitivo)

4) Ao passo que as formas analíticas eram cada vez mais usadas para exprimir a reflexividade, a forma sintética foi sendo empregada cada vez mais para indicar a "intransividade". A tal forma intransitiva podia ser acrescentada a preposição *ab* mais abl. para indicar o "sujeito lógico" (cf. §40, II), p. e.: *amaris ab amicis* = "recebes amor por parte dos teus amigos" > "és amado por teus amigos". Uma vez constituída e consolidada esta construção, — o que não se verificou sem a influência das formas impessoais (tipo: *itur*), — a V. P. tornou-se uma categoria verbal autônoma.

*Ad §64, I, Nota:

5) Em latim cristão, o emprêgo de *si* interrogativo torna-se cada vez mais freqüente, chegando a ocorrer também em perguntas diretas (influência do hebraico e da Bíblia grega), p. e.:

Interrogabant eum dicentes: "Domine, si in tempore hoc restitues regnum Israel?"	Perguntavam-lhe dizendo: "Senhor, restituirás agora o reino de Israel?"

*Ad § 65, I, 1. Nota:

4) A origem de *an* continua uma questão discutida: segundo alguns, *an* derivaria de *anne* < *at–ne* (a partícula adversativa *at*, mais a partícula interrogativa *–ne*); outros o identificam, ao que parece, com maior razão, com a antiga partícula indo-européia *an*, encontrada em grego (ἄν) e em gótico. *An*, a partir de Tito Lívio, é usado também em simples perguntas indiretas (= *num*), p. e.:

Quaero ex te, an ferrum habuerit	Pergunto-te se êle teve uma espada

*Ad § 66, IV, Nota:

4) A partir de Tito Lívio, *dubito an* = *dubito an non* (cf. ad § 65, I, 1, Nota 4); assim também: *haud scio an* = *haud scio an non*, etc. Exemplos:

Nescio an profecturus sim (de *proficĕre*, não de *proficisci*)	Não sei se conseguirei alguma coisa
Dubito an quidquam profecerim (em latim clássico: *dubito an* seria expressão positiva, exigindo *aliquid*)	Duvido que tenha conseguido alguma coisa

A SINTAXE DOS CASOS

*Ad § 68, I:

Nota. Cinco dos têrmos latinos são traduções de palavras gregas:

nominativus (*casus*) = ὀνομαστική;
genetivus (*casus*) = γενική;
dativus (*casus*) = δοτική;
accusativus (*casus*) = αἰτιατική;
vocativus (*casus*) = κλητική.

O têrmo *ablativus* (cf. *ablatus*∼*auferre*) foi forjado pelos gramáticos latinos (em grego existiam só cinco casos); os têrmos *separativus*, *instrumentalis* e *locativus* foram criados só nos tempos moder-

nos; os gramáticos latinos não tinham a menor noção do caráter sincrético do seu "ablativo", embora soubessem que êste têrmo exprimia apenas uma pequena parcela das numerosas funções que podiam ser exercidas pelo "ablativo".

O *genetivus* (não: *genitivus*, em latim!) é tradução pouco correta de γενική; melhor seria o têrmo *generalis* ou "genérico" (a palavra grega γενική sugere que o gen. indica o "gênero" a que pertence uma palavra).

O *accusativus* é tradução errônea de αἰτιατική; a palavra grega ἡ αἰτία significa: "a causa" e "a acusação"; o têrmo αἰτιατική deveria ser traduzido por *causativus* em latim, palavra que, de fato, se encontra nas obras de vários gramáticos latinos e que indica "a coisa causada" pela ação verbal (= *objectum rei effectae*, cf. § 69).

*Ad § 68, II.

Nota. O têrmo *casus* (∼ *cadĕre*) é tradução latina da palavra grega ἡ πτῶσις. Prisciano, resumindo as diversas opiniões dos gramáticos latinos, dá esta explicação do têrmo: *Casus est declinatio nominis, vel aliarum casualium dictionum, quae fit maxime in fine.*

Nominativus tamen sive rectus, velut quibusdam placet, quod a generali nomine in specialia cadat, casus appellatur, ut stylum quoque manu cadentem, rectum cecidisse possumus dicere. Vel abusive dicitur casus, quod ex ipso nascuntur omnes alii; vel quod cadens a suā terminatione in alias, facit obliquos casus.

A palavra grega πτῶσις encontra-se já em Aristóteles, embora num sentido mais genérico de "flexão"; *casus rectus* é tradução de πτῶσις εὐθεῖα ou ὀρθία; *casus obliquus*, a de πτῶσις πλαγία. Sôbre o *casus rectus* diz ainda Prisciano: *Est autem rectus, qui et nominativus dicitur. Per ipsum enim nominatio fit, ut nominetur iste Homerus, ille Virgilius. Rectus autem dicitur, quod ipse primus naturā nascitur vel positione, et ab eo, factā flexione, nascuntur obliqui casus.*

*Ad § 69:

II. **Sôbre a função "original" dos casos.** — O leitor deve entender bem o escôpo da exposição dada acima. Não tem ela a pretensão de reconstruir as fases sucessivamente

atravessadas pelo acusativo latino, antes é uma tentativa de criar certa ordem numa multidão de fatos que, à primeira vista, poderiam parecer caóticos e sem nexo. O nosso esquema tem, portanto, mais valor lógico do que histórico, embora uma separação total dos dois aspectos seja impossível, porque nenhuma evolução sintática se efetua sem a participação do espírito, isto é, sem uma certa lógica.

O que queremos frisar antes de mais nada é que a procura da função "primordial" do acusativo, e de todo e qualquer outro caso, é vã e ilusória: é uma ilusão acreditar na função "primordial" de um caso, em estado puro e simples: desde que o homem começou a falar, a analogia, êsse fator onipresente, fêz com que as diversas funções sintáticas se interinfluenciassem, se misturassem, se dilatassem e se restringissem. A única coisa que o gramático pode fazer é buscar uma fórmula geral (p. e.: "O acusativo indica o têrmo final da ação verbal") que abranja os fenômenos observados, mas esta não pode ser confundida com a função "primordial" que, muito provàvelmente, nunca existiu. É escusado acresentar que cada um dos fenômenos, por si, pode (e deve) ser acompanhado na sua evolução histórica, bem como, comparado com fenômenos congêneres em outros idiomas.

*Ad §73, I:

4) Em alguns casos, aliás muito raros, o latim constrói também um subst. ou um adj. com o ac. de objeto direto; neste caso, o subst. é um *nomen actionis* e o adj. é considerado como particípio. Exemplos:

Quid tibi hanc rem curatio est? = Quid curas hanc rem?	O que tens a ver com êste negócio?
Vitabundus castra hostium = Vitans castra hostium	Mantendo-se à distância do acampamento dos inimigos

Assim também com subst., *nomina agentis*, p. e.:

Quid mihi auctor est? = Quid mihi suades?	O que me aconselhas?

*Ad §73, V, 1:

A interjeição *pro* é, sem dúvida alguma, a mesma palavra que a preposição *pro* (originàriamente, advérbio: "adiante!")

empregada em fórmulas que imploravam auxílio. Quem necessita de auxílio, está numa situação difícil; daí *pro* passar a significar: "hélas" (francês), "leider" (alemão), ou "alas!" (inglês).

A combinação de *pro* com o ac. exclamativo remonta muito provàvelmente, a uma "tmese" em expressões dêste tipo:

pro deum fidem clamo = proclamo deum (= deorum) fidem	imploro a proteção dos deuses

Pro era mais tarde usado também em combinação com o vocativo (cf. §92), principalmente nas expressões:

pro sancte Juppiter!	ó, santo Júpiter!
pro dii immortales!	ah, deuses imortais!

Na época imperial, *pro* é empregado como simples interjeição (cf. "hélas!") sem se ligar ao ac. ou ao voc., mas referindo-se à frase inteira, p. e.:

tantum, pro!, degeneramus a patribus nostris!	tanto degeneramos, "hélas!", dos nossos antepassados!

*Ad §73, V, 2:

En < *em* < *eme* (do verbo *emĕre* que originàriamente significava: "tomar", cf. *adimĕre, redimĕre,* etc.), e quer dizer portanto: "toma!" (cf. francês: *tiens!*).

Ecce < *em–ce,* é forma reforçada de *en; –ce* é sufixo "dêictico" que encontramos também em: *sic* < *sei–ce; nunc* < *num-ce; tunc* < *tum–ce; haec* < *hai-ce,* etc. — "Dêictico" (cf. em grego: δεικτικός) quer dizer: "demonstrativo".

A construção de *en* e *ecce* com o ac. é, portanto, a construção original.

*Ad §77, I, 1:

Nota. O dat., embora raras vêzes, é combinado com substantivos verbais, p. e.: *obtemperatio legibus* = "a obediêndia às leis".

*Ad §78, II, 1:

Nota. O "adjetivo" invariável *frugi* ("sério, honesto", etc.) é, em última análise, um dat. final (do nom. sg. *frux:* "fruto", forma não usada no sg., cf. porém o pl.: *fruges*). Êste dat. era

originàriamente combinado com um adj., p. e.: *bonae*, em expressões do tipo: *Hic ager bonae frugi est* = "Esta terra serve para (dar) bom fruto" > "Esta terra é de bom rendimento/de boa qualidade", etc. Depois também, com elipse de *bonae; Hic ager frugi est;* e finalmente, no sentido figurado: *Hic homo frugi est:* "Êste homem é de boa qualidade/sério/honesto", etc. — Às vêzes, *frugi* é usado também no sentido de "parcimonioso" (cf. o adj. *frugalis*).

*Ad §82, V, 2:

d) A forma *pondo* é abl. (de relação) de um nom. desusado: *pondus, pondi*, substituído em latim clássico por *pondus, ponderis* (ambas as palavras se relacionam com o verbo *pendĕre* = "pesar, dependurar"). Encontramos a forma *pondo* em expressões dêste tipo:

Exercitus dicatori coronam auream libram pondo decrevit	O exército decretou conferir ao ditador uma cora de ouro que pesava (lit.: quanto ao pêso) uma libra

Depois a forma *pondo*, combinada com numerais, transformou-se numa palavra invariável com o significado de "libra", p. e.:

Auri quinque pondo abstulit	Levou consigo cinco libras de ouro
Torques aureus duo pondo	Um colar de ouro de duas libras

*Ad §83, II, 2:

e) Os poetas usam muitas vêzes o abl. de substantivos verbais (principalmente os em *-us*) para indicar modalidade; neste caso, o abl. de modo poderia ser substituído por um Part. Pres. Exemplos:

At gemini dracones lapsu (= labentes) ad summa delubra effugiunt	Mas as duas cobras escapam rastejando (e chegam) ao santuário sito em alto
Illi agmine certo Laocoontem petunt	Êles se dirigem num caminhar certo/decididamente a Laocoonte
cf. *cursu* = *currens*	correndo
ascensu = *ascendens*	subindo

*Ad §85, III:

3) Por outro lado, usa-se às vêzes *in* mais ac., onde nós esperaríamos o abl., construção essa que se explica pelo fato

de estar incluída no verbo de repouso a idéia do têrmo final em que resulta o verbo de movimento. Exemplos:

adesse in senatum	comparecer no senado
probari in vulgus	ser do agrado do povo (lit.: ser aprovado de modo a penetrar entre o povo)
esse (= venisse) in potestatem Caesaris	estar no poder de César

Nota. Estas expressões são, portanto, casos especiais de "braquilogia", cf. § 231.

*Ad § 88, I:

6) A palavra *instar* significaria, segundo alguns: "contrapêso", daí: "equilíbrio" (cf. em grego στατήρ); segundo outros, seria o Inf. cristalizado de *instare*, sendo seu significado original o de indicar que a lingüeta da balança "está dentro", de modo a não pender para nenhum dos dois lados: "equilíbrio". Seja isso como fôr, *instar* (usado só no nom. e no ac. sg.) é muitas vêzes combinado com o gen. Registramos aqui alguns dos seus emprêgos mais importantes:

a) em combinação com *esse, habēre, obtinēre* ("ser igual a, igualar a, ter a importância de", etc.), p. e.:

Plato mihi unus instar est omnium philosophorum	Platão sòzinho tem, a meu ver, importância igual à de todos os filósofos em conjunto
Haec res vix minimi momenti instar habet	Esta coisa não tem a menor importância (lit.: não tem o equivalente da menor importância)

b) usado como apôsto: "igual a, como", etc.

Instar montis equum aedificant	Constróem um cavalo tão grande como um monte
Instar veris vultus tuus affulsit populo	O teu semblante, (radiante) como a primavera, brilhou aos olhos do povo

c) combinado com números, significa: "mais ou menos", p. e.:

Habet instar septuaginta epistularum	Tem mais ou menos setenta cartas

Notas.

1) Os autores da época imperial usam muitas vêzes a forma: *ad instar.*

2) *Instar,* sem gen., é empregado no sentido de *pondus, momentum, gravitas* ou *dignitas,* nestas palavras de Vergílio:

Quantum instar in ipso!	Que homem impressionante! (lit.: Quanta dignidade (há) nêle!)

*Ad §88, V, 2:

g) A função partitiva do gen., em prosa clássica, sofria muito a influência competidora das construções analíticas (com *de/ex* mais abl.), achando-se em plena retrocessão; em indo-europeu e em grego, o gen. partitivo desempenhava papel muito mais importante, bem como, em latim arcaico. Os poetas e alguns prosadores arcaizantes tentaram insuflar nova vida ao gen. partitivo, usando-se de expressões dêste tipo:

ad id locorum (sentido temporal de *locus*)	até agora
interea loci	no entanto
postea loci	depois/mais tarde
semper annorum	para sempre
serum diei	a parte tardia do dia, a tardinha
celeberrimo fori	no momento do maior movimento no foro
sequimur te, sancte deorum!	seguimos-te, ó santo deus!

h) Mas acontece também que o gen. é acrescentado a um adj. neutro substantivado sem a idéia partitiva, caso em que o adj. regente faz as vêzes de um atributo do gen. Êste emprêgo idiomático do gen. encontra-se não raramente nas obras de Salústio e Tácito, mas mormente na linguagem poética (sobretudo Lucrécio). Exemplos:

strata viarum = stratae vitae	as ruas calçadas, os caminhos calçados
vera viai = vera via (Lucrécio)	o caminho verdadeiro
caeli serena = caelum serenum	o céu sereno
summa ducum = summi duces	os supremos chefes
hominum cunctos = cuncti homines	todos os homens

*Ad §89, II, 2.

h) Quanto à origem dos ablativos *meā, tuā, suā,* etc., combinados com *refert* e *interest,* não há unânimidade entre os glotólogos. Segundo alguns, a construção original seria:

omnium nostrā res fert = "o interêsse de todos nós traz consigo/implica", etc.; com o tempo, *res fert* > *rēfert*, desgaste êsse que tinha por conseqüência que *rē*– em *rēfert* foi sendo considerado como abl., ocasionando a combinação com *nostrā*, em lugar de *nostră;* segundo outros, *nostrā* na combinação: *nostrā refert*, seria originàriamente um abl. sociativo, e *fert* teria significado intransitivo (cf. a expressão: *Via fert ad urbem* = "O caminho leva para a cidade"); destarte a expressão: *Id nostrā rē fert*, significaria: "a coisa vai de acôrdo com o meu interêsse"; quando esta construção já não era compreendida, foi-se estendendo também a *interest*, combinação em que não tinha cabimento. A segunda explicação parece a mais provável. Em todo caso, é indubitável que devemos partir de *refert* para explicar a construção e que o abl. com *interest* foi originado pelo abl. com *rēfert*.

*Ad § 91:

III. **O nominativo pendente.** — Êste nom. encontra-se no comêço de uma frase que, depois, por qualquer motivo, muda de construção (anacoluto, cf. § 229); encontra-se principalmente na linguagem popular. Exemplo:

ager rubricosus ..... ibi lupinum bonum fiet	em terra vermelha ....., aí dará bons resultados o tremoço

IV. **O nominativo caso-zero.** — O nom. era para os romanos a forma do subst. que, fora de uma frase, lhes vinha espontâneamente ao espírito: era o caso que dava "o nome" às coisas; daí ser chamado "nominativo" (cf. ad § 68, II, Nota). Destarte se explica que o nom. é empregado em títulos e em enumerações, fora da construção de uma frase; também o encontramos em expressões dêste tipo:

Marcus nomen habet	Êle se chama Marcos
Via lactea nomen habet	Chama-se "Via Láctea"

AS PREPOSIÇÕES LATINAS

*Ad § 93:

III. **Origem do têrmo.** — A palavra latina *praepositio* é tradução do têrmo grego πρόθεσις. Diz Prisciano: *Est igitur praepositio pars orationis indeclinabilis, quae praeponi-*

tur aliis partibus, vel appositione, vel compositione. Na terminologia moderna, uma preposição usada em combinação com verbos, chama-se geralmente "prevérbio" (*praeverbium* é palavra já empregada por Varrão).

IV. **Alguns provérbios.** — Alguns provérbios latinos que não podem ocorrer isolados, mas ocorrem apenas como prefixos de verbos (*praeverbia inseparabilia*), são: *amb–*, *dis–*, *por–* (∼*pro–*, *prae–* e *per–*), *re(d)–*, *sed–* ou *se–*, e *vē–*. Exemplos:

amb — ("para os dois lados, para cá e lá", cf. ἀμφί)	*ambigĕre* = duvidar (cf. *ambiguus*) *ambire* = "ir em volta de"
dis — (indica separação)	*discedĕre* = "sair" *discernĕre* = "separar, distinguir"
por — ("adiante")	*pollicēri* = "prometer" *porrigĕre* = "estender"
re(d) — (indica volta ou repetição)	*redire* = "voltar, retornar" *rescribĕre* = "escrever de novo", etc. *respicĕre* = "olhar para trás"
sed — /*se* — (indica separação)	*secedĕre* = "sair" *seducĕre* = "desviar (do caminho reto)"

Nota. *Vē*–("demais" ou "de menos") pode ser combinado apenas com adj. e subst., p. e. *vēgrandis* = "muito grande (demais)", *vēsanus* = "vesano, delirante", etc.

V. **A repetição das preposições.** — Quando uma e a mesma preposição se refere a dois ou mais substantivos, pode vir expressa uma só vez, ou então, pode ser repetida. É muito difícil formular regras exatas a êsse respeito. Basta dizermos que substantivos, ligados entre si pela simples conjunção *et*, *atque/ac*, *–que*, *vel*, *aut* ou *–ve*, geralmente não repetem a preposição; também em apostos usa-se uma só vez a preposição. Mas em ligações correlativas (p. e. *et. . . . et; aut. . . . aut; non modo. . . . sed etiam*) e adversativas (*sed*, *verum*, etc.) a repetição é regra geral. Em enumerações assindéticas encontramos as duas construções (cf. § 230). Exemplos:

ab Arvernis Sequanisque *ab Arvernis et/atque Sequanis*	pelos arvernos e séquanos
in proelio et fuga	no combate e na fuga
non solum a me, sed etiam a senatu	não só por mim, mas também pelo senado

et ex urbe et ex agris	da cidade, bem como, dos campos
aut ex urbe aut ex agris	ou da cidade, ou então, dos campos
Pugnavimus cum Antiocho, (cum) Philippo, (cum) Aetolis, (cum) Poenis	Lutamos com Antíoco, (com) Felipe, (com) os etolos, (com) os cartagineses
Pugnavimus cum duobus regibus, Antiocho et Philippo	Lutamos com dois reis, Antíoco e Felipe

Nota. Também não se repete a preposição antes de um pron. relativo ou interrogativo, que se refere a um subst. com o qual a preposição já foi usada. Exemplos:

A Jove incipiendum putat. Quo Jove?	Êle pensa dever começar por Júpiter. Que Júpiter?
In istā sententiā sum, quā tu semper fuisti	Sou de uma opinião que sempre foi a tua

VI. **Um só substantivo combinado com duas preposições.** — Um e o mesmo substantivo não pode depender de duas preposições: ou se deve repetir o subst., ou então, se deve substituir o subst. por uma forma de *is* com a segunda preposição. Exemplos:

ante proelium et post proelium *ante proelium et post id* (não: *ante postque proelium*)	antes e depois do combate

Nota. Máa é legítima a construção: *in urbe et extra* ("dentro e fora da cidade"), porque *extra* pode ser também advérbio.

*Ad § 124:

Abs < *ab-se; se-* é partícula de separação (cf. ad § 93, IV).

*Ad § 138:

Na linguagem poética encontra-se às vêzes a forma *subter*. (cf. *in-ter*).

A SUBORDINAÇÃO EM LATIM

*Ad § 150:

IV. Outras conjunções.

1) Postquam. O valor causal de *postquam* (cf. em português: "pois que"; em francês: *puisque*) deriva do seu

emprêgo já estudado no § 153, II, sendo usado principalmente na linguagem vulgar. Exemplo:

Postquam haec aedes ita erant, continuo est mercatus alias aedes

Já que esta casa estava nesta condição, comprou sem demora outra casa

2) QUATENUS. *Quātenus* (cf. § 142) quer dizer: "na medida em que"; Lucrécio usa esta palavra às vêzes com valor causal: "visto que", etc.; na época imperial torna-se mais freqüente êste emprêgo. Exemplo:

Jubeas miserum eum esse, quatenus id libenter facit

Deixa-o na miséria, porque isso lhe dá prazer

3) SIQUIDEM. *Siquidem* tem relativamente poucas vêzes valor nìtidamente condicional (cf. § 188, I, 1b), mas quase sempre se aproxima bastante do valor causal, p. e.:

Si quidem mihi saltandum est, jam date vos bibere tibicini

Uma vez que devo dançar, dai já já a beber ao flautista

*Ad 151:

A palavra *quando*, bastante comum em latim arcaico e vulgar como conjunção temporal, emprega-se na linguagem clássica quase sempre com valor causal (*quando* ou *quandoquidem*, cf. § 150, I). Em Plauto encontramos:

Auferto (pallam) tecum, quando abibis

Deves levar contigo o manto, quando saires

*Ad § 156, I, 2. Nota:

2) Com êste *dum* relaciona-se a palavra *dumtaxat* (muito usada em latim pós-clássico; raramente, em prosa clássica) "até o ponto em que possa tocar" (*taxo* é desiderativo de *tango:* "tocar"). *Dumtaxat* quer dizer, ou: "sòmente" (<"só até êsse ponto"), ou então: "pelo menos, em todo caso "(< "até êsse ponto, se não mais longe"). Exemplos:

Consules potestatem habent dumtaxat annuam

Os cônsules exercem o poder durante um só ano

Exspecto te dumtaxat ad Kalendas martias

Espero-te em todo o caso para o dia primeiro de março

*§ Ad § 158:

IV. **Anotações históricas.** — 1) A partícula condicional *si* ∼ *sic* (*sic* é composto de *si* < *sei*, e do sufixo dêictico *-ce*, cf. ad § 73, V, 2): o significado original de *si* é: "assim" (menos enfático do que *sic*). Também a construção hipotética deriva da parataxe original, como se pode ver por êste exemplo: *Quiesce, si sapis!* < *Quiesce! Sic sapis* = "Fica quieto! Assim (= É só assim que) és sensato" > "Fica quieto, se és sensato!". Também a partícula condicional em grego εἰ, embora de origem diferente, significava originàriamente: "assim". Em holandês, a partícula enfática: *zo* quer dizer: "assim"; a mesma partícula, usada como enclítica, pode ser conjunção condicional: "se". *Quiesce! Si sapis* = "Houd je kalm! *Zo* ben je wijs"; *Quiesce, si sapis* = "Houd je kalm, *zo* je wijs bent".

2) Já vimos que *sic* pode ser usado em votos e desejos (cf. § 180, II, 4), p. e. na frase: *Sic te diva potens Cypri.... regat* ("Oxalá te reja a divina senhora de Chipres"); também *si* podia ser combinado com o optativo pròpriamente dito, p. e. na expressão: *Si te di ament!* (= "Oxalá te amem os deuses!"), frase essa que depois foi sendo considerada como: "Se os deuses te amam/amarem" (hipotaxe).

Nota. Também em grego, a partícula εἰ (geralmente reforçada: εἴθε ou εἰ γάρ servia para introduzir desejos.

3) Támbém outros tipos de subjuntivos podiam ser empregados na prótase de uma construção hipotética, p. e. o potencial e o permissivo/concessivo, — sem ou com a partícula *si*. Exemplos:

Roges me: nihil fortasse respondeam (Potencial)	Poderias perguntar-me: talvez eu nada responderia (> Se me perguntares, talvez eu nada responda)
Prosit obsit, nil vident nisi quod libet (Concessivo)	Seja proveitoso, seja prejudicial, nada vêem senão o que lhes agrada (> Se é proveitoso ou prejudicial, pouco lhes importa), nada vêem se não o que lhes agrada

4) Originàriamente não havia distinção entre o Irreal e o Potencial, sendo que o Subj. Pres. era usado para exprimir

o Irreal e o Potencial do Presente, e o Subj. Impf. para exprimir o Irreal e o Potencial do Passado; as duas construções se explicam pela parataxe original, como já vimos.

A parataxe: *Si diligens sis! Praemio afficiaris*, queria dizer: "Oxalá fôsses/sejas aplicado! (Neste caso) serias/poderás ser premiado".

A parataxe: *Si diligens esses! Praemio afficereris*, queria dizer: "Oxalá tivesses sido aplicado! (Neste caso) poderias/terias sido premiado".

Com o tempo, as duas frases começaram a ser consideradas como constituindo uma unidade inseparável, chegando a ser uma construção hipotática: "Se fôres/fôsses aplicado, poderás ser/serias premiado", e: "Se tivesses sido aplicado, terias sido/poderias ter sido premiado".

Nota. Embora a origem morfológica do Subj. Impf. latino não seja muito clara, podemos dizer com tôda a certeza que a princípio exprimia apenas *actio*, não "tempo". Seu emprêgo em latim arcaico para indicar o pretérito é, sem dúvida, uma inovação.

5) A diferença entre *sis* e *fueris*, no Potencial, referia-se originàriamente só à *actio*, não ao "tempo"; já que em latim histórico a *actio* era uma categoria de somenos importância, as duas formas podiam ser usadas indistintamente, mas é de notar que, ainda em prosa clássica, se prefere o Subj. Pres. para indicar um sujeito indeterminado, o que está completamente de acôrdo com a função "genérica" dêste Subj., ao passo que o Subj. Pf. (= Aor.) se refere a um sujeito determinado (cf. § 55). Assim se explica a diferença entre:

Memoria minuitur, nisi eam exerceas (genérico)	A memória diminui, a não ser que seja exercitada
Tua res familiaris ab aliis comedetur, nisi tu ipse adfueris (individual)	Teu patrimônio será comido por outros, a não ser que tu mesmo estejas presente

6) O latim clássico, principalmente a poesia, emprega ainda o Subj. Pres. com o valor de um Irreal (cf. *supra*, 4), p. e. na célebre frase de Vergílio:

Non, mihi si linguae centum sint, omnia poenarum percurrere nomina possim (cf. § 233)	Mesmo se eu tivesse cem línguas, não seria capaz de dar os nomes de todos os castigos

Em Cícero encontramos estas duas construções, cujo valor (Irreal) é pràticamente o mesmo:

Haec si tecum patria loquatur, nonne impetrare debeat?	Se a pátria falasse assim contigo, não deveria conseguir o que pede?
Sicilia tota si unā voce loqueretur, haec diceret	Se tôda a Sicília de uma só voz falasse, diria isto

7) Em Plauto encontramos várias vêzes um Subj. Impf. para exprimir o Irreal do Passado (cf. *supra*, 4), p. e.:

Deos credo voluisse: nam ni vellent, non fieret	Creio que os deuses o quiseram: pois se não o tivessem querido, não teria acontecido

8) Mas o latim, com a sua predileção pelo "tempo", não podia deixar de regular o emprêgo dos tempos do Subj. em construções hipotéticas pelas normas que eram de praxe em frases independentes. As formas do Ind. indicavam com muita precisão os três tempos: *laudo* (pres.), *laudabo* (fut.), e *laudavi/laudabam* (Pf./Impf. = pretérito); sentindo a mesma necessidade para exprimir o "tempo" pelas formas do Subj., o latim criou o Subj. do Msqupf. (*laudavissem*) para exprimir o pretérito. Esta forma foi sendo usada para exprimir "desejos irrealizáveis" no passado, p. e.: *Si diligens fuisses! Praemio affectus esses* = "Oxalá tivesses sido aplicado! (Neste caso) terias sido premiado". Assim se possibilitou o emprêgo do Subj. Impf. (*Si diligens esses*) para indicar um "desejo irrealizável" no presente, e o emprêgo do Subj. Pres. (*Si diligens sis*) para indicar um "desejo realizável", que necessàriamente sempre se refere ao futuro. Uma vez estabelecida esta distinção entre os três tempos em frases independentes, foi ela invadindo também o terreno das construções hipotéticas. Só no Potencial do Passado, construção muito pouco usada em latim, continuava a existir a ambigüidade da construção: *Si diligens esses, praemio afficereris* (= Pot. do Passado, e Irreal do Presente).

9) As distinções entre o Potencial e o Real, de um lado, e as entre o Potencial e o Irreal, por outro lado, são menos nítidas do que esquema dado (*supra*, II–III) poderia sugerir à primeira vista. Já vimos que na apódose de um Potencial se usa muitas vêzes o Ind. (mormente o Ind. Fut.), sobretudo

quando a prótase vem introduzida de *nisi* (cf. *supra*, III Nota, 1); já vimos também duas frases de Cícero (cf. *supra*, 6) de valor pràticamente idêntico, uma construída como Irreal, e a outra como Irreal: é que uma possibilidade remota não difere muito de um caso irreal. Portanto a frase ciceroniana: *Haec si tecum patria loquatur, nonne impetrare debeat?*, pode ser explicada como um "resíduo" da situação original em que o Potencial e o Irreal do Presente se confundiam, ou então, como um caso "limítrofe" entre as duas construções (possibilidade remota > irrealidade). É difícil, se não impossível, decidir esta questão de modo irrefutável.

10) Uma conseqüência das diversas "deslocações temporais" (alemão: *Tempusverschiebungen*) em latim é que muitas vêzes, ainda em prosa clássica, podemos verificar uma certa oscilação no emprêgo dos tempos. Damos aqui alguns exemplos:

Compellarem, ni metuam (Plauto)	Falaria (com êle), se não tivesse mêdo
Si ego cuperem, ille vel plures dies mansisset (Cícero)	Se eu o tivesse desejado, êle teria ficado talvez mais dias

11) Em latim tardio, o Subj. Msqupf. começou a suplantar o Subj. Impf.:

Si dixisset verum, laudavissem eum	Se falasse a verdade, eu o louvaria

Nota. As formas "românicas" do Subj. Impf. derivam do Subj. Msqupf. em latim: *laudavissem* > que eu louvasse (port.), e > *que je louasse* (francês).

12) Às vêzes, encontramos ainda a partícula *si* (mais Subj.) como partícula optativa (= *utinam*); o emprêgo limita-se quase exclusivamente à linguagem poética e à época imperial. No fundo, trata-se aqui de uma evolução "retrógrada" (cf. *supra*, 2). Exemplos:

(O) si veniat!	Oxalá venha êle!
(O) si scires dona Dei!	Oxalá soubesses os dons de Deus!

*Ad § 161:

III. **Anotação histórica.** — *Etsi* é composto de *et* adverbial (= "mesmo", cf. § 201, I, 1, Nota) e de *si*

(= "assim"), e seu significado original é, portanto: "mesmo assim". Em Plauto encontramos ainda:

Tam sum servus quam tu, etsi ego domi liber fui	Tanto sou escravo quanto tu; mesmo assim, fui homem livre na minha terra

Também aqui a parataxe foi sendo suplantada pela hipotase: ".... embora tenha sido homem livre na minha terra".

AS PARTÍCULAS

Ad § 211:

IV. **Anotação histórica.** — 1) Os motivos para os lingüistas modernos acreditarem na função indefinida de *ut* latino são sobretudo êstes dois:

a) O gramático Festo (século III d. C. ?) traz a notícia: "*aliuta*" *antiqui dicebant pro* "*aliter*", exemplificando êsse significado com uma frase tirada de uma lei que a tradição atribuía a Numa Pompílio:

Sei quisquam aliuta faxit, ipsos Jovi sacer esto = Si quis(quam) aliter fecerit, ipse Jovi sacer esto	Se alguém fizer de outra maneira, que seja entregue à ira de Júpiter

Nesta frase, *aliuta* quer dizer, portanto: "de outra maneira", sendo palavra composta de *ali–* (∼ *alius* = "outro") e *–uta* ("de alguma maneira, de algum modo"). Cf. *aliubi* = *alibi* ("em (algum) outro lugar"), e *aliunde* ("de (algum) outro lugar"), etc.

b) Ao que parece, é *uta* a forma mais antiga de *ut* (cf. *infra*, 2); *uta*, como enclítico, seria adv. indefinido correspondente a *uta* enfático = acentuado, forma essa que era empregada como adv. interrogativo. Essa variação entre palavras enfáticas, usadas como interrogativas, e palavras enclíticas, usadas como indefinidas, é fenômeno bastante comum em diversos idiomas indo-europeus. Poderíamos comparar, em grego, por exemplo os seguintes pares de palavras:

πῶς; = "como?", e πως = "de alguma maneira";
ποῦ; = "onde?", e που = "em alguma parte";
τίς; = "quem?", e τις = "alguém", etc.

Também em latim podemos verificar a mesma variação, p. e.:

Quis huc venit? (*quis* enfático)	Quem veio aqui? (cf. § 227, I)
Si quis huc venerit (*quis = aliquis,* enclítico),......	Se alguém vier aqui,......

Cf. ainda em inglês:

What did he tell you? (forma enfática)	O que te disse êle?
I'll tell you what (forma enclítica)	Eu te direi alguma coisa

Assim é bem possível que *uta/ut* tenha exercido a função indefinida em latim pré-histórico; mas convém salientarmos que êsse emprêgo está mal abonado em textos chegados aos nossos dias.

2) A origem histórica de *ut* continua obscura, apesar de muitas tentativas feitas para indagar-lhe a etimologia É provável (mas longe de certo) que a forma primitiva em latim tenha sido *uta* (cf. *supra,* 1a), forma correspondente com *ita.*

Uta podia ser reforçado pelo elemento *–ĭ* (cf. em grego: **οὗτοσι** < *οὗτος–ι*; em latim: *haec* < *ha–ĭ–ce*); ora, *utai* > *utei* (forma abonada) > *utī.* A forma *ŭtī* > *ŭtĭ*, em virtude da lei fonética segundo a qual se abrevia a vogal final de palavras dissilábicas, cujo esquema métrico seja trocaico, p. e.: *bĕnē* > *bĕnĕ; mălē* > *mălĕ*, etc. (em alemão: *Jambenkürzungsgesetz*).

A forma *ut* deriva de *uta* (apócope da vogal final, cf. *neque* > *nec; atque* > *ac*, etc.).

A forma *utinam* < *uta–nam* (cf. *accipere* < *ad–capere; afficere* < *ad–facere*, etc.).

3) Quase todos os glotólogos modernos derivam a conjunção *ut* (final, concessivo e consecutivo) de *ut* indefinido, função mal ou não abonada pelos textos antigos (cf. *supra,* 1). Mas nada obsta a derivá-la de *ut* interrogativo-exclamativo (cf. *supra,* II, 3); podemos aduzir os seguintes argumentos em favor desta tese:

a) as partículas exclamativas *ὡς* e *ὅπως* em grego transformaram-se igualmente em conjunções finais;

b) *–nam* é sufixo muito comumente acrescentado a interrogativos (cf. § 204, II, 2), mas não a indefinidos. Ora, *utinam*

é forma reforçada de *ut* (*uta*), partícula "optativo", ainda encontrada em latim arcaico, p. e.: *Ut illum di perdant* = *Utinam illum di perdant* (linguagem clássica).

c) a função indefinida de *ut* é muito precária, mas mesmo admitindo-a em virtude do que ficou exposto acima, podemos explicar a origem histórica de *ut* "conjuncional" pela função interrogativo-exclamativa; esta explicação nos parece até menos rebuscada do que aquela.

A função final:

Opto/Rogo. Ut abeas! (cf. § 145, I)	Desejo/Rogo. Como desejo que saias! (opt.)
Opto/Rogo, ut abeas	Desejo/Rogo que saias

A função consecutiva:

Non sum tam demens. Ut hoc negem? (cf. § 147, III, 3)	Não sou tão louco. Como poderia negar isto? (pot.)
Non sum tam demens, ut hoc negem	Não sou tão louco que negue isto

A função concessiva:

Ut desint vires. Tamen est laudanda voluntas (cf. § 162, I, 4)	Concedo como sejam insuficientes as fôrças. Contudo é louvável a boa vontade
Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas	Pôsto que sejam insuficientes as fôrças, a boa vontade é louvável (subj. permiss.)

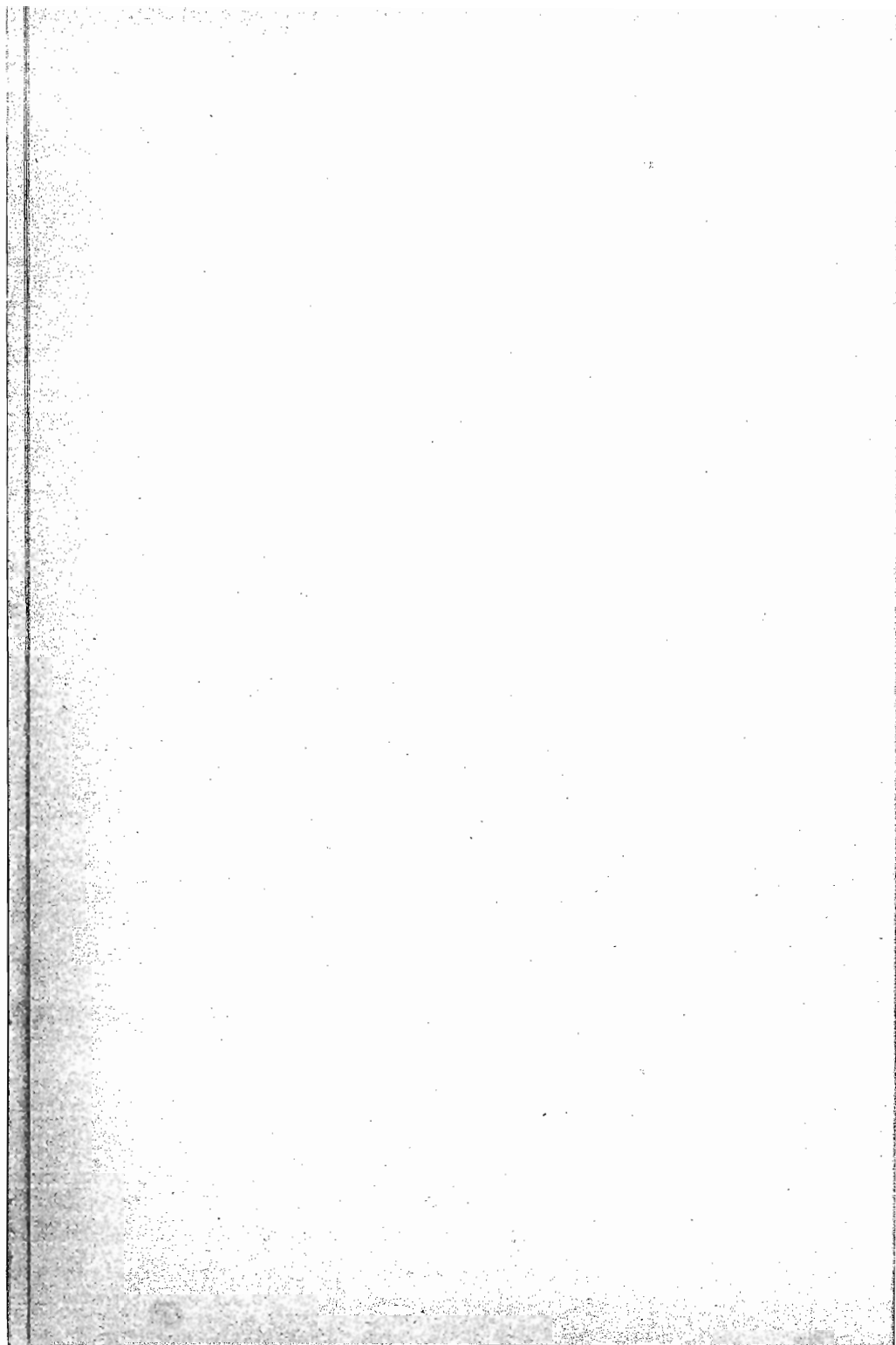
Também as duas frases, dadas *supra*, III, poderiam fàcilmente ser explicadas pela função interrogativo-exclamativa de *ut*, sem recorrer à função mal documentada de *ut* indefinido:

Mea bona ut dem Bacchido dono?	Como?! Queres que eu dê meus haveres a Báquide? (subj. exclamativo)
Te ut ullā res frangat?	Como poderia abalar-te coisa alguma?

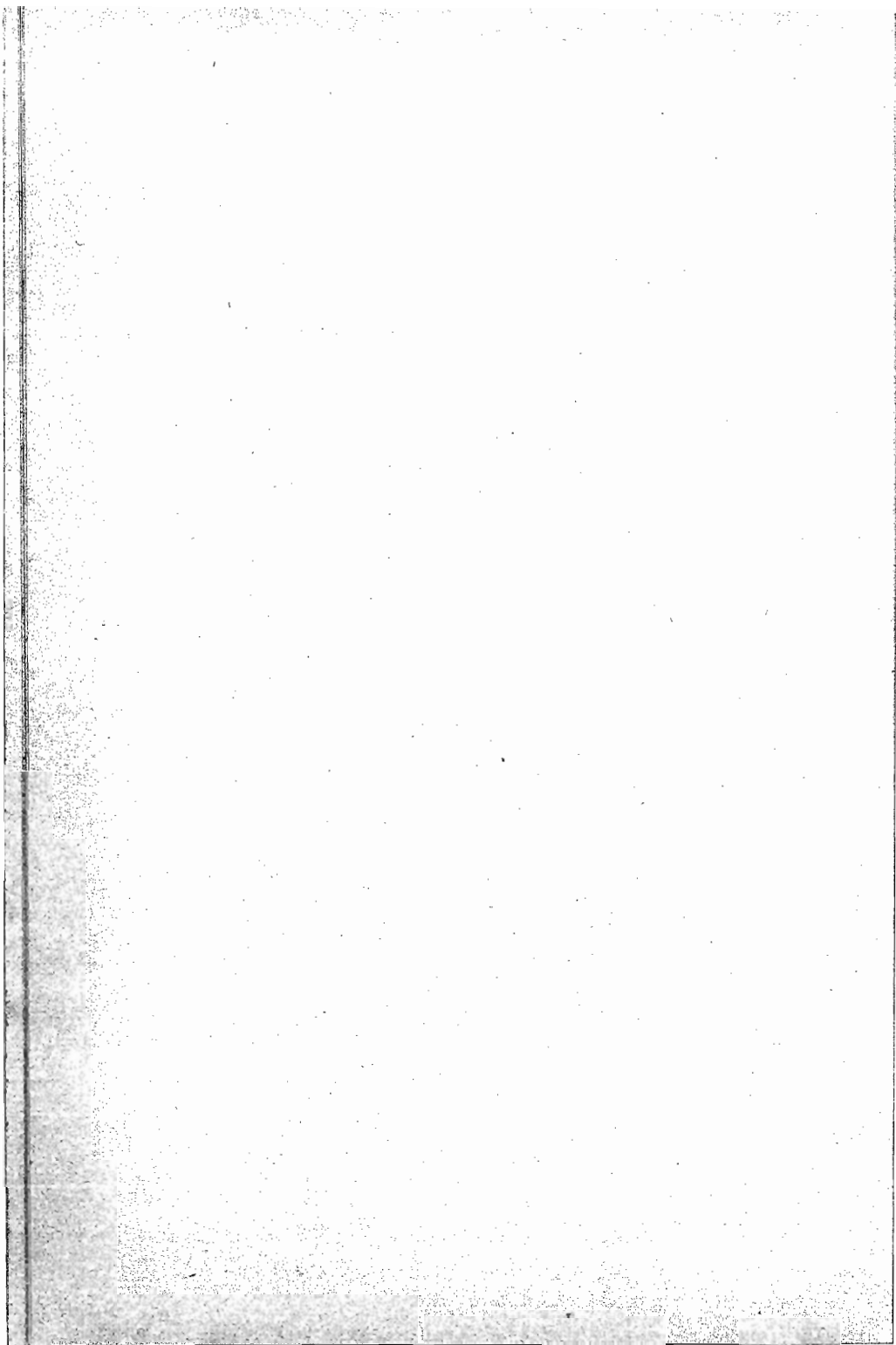
Discutir mais detalhadamente o nosso ponto de vista não se compadeceria com o escôpo do presente livro. Esta breve exposição teve apenas a finalidade de mostrar aos futu-

ros filólogos que a história de palavras pequenas e corriqueiras pode ser obscura e complicada.

V. **O significado local.** — Êste emprêgo é extremamente raro, limitando-se a alguns poucos casos encontrados na linguagem poética. Muito provàvelmente trata-se aqui de uma imitação direta do grego ὥς. Exemplo:

In extremos penetrabit Indos, litus ut longe resonante Eoā tunditur aquā (Catulo)	Penetrará no território remoto dos hindus, onde a praia é batida pelas ondas orientais que ao longe ressoam

ÍNDICES

I. DOS ASSUNTOS TRATADOS
II. ANALÍTICO DOS VOCÁBULOS LATINOS

I

ÍNDICE DOS ASSUNTOS TRATADOS

O primeiro algarismo arábico, quando não precedido da abreviatura *pag.* (= página), remete o leitor ao número do parágrafo correspondente (no livro marcado com o sinal §); os algarismos romanos, às divisões primárias do mesmo; o segundo algarismo e as letras minúsculas, às subdivisões; o asterisco(*) precedente a um algarismo arábico, a uma anotação no capítulo final do livro.

II

ÍNDICE ANALÍTICO DOS VOCÁBULOS LATINOS

A

D

E

F

J

K

L

M

N

O

P

Q

S

T

Outros Livros sôbre Temas Clássicos:

(Extrato do Catálogo)